

Roberto Bombarde

Filho DO Amanhã

O destino da humanidade na decisão de um homem



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ROBERTO BOMBARDE

FILHO DO AMANHÃ

LIVRO UM

**O destino da humanidade na
decisão de um homem**

Formatação/conversão ePub: Reliquia

Novo Século
2012

Este livro é dedicado a todos que, mesmo atravessando a longa estrada de espinhos e suportando com lágrimas as humilhações, nunca desistem de seus sonhos mais almejados, mesmo diante das dificuldades que surgem em suas vidas. Ainda que tropeçemos nas pedras dos invejosos e caiamos nas armadilhas dos demagogos, não nos deixemos abater pelos obstáculos atrozes que se apresentam diante de nós, pois creio que há um Deus Poderoso, Amoroso e Zeloso, que ama sem distinção e cuida de todos os seus filhos.

Agradecimentos

Meu enorme afeto e minha gratidão a Deus, por proteger e guiar meus passos todos os dias.

A meus pais, Dulce e Oswaldo (*in memoriam*), por me darem a vida e cuidarem de mim a cada ano de minha infância, por mostrarem que não havia nada a temer diante da escuridão, quando ia dormir, e por me ensinarem a superar todos os obstáculos em minha vida; enfim, agradeço a meus pais por toda uma vida de ensinamento e apoio.

A minha esposa, Ivone, e ao meu filho Jonny Wellington, por viverem em meu coração.

E a todos que passaram pela trajetória de minha existência, amigos e parentes, que me ajudaram com conselhos e estímulos, por tornar realidade o nascimento da saga do *Filho do amanhã* e, acima de tudo, pela inspiração que me impulsiona a continuar.

Sinceramente,

Roberto Bombarde

E tudo o que me resta agora é atravessar as portas do suicídio, que me receberá calorosamente, transcendendo todas as categorias de loucura e de desespero. Depois, sem hesitar sequer, esse lugar de pavor sentirá o cheiro da minha alma recém-chegada, onde os que gritam nas sombras, os seres arcanos e os filhos da danação se precipitarão feito vespas sobre mim.

E os dentes afiados, cujas bocas, outrora em vida, proferiram blasfêmias, se banquetearão profusamente do meu "eu impuro". E o inferno, que foi formado e temperado pelos pecados dos mais antigos e profanos seres, fará jus ao nome que tem, pois não permitirá que meu sofrimento termine.

Índice

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[PÁGINAS DE LÁGRIMAS](#)

[Capítulo 2](#)

[ALIANÇA SANGRENTA](#)

[Capítulo 3](#)

[GLADIADORES DO ALÉM](#)

[Capítulo 4](#)

[O MARTÍRIO DE RÚBIA](#)

[Capítulo 5](#)

[A REVELAÇÃO](#)

[Capítulo 6](#)

[ENTRE O BEM E O MAL](#)

[Capítulo 7](#)

[ENTRE A FÉ E O ÓDIO](#)

[Capítulo 8](#)

[O PODER SUPREMO](#)

Prefácio

A literatura brasileira conhecerá, a partir de agora, um autor extraordinário: Roberto Bombarde. Percebe-se, na leitura deste romance, que os personagens andam de forma livre e com uma fluidez que só grandes escritores conseguiriam localizar no tempo e no espaço a que eles pertencem.

Utilizando uma linguagem singela e de época, o autor consegue entreter o leitor a ponto de transportá-lo a um novo e buscado mundo, mostrando-nos a vida e a morte, o bem e o mal, a razão e o medo, a criação e a conseqüência do criado.

Desde que o mundo é mundo, os homens vivem indagando a razão da sua existência e a importância de ter a fé como uma espada empunhada em favor do bem.

Jason Miller é um personagem que consegue demonstrar ao leitor a presença viva das indagações humanas na consciência do mundo. Visível ou invisível, real ou irreal, o importante é que as palavras fluem e encantam de forma mágica, ao criar entretenimento e propiciar reflexão, acentuando mundos e valores que a idade da razão não consegue discernir com os "olhos do mundo material".

O dinheiro, as terras, as posses materiais, a existência do poder e a vaidade são conseqüências de um mundo caótico que busca sem cessar seu ponto de equilíbrio. O amor ainda é a melhor forma de encontrar a simplicidade, sem se ater às maldades estampadas nos rostos invisíveis de seres e coisas que transcendem o mal.

Se pensarmos que as "armadilhas do mundo" perseguem os seres humanos a ponto de converter homens em árvores malignas - criaturas diabólicas, maldosas, maliciosas e degeneradas -, podemos facilmente entender as linhas mestras deste romance sensacional e misterioso, que denuncia a aurora do mundo que há de vir. A vingança e o terror que acompanham o personagem principal dão a ele vida e fisionomia, assim como aos demais personagens, que a existência previu no lapso de tempo, enfeitiçados pela luxúria, desarmonia, ambição e guerra.

Seguindo a linha fixa dos romances épicos, *Filho do amanhã: o destino da humanidade na decisão de um homem* é uma imersão nos grandes textos cinematográficos, que levam o leitor ao êxtase da imaginação, ao mesmo tempo em que o faz refletir sobre a razão da existência e dos desafiadores mistérios.

O guerreiro da luz tem de enfrentar todos os dissabores e as armadilhas do rei das trevas, percorrendo caminhos tortuosos; porém, amparado pelo "Supremo Poder de Deus", luta contra as palavras e as manifestações daquele que vive encolerizado pela expulsão de um universo que viu nascer.

Os homens estão sendo ofuscados por um véu escuro que ludibria a visão do dia. O anjo caído tenta de todas as maneiras criar as cidades profanas negadas por Jesus. O guerreiro da luz vê e nega com a mesma intensidade.

O apóstolo Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 12, fala de outros dons deixados pelo Espírito Santo: o domínio da linguagem, da ciência, da fé, das curas, dos milagres, da profecia, do discernimento dos espíritos e da interpretação das palavras. Esses dons ou carismas foram dados aos apóstolos e aos homens escolhidos para que eles pudessem difundir o cristianismo com sabedoria e poder.

Na Terra, os homens brigam nas regiões de Deus. Ioan Horsham enfrenta batalhas violentas, defendendo a Inglaterra contra os ímpios guerreiros celtas e saxões, que tentam a qualquer custo destruir tudo e esmagar de vez os adeptos do cristianismo. Este mesmo combatente inglês é o escolhido do Altíssimo para impedir que o anjo negro alcance uma vitória sórdida, na qual insiste desde a criação do mundo, quando Eva degustou do fruto proibido da árvore do conhecimento.

Mais uma vez, a astuta fera veste-se de mulher e tenta, sorratamente, iludir o coração do guerreiro, travestida de lobo em pele de cordeiro.

"E o anjo, por sua vez, passa os dedos reluzentes em sua fronte."

Em instantes, Loan é arrebatado em espírito, e ouve-se detrás dele uma dantesca voz, como a de um trovão, que diz:

- O que vedes gravai em vossa memória e enviai a mensagem às igrejas, para que tenham a doutrina da Lei, pois só assim fugirão da ira do inferno! Olhai por entre a janela dos mortais e vereis o que poucos tiveram a chance de contemplar...

O autor Roberto Bombarde, neste instigante romance, consegue prender a atenção do leitor, com o desenrolar de uma trama recheada de emoção, ação, suspense, terror, drama, amor e ódio, reunindo de forma surpreendente as homéricas batalhas medievais.

A dantesca cobiça e a desvairada vaidade humana estão impregnadas pelo odor do poder. A luta constante entre o bem e o mal e as armadilhas preparadas por Sammael são a sua busca, sua razão de existência, tentando de todas as maneiras iludir os corações dos homens para aderirem ao mundo julgado e ilusório, onde a expressão da beleza se converte em correntes de aflição e horror eternas.

Podemos antever, nas palavras do célebre poeta alemão Goethe (1749-1832), no prólogo da imortal obra *Fausto*, no Céu, quando faz referência ao diabo e ao homem:

"O humano tende a afrouxar ligeiro, / Soçobra em breve em integral repouso; / Aduzo-lhe por isso companheiro / Que como diabo influi e incita laborioso".

Na passagem de Pentecostes, o apóstolo Pedro faz um discurso e explica que ali acabara de se realizar o anunciado pelo profeta Joel, há quatrocentos anos: Deus enviaria o Espírito Santo sobre seus servos. No fim da pregação, três mil pessoas convertem-se ao cristianismo.

O guerreiro Loan é um enviado de Deus e, revestido pelo Seu poder, com o Espírito da Esperança envolvendo-lhe a cabeça com a língua de Fogo da Verdade, enchendo de Luz sua espada pelos relâmpagos e pelas labaredas que desceram do céu, seu espírito está pronto para enfrentar as batalhas celestiais entre o bem e o mal, nas hostes redentoras da Terra.

"Foi Jesus levado pelo Espírito, ao deserto, para ser tentado pelo diabo... Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Levou-O ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e Lhe disse: Tudo isto Te darei se, prostrado, me adorares. Então Jesus lhe ordenou:

Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a Ele servirás. Com isto o deixou o Diabo, e eis que vieram anjos, e o serviram. (Mateus 4)".

Como nos grandes romances cinematográficos, *Filho do amanhã: o destino da humanidade na decisão de um homem* vem comprovar beleza e plasticidade encontradas nas melhores e mais profundas obras realizadas pela sétima arte. A grandeza do livro está desenhada em cada cena, prendendo a atenção do leitor, que viaja até os lugares e imagens, e reconstrói de forma magistral os inesquecíveis momentos e as batalhas travadas pelo homem, não só no campo de guerra no século XIV, mas também na mente e no coração dos homens em busca da vitória da Verdade na senda das virtudes humanas.

Podemos, sem sombra de dúvida, afirmar que *Filho do amanhã: o destino da humanidade na decisão de um homem* se encontra entre os romances mais instigantes. Como roteiro cinematográfico, está à altura de *O senhor dos anéis*, com a sutileza superior de recriar não só a história, mas eleger um novo mundo, libertando e despertando a consciência da humanidade sobre os perigos de o homem se desviar da Verdade.

Esperamos que o autor Roberto Bombarde nos agracie com a série planejada, para que a literatura brasileira e a sétima arte possam abraçar- -se a essa ilustre e fantástica obra.

Joaquim José Marques Mattar

Escritor e jornalista especializado em Crítica de Cultura (Fenaj).

Roteirista de Televisão e Cinema revelado pela EPTW Globo/ Campinas-SP. É membro da União Brasileira de Escritores, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Sociedade Brasileira de

Autores Teatrais.

Dracena/SP

Inverno de 2004/ 30 de Maio

Dia de Pentecostes

Prólogo

"E venceram eles pelo verdadeiro sangue do Cordeiro e pela palavra de seu Santo testemunho; e não amaram suas vidas até a morte. Pelo que alegrai-vos os céus, e vós que neles habitais. Mas ai dos que habitam na terra e no mar, porque o diabo desceu até vós, e tem grande ira; pois sabe que tem pouco tempo".

(Ap 12:11-12)

Nova York - Estados Unidos
14 de março de 2009

O continente norte-americano equivale a 13% da superfície total do planeta. Seu espaço terrestre varia desde os picos desiguais e cobertos extensamente de neve do Alasca e da costa do Pacífico Norte até os cânions e desertos do sudoeste, sem deixar passar as úmidas florestas tropicais da América Central. Mas, em sua região central, encontra-se um vasto cinturão de férteis terras baixas, uma das áreas de cultivo mais produtivas do mundo.

Os Estados Unidos têm favoráveis condições climáticas e tecnologia avançada; eles respondem por quase um terço do PIB mundial, mas a água da liberdade americana começara a ter seu voo ameaçado por acontecimentos que abalaram todo o mundo civilizado.

Ninguém sabe dizer ao certo se foi a desigualdade religiosa e política de outros países que acarretou desenlaces bizarros. Nem o tempo nem a história serão capazes de cicatrizar as feridas causadas nas vidas de bilhões de pessoas. Não bastassem a Inquisição, a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais e o terrível massacre de seis milhões de judeus no Holocausto, outro terror veio como um raio, rasgando os sonhos de toda a humanidade. Ninguém sequer imaginaria que o coração de Nova York seria atingido pelo câncer de um ódio insensato e monstruoso.

De quantas formas possíveis e quantas vezes nos apoiamos na segurança minúscula de nosso orgulho e na famosa teimosia chamada auto-estima? E o que tem feito isso conosco? "O que somos? O que realmente queremos e podemos?" São tão questionáveis esses conceitos que seria preferível e sábio nos regozijarmos com aquilo que temos. Mas as reações emocionais do nosso "eu" e a fome incessante pelo poder tornou-se uma febre assídua, uma contaminação maciça, corroendo as entranhas de nosso ser. Com as próprias mãos desfiguramos nossa alma e arrastamos com ela nosso caráter cívico e moral.

Um misto de dor, ódio e impunidade alojam-se na alma de cada ser vivo, de cada homem, de cada mulher, de cada criança deste cubículo de universo ao qual chamamos de planeta Terra. Eram sentimentos assustadores, que nos expunham diante de uma tênue balança de certo ou errado. Indagações que geravam medo e incerteza em minha mente.

Sentia um calafrio perturbador ao refletir sobre a maneira que haveria de partir deste mundo cruel e impiedoso, pois ninguém poderia afirmar o que encontraríamos do outro lado.

Um dia Jason estava a trabalho, seguindo a mulher de um cliente, pois ele alegava que sua esposa estava sendo infiel. Estava muito frio naquele dia na Grande Estação Central, quando seus ouvidos capturaram uma melodia triste que saía de uma viola; junto a ela, uma voz afinada, que o fisgou em meio àquela multidão. Não conseguia deixar de olhá-lo mesmo que quisesse. Um jovem rapaz, de pele albina, de cabelos claros e crespos, com um terninho cinza, a camisa branca, mas sem gravata, sentado em um banco próximo a ele. O jovem não relaxava um minuto sequer; estava com uma postura firme, de um verdadeiro profissional; e os dedos, incansáveis, delineavam as cordas daquela viola. De sua boca rosada, seus lábios liberavam uma canção linda e ao mesmo tempo apocalíptica, que, em um bom tom, era enriquecida

pela sua destreza com o instrumento. Um talento marcante, arrebatador, que enlaçava Jason naquela música estranha, que parecia ao mesmo tempo estar acusando-o de seus pecados e lhe dando uma alternativa de salvação. Por um momento ficou parado, vendo-o cantar, porém com um receio desconfortante de que o jovem viesse a lhe fitar com desagrado. Um lado de Jason queria ir embora e continuar seu trabalho, mas seria muita covardia de sua parte se fizesse isso. Instintivamente, para evitar o constrangimento, vasculhou seus bolsos no intuito de deixar uns trocados pela bela apresentação. Olhou para sua mão, que havia pegado uma nota de dez dólares, e, no momento em que finalizava a retirada do bolso e ia se inclinando, o rapaz freou sua ação dizendo:

Não faça isso! - disse o jovem, fixando seus olhos azuis em Jason. - Estava apenas lhe enviando uma mensagem.

Como assim? - perguntou Jason.

O rapaz lhe dispensou um sorriso tão bonito que Jason maravilhou-se com aquilo. Ficou completamente paralisado, como se estivesse anestesiado.

Não se assuste. Não precisa me dar nada. Apenas gostaria de dizer algumas palavras a você, Jason.

Co-como sabe meu nome? - gaguejou.

O jovem, com aquele olhar suave, disse:

"Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa."

Naquele momento, Jason começou a piscar continuamente, e sua cabeça parecia que estava dentro de um turbilhão de lampejos.

O que quer... dizer? - mesmo sentindo aquelas estranhas tonturas, ainda assim indagou.

Deus... - sussurrou, vendo que algo estava errado. Colou as mãos à face e, tirando-as logo em seguida, viu que tudo estava em total normalidade. As pessoas indo e vindo, e ele parado ali perto do banco, sem nada entender.

Onde estava aquele moço com a voz mansa e suave e de aparência estranha? Não havia ninguém naquele banco; nem viola, nem o cantor ambulante, nada. Mas o mais assustador, e ao mesmo tempo misterioso, foi que aquele indivíduo o conhecia a ponto de pronunciar seu nome.

Pensamentos desencontrados rondavam sua mente em inúmeros porquês. Isso não podia ter a ver com ele, pois nunca vira esse rapaz antes.

De repente o celular tocou, e a surpresa o trouxe à triste realidade. Fitou o aparelho. A tensão tomou conta dele a ponto de gotas de suor minarem sua fronte. Era seu cliente, que queria um relatório completo da investigação, mas Jason havia perdido a mulher de vista, para dar atenção a algum tipo de alucinação. Não havia outra saída a não ser atender o celular. Inspirou forte, esvaziou os pulmões relaxadamente, expulsou o nervosismo que aquele som lhe transmitia e, calmamente, atendeu à chamada:

Olá, Sr. Swan, está tudo bem aqui; tudo está de acordo com o planejado - falou.

Não me venha com conversa fiada, Jason! - bradou. - Você a perdeu de vista, não foi?

Naquele momento teve de suspirar, pois estava cansado demais de tamanha cobrança.

Por favor, Sr. Swan, tenho certeza de que logo descobrirei a verdade sobre sua esposa; só lhe peço um pouco mais de tempo.

Então o cliente respondeu:

Sabe... bem que Melrick me avisou sobre você; de que não passa de um fracassado, um falastrão. Meu cachorro é mais esperto do que um detetivezinho de araque como o senhor. - E acrescentou: - Não acharia a vadia da minha mulher nem se a calcinha dela estivesse sobre sua cabeça!

O que disse?

A declaração repentina anuviou de maneira negativa sua paciência, franziu enfurecido suas sobrancelhas. Ouviu muito bem o que acabei de lhe dizer! Agora terá que se ver com meu advogado, seu charlatão! - concluiu Swan.

Jason retrucou.

Quer saber a verdade? Faz jus aos chifres que carrega, por isso precisa de viagra para transar com alguém! - E completou com raiva: - Se o demônio fosse uma garota linda e charmosa, nem no inferno quereria ter relações sexuais com você, seu brocha!

Jason olhou para todos os lados na tentativa de identificar se alguém o seguira, mas tudo o que os olhos captavam era aquela horda de pessoas desconhecidas que passavam por ele, difícil demais para se certificar.

Vai se arrepender do que disse, Jason! - replicou Swan.

Com ar de desaprovação, o detetive respondeu:

Eu vou ser bem claro com o senhor: sempre faço meu trabalho, e eu chegarei fundo nessa investigação!

Não mais... - E desligou o telefone.

Jason emudeceu depressa, constrangido com aquela situação e balançando o braço direito com o celular na mão. Virou a cabeça de lado e contemplou em silêncio os amplos vitrais e as colunas da estação. Teve vontade de extravasar sua raiva em voz alta, pois havia perdido mais um caso. Mas, como não havia o que fazer, simplesmente se conteve; mesmo enfurecido, suspirou profundamente e caminhou por entre a multidão.

A vista noturna da parte meridional de Manhattan parecia realmente ser uma ótima terapia para a mente dos cansados, mas não para aquele homem, entediado pela rotina da grande metrópole e totalmente desgostoso. Desejava apenas estar encostado em um balcão de bar, afogando suas mágoas sob goles de um uísque barato. Seu nome, Jason Miller, um homem de ação, porém sonhador, e também uma pessoa desafortunada.

Sua história era uma constelação de dissabores. Ele odiava pensar nisso, mas o fato era que o acaso o perseguia cada vez mais. Uma retrospectiva agonizante, que incluía cada detalhe ocorrido. O caso da esposa do Sr. Swan fora apenas o estopim para aguçar ainda mais sua mente e trazer à tona outro fato bastante desagradável: havia perdido sua mulher para sempre. Tomou conhecimento disso quando fazia amor com ela. Em seus gemidos de satisfação, o sussurro de outro nome ferrou seus ouvidos. Ela preferiu o aconchego de seu amante, o próprio primo.

A cama do casal, um santuário sagrado dos laços firmes do matrimônio, havia sido profanado por um terceiro personagem, o qual, por ironia, Jason considerava seu melhor amigo. Gabrielle mentira grosseiramente ao dizer a Jason que o amava. Para sua triste surpresa, narrou de forma inacreditável a maneira com que havia ateado fogo em seu vestido de noiva. Um ato de prazer e devoção pedido por seu novo homem. E, como se ainda não bastasse, uma ação grotesca e avassaladora fora expressa por seus lábios prazerosamente, ao descrever os contornos esculturais de seu Apoio do delírio. Com risos de entusiasmo e satisfação, disse-lhe que toda a sua sanha sexual era mantida sobre os lençóis em que ambos dormiam como um casal.

Seu céu foi invadido por nuvens tempestuosas; o coração estilhaçado como um vidro negro do desespero. Não havia mais motivo para ele ficar suportando tudo aquilo. Por fim, não teve outra escolha, a não ser colocá-la para fora de seu apartamento, e de sua vida.

Embora, em seus pensamentos, ainda desejasse arrancar o coração da messalina, como um alívio ao seu sofrimento, ponderou sobre sua pessoa. E concluiu que era um detetive particular, idealista profissional, e jamais optou por reações de violência; além do mais, estava envolto em outros problemas. Fazia meses que ninguém requisitava seus serviços e o dinheiro já lhe era escasso. Mas, durante esse período de crise, ele recebeu uma estranha surpresa em seu solitário apartamento: a repentina visita de um homem finamente trajado, trazendo consigo um envelope branco - algo que mudaria totalmente sua atribulada vida.

A carta que recebera era um tanto vaga, pois não dizia os motivos, pessoais ou profissionais, pelo qual estava sendo contatado, mas expunha a grande importância de sua presença no local indicado, cujo ponto

de encontro seria no Brooklyn.

No envelope, apenas as iniciais L. H. e um estranho brasão de cera vermelha na forma de um leão envolto em fogo, usado como lacre, semelhante àqueles que os lordes feudais usavam para entrega de mensagens, destinadas a um mensageiro que a todo custo teria de levá-las a qualquer lugar. Arte muito praticada na Idade Média, pensou Jason.

Um fato curioso é que o homem que entregara a surpreendente carta declarou trabalhar para um inglês muito rico e misterioso que vivia nas imediações de Londres, na Inglaterra.

Deixando seu apartamento exatamente às 23 horas da noite, Jason resolveu refletir um pouco mais sobre isso, enquanto dirigia. Com o trânsito já mais tranqüilo, chegou ao centro da cidade, escorregando pela Quinta Avenida. Durante sua breve passagem, ele avistou a belíssima Catedral de São Patrício, construída entre 1858 e 1879. Mas aquela linda casa de orações não fora suficiente para apagar as cenas revoltantes, testemunhadas por ele durante a entrada deste ano de vida; coisas que lhe deram vontade de arrancar os olhos. O aumento da criminalidade inspirou um verdadeiro clima de revolta entre a população de Nova York e pessoas inocentes se tornaram vítimas dessa onda criminosa, o que as fragilizou pelo resto de suas vidas.

Já os criminosos, mesmo que comprovada a autenticidade de seus delitos, e por mais cruéis que eles possam ter sido, muitos deles nem chegarão a ser condenados.

Um acontecimento que abalou o país foi o covarde ato terrorista ocorrido no dia 11 de setembro de 2001, quando, na manhã de terça-feira, a encantadora cidade foi completamente encoberta pelas sombras da devastação e o terror veio na forma de um duplo ataque aéreo.

As belas, gigantescas e famosas torres gêmeas do World Trade Center foram esbofeteadas tragicamente. A Torre Sul foi atingida pelo voo 175 da United Airlines, depois do voo 11 da American Airlines, que acertou violentamente a Torre Norte. E um terceiro avião teve uma linha diretriz de colisão com o Pentágono, cujo impacto ocorreu às 9h37, hora local. Nesse Boeing, viajavam 58 passageiros, 4 assistentes de voo e 2 pilotos. O quarto Boeing 757 seqüestrado partiu de Newark, New Jersey, com destino a São Francisco, Califórnia. Ninguém sabe como esse avião caiu; possivelmente foi abatido ou houve confrontos desesperados entre passageiros e seqüestradores. Tudo o que se podia saber é que os destroços dessa aeronave foram encontrados espalhados em um campo próximo de Shanksville, na Pensilvânia.

As perdas humanas nos ataques desse dia sangrento foram elevadas; estima-se que sucumbiram 3234 almas. Cinco das construções próximas às torres e quatro estações subterrâneas de metrô foram seriamente destruídas; em suma, foram 25 prédios danificados em Manhattan.

Mas, hoje, o foco de maior preocupação foi a queda da bolsa em Nova York; muitos acionistas entraram em decadência, bancos abriram falência. Pequenos, médios e grandes empresários foram forçados a demitir funcionários ou a lhes dar férias coletivas. O grande receio nos corações desses trabalhadores era que o desemprego os atingisse.

O governo chegou a tomar medidas seríssimas para poder salvar os bancos e as indústrias multinacionais. O comércio também sentiu muito seus efeitos, pois o consumidor passou a comprar apenas o essencial para a sobrevivência. E o pior disso tudo é que a maioria dos clientes estava pagando com cartões de crédito, e o índice de inadimplência nesse tipo de serviço se tornou assustador.

Montadoras tinham estoques dantescos de carros parados e as imobiliárias, casas vazias, contendo placas de "vende-se" e "aluga-se". O negativismo tem sido o patamar nesse ramo.

Os corretores da Bolsa de Nova York comparam esse fenômeno de tormenta econômica semelhante à "Quinta-feira Negra", ocorrida no dia 24 de outubro de 1929.

E essa "crise" atingiu todo o mundo civilizado, um fato cruel numa época moderna. Agora era o momento de acharmos uma solução viável para um conflito tão delicado.

Aquele redemoinho de notícias ruins estava tentando autografar a realidade nua e crua daquilo que estava à sua volta. Naquele instante, ele tentou ignorar; apenas olhava para a cidade. Jason não compreendia tamanha violência, enquanto pensava no acontecido. Ao mesmo tempo, sentia-se brutalizado por ter sido traído pelas pessoas que mais estimava e amava, parecendo-lhe tudo um pesadelo surrealista.

A carta recebida viera na hora certa e era bastante atraente. Sentiu ser seu momento, e de forma alguma iria perder a chance de dar um novo impulso à sua vida. Suspirou aliviado, pois sua pequena agência de investigação, que tinha o nome de "Falência", havia recebido um novo cliente. Antes estava indo bem, mas a ganância de seu sócio foi o calcanhar de Aquiles, vindo como forte vento e derrubando todos os seus sonhos.

Ao seguir pela ponte que dava acesso ao Brooklyn, observava a calma negritude do Rio East, iluminado apenas pelas luzes da selva de pedra que piscava e repiscava em seqüências. Depois de certos contratempos rotineiros, passou pelas ruas de alguns bairros, até finalmente chegar ao local desejado.

Estacionou o carro e logo consultou o relógio de pulso. Estava pontual, como exigia a carta. Então desceu, firmou os pés na calçada e recostou-se na porta do veículo, de braços cruzados e olhando fixamente para todos os lados, sem saber o que o esperava. Em seguida, começou a caminhar; olhou para a banda à sua esquerda e viu o que restava da vida daqueles pobres infelizes. Observou os olhos dos dependentes químicos se esbugalharem e seus corpos tremerem ao sentirem as agulhas prateadas de antares injetando seu trágico veneno letal. Isso o fez lembrar e indagar-se:

Como é que um profissional como eu deixou-se ludibriar e vir a um lugar tão perigoso e miserável a esta hora da noite, por uma proposta impressa num simples pedaço de papel? Devo estar ficando louco!

Meretrizes desfilavam com a vaidade de um pavão, e de suas bocas saíam palavras mentirosas, porém ardentes e tentadoras, na busca súbita de novos clientes. Por algum tempo, Jason andou totalmente atento, percorrendo os olhos com cuidado por aquela rua depravada.

Para vir ao encontro desse alguém que irá me esclarecer o porquê do chamado misterioso, tive de deixar minha cama quentinha e vir a um dos piores buracos do Brooklyn.

Alguns minutos, reflexões e indagações depois, Jason chegou ao misterioso endereço: um desclassificado e velho edifício residencial, donde freqüentemente moradores e transeuntes são impiedosamente assassinados por gangues e traficantes, que enfrentam-se em busca do controle total daquela área, deixando aos sobreviventes a desagradável companhia de ratos como seus novos inquilinos. Uma verdadeira espelunca, como tantas daquele bairro. Mas, para este homem que não tinha mais nada a perder, este lugar era especial. Seu entusiasmo foi substituído por uma estranha sensação, quase uma premonição. *Talvez devesse ter refletido melhor*, raciocinou Jason, mas agora não havia mais jeito: era tudo ou nada.

Naquele instante, ele viu um homem gordo e careca, de camisa vermelha, por trás do balcão de recepção, cujo semblante sisudo aparentava ser o de um *pitbull* em vigia, doido para arrancar a perna de alguém. Na mesma hora, o detetive engoliu em seco seu receio e foi dirigindo-se até ele naturalmente, deixando que seu lado profissional mudasse um pouco o clima do lugar.

Chegando à recepção, identificou-se:

Boa noite. Eu sou Jason Miller e estou sendo aguardado por...

Terceiro andar, na sexta porta à esquerda - disse o recepcionista, com o olhar vitrificado sobre o visitante.

Obrigado - respondeu Miller sem entender.

E, a propósito, suba pelas escadas, pois o elevador está quebrado há meses.

Entendi.

A voz grosseira daquele homem o surpreendeu com uma pontada súbita, mas, sem demora, encaminhou-se para as escadas. Subindo os degraus carcomidos pelos cupins, observou surpreso o tétrico lugar que

fedida a vômito de bêbado. Sob seus pés, o piso de um longo corredor estava servindo de passarela de baratas - muitas das tábuas encontravam-se soltas.

Após seguir alguns metros, deparou-se diante da porta desejada, e o item principal, como descrito na carta, estava atrás dela - um trabalho.

No instante em que a palma de sua mão tocou a madeira rachada, notou que a porta estava entreaberta, dando-lhe a nítida impressão de que alguém a teria arrombado.

De repente, uma voz mesclou-se ao som turvo das dobradiças, quebrando o silêncio do local, ao mesmo tempo em que ele entrou na sala:

Eu o aguardava, ansioso, detetive. Por favor, não repare na bagunça e nem na aparência desse lugar, mas tenha a bondade de se sentar, Sr. Miller - declarou o estranho anfitrião. Sentado em uma velha poltrona, seu olhar cintilou de satisfação diante do convidado.

O mesmo não se poderia dizer do investigador, que, espantado, indagou:

Espera... Acho que errei de quarto. Aqui por acaso é o ponto de encontro mencionado pelo Sr. L. H.?

Perdoe-me por trazê-lo aqui, mas foi o único lugar apropriado que encontrei para que pudéssemos conversar sem sermos importunados - disse o homem.

Jason, porém, ficou admirado. Mesmo ostentando aquele sotaque britânico e educado e tendo a aparência de um senhor de cinqüenta anos, o homem possuía um rosto esguio, com os traços do corpo benfeitos; vestia um terno leve seguido de um sobretudo de linho puro; tinha ombros largos e firmes e, sentado numa posição ereta, sua postura lembrava a de um soldado militar.

Se me permite a franqueza, eu imaginava tratar-se de algo banal, como um simples caso de infidelidade conjugal ou de estelionatários, coisas desse tipo... Mas... espero que não se ofenda com a pergunta... caso o senhor não lida com coisas ilegais, não é?

O senhor inglês sorriu:

Nova York, a capital cultural das Américas, cidade que desperta as paixões, irresistível em suas modelações tentadoras, cujos edifícios contam literalmente a magnífica história de sua arte, um monumento impressionante de galantismo, atrativos estes que fazem desta uma das maiores cidades do mundo, um lugar confortante, que atrai pessoas de todos os cantos do planeta. No entanto, ela também demonstra seu lado sombrio no congestionamento da sobrevivência humana. - E acrescentou, olhando firme em direção a Miller: - E é aqui em Manhattan, nesta ilha, que tudo está prestes a acontecer. E, bom, começemos do início. Sim, eu sou quem procura, e segundo, não sou mafioso, se isso o tranqüiliza.

Ufa! Isso me deixa tremendamente aliviado - respondeu, limpando a fronte suada com um lenço recém-tirado do bolso. - Espero que o senhor me entenda. O fato de não conhecê-lo assustou-me um pouco.

Compreendo. No entanto, tomei a liberdade de obter algumas informações vitais sobre a sua pessoa. Por exemplo: o senhor é um jogador compulsivo, embora não admita. No entanto, deve muito dinheiro a um cassino clandestino. Cem mil dólares, para ser mais exato. Também sei que sua esposa o abandonou para viver com o próprio primo. Isso sem falar no seu sócio, que roubou todas as suas economias e seus clientes mais fiéis, deixando-o numa situação que costumo chamar de periclitante. Entretanto, tem um amplo tato no que faz. E isso exige certa habilidade para contornar situações que assim o exijam, e muitos de seus casos já foram esclarecidos com estratégias criativas, com muita flexibilidade.

Jason emudeceu, tomado pelo espanto. Mas logo se recuperou.

Quem é você? E que liberdade é essa de especular minha vida dessa maneira, já que o investigador aqui sou eu?

Alguém que pode transformar sua vida atribulada em algo totalmente novo. E tenho por costume conhecer bem as pessoas com quem trabalho. Porém não estou aqui para tratar de assuntos pessoais seus e espero que não se ofenda com minha clareza.

Jason foi logo falando.

Dadas as circunstâncias em que a roda do meu destino conspirou contra mim, vindo do senhor só irá me servir de consolo.

Todavia, a expressão do inglês veio num tom calmo, mas deixou sem ação o detetive, sem ter como refutar.

Se eu fosse seu inimigo, acha que você estaria respirando aqui comigo?

Tais palavras foram pronunciadas de forma um tanto assustadora, entretanto elas transmitiram o vigor de sua veracidade, um choque percorreu o corpo de Jason. Debaixo daquelas roupas finas, parecia existir uma pessoa na qual podia confiar. Dessa forma, deixou de lado sua reação hostil e resolveu manter-se firme naquilo que foi designado: seu trabalho.

Entendo. Certo, certo... Mas por que esse lugar? O senhor, pelo que posso ver em suas expressões e vestimentas caras, parece ser um homem bem-sucedido. E mais, existem inúmeros profissionais que executam um trabalho muito superior ao meu, o que me obriga a perguntar: por que eu?

Não me compreenda mal. Estou cercado por muitos inimigos, os quais seria difícil listar, mas isso é irrelevante no momento. Além disso, Sr. Miller, o que me fez contatá-lo foram as diversas habilidades e qualidades que constam em seu currículo, assim dizendo. Um bom profissional nasce feito. Então, aceita o meu caso?

Bem, já que estou sendo contratado, falemos de...

Dinheiro? - indagou. - Será que meio milhão de dólares americanos adiantados e mais meio milhão no término de suas atividades seriam suficientes para cobrir todas as suas despesas neste serviço? - disse, abrindo uma maleta que estava ao lado da poltrona.

Ahn?! - surpreendeu-se com entusiasmo, vistas tão belas notas enfileiradas com o máximo de capricho atrativo. Talvez se surpreendesse um pouco mais, se não fosse alicerçado em sua afinidade profissional, e até duvidaria da excelente proposta que lhe estava sendo feita por um homem que jamais vira em sua vida. - Sim... - engasgou. - ... E muito satisfatório. O senhor não se arrependerá de ter me contratado; farei valer cada centavo confiado aos meus serviços. - E prosseguiu: - Ah, sim, espero que não se incomode, pois costumo gravar as entrevistas sobre os casos em que irei trabalhar. Isso para um melhor aproveitamento do que for dito; acho que entende o que quero dizer.

Disse isso tirando um minigravador de seu paletó e ligando-o assim que o colocou ao lado da maleta, sobre a mesinha de centro daquela pequena sala.

E a propósito, qual será meu trabalho?

Sua missão será embarcar num avião rumo à Ásia. Mais precisamente a Israel. Uma vez lá, você irá para a capital: Jerusalém.

- Jerusalém?...

Sim. Você deverá encontrar uma moça que atende pelo nome de Élide Naftali, uma jovem muito especial, dotada de um dom fascinante, realmente inspirador, talvez único na face deste planeta.

E acrescentou:

Pegue.

Sem muito entender, Jason tomou em suas mãos outro envelope fechado, o qual, de imediato, foi instruído a abrir. Na sobrecarta, achou várias fotos da tal moça. *Ela devia ter uns vinte anos*, pensou ele.

Vagarosamente, foi estudando o lindo rosto na foto. A moça parecia um anjo; queixo modelado e perfeito, a pele alva feito neve, sem nenhuma mácula de efélides ou espinhas; o nariz moldado como o de uma boneca e a boca formosamente desenhada; e, finalmente, os olhos iguais aos do inglês. Também havia endereços e lugares onde provavelmente poderia encontrá-la. Por fim, os nomes daqueles que o ajudariam em sua busca.

Então, o detetive falou:

Apesar de estar usando tantos trajes, posso ver que ela é muito bonita. Ela parece ser judia e, perdoe minha sinceridade, ela parece ser sua filha.

O contratante apenas balançou a cabeça, deixando escapar um leve sorriso.

Entretanto, Miller fez outra pergunta:

Tudo bem, mas, assim que eu encontrá-la, o que devo fazer?

Traga-a para Nova York, pois anseio muito em lhe falar - respondeu o inglês.

Ah! Já entendi. - E acrescentou: - Desculpe Sr. "L", ou quem quer que seja. Já que não me disse nada sobre ela ter algum laço de parentesco com o senhor, só pode ser algum enrosco em que se meteu, e agora quer dar uma de bom samaritano por ter iludido a coitadinha com promessas de ser uma *top model*, e blá-blá-blá, em vez de dizer: "Querida jovem, sua função como modelo será apascentar o fogo de alguns ricaços que vivem por lá!" - disse o detetive, com um leve sorriso de sarcasmo; e assim prosseguiu:

E agora quer que eu a traga para o senhor, de volta a Nova York, para tentar comprar a dignidade física e moral, depois do que esta moça se sujeitou, não é? Ouça, não seria mais fácil procurar por uma bela mulher aqui mesmo? Creio eu ser um grande desperdício de dinheiro ir tão longe, se permite a minha franqueza. Acho que elas são todas iguais, ou o senhor quer dar uma de Marquês de Sade! - concluiu, dando uma piscadela ao homem.

Esse último comentário recebeu um olhar de reprovação, calando de imediato aquele homem que agia de maneira cômica. Com uma expressão de seriedade, lançou-lhe uma inesperada questão:

E quanto ao homem que roubou, ou melhor, seduziu sua esposa, a que conclusão você chegou? - falou rispidamente, franzindo a testa.

Desculpe, mas não entendi! - respondeu Miller, sério.

Em primeiro lugar, detetive, não sou o que sua mente pequena e poluída pensa. Eu, ao contrário do senhor, não fico me destruindo em bares, enchendo a cara. E tudo para quê? Para, ao chegar rastejando em casa, ficar lá no seu quarto pranteando e vendo, em seu notebook, as tragédias ocorridas no mundo e amaldiçoando Deus pelos danos que causa a si mesmo. Em segundo lugar, sugiro que dobre sua maldita e bifurcada língua americana por trás de seus dentes, pois a pessoa que você julga ser uma meretriz na verdade é minha filha! - replicou, indignado e num tom ameaçador.

Jason estremeceu, engolindo em seco e arrependido do que disse. Percebera que havia feito uma grande besteira em ter agido daquela forma, sabendo que a situação de sua vida estava no vermelho. Aquele homem, ofendido, poderia desistir de requisitar seu trabalho; além disso, poderia ser processado por difamação e calúnia. Logo entendeu que a posição do acaso chegara ao ponto delicado, e ele não podia permitir que o sorriso do azar atrapalhasse mais uma vez seus negócios.

Rapidamente disse:

Eu peço sinceramente todas as desculpas existentes neste mundo, Sr. "L". Não percebi meu grave erro, pois nada sei de sua vida pessoal e particular e não devia ter agido daquela forma - murmurou gentilmente. - Mas ainda não me acostumei com a realidade do meu divórcio, e isso me faz soltar momentaneamente uma fera que fica oculta dentro de mim. Às vezes mal consigo respirar; sinto muito pelo meu péssimo comportamento - expressiu Miller, com os olhos retesos em lágrimas. O olhar de ira daquele inglês foi transformado e, num sinal veemente de piedade, respondeu:

Desculpas aceitas, Sr. Miller. É perfeitamente compreensível isso tudo, levando-se em conta a dor que está lhe corroendo. Sinto muito por isso; não posso livrá-lo desse infortúnio. No entanto, estou querendo lhe dar uma oportunidade de reiniciar sua vida...

Fico grato por sua compreensão - interrompeu Jason. - Por favor, não vamos nos desviar do motivo pelo qual fui contratado. Quanto a mim, se houver algum Deus neste céu poluído de Manhattan, Ele sem dúvida irá limpar meu coração desse tormento.

Como queira.

Jason reconheceu que tem o péssimo hábito de dizer asneiras quando fica nervoso. Mas, pela primeira vez, sentiu algo especial em seu contratante, uma coisa que nunca havia sentido antes em nenhuma pessoa com quem mantivesse contato profissional..

Tem mesmo certeza de que deseja trabalhar para mim, Sr. Miller? - indagou. - A pressão psicológica é a mais cruel de todas as torturas e eu sei muito bem disso. Poucos conseguem conter o pânico. Se formos realmente fortes, as cortinas do trauma se rasgam diante de nós, fazendo com que o nosso espírito paladino nos arremesse ao ralo da determinação por bases de estratégias, porém muitos desabam como avalanches amuralhadas pelo desespero, por não conseguirem suportar a tão temida "pressão". - E, então, finalizou: - Será, detetive, que está predestinado a ter sucesso nessa incumbência que estou lhe confiando?

Pode confiar em mim, meu caro e bom senhor. Não deixarei nenhum fio de decepção em meu caminho - disse Miller.

O misterioso homem estava totalmente satisfeito com essa decisão. Tendo observado de forma esquadrihada aquele ousado nova-iorquino, acreditou que havia feito a escolha certa.

Pensei que minha visão administrativa de progresso havia sido embaçada por causa da minha idade - falou, rindo docilmente em seguida.

Jason também riu, e foi logo se sentando em outra poltrona. Totalmente ansioso, pôs-se a ouvir.

Acredita no sobrenatural, Sr. Miller?

Desculpe... mas o que disse?

Crê em forças além da compreensão humana? Acredite, pois este câncer se alastra dia após dia entre a humanidade, pervertendo a todos, acasalando seus corpos com as imundícies das trevas e gerando seres que podem devorar sua alma como um tornado que devasta uma casa assim que a toca.

Como? Que história é essa?

Eu vou simplificar. Já ouviu falar em vampiros?

Claro... Já ouvi muito sobre essas crendices.

Muitos falam que é apenas uma lenda, mas, quando o vampiro mestre ataca suas vítimas, elas recebem um tipo de vírus através de sua mordida, uma praga que se oculta dentro do organismo humano. E, depois de certo tempo, em que o corpo inteiro é infectado, a vítima inicia um elo psíquico com o mestre, tornando-se em seguida um morto-vivo, um escravo a serviço daquele que o inoculou com sua maldição. É quase o mesmo processo, só que, em vez de as pessoas serem mordidas, elas prazerosamente unem-se a esses seres. Ao contrário de terem seu sangue sugado, como fazem os vampiros, eles as infectam com um tipo de semente parasita, que tem a função de sugar as características e a identidade da presa num prazo de 72 horas.

Então, este pobre diabo irá dar à luz algum tipo de mutante? - indagou o agente com ironia.

Sem muito pensar, a resposta veio logo em seguida.

Na verdade, não será somente a mulher que terá essa sina, mas também os homens, assim como o senhor, poderão passar pelo mesmo caminho de tortura sem fim. E o ser gerado sairá por livre e espontânea vontade, numa cena horripilante jamais presenciada. Depois, este ser devorará os restos daquele que o procriou. Eu torno a repetir, acredite, detetive, isto é real. Eles estão em toda parte, propagando sua peste, expandindo seu crescimento por toda a Terra. Todavia, não são eternos, pois estão sem o auxílio de seu sinistro criador, que é quem lhes dá a essência maligna da imortalidade.

E quem são eles? - perguntou o investigador particular, tentando entender mais o assunto.

São descritos pelas Escrituras como os filhos de Abadom, "Zalthuns", seres da danação, emissários enviados do inferno ou como preferir chamá-los.

E continuou:

É engraçado, não é? Como este mundo é semelhante a um cubo de gelo. Simplesmente, se o expusermos ao calor, ele facilmente se desfaz; acontece o mesmo em relação à raça humana. A carne é corrompida pelo tempo, a fé é quebrantada pelo sofrimento, suas mentes entorpecidas pelos desejos mundanos, e ainda dizem que suas almas são dignas de salvação?

Um pequeno período de silêncio pairou sobre aquela sala.

O homem notou um sentimento de curiosidade no íntimo de seu convidado, porém continuou a mostrar o forte calor de alerta que emanava de suas expressões.

Desculpe, ainda estou confuso... Poderia ser um pouco mais específico? - solicitou Jason.

Compreendo. Inconscientemente o senhor sabe o que se passa, porém ainda não parou para pensar no assunto. Eu lhe explicarei qual é o problema que envolve o mundo em que vivemos.

E qual é? - procurou saber mais.

É com a religião de um modo geral. Existem muitos religiosos que nunca revelam a verdadeira anatomia do terror, ou seja, aquilo que nos fará discernir entre as vantagens do céu e os prejuízos do inferno. É claro que nenhuma alma voltou para contar sobre isso... Eles buscam a disciplina por meio do medo ou de suas insignificantes leis carnais, ou seja, se alguém não agir conforme seus estatutos narcisistas, é excluído daquele ministério e exposto como um réu da fé diante dos outros fiéis, como exemplo de sua rebeldia. Esses "regentes religiosos" confundem a Divina Palavra com autoritarismo, desviando-se de tudo, não entendendo a grandiosa natureza da lei que lhes foi dada como incumbência, que é a propagação do amor de Deus entre os homens dita nas Sagradas Escrituras; pena que é um pouco tarde para saberem disso.

O agente se manteve atento. Seus ouvidos começavam a testemunhar a fascinante história que se processava entre a fé e o futuro da humanidade. Algo que não deveria julgar apressadamente, pois queria ouvir o que seu interlocutor tinha a dizer.

Estamos no terceiro mês do ano de 2009, e onde está o amor ao próximo? O planeta guerreia consigo mesmo, formando uma competição de forças entre países. A tecnologia continua a avançar, tanto científica quanto historicamente. O colossal e extraordinário crescimento da internet é eminente, a automação ameaça assustadoramente a manufatura humana, causando desemprego em massa, e preconceitos sociais alastram-se por todos os continentes. Epidemias desconhecidas surgem do nada, e outras se tornam mutáveis com o passar dos anos, tocando multidões, dizimando boa parte da população nos países subdesenvolvidos. E, finalmente, o mundo é transformado diante da globalização; quando isso acontece, um morador inóspito, comumente chamado de "crise", aparece e causa medo e caos no coração de muitos. Terríveis guerras são levantadas, mediante a cobiça de seus políticos. Terrorismo em nome da religião. E quem é o culpado por tudo isso?

A dúvida de Jason deu lugar ao desejo veemente do saber. Seu ser demonstrou maior interesse mediante a narração daquele homem, para ele um tanto excêntrico. Ele se sentia como uma criança, ao escutar sua primeira história intrigante: receoso e ao mesmo tempo interessado em ouvi-la por completo. Isso era totalmente diferente de seus antigos casos, por isso ficou fascinado.

- Agora, vou levá-lo à origem de toda essa epopeia para a qual está sendo contratado. Ouça com atenção e entenderá por que necessito tanto da presença dessa jovem nesta cidade.

Então, o homem lançou um longo suspiro e, em seguida, pôs-se a falar.

Capítulo 1

PÁGINAS DE LÁGRIMAS

Grã-Bretanha (Inglaterra)
Século XIV- Ano de 1318

1

O mal foi desencadeado pela ganância de um membro da sociedade druida. Por seu intermédio, o anjo negro Sammael, com sua serva Astaroth, perverteu, em atos de magia e por meio de mentiras ilícitas, a maior parte dos druidas, bardos e auguristas existentes na Europa. Sendo assim, como era uma classe respeitada por sua sabedoria e conhecedora dos poderes intermediários de suas tribos, os celtas submeteram-se cegamente à ordem daquele escalão hierárquico, que, formando chefes militares, recrutou cada soldado disponível até criar um grande e poderoso exército. Em seguida, eles uniram forças com os bárbaros saxões, alcançando o rendimento total da Inglaterra. Na seqüência, invadiram outras províncias da Europa com vasta força superior. Atravessaram o Canal da Mancha e atacaram a França, queimando vilas e saqueando as cidades, ameaçando a existência de toda a cristandade.

Foi uma época em que o medo e o terror prevaleceram sobre os povos europeus, denominada por muitos deles a "Era das Trevas".

Nesse tempo, havia a Inquisição (Antigo Tribunal Eclesiástico, também conhecido por "Santo Ofício"), para investigar e punir crimes contra a Igreja e a fé católica. Eles não poupariam ninguém, qualquer que fosse a causa, tudo por "amor" a Cristo.

A configuração do território era a de um bloco montanhoso, envolvido por um círculo de planícies. Aquelas montanhas, relativamente muito antigas e modestas, foram modeladas pelo oleiro escarlate da natureza. Sob os pés dos gigantes de pedra, um denso tapete verde parecia perder seu brilho natural, pois o sol poente cedia lugar à noite. Aos poucos, uma grossa neblina surgia com o avançar da escuridão, bailando por entre as árvores da vasta flora.

De repente, o santuário verde foi profanado por uma sombra que se movia sorrateira na penumbra. O solitário invasor caminhava quase aos tropeços, emitindo sons assustadores pela floresta de Nottingham, até finalmente avistar mais adiante uma enorme fortaleza.

Sangravam-lhe os pés nus, pois haviam sido fustigados pelas pedras pontiagudas do difícil caminho que percorrera. Castigado pelo cansaço da longa jornada, o desconhecido prostrou-se quase imóvel ao chão. Em seguida, lentamente e desajeitado, removeu o capuz, revelando sua identidade. Era uma mulher jovial, porém seus cabelos estavam maltratados pela sujeira, e sua face, marcada pelas chagas do sofrimento.

Afagado em seus frágeis braços, envolto em uma capa vermelha, via-se outra figura que se movia vagarosamente. Condoída, a viajante inclinou a cabeça em direção ao pequeno ser com um desdito olhar, lamentando-se ao perguntar:

Siegfried, por que o destino é tão cruel a ponto de nos separar?

Por certo tempo, permaneceu ali ajoelhada, aconchegando ao colo a linda e delicada criança, que mal podia sorrir para sua geratriz; somente a observava, sem entender as lágrimas frias caindo e molhando a fina pele de seu rostinho.

Tu és meu sangue e minha preciosidade, e para guardar a tua vida terei de abdicar da minha. Mesmo que cometa esse terrível pecado, a lembrança de tua formosura ficará gravada em meu coração, por todos os

anos de minha existência. Meu ato salvará tua vida — declarou a jovem, direcionando o olhar às muralhas escuras de um castelo sinistro, lugar de sua última deixa.

Então, seus lábios feridos sussurraram a história de toda a sua vida, como se aquele pequeno pudesse entendê-la.

Teu avô, além de ser bem-sucedido, foi um comerciante honesto e honrado. Um perfeito e educado cavalheiro galês, muito respeitado pelos lordes da nobreza. E eu, sua filha, era a única família que ele tinha, já que mamãe não estava mais conosco, pois contraíra uma terrível enfermidade e morrerá.

Após uma pequena pausa, prosseguiu:

Fui uma donzela cheia de sonhos; queria o que todas desejavam: achar aquele que me tomaria em seus braços volumosos e, com intenso carinho, colocaria-me na sela de seu cavalo, para juntos cavalgarmos felizes, rumo às estrelas, vivendo dias deliciosos de paixão e noites tórridas de amor infinito. Mas nem tudo é o que esperamos... Acontecimentos... tive muitos em minha vida, fatos marcantes... lindos... Alguns estranhos também me ocorreram...

Relembrar seu passado era doloroso; no entanto, havia algo que alimentava sua esperança de um dia ser feliz...

Todas as vezes que o Sol exibia sua fulgurante face pela manhã, ela balançava seus cabelos dourados, banhando-os nos seus primeiros raios. Em seguida, entoava jubilosas melodias para seu "Protetor Celeste". De repente, como resposta ao seu afeto, uma águia nunca vista por outros olhos mortais, branca como a neve que cobre as cordilheiras, emergiu do nada e ficou dando voltas circulares em torno da jovem, indo vagorosamente pousar em seu delicado braço.

Então, essa magnífica ave fixou seu olhar no dela, e uma voz mansa preencheu a mente da virgem:

Rúbia, tu cantas com a pureza de teu coração, e minha essência viaja na eterna carruagem da tua voz.

Seus ouvidos e seus olhos eram os únicos a testemunhar a aparição, privilégio que sempre a emocionava.

Depois, uma brisa refrescante, provinda do bater de suas asas, esvoaça levemente os cabelos da moça.

Assim o formoso pássaro celeste despedia-se, regressando para a imensidão do céu azul, feito um anjo que retorna ao paraíso.

Mas, na realidade, ela queria muito mais do que aquele mundo de ternura. Rúbia Lands desejava a felicidade de constituir um lar, ter sua própria família e viver com ela os seus anos. Porém, mesmo bajulada por inúmeros cavaleiros e jovens trovadores que a cobiçavam com olhares penetrantes, ela sempre soube que nenhum deles fazia parte de seus sonhos.

Certo dia, seu pai chegou ao mercado cabisbaixo e de semblante pálido, tossindo muito e quase sem fôlego. Pedia a ela, aos murros, que abrisse rápido a maciça porta. Assim que a porta foi aberta, o mercador entrou, seguindo para uma cadeira por trás do balcão. E, logo que se sentou, limpou o suor que lhe escorria pelo rosto.

Só Deus sabia o que teria acontecido a ele, mas Rúbia logo entendeu o porquê de tudo isso.

No momento em que a moça entregou uma caneca de água fresca ao pai, seus ouvidos captaram sons de passos que vinham logo atrás. O Sr. Lands estava acompanhado de um homem estranho, possuidor do título de chanceler, um nobre muito conhecido na Grã-Bretanha, encarregado da Justiça e da guarda dos selos. Seu nome: Henrique Howell. E, para ela, este foi o dia de maior infortúnio em sua vida, pois de alguma forma estranha e sem explicação, a linda moça de cabelos loiros foi anunciada a ele por seu genitor. Não que Rúbia tivesse experiência no assunto, mas lhe parecia que ele estava sendo forçado a fazer algo que seu íntimo desaprovava.

Por dias seguidos, esse lorde visitava, sempre no mesmo horário, aquele humilde estabelecimento. Sua voz era calma, porém fria; suas roupas eram das mais finas e seus dedos estavam sempre ornados de anéis cintilantes.

Pensando no passado, as horas deslizavam e a Lua movia-se vagorosamente pelo céu noturno. Em sua mente cansada, a jovem ainda se lembrava, com clareza, da maneira funesta com que o fidalgo a olhava.

Aquele olhar malicioso transmitia uma maldade petrificante toda vez que o sentia percorrer seu corpo. Com os joelhos colados em terra, Rúbia narrava ao rebento seu flagelo, sem reparar em outra presença envolta nas sombras, que assistia atenta à cena, abeirada ao peitoril da janela, na torre próxima às muralhas da fortaleza.

Aquela pequena cidade, onde outrora ela cantava para Deus, foi transformada em um pântano de sangue. Henrique Howell mostrou ser o único e verdadeiro tirano, mantendo como lema-chave a ambição e a devassidão acima de tudo, como exclusiva forma de satisfazer seu bel-prazer. Ele muito contribuiu com o massacre de milhares de inocentes, pois o tédio de sua malevolência atingia o auge por onde quer que passasse. Mas isso não bastava.

Com sua grande influência, em pouco tempo dobrou as legiões de soldados, moldados aos vícios lupinos e à luxúria sem fim. Grande foi o número de camponesas violentadas; saqueavam seus lares como maneira de coletarem impostos e matavam seus homens por estarem tramando contra a realeza. Os que não eram entregues cativos para a Inquisição eram mantidos prisioneiros para trabalhar como servos. Aqueles que tentavam fugir eram abatidos pelas hastes de pontas farpadas dos flecheiros. Ali era um lugar onde os clamores dos desesperados nunca eram ouvidos, e os oprimidos eram sentenciados à própria sorte. Essa sombra de medo e morte alastrou-se como uma peste por toda a Grã-Bretanha. Todavia, surgiu um conflito ainda maior e mais perigoso do que as ações covardes de Howell.

A aparição de um exército pagão na Inglaterra fez com que os lordes e os membros feudais das igrejas católica, anglicana e ortodoxa pusessem a plebe e os patriotas como suspeitos de estarem unindo forças com os celtas e os saxões. Esse fato, que provocou o injusto aumento excessivo de impostos e a ruptura de tensões sociais, criou uma tempestade de revolta em todo o povo.

Rúbia olhou o vazio, com ar ausente, perdida em suas negras recordações do passado, sem saber que lá na torre, no interior de um quarto sombrio, adentrou um vassalo robusto, parando e prostrando-se diante da presença daquele ser que permanecia imóvel junto ao parapeito.

Chamou-me, milady? - indagou o vassalo.

Através da escuridão, um tétrico rosado ecoou pelas paredes, seguido por um vento gélido que percorreu todo o aposento. Todavia, isso não intimidou o guarda, que permaneceu firme em sua posição.

Que quereis vós que eu faça, milady? - perguntou novamente.

Então, a sombra encapuzada moveu-se lentamente, revelando os olhos vermelhos, que brilhavam ante o serviçal, e declarou por telepatia o que seus lábios carmins se recusavam a falar.

Como quiserdes. Tudo será feito conforme o vosso desejo - confirmou-lhe, levantando-se. E, ausentando-se, fechou a porta atrás de si.

Dada a ordem, a mulher misteriosa devolveu a atenção à plebéia que permanecia defronte às muralhas do colosso de pedra.

Enquanto isso, Rúbia tomou para si o cálice amargo de sua vida:

Meu pai tornou-se mais uma vítima daquele monstro, pois não podia pagar os altos tributos exigidos.

Mediante isso, Howell tirou proveito da situação, pois havia sido contagiado pela pureza juvenil da bela moça. Agora, como testemunha ocular, ela contava ao pequeno Siegfried todas as suas desditas raízes.

Rúbia, como tantos outros, implorava por um pouco de justiça, na esperança de que ela ainda viesse a prevalecer. Mas, para um homem vil como Howell, a palavra "justiça" era apenas um conto de fadas, porque seu único deus era a riqueza material. E, a todo custo, usaria os métodos mais sórdidos que conhecia, somente para realizar o desejo que tinha pela moça. Mesmo a influência do pai dela junto aos suseranos não foi o suficiente para impedi-lo de realizar seu intento.

Inconformado pela ordem recebida de seu superior, o chefe do feudo, Howell usou o momento a seu favor, atacando de outra maneira, ainda mais eficaz: astutamente, conseguiu duplicar os impostos, como forma de pressionar o povo e de chegar ao seu querer: a bela campônia.

A intensa névoa rodopiava ao redor de Rúbia, trazendo à tona os lampejos de seu sofrimento.

Aquele homem chantageou o teu avô, dizendo que, caso não fosse com ele, enviaria uma mensagem ao rei, alegando que o povoado estaria conspirando contra a coroa real, o que resultaria na morte de meu genitor e único protetor e na dos demais. Temi no momento em que os guardas do tirano apontaram aquelas lanças em direção ao peito de meu pai.

Fazendo um último apelo, a jovem caiu em prantos aos seus pés, implorando para o verdugo a vida de seu pai e prometendo que se submeteria à sua vontade, caso ele o poupasse. Rúbia deixou-se levar pelo amor àquele que a criou desde sua meninice. Após ter perdido sua genitora para a peste, seu pai tornou-se a única riqueza que possuía na vida.

2

Os dias se passavam, e a bela calipso era mantida cativa em uma mansão recém-construída, totalmente às custas dos esforços de pessoas menos afortunadas daquele povoado. Suntuosamente mobiliada, localizava-se a alguns quilômetros da Vila Harleck, onde morava antes.

Era uma tarde chuvosa. Apesar de ela se sentir prisioneira, Henrique permitia que sua musa de cabelos longos cuidasse dos afazeres domésticos, com as demais serviçais. No entanto, permanecia sob os olhares vigilantes e ousados de seus subordinados.

Certo dia, Rúbia se viu só em suas ocupações diárias; as serviçais tinham sido dispensadas de suas funções e os guardas dispersados de seus postos rotineiros, permanecendo em cômodos mais afastados.

Ao cair da tarde, a calma do momento foi quebrada pelos sons de passos que vinham em sua direção. Seu coração disparou palpitante de pavor ao notar que eles pertenciam ao senhor daquela mansão. Seus olhos brilhavam a cada passo dado. Sua língua áspera circundava a boca, demonstrando sua nítida intenção. Ela tentou fugir, mas a ação desatinada e brutal de Howell sobrepujou todas as tentativas da moça em repelir seu ataque. As forças lhe escaparam do corpo e seus ouvidos testemunharam os sons de vestes sendo rasgadas. A frágil vítima foi brutalmente arremessada de encontro ao piso frio do salão.

Contida de horror macabro, demonstrou constantemente com gritos seu medo, segundos antes de sentir as mãos quentes do ímpio nefasto tocando e apertando seus seios firmes e desnudos. Os braços dele envolveram sua figura feminina e a deixou como uma lebre à mercê de uma serpente.

Em seguida, Howell levantou uma das mãos e começou a acariciar a face macia da mulher, enquanto a outra massageava o mamilo esquerdo. Com o polegar sob seu queixo, Henrique imobilizou o rosto dela.

- Por que tentas resistir? Bem sabes que isso é inútil! - disse ele, sorrindo.

O tirano viu que os olhos dela ficaram repentinamente úmidos; ainda assim, levou a mão que segurava o seio por baixo do vestido, descendo levemente pelo corpo, escorregando-lhe os flancos.

- Sou o único homem que a matará de prazer; não resistas; tão somente convide-me a satisfazê-la.

Howell desceu a boca até aos lábios dela, até introduzir sua língua por entre os dentes da campônia. A jovem, por sua vez, pensou em arrancar o músculo móvel da cavidade bucal de seu violador, porém se sentiria imunda se provasse o gosto do sangue sujo daquele animal, e também temeu pelo o que viria depois.

Ela começou a chorar.

- Eu... te... odeio — disse gemendo.

Em sua ávida loucura, o chanceler não mais agia em seu estado normal, pois, ao ver as lágrimas serpenteando o rosto dela, começou a sorvê-las.

Rúbia não teve outra escolha a não ser sucumbir diante daquela ação humilhante. Num ritmo frenético e contínuo, Howell roçou seu corpo ao dela, buscando o prazer e a satisfação que tanto esperou. A pobre moça estava deitada no chão de pedra, com as pernas abertas e quase sem nenhuma vestimenta; os braços alvos e delicados imobilizados.

A alegria doentia do chanceler atingiu o ápice ao ver os perfeitos e belos contornos daquele corpo jovem e perfumado. Uma perfeição magnífica, como a veracidade de um diamante, e linda demais para ser apenas uma plebéia. O arfar desenfreado de sua respiração invadiu como agulhões as narinas de Lands, trazendo repulsa e ânsia. Sorriu como um demente e, sem piedade alguma, penetrou-a violentamente, rasgando sua pureza de maneira grotesca. Ele gemeu, extasiado em sua satisfação animalesca.

Ela pranteou, num sofrimento igual à dor de um pássaro que cai ao ser transpassado por uma seta pontiaguda. Totalmente abalada por ter sido violentada, desmaiou. E ele, nada mais escutou: nenhum sussurro, nenhum protesto e nenhuma reprovação do ato vindo de sua presa. Na sua voraz embriaguez pelo corpo sedutor da estonteante diva, realizou freneticamente, e de diversas maneiras, seu profano vitupério, gritando alteradas vezes seu concluído orgasmo.

Melancolia e revolta estavam misturadas em seu semblante. O anjinho aconchegado em seus braços seria afastado de seu convívio, por motivos que só ela conhecia.

Na torre, a dama oculta, usando de meios inefáveis do místico, ouve e acompanha os argumentos da infeliz, mantendo sempre um sorriso sarcástico nos lábios, sem demonstrar nenhuma expressão de emoção.

Sem sombra de dúvida, elas eram espécies completamente diferentes. Como aquela mulher encantadora e ao mesmo tempo sem nenhuma comoção podia friamente contemplar as angústias e inseguranças da outra mulher, que sofria suas lamúrias debaixo de um ar gélido, se ambas eram da mesma natureza?

Por outro lado, Rúbia sentiu seus pensamentos atingirem ainda mais seu coração e seu espírito. Ela via o mundo como morada de trapaceiros e o destino como um ladrão de esperanças, que não tinha honra.

Por vezes agonizante, fui forçada a ser sua concubina. Fiquei dias e dias vagando no próprio inferno carnal, realizando atos escusos e sem moralidade. Até que um dia, a luz do consolo brilhou sobre mim, deixando para trás todas as chagas do meu pesar. Mesmo provindo de um ato deplorável e de um homem a quem dediquei o ódio como sentimento, me senti regozijada, recompensada de toda aquela aflição. Eu seria mãe pela primeira vez, sentiria um filho, uma vida se mexendo dentro do meu ventre!

As lágrimas serpentearam por sua face e os lábios novamente proferiram fatos dolorosos:

Quando seu "pai" soube, toda a sua infrangível arrogância e petulância se estilhaçaram por completo.

As palavras de Rúbia, por serem verdadeiras, feriram a fundo, em ferro quente, o orgulho de Howell assim que soube que iria ser pai. Ele não conseguiu conter-se e ficou enlouquecido. Aquela gravidez foi interpretada pelo algoz como sendo um ato de sacrilégio. Ele a tinha somente como uma mera distração para seus desejos sexuais; uma meretriz que podia ser descartada a qualquer instante.

Os pensamentos daquele homem ficaram moldados em ponteiros de um relógio que parecia ter retornado no tempo, regredindo a uma época mesolítica. Com todo seu desdém, declarou a muitos que seu corpo nobre tinha sido maculado pela lama da miséria. Para ele, a mulher havia se tornado uma maldição gerada pela plebe, para suplantar a dinastia de sua família.

O homem que representava a lei e os interesses do rei, e constantemente abusava do poder que lhe era confiado, estava agora vulnerável diante da simples gravidez de uma plebéia.

"Poderia eu, um milorde de sangue azul, aceitar um herdeiro bastardo concebido por uma meretriz?" - com toda a modéstia acrescentada de cinismo, Rúbia repete as palavras proferidas pelo tirano.

Em seus olhares infecundos, ela pôde ver suas intenções malignas com relação ao filho. Ele consumia-se pelo ódio, por não haver tido a coragem de executar um crime tão desaprovado pela fidalguia, como também pelo fato de que iria perder a amante pela qual tanto lutara.

Quando esse sofrimento irá findar? Será que há um fim para isso? - acrescentou ela às suas páginas de lágrimas.

Sim, naquela noite havia um meio de ter esperanças. Deus ouviu suas preces.

As nuvens trajadas de chumbo e enfeitadas por clarões de incontáveis relâmpagos rasgavam impiedosamente a virgindade do céu noturno, e a chuva abençoada caía pesada sobre os campos galeses. Aos poucos a chuva se intensificou ainda mais e os minutos que se seguiram tornaram-se horas.

No aposento, o medo veio na forma de arrepios sobre o corpo de Rúbia, fazendo-a puxar com as mãos o lençol para cima, até a altura do pescoço.

Já o vil suserano socou de leve o batente da porta, confirmando sua chegada.

Está chovendo demais lá fora, tu não achas, vadia? - comentou com bocejos.

Rúbia assentiu gesticulando com a cabeça, embora ela sentisse pavor e nojo pelo teor decrépito daquelas palavras.

- Quero fazer um brinde a essa maldita tempestade. Tomara que os raios incendeiem toda a raça plebéia! - bradou Henrique, com a caneca cheia. E sem perder nenhum segundo sequer tomou a bebida de uma só vez, jogando a grande vasilha de prata à sua direita.

O nobre cambaleante deu três passos em direção à cama e logo percebeu que havia bebido demais. O último caneco que tomara foi o golpe decisivo. Voltou os olhos brilhantes e débeis para Rúbia; eles dançavam feito as ondas do mar ao toque pesado de um furacão. Um oceano em fúria, enegrecido pela tormenta de dentro de sua própria cabeça.

Howell foi vencido pelo poder embriagante do forte e doce vinho. Caminhando sem firmeza e sem dizer nenhuma frase, despencou como tora seca sobre a cama de uma maneira um tanto desajeitada. Não deu a mínima atenção a Rúbia, que estava deitada ao seu lado. Encolhida e assustada, pensava numa possível noite de horrores carnisais, já que relutar seria impossível, mesmo que quisesse. No entanto, ao contemplar o repugnante amante num profundo estado de inconsciência, percebeu que a esperança renascera, pois o destino concedia a oportunidade imediata para a fuga, pensamento que rondava sua mente todos os dias.

Lands ficou admirada, pois ele nunca a deixara uma noite sequer em paz, mas naquele momento o destino havia interferido nos planos do algoz, que preferiu embriagar-se a consumir suas horas de prazer como era de costume.

Com extrema mansidão, suas frágeis mãos tatearam sobre as roupas do ébrio. E, com os gestos sorrateiros como os de uma raposa, conseguiu apoderar-se das chaves. Mesmo sentindo-se fraca devido aos maus tratos que passara, vagarosamente desenleou os grilhões que a mantinham cativa, presa à cama. Trêmula, porém liberta das cadeias de ferro, a mulher cuidadosamente levantou-se do leito, mas sempre com os olhos despertos e fixos naquele que podia tornar a sua permanência ali ainda mais desagradável, como podia também dar fim à sua existência, caso fosse descoberta.

Desconfiada e alerta, como uma pantera acuada, ela transpôs a porta. Seguindo a passos leves e rápidos, chegou ao corredor à frente. Mais adiante se deparou com um guarda que, como muitos, passava todo o seu turno "vigiar", mas acompanhado pelo manto do sono.

Lá fora, os pingos da forte chuva pareciam pedregulhos, metralhando o telhado do casarão e sufocando os passos da fugitiva.

Ela avaliou o índice de periculosidade da sentinela. Passá-lo talvez não fosse tão difícil, a questão era como fazer isso. Perdida em pensamentos na busca por soluções, notou uma espada embainhada junto à parede.

Sempre temendo pela represália que sofreria caso fosse flagrada, não refletiu nem por um instante sobre vida do vassalo e apanhou instintivamente a arma. Mesmo sendo um tanto pesada, sua força de vontade era ainda maior. Segurou-a com ostentação e preparou-se para selar o destino do homem à sua frente, caso fosse necessário. Tal ação fustigava seus princípios, porém não lhe restara outra opção para seguir com um pouco mais de tranqüilidade seu caminho.

Sorrateira, foi ao seu encontro. De repente, os olhos do vigilante despertaram em espanto. Ela não hesitou, desferindo o golpe certo e fatal com as únicas forças que ainda lhe restavam.

A lâmina ensangüentada escapou de suas mãos, no mesmo instante em que o corpo da sentinela tombou inerte no chão frio e verteu seu líquido vital. E a cabeça, que fora lançada metros adiante, pairava ainda quente sobre o piso liso do corredor, direcionando-se para sua assassina, tinha olhos agonizantes e um filete de sangue escorria lento pelo lado esquerdo da boca. Essa cena teve sua nitidez aumentada pelo clarão de um raio.

Ela não conteve as lágrimas, porém, com toda a firmeza, engoliu o grito de terror que estava prestes a escapar de sua garganta, ao mesmo tempo em que as faíscas dos relâmpagos cortavam vorazmente os céus enegrecidos.

Pensou em cerrar os olhos e permanecer imóvel, até que tudo aquilo acabasse. Mas, de repente, deu um tapa em seu próprio rosto e tomou a decisão: precisava sair dali.

Numa formidável reação, Rúbia conseguiu aos poucos conter o ritmo da respiração, não se deixando desesperar pelo que fez. Ultrapassou as portas finais sem chamar a atenção dos demais guardas, dando as costas à mansão que fora sua agonia e a tudo o que havia dentro dela.

Do lado de fora, a jovem se deteve por um momento. Contemplou a densa chuva, sentindo-a tocar-lhe o rosto. O vento uivava unísono, como se entoasse um cântico de louvor à sua coragem, e a natureza chorava feliz, como se de alguma forma os pingos apedrejantes e refrescantes estivessem lavando-lhe o corpo e a alma de todo tipo de humilhação à qual foi submetida, limpando-a da imundície daquela tirania insana, renovando e libertando seu ser de toda a profanação libertina.

Logo, o alerta de sua consciência a demovia de seus pensamentos. Assaltada pela compulsão de dominar a emoção, a mulher de cabelos longos seguiu até uma das cavalariças, onde, sem muito esforço, adquiriu uma montaria. A chuva colaborou já mais fraca e possibilitou a fuga do ginete, que disparou a galope, deixando para trás aquele sofrido cárcere.

Seus pensamentos voltaram-se para a frágil criança, hospedada em seu útero, um pequenino anjo que viria a este mundo para abrandar seu sofrimento e preencher de esperança toda a sua vida. Só não sabia seu futuro, e muito menos o que o destino teria a lhe oferecer.

3

- Eu fugi para que tu pudesses sobreviver! - declarou Rúbia, em alta voz. Após isso, lembrou-se dos territórios belos e maravilhosos por onde passara e dos amigos e inimigos despercebidos que conquistara. Aquela nova região se caracterizava tanto pelo desenvolvimento das atividades rurais, praticadas na criação de gado bovino e ovino, como também pela cultura de legumes, frutas e flores, nas amplas planícies que separavam os maciços de pedra. O clima era ameno, de características marcantemente oceânicas, um bom lugar para quem tentasse conquistar a paz.

Diante dessa paisagem, um sorriso escapou de seus lábios, enquanto sua face refletiu uma vez mais o brilho da nova esperança.

De Gales, a amazona partiu para o Vale do Wye, próximo às montanhas negras. Mais adiante, ela parou em um vilarejo. Por causa da grande solidariedade daquele povoado, a corajosa viajante conseguiu, sem nenhuma dificuldade, um abrigo e ali pernoitou.

No dia seguinte, já provida de água, remédios e mantimentos, prosseguiu viagem, indo passar por Hay, chegando, após uma longa jornada, a Hereford e finalmente a Ross, na Inglaterra. Lá o destino se encarregava de aproximar as pessoas. De uma forma carinhosa, a filha de Gales conquistou a amizade e o apoio de uma caravana de nômades refugiados do conflito, decididos a tentar a vida em outras regiões.

Rúbia parecia mais tranqüila do que aborrecida com a situação e, sem nenhuma objeção, resolveu partir com eles.

Após atravessarem o Rio Severn, chegaram a Gloucester; depois passaram por Stroud e Tetbury, seguindo direto para Bath. Percorreram campos desconhecidos, correspondentes à península que se

projeta entre o Canal de Bristol e o Mar da Mancha, e chegaram à região constituída por três condados: Cornuália, Devon e Somerset.

Como verdadeiros pioneiros que são, desviaram-se de um acampamento saxônio de vigília, percorrendo as terras altas por trechos longos de Tauton Hills, cuja maior parte é formada de arenito vermelho e está mais à frente do território maciço e granítico de Dartmoor. Por um longo tempo, Rúbia Lands seguiu caminho por cidades e províncias desconhecidas, suportando as duras ações naturais do clima e as dificuldades apresentadas. Um sacrifício nobre para alguém que buscava tão somente ser feliz.

Dias e noites se passaram, até que, finalmente, chegaram a um vilarejo ignorado, de onde os nômades seguiram adiante, deixando para trás a pioneira que os acompanhara por províncias longínquas. E, como acontecia nos diversos lugares que percorreu, ali também foi calorosamente recebida pelos moradores.

Passado certo tempo, Rúbia, já no sexto mês de gestação, cativava a todos com seu carisma e sua afável solidariedade. Entretanto, sua ingenuidade a impediu de perceber os olhares curiosos e penetrantes de uma velha que por ali andava todas as noites, em busca de esmolas e refúgio.

Dois meses e alguns dias depois...

A necessidade da vida cotidiana cessara e os camponeses retornavam a seus lares, desgastados por um longo dia de dragagem no campo. Era chegado o crepúsculo, e o ar gélido manifestava-se aos poucos, envolvendo a paisagem da flora com o manto da noite, distorcendo sua beleza natural e dando-lhe um aspecto assustador.

Em meio ao ar noturno, saindo do humilde casebre e andando com um pouco de dificuldade devido ao peso da barriga, Rúbia levava consigo um cântaro de barro, seguindo rumo ao poço para pegar água. Abeirada junto a ele, lentamente foi girando a roldana de madeira, descendo o balde às suas profundezas. Subitamente, uma figura se aproximou. Era uma velhinha de estatura baixa, cujo corpo estava coberto de panos mal-ajambrados. Seus cabelos eram brancos feito leite e sua face, castigada pelo tempo.

Rúbia sentiu uma onda de calafrios espalharem-se por todo o seu corpo no instante em que seus olhos pairaram sobre a estranha. Então a ouviu perguntando-lhe:

Olá. Qual é o teu nome, minha querida?

Rúbia... - murmurou ela.

Que fazes aqui, Rúbia?

Estou tirando um pouco de água fresca.

Encostada à beirada da cisterna escura, a estranha velhinha cruzou os braços para avaliar o esforço da moça.

Após um curto silêncio, a mendiga perguntou novamente:

Pelo jeito, a barriga te incomoda para fazeres as tuas atividades corriqueiras, não é mesmo?

A jovem, cabisbaixa, nada disse. Porém, a outra insistiu.

- Tu não és casada? Não tens ninguém que te ajude? - especulou a mulher.

Land's olhou para ela com desagrado e, não suportando tantas interrogações, lhe respondeu:

Existem somente eu e meu filho, que ainda não nasceu. E a única e suficiente ajuda que obtive foi a dos aldeões daqui, que com muito carinho e bondade acolheram-me. Deram-me um lar e comida, mas não é por causa do meu estado que eu não posso cuidar de mim mesma!

Oh! - surpreendeu-se a mulher, olhando com os olhos engordados em direção ao casebre. - Desculpa, criança, não tive a intenção de incomodar-te.

Pediu licença e foi embora o mais depressa que pôde.

No instante em que a camponesa viu aquela senhora pobre movendo-se cabisbaixa, seu coração bateu forte no peito e, açoitada pelo arrependimento, clamou, dizendo:

Por favor, esperai um instante...

De súbito, a mendiga se deteve.

Peço-te que me perdoe, pois ando muito assustada...

A velha imobilizou os lábios em um sorriso desdentado, enquanto a observava por um momento. Em seguida, andou até ela, dizendo:

Não, minha cara, sou eu que tenho de pedir-te perdão. E, num gesto repentino, aproveitando-se de sua proximidade, agarrou bruscamente o antebraço da desprevenida moça.

A sombra do medo envolveu Rúbia, deixando-a em estado de inércia.

Com olhar de uma loba faminta, a não tão indefesa velhinha manifestou palavras que gelariam o próprio inferno:

Eu vejo o pânico pulsar em teu coração. Siiiiim! Vieste de muito longe, só para encontrar a paz que outrora te foi negada. Foges de um homem perverso, um lorde, que plantou em teu útero a semente da sua geração, e que agora deseja destruí-la. Mas não te preocupes mais, pois este filho que esperas é a chave que abrirá as portas de um grande futuro. Pois está escrito que se levantariam falsos profetas para agirem como o Deus Todo-Poderoso. Contemplai o Dia da Ira, quando o Verdadeiro Regente do homem reduzirá os hipócritas a pó!

Os olhos da campônia se retesaram de lágrimas.

Cuidado para não desviarest de teu destino, ó sacerdotisa reprodutora! Tu ainda testemunharás com o queimor presente em sua alma quando as carnes dos pecadores e incrédulos apodrecerem e caírem de seus ossos, e as suas línguas deteriorarem dentro de suas bocas. Pois as minhas palavras são as palavras de meu Deus. E essas dissertações são como uma mordida agonizante de uma serpente. Uma vez ferida por ela, sua chaga nunca mais sarará e a áspide de minhas palavras são "Renovação"!

A mendiga declarou isso em tom agourento, com os olhos engordados por entre as órbitas e tomada de grande cinismo e eufemismo.

Rúbia, automaticamente, retraiu seu braço da mão gélida da nefasta. E, com frases abrasantes, retrucou o que lhe disse aquela mulher:

Sejas tu quem for, deixe-nos em paz! - E, ao evadir-se rapidamente do local, deixou cair o cântaro de barro, que se estilhaçou próximo aos pés da apavorante figura.

De leone serpentem habitabit^[1]! - declarou a velha mendiga, gargalhando e analisando a camponesa que corria assustada.

Entrando às pressas na cabana, Rúbia trancou a porta e, tomada pelo desespero, prostrou-se ao chão, em prantos. Um grito de horror escapou de sua boca, enquanto inclinava a cabeça para baixo.

4

O frio habitava a noite no vilarejo. A solitária moça estava em seu humilde quarto, deitada de lado, em um leito improvisado de capim, apenas forrado por um lençol amarelado, e seu corpo, coberto e aquecido por peles grossas costuradas umas nas outras. A barriga já imensa a incomodava, pois o bebê chutava constantemente em seu ventre, como se desejasse conhecer imediatamente a face de sua mãe.

Demonstrando um extremo carinho e cuidado, ela ignorava as dores, acariciando o ventre com gestos leves e circulares. As mãos escorregavam delicadamente sobre aquela pequena vida. Seus lábios de boneca entoavam melodias reconfortantes como um bálsamo para ambos. Como resposta ao seu ato de amor, era presenteada com movimentos tênues e singelos dos pezinhos do bebê, como se ele entendesse aquele carinho.

Pronunciando palavras em baixa voz, ela declarava seu imenso amor ao filho:

Tu és a luz divina que Deus me concedeu, e bendigo o Teu Santo nome, ó Senhor, por este presente que me destes.

O tempo se arrastava como o deslizar de um caracol, até que finalmente ela dormiu. O véu do sono cobria sua mente cansada, levando-a a transpor os portais dos sonhos. Lá o caminho da imaginação é livre.

A jovem se viu em um vazio luminoso, com apenas uma estrada da qual não enxergava o fim, mas por onde se pôs a caminhar. Ao seu redor, apenas um vácuo de luz. A medida que andava no caminho do inexplicável, impressionou-se com as cores no ar, que mudavam diante de seus olhos. Ora se tornavam verdes como esmeraldas, depois se transmutavam em uma tonalidade azul-anil, variando alternadamente para uma cor carmesim. Em seguida, houve uma junção de outras cores mescladas com as luzes que antes avistara, como se estivesse entrando no empíreo.

A cada passo, a sensação de curiosidade aumentava intensamente. Um dócil brilho reluzente a rodeava, passeando vagarosamente sobre um mar irradiante. Ela então atravessou a luz e o sonho transformou-se num mundo perverso, absorvendo a razão de sua mente. Suas córneas foram eletrocutadas com algo tão repentino que se arregalaram. Ante o choque, verteu falas calmas em brados aterrorizantes:

- DEUS MEU, TENDE MISERICÓRDIA DE MIM!

A sua frente, um castelo negro materializou-se bruscamente. Seu aspecto não era apenas assustador; mais do que isso, se mostrou bastante perturbador para a mente humana, o que não combina com uma arquitetura como aquela: um edifício bizarro, constituído por uma tecnologia arcana. As formações da maciça fortaleza pareciam insondáveis, porém reais, e aliavam-se a uma conjuntura de apavorantes anomalias.

Das fontes laterais das muralhas, jorrou sangue pútrido. Nas paredes dos muros, pessoas totalmente nuas desprendendo gritos que não são deste mundo. Uma a uma, estavam sendo pregadas às paredes com os ossos de suas próprias costelas por criaturas de aparências abomináveis e distorcidas, horríveis demais para o entendimento humano. E, numa atividade diabólica infligida a esses monstros, as desesperadas vítimas estavam sendo estripadas vivas. Como a agonia nunca demonstrava ter fim, nenhum deles conseguia o afago consolador da morte. Mesmo em estado de sofrimento eterno e manietados por seus próprios ossos, as abominações rasgavam os ventres dos moribundos com dentes e garras afiadas com os quais, em seguida, regurgitavam de suas bocas bestiais um organismo negro, viscoso e mole que se debatia constantemente, querendo enlouquecidamente se alojar nas enormes mutilações expostas.

Dentro dos corpos ainda vivos dos cativos, eram depositadas, nas horríveis fendas das terríveis feridas grandes e purulentas, larvas carnívoras que se banquetavam com os intestinos dos escravizados; donde dispersavam gritos e choros ainda mais agonizantes e ininterruptos.

Em meio àquele horror, Lands tentou retroceder, mas seu corpo não obedecia. Por estar perto demais da desmesurada fortaleza, a mulher sentiu-se tragada por uma força invisível que a fez levitar, arrastando-a para a entrada do pesadelo vivo.

Feito uma alma condenada, enclausurada pelos incontáveis milênios de sofrimento negro, seu corpo foi violentamente puxado em direção ao portão gigantesco no formato de um triângulo. As portas da entrada erguiam-se ligeiramente para cima, dando-lhe passagem ao se debaterem em pleno ar.

No interior daquela decrepita fortaleza, sua matéria, já desprovida de forças, percorreu flutuando ainda mais rápida, passando saliências concêntricas, formadas de corredores que seguem até o coração do castelo, algo jamais visto por olhos humanos, uma construção aterradora e totalmente inadmissível à razão da consciência.

Ficou tão pasma observando o execrável aspecto do lugar que não percebeu o que ainda estava por vir.

Seu momento de distração durou poucos segundos, pois, repentinamente, seguida por um som estrondoso, uma dantesca aberração emergiu bocejando de uma lagoa de plasma fétido e coagulado. Chicoteava sua face, inserido naquela imagem medonha, arrepiando os poros da mera mortal.

Com um olhar esbugalhado, Rúbia contemplou uma árvore monstruosa. Seu tronco era constituído de carne apodrecida, retirada dos corpos de muitos moribundos. Em seus galhos, os frutos eram cabeças humanas que blasfemavam seus pecados, e as folhas, serpentes escarlates que vomitavam vermes. As raízes, semelhantes a trombas de mastodontes, bailavam ferozmente; em suas pontas, cabeças iguais às de tubarões, com dentes afiados, mastigavam a própria língua.

No interior da árvore, um bolsão transparente que se assemelhava ao útero de uma mulher, pulsava feito um coração fatídico. Dentro dele, mergulhado em líquidos pustulentos, habitava um nefasto ser ligado a um cordão umbilical: um monstro abissal de sete cabeças e dez chifres. Em cada uma das cabeças, diademas de fogo, e, na principal, um nome: "Mistério".

No punho da criatura, uma terrível espada exalava trevas, com uma lâmina vampiresca que tragava, de forma insaciável, as almas dos menos afortunados que ali pereceram.

O coração dela parecia saltar pela boca, no momento em que sentiu uma horripilante mão agarrando seu ombro esquerdo.

E, num grito aterrador, despertou.

Rúbia, acorda! O que está acontecendo contigo?

Com a testa molhada de suor e as pupilas dilatadas pelo pânico, Rúbia observou espantada sua amiga que, coincidentemente, segurava seu ombro na mesma posição que havia visto no pesadelo. Atemorizada, retraiu-se e sentou-se em seguida.

Que fazes aqui? - indagou trêmula.

Eu ouvi gritos, por isso vim correndo para cá - explicou a outra camponesa, sem nada entender.

Embora a colega estivesse ao seu lado, parecia estar distante. Com as mãos na face, não conseguia compreender os horrores que haviam sido projetados em sua mente.

Quem era a criatura incubada no interior daquela árvore monstruosa?, indagou para si. E por que eu estava presente em um lugar que mais parecia ser o próprio inferno?

Fora um pesadelo tão inacreditável e insano que ela, até agora, sentia-se incapaz de obter as respostas para aquele enigma macabro. Sua amiga permaneceu de pé ao lado da cama, pois sentira uma pontada de piedade ao reparar no estado de Rúbia, e mais uma vez perguntou:

O que há contigo? Por que dizes estas palavras tão estranhas? E o bebê, como está?

De olhos semicerrados, ela virou-se para a camponesa e seus lábios trêmulos proferiram o aflito desabafo:

Elizabeth, não agüento mais este tormento; todas as noites me vejo perseguida por pesadelos horríveis! Preciso me confessar para alguém, caso contrário, ficarei louca!

Tomada de preocupação e curiosidade, Elizabeth se acomodou ao lado da moça, esperando em silêncio a revelação. Então, deixando escapar um suspiro, a afligida começou a falar. Recostada na cabeceira do leito, a outra presente escutou atenta a amarga história.

Por muito tempo, Rúbia manteve segredo sobre aquele que a fez sofrer. Pelo menos desde o dia em que chegou ao vilarejo. Novamente, a mistura de alívio e tristeza invadiram seu simples coração. Como mãe que havia de se tornar, e com muitas atribulações, temia pela vida da criança. Esse fato a forçou a tomar a decisão de revelar a identidade do pai de seu filho.

Entretanto, Elizabeth pensou que ela estava inventando tudo aquilo e, como não queria criar nenhum problema, lhe disse:

Não te preocupes mais, refletiremos sobre teus receios amanhã; procura descansar agora.

Desculpa ter te usado como testemunha de cena tão vergonhosa e tomado teu tempo - falou Rúbia.

Somos muito unidas e jamais te deixarei só. Vamos, tenta relaxar; tens que pensar no filho que terás - e acomodou-a na cama, vindo a afastar-se em seguida.

Repentinamente, algo invadiu o pensamento da moça, que, confusa, chamou a amiga que saía:

Elizabeth?

Sim, o que queres?

Como tu entraste aqui, se a porta estava trancada?

A pergunta abalou a ambas, e Elizabeth não só pensou que Land's era uma pessoa estranha e aflita, como também que parecia ser bastante alienada.

O silêncio foi quebrado:

Estás um tanto equivocada, pois, quando cheguei, a porta estava entreaberta... - A afirmação pegou Rúbia de surpresa, enchendo-a de assombro, fazendo-a lançar um olhar de busca ao redor. - Não! Não pode ser! Tu não viste uma mendiga de aspecto fúnebre andando por aí?

Não... — disse Elizabeth.

Era uma senhora estranha e assustadora, que andou me dizendo coisas horríveis sobre meu bebê, e depois disso saí correndo. Lembro-me de que, em seguida, tranquei a porta com uma corrente em um cadeado... Elizabeth percebeu que Land's estava muito perturbada, exprimia um amontoado de devaneios, realmente uma situação embaraçosa.

Amiga, minha gente trabalha no campo há anos e, por mais humilde que seja, cada um tem seu próprio lar. Nasci aqui e, em todo esse tempo, jamais vi essa velha peregrina que tu mencionaste.

Elizabeth, estás me dizendo que inventei tudo isso?

Então, o olhar da colega desfaleceu e ela se retirou do quarto sem mais nada a dizer. A voz de Rúbia se perdeu nos quatro cantos das paredes, enquanto suas mãos frágeis percorreram a face suada.

Elizabeth deixou a cabana um tanto desconfiada daquela história e do porquê de Lands afirmar tais absurdos. Verdade ou mentira, ela tomou aquilo como um indício de que a camponesa se perdera na paixão por algum jovem aventureiro. Depois, por certo, fora expulsa de casa por ter desonrado a imagem íntegra da família. Por isso peregrinara muito, até chegar à vila. Por outro lado, a plebeia poderia estar dizendo a verdade e, diante disso, não quis aproveitar a oportunidade de se tornar uma "dama da nobreza" por meio do herdeiro que esperava. Nesse ponto, era deveras difícil saber qual seria o fato que envolvia aquela estranha vida. Refletindo por algum tempo, foi vencida pela dúvida e deixou a especulação de lado. Havia muito que fazer, além de consolar a pobre infeliz. Resolveu, assim, não querer mais saber da vida íntima da colega sonhadora.

5

O desânimo tomou conta do corpo e do espírito de Rúbia, e naquela mesma noite ela foi quase dominada pelo medo. Deitada em seu leito, lutava arduamente para não dormir, mas a força avassaladora do sono a sobrepujou. Atingindo o auge do descanso, os sonhos giravam em sua mente, num turbilhão de vozes e falas a perturbarem seus pensamentos.

De súbito, o sono lhe foi novamente tirado, mas, dessa vez, por um tom mais elevado. Um timbre cujo som assemelhava-se ao crocitar de um pássaro e que, mesmo originando-se à distância e do lado de fora da cabana, chegava com nitidez aos seus ouvidos.

Alguns minutos se passaram e, sem dar muita atenção, simplesmente mexeu-se para o lado, cuidadosamente, no intuito de achar certo conforto, pois a barriga a perturbava um pouco.

Outra vez, ela escutou o misterioso ser piar com mais intensidade, e uma vez mais. Ignorou-o, não levando em conta a eventualidade do acaso. Minutos depois, quando tudo parecia estar calmo, a jovem gestante teve sua tranqüilidade abalada, pois aquele ruído voltou a manifestar-se ainda mais alto, deixando-a confusa e acima de tudo curiosa.

Assim, levantando-se lentamente e com sono, retirou-se do quarto, passou pelo cômodo seguinte e dirigiu-se até a porta.

Assim que saiu, seu coração foi tomado de sobressalto, tão admirada que estava pela esplendorosa visão. A tristeza se dissipou instantaneamente. Ao erguer seu rosto em direção ao céu enluzado, avistou admirada um intenso clarão sobrevoando o vácuo estrelado. De dentro daquele lume de luz, uma águia branca se revelou. A mesma que tempos atrás havia pousado em seu antebraço, enquanto a donzela entoava seus cantos melodiosos para Deus, na época em que vivia feliz em sua terra natal.

Atônita e com os olhos banhados de lágrimas, contemplou a magnífica ave que brilhava intensamente, voando em círculos sobre sua cabana. Rúbia deu uma longa risada, pois se sentiu abençoada diante

daquele evento miraculoso. Para uma mulher que vivera desenrolando os pergaminhos de puro sofrimento, aquela cena a ungiu com o bálsamo de pura paz, acalentada pela presença divina de um Pai Universal.

Mas havia algo estranho. De uma maneira curiosa, aquele ser alado fazia acrobacias um tanto desconcertantes, como se a chamasse em seu auxílio, por meio de voos rasantes, demonstrando com sinais o pedido de que o acompanhasse para algum lugar.

Mesmo um pouco ressabiada, a moça resolveu seguir a águia alva. Mas, antes de prosseguir, a camponesa estendeu devagar o braço, em posição reta, porque precisava ter certeza se aquilo era fruto de uma imaginação alienada ou um presente dos céus enviado solenemente para sanar todo o seu temor. De alguma forma, queria ter a conclusão pelo contato.

O pássaro pareceu entender a fragilidade e o receio emanados do íntimo da jovem, mas, constatando sua concordância, pousou suavemente em seu antebraço, como fazia no passado. E assim que Rúbia sentiu o toque macio da ave rara reconheceu que se tratava mesmo de sua amiga que há muitos anos não via. Exibiu um sorriso longo de felicidade, dobrou sem pressa o braço, vislumbrando com intenso respeito o ser de notável beleza, plumnagem e formosura. Piando inúmeras vezes, a figura alada comunicou-se com ela num diálogo entre dois seres, mulher e natureza juntas, ligadas em um fascinante e profundo estado de comunhão. Então, de repente, a jovem estendeu o antebraço, donde o pássaro se lançou para o alto, voando em direção à mata.

Ao entender a mensagem que lhe foi enviada, a mulher ignorou as dores e o peso de seu ventre e vagarosamente encaminhou-se para a floresta sinistra, iluminada pela rainha de prata.

Passo após passo, ela penetrou no santuário natural, tendo por companhia e guia a amiga alada, que permaneceu voando em meio às árvores. O vento noturno e frio ondulava os trajes em volta da graciosa figura de uma calipso gravídica. Os raios do luar filtravam-se pelas frestas da flora, e a trilha à frente se alongava, expondo uma paisagem mais espessa e estreita.

Apesar da impressão de que havia algo à espreita em meio às sombras dos carvalhos, Rúbia agiu tranqüilamente; ela não sentiu nenhuma sensação de perigo iminente ou de aflição, mas sim a proteção divina que aquecia sua alma com as asas da fé.

O cansaço quase a dominou, e um minuto a mais seria o suficiente para que ela caísse de joelhos; porém, o que aconteceu a seguir renovou-lhe as forças.

Ela viu a luz adiante desaparecer e, em seu lugar, avistou a imagem de um homem tombado; um cavaleiro que, gravemente ferido, murmurava baixo em aflição. Tinha no seu peito uma flecha longa e negra mista em carmesim, plantada profundamente, talvez a centímetros do coração.

A seta pontiaguda havia causado danos enormes a outros órgãos, e o sangue vertia em abundância.

Completamente desvalido, ele mal podia se mexer: sua armadura estava em pedaços, a malha de ferro rasgada em várias partes, completamente fragmentada, e o corpo daquele desconhecido totalmente ensangüentado. Ele mais parecia uma alma que havia fugido do inferno.

A primeira reação dela foi de aproximar-se ainda mais do pobre homem. O coração da moça demonstrou um intenso estímulo de piedade, porém, dada sua circunstância atual, o odor do sangue daquele indivíduo lhe chegou até o nariz, de modo que lhe causou enjoo e teve de se agarrar ao tronco de uma árvore. Sentiu, pois, a cabeça rodar e o estômago entrar em grande turbulência. Foi visitada em seguida por ânsias de vômito, o que era natural naquele momento, e o frio intenso da noite ressecava a pele fina de sua face. Um suor fétido e febril escorria rubro sobre o rosto do forasteiro, que balbuciava baixinho gemidos delirantes. Olhando para cima, Rúbia não mais encontrou sua parceira voadora, que misteriosamente havia sumido. E tudo o que contemplou foi o céu de estrelas, onde a rainha Lua continuava a brilhar soberana. Imaginou então, naquele momento delicado e decisivo, que o pássaro fulgurante poderia ter sido um anjo enviado por Deus para amparar aquele pobre moribundo que se

encontrava em agonia. E o militante, com os olhos enfraquecidos, quase não conseguia enxergar o semblante piedoso da mulher postada à sua frente.

Devido à perda excessiva do líquido vital e do esforço para manter-se consciente, as pálpebras pesavam-lhe cada vez mais, fazendo-o desfalecer.

Ele sentiu o breu das trevas vagorosamente se manifestando em seus olhos, como se estivesse imergindo no útero das sombras. Então desmaiou.

Ele avistou a esperança nascendo novamente, leve e descompassada, sorrateira na noite fina. Transpondo os véus da morte, imigrando em direção à luz da vida, abandonando atrás de si a amante frígida, das quais muitos guerreiros não escapam. O ar fresco passou pela face cansada, e lá fora o brilho do sol espalhava-se ao vento, provando-lhe que ainda pertencia ao mundo dos vivos.

Nos dias que se seguiram, Rúbia Land's precisou do apoio de todos do vilarejo e das habilidades medicinais de um velho médico para poder ajudá-lo.

Nesse dia, ele acordou vagorosamente do suposto mundo dos mortos.

Eu... Estou...? - perguntou o paciente, envolto em faixas por todo o tórax.

Tu realmente tens a ajuda dos céus, pois sangraste em excesso. Toma deste caldo grosso; isso irá ajudar-te a recobrar as forças.

Onde... estou? Que faz uma mulher grávida aqui neste lugar?

Rúbia explicou devagar:

Estás seguro em minha cabana. Encontrei-te quase morto na floresta. Por não ter forças suficientes para erguê-lo, voltei e pedi ajuda aos aldeões para que fossem comigo resgatar-te.

Mesmo sentindo muitas dores, o homem demonstrou gratidão e simpatia pela jovem:

Gostaria de agradecer os cuidados que tu e teu povo tiveram comigo. Sinto que, se tu não tivesses me encontrado, meu fim seria conclusivo - disse isso segurando delicadamente a mão da moça.

Embora estivesse lúcido, ele estava um tanto lento e desconfortável mediante a gravidade dos ferimentos.

Sua mente estava desordenada, mas mesmo assim conseguiu projetar nela o retrato de uma guerra sangrenta, lançando-o em pensamentos fúnebres. Esfregar seus lábios machucados não apagava da memória o horror de ver gente sendo mutilada por espadas e lanças impiedosas. Essa não é uma situação prazerosa, nem uma que se queira sentir novamente, porque o flagelo que sentira em sua carne fora apenas um espinho na pata de um felino, se comparado à aflição que ora habitava cruelmente sua alma.

Tu deves ser um combatente. Concluo pelo pouco que restou de tua armadura. Mas como foste parar naquela mata, e quem o atacou dessa forma? - perguntou Rúbia, que, envergonhada, afastou sua mão da dele, tomando em seguida certa distância.

Mulher, tu perguntas demais.

E ela silenciou, enquanto ele continuou:

Por outro lado, foste tu que me salvaste. Então, tenho uma dívida para contigo.

E dispensou-lhe um sorriso, mesmo entristecido com as aflições do corpo.

Por certo tempo, aquele homem de porte robusto a observou, encantado com a sensualidade aprazível de sua beleza jovial, deixando a moça quase sem jeito e avermelhando seu rosto formoso.

Como te chamas? - perguntou ele.

Rúbia...

Estás com o semblante rosado, por acaso tens receio de mim?

Ela, por sua vez, sorriu timidamente.

Não é isso... É que nenhum dos homens que conheci fez-me sentir dessa forma.

Como assim?

Rúbia cruzou os braços e o olhou com atenção.

Deixa pra lá.

Então, ao notar que havia à sua frente uma delicada flor do campo, usou de brandura em suas palavras e demonstrou todo o seu apreço pela jovem, quando declarou sorrindo:

Rúbia, não precisas ficar acanhada na minha presença. Na verdade, tua companhia é de grande valor. Vê, ajudaste-me a esquecer um pouco as dores.

As palavras do cavaleiro invadiram o local como um aroma de rosas, perfumando tudo à sua volta. O som agradável daquela voz vinha de forma graciosa, limpando o coração delicado e a alma aflita da mulher de toda desconfiança. Assim, sentindo-se amparada por aquelas frases eloqüentes, sentou-se próxima a ele.

Tu falas como se fosses um nobre, um rei. Quem tu és, donde vens e por que me dizes palavras tão agradáveis? - indagou a formosa camponesa, calma e lentamente, mantendo sempre os olhos semi-abaixados.

Já te disse, salvaste-me a vida, e meus agradecimentos, mesmo sendo sinceros, nada são comparados ao teu ato. E já que desejas saber sobre mim, eu te contarei - respondeu com carinho. - Não é fácil dizer-te o que passei, mas tudo bem..

Ela retribuiu sua fala com um olhar alegre, dizendo:

Podes confiar em mim.

Meu nome é Loan Horsham; pertenci a uma família de remanescentes da sagrada Ordem do Leão...

Pertenceu?!

Sim. De todos os membros da família, eu fui o único a abdicar de todos os privilégios. E queres saber por quê?

Sim.

Havia um fator estranho em minha vida. Por mais bem-sucedido que fosse e cobiçado por muitas donzelas, aqui dentro, no fundo do meu coração, sentia que algo me faltava - disse, tocando de leve o peito envolto de faixas. E Loan iniciou a odisséia de suas raízes, apesar de um pouco fraco, decidido a revelar tudo a ela.

Ele era filho do conde Charlie Horsham, um homem severo e muito respeitado pela sociedade fidalga, assim como temido por seus adversários.

Por meio de inúmeras vitórias em guerras travadas, a família gerou uma insígnia nobre. Sua heráldica era o brasão do leão candente, título recebido como significado de soberania e força.

Para Loan, todos os títulos e as propriedades não passavam de mera ilusão. As batalhas travadas, os inimigos massacrados, para quê? Procurava um significado para aquilo.

E Rúbia ouviu uma história de lutas fúteis, cobiças insanas e desejo pelo poder.

Depois do tempo próprio, as horas avançaram, e a luz dourada do sol se avermelhava rápido. O crepúsculo velado estava cada vez mais escuro, permitindo apenas ao vento gélido apresentar a noite em meio ao farfalhar de galhos e folhas que caíam fenecidas das árvores.

Quietas estavam as ruas de Birmingham. Os poucos que as percorriam moviam-se com a rapidez de um gato. As pessoas mostravam seu desdém negando-se a olhar para o céu, desacreditadas de que Deus ainda estaria lá.

Mesmo em suas casas, com portas trancadas, mercados e estalagens fechados, aquele povo podia ouvir claramente cânticos entoados em uníssono. Na praça, reuniam-se grupos de sacerdotes encapuzados de preto, que prostravam-se, gritando sobre as pedras brancas e ásperas do pavimento. Não só o vilarejo, mas também toda a região estava em pânico total, pois aquela horda de sacerdotes enaltecia o nome da Deusa Mãe. E seus seguidores aumentavam de maneira impressionante. Muitos cristãos que já haviam perdido a fé foram convertidos e experimentaram o poder do lado negro que desafiava todos os nobres, e o conselho feudal da Grã-Bretanha media forças contra sua deusa.

Em boa parte, quase todas as crenças religiosas estavam sendo apagadas pelo ceticismo. Permitiram que a escuridão fizesse um ninho sobre eles, entre os quais, a cada nascer do sol, um corpo era encontrado com os membros estripados nos altares de seus próprios templos, como oferendas aos deuses pagãos.

Pressionados pela maior parte da plebe e pelos senhores feudais, juntaram-se em plenário reis, governadores, marqueses, duques, condes e toda a burguesia do clã de cada país, para debaterem o grave assunto e a perigosa situação.

Participaram também os prelados, os capelães e os membros de variadas igrejas, na tentativa pacífica de ajudar os fidalgos a esquecerem suas divergências políticas e religiosas e a formarem uma assembléia que fizesse o exame daquela questão avassaladora.

Muito foi falado a respeito dos trágicos acontecimentos ocorridos em suas terras natais e no resto do mundo, especialmente na Inglaterra e nas amplas regiões de toda a Grã-Bretanha.

Após algum tempo de discussões, organizaram uma comitiva que acompanharia as idéias e as estratégias necessárias para darem solução ao caso.

Os Horsham também se faziam presentes. Ao lado de seu pai e de seus irmãos, Loan sentia a repugnância percorrer suas entranhas, e o palpitar do seu coração foi aumentando cada vez mais no decorrer daquela reunião. Ele já tinha ouvido muitos rumores, mas aquele discurso foi tomado como uma atitude herética, pois eles apenas discutiam como poderiam ocultar seus tesouros dos olhos da plebe e do exército ímpio, caso a guerra fosse iminente. Propriedades e animais seriam prioridade de proteção; recrutariam os jovens, os velhos fazendeiros e depois as pessoas saudáveis da zona urbana, para lutarem pelos seus reis e pelos senhores feudais, que, dessa maneira, estariam prestando auxílio a seu país. As igrejas seriam defendidas a todo custo contra a depredação dos invasores, nem que isso custasse as vidas dos servos e dos alforriados.

As palavras foram sendo sussurradas lentamente de sua boca, mas algo o forçava a gritar como um louco. Tamanho fora o asco que seu ser mal pode se conter e, levantando-se do auditório, o homem bradou em alta voz:

Vós! Matilhas de lobos insaciáveis, como podeis julgar serdes justos, se sacrificais o vosso próprio povo sofrido, permitindo que pessoas, assim como ovelhas, se arremetam à lâmina do machado do inimigo? Sois iguais a chacais que comem da carniça de suas riquezas e depois, não satisfeitos, devoram-se uns aos outros como abutres esfaimados!

A multidão burguesa ficou totalmente emudecida, diante daquelas ousadas e pesadas frases que surtiram o efeito de um chicote de espinhos, açoitando o orgulho de todos que se julgavam importantes naquele recinto. Alguns deles chegaram até a deslizar os dedos no cabo de suas armas, enquanto a chuva de protestos continuava a atingi-los numa violenta declaração:

Hereges! Como podereis escapar da ira de Deus? Arrependei-vos de vossas iniquidades, e abandonai essa fortuna ilusória, que vos levará a arderem no lago de fogo do inferno! E verdade que devemos defender nossa terra amada desses bárbaros, mas que lutemos todos juntos sem que tenhamos que usar a nossa gente oprimida como escudo. E, se tivermos que tombar, morramos então como verdadeiros varões de honra e não como os covardes que aparentais ser!

Homens com olhares irados murmuravam entre eles; já outros formavam um cerco contra o opositor, que continuou:

Vós comestes uma vespa e, no entanto, vomitais uma serpente. Bendito será aquele que se humilha e louva o nome de Cristo com dignidade, pois não foi para isso que Ele criou este mundo, para que pudessem manchá-lo com o sangue dos inocentes!

É Loan, o filho do conde Horsham... - sussurravam indignados.

Não suportando o tamanho ultraje, o conde esbofeteou violentamente o rosto do filho e, num ato de furor, puxou a espada da bainha, levando a lâmina ao rosto de seu próprio rebento. Loan não entendeu de imediato por que o conde fizera aquilo.

Por que bates no meu rosto e, em seguida me ameaças com a tua espada, pai?

Cala-te, seu maldito! - retrucou Charlie Horsham. - Desonraste a sabedoria deste conselho e a imagem da família com tuas ofensas e calúnias! Embriagaste-te tanto, a ponto de usares os Ensinamentos Sagrados para maculares o meu nome?

Durante um momento, o silêncio pairou naquele local.

E, então, veio o grito do primaz:

Sacrilégio! Esse jovem, além de nos sujeitar à vergonha, também é um assecla do diabo, e sua alma terá de ser purificada. Prendei-o e o preparai para o juízo do Santo Ofício!

Todos os fidalgos, tomados pela euforia, exigiam sua morte, enquanto os guardas se aproximavam para efetuar a prisão.

Com o corpo ereto, numa atitude de desafio aos seus, o conde Horsham estendeu seu braço com a palma aberta em direção aos subordinados; logo em seguida, intercedeu pela vida de seu rebento.

Por favor, eminência! Rogo-vos que perdoeis a imprudência de meu filho, que, mesmo sendo um varão, pouco sabe das dissertações heréticas que aqui proferiu.

Novamente alguns nobres silenciaram. Outros, porém - a minoria -, discordaram do pedido de Horsham.

Então, um grito repentino surpreendeu a todos:

Caro milorde! Todos que aqui estão ouviram claramente essas heresias e ficaram completamente perplexos com essa insanidade verbal. Contudo, vós pedis ao Tribunal Ministerial da Santa Madre Igreja para que redima o perjúrio deste homem?

De forma alguma desejo suplantar vossa autoridade — replicou Charlie, em objeção àquele nobre que o encarava com um olhar de lobo. E, voltando-se ao cardeal-patriarca, argumentou com engenhosa sabedoria:

Mas vós, como ministro de Deus, e com toda a vossa sabedoria, bem deve saber que a misericórdia é uma virtude e o perdão é um dom dos céus que lhe foi dado.

Ao ouvir tais palavras, o cardeal e os membros da classe clerical sentaram-se em suas cadeiras e, com olhares soberbos, avaliaram ponderadamente o clamor do fidalgo com todo o conhecimento que possuíam. Por um breve tempo, eles confabularam, até que, dada a decisão final, o primaz fitou os olhos no conde.

A expressão séria do prelado desconcertou ainda mais o nobre, e ele sentiu como se uma garra de aço esmagasse seu coração. Contudo, permaneceu em silêncio, esperando o veredito.

Se vós realmente dizeis a verdade, provai a todos aqui presentes que ele não é um traidor da Santa Igreja de Deus e nem da pátria de Vossa Majestade!

Aliviado e ao mesmo tempo aborrecido, Charlie Horsham dirigiu um olhar frígido a Loan, enquanto desembainhava sua lâmina. E com a espada em punho afastou-se de Loan, em segundos realizou um ato ousado que poucos teriam coragem de executar.

Com a vivacidade do meu sangue, provarei a fidelidade de minha família à coroa real e principalmente para vós, eminência!

Suas palavras deslizaram juntamente com o sumo espesso, assim que o aço afiado talhou a palma da sua mão esquerda. Tal audácia causou assombro a muitos que protestavam. O sangue vertido daquele nobre devolveu àquela turba de senhores feudais a honra medíocre que achavam terem perdido.

Os irmãos de Loan, condoídos pela vergonha que o pai passara, prestaram-lhe auxílio. Entre eles, um despojou-se de sua capa e envolveu com todo o cuidado a mão ferida que sangrava excessivamente.

Naquele momento, era lorde Horsham que se sentia laçado pela desonra e, em voz baixa, ordenou que os vassalos e seus filhos, exceto aquele que o humilhara, seguissem-no imediatamente.

Loan tentou justificar-se, mas foi abruptamente barrado por seus irmãos, que o menosprezaram. As lágrimas brotaram de seus olhos castanhos e pela primeira vez sentiu a solidão abraçá-lo. Sua mente

ficou confusa e, nesse momento, poderia ser comparado a um anjo expulso do paraíso: abandonado pela sua própria estirpe e rejeitado por seus amigos.

Em silêncio, Loan percorreu a passos lentos o piso liso do salão, em meio aos opressores que se entreolhavam em silêncio. Ele foi tomado repentinamente pelo receio e pela vergonha, sentindo em seu coração uma grande relutância pelo que havia feito e uma aversão de si mesmo.

De repente, outra figura robusta interpôs-se entre ele e a saída. Como prova de provocação, lançavam-lhe insultos:

Ei, cão! Acaso achas tu que o sangue vertido deste lorde foi mesmo o suficiente para restituir as máculas de injúrias, às quais nos expusestes? - dizia Howell, com um tom ferino e opressor.

Loan levantou seu olhar em direção à face inescrupulosa daquele homem que ostentava o título de chanceler. Sorrindo e com pena, mesmo com o pesar que havia abatido seu espírito, não hesitou sob nenhuma circunstância em lhe responder:

Se tu não tivesses pecado contra ti mesmo e contra Deus, certamente aceitarias a verdade com muita mansidão, pois ela não nos leva à perdição, mas nos ajuda a encontrar a Paz Eterna, algo que os teus tesouros corruptíveis não te podem dar. Mas, como cometeste vitupérios ante teus semelhantes, a "verdade" te feriu como uma faca de dois gumes, transpondo a tua alma vaidosa.

Loan reparou que a mão do chanceler estremeceu junto à lâmina embainhada. Por um momento, ele ficou ali observando, estudando a reação daquele homem que a qualquer instante poderia estar com sua arma em punho e cobrar com a vida o preço de seu orgulho ferido.

Tens muita coragem, fazes jus à tua raiz - disse o fidalgo, com palavras que mais pareciam a morte se anunciando.

Houve uma pequena pausa, tempo suficiente para que se conhecessem. Então, sem mais nada a dizer, Howell abriu espaço para Horsham, que seguiu direto, sem nenhuma preocupação de olhar para trás.

Capítulo 2

ALIANÇA SANGRENTA

1

Seus pensamentos fizeram com que se sentisse agoniado, e agora não mais conseguia reprimir os lamentosos acontecimentos que selaram seu âmagô.

Loan contou vagorosamente sua desventurada história repleta de dissabores.

Dias atrás, se não estivesse ferido daquela forma, talvez tivesse relatado os fatos aos membros da Igreja, já que foi destituído para sempre dos laços familiares.

Agora, ele nem mesmo sabia onde estava, talvez muito longe do antigo lar. Seus sonhos foram consumidos pelo destino, fazendo-o perder qualquer esperança de sua vida aproximar-se de uma realidade próspera e abençoada.

Ele era duro até consigo mesmo, o que não era surpresa para os nobres que deveras o conheciam. Horsham também o conhecia bem e conhecia a linhagem que o gerara. Isso o fazia sentir falta das aulas de combate que praticava com um espadachim e esgrimista muito habilidoso: seu pai. E agora, Rúbia era o único ser humano ali presente, mesmo nada sabendo a respeito dela; entretanto, era nela que estranhamente depositava toda a sua confiança.

Ele se lembrava nitidamente de tudo. Sabia que outros burgueses murmuravam coisas más a seu respeito; todavia, o que mais o magoava realmente não era o acontecido no comitê, mas sim o que ocorreu na noite em que retornou ao castelo dos Horsham.

A sensação era como o arfar de um chacal que está prestes a morrer, no instante em que testemunha o olhar repulsivo de seus parentes. Vagorosamente, contemplou triste o choro de sua mãe, cujas lágrimas molharam seu requintado vestido, ao mesmo tempo em que ela tinha os delineados lábios lacrados ante a autoridade do consorte.

Seus irmãos ausentaram-se, pois nenhum deles queria ser seu intercessor. Como a maioria dos jovens nobres daquela época, Loan aguardou pacientemente a presença do pai, para ouvir ou receber algum tipo de represália, após ter cometido algo que desmoralizou a imagem da família.

Porém, mesmo angustiado, respeitou a lei familiar e sua tradição, algo que para ele significava honra e disciplina.

Então lá estava ele, o conde Horsham, um homem de estirpe, que descia lento os degraus de pedra, de peito ereto e com o manto de opressão estampado no olhar. Ao mesmo tempo, escondia seu coração partido, indeciso com o que iria pronunciar. Mesmo assim, foi ter com ele.

E, naquela noite, o conde declarou ao filho o preço de sua vergonha, a sentença formulada, e o perdão esperado lhe foi negado.

O destemido moço, com a expressão contrita, observava a mão ferida do fidalgo, que fora talhada pela espada e cujo sangue havia comprado a vida de um membro da família: a sua. Em troca dessa redenção, Loan teria que deixar de ser um dos Horsham e abdicar de suas raízes e dos laços familiares que antes lhe pertenciam por direito. Acima de tudo, deixaria de representar a Ordem do Leão, título que simbolizava o respeito e os poderes entre os senhores bretões.

Depois, o conde deu a ele a parte que lhe cabia de sua herança e ainda lhe forneceu um bom cavalo. Também lhe entregou comida e água por uma semana, além de uma capa vermelha, mas sem o brasão da família, transformando-o em um viajante qualquer, sujeito até a mendigar uma noite de abrigo.

Montando em seu cavalo, compreendeu que aquilo não era um sonho. O ex-nobre foi obrigado a ignorar a piedade de sua mãe, dos servos e das amas, acatando a ordem do pai sem opor-se a nada. Tudo o que ele

pôde fazer foi menear a cabeça debilmente e de maneira desfalecida, afastando-se em seguida.

Loan partiu para terras distantes, rumo a um novo destino, sem nenhum medo de se arrepender e sem olhar para trás, como lhe foi ordenado.

Saindo de Londres, passou por longas e densas florestas, além de estradas estreitas, viajando muito até chegar a Birmingham, totalmente convicto de que iniciaria uma nova vida, por novos ideais.

Queria nascer de novo; me lavei daquela escravidão monárquica, para encontrar a verdadeira riqueza com meu Deus! O que me fazia falta seriam os meus entes, e nada mais - acrescentou Loan à jovem. — Sabe, depois que fui banido de meus domínios, tive um exemplo para carregar por toda a vida. Meu pai pôs a honra e a posição social acima de tudo, até mesmo da família, e isso jamais farei com outra pessoa. Com clareza, tive plena convicção de que, de tudo o que foi dito àqueles homens, nada havia sido em vão. Abandonar tudo por amor a Deus era meu maior desejo, pois queria ser diferente deles. E ele sabia que eu estava lutando para tornar a vida melhor para todos e construir um lugar de amor e solidariedade para os filhos do amanhã, para que não se sujasse com a imundície chamada ganância.

Mas isso é muito triste... Como pudeste passar por tudo isso e ainda continuas perseverante? - indagou a moça.

É pela crença em Cristo, o verdadeiro Verbo do Deus Vivo. Foi pela procura obstinada desse tesouro celeste que perdi tudo o que mais amei e conquistei neste mundo. Mas, se te apegares à fé viva e não medires a potência do visível e do invisível, torná-la-ás a cura das feridas, o alívio para a alma, e será também a esperança e o bálsamo para teu coração contrito.

Ele havia dado quase tudo o que tinha para as pessoas que nada possuíam. Doara seu melhor cavalo para um pequeno e modesto sitiante, que perdera seu pangaré ao ter a pata quebrada. Como o dinheiro lhe era escasso, sem outro animal para ajudá-lo a arar a terra, o pobre, com sua esposa e filhos, certamente enfrentaria muitas dificuldades para sobreviver.

Com o ouro que possuía, Loan ajudou a muitos sem pestanejar, comprando mantimentos para quem não tinha o que comer e ainda providenciando remédios para os enfermos. Assim, demonstrou o verdadeiro sentimento de amor ao próximo, sem pedir nada em troca a nenhum deles, e logo foi se tornando amigo do povo. Todos gostavam dele, inclusive os fundadores do povoado.

Embora tudo aquilo fosse gratificante, na verdade, o que realmente queria era tornar-se um discípulo de Deus, entregar-se a Ele de coração e alma e manter sua natureza ligada a Cristo Jesus.

Ao lado de peregrinos, o cavaleiro do leão rumou para uma nova jornada. Saiu de Birmingham, indo para Kidderminster, depois Stourport. Após muitos dias, chegaram às margens do Rio Severn. Atravessando-o, pararam em Gloucester para um breve descanso. Totalmente obstinados, partiram no dia seguinte em direção à longínqua Shepton, não muito longe do Canal de Bristol. Levam alguns dias e noites, mas, para os peregrinos, isto é apenas uma simples rotina aventureira.

Chegando ao seu destino, o solitário viajante separou-se da caravana e foi a um mosteiro antigo.

O frio avançava por toda parte. As matas enegreciam quando o brilho do sol escapava ao seu alcance. Nesta hora, os insetos apareciam bailando e a claridade se afrouxava após o dia. Iniciava-se o crepúsculo.

Na abadia, os frades o recebiam com muito carinho, mas a alegria deles tornou-se ainda maior quando o abade ficou sabendo qual era a intenção daquele inesperado visitante: instruir-se nas aprendizagens religiosas, exercitar-se e passar provações a que se sujeitam naquela ordem.

Para tornar-se um monge, Loan, como noviço, passou por uma longa penitência, para a remissão de seus pecados e para a purificação da alma. Depois renunciou a si mesmo, jurando um voto solene de castidade, rejeitando os deleites da carne, os manjares desta Terra, e os perigos do vil tentador e seus sete pecados mortais para servir somente ao Deus vivente.

Após passar pelo culto de ascensão e ordenação em nome do Nosso Senhor, Horsham teve seus cabelos cortados e suas unhas aparadas; em seguida, foi cuidadosamente trajado pelos membros do mosteiro e se tornou, então, um súdito a serviço da moralidade e das leis da Igreja.

Vestido de um traje mongil, ele recolheu as roupas antigas e atirou-as ao fogo. À medida que as chamas começavam a lambê-las, seu espírito sentia estar se desenleando para sempre do perverso mundo. Pela primeira vez se rejubilou com uma paz que jamais sentira antes. E assim permaneceu por sete meses.

Em uma noite calma e serena, o novo frade dormia tranqüilo em sua simples cama, quando, de repente, um clarão surgiu rasgando o ar à sua frente e o despertou. Uma aparição surpreendente e magnífica tornou o ocupante daquele aposento aterrorizado e ao mesmo tempo alerta.

Por um longo momento, seus olhos castanhos examinaram fixamente o lume, que vagarosamente atenuava seu brilho, mostrando com clareza que a luz viva apenas abriga e protege o verdadeiro visitante. E, após alguns segundos, a luminosidade desapareceu por completo, e em seu lugar apareceu um menino lindo e de face inocente. Seus cabelos são longos e brancos como a neve e seus trajes ofuscam a visão por tamanha alvura.

Parado perante ele, a figura se pronunciou:

Loan.

Quem és tu... E o que queres de mim? - indagou surpreso.

Não temas, cavaleiro do leão, pois estou aqui por ordem do "Grande Rei", para te dar a boa nova.

As manifestações claras e determinantes daquela criança tocaram fortemente seus sentimentos, levando brandura ao seu coração, algo que a riqueza material jamais lhe daria.

Então, disse o menino:

Eis que meu Senhor, teu Deus, agradou-se de ti, pois deste aos pobres os teus bens e não te arrependeste disso; cuidaste dos doentes e ajudaste os necessitados sem pedir nada em troca. Por isso, as tuas orações, que dedicaste incansavelmente, o Senhor recebeu por bem-aventurança.

E, vendo o anjo, Loan prostrou-se na sua presença e, inclinando a cabeça para levar sua face ao chão, disse-lhe:

Não te curves diante de mim e não faças nada para me reverenciar! Deves louvar o Unigênito de Deus, dar-lhe graças e engrandecer Seu poderoso Nome.

O monge, levantando-se devagar e com os olhos inundados, indagou:

Que ato benéfico fiz para merecer essa honra gloriosa? Porventura irei contigo para o paraíso?

O emissário da luz estreitou os olhos, respondendo pela segunda vez:

Mereceste honras aos olhos de Deus com as tuas obras, e Ele escolheu-te dentre todos os homens da Terra por causa de tua caridade e coragem, pois negaste as ilusões deste mundo e enxergaste os tesouros do céu. Tu e o fruto da tua futura geração sereis abençoados grandemente. Tuas ações converterão

corações, tanto como são os grãos de areia que estão na praia. Tua mão será a rocha que passará para as próximas dinastias o que ainda há de vir, donde esmagarão a cabeça da serpente rubra através das épocas de sua linhagem, até que chegue o dia em que o Criador porá fim a todo este flagelo.

E Loan deu ouvidos ao varão, que continuou a falar que ele fora escolhido para lutar contra um terrível adversário, o qual não poderia ser morto por armas terrenas e que desencadearia um grande mal na Terra, caso não fosse detido.

Durante três dias, tu deverás preparar-te em espírito, para que não caias em fraqueza. Serás valoroso como o fogo e o broquel nas lutas, pois o que vais enfrentar é maior do que todo o sofrimento do mundo. Horsham escutou atento às revelações sobre o que estaria por vir.

Terminado seu pronunciamento, o emissário de luz se apartou dele do mesmo modo que chegou.

O monge não relutou, pelo contrário, sentiu em seu coração toda a fé se manifestando como brasa e envolvendo sua alma com o fogo da virtude. Horsham sentiu as lágrimas brotando, pois nunca antes tinha sentido tamanho conforto e o poder dos céus ao mesmo tempo. O ar do simples aposento cheirava a fragrância de rosas. Para seu fascínio, aquele aroma significava o perfume da santidade que pairava levemente no local.

E sucedeu que, após três dias, uma visão misteriosa apresentou-se às autoridades eclesiásticas das igrejas de cada país. E assim os países monárquicos formaram uma grande aliança. Cada exército seria liderado por seus comandantes, e cada brigada seria auxiliada por uma horda de guerreiros templários, no caso de o inimigo manifestar suas ações sobrenaturais. Após os países consumarem a junção de forças, reuniram-se vários regimentos responsáveis e experientes no conhecimento de guerra.

Essas instituições que foram criadas misturaram-se às ordens religiosas de padres, frades e seus membros. Além dos votos de pobreza, castidade e obediência, uma regra aprovada e muito antiga foi aceita pelo papa: tratava-se da Lei de São Bento. A diferença fundamental entre os regimentos e as ordens religiosas estava na função militar de combater com a mente pura e o coração limpo pelo supremo e verdadeiro Rei: Jesus.

Antes extinta com mão de ferro e fogo pela Igreja, agora restituída e constituída a nova Ordem dos Templários.

As ordens agiriam do mesmo modo que os templários predecessores no tempo das Cruzadas e eram formadas por três classes: a dos clérigos, que recebia a ordenação sacerdotal e encarregava-se do serviço religioso da instituição; a dos leigos, que representava o papel de escudeiros; e a dos cavaleiros, a força combatente templária, cujos membros foram recrutados exclusivamente entre os fidalgos, cabendo somente a eles o governo efetivo dessa ordem, bem como de suas províncias.

Para mim, aconteceu um fato inédito. Estava na capela rezando, com o crucifixo em minha mão direita, consolidado na plena comunhão com Deus, quando notei a presença de alguém que se aproximava pela porta da frente. Imediatamente avisei meus irmãos de fé e fomos até lá para recepcionar o visitante. Ao abrir a porta, vimos uma horda de soldados ingleses que haviam cercado o local, sob o comando do lorde cardeal.

Meus lábios e os dos meus irmãos frades ficaram cerrados ao mesmo tempo. A seriedade estava estampada nos rostos daqueles soldados e monges templários; um a um fitaram-nos em meio a tochas, na hora em que o lorde cardeal se aproximou de mim e, com lágrimas nos olhos, ajoelhou-se para implorar minha ajuda. Pediu a mim e aos membros clericais que o acompanhássemos. Cada militante, em seu momento íntimo de reflexão, fez o mesmo, abaixando suas longas lanças e tochas em reverência ao escolhido.

Ninguém pronunciava uma palavra sequer, ninguém se movia. Em todo aquele lugar o silêncio rezava em cada coração bretão. O que se passava nas almas daqueles homens de armaduras de malhas de ferro? Segurança, medo, dúvida ou havia uma forte crença, a mesma que o emissário do Deus Todo-Poderoso havia me presenteado?

No início ficamos apreensivos, mas logo fomos aliviados por suas palavras. O cardeal disse que vinha em nome da paz e que também tinha uma mensagem para minha pessoa. Falou-me em nome de todos os conclaves e prelados: que um anjo de luz mostrara a eles em visões, por meio de sonhos, os terríveis fatos que estavam prestes a sobrevir. Não tinha mais dúvida alguma: Deus tinha um plano de força para minha frágil existência.

A alguns membros da Igreja, por possuírem o temor e a obediência à doutrina divina, foi concedida a visão de que Loan havia sido escolhido para ser um cavaleiro ungido de luz, um guerreiro iluminado que traria a paz duradoura e o terror nas almas de todos os inimigos de Cristo: por ser donzel, não possuir nenhuma mácula carnal, ser abstinente, humilde e ter a prudência como virtude, ostentando um coração puro. A ele foi dada, como privilégio, a autoridade de liderar o exército britânico, sem chance de recusa. Pelas mãos do primaz, Loan recebeu novas vestimentas de guerrilha, tendo estampada, no peito da armadura, a cruz de malta - símbolo da ordem templária. Sua missão seria dizimar os adoradores da besta e manter a lei religiosa e primordial do cristianismo.

Alguns lordes protestaram a respeito, principalmente o chanceler, mas a Igreja reprimiu tal objeção, efetuando ordens papais das mais rígidas, para o apoio total a Horsham.

A Irlanda e toda a Grã-Bretanha uniram-se a Loan, em Birmingham, dizendo:

"Eis que somos o teu braço e a tua espada!"

Também vieram todos os monarcas e sacerdotes de vários reinos para aquele lugar onde o "cavaleiro do leão" fez com eles um juramento de alma. E, perante os olhos de Deus e dos homens, o cardeal untou com óleos consagrados as cabeças dos paladinos escolhidos para comando, para que eles recebessem as graças divinas e trouxessem, aliadas à sua coragem e força, a vitória de suas nações.

3

Todo o sul e sudoeste da Inglaterra se renderam de forma aterradora aos celtas, que, juntamente com os saxões de intenso poderio, conquistaram a França; em seguida, atravessaram o Canal da Mancha, invadindo aquele país, destruindo cidades e queimando vilas. Ricos e pobres, nobres e servos, plebeus e alforriados foram encurralados sem terem para onde fugir ou se esconder. Uma enorme multidão de dois mil patriotas foi impiedosamente massacrada. Homens foram enterrados vivos dos pés até o pescoço, para terem suas cabeças pisoteadas pelos corcéis dos cavaleiros inimigos. Crianças foram despedaçadas e as mulheres grávidas, atiradas ao fogo. E fizeram isso só para não terem de lutar com a próxima geração de cristãos.

Em Londres, por vários e tenebrosos dias, soldados e mercenários do conde Horsham tentaram resistir à pressão mortal dos bárbaros saxões, mas a máquina de assédio inimiga obteve uma grandiosa vantagem sobre suas tropas. Os anglos haviam rompido a forte resistência do castelo. Alguns deles conseguiram escalar a alta muralha com cordas, outros por meio de escadas, porquanto um grande exército havia conseguido derrubar o maciço portão. Do lado sul, os grupos de vigias foram facilmente vencidos. Os inimigos se agruparam e, bem enfileirados, dispararam flechas de suas bestas simultaneamente. Dois tentaram reter o ataque com os escudos, mas foram surpreendidos por lanças hábeis que zuniam ao vento, indo atravessar a parótida de um deles, que tombou sem desferir um suspiro sequer, e o peito do outro, que caiu muralha abaixo.

Aquele era o dia vermelho, misturado à carne chamuscada por óleo quente e membros despedaçados. Os sons eram agora os brados de ira e medo dançando no ar. Os saxões haviam tomado o castelo Horsham. Todos haviam sucumbido ante as armas e o poder de selvageria daqueles que foram enviados a Ragnarók.

Próximo dali, as planícies inglesas são constituídas por terrenos sedimentares, alternados de camadas resistentes e friáveis, o que resulta num relevo típico: as rochas sólidas são formadas de calcários e arenitos.

Contudo, na Bacia de Londres, onde se originam diversas das demais elevações da região, exatamente ali desenrolou-se uma batalha brutal. O exército do Reino Unido lutou corajosamente com esperanças de repelir as forças rebeldes que dominavam a batalha.

Os brados eram constantes, enquanto espadas e lanças afoitas visitavam as entranhas dos adversários. Mas as brigadas destroçadas dos inimigos fugiam em pânico quando as forças de Loan Horsham, o valoroso paladino do leão, os perseguiram com fé em seus corações, gritando em alta voz louvores ao Deus vivo. Dessa forma, os lobos vorazes foram reduzidos a cordeiros assustados, e os poucos que sobraram não podiam compreender como eles, sendo os mais hábeis e os mais bem armados, foram facilmente vencidos por aquele esquadrão de soldados, sendo que a maioria era constituída de fazendeiros e camponeses.

E as turbas de combatentes celtas de tudo fizeram para resistir ao ataque de selvageria pura dos bretões, que neste instante os assolava. Os três primeiros a avançar perderam a vida estripados pelos golpes da afiadíssima espada de Loan.

Um dos rebeldes largou sua lâmina, já que o escudo não mais existia, numa tentativa inútil de segurar as próprias víceras que se derramavam da barriga aberta. Outro celta, não gostando do que viu, lançou traiçoeiramente sua lança contra as costas de Horsham, mas, por um súbito instinto, ele se desviou com grande velocidade, indo calar para sempre o outro combatente, que segurava as entranhas em suas mãos ensangüentadas. O soldado olhou para Loan em estado de choque ao ver seu companheiro de combate empalado, cujo corpo deslizava inerte no cabo da lança rumo ao chão carmesim. Ao mesmo tempo, ficou admirado com a agilidade daquele inglês, pois nenhum homem que usasse uma armadura daquelas jamais se esquivaria da forma que ele fez.

Voltando em si seu espírito de animalidade, o soldado celta desembainhou a espada e, desprendendo um grito de ódio, correu ao encontro de Loan. O cavaleiro templário também correu na direção do seu inimigo e, rápido como relâmpago, o celta foi abatido num simples zumbido de lâmina, forçando a garganta a cuspir sua cabeça metros adiante. Com a armadura pintada de sangue, Loan apenas se virou para avaliar o resultado de seu feito.

Seria preciso um oceano de palavras para descrever tamanha matança. Melhor seria apenas dizer: "Quando o clangor desta batalha terminará?".

Agora o campo estava cheio de cadáveres mutilados e nenhum soldado celta sobrevivera.

Do lado oposto, os guerreiros sobreviventes e muitos dos feridos levemente comemoravam a vitória de pé, com toda a euforia; outros, ajoelhados, recuperavam lentamente o fôlego, em meio ao rio vermelho.

Toda vez que Loan erguia sua espada era como um estandarte-guia para um novo combate. Vencida a batalha, uma estrela luminosa anunciava que a procurada vitória resplandecia diante daquele povo. A alegria e o louvor para o Pai Celeste, ante o obstáculo vencido, eram explícitos em seus rostos, mas também perdurava a tristeza e a dor deixadas por aqueles que haviam partido.

Verdadeiros varões de honra e coragem, que deixaram para trás seus pertences e suas famílias para lutar por suas terras e edificar o nome de Deus, tornaram-se mártires para os que ficaram e exemplo para gerações futuras.

Então, essas tropas partiram para Hackney, com destino a Wandsworth, em Londres. Chegando próximos às correntes do Rio Tâmisa, pararam. Em seguida, os fadigados homens montaram acampamento no local para poder passar a noite, porque o sol já era quase posto.

Loan recusou o conforto das tendas e escolheu alguns soldados para que ficassem de sentinela durante algumas horas, enquanto a maioria preparava-se para dormir. A seguir, pegou uma das pedras daquele

lugar, envolveu-a com sua capa salpicada de sangue seco e a fez de cabeceira, deitando-se no solo frio. Adormeceu, então. Pela primeira vez, em doze dias de guerra, dormiu profundamente.

E sonhou... Viu dois seres que investiam um contra o outro, numa luta infinda, que nenhum deles conseguia vencer: uma águia branca lutava contra um enorme e demoníaco dragão escarlate, cujas cabeças são símbolos dos pecados mortais.

De repente, a ave mística foi atingida na asa pelas venenosas garras do enorme réptil. E, diante da grave agressão sofrida, suas forças escaparam de sua matéria, e as asas pesaram a ponto de ela cair num baque forte no chão.

Totalmente imobilizada e fraca mediante o terrível confronto, nada podia ser feito, ficando totalmente à mercê de seu adversário. Parecia o fim certo, pois o ser feito de trevas se aproximava revoltado, ocultando toda a esperança de que a ave pudesse sobreviver.

Ele estava totalmente determinado a esfaçalhá-la, de tal modo que não restassem vestígios do inimigo para enfrentar novamente.

De novo, os músculos da criatura se retesaram e, quando as unhas vorazes estavam perto de alcançar seu objetivo, surpreendentemente um relâmpago foi cuspidos dos céus, atingindo a fera bestial, que gritava com lamentos pungentes, fazendo estremecer todo o firmamento da Terra.

O demônio nada entendera daquele ataque brusco, enquanto seu enorme e pesado corpanzil se arrastava em caminho reto sobre o pó da terra. Seu orgulho foi maculado, coberto pelos tecidos da hesitação e do vacilo, entretanto suas mandíbulas malditas pressagiavam a vingança e a morte contra aquele que ousou afrontá-lo.

Então, de súbito, a abominação reptiliana finalmente sentiu, sem nenhuma sombra de dúvida, uma mudança. Ouviu cantares de anjos e de arcanjos que louvavam incessantemente o nome Daquele que se chama Santo e Supremo, que é exaltado e elevado o Teu pensamento, pois grande é o Seu poder.

A fera rugiu com grande ira, soltando lufadas de enxofre de suas muitas narinas, mas uma luz, embora fraca, distante e vinda dos altos céus, esbofeteou os olhos vermelhos do monstro, que se retraiu num ato de assombro. As nuvens vinham alvas, flutuando soberanas no céu, e a aurora que estava por trás delas vinha expulsando aquela paisagem espectral.

De repente, naquele momento solene, houve um novo clarão, como se as massas anuviadas tivessem lançado um arco-íris branco ligando-as à terra. Em forma de uma ponte arqueada e causticante de brilho, a besta escarlate bramia e sibilava de ódio, como se adivinhasse o que estava por vir. Em sua forma extrema, desprendia faíscas, e sobre ele vinha retumbando pelas nuvens um grande leão incandescente, que desceu sobre a ponte iluminada, desprendendo de sua boca um rugido, que saiu com grande estrondo. A criatura da escuridão se sentiu inquieta, assistindo à cena em rosnados, como se estivesse tomada por um desespero repentino, vendo com terror seu pior inimigo se aproximar rapidamente dela. Com toda a imponência e poder, o leão pôs-se entre o dragão e a desfalecida ave caída, que piava num apelo de socorro.

O belo animal, contemplando sua angústia, seguiu em seu socorro e, com todo o cuidado, tocou-lhe a asa ferida, realizando uma cura milagrosa por meio da chama que brotava de sua pata. Mas não cauterizou apenas a parte ferida, e sim realizou a cura da chaga fatal, que já se alastrava por seu corpo. Agregando renovadas forças, abrindo intensamente suas asas e sentindo-se ainda mais forte do que antes, a águia devolveu-se ao céu.

Então a fera flamejante voltou sua atenção ao sáurio bestial. Rugindo com os sons de muitos trovões, lançou-se contra a criatura rubra. O dragão-demônio não esperou pelo ataque e, bradando para o leão, atirou-se encolerizado ao seu encontro.

Foi grande o estrondo causado pelo choque dos dois. Eles se combateram de forma árdua e ferina, como verdadeiros titãs. Lutaram ferozmente, até que o felino de chamas douradas pisoteou a cabeça-líder da besta, cuja boca vomitava injúrias contra o Reino do Altíssimo.

No ar, a ave branca resplandeceu como a luz das estrelas, crocitando num tom ecoante, imergindo contra o dragão-maligno, que já se encontrava subjugado. E as garras do pássaro iluminado arrancaram das órbitas os olhos da besta-fera, para que não mais engane a humanidade com suas burlações astutas. Desprendendo maldições de sua boca imunda e possuída pela ira, o monstro foi horripelantemente tragado pelo poço da própria cegueira, e nunca mais seria visto.

Acima dos dois animais, o pássaro e o leão, um Ser fulgurante como o Sol fez-se presente. E, com uma voz mansa e serena, falou-lhes:

Sou vosso Deus e Criador. Há muito contemplo vossa obediência e a fé que habita vossos corações, semelhantes a uma rocha inabalável, pois não se deixam burlar pelas trevas e nem pelas riquezas temporais. E por isso os abençoarei, darei a vós a semente da minha Palavra. E dela nascerão os filhos valorosos, que combaterão as hostes malignas e darão uma visão além àqueles que ainda não veem. Eis que estarei convosco e vos protegerei por onde quer que forem. De ambos farei jóias de minha coroa e não vos deixarei até que hajais feito o que vos digo.

Assim que as expressões verbosas e repletas de luz penetraram fundo no coração dos dois seres, eles olharam um para o outro e, para espanto de ambos, admiraram-se: o leão de fogo havia se transformado em um homem, enquanto no lugar da águia luminosa surgira uma linda mulher. E eles estavam trajados com vestes inigualáveis, com brancura jamais vista na Terra.

Após presentear um ao outro com um sorriso angelical, os dois ataram as mãos e caminharam felizes para o lume celeste.

Despertando repentinamente do sono, os lábios de Loan começaram a murmurar: O Senhor esteve aqui comigo, neste lugar; deu-me novamente a graça desta visão.

Tremendo, prostrou-se de joelhos e disse:

Meu Deus, por que mostrais para este servo indigno essas revelações?

Ouvindo apenas o ruído do rio, e olhando fixo para o céu, mais uma vez indagou:

Que inimigo será este que assolará ainda mais esta terra tão sofrida?

Novamente os sons da natureza:

Nesta visão, no meu entender, represento o leão candente; mas quem é a mulher que ostenta o símbolo da águia? Porventura ela é a chave que preciso para vencer o mal?

Mais uma vez o silêncio perdurou, como resposta ao seu apelo. Entretanto, persistindo na fé que habita seu coração, o cavaleiro proferiu palavras em tom baixo, de oração. E sua exaltação seguiu por horas.

Em plena madrugada, Loan se levantou um tanto entristecido e, pegando a pedra que havia usado como cabeceira, guardou-a na sela de seu cavalo. Em seguida, juntou-se a seus homens antes do alvorecer para o desjejum, reuniu as tropas e prosseguiram a viagem,

Chegando a Wandswoth, ali pararam para se reabastecerem de provisões. Na cidade, todo o regimento se dispersou: uma parte encaminhou seus cavalos às cocheiras para alimentá-los, outros deles foram ao ferreiro no intuito de consertar ou afiar suas armas, e alguns poucos buscaram cerveja nas tavernas, para limpar o pó de suas gargantas secas.

Os olhos curiosos dos valentes homens foram atraídos pela deslumbrante feira, situada na rua central da cidade, por onde, em meio a inúmeras mercadorias e tentadoras ofertas, Loan e seus homens trafegaram em silêncio, observando, muitas vezes, mulheres devassas que se ofereciam a todos que por ali passavam e mercadores desonestos, com suas eloquências astutas.

O líder guerreiro estava apreensivo, pois estavam em um ninho de víboras, no centro do furacão e, contudo, nenhuma emboscada havia sido efetuada. Muito menos um alarme sequer. *O que será que os saxões e os celtas estariam planejando?* pensava ele.

Enquanto isso, na taverna "Gralha Cinzenta", alguns dos seus muitos homens, cansados pelo tédio de nada estar acontecendo, lançaram-se ao prazer embriagante do vinho. Os cônjuges infiéis buscavam consolo e

se curvavam ante as falsas carícias das rameiras da estalagem, cometendo todo tipo de concupiscência, que suas esposas jamais fariam.

De repente, em meio à euforia dos beberrões, um grupo de homens de semblantes sisudos adentrou sem ser notado, pois muitos soldados já se encontravam embriagados e vários deles estavam entregues à devassidão. Despreocupados e descuidados, ignoraram por completo a presença dos estranhos que os circundavam como uma matilha esfaimada.

A única recepção foi a do cão do taverneiro, que surgiu sorrateiro em meio às mesas dos fregueses, iniciando seu ladrido contra aquela horda. Apesar do desdém dos indivíduos, o animal continuava a mostrar seus dentes e a rosar ameaçadoramente, até que uma figura misteriosa, vestida com um casaco largo, tendo a cabeça coberta com estranho capuz púrpura, entrou pela porta principal da taverna. Removendo a cobertura sobre a cabeça, revelou ser uma bela e deslumbrante mulher. Os olhos da *lady* de cabelos esvoaçantes fitaram firmes os do animal. Então, a atitude do cão mudou totalmente. De latidos selvagens passou a dar gemidos assustados, vindo a fugir do local.

Ela contemplou um risonho soldado terminando de esvaziar sua caneca de cerveja. No mesmo instante em que ela piscou, uma espada voraz riscou o ar, decepando a cabeça daquele que havia dado o derradeiro gole.

Os olhares aterrorizados dos presentes mesclaram-se aos grunhidos de fúria dos adversários, que apenas esperavam por um sinal para poder dar início à sua sanha assassina.

À medida que as mãos de alguns combatentes deslizavam sorrateiras ao cabo de suas lâminas, o braço feminino da misteriosa diva se levantou para o alto. Então, o grito de guerra foi anunciado pelos lábios da desconhecida, oprimindo a esperança de muitos que ali estavam. E a investida deu origem a uma batalha sangrenta, enquanto sua líder nada mais fazia: somente observava.

Atemorizado, o dono da taverna abrigou-se às pressas detrás do balcão. Ele se manteve imóvel, pasmado perante a carnificina que se desenrolava em seu estabelecimento. As peles dos assassinos foram banhadas pelo líquido espesso que brotava em abundância das veias arteriais de suas vítimas, bêbadas demais para poderem manter-se de pé.

Aquela mulher macabra assistia a tudo dando gargalhadas que arrepiariam as rochas mais resistentes. *Era um espetáculo maravilhoso*, considerou ela. O som descomunal das armas em atrito, a luta mortal daqueles blocos de homens enlouquecidos para matar, e outros desesperados para sobreviver, envoltos numa perfeita comunhão avassaladora; tornava-se um casamento de sangue e ódio.

O número de corpos despedaçados por lâminas aumentava; alguns gravemente feridos, mas ainda vivos, contorciam-se como cobras no chão. Mais aterrorizante que o gemido dos desditosos mutilados, das cadeiras e mesas destruídas, eram os gritos selvagens dos guerreiros e o rumor de espadas e machados implacáveis desunindo a carne dos ossos dos presentes.

Dizendo uma frase, a fêmea áspide proferiu seu ultimato:

- Que as almas dos que nos enfrentam pereçam no fogo do tormento eterno, pois eu sou o caminho destes que me renegam! E acrescentou de maneira sarcástica: Sou a perpétua MORTE!

Naquele mesmo instante, as feições da mulher estranhamente mudaram. O nariz e o queixo modelados, os olhos grandes e belos dominavam sua fisionomia. Os cabelos longos e lisos, pintados pelas trevas, e a pele branca adotavam uma forma indizível do ego profano e inexplicável do horror, despertando a atenção daqueles que permaneciam em combate.

A filha do obscuro aproximou-se um pouco mais e, com toda a aberração formada diante dos presentes que ainda restaram, ela cravou as unhas das mãos, uma em cada lateral da face, arrancando todo o rosto.

O terror dominou ambos os lados. Eles ficaram sem saber o que fazer, se atacavam aquela criatura ou se incitavam um duro conflito para que se matassem uns aos outros; já que a alternativa de fugir daquele lugar ficara totalmente fora de questão. De repente, uma força invisível estilhou o aço de seus instrumentos cortantes, privando-os de qualquer esperança de sobrevivência. Um redemoinho formou-se

em volta dela, enquanto sua face foi ao chão, derretendo-se no piso, semelhante ao chumbo que é atirado ao fogo.

Um vento quente emanou ligeiramente sobre o grupo de homens aflitos, e um poço negro surgiu bocejando, no lugar que dantes habitado por um rosto, que momentos atrás apresentava o lindo semblante de uma deusa.

De súbito, serpentes ardentes jorravam de dentro daquele buraco escuro, bramindo sons de arrepiar. Alertados pelo bramir das anomalias, alguns homens reuniram o pouco de coragem que lhes restava e, empunhando todo tipo de destroços, resolveram encarar os demônios. Mas antes que pudessem expressar qualquer tipo de reação, os répteis incandescentes se lançaram nas parótidas dos audaciosos combatentes ou enrolaram-se em seus corpos.

Eles se contorciam desesperadamente, sentindo o brasido toque das coisas diabólicas; num dantesco calor, os pulmões e as entranhas foram queimados, à medida que iam apertando-lhes violentamente a carne. Os dentes em brasa das cobras laceravam as gargantas dos soldados, que nada mais podiam fazer, senão tornarem-se frutos maduros, prontos para serem colhidos pela morte. Nem mesmo o inocente proprietário da taverna escapou ao ataque voraz das abominações, que, num golpe mortal e certo, extirparam a dentadas os seus pulmões.

De repente, todo o recinto passou por um tipo de explosão. O enxofre e o fogo alastraram-se por todo aquele lugar, inclusive por algumas casas que estavam próximas.

Devido ao estrondoso barulho, os olhos dos habitantes se assombraram e as faces de muitos empalideceram, despertando a atenção de Loan e de seus homens, que correram rapidamente para o local da tragédia, tendo sempre as armas em punho. Olhando para aquela gigantesca fogueira, Horsham observou atônito, sem saber como aquilo teria acontecido. E, imóvel, passou alguns minutos observando o acontecimento funesto, juntamente com os outros guerreiros e com os pacíficos e assustados moradores da cidade. O local estava sendo tomado por uma cordilheira combustiva e a fumaça negra se assimilava a nuvens piroclásticas que iam moldando imagens e formas de monstros famintos, cujos braços gasosos se estendiam para a platéia aflita.

Com tristeza pelos companheiros, ele nada pôde fazer, além de assistir às chamas ardentes incinerando seus desventurados corpos. Porém, os habitantes olhavam para o intenso fogo e tinham os cabelos eriçados de pavor, ao verem, no incêndio, uma figura encapuzada, envolvida por uma túnica enorme, surgindo daquele cenário infernal, parecendo uma fênix que emerge do fumo de uma fornalha. Abandonando a parede ardente atrás de si, a figura satânica pronunciou-se insolentemente, num desafio ao comandante cristão:

Loan, o gladiador do leão celeste, um néscio sincero, um inepto desviador das coisas mundanas e um serviçal de meu inimigo!

O tom das palavras daquela feiticeira fez com que os soldados erguessem seus olhos turvos rumo ao comandante. E, aproximando-se de Horsham, um dos homens falou:

Capitão, este demônio que saiu do fogo declarou conhecer-te. Por acaso, fazes parte disto?

Ele ignorou as críticas do vassalo porque seu coração estava coberto de tristeza: os mesmos homens que outrora lutaram valentes ao seu lado agora estavam mortos; e os outros, desconfiados dele, mediante a declaração ousada daquela bruxa, que dissera ter o devido conhecimento de sua pessoa.

Virando-se em direção ao macabro ser, disse-lhe:

Quem és e donde vens? Que mal fiz para receber a tua violência e a dúvida de meus soldados, execrável criatura?

E a figura maligna respondeu:

-Tu serves a um Deus inútil, e ainda deseja nos desafiar? Escutai, ó servo ignóbil. Desiste de lutar em vão, e una-se à sua "verdadeira mestra". Presta-me reverência ou morrerás como um fraco que és!

Então falou Horsham:

Um dia morrerei, ser bestial, mas como um verdadeiro cristão, e não como tu queres: será com uma espada na mão e com louvores a Deus nos lábios! Não estarei de joelhos quando a vida de meu corpo for tirada! - completou Loan, com ira.

Sua posição ereta, numa atitude de desafio à oponente, foi elogiada por ela, ironicamente:

Ha, ha! Para um mísero mortal, até que tu ostentas fortes palavras, filho da Inglaterra!

Com a rapidez de um gato, um dos soldados bretões transpôs a multidão assustada e, com um machado nas mãos, arremeteu violentamente o mortífero instrumento contra a rainha do mal que ali permanecia.

E ela, voltando a face oculta para o agressor, apenas gesticulou para que uma força invisível devolvesse o metal prateado e pesado ao verdadeiro dono. Da mesma forma que foi, retornou, atravessando brutalmente a armadura, indo alojar-se na frágil carne do soldado, destroçando-lhe as costelas e o coração. O desventurado nem teve tempo para gritar, caindo no chão áspero, segundos antes de as trevas da morte extinguirem sua chama de vida.

A mórbida visão instilara, com um impacto, o medo no coração de muitos. Irrompeu, então, o desespero na maioria da multidão e as pessoas correram para todos os lados, tentando buscar a segurança de seus lares.

A última coisa de que aquele inglês vai se lembrar é do terror estampado nos rostos da aglomeração de gente em fuga, desfalecendo ainda mais a fé de seu coração. Naquele momento, os gritos de mulheres e crianças devolveram à brigada o ódio animalesco, e eles, vagarosamente, avançaram.

Mas, cansado de ver tamanha matança, o grito de Loan Horsham ecoou entre eles:

Parai! Não deixeis que vossas mentes se corrompam dessa forma! - E o ativo inglês puxou a espada da bainha, intervindo, ao colocar-se entre a diabólica mulher e seus homens, que gritavam por vingança:

Saia da frente, capitão, ou nós te desmembraremos juntamente com esta serpente!

Loan respondeu:

Esta terra será amaldiçoada se uma gota de sangue dessa feiticeira for derramada aqui!

A ímpia, admirada com o confronto de Loan e seus soldados, removeu o capuz, revelando o brilho de sua beleza demoníaca. E, com um sorriso sarcástico, ela declarou a Horsham:

És realmente um valoroso combatente, servo do leão. Mas, cuidado, pois nosso reencontro será inevitável; e, quando isso ocorrer, aí então testarei tua bravata.

Ao dizer isso, a filha de Sabath elevou os braços para o alto e, por segundos, todos os olhos se fecharam com uma luz reluzente que parecia irromper dos portões do tempo e do espaço.

E, assim, quando os olhos do estupefato povo se abriram, nada mais restava naquele lugar, a não ser uma fumaça florescente e fétida, juntamente com as cinzas quentes e fumegantes de seus mortos.

Após haver se recuperado da ação desesperada, Loan nada mais respondeu e, desviando a atenção, olhou para o céu. Seus ouvidos testemunharam os lamentos de muitos que, indignados, encaminharam-se para diferentes lados, ficando apenas ele, um homem desalentado que permanecia em pé e totalmente parado no meio daquela rua central.

A noite caiu e a cada hora havia a expectativa de que alguma calamidade voltasse a suceder. Os soldados bretões reuniram-se em vários grupos e comentavam, em murmúrios, a atitude do líder. Eles acreditavam que Loan tivesse traído a Ordem Sagrada, pisando nas leis de Cristo e abandonando sua Pátria, pois havia intervindo a favor de uma serva do diabo ao frear o ataque da turba. Loan teria de ser punido por esse crime, e, se falhassem, seus homens acreditavam que um grande castigo viria das mãos de seus superiores, que os lançariam impietosamente à fogueira. Mas como poderiam condenar seu comandante se essa questão é debatida somente pelos membros do tribunal eclesiástico que compõem a Inquisição?

Durante a sórdida reunião, um deles acabou por dizer que, como Loan estava perturbado diante de tanta violência, talvez não tivesse parado para refletir sobre quantos perderam a vida naquele incêndio. Decidiram então que, assim que ele fosse dormir, enviariam um homem de confiança, sem o conhecimento de seu superior, para levar a falsa notícia para Birmingham: a heresia de Loan Horsham.

Costumeiramente, o guerreiro-chefe afastava-se das tropas, para orar sozinho, e em seguida repousar seu fatigado corpo. E assim o fez naquela noite.

Os traidores, vendo que era a oportunidade esperada, sem mais delongas, enviaram um mensageiro a Birmingham.

Enquanto isso, durante a oração, Loan foi vencido pelo cansaço da debalde luta, vindo a adormecer rapidamente.

O sonho invadiu-lhe a mente pelas nuvens brancas do desconhecido e ele ouviu um chamado atrativo, fraco e longínquo. Era seu nome que ecoava por espaços infinitos e pelo túnel do tempo.

Sem nenhuma arma para defesa, apoiado em sua pouca fé em Deus, mesmo fraco e confiante no instinto de guerreiro, Loan atravessou a neblina fria, alcançando um corredor luminoso. À sua frente viu uma escada adornada de jade e subiu por ela. Seus olhos admiraram tamanha suntuosidade. E assim escalou degrau após degrau, até atingir o alto, onde uma figura de vestes brancas aguardava-o pacientemente.

O quê? Quem és tu, um fantasma? - Palavras de temor foram ditas pelo guerreiro, que retrocedeu.

Não temas, sou eu. Já não te lembras mais de mim, guerreiro contrito? - respondeu o ser divino que se aproximava vagarosamente do homem.

Como saberei se tu não fazes parte das artimanhas daquela bruxa? - indagou.

Escute, homem de alma ferida, assim como um seixo atirado ao mar é levado aos lugares mais distantes da imensidão, as epopeias do mundo terreno abalaram o equilíbrio celestial.

A voz do anjo alertou o coração de Loan, que parou de falar, deixando apenas seus ouvidos colherem cada dissertação que o emissário de luz lhe transmitia. Estava bem consciente daquilo, de que o ser à sua frente era verdadeiramente um guardião militante de Deus.

O Senhor, nosso Deus, tem te observado atentamente, Loan, filho do leão ardente. Entristeceste o coração do Criador e envergonhaste Seus olhos com tuas obras. Destes ouvidos ao Pai, mas na missão que te foi enviada, pela falta de discernimento, permitiste que teu inimigo te confundisse, fazendo-o agir conforme a própria vontade dele.

E acrescentou:

E por causa da tua inépcia, batalhas duríssimas virão a ti, entre as quais tu mesmo poderás condenar o futuro de todos os seres viventes.

Então, Loan replicou:

Sê mais claro, porque não entendo o que queres me dizer!

Vem, mostrar-te-ei tudo o que for necessário para que possas entender.

Mesmo um tanto desorientado, o guerreiro obedeceu.

Então, o anjo passou os dedos reluzentes em sua frente. Em instantes, Loan foi arrebatado em espírito e ouviu atrás dele uma dantesca voz, como a de um trovão:

O que presenciáras, grava na tua memória e envia como mensagem para as igrejas, para que tenham a doutrina da Lei, pois só assim fugirão da ira do inferno! Olhe por entre a janela dos mortais e verás o que poucos tiveram a oportunidade de contemplar.

Mesmo com receio, Loan novamente submeteu-se à divina voz, aproximando-se lentamente. De repente, uma brisa abriu a janela celeste, causando espanto aos seus olhos. E o terror invadiu-lhe a alma.

Viu, então, o futuro da raça humana: a luta entre os Estados da Europa se iniciaria em 1914, durando quatro anos. O cruzado percebeu os motivos sem fundamento e contemplou embasbacado aquelas visões. Seus olhos colheram, sem acreditar, os frutos da evolução do homem. Máquinas motorizadas em vez de cavalos, metralhadoras e granadas e terríveis bombas atômicas substituirão os arcos e as flechas, as lanças e catapultas tornar-se-ão totalmente obsoletas mediante uma era que virá.

Ele sentiu-se impotente, cético e admirado, porém nauseado e frouxo com o choque das cenas: o antagonismo germano-eslavo nos Bálcãs, as ambições colonialistas da Alemanha e a corrida

armamentista intensa na Europa a partir de 1905. Seus olhos testemunharam que mais de oito milhões de pessoas perecerão, e que vinte milhões ficarão gravemente feridas.

A imagem de um novo inferno apresentou-se diante do cavaleiro: a sombra da Segunda Guerra que se alastrará como uma praga no ano de 1939, quando alemães invadirem a Polônia, a Inglaterra e a França, e estes países declararem guerra a eles. Por isso, milhões de pessoas perderão inocentemente suas vidas.

Ao olhar perplexo do cavaleiro, homens ditadores e políticos ousadamente apareceram desafiando os céus em busca do poder. Falsas seitas recheadas de dogmas, por meio de profetas enganadores e blasfemadores, tentavam seduzir toda a humanidade.

Multidões de pessoas, em noites e noites, ignoravam as disciplinas cristãs e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, para concluir pactos de sangue em nome de entidades do mal, em encruzilhadas, cemitérios, florestas e locais satânicos, na desesperada busca por fama, riqueza e prazeres da carne.

A ciência, aliada à ganância, avançava em grandes proporções, buscando suplantar a lei da criação divina, por meio de clonagens humanas, de animais e de alimentos transgênicos. Viu o uso de células-tronco não para o benefício humanitário, mas para fins egoístas e ambições desmedidas. A água, um presente do Todo-Poderoso para todos os seres vivos do planeta, estava sendo armazenada em dutos e comercializada a preço de ouro.

O templário observa, com tristeza, loucos contestando com divagações extremas os feitos de Deus e tentando igualar-se a Ele, com suas novas criações, achando-as são perfeitas, pisando de forma vergonhosa nos Mandamentos Sagrados. Outros, negando Sua santa existência, afirmando que a humanidade fora gerada por extraterrestres ou que tem grau de parentesco com os símios.

Ao vislumbrar os cristãos sendo caçados como animais, suas córneas se inundaram de amargas recordações. O amor e a fé de muitos se esfriam diante de tanta opressão em suas provações.

E o guerreiro viu a natureza se vingar dos homens, com furacões, vulcões, tsunamis, terremotos e outros flagelos, como castigo por sua abusiva ganância.

Pasmado diante das cenas aterrorizantes mostradas pelo emissário de luz, Loan tentou desviar a atenção, mas inexplicavelmente seu rosto petrificou-se e seus olhos se recusaram a fechar.

- Eis a fonte de todo esse sofrimento! - afirmou o ser divino.

As visões tornaram-se cenas gigantescas, criando uma tempestade de imagens que penetraram em sua mente.

Ele observou outro anjo, o mais belo e mais grandioso de toda a falange, mas que, por sua desobediência em desafiar o Criador, teve a ignomínia de ser rejeitado por Deus e, em seguida, expulso do Paraíso Celeste.

Lançado pelo Arcanjo Miguel por dimensões incontáveis, proferia, em sua queda, blasfêmias de vingança contra Aquele que o repeliu. Caiu na boca esfomeada do inferno, onde a fome de almas nunca é farta, e os globos oculares dos homens se fecharam para não vislumbrar os horrores que lá habitavam.

Loan sentiu o aroma de frescor de seu acompanhante. O medo que habitava em sua alma se extinguiu, dando-lhe ao espírito a segurança imposta pela presença serena daquela luz.

O demônio deseja a primazia total sobre a raça humana, pois a guerra em que tu combates é insignificante comparada à trama que essa criatura abissal planejou.

E prosseguiu:

Em seu projeto maligno, ele pretende distorcer as Sagradas Escrituras e alterar o futuro da Terra.

O cavaleiro continuou imóvel, porém alerta. De repente, um grito de expulsar o coração pela boca escapou dos seus lábios, enquanto seu corpo oscilava para trás. Ele vislumbrou multidões, nações inteiras de seres humanos, ricos e pobres, homens, mulheres e jovens, estendidos nus, horizontalmente na terra, proferindo num coro desordenado toda a sua agonia. Seus ventres rasgavam-se de dentro para fora, num processo mesclado de dor e loucura infinita, roubando a visão dos moribundos, que mal conseguiam enxergar um vegetal lenhoso e bizarro, de aspecto monstruoso, emergindo de cada um deles. As raízes

repugnantes agora serpenteavam ousadamente sobre os cadáveres e, ao encontrarem um lugar apropriado, penetravam profundamente em suas carnes, músculos e nervos, passando de forma incisiva e brutal, indo fixar-se nas partes articulares dos ossos.

Os corpos se empalideciam à medida que as raízes sugavam os fluidos vitais daquelas figuras que um dia foram humanas, nutrindo as árvores arcanas, que revigoravam-se com o hospedeiro, após seu nascimento. Agora eram as árvores que se tornavam hospedeiras de uma geração de demônios.

A floresta macabra só tinha um objetivo: extinguir todos aqueles criados à imagem e semelhança de Jeová, para depois repovoar a Terra com uma nova e profana raça; tudo para impedir o "Juízo Final". De repente, um semblante satânico apresentou-se na janela mística, fazendo Horsham retroceder.

Meu Deus!

O anjo respondeu, com toda a mansidão de sua voz:

Não temas, estás protegido nas mãos divinas do Criador; o demônio não o vê. - E tranquilizando-o: - Não é contra os tormentos terrenos que o Senhor te quer em combate, mas sim contra as hostes malignas nas regiões celestiais. O Hades oculto existe e monstros espirituais podem ser invocados pela língua que os decreta. Depois de tomarem conta das vítimas, remetem-nas ao mais profundo abismo de imoralidade humana, onde, nada restando delas, se lançam somente ao desejo de privar-se da própria vida. Foste trazido aqui para receber uma arma contra o monstro cruel que está por vir!

Confuso, Loan indagou:

Mas por que eu? Já não vos basta minha fé e minha espada? Derramei rios de sangue para proteger meu país. Honrei a palavra de Deus... Ela foi para mim um escudo...

Então, o anjo replicou:

A fé é um oleiro que modela o coração, que te faz vaso novo para o Salvador. Se não a tivesses, acaso seria merecedor de todas essas revelações? Tens um bom coração, porém não usas tua prudência para discernir as obras celestiais; tu fostes embaraçado pelo devorador de almas, guerreiro precipitado.

O templário emudeceu.

Com tua espada, cortastes extremidades contrárias. Erraste em tua batalha, pelejaste contra a carne, quando devias fazê-lo contra o espírito ímpio que veio ao teu encontro. Destes ouvidos ao teu orgulho e ao prelado, homens que acreditaram ser privilegiados pelo Rei Eterno, mas não o são, pois não fazem a vontade Dele. E, pela cegueira de seus próprios pecados, foram enganados por uma falsa visão, provinda do adversário de suas almas. E tu, juntamente com eles, te tornaste boneco nas mãos do gênio impiedoso.

Loan, indignado, indagou:

Dizes-me que fui enganado?! Mas foste tu que me disseste para proceder dessa forma.

Minha fala somente ouviste, porém não a compreendeste. Torno a dizer-te que tua árdua batalha será contra um inimigo espiritual que nenhum artefato terreno poderá matar.

Loan tentou opor-se, porém nenhuma censura partiu de seus lábios, pois os fatos apresentados eram tão verdadeiros e transparentes que de forma alguma teria meios para contestá-los.

Diz ao Rei que minha falha foi imperdoável. Não sou digno de completar a tarefa a mim incumbida.

Ouvindo o melodrama do cruzado, o enviado divino sorriu, dizendo:

Loan, responde-me. O que significa Deus para ti?

O Supremo Criador do universo, Mestre do tempo e do espaço, Pai do amor e da bondade, Senhor da misericórdia. Somente Ele é digno de Majestade...

Se sabes com tanto afinco, por que te é difícil crer no que acabas de dizer?

O silêncio do cavaleiro veio como resposta ao anjo.

Loan Horsham, sabes que Deus Pai é misericordioso e perdoa todo aquele que se arrepende, por pior que seja seu ato. Ele te conhece desde o ventre de tua mãe e nunca errou em Sua escolha. Portanto, prepara-te-ei para o que está por ocorrer.

Que posso fazer sendo apenas um homem?

O Imperador da bondade é infinito de poder; espalha onde não podes juntar, faz aparecer onde não existe, amarra as águas em Sua cintura e segura o vento com as mãos. Ele se torna presente em tudo e escolhe um fraco para que possa confundir o forte. E é por esse motivo, acima de tudo, que te trago a peça necessária para o combate.

E acrescentou:

Teu país temporal um dia findará, mas tu, se fores fiel na tua jornada, habitarás uma Pátria infinita de amor; como todo aquele que teme Seu Nome e pratica Sua justiça.

Loan ficou admirado com as palavras fortes do ente celeste.

Este é teu destino. Caberá somente a ti impedir que mortais inocentes passem por esse suplício. Ergue a tua mão direita, Loan, cavaleiro do Deus Vivo.

Completamente surpreso, aquele homem levantou a palma direita de sua mão, como ordenou o emissário. Subitamente, o ser divino começou a levitar e uma luz o revestiu.

Horsham, de pé, olhou o mensageiro iluminado, encarando o dantesco sol infindo. Relâmpagos brancos partiam de sua aura como serpentes incandescentes. O cavaleiro não desviou o olhar e, apesar do fulgor, a luz não lhe feriu os olhos. Pelo contrário, refrigerava-lhe a alma.

Em questão de segundos, as inúmeras faíscas atingiram a mão mortal do escolhido, gravando em sua palma um misterioso símbolo.

Está feito. Tu possuis o dom necessário para vencer o mal, mas toma cuidado com a regente da escuridão, que fará tudo para confundir tua fé.

Eu me lembrarei.

Tudo o que é importante já te foi mostrado. Guarda o que viste em teu coração, e fé e confiança em teu espírito. Eles te fortalecerão na guerra final.

Abruptamente, o lugar e o anjo desapareceram. Então, ele se viu repentinamente caindo num vácuo branco.

Despertando num estado de apreensão, Loan se levantou do leito improvisado e, quando olhou para a palma de sua mão direita, os cabelos eriçaram em sua nuca: havia um símbolo estampado. Os contornos eram os de uma pomba, uma figura branca, um pequeno pássaro que representa a paz entre os homens.

Amanheceu e o Sol nasceu por trás das planícies. Pouco depois, o comandante e as guarnições partiram de Wandsworth. Alguns levaram consigo o peso da culpa em suas consciências, outros conservavam o medo do sobrenatural, por terem contemplado coisas que seus olhos antes duvidavam.

Lentamente, um dos imediatos se aproximou de Horsham e perguntou:

Milorde, perdoe minha ousadia de me aproximar assim, no entanto devo dizer-te que ouvi um boato entre os homens de que tu protegeste uma bruxa de ser morta por eles. Alguns deles falam em motim.

Ele retrucou:

Eles são ingênuos e infames como velhas. Será que esses hipócritas não entendem que não estamos lidando com uma simples guerra? O inimigo demonstrou não ser deste mundo e nossas espadas são inúteis contra ele!

E confirmou:

Estes homens são livres; eles podem voltar para casa, se desejarem. Fazer bastante amor com suas esposas e se embriagar até morrer. Quem sabe os vermes terão um paladar deleitoso ao degustarem da carne desses covardes!

O que queres dizer? - indagou o soldado, espantado com a ousada frase.

- Estou querendo dizer que, se eu houvesse permitido que atacassem aquela aberração, esses corajosos guerreiros que tu observas agora estariam servindo de comida aos abutres e às varejeiras que vagam por carne morta.

O homem ficou surpreso com as palavras de seu capitão e assentiu em silêncio, pois a justificativa tinha total fundamento. Entretanto, como convencer os outros, se suas mentes estavam entorpecidas demais

para entender isso?

O dia passou e as tropas de Loan seguiram para o último estágio.

Os exércitos de outros países conseguiram dizimar por completo as forças adversárias, recuperando seus territórios natais. E agora se preparavam para reforçar os regimentos ingleses, para a retomada total de Londres.

Os arqueiros galeses não serão vistos, pois chegarão pelos flancos; a maior parte dos aliados da França virá do sul da Inglaterra, por Brighton; e os recrutados irlandeses se aproximarão pelo canal de Bristol.

Duas semanas depois...

O último e decisivo combate da história seria travado exclusivamente em Londres, onde meses atrás o solo inglês havia sido banhado de sangue, tornando-se um enorme tapete escarlate.

Uma verdadeira aliança entre os reinos monárquicos reuniu e liderou seus melhores combatentes de várias províncias, cidades e aldeias. Quase todo o continente europeu sucumbiu ante a invasão avassaladora de uma raça bárbara e tirana.

De início, o império contrário encontrou pouca resistência, mas a Igreja, com os nobres de outros países, anexou uma poderosa aliança de guerrilha, para resistir, aniquilar e retomar as terras que lhes foram furtadas abusivamente.

A batalha duraria um dia, mas seria como uma eternidade: os poucos que sobrevivessem contariam seus mortos, enquanto outros, com suas mentes turvas, se lançariam adiante, submergindo em sonhos, almejando a tão esperada paz.

Os feridos e os inválidos de outras batalhas preparar as flechas e afiaram-lhes as pontas. Barris de óleo foram transportados por carroças, e feixes de lanças, entregues aos soldados. Por fim, duas linhas de ataque foram formadas pelos exércitos de cada país. Numa região ao norte, já não tão próxima da capital, o dia se tornou testemunha da danação que se aproximava, e o eco dos tambores se juntou ao chocalhar das lanças e ao tilintar do aço puro.

Todos os sons foram abafados pelos tropéis do combate.

O forte encontro de titãs se iniciou. Os arqueiros galeses e ingleses despacharam uma chuva maciça de flechas contra os invasores. Do outro lado, os guerreiros das trevas se defendiam como podiam, usando imensos escudos; mas alguns foram abatidos. Então, terminada a primeira ofensiva, o exército negro bradou, desafiando a capacidade e a autoridade de seus oponentes.

Os comandantes das guarnições ordenaram à cavalaria um ataque avassalador contra os rivais, que não cessavam de gritar. A alegria da tropa montada durou pouco, pois, na sanha afoita de massacrar os inimigos, nem perceberam que o campo estava cheio de buracos escavados, uma armadilha mortal.

À medida que as patas dos equinos penetravam nos pequenos orifícios, as blasfêmias de selvageria dos ulanos se transformaram em vozes esganiçadas, com o estalar dos ossos de patas quebradas dos animais, que tombavam, esmagando alguns dos cavaleiros caídos. Um a um, foram caindo como moscas, causando espanto e preocupação aos exércitos aliados.

Com as pernas quebradas, um cavaleiro rastejava atordoado no chão úmido, quando, de súbito, notou uma substância viscosa fixada em quase toda a sua armadura. Desesperado, o condenado adivinhou o plano deles e, em prantos, implorou por misericórdia. A histeria ecoou no grito do grande líder de armadura negra, que teve a face encoberta, jamais vista pelo seu regimento. A resposta ao apelo dos soldados feridos foi um silvo de setas inflamadas. Instantes depois que as hastes de fogo atingiram o alvo, as chamas surgiam como invocadas do inferno, cobrindo os vivos e os mortos. Homens e equinos tinham seus lamentos cessados para todo o sempre. A combustão ardente era alimentada pelo óleo que antes fora esparramado deliberadamente em boa parte do campo de batalha.

O fogo e a fumaça começaram a escurecer o local, tornando-se uma imensa muralha ardente e impedindo a investida dos dois lados: tanto os aliados quanto o exército maligno, ambos recuaram temporariamente até que as chamas se acalmassem e a visão se tornasse evidente.

No centro de Londres, as hordas de Loan surgiram do leste, enquanto os exércitos liderados por nobres e auxiliados por outros templários vieram do oeste. Ao se unirem em forças, esmagaram o infeliz exército do mal, transformando a sede inglesa em um dantesco mausoléu de cadáveres e sangue.

Já era tarde, mas o céu demonstrava que a noite havia se deitado sobre o resto do dia. O horizonte estava negro, por nuvens pintadas pelo chumbo escuro, trincadas pelas imagens de relâmpagos reluzentes, e o

vento uivava como uma trombeta do Juízo Final. E o agitado e pesado ar procedia de uma grande tempestade que estava se manifestando no meio da extenuante e sangrenta batalha. Repentinamente, as nuvens foram chamuscadas por um clarão branco, de onde muitos raios golpeavam os campos, seguidos dos estrondos ensurdecedores dos trovões. Parte do agregado nuvioso que dominava a atmosfera começou a girar de maneira assustadora, donde chamara a atenção dos muitos soldados que estavam sobre a muralha da última fortaleza que ainda resistia com avassaladora firmeza. Vários grupos ficaram imóveis, atemorizados com o que estava acontecendo no céu. Chegaram a pensar que era a presença da fúria estupefaciente da Deusa-Mãe, acreditando que um mau presságio estava por vir. Concluíram que sua divindade não estava nada contente com aquela decisiva batalha.

Tais disciplinas de atenção que demonstraram fizeram com que os arqueiros galeses desferissem centenas de flechas, que zuniam terrivelmente sobre as ameias. Várias setas arrancavam faíscas das pedras molhadas, outras resvalavam nos elmos dos vigias celtas e muitas atravessavam as gargantas que nada fizeram para se defender. As armaduras de outros que caíam se tornaram inúteis, pois as pontas das hastes facilmente se alojavam no tórax e despedaçavam os crânios junto aos elmos.

Embora a muralha fosse bastante larga e tivesse nove metros de altura nos quatro cantos, de modo que cinco homens poderiam trafegar livremente sobre o passadiço e o parapeito, muitos tentavam a todo custo mantê-la em sua posse. Em alguns pontos havia ameias nas pedras, e através delas os arqueiros das muralhas retribuía uma saraijada de flechas contra os inimigos lá embaixo.

O acesso ao parapeito do grandioso muro era feito por escadas maciças em forma de meia-lua, uma do lado direito e outra do lado esquerdo, que desciam até o pátio externo do forte. Também no pátio havia uma grande escadaria larga no meio, que conduzia à parte central da muralha. E era por ela que um formigueiro humano abastecia os arqueiros que ainda resistiam.

Os corpos dos mortos eram banhados em óleo e depois empilhados junto ao portão frontal, para bloqueá-la como uma imensa barricada. E, sem nenhuma comoção por seus entes ou amigos de batalha, quatro homens estavam com as tochas em riste, prontos para cremar os mortos, no caso de o inimigo tentar invadir o lado interno da fortaleza. Mas, se porventura alguns deles conseguissem cumprir a façanha de transpor a pira de carne em chamas, seriam imediatamente recepcionados pelo grupo de anglos que esperava pacientemente com suas bestas recheadas de setas afiadíssimas.

Os vigias arqueiros disparavam suas flechas, aglomerando em combate as figuras inglesas, irlandesas e francesas, num tapete escarlata, preto e prateado. Com os gritos da batalha, os celtas e os anglo-saxões unidos em braço forte tentavam bravamente em campo reter o inimigo seis vezes maior em número e que vinha como um *tsunami* iminente.

- Vamos, meus guerreiros, mostrem a eles o inferno! - gritou Horsham.

Com o suor escorrendo dos poros, queimando impiedosamente os olhos e as feridas, presentes de uma guerra irascível, um denso tapete de homens e lâminas escrevia sua história nas páginas do vento. As penas eram as espadas, molhadas na tinta carmesim tirada sem nenhum remorso das tinteiras humanas. No forte grito do cavaleiro, os homens foram ainda mais estimulados pelo ânimo ao verem seu valente líder abrindo caminho sobre a horda inimiga, que, tombada sobre a terra molhada de sangue e de chuva, começava a derramar suas lágrimas, nada mais podendo fazer além de estrebuchar e perecer.

Como chacais esfaimados por carne fresca, os soldados franceses, de músculos retesados, anteciparam a ação de sua ousadia, enquanto uma grande série de escadas de madeira estava sendo posta à beira da muralha. Os flecheiros celtas e saxônicos enfileirados na beira empurravam desesperados o quanto podiam as escadas, enquanto disparavam dardos e flechas inflamados continuamente. Alguns franceses eram abatidos; muitos deles encontravam o fim ao se espatifarem com as escadas, esmagando seus companheiros em terra num baque seco e aterrorizante. Mas a resistência deles era facilmente fraquejada, pois três fileiras de arqueiros irlandeses reagiram ainda mais vorazmente.

Muitos deles caíram como moscas, e aqueles que sobreviveram à queda tinham as costelas quebradas por chutes e gargantas atravessadas por lanças afoitas. As tochas que tremeluziram do meio do campo até a entrada do portão aos poucos iam se apagando. As gotas da tempestade caíam com grande intensidade, e relâmpagos se projetavam sobre as sombras dançarinas e vorazes, atuando em plena devastação sobre um palco dantesco rubro e de corpos mutilados.

No entanto, os ingleses lutavam de forma organizada e ousada. Numa carroça improvisada, jazia um imenso tronco de carvalho, com uma grande ponta na dianteira. Aqueles homens não se importavam com mais nada, muito menos com a história de cada um deles. Tudo o que mais almejavam era pôr o portão abaixo a todo custo, não importando quantas vezes eles tentariam.

Todos agrupados, corriam simultaneamente empurrando aquele pesado tronco como um aríete, indo e vindo vezes seguidas, em estocadas cada mais violentas. O afogo tomou conta dos internos, pois o único entrave que tinham era o portão principal da fortaleza e sabiam que, se seus inimigos entrassem, seriam estripados como porcos. O comandante responsável por aquele castelo havia sido abatido minutos atrás por uma flecha irlandesa. A muralha já não era tão intransponível como antes, e a defesa havia caído. Os franceses conseguiram subir pelas escadas e escalar com cordas pelo muro. Em poucos minutos, quase todos os guerreiros da defensiva foram neutralizados. Mais um pouco e escorregariam do passadiço rumo às escadarias laterais e central, para tomarem posse do pátio principal. Os vigias feridos amaldiçoaram sua deusa por tê-los abandonado na amplitude da necessidade. Quinze dos melhores soldados da França neutralizaram os escudos e as espadas dos celtas, e os saxões, sem terem tempo de manusear suas imensas lanças, tornaram-se presas fáceis, com facas, machados e espadas separando suas cabeças dos ombros.

Os olhos dos combatentes afligidos ficaram baços, e apenas se arregalaram de terror quando testemunharam o som forte de um trovão e o romper do portão principal. A barricada de corpos ardentes, divisa única no extinto portão, foi varrida sem nenhum índice de honra. Os invasores saltaram sobre os corpos e se jogaram um a um contra as paredes da entrada principal.

Assombrados ao verem tamanha crueldade, os homens deixaram cair suas armas e se prostraram com grande clamor no chão encharcado. Naquele momento, os ingleses e os templários, com os aliados que antes estavam embalados numa batalha infinita, subitamente pararam diante deles. Os raios faiscavam sobre vossas cabeças, e os trovões retumbantes, sincronizados com a pesada chuva que desabava, eram o único som audível naquele instante.

Mas também se ouvia os murmúrios chorosos dos derrotados e o escárnio dos vitoriosos. Loan Horsham, seguido por cada comandante e autoridade do seu próprio regimento, foi da entrada até o corredor do pátio principal. Olhou triste para o que restou dos portões: a madeira e as vigas grossas totalmente despedaçadas; as barras de ferro, que outrora mantinham firme e presa a densa madeira, agora se encontravam desarticuladas; os fortes pregos tortos; e as imensas dobradiças arrancadas do lugar e partidas ao meio.

Loan voltou para o comandante francês ao seu lado e disse:

- Conseguimos, lorde Dontesqueier! O último trunfo de nossos inimigos acabou de fenecer agora. O castelo de Londres pertence novamente ao rei e à Inglaterra.

O lorde francês sentiu que as palavras de Loan soaram como um final que há tempos não chegava. E a chuva que caía era para limpar as marcas de uma guerra acirrada e sofrida. Ele também desprende um brado, em francês. Muitos de seus homens também gritavam e erguiam suas armas para o alto. De repente, não só eles, mas todos estavam rindo e comemorando do seu jeito boas previsões para o futuro. Diziam que a esperança promissora havia retornado e a invasão de toda a Europa havia finalmente findado.

Os militantes liderados pelo leão britânico, com outros oficiais, irromperam as fronteiras da capital, enfrentando e dizimando sem nenhuma compaixão as tropas célticas e saxônicas, reconquistando cidades

semi-destruídas.

Muitos dos que lutaram ouviram os zumbidos de setas vorazes, entrecortados pelos gritos de feridos que pereciam em luta e pelos brados da guerra. Eles entraram com ímpeto pelos portões de vários castelos, massacraram os invasores que defenderam as muralhas e nenhum guerreiro ímpio foi poupado.

Já a Igreja incumbiu-se de um rígido procedimento de interrogatório, seguido de tortura e, por fim, a condenação de todos os hereges.

Líderes celtas, saxões e sacerdotes druidas foram capturados para julgamento nos bancos dos réus. Jovens e velhos, inclusive mulheres druidisas e saxônicas, sacerdotisas de uma confraria que venera Odin, senhor de Asgard, a Deusa-Mãe e o espírito místico da árvore, todos foram interrogados, julgados e sentenciados à morte pelo inquisidor-mor, pois preferiram morrer a ter de aceitar Cristo como seu verdadeiro Salvador.

As mulheres consideradas bruxas tinham seus seios despedaçados por tenazes em brasa e depois eram colocadas em grandes sacos de couro, em cujas pontas havia pedras amarradas, para, em seguida, serem lançadas vivas ao rio.

Já os hereges recebiam um tratamento muito diferente da Inquisição: a passagem por uma longa penitência de suplício era completada, antes de serem agraciados com a morte. Muitos foram enforcados em Londres, a mando da Igreja; outros foram queimados, para que sua existência nociva não mais incomodasse os cristãos. A medida que os corpos eram devorados pelo fogo, o sangue pingava ou as veias rompidas estouravam e chiavam nas incandescentes brasas. Tudo o que aqueles moribundos infelizes desejavam naquela hora de pura agonia era ter o líquido carmesim suficiente para acabar com as chamas.

Passados alguns meses, no castelo recém-restaurado do rei, o dia era ocupado por um festim em comemoração à sua grandiosa vitória sobre os arautos do contrário. As canções dos menestréis, acompanhadas por melodias de flautas, pequenas violas, liras, harpas e tamborins, inspiravam-se apenas no morticínio, e as gargalhadas ecoavam entre os matadores de homens.

Uma sátira irônica foi proferida por um soldado bretão, que se regozijava ao dizer que estava embriagando-se não com vinho, mas sim com o sangue dos inimigos cujas vidas tiraram.

Quanto a Loan, ele não se alegrou nem um pouco; ao invés disso, envergonhou-se. Lembrou-se do martírio das pessoas e ao mesmo tempo da obrigação de estar servindo em vão a sua pátria. Sentiu-se desiludido, pensando que estaria protegendo os inocentes dos inimigos de Deus, embora o anjo o tivesse repreendido.

Ao esfregar suas cicatrizes, parecia sentir o cheiro de carne retalhada entupir suas narinas. Mas era o peso de culpa no seu espírito, que jamais se extinguiria. Em sua mente havia uma sensação de sentir-se usado e sujo.

Loan viajava em pensamentos a lembrar os primeiros fatos que fizeram desencadear em sua vida todo esse mar tempestuoso. O passado voltava para assombrá-lo.

Era chegado o anoitecer e, na porta de seus aposentos, um dos servos anunciou a chegada de um inesperado visitante ao castelo dos Horsham, que desejava urgentemente ter uma audiência.

De imediato, um dos serviçais anunciou ao jovem nobre sua chegada:

Lorde Loan, perdoai o incômodo, mas está aqui um homem que deseja muito vos falar.

Incitado pela curiosidade, disse:

Presumo que essa pessoa tenha algum nome...

Diz chamar-se Zélothy e é um franciscano.

Dizei a ele que me aguarde. Descerei em breve.

Passados alguns minutos, Loan Horsham seguiu para a antessala onde aquele desconhecido transeunte o esperava.

Sim, meu senhor, o que desejais?

Aparentemente aflito, o homem com vestes de frei levantou-se do divã às pressas e seguiu ao encontro dele.

O frei olhou fixamente para o homem de cabelos bem modelados e porte de verdadeiro gladiador. E percebeu então que era Loan, o herdeiro da casa dos Horsham. Concluiu ter chegado a hora de revelar um grande e terrível segredo.

Não temos muito tempo, precisais ouvir o que tenho a dizer-vos...

Pois não, disse! - falou Loan com expressão de espanto.

Deveis aceitar Jesus Cristo como seu único e suficiente Salvador, o mais breve possível.

Perdoai-me, frei, mas já creio nisso...

Porém não está revestido do espírito, como mandam as Sagradas Escrituras da Bíblia. Pela santa conversão, limpai o vosso interior de toda a perversão e enchereis vossa alma de luz e verdade proveniente do Espírito Santo de Deus. Somente assim podereis derrotar o rei dos demônios.

Loan tentou contradizê-lo, mas foi abruptamente interrompido pela voz desesperada do visitante:

Ele matou muitos para conseguir o que quer, e matará tantos quanto for necessário, para quebrantar vossa fé. Só por meio da magnificência de nosso Senhor Jesus poderá resistir ao manjar que irá oferecer-vos.

Aceitai o Salvador enquanto há tempo!

Em meio a palavras desconexas, Loan, um tanto indignado, buscava uma maneira para dar fim àquela desagradável situação. Ao mesmo tempo, procurava compreender por que o frei apertava firme aquela cruz de madeira que trazia presa a um cordão no pescoço.

Perdoai-me, tenho assuntos inacabados a tratar, os quais exigem a minha urgência.

Disse isso dando-lhe as costas. Zélothy, por sua vez, de maneira eufórica, agarrou forte o braço do fidalgo, deixando-o tomado de sobressalto.

Eu vos imploro, ouve o que tenho a dizer-vos. Conheci vosso avô e em sua casa testemunhei algo bizarro, pois na época éramos muito amigos. Ouve-me, eu vos imploro...

Contemplando tamanho medo estampado na face daquele homem, Loan mostrou-se caridoso e resolveu voltar a atenção para o alienado franciscano.

Muito bem, continuei. - deu um sorriso amargo.

Necessito salvar-vos, só assim redir-me-ei com Cristo, pelo grande pecado que cometi. Todos aqui correm um grande perigo.

Como assim?

Sei tudo sobre um membro de sua família...

Qual deles? - perguntou Loan, tomado pela curiosidade.

Escutai-me: naquela noite, ajudei a trazer o mal à casa de seu avô; eu o vi voltar à vida...

- Mal?

Sim. O mal encarnado na aparência de uma mulher.

Quem? É alguém que eu conheça?

Não, esta mulher nefanda é diferente; com seu coração maligno, ela ressuscitou o...

De repente, outra figura entrou na sala, interrompendo o diálogo forte de ambos. Era o lorde Charlie Horsham, pai de Loan, com o olhar fixo no visitante.

Queira desculpar-me a interrupção, frei. Admiro vosso interesse em visitar-nos e demonstrar seus conhecimentos religiosos para meu filho Loan; todavia, precisamos neste exato momento comparecer a uma importante reunião, na qual requisitam a presença imediata, minha e a de meus filhos. Podeis ficar à vontade até nosso regresso.

Sentindo-se frustrado, o franciscano respondeu:

Agradeço-vos a amável hospitalidade, milorde. Mas, não vos incomodeis comigo, haverá outras oportunidades para dialogarmos mais sobre os desígnios de Deus.

Ao dizer isso, cumprimentou Loan um tanto apressado e, sem que o conde percebesse, passou-lhe um pequeno papel durante o aperto de mãos.

Ficai em paz.

Cabisbaixo, o frei retirou-se, rumando pensativo à saída daquela casa ilustre.

Loan voltou seu pensamento àquela repugnante festa de vitória:

Essas pessoas enganam-se achando que estão fazendo a vontade do Pai, matando seus semelhantes, por pior que sejam, e usando com altivez sua autoridade, pensando cumprir a lei filantrópica de Jesus Cristo. Ao invés disso, estão semeando e cultivando a destruição para si mesmos, condenando e afirmando o sufrágio de suas almas para o desfrute do inferno, e satisfazendo o mal mediante ações atroz.

Mesmo refletindo assim, ficou à mesa com os outros, observando-os em silêncio, mas permanecendo à parte das festividades. Após algum tempo, a maioria dos convivas se prostrara, num estupor de embriaguez.

Quando chegou a meia-noite, o guerreiro templário rapidamente se ausentou do salão de festas e, adquirindo algumas provisões, montou na sela de seu cavalo. Silenciosa e vagarosamente, aproximou-se dos portões, sempre bem vigiados. Com algumas palavras, ordenou às sentinelas que os abrisse, pois precisava partir com urgência. Em silêncio, os vassalos resignadamente obedeceram.

A noite caiu em sua profundidade, e havia muitas estrelas brilhantes no céu. Então em silêncio, Loan, a galope, dirigiu-se para o norte, tendo apenas os olhos e ouvidos atentos indo estrada adiante, com o vento noturno ondulando sua capa ao brilho da formosa Lua, que, como um farol, iluminava seu caminho.

No tempo de batalha em que esteve, depois de ver tantas vísceras esparramadas, bruxas serem queimadas pela Inquisição, pais de família mortos, deixando o pânico e o sofrimento como herança para os parentes vivos, Horsham aprendeu as lições básicas da árdua vida, ou pelo menos refletiu sobre elas, enquanto as horas deslizavam sorrateiras.

Apesar de ter sido rejeitado por seus entes no passado, ele sabia que tinha uma família; passados os terríveis dias de guerra, estava aflito, embora com esperança de reatar os laços familiares, após a crise que ambas as partes sofreram.

As horas já haviam deslizado pela rampa do tempo, e o cavaleiro estava só, passando no meio de um vale, onde houvera uma horrenda batalha. O lugar agora se tornara um antro de morte e putrefação. Os únicos sons que se ouvia eram o zunir das moscas e o bater de asas dos abutres que se banquetavam com a carne pútrida dos soldados mortos.

Quando os primeiros raios do sol tocaram o solo, a neblina matinal dissolveu-se. Com isso, a vista mórbida da carnificina foi revelada. O cruzado repugnou-se diante de tamanha imagem de destruição que a guerra gerou; por outro lado, agradeceu a Deus, que lhe concedera habilidade e experiência suficiente para não ter se tornado mais uma vítima, como aqueles pobres coitados.

Observando o caminho, um tanto cuidadoso, o aventureiro solitário conduziu habilmente seu cavalo para que não pisoteasse os corpos mutilados nem as armadilhas em forma de buraco, onde ulanos em luta pagaram um alto preço diante do primitivo método dos inimigos. O sol erguia-se lentamente, e o combatente inglês quase se asfixiava com o penetrante fedor que se elevava no ar.

Tudo era pungente e cheio de desesperança. O mundo não havia acertado o passo, e ele pressentia que aquilo não acabara, sendo que qualquer coisa poderia acontecer... Qualquer coisa...

O tempo agora parecia passar bem devagar, e Loan, depois de viajar muito, finalmente chegou à casa, ou ao que restou dela. Seus olhos se arregalaram e um grito de horror brotou de sua garganta, ecoando nas paredes das ruínas. Os músculos dos braços ficaram tensos e os sentidos aguçados. Desceu rápido da montaria e correu até os escombros.

Ele sentiu a solidão abraçá-lo e o barulho de paredes ruindo. Loan reprimiu-se, pois as imagens daquele cenário triste lhe revelavam que sua casa fora profanada. Seus guardas, servos e pessoas a quem ele

muito se afeiçoou durante sua infância agora estavam espalhados no chão, e suas carnes, de forma atroz, consumidas pelo fogo.

Todo o patrimônio construído por gerações não passava de cinzas. Tudo o que tinham de valor, ouro, tecidos de seda, especiarias em geral, havia sido furtado por aqueles verdugos animalescos.

Ele suspirou. Inconsolável, continuava andando sempre em frente, procurando algo em meio aos escombros, querendo ter certeza do destino de seus pais e irmãos, já que os serviçais estavam todos mortos. O cheiro fétido de carne queimada invadia-lhe as narinas, fazendo-lhe embrulhar as entranhas, em ânsias.

Virando-se para o lado, seu corpo inteiro estremeceu. A espada, da qual muitos sentiram o golpe letal, escapou-lhe da mão, e o coração pulsou com mais violência.

Ele avistou cinco túmulos enfileirados, feitos de pedras, e na frente deles, cruzes de cabeça para baixo feitas com galhos de árvores, contendo objetos pessoais. Era tudo que havia restado de uma estirpe de nobres.

Aproximando-se das sepulturas, ele cuidadosamente retirou pedra após pedra para confirmar o que a consciência confusa e aflita lhe dizia e esclarecer a dúvida que o torturava. O sobressalto veio com o cheiro acre que exalava dos corpos, agigantando ainda mais o fogo de sua ira: os cadáveres estavam sem as cabeças e sem vestimentas, e todos os corpos encontravam-se marcados pela tortura.

Os pensamentos do inglês sustentavam um intenso ódio pelos nobres e por si mesmo, no momento em que sua mão recolhia um anel, do dedo encaveirado de um dos cadáveres, contendo o emblema da família.

Uma vez mais, sua mente foi visitada pelas recordações intrigantes que rodearam sua vida em meio a todo aquele sofrimento.

Loan chegou ao local indicado por aquele que o havia visitado um dia atrás. Sim, ele havia guardado bem aquele bilhete dos olhos de todos. Nem sequer pudera conversar com Zélothy, mas a curiosidade furtara-lhe o sono durante a noite; estava ansioso sobre o que aquele homem poderia lhe dizer. Achou apropriado o local para o encontro, pois jamais admitiria outra interrupção.

Mais adiante viu o frei sentado à beira do lago, onde pacientemente o aguardava, jogando algumas pedras na água, que se agitava lentamente.

Aproximando-se dele, anunciou:

- Muito bem, eis-me aqui. Dizei-me o que tendes a revelar.

Zélothy, porém, não fez nenhum movimento brusco. E, continuando a lançar as pedrinhas, começou a falar:

Havia um sinal no céu que foi visto por muitos: uma mulher vestida do Sol, cujos pés apoiavam-se na Lua. Sua cabeça estava adornada com uma coroa de doze estrelas. Ela estava grávida e, com as dores do parto, gritava com ânsias de dar à luz. De repente, surgiu outro sinal no céu, e dele apareceu um dragão escarlate que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre elas sete diademas. Sua calda levou consigo a terça parte das estrelas e jogou-as sobre a Terra. Depois, a fera parou diante da mulher que havia de dar à luz, porque no momento em que a criança nascesse ele a devoraria. E ela deu à luz um varão que, com autoridade, haveria de reger todas as nações com vara de ferro. Mas seu filho foi arrebatado para o refúgio de Deus em seu trono. - E continuou: - O livro das revelações me ditou isso.

Não vim aqui para ouvir sermões de um frei louco! - replicou Loan.

Será na forma de uma mulher que "ele" se manifestará. Mas seu tempo na Terra é curto. O corpo que ocupa não é apropriado para sua permanência, pois fica debilitado rapidamente e apodrece. Ele precisa de um corpo gerado pelos mesmos laços familiares, mas que possua seu sangue negro nas veias. Haverá um escolhido que será incitado a cumprir três profecias; e, no instante em que forem consumadas, Satã subjugará seu espírito e tomará sua carne como vestes. Assim ele poderá livremente travar sua terrível ofensa contra o Criador e seu Filho.

Escutai, acho que...

Ide para a Floresta Verdejante, em Nottingham. Lá, procurai o velho Mictã. Ele vos dirá tudo que precisais saber para que purifiqueis sua alma e seu corpo.

O que dizeis? - bradou Loan, sem nada entender.

Se não fordes resgatado pelo Pastor, serás massacrado pelo Lobo! - respondeu Zélothy no mesmo tom de voz.

Vim para saber de vós por que minha família corre perigo.

Sereis afastado dela...

Como assim?

A besta não deixará que fiquéis unidos. Vossos entes serão dizimados feito cordeiros, e isso vos fará cumprir a segunda profecia.

O que me dizeis não faz sentido algum. Acaso estais embriagado?

Um membro de vossa família é um assecla do demônio. Ele matará todos que amais e depois vos provocará para que toda a luz de vosso coração seja desfeita. E, quando a criatura obtiver êxito no que quer, semeará a semente arcana sobre a raça humana, e suas proles tomarão o lugar deles.

Basta!

Loan tentou impedir que Zélothy continuasse a falar, mas ele não lhe deu ouvidos e prosseguiu:

E, assim que não restar nenhum homem na Terra, ele cobrirá este mundo de trevas, com o sangue de bilhões de inocentes.

Vós sois um louco! - gritou Loan irritado, por aquilo que achava não passar de uma "história absurda".

Zélothy tentou convencê-lo:

O mal tem de ser detido, agora!

Pedistes que viesse aqui. Cumpri minha parte. Agora, deixarei que vos embriagueis nessa loucura.

Vá a Nottingham e procure Mictã enquanto há tempo...

Loan retrucou:

Eu vos ouvi; escutai-me agora: jamais quero estar em vossa presença novamente!

Zélothy, em brados, avisou-o:

Acautelai-vos! Sereis submetido a uma difícil escolha. Andareis sobre o corpo da serpente do desconhecido. Encontrareis em sua boca a verdade na forma de páginas, revelações de vidas passadas, que vos envenenarão a alma!

Sem querer ouvir mais nada, ele simplesmente montou em seu cavalo e deu as costas ao franciscano, que bradava em desespero.

Assim que escutou o primeiro trote de seu animal, Loan foi resgatado para a dura realidade, no mesmo instante em que apertava forte, em sua mão, o anel de seu falecido pai. Apesar dos conselhos que frei Zélothy lhe dera naquela época, o cavaleiro resolveu não levá-los em consideração, acreditando firmemente tratar-se de um lunático.

Lembrou-se de que dera ouvidos a uma entidade, acreditando ser ele um anjo enviado por Deus. Deixou seu caráter ser reformulado pela obediência à lei divina em ser santo e anunciador da boa nova de sua conversão pelo Criador Majestoso do universo. Honrara com o coração as leis primordiais de Cristo, mas foi-lhe dada como recompensa, de sua fidelidade e submissão, a destruição da própria estirpe. Isso o fazia questionar-se.

O sentimento de culpa persistia, porém ela não era somente sua; refletia. Era também da Igreja e de todos os fidalgos de cujo grupo fazia parte. Sua mente o julgava: havia falhado com seus entes queridos, em um momento crucial. Sua crença estava acima de tudo, era seu único propósito, um dever sagrado. Ela o levou a renunciar o mundo por amor a Deus. E, no entanto, ele não pôde defender seus pais e irmãos, pois tinha a incumbência de retomar a Inglaterra das mãos dos adoradores pagãos.

Trágico e triste, todo o acontecido ficou gravado na memória e no semblante do leal guerreiro, de forma um tanto desesperadora. Indagava-se: onde poderia estar seu erro? Será que algum dia conseguiria livrar-se da sentença pela qual a consciência o condenava, para alcançar o perdão daqueles que foram mortos desprovidos do seu auxílio?

Neste momento, naquele lugar, a terra que antes inspirava poesias e beleza encontrava-se deflorada pelo terror da guerra.

Loan Horsham, o nobre pertencente à sagrada Ordem do Leão, estava com o coração sangrando pelo delito. Com a mente em conflito, despiu a mão direita da luva e, observando-a, pôs-se a meditar: *Dias atrás, recebi na palma o símbolo de uma pomba, presente dado dos céus, por um anjo, para que fizesse frente às forças do mal.*

Os olhos do cruzado engordaram-se de raiva e seus pensamentos foram tomados por uma nuvem negra. Sabendo que sua linhagem jamais voltaria ao seu convívio, uma blasfêmia projetou-se dos lábios. Sacou, então, um punhal da cintura e elevou-o para o alto.

- Eu renuncio à minha fé e a tudo que ela representa, e que o fogo do inferno consuma o maldito que me impôs este selo!

Impiedosamente, atravessou a lâmina pontiaguda sobre a palma da própria mão. Ao corte decisivo, o símbolo foi banhado de sangue.

Naquele momento, um relâmpago rasgou o espaço, ofuscando o límpido céu azul, e seu raio atingiu com força a terra, a alguns metros do transgressor. O peso do trovão fez estremecer o chão sob seus pés, como repreensão ao seu ato pecaminoso.

Loan já sentira muitas dores em seu forte corpo, mas nada comparado ao que estava sentindo com aquela gravíssima lesão. O sangue jorrava em abundância. No entanto, retirando a arma perfurante, ele não se deu por satisfeito e, ignorando o que acontecia à sua volta, novamente plantou o punhal na mão, na tentativa de desunir a marca da carne. Mediante tamanho sofrimento, Horsham emitiu um grito tão selvagem de agonia que poderia fazer desmoronar o restante das paredes que, por enquanto, permaneciam de pé. Prostrado ao lado das sepulturas violadas, o som estridente partiu de seus dentes cerrados, pois começava a arquejar, na tentativa enlouquecida de absorver o ar.

Após algum tempo, blasfemou:

- Nada mais... De ser lacaios de fantasmas!

Enfraquecido ante a imensa aflição e pela perda excessiva de plasma vital, lançou-se ao chão, ligando sua face ao pó da terra. Brados irados se converteram em prantos inconsoláveis. Chorou constantemente, desde a hora matinal até a hora da vigília. Seus sentimentos estavam quebrantados, e sua mente, inundada pela dor.

Ainda que coberto pela amargura, extraiu forças do espírito e juntou os corpos de seus familiares. E em respeito a eles ateou-lhes fogo, cremando-os, para não deixá-los à mercê de animais selvagens.

Dois dias depois...

Mal a noite caiu em Castle Bromwich, divisa de Birmingham, e as ruas já não estavam tão movimentadas quanto antes. Surgindo em uma delas, um cavaleiro invadia o seu silêncio, com o trote vagaroso de seu cavalo. Seu corpo estava quente, mas o calor que sentia não era provocado pelo clima, e sim pela chama da revolta que consumia sua alma. Percorrera campos verdejantes e passara por planícies áridas com o único objetivo de chegar àquele lugar.

Na mão mutilada, a agonia era opressiva e enervante. O animal estava entregue ao cansaço, e o combatente desacreditado tinha os pensamentos voltados para o cemitério que antes fora seu lar, e onde todos os seus parentes foram impiedosamente chacinados, restando deles apenas lembranças estilhaçadas. Por tudo isso, sua vida seria dedicada à caça dos assassinos, e somente com a vida deles vingaria sua família.

E a noite caiu na Inglaterra, feito uma mulher que se entrega ofegante ao seu amante.

O cavaleiro templário chegou ao fim da jornada, avistando à sua frente uma grande fortaleza. Descendo da sela de sua montaria, avançou lentamente até as dantescas portas maciças, escondendo o objetivo que somente ele conhecia.

No interior do castelo, em um aposento especial coberto de grande luxo, um homem, vestido com trajes exuberantes, preparava-se para deitar em seu leito, quando bateram à porta.

Transpondo-a, um dos serviçais anunciou, prestando-lhe reverência:

Perdoai a falta deste vosso servo, eminência, mas há um cavaleiro que deseja falar-vos com extrema urgência.

E quem é ele? - indagou o representante da Santa Igreja.

Ele diz ser um nobre, um homem chamado Loan Horsham...

Trate-o como tal! - retrucou o cardeal, admoestando a atitude irônica do serviçal. - Dizei a ele que irei recebê-lo.

Sim, eminência.

Envergonhado, o servo retirou-se dos aposentos.

Em outra parte do castelo, Loan estava apreensivo. Apesar da aflição pela qual passava, desejava falar às pressas com o ministro da fé, talvez apenas para desabafar e tirar o peso de seus ombros, seu tormento. Para ele, os minutos se tornavam uma eternidade e a paciência parecia esvaír-se.

De repente, ouviu os passos de guardas que se aproximavam. Um deles declarou:

Sua eminência irá cordialmente receber-vos, irmão Loan. Por favor, vinde conosco.

E foi. Andando por cômodos e corredores que percorria ao lado de outros membros da Ordem, ele observava a austeridade e a rigidez de toda aquela arquitetura.

Entrementes, num luxuoso salão da fortaleza de pedra, tendo apenas uma imensa mesa de madeira e uma cadeira que ostentava beleza em seus formatos melindres, o sacerdote estava sentado em ócio, os olhos fitos na porta, na expectativa de ouvir o que aquele cruzado tinha a lhe dizer. Não esperou muito, e a porta se abriu. O vassalo fez um gesto para Horsham entrar, anunciando:

Sir Loan Horsham, eminência.

A luminosidade tênue do corredor invadiu o salão momentos antes de ele adentrar o local e de a pesada porta fechar atrás de si. Com um olhar frio e passos firmes, Loan atravessou o recinto, ficando frente a frente com o prelado-mestre. Este se levantou e estendeu sua mão para o guerreiro; porém, ele se manteve imóvel, negando-se a prestar reverência a seu superior. O cardeal-patriarca nada comentou, mas seus olhos cintilaram com insatisfação pelo ato de desonra cometida pelo soldado-monge. Sentando-se, então, em sua confortável cadeira, disse:

Espero que tenhais um bom motivo para vir a esse castelo.

Loan respondeu:

Eu vos respeito.

Não me parece que tenhais sido sensato; nem mesmo honrastes minha autoridade.

Como disse, eu vos respeito - repetiu Loan ao lorde religioso.

Podereis começar honrando a vós. Vós vos tornastes um guerreiro de Cristo e um bravo varão, cujas ações despertaram a atenção e os elogios do rei. Não dizeis nada sobre isto?

Acabo de vir de minha casa, ou do que restou dela, e o que vi não me agradou nem um pouco. Minha família foi chacinada com os piores requintes de crueldade e seus corpos foram abandonados à própria sorte, refugos da terra, tudo isso por vontade dos nobres!

Eu soube disso. Meu fiel mensageiro trouxe-me a notícia desta terrível tragédia. Houve grande pesar da monarquia; infelizmente, foi uma perda profundamente lamentável.

Loan retrucou:

A carne deles é a minha, eminência, e já carrega a estampa da Inglaterra!

Os bárbaros pagãos estão mortos e o que eles fizeram foi sepultado no inferno com eles! - respondeu o prelado. - Eu conhecia lorde

Horsham, vosso pai: um fidalgo de enorme grandeza. Não foi sem motivo que adotaram o emblema do leão candente. Além disso, morrer como um herói que defende sua moralidade fidalga é uma honra tanto para quem parte quanto para quem fica.

O ato não foi somente de meu pai; vi isto nele. Este título maldito e a riqueza que adquiriu espalharam-se em seu sangue como uma peste irreversível. A ordem monástica e a Inquisição acabaram com minha linhagem bem antes que os inimigos pudessem destruí-la.

O ministro eclesiástico replicou:

Onde existir a altivez da plenitude, o imponente governo em responsabilidade e tamanha sede de poder, e até mesmo um sentimento de comisseração, o erro não será aceito perante os nobres; apesar disso, aprendemos e progredimos com as falhas. O império britânico te responde que és o único remanescente da sagrada Ordem do Leão. Ele está pronto para unir a vossa vida à dele, num grande futuro!

Há outros caminhos que posso seguir - declarou Loan.

O cardeal o contradisse:

O caminho é Vossa Majestade, o Rei. Além de ter o poder de vos restituir vossa castigada terra, irá também condecorar-vos com títulos jamais sonhados. Ele vos dirá para não vos acorrentares a velhos ressentimentos de culpa e não vos apegares a uma sombra de impossíveis vinganças fúteis, pois o que aconteceu com os vossos não foi por procedência vossa. Todos nós dependemos do nosso rei. A independência perfeita não existe, e, no presente, o mundo é a monarquia. Tenho certeza de que vós escolhereis isso.

Loan visualizou bem a face do cardeal-patriarca e, deixando as palavras fluírem de sua boca, anunciou vagarosamente a resposta:

Neste exato momento, eu rompo minha aliança com a Igreja e renuncio às propostas de vosso rei.

As duras palavras do inglês surtiram efeito de um raio que divide uma árvore ao meio. Acendendo o fogo da ira e levantando os olhos para o templário, o cardeal lhe disse:

Atravessei por aquela porta e assentei-me nesta cadeira. Falei-vos com amizade, condolência e respeito, como teria falado com o próprio rei. Mas, quando me levantar daqui, serei a mão de Deus pronta para aniquilar todos aqueles que desafiam a coroa real! Há demasiados homens infames, com inveja e ambição, que tentam usurpar o trono de Vossa Majestade! Homens que se extinguíram para sempre deste mundo, tais como o líder deles, Jacques de Molay, e toda a sua ordem Templária, graças às primícias do céu que foram concedidas ao Santo Papa Clemente V e ao rei da França, sua majestade Felipe IV, esses importantes varões varreram aquela corja do mapa de uma vez por todas!

As palavras assustaram o cavaleiro, retorcendo suas feições, fazendo-o balbuciar em réplica, quanto mais a dor tocava com uma estocada lancinante sua mão que ainda sangrava.

Ora, eminência, não foram os membros da Santa Madre Igreja que enviaram uma carta para Vossa Santidade, o papa, pedindo que restituísse a Ordem dos Templários em toda a Europa para que pudessem fazer frente aos inimigos de Cristo, e agora querem nos descartar num processo inquisitorial como se fôssemos algum tipo de moléstia? É isso que queres me dizer? - E acrescentou: - E não foi o próprio Jacques de Molay, antes de ser queimado na injusta fogueira da Inquisição, que anunciou ao rei e ao papa que eles teriam de comparecer diante do tribunal de Deus, antes que aquele ano terminasse?

O cardeal sorriu com uma afirmação irônica, embora as palavras de Loan causassem um furor sobejante em seu íntimo.

"Eis que eu farei, aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem, eis que eu farei que venham e adorem, prostrados aos teus pés, e saibam que eu te amo. Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para

tentar os que habitam na terra. Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa." - relatou o prelado as escrituras.

Poderias tu ser mais específico? - perguntou com um ar de indiferença.

O que eu quero deixar bem claro, Loan, é que a Ordem dos Miseros Cavaleiros de Cristo nada mais é do que um arauto das trevas, veneradora de um ídolo místico e diabólico, do qual os antigos Templários bem antes de vós foram flagrados praticando ritos nefastos em suas cerimônias secretas. Sua pútrida devoção era entregue a um ser nefando sob a forma de uma cabeça com três faces hediondas, denominado Baphomet.

Ainda não me disseste o que eu quero saber. - replicou o cavaleiro.

Supus que, em minhas atuais circunstâncias, seu cérebro selvagem inspiraria um pouco mais a inteligência, em vez de apenas manusear a espada. - disse o prelado.

Horsham o encarou com uma fúria silenciosa, sabendo que o cardeal queria lhe transmitir uma notícia nada agradável. No entanto, resolveu exprimir sua dedução.

Entendi, queres me deixar claro que somos apenas meros fantoches, e que estaríamos nos moldando na coisa que predispomos a destruir, o mal cultivando o próprio mal. Que estaríamos usando o nome de Deus em vão como num baile de máscaras, para poder fazer o que bem entendermos: matar nossos semelhantes, estuprar mulheres indefesas, vender crianças e velhos só pra obter lucros e servir de adoradores de demônios só para conquistar riquezas e satisfação aqui na Terra. É assim que nos julgam, eminência?

Então, o prelado-mestre respondeu:

Sua determinação e coragem em se expressar é surpreendente, devo dizer, mas, quanto à possibilidade que mencionaste, está repleta da mais nítida verdade.

Naquele exato momento, o cruzado percebeu quais seriam as intenções da Igreja e do rei. Um chicote de traição atingiu em cheio a devoção por seu país, terra pela qual antes daria sua vida com extrema honra. Por meses ele se dedicou com sentimento e sangue, fazendo transbordar com espírito combatente todo o seu valor de luta. Mas agora ele percebeu que era peça mais do que descartável, uma ameaça para toda a Europa, cada homem que se vestisse de manto branco com a cruz de malta vermelha estampada sobre o ombro esquerdo. Os novos templários, os hospitalários, os monges e os padres que compunham a Ordem seriam capturados, torturados e forçados a confessar, sem culpa, crimes de heresia, e seriam levados à morte pelo poder da Inquisição.

A amplidão daquela discussão já estava atingindo seu auge. Dois homens em um salão, donde o brilho tremulante das grossas velas era sua testemunha e lá as bestas espirituais escarneciam como música sombria na mente do templário. Numa rodopiante revolta de sua alma guerreira, atravancado de indulgências sobre a própria vida, sobre as irremediáveis chagas infinitas, seus ouvidos foram forçados a coletar uma exposição sucinta de um fato.

Além disso, recebi uma mensagem de tuas tropas, alegando que tu protegeste uma serva do diabo. Eles olhavam para ti como um enviado de Deus, e o que dizem de ti hoje? Que não passas de um herege! — bradou o sacerdote. - Se permaneceres aqui, tornar-te-às um inimigo dos nobres!

Com um ar de desafio, Loan manifestou de modo claro e terminante o teor ousado de suas palavras:

- Já sou inimigo dos nobres.

Então o ministro eclesiástico, admirado pela pesada confissão, replicou:

Mesmo que queiras, não posso proteger-te da catástrofe pessoal se ficares aqui. Tu és uma ameaça grande demais, até mesmo para a Santa Madre Igreja!

Com pose desafiadora, Loan respondeu ao ministro eclesiástico:

Acaso me consideras um perigo por que lutei com virtude e fé sem exigir pagamento de ninguém?

E prosseguiu:

Esse erro não perdurará em minhas costas. Porém, não foste tu, eminência, que, com a ajuda oculta de alguns fidalgos e o apoio de outros templários corruptos, arrecadaste grandes quantias, cobrando altos tributos de todos os patriotas, e desviaste tudo dos cofres reais, só para realizar as mais diversas transações sem que ninguém pudesse acusar-te, pois temias por tuas vidas, com medo da Inquisição? Isso não é mesmo verdade, santo cardeal?

A existência daquelas alegações foi como o estilhaçar de um vidro após o impacto de uma pedra. Loan sabia que sua atitude poderia custar-lhe a vida, mas, confiando em si, ele aguardava atento a resposta daquele fidalgo eclesiástico.

Destruíste por completo o emblema de tua família! Expuseste teu pai ao ridículo perpétuo. Ele derramou seu honrado sangue para salvar a tua ignóbil vida, e pelo que pude contemplar foi um gesto louvável, mas sem fins proveitosos! Aceitei o preço do sangue dele, para alcançares teu perdão e livrar-te do Santo Ofício! Em consideração à amizade e à memória de Charlie Horsham, ordeno-te que te retires deste país antes que eu clame a autoridade dos céus e o poder da Santa Madre Igreja, conferida a mim, para que te destrua pessoalmente, ser blasfemo!

Loan não teve coragem de reprová-lo, para não acender ainda mais sua fúria. Apenas reprimiu uma lamentação provocada pela ferida em sua mão, e em silêncio deu as costas ao ministro religioso, indo direto para a porta de saída.

Novamente as palavras do fidalgo atingiram os ouvidos do ex-templário, fazendo-o parar por instantes.

Deixe a Inglaterra, já tens o meu aviso!

Então, o cavaleiro retirou-se do salão a passos largos, deixando para trás o cardeal, que permaneceu pensativo e iracundo, apertando firmemente seus braços nos entalhes da cadeira.

Passando pelo corredor que antes atravessara, Loan viu um grupo de dez soldados templários montando guarda por alguns andares do castelo. O olhar rápido havia sido o bastante para alertá-lo. Em instantes, poderia ser capturado e submetido a torturas, para que confessasse, em falso, seu apoio ao mal. Embora se visse livre para ir e vir, ele sentiu algo penetrando sua alma, prevenindo-o de algum perigo.

Nada mais havia para ele naquele país de cobiça e corrupção. E, acatando a ordem da autoridade monástica, seguiu com seus passos firmes cruzando o pátio.

Da janela dos aposentos, o prelado-mestre lançava um olhar preocupado em direção ao solitário combatente, instantes antes de ele sair daquela fortaleza com seu cavalo, quando outro homem adentrou em seus aposentos.

Mandaste-me chamar, eminência?

Sim, Mordred. Temos um gravíssimo problema. Ordenai a um mensageiro que leve essa mensagem ao rei. Dizendo isso, o fidalgo, de túnica branca bordada com fios de prata, abriu uma caixa de madeira decorada artisticamente e, pegando um rolo de pergaminho, entregou-o ao vassalo. Nele estava escrito:

Encontramos o corpo de milorde Loan em um altar, totalmente nu, desmembrado e terrivelmente desfigurado pelos auguristas que ainda restaram.

Enquanto isso, no presente...

As lágrimas de Loan rolavam por sua face ferida, fazendo com que Rúbia se compadecesse dele.

Não fiques triste, estás entre amigos aqui.

Mesmo com os olhos molhados, ele se esforçou para sorrir.

São enunciações bastante consoladoras, mas sinto-me deslocado neste lugar; estou completamente perdido...

Não te sentes seguro aqui? - interrogou a moça.

Segurança... Eu a sentiria com minha família... Isso se eles estivessem vivos - resmungou o homem.

Sentindo-se magoada, a camponesa inclinou levemente a cabeça, enquanto Loan, ao reparar, disse, envergonhado:

Desculpe-me, Rúbia, eu te molestei com minha grosseria...

Não - balançou a cabeça como se o compreendesse. - Entendo o quanto sofreste, e que ainda não estás totalmente recuperado, mas o pior já passou. - a voz da moça lhe expressou ternura.

A mente dele já tinha se acasalado com o ódio, e o sentimento de furor já fazia parte do seu ser interior.

Apesar das frases calmas e doces da moça, aquele homem continuava a insistir no passado.

Estava eu passando por Dartmoor, quando fui intrepidamente surpreendido por um grupo de homens encapuzados que se diziam ser entes dos celtas mortos e queriam obter seu consolo com a minha vida.

Andando despercebido, Loan seguiu com sua montaria por uma trilha localizada no coração da mata, porém o que aconteceu a seguir quebrou toda a paz daquele lugar. Com muito alarde, uma turba encapuzada de túnicas negras surgiu em meio à flora. Avançando contra aquele cavaleiro solitário, os homens apresentavam uma intensa fúria lupina. O brado dos agressores aterrorizou o eqüino, pondo-o empinado sobre as patas traseiras.

No esforço de se manter montado no animal, Loan desequilibrou-se dos estribos, desabando ao solo, atingindo-o num impacto seco e doloroso.

Durante um momento, ouviu apenas o relinchar de seu cavalo, que fugia apavorado floresta adentro. Então, veio o grito feroz do líder, anunciando aos da emboscada que era chegado o momento exato para o ataque.

Mal se recobrando do tombo, Loan, guiado pelo desespero, foi forçado a ignorar a dor de sua mão direita, que voltara a verter sangue. Tateando às pressas a cintura, segurou firmemente o punhal e, levado pelo instinto, discerniu um dos agressores que se aproximava rápido para desferir-lhe o golpe mortal de seu machado.

No tempo certo, Horsham ergueu-se com a agilidade de uma serpente e o atacou como um tigre faminto, plantando sua lâmina na parótida do infeliz inimigo, não lhe dando tempo sequer para uma nova investida. No mesmo momento, outro encapuzado reagiu, arremetendo-se contra o cavaleiro na velocidade de um lobo, mas, com extrema habilidade, o corpo do templário girou, torceu-se e desviou-se, enquanto a lâmina inimiga apenas perfurou sua capa, deslizando inofensiva entre o braço e o peito.

Por sofrer um ataque direto, o hábil combatente apertou firme o cabo de sua arma mortífera e, lançando-a rápido, fracionou o capuz e o crânio do outro na altura das orelhas, com um só golpe.

Sentindo-se confortado, ele chegou a pensar que aqueles homens que o atacaram eram os mesmos que outrora mataram sua família. Sendo assim, manifestaram-se para pôr fim ao remanescente de uma poderosa linhagem. Isso o animou muito, revelando-lhe um sorriso cínico nos lábios.

Mas deteve-se no súbito instante em que uma das figuras revelou-se para ele, desconcertando-o em sobressalto.

Mordred? - admirou-se Loan, que por instantes se deteve.

Tu não és digno de estar entre os vivos, pois inventaste perjúrios contra vossa eminência — respondeu Mordred.

Perjúrios? Usando o nome Santo de Deus, tu e tua corja usais de métodos obscenos para atingires objetivos torpes! Não passais de excrementos podres! - respondeu Loan, com o ódio fumegando em seus olhos.

Quando Horsham correu em direção a Mordred, outra figura traiçoeira se precipitou sobre o extemplário. Em vão, pois a tentativa se tornou fracasso quando o traidor sentiu o metal frio dilacerar suas entranhas. Percebendo uma nova investida, Loan, aflito, agarrou o indivíduo que, ainda vivo, bradava de dor e usou-o como escudo. O inimigo, sem demonstrar nenhuma piedade, atravessou o corpo do próprio companheiro. E a ponta da espada atravessou a armadura de Horsham, atingindo a malha de ferro apenas com um tinido.

De forma brusca, o renegado tentava retirar a arma das tripas do moribundo, que, em mortificação, arranhava a face do inglês. Cego por um momento, Horsham se libertou, arremessando brutalmente seu agressor contra uma árvore próxima.

Vencido pelo cansaço físico e fraco pela perda constante do líquido rubor, por causa do ferimento de sua mão, o cavaleiro cruzado cambaleou em direção à floresta, sabendo que seus algozes viriam ao seu encalço para terminar o serviço.

Com a vista embaçada, devido ao escarlate que vertia da testa, Horsham tentava manter-se em combate. Todavia, hesitou em desferir seu golpe, até ser tarde demais. O flagelo o abraçou como uma serpente que crava suas presas. No momento crucial em que sentiu uma flecha de ponta farpada trespassar o lado esquerdo do tórax e o aço frio da espada de Mordred atingí-lo por trás em seu flanco direito, diante de tamanho suplício a espada do cavaleiro do leão lhe escapou da mão, e suas forças se escassaram por lutar com um número maior de soldados.

Fatigado, Loan tropeçou e caiu.

A lucidez pouco a pouco foi sendo substituída pelo estado de inconsciência, e a locomoção de seu corpo, comprometida pela violência da luta.

Sem mais nada a fazer e tampouco a murmurar, ele aceitou a visita da eterna derrota. Sua respiração lentamente o abandonou, convertendo-se em arquejos angustiantes, e apenas seus ouvidos testemunharam as pragas proferidas pelos seus algozes, que, cuspendo nele, se preparavam para desencadear seus golpes de misericórdia. Mesmo contra seu desejo, ele desmaiou.

5

Hospedado em um casebre, agora já aconchegado num leito de capim, Loan usou seu braço para enxugar os olhos em lágrimas, enquanto Rúbia, penalizada diante da amarga história, delicadamente alisou os cabelos escuros do enfermo, carícias que se tornaram um bálsamo, consolando-o.

Ele não conseguia entender apenas uma questão: durante aquela batalha travada entre ele e seus rivais, como conseguiu sobreviver se estava desfalecido devido aos graves ferimentos? Eles estavam em maior número, o que o desfavorecia ainda mais. Quem o teria salvado? Que guerreiro teria intercedido em seu favor, sabendo que também correria o risco de perder a cabeça? E seus verdugos? Onde estariam? Que fim tiveram?

Durante certo tempo ficou se perguntando, mas, como sempre, a resposta nada mais era que um vácuo no desconhecido. Ao olhar a palma da mão ferida, observava-a tomado de admiração, pois outrora, num instante de ódio, havia retalhado violentamente o símbolo nela desenhado.

Sentia o corpo físico totalmente ferido e enlaçado pelas dores, exceto a mão direita, que havia sido, de alguma forma inexplicável, restituída dos cortes, deixando o desenho totalmente intacto. Loan pensou profundamente sobre a situação e concluiu que, apesar das blasfêmias, havia declarado contra os céus, e Deus, com sua infinita misericórdia, enviara um de seus emissários para salvá-lo da morte certa nas mãos daqueles desgraçados, embora não soubesse de que maneira. Depois, somente a mão direita foi restaurada; ainda mais bonita do que antes. Mas a nuvem da dúvida interpôs-se novamente entre a desconfiança e a fé.

Acaso teria sido mesmo um anjo dos céus o responsável pela minha salvação? Se sua teoria estivesse correta, restava apenas uma indagação. Por que houve somente a cura de um único membro em seu corpo?

A pergunta se dissipou como fumaça que se espalha ao vento. Após algum tempo, logo lhe ocorreu que essa situação poderia ser uma nova e inesperada chance. Afinal, tinha uma missão e precisava cumpri-la a qualquer custo.

Todos os seres vivos corriam risco de extinção, e a Loan foi dada a tarefa de impedir isso. Abandonou a idéia de continuar a falar de sua vida com Rúbia. Pediu carinhosamente para ela que o deixasse só, pois queria descansar e, ao mesmo tempo, refletir.

Durante esse tempo que escorria pela natureza humana, de todos do vilarejo que estavam preocupados com a saúde do forasteiro, apenas uma pessoa se sentia desapontada. Seu nome era Elizabeth Baldric, e ela não o via como membro daquela vila. Pelo contrário, Loan havia se tornado um embusteiro das atenções. Só ouvia dos aldeões de que maneira milagrosa aquele homem havia sobrevivido, mesmo no estado em que foi encontrado. Pelo visto, Rúbia havia abraçado a tarefa de cuidar daquele estranho forasteiro com grande zelo, mesmo grávida.

Rúbia se comportava como esposa dele; então ela suspeitou que ele fosse algum tipo de feiticeiro, ou coisa parecida, a ponto de sua melhor amiga parecer apaixonada por um homem que nunca viu antes.

Elizabeth sempre mantinha os braços cruzados, observando com atenção a maneira carinhosa com que se tratavam. Principalmente, quando a camponesa o alimentava. Isso a afligia muito, fazendo-a menear a cabeça completamente contrariada.

Baldric se sentiu como uma peça descartável, uma serviçal que ajudou uma campônia galesa refugiada e solitária e que carrega uma vida em seu ventre. Ela estendeu a mão para essa mulher desamparada, dando o teto de sua própria cabana. Cedeu para Lands sua cama, enquanto dormia no chão sobre alguns cobertores de lã. Até a comida era dividida em partes desiguais, por reparar que sua amiga comia por dois. Agora, quando esse cavaleiro apareceu do nada naquela noite, suas vidas mudaram completamente. Era como se o sentimento que Elizabeth sentia por Rúbia houvesse sido lançado no mar do esquecimento, e tal comportamento a deixou com o coração despedaçado.

Baldric não queria aceitar aquele fato ultrajante e foi em direção à choupana de uma velha, que muitos consideravam misteriosa. Acreditavam que ela possuía poderes sobrenaturais, além de predizer o futuro. Um resmungo partiu da boca de Elizabeth, e um arrepio percorreu a pele clara de seu corpo. Esfregou os braços em seu próprio manto, fechou os punhos e contraiu os dentes, na tentativa de controlar aquela sensação estranha.

Ela deu seus passos finais, olhou para trás para avaliar se alguém a observava e aproximou-se depressa da cabana.

Capítulo 3

GLADIADORES DO ALÉM

1

Uma semana se passou...

E passou rápido, como grãos de areia na ampulheta do destino. Todo o pavor árduo e a sombra de um desespero perpétuo de sua alma haviam se dissipado. Os minutos serpenteavam vagarosamente, e a bolsa havia se rompido.

Era chegada a hora de a criança nascer. Rúbia estava deitada na cama de sua amiga Elizabeth e, em meio a espasmos, gritava com ânsias extremas de dar à luz. Ela havia refletido muito além de sua própria capacidade, mesmo passando por momentos instáveis e dolorosos. Agora, sentia-se no paraíso, pois estava prestes a ganhar o tão esperado galardão, embora tamanha aflição a fizesse segurar na cabeceira com as duas mãos.

Loan, totalmente penalizado, e com muita afeição pela moça, tentava acalmá-la enquanto Elizabeth, com a ajuda de uma velha parteira, preparava-se para realizar o parto. Elizabeth aproximou-se de Horsham e disse:

Por favor, sai deste quarto porque de agora em diante nós assumimos.

Não... — respondeu Rúbia sufocada pelo sofrimento. - Eu quero que fiques... Ajuda-me a trazer meu filho ao mundo! - disse isso agarrando firme a mão do cavaleiro.

No entanto, Elizabeth protestou:

Não! Rúbia, pensa na criança que irás ter. Loan nada pode fazer aqui. - disse Elizabeth, incomodada de ver aquele homem no mesmo ambiente que ela.

Ele, entretanto, percebera uma sombra de ciúmes emanando do íntimo daquela mulher, pois sua fisionomia expressiva demonstrava ira.

Nesse caso, para não prolongar mais o dilema de Rúbia, sem nada a replicar, Loan acatou o pedido autoritário. Após confortar a futura mãe com palavras agradáveis, selou-a com um beijo molhado e carinhoso em sua face alva, causando ainda mais furor no íntimo de Elizabeth, que o amaldiçoava em silêncio.

Horsham saiu da cabana e se afastou, ficando a uma pequena distância do povoado, onde se pôs a orar em favor da camponesa. Apesar dos ferimentos não estarem totalmente cicatrizados, o ex-templário ignorava o próprio martírio. E com muitas lágrimas em seus olhos castanhos pôs-se de joelhos, dirigindo orações ao Onipotente com súplicas pela segurança da mulher e da criança, dizendo que, se preciso fosse, tirasse sua vida em vez da vida da mãe ou do ser inocente. Desejou no fundo de seu coração que os queria vivos e felizes.

Com aquela longa súplica provinda do fundo de sua alma, ele confessou seus erros e lamentos para o Senhor Todo-Poderoso e implorou em prantos pelo seu perdão.

A bondade de Deus é presente para seus filhos, pois Ele jamais os abandona. Assim, a resposta de sua reconciliação espiritual não demorou a surgir: um choro alto quebrou o silêncio ao seu redor, respondendo aos seus apelos. Sua cabeça virou em direção à choupana, os olhos lacrimejantes fitaram firmes, sua expressão havia mudado e o coração disparou. Seu corpo foi envolvido por um intenso frio de emoção, fazendo suas pernas volumosas bambearem ante a surpresa.

Dirigindo-se o mais depressa que pôde à cabana, avistou os vizinhos e amigos de Elizabeth se aglomerarem do lado de fora. Muitos deles diziam que o Senhor havia sido muito misericordioso para com a jovem; outros, tomados pela alegria, entoavam cantos de agradecimento e exaltação ao seu

Protetor. Mas nem todos, pois Horsham viu o olhar descontente da amiga de Rúbia, que lentamente saiu da cabana, com os trajés salpicados de sangue. Consigo estava um cântaro. Certamente se dirigiria para o poço em busca de mais água.

Por um instante, permaneceu observando e lançou um olhar de desconfiança para a camponesa, que seguia para o lado contrário ao da cisterna.

Próximo à porta aberta da cabana, ele observou atento a mulher seguindo para o lado oeste da vila, ao lado de um jardim, repleto de flores de variadas espécies e beleza: girassóis, bocas-de-leão, margaridas e orquídeas.

Com muita curiosidade, Loan saiu atrás da figura que aparentemente caminhava a esmo, no intuito de descobrir o que estava acontecendo. Desde que chegou ao vilarejo, essa mulher misteriosa o tratava com certo desdém, como se protegesse Rúbia para outrem.

Totalmente em silêncio, a jovem seguiu por uma trilha vizinha à da pequena mata, sem notar a presença da figura que a seguia sorrateira pela noite. Em pouco tempo, ambos desapareceram, engolidos pela densa floresta. Ela ia metros adiante, embrenhando-se cada vez mais longe do povoado, enquanto Horsham seguia em seu encalço, usando sempre as árvores e os densos arbustos para esconder-se dos olhos perigosos da moça. Ele percebeu que a trilha misteriosamente a levava a uma estrada isolada, não muito distante da mata.

Então, a quietude da noite foi quebrada pelo trote de um cavalo, cujo cavaleiro estava encapuzado e oculto pelas sombras, aguardando por alguém ou por alguma notícia importante. Ele gesticulou lentamente para ela e então Elizabeth se aproximou do estranho homem.

Loan, camuflado pelas sombras da mata, viu algo que o intrigou: eles conversavam em voz baixa, e a camponesa retirou de dentro do cântaro um envelope lacrado e entregou-o ao desconhecido. Sem nada dizer, o cavaleiro se afastou depressa, seguindo seu caminho e deixando-a com uma expressão nítida de satisfação.

Ao consumir a misteriosa ação, Elizabeth, em passos rápidos, seguiu de volta à vila como se nada tivesse acontecido.

Recuando cautelosamente, Loan esperou que ela se afastasse bem do lugar. E, franzindo a testa com preocupação, dirigiu-se ao local do encontro. Os olhos castanhos vasculharam os arredores da estrada em busca de alguma pista, mas tudo o que enxergou foram apenas pegadas frescas do equino.

Silencioso, o inglês observou aquela mulher deslizando pelas sombras do bosque. Com sua mente alerta, procurou respostas para a cena que presenciara.

Enquanto isso, no quarto simples da cabana, Rúbia estava cansada, devido ao grande e necessário esforço; contudo, a felicidade estava estampada em seu rosto, que contemplava a face do lindo anjinho envolto em panos e protegido em seus braços. Sentia-se em êxtase materno, recompensada do sofrimento pelo qual passou e pelo tornado de fúria que enfrentou no passado. Ela deu a ele o nome de Siegfried Winther Lands.

Também nos aposentos estava Elizabeth, que havia trocado suas vestes. A amiga, fingindo estar feliz, balançava a cabeça com regozijo.

Estás fraca e cansada, minha cara. Agora que o menino está limpo e amamentado, já está mais do que na hora de colocar o pequeno Siegfried em seu berço.

Rúbia, sorrindo para a garota, respondeu:

Sei disso, mas é que gostaria de senti-lo um pouco mais em meus braços. - E continuou: - Diga-me, onde anda aquele homem de olhar charmoso? Por que demora em vir ver-me?

Elizabeth mordeu os lábios, enquanto segurava a mão de Rúbia, e disse-lhe com a voz carregada de desconsideração:

Colega, com toda a tristeza que senti desde que Timmy morreu, tu és a maior responsável pela alegria que está novamente habitando este lar. E como se estivesses no lugar de meu adorado irmão. Cuidei e ajudei-

te, contudo declaras-me sentimentos afetivos a este ser de origem incerta, sobre o qual nada sabemos? No leito, a jovem lançou um delicado olhar de compaixão para ela, que a ajudara todo esse tempo, e, com toda a delicadeza, respondeu, misturando felicidade com um sorriso:

Querida irmã minha, não compreendes que hoje é um dia de se regozijar? Ouve o festim lá fora: o povo canta ao Senhor, enchendo suas bocas com louvores, transbordando seus corações de alegria. Em um tempo de trevas, a luz da esperança surgiu novamente, como uma fênix que ressurgiu das cinzas. E ao verem Siegfried nascer, eles viram a esperança renascendo com eles. Quanto a Loan, dá-lhe uma oportunidade, pois o conheço muito mais do que possas imaginar.

O queixo de Elizabeth travou quando ouviu isso, e os olhos engordaram e se desviaram tão rapidamente que não quis acreditar no que seus ouvidos acabaram de captar. Ela pensou em fazer uma careta de asco diante do apelo da jovem, mas apenas sorriu falsamente, sacudindo depois a cabeça, pois percebeu que não conseguira convencer Rúbia com sua fala.

Não sei como consegues... - respondeu a moça, com o olhar fixo na caridosa mamãe.

No entanto, Rúbia cantarolava de modo suave, enquanto embalava a criancinha nos braços e murmurava: Vós sois como uma rosa delicada, que cresceu em meu jardim..

As palavras de afeto da jovem mãe foram interrompidas no momento em que a porta do quarto se abriu com um rápido rangido, dando passagem a um visitante esperado, que indagou em baixa voz, adentrando o quarto após um passo:

A formosa mamãe me concederia a honra de conhecer seu protegido?

Loan..

Elizabeth tentou meter-se entre os dois, mas foi em instantes freada pela própria colega.

Pensei que havias se esquecido de nós... - disse a moça, com um sorriso mesquinho e calculista. - Não pensaste em nos deixar, com todos esses fermentos, não é mesmo? - falou Rúbia, com uma pergunta que interveio na intenção da outra.

Horsham balançou a cabeça sorrindo, correspondendo à ironia:

Mesmo que estivesse gozando da mais plena saúde, jamais deixaria a minha doce milady.

O fogo da paixão pareceu incinerar o coração daquela mulher acamada, que lhe disse:

Se não me encontrasse nesse estado, dar-te-ia um beijo longo e apaixonado.

Não estivesse eu sob os teus cuidados, em hipótese alguma poderia estar aqui para beijar-te.

O olhar de Elizabeth pousou em Loan. Seus olhos verdes pareciam lâminas ensangüentadas, deixando transparecer que não havia nenhum traço de simpatia em seu rosto. E, possuída pela cólera em presenciar a cena que lhe parecia degradante, manifestou sua ira:

Tu não possuis nenhum laço familiar com ela, portanto sai de minha casa agora, antes que fale com os fundadores para que te expulsem deste vilarejo!

Elizabeth, o que deu em ti? - perguntou-lhe Rúbia, com ar de indignação.

Loan pediu à moça para que ficasse em paz e, dirigindo o olhar para a antagonista, meneou lentamente a cabeça com consternação, saindo logo mais.

As lágrimas brotaram dos olhos de Rúbia, enquanto a outra inclinou o rosto para ela.

Como podes ser tão cruel? Por que o odeias tanto? - indagou a moça entristecida.

Dá-me a criança, deixa-me confortá-la na proteção de seu berço...

Não! - retrucou Rúbia. - Deixa-me só, com meu filho!

Elizabeth riu sem alegria, abalada pela afronta que sofria pela própria amiga. Depois de uma longa pausa, suspirou e respondeu, sem erguer o olhar:

Em breve tu irás me agradecer.

Sem mais nada a dizer, retirou-se do local, deixando Land's a sós com seu bebê.

Lá fora, em meio à euforia do povo, a loba na forma de mulher avistou Loan e foi ter com ele, para afrontá-lo ainda mais. Naquele momento, ele percebeu que ela vinha em seu encalço e, de maneira

rápida, afastou-se da multidão em festa, para evitar um escândalo maior, indo em direção à casa de Rúbia. Mas a estranha moça, ainda inundada pela raiva, interpôs-se em seu caminho.

LOAN!

Um tanto surpreso, ele olhou para ela, perguntando:

O que queres de mim mulher? Acaso não estás satisfeita pelo que fizeste?

Sem desprezar dele o nefasto olhar, outra vez a mulher descarregou um pouco mais de seu sentimento perverso, demonstrando de modo claríssimo o desdém que sentia por ele.

És surdo, cão ignóbil!?

O que dizes? - inquiriu ele, mediante a ousadia daquela mulher.

Disse-lhe que tu não possuis nenhum laço familiar com ela e isso também inclui o fato de que não és bem-vindo aqui! Acaso tu és o dono dela? - indagou novamente. - Rúbia tem um futuro que tu jamais poderias conceder!

E, olhando para ele com inflamada fúria, disse mais:

Escuta, seu parvo, eu não me agradei de ti desde o primeiro dia em que veio para esta vila! Se fores um príncipe, como minha ingênua amiga imagina, então, onde estão os teus subordinados, os teus títulos e terras? Ao invés disso, apareces aqui feito um animal ferido?

Assim que vislumbrou toda aquela ação degradante, ele logo entendeu que ela tinha planos para Rúbia, ainda mais por saber que sua pessoa representava um obstáculo enorme que a todo custo precisava ser removido do caminho.

Irritado, Loan tentou entrar na cabana, mas a campônia abruptamente agarrou seu braço volumoso com extrema violência, cravando-lhe as unhas na carne.

Tomado de fúria por sua atitude, ele esbravejou:

Em nenhuma ocasião pensei em molestar esta jovem e nada tenho de sólido em relação a ela! Somente lhe devo a gratidão de ter salvo a minha vida, pois, se não fosse por isso, não estaria aqui te tolerando!

O brado fez com que Elizabeth soltasse às pressas o braço daquele homem, dirigindo-se alguns passos para trás, temendo por alguma represália física.

Mas, ainda não satisfeita, ela ameaçou o inglês:

Ficarei de olho em ti, até que o consorte dela volte. E, ai de ti, se tocares num só fio de seu cabelo! - Elizabeth falou isso apontando o dedo para a face de Horsham.

Ele, porém, franziu as sobrancelhas de modo zangado, e depressa impediu que ela continuasse ameaçando-o, deixando-a espantada ante sua reação.

Em Nome do Todo-Poderoso, nem mesmo nos corpos amaldiçoados das mais tolas de todas as bruxas que enfrentei sequer tive coragem de temperar o aço frio de minha espada, mas em teu caso poderia abrir uma exceção! - exclamou Loan, empurrando-a e fazendo-a cair sobre a terra arenosa.

Elizabeth permaneceu ali, mas lançou um olhar de vingança para aquele homem, que também a observava. Ele, por sua vez, virou-lhe as costas, murmurando qualquer coisa consigo mesmo; em seguida, entrou na cabana, fechando a porta e demonstrando seu desprezo como resposta àquela mulher.

O manto noturno pairou sobre os campos ingleses. Com ele, nuvens tempestuosas surgiam onde os primeiros relâmpagos chicoteavam séries variadas no céu, anunciando a chegada de uma tempestade.

Na cama, Rúbia se debatia. Ao lado, em um berço de madeira, envolto em um cobertor de peles, o pequeno Siegfried dormia sossegado. Ela, porém, em poucos minutos, virava-se no leito e gemia desesperadamente, na tentativa de livrar-se do pesadelo que a envolvia com tentáculos bizarros do subconsciente.

No indesejado sonho, ela fugia aflita de uma horda de ulanos negros que gritavam enlouquecidos, perseguindo-a incansavelmente. Semelhante a um gamo a esconder-se da presença de predadores, a moça se movia rapidamente, rija de terror. Como um fantasma que flutua em direção à mata, tinha as mãos pressionadas contra seu próprio peito. Sua boca queria clamar por socorro, porém o ar de seus pulmões

lhe era escasso e a dor em seu corpo lhe era manifesto incessantemente, mesclados à aparência nefanda de seu vestido sujo e surrado. Então, do nada, ela ouviu uma voz que a invocava em sussurros ecoantes:

- Rúbia! Venha por aqui...

Balançando a cabeça de um lado para o outro e agindo de modo imprevisível, a campônia resolveu aceitar o convite do misterioso salvador que a chamava constantemente pelo nome. E assim o fez. Depois que a moça se camuflou no negro véu da floresta, os cavaleiros passaram próximos dela, confusos, mas não identificaram sua localização, prosseguindo a caçada a esmo. Naquele mesmo instante, Rúbia suspirou aliviada.

Entretanto, quando a última tocha acesa empunhada por um dos cavaleiros passou, ela não conseguiu ver mais nada. Na escuridão silenciosa, ela permaneceu imóvel, implorando, em sussurros chorosos, que seu salvador se manifestasse. Até que outro chamado chegou aos seus ouvidos:

Rúbia, por aqui...

Onde estás? - indagou a fugitiva, que seguia floresta adentro, dando passos lentos de criança amedrontada.

Embora não tivesse certeza de quem seria, resolveu obedecer à tal voz. Mas, ao mesmo tempo, sua mente foi invadida por pensamentos sinistros.

Rápida e voraz, uma mão dura, com dedos alongados, agarrou seu pescoço, e sua parótida ficou presa por grilhões, impedindo-a de gritar. O mau cheiro daquele braço endurecido invadiu-lhe as narinas; aquela pele estava repleta de tumores inflamados que vazavam líquidos purulentos, e também de pelos ásperos que se assemelhavam a espinhos de cactos. De repente, seus delicados olhos mergulharam no poço da escuridão, enquanto seu corpo gelava completamente.

E o terror emergiu das trevas na forma de esquizofrenia de muitos loucos. Os olhos da besta pousaram sobre ela, e os brilhos escarlates do seu olhar cintilaram nos olhos que se arregalavam, no mesmo instante em que uma boca profana se escancarava.

A vítima, totalmente inerte, nada mais podia fazer a não ser esperar pelo que ia acontecer. Então, a aberração declarou palavras mundanas que soaram como uma bofetada em sua face.

O que há contigo, mulher! - exclamou a criatura com voz gutural. - Não reconheces teu próprio filho? A semente maldita que geraste em tuas entranháveis entranhas?

A moça gemeu ante ao horror vivo.

De leone serpentem habitabit!

Isso foi o bastante para que ela soltasse um brado ao mesmo tempo em que o ser abissal arremessou-a violentamente nas trevas eternas.

Nesse momento, a assustada calipso abruptamente acordou, e seu regresso ao mundo real foi muito dolorido, pois pensara ter morrido.

Rúbia olhou para o berço onde a criança dormia tranqüila. Em silêncio, ainda atônita com o pesadelo, limpou a face molhada de suor com as costas das mãos.

Rúbia estava envolvida em seus próprios pensamentos, refletindo sobre sua vida, desde o fúnebre momento em que conheceu Howell. Jurara, em seu íntimo, que odiaria todos os homens, estes seres devassos e arditos que cobiçam as riquezas temporais e tornam-se evampirados pela inocência das frágeis virgens, só para nutrirem seus sórdidos desejos. Mas aquele homem, Loan Horsham, era diferente. Ainda que tivesse um corpo robusto, havia uma sombra de fragilidade em seu ser.

- Creio que estou amando... - murmurou em baixa voz. - O som do vento torna-se uma melodia quando o vejo, e as flores parecem exalar ainda mais seu perfume quando ele está ao meu lado.

E os dias foram se passando...

Loan, com toda a sua simplicidade, entoava suavemente canções que a encantavam. Sentada em uma pedra, embalava o recém-nascido nos braços, pois, embora recuperada do parto, o bondoso homem, de forma sutil, a privava de qualquer tarefa doméstica.

Durante as noites, a cabana era perfumada pelo aroma do ensopado ou o cheiro das carnes cozidas, obras-primas de Horsham, que preparava uma refeição de dar inveja a qualquer mestre da culinária.

Embora ele fosse muito querido pelo povo do vilarejo, não tinha como evitar o destino. Em breve teria de partir e deixar tudo para trás novamente, inclusive a mulher apaixonada. Ele não queria pôr em risco a vida de ninguém do vilarejo, nem da diva com quem tanto se importava e amava. Algo em sua consciência dizia que alguém viria tentar matá-lo.

Mas uma coisa era certa: pegaria a todo custo os assassinos de sua linhagem, nem que para isso revirasse todo o solo inglês. Manteve esse sentimento em sua alma como seu último objetivo.

Havia uma pessoa sentada num tronco velho, tombado próximo a uma trilha íngreme ao lado da mata. Com a face colada nas mãos, esperava pacientemente noite adentro por alguém que, sabia ela, estava prestes a chegar. Uma túnica antiga, bordada de corações rubros, cobria em pregas firmes seu corpo sensual.

Era Elizabeth, a mais ambiciosa das mulheres, possuída por um escuro e profundo ódio. A noite tranqüila e estrelada deslumbrava-se e a brisa suave e fresca rolava calmamente sobre as folhas secas, mas nem o sopro dos zéfiros desmanchava o nome autografado em sua mente insana.

- Loan Horsham, pudera ter posto veneno em tua comida no dia em que chegaste aqui... - declarou, mordendo os lábios em murmúrios.

De seu ponto de vista, durante aquelas semanas que se passaram, o destino envolvera sua diletta amiga Rúbia com um asco e amaldiçoado forasteiro.

Antes de esse parvo chegar, Elizabeth vivia plenamente para o bem-estar da moça, como irmãs de uma bênção eterna, destinadas apenas a protegerem uma à outra. Agora esse homem despira seu sonho obcecado de tê-la somente para si. Ela caíra de paixão nos braços desse desconhecido, que lhe colheu os frutos do frágil coração.

Já um tanto abstraída e arranhando o tronco onde estava sentada, Elizabeth baixou os olhos sobre o chão duro da terra, mas, mesmo assim, avistava a face sorridente de seu inimigo, transformando sua alma em uma fera vingativa.

De repente, uma figura mesclada com as sombras aproximou-se pela pequena trilha, onde o ginete marchava num galope lento e cauteloso. Reconhecendo aquele misterioso cavaleiro, a campônia dirigiu-se até ele dedicando-lhe um sorriso de felicidade nos lábios. O emissário, parando diante dela, removeu o capuz, olhou para ela com composta seriedade e disse-lhe:

Trago a ti uma mensagem do lorde Henrique.

E as duas figuras se reuniram, tendo somente a luz do tênue luar como testemunha daquele encontro sórdido.

Espero que ele tenha enviado algo precioso junto a esta mensagem - disse a mulher com tom de ansiedade.

O mensageiro de roupas negras retirou da sela um saco de veludo abarrotado de dobrões de ouro.

Se fizeres tudo o que meu senhor deseja, a ti serão concedidas riquezas jamais sonhadas.

Elizabeth respondeu:

Doce é a generosidade de meu lorde, vassalo.

E os dedos delicados da moça agarram desesperadamente o saco de veludo.

É fundamental que mantinhas a mulher e o forasteiro aqui neste vilarejo. Sê convincente, para que eles jamais desconfiem de algo. Dentro de dois dias, lorde Howell virá com uma guarnição armada. Até lá, sê fiel ao trato que te foi proposto e receberás a recompensa que tanto almejas.

Uma risada foi a resposta da jovem traiçoeira.

Certifica-te de que ninguém desconfie de ti!

Sem mais nada a dizer, o emissário puxou as rédeas do animal, virando as costas para a despudorada.

Depois sacudiu a túnica e enfiou o capuz na própria cabeça.

Diz ao teu senhor que tudo será como ele desejar! - respondeu Elizabeth, vendo-o partir para seu destino.

Não demorou muito, uma voz irrompeu por entre as árvores, manifestando o assombro e a raiva daquela que ali estava.

Então, o que Loan me disse era verdade! Elizabeth, como pôde fazer isso comigo? Eu te considerava como parte de minha própria família! Feriste meu coração com dores insuportáveis! Cometeste um crime grave e vergonhoso!

Com espanto, ela fitou os olhos em Rúbia e, totalmente espavorida pelo flagrante, pronunciava argumentos com hesitação, balbuciando as palavras.

Rúbia... Eu... O que faz aqui?

Outra voz surgiu nas sombras dos arbustos, ativando a adrenalina no sangue da pérfida mulher.

Precisas aprender a controlar teus impulsos, Elizabeth.

A traidora mordeu o lábio, e sobre sua face iluminada pela Lua desceu a sombra da cólera. Depois de um repentino suspiro, ela amaldiçoou aquele que tanto a enojava:

Ah! Como és maldito! Tua mãe pariu um animal imundo que se alimentou dos excrementos de seus ancestrais, em vez de um homem!

Tu és uma covarde. Acaso fui eu que vendi a alma para condenar amigos e pessoas inocentes, só para concretizar uma inútil vingança?

Cala-te, cão!

De forma imediata, Rúbia protestou, desferindo uma pesada bofetada na face alva da traidora, que emudeceu.

Por favor, continua - replicou Rúbia.

Elizabeth olhou-a com estranheza, mediante seu ato.

Por que tu não contas toda a verdade a ela? Redime-te ao menos, porque, por outros males, só Deus pode perdoar-te! - Loan advertiu-a.

Empinando o nariz, a camponesa escarrou sobre o chão e retrucou:

Tolo imprudente, tuas afirmações são umas chalaças! Como um desconhecido sujo e fedorento pode vir acusar-me com essas injúrias?!

Vendo a expressão séria de Horsham, Rúbia apiedou-se:

Ao menos ele tem a honra e o caráter imaculados, coisa que não vejo mais em ti. Que amigos viveriam ao teu lado, se estás com um coração morto e com a língua cheia de veneno?

Elizabeth corou.

Rúbia, por que humilhas a mim e defendes este déspota? - indagou a falsa amiga. - Afinal de contas, não fui eu que te recebi grávida, abandonada, e te trouxe para este vilarejo miserável? Que te alimentei e te

compartilhei um lar, só para poderes ter esse filho com um pouco mais de segurança? - argumentou. Agradeço-te muito o que fizeste por mim. Mas e quanto a esses atos bárbaros que cometeste? - perguntou ela, tentando segurar a dor que fustigava seu ser.

O silêncio tornou-se presente. Então, de repente, Loan exclamou, levando a mão à testa:

Muito bem! Rúbia, senta ali, pois não quero que canses. As revelações que irás ouvir neste instante são muito longas e tortuosas.

A jovem Lands sentou-se no mesmo tronco que antes fora ocupado pela outra. Elizabeth permaneceu de pé e estava sempre lançando um olhar traiçoeiro sobre o rival, que a afrontava, refletindo com cuidado sobre o que estava prestes a exprimir.

Lamento muito por ti, mas negaste a Rúbia a verdade.

Achas que estou com problemas, seu insignificante?

Horsham deu uma pausa e pouco a pouco as palavras foram esclarecendo tudo, superando qualquer artimanha daquela pessoa artilosa que estava na sua presença.

Exatamente aqui, neste vilarejo, há quatro anos, uma indefesa jovem havia sido vítima de seu próprio benfeitor. Quando o mal do alcoolismo pairava na vida daquele homem, feito um demônio que possui um corpo sem fé, essa garota menos afortunada foi obrigada a se tornar alvo de uma concubinação depravada, sendo exposta à mais humilhante das transgressões. Ninguém, nem mesmo os fundadores da vila, tiveram coragem de manifestar seu protesto, pois temiam o artiloso Wonifred Baldric, achando que seriam vitimados mediante sua sanha desatinada. Mas seu reinado de tirania havia terminado naquela noite. Mal rompeu o amanhecer, os camponeses seguiam direto à lavoura para trabalhar, quando ficaram surpresos ao encontrar o cadáver do algoz esfaçalhado junto à plantação de milho. Todos ficaram em pânico e apreensivos de que algo terrível e monstruoso desencadearia sobre os habitantes. Contudo, havia uma moça que nem sequer se entristeceu pela morte do pai; pelo contrário, ela regozijou-se com isso. Tempos mais tarde, descobriu que estava grávida e isso a fez isolar-se de tudo e de todos. E deu à luz um menino, um filho de seu pai-avô. Isso a deixou desesperada, fazendo-a praticar atos cruéis contra o rebento, privando-o de todos os cuidados de que aquele inocente precisava e merecia. Porém os moradores não ficaram ociosos; temendo pela vida do bebê, confrontaram-na e o arrancaram dos braços da malfeitosa. E, seguindo as indicações das autoridades, levaram o menino para bem longe, a fim de que não fosse mais molestado por ela. Dias depois, encontraram uma família que o aceitou de braços abertos, na qual a alegria por aquela dádiva dos céus foi bem recebida. Mas mal sabiam eles que o peso da vingança cairia sobre suas cabeças, por terem intervindo. Cada esposo forte foi atraído, forçando a esposa a vestir o manto da viuvez. Seus filhos pereciam na presença da noite e, a cada raiar do sol, as lágrimas de mães em desespero mendigavam a Deus pelo retorno deles.

Elizabeth encarou o casal com extremo furor. Quanto mais a história atingia seu ápice, maior era seu desejo de matar Loan. Justamente ele, a pessoa que mais odiava, narrava fatos tão dolorosos e verídicos. Pelo jeito, tu não foste esperta o bastante para esconder teus crimes, não é? - interrogou Horsham.

Rúbia levantou-se às pressas e, com os olhos em lágrimas, correu até seu amado.

O que fizeste, Elizabeth?

Ela gargalhou com ironia mordaz.

Ao contrário, miserável! - confessou abertamente. - Fui astuta o bastante, pois esses cães mereciam morrer e morreram! Esse foi o começo.

Continua, estamos ouvindo - disse ele, enquanto segurava firme a mão de Rúbia.

Não foste tu, querido e amado de Rúbia, violado inúmeras vezes por aquele que acreditava ser teu protetor! - lastimou-se em brados.

Tive, por consequência, o fruto do pecado crescendo em meu ventre. Não sabes como me senti, sendo eu a cisterna de um verdugo imundo para a seqüência da sua maldição! Esses ignóbeis camponeses precisavam morrer, pois negaram a mim a remissão dessa transgressão.

Transgressão? Uma inocente criança à qual evitaste dar amor e carinho? - esbravejou Rúbia, encarando a outra com extrema revolta.

Saiba que também fui vítima dessa ação monstruosa, mas Deus me confortou, presenteando-me com um lindo menino.

Por isso cuidei de ti, mas também foste selada pelo pecado ao qual chamas "menino" - declarou Elizabeth.

Loan ponderou por alguns momentos e logo concluiu todo aquele mistério:

Agora entendo por que queres que me afaste de Rúbia: odeias os homens. Por isso as mulheres e filhas não sofreram dano algum; os meninos e seus pais seriam totalmente extintos desta vila não fosse Rúbia chegar aqui. Com isso, temporariamente foram poupados de sua demência desenfreada!

E continuou:

E até hoje ninguém soube ou sequer suspeitou de ti.

Exatamente, fiz isso mesmo! - confirmou a mulher. - Todo mundo tem um mal enterrado dentro de si; basta ter ousadia para liberá-lo. É como um ritual místico no qual você se entrega ao sobrenatural; tu deves saber também qual é a sensação.

Rúbia inquiriu:

Como pudeste fazer mal a ti e a essa gente que somente quis ajudar-te?

Ajudar-me? Oh, Rúbia! Desdenhas da minha amizade e acatas a cólera desta que te amou como uma irmã? Nem tu sobreviverias se eu não quisesse. Ficaí ao meu lado e juntas poderemos fugir deste lugar fúnebre. E com as riquezas que hei de ganhar realizaremos todos os nossos sonhos. Abandona este homem que apenas fará de ti objeto de orgia!

Os olhos de Horsham se estreitaram.

O silêncio pairou, enquanto o vento serenamente balançava as folhas das árvores.

Elizabeth, o que falas não tem sentido algum..

A princípio, Rúbia olhou-a com pena, mas, depois do que acabara de ouvir, virou-se para a assassina nefasta, redarguindo:

Quero que sejas punida por cada gota de sangue derramado, e por cada lágrima que tu fizeste essas abnegadas mães chorarem. E, graças ao bom Deus, a criança que consideras pecado foi tirada de um animal cruel e sem coração para ser cuidado por seres humanos que a amam muito!

A memória do martírio veio à tona, e os olhos de Elizabeth tornaram-se um braseiro. Então, sem mais nada a dizer, apossou-se de um pedaço de madeira e investiu ferozmente contra a moça a quem outrora dava total apreço.

Loan pôde ver o fulgor do ódio estampado na face daquela mulher, momentos antes de lançar-se em auxílio de sua amada. Rangeu os dentes enquanto abraçava Rúbia, segurando-a firme e pondo-se à frente da agressora que, sem nenhum remorso, desferiu o forte golpe sobre sua cabeça, deixando-o inconsciente. Atônita, Rúbia, também caída ao solo, não acreditava no que via. Os nervos afloraram-lhe à pele ante o terrível acontecimento. Quanto à hostil camponesa, nenhuma palavra foi dita. Somente um riso de cinismo emanou dos lábios da alucinada, revelando que aquele ato tirano não pararia ali.

A previsão foi repentina, e a filha de Gales deu-se conta de que também deixaria de ser uma testemunha, para tornar-se vítima. Então uma fúria extrema foi liberada de sua mente e, ao ver o herói de sua vida no chão, ela virou-se contra a agressora, gritando muito.

Elizabeth surpreendeu-se, pois nunca vira Rúbia comportando-se daquela maneira.

Antes que ela tivesse oportunidade de reagir, Rúbia agarrou-a ferozmente pelos cabelos e esbofeteou com toda a violência seu rosto. A dor lancinante fez com que a outra soltasse a madeira, e Rúbia, aproveitando o momento, lançou-se e envolveu sua cintura, arremetendo o peso do próprio corpo para jogá-la brutalmente no solo. Elizabeth bateu sua cabeça em uma pedra, ficando imobilizada. Cautelosamente, os olhos azuis da vencedora vasculharam o corpo caído da outra, enquanto os arfantes

pulmões tentavam resgatar um pouco de ar. Levantando-se, ela seguiu devagar até seu defensor, que jazia na superfície arenosa.

Balançando a cabeça, Rúbia caiu, agora sentada, mas já próxima a ele.

- Loan... Loan... - chamou. Mas ele nada respondeu. - Fala comigo, meu amor...

Virando o corpo do cavaleiro, espantou-se ao ver a cabeça dele vertendo sangue. Levantou-se às pressas, ainda aturdida. Com a testa suja de terra e molhada de suor, as pupilas dilataram-se pelo medo de perdê-lo; o mesmo pânico a fez correr para o vilarejo em busca de socorro.

Loan voltou a mexer a cabeça bem devagar e com desânimo, sem saber quanto tempo esteve desacordado. Mesmo com a visão turva, ele podia ver o semblante consternado da princesa dos cabelos dourados que, aflita, esperava por uma reação sua. Olhando de um modo estranho para a jovem, começou a dizer confusamente:

Acaso... Estou vagando... Em outro... Mundo?

Respondeu ela, atada aos laços da inquietude:

Não temas; a pancada que sofreu não te causou danos mais sérios. Logo ficarás bem.

Perdoa-me... Por ter te deixado melancólica...

Tu és parte de mim e sempre soube que jamais me abandonaria.

Loan sorriu para si mesmo. Tempos atrás, já se acostumara com os furacões causados pela cegueira da guerra. E, para saber o fim da batalha, bastava os sobreviventes contarem seus mortos, enlouquecendo logo após, por consequência dessas lutas infundadas, em que não há vitoriosos, pois de ambos os lados existem as baixas.

Cuidadosamente, sua mão áspera deslizou sobre o crânio enfaixado, que lhe doía intensamente, após ter sofrido a dolorosa pancada.

Pela segunda vez tu me salvas... Não sei como poderei pagar-te por tudo que fizeste...

E Rúbia acresceu:

Tu abriste meus olhos em relação a Elizabeth e impediu que mais pessoas inocentes sofressem por sua ação vesana.

Como assim? - indagou o homem.

Quando tu arrancaste a verdade dela, vários aldeões estavam escondidos na mata e ouviram sua confissão. Ela foi de imediato detida e posta a ferros; agora ela irá pagar por seus crimes.

Loan suspirou.

Não há mais nada que nos aflija.

E, com todo o carinho, a bela jovem lhe prestava carícias. Horsham aquiesceu e, mesmo com dores, sorriu também, pensando que, em parte, foi o responsável pelo martírio da moça. Ela sofrerá muito nas mãos de um tirano, e ele mesmo tinha o profundo desejo de penetrar sua espada nas entranhas daquele verme. Agora, essa outra revelação. Como deveria ter sido duro para ela ser escolhida, alimentada por uma pessoa que considerava sua amiga. Que confidências teriam feito uma para a outra. Uma amizade que ele pensava ter destruído, usando a espada da verdade, mostrando que aquela simples camponesa era uma assassina cruel. Aquela lesão na cabeça fixou em seu subconsciente que todas as pessoas que estão ao seu lado acabam perecendo ou sofrendo. Gravou no coração o valor da vida. Agora queria dizer adeus à sua vingança mesquinha, pois punha um fim à guerra que há muito afligira a alma: já era tempo de acordar, viver sem pôr em risco a vida das pessoas que o amavam; deixar que o sangue dos inocentes clamasse a justiça de Deus. E, se de alguma forma continuasse a usar a espada, seria depois de morto, pois o passado ficara eternamente para trás.

Desculpa-me, milady, gostaria de descansar agora... — sussurrou, um tanto sem jeito.

Rúbia compreendeu.

Claro, meu amor, descansa.

Loan deitou vagorosamente a cabeça sobre o travesseiro de penas de ganso, e tentou não demonstrar para a moça sinais de sofrimento.

No entanto, ela notou algo.

Loan, estás bem?

Horsham acenou em positivo, respondendo:

Estou apenas cansado; está tudo bem.

Ela se animou.

Fico feliz em ouvir isso de ti.

Em seguida, retirou-se do quarto, deixando-o apenas ao lado dos fantasmas do passado.

O cruzado engoliu seco. Tomado por uma dantesca emoção, sentiu as lágrimas quentes molharem os olhos. Por um longo tempo silenciou, indo ao encontro de uma dura e definitiva decisão.

O sol ainda não despontara seu brilho reluzente, e os ventos gélidos da manhã agitavam as árvores, enquanto o céu despia-se do lençol estrelado da noite para dar lugar ao alvorecer.

Lá em cima de uma colina próxima à vila, o cavaleiro do leão permaneceu por horas em pé, totalmente imóvel. A cama não mais oferecia conforto; ela havia se tornado um leito de espinhos. Anjos e demônios do passado digladiavam-se na mente difusa do homem solitário. Os pensamentos o fizeram retroceder e ele pôde ver as pessoas que mais amou sendo humilhadas ou mortas por causa de suas atitudes.

Mais uma vez se sentiu julgado pela natureza que o criou, cuja sentença era a de vagar sozinho pelo resto da vida. Sempre teve as regalias de um fidalgo; agora, para sobreviver, teria de contar consigo mesmo. Perdera bens e família, acreditando em um Deus bom e generoso que o guiaria para a felicidade. E, diante disso, enfrentou com a espada os inimigos da luz, levando em estandarte o nome de Cristo em seu coração. E para quê? - pensava ele, se perguntando: *Para que servir a Deus, se o Sol nasce para o justo e para o ímpio? Se a chuva destrói a plantação do justo e, contudo, enriquece as terras dos ímpios, onde as sementes que foram furtadas dos pobres engordam ainda mais suas lavouras? Se a vida do mais humilde e fiel definha, enquanto o homem maligno se agiganta e prospera em suas riquezas?*

É este o céu que estás reservando para o justo? Uma vil cruz de madeira plantada na terra fétida da cova, enquanto vermes banqueteiavam-se com sua carne petrificada e apodrecida? - indagou.

Era sempre assim, Loan se sentia obrigado a andar por caminhos que pareciam predeterminados e acabava deixando atrás de si uma trilha de desespero e lágrimas.

Franziu as sobrancelhas e, piscando rapidamente, fez uma pergunta para si:

Acaso serei eu um novo Jó, que tem de passar por toda essa melancolia e provação, para somente poder provar ao Senhor e ao demônio de que lado hei de ficar?

O vento assobiou por seus ouvidos cansados. Por um instante, sentiu que o pássaro luminoso apareceria e lhe tiraria a dúvida.

Loan riu. E o som da própria risada pareceu o mais irônico que ouvira. Riso que outrora jamais se atreveria a dar. Mas, dessa vez, ele estava convicto de viver uma nova vida, tornando-se um agnóstico sem riscos, sem obrigações militares ou religiosas e, acima de tudo, sem metes.

Quando terminou de se lamentar, Loan lançou a capa às costas e retornou cabisbaixo, vagorosamente, para a realidade, sem notar que ama figura bastante conhecida e apaixonada já partia ao seu encontro.

No instante em que viu Rúbia, com os cabelos longos esvoaçando ao toque atrevido do vento, hesitou por um momento, como se estivesse paralisado.

Movimentando-se, quase por instinto, deixou escapar uma frase involuntária da boca trêmula. Rúbia olhou-o intrigada:

Algum problema?

Loan não sabia o que fazer. Cerrou os lábios e em seguida demonstrou-se apático.

Pareces diferente...

As palavras dela desfizeram rapidamente sua quietude, dando lugar a uma expressão séria e apreensiva: Rúbia... Há algo que preciso dizer-te...

E o que vais dizer?

O cruzado estava se sentindo inquieto demais para esconder a aflição do íntimo de seu coração. Porém, para a doce flor do campo, isso foi mais que uma simples preocupação. Mesmo pelo pouco tempo que ficaram juntos, ela conhecia bem o homem que amava e, sem pestanejar, foi logo perguntando:

O que há contigo? Existe algo que o importuna tanto? Acaso não gostarias de dividir teu fardo comigo?

Ele mordeu os lábios, e bem que tentou disfarçar, mas as palavras dela caíam como pontadas em seu coração, que se sucediam sem parar. E Horsham respondeu, mas sua voz parecia cada vez mais amedrontada, quase histérica:

Preciso... Partir...

Perdão, meu amor. O que disseste? - perguntou sem nada entender.

Estou indo embora, simplesmente isso.

Ela respirou fundo. O choque daquela frase a laçou de surpresa.

Cansei das duras injúrias desta vida, de lutar comigo mesmo. Onde quer que eu esteja, pessoas inocentes sofrem ou morrem.

Aflita, ela relutou:

E quanto a nós, a mim? Por que entraste em meu coração dizendo todas aquelas palavras lindas, convertendo minh'alma, fazendo-me acreditar em ti, que há esperanças para o amor? Agora me dizes que vais embora?

Ele olhou para o Sol, que estava subindo vagarosamente, e nada respondeu.

De súbito, a moça agarrou os braços de Loan, e suas lágrimas desciam cintilando, como inúmeros diamantes, mas evaporavam quando tocavam o solo, desaparecendo com elas a esperança de ser feliz.

Que mal fiz a ti, diz-me? Se te magoei por causa de Elizabeth, perdoa-me, esqueças tudo, poderemos ser felizes juntos...

Rúbia...

Faço tudo o que desejares, me entrego por completo a ti...

Rúbia... Escuta-me...

Por favor, meu amado. Não me deixes só, eu imploro...

Acenando a cabeça numa negativa, ele piscou exageradamente.

Depois impediu que a campônia continuasse pegando-o daquela forma e segurou o braço dela com mão firme.

Em nome de Cristo, mulher, pare de se inferiorizar! - exclamou o cavaleiro, que permanecia imóvel.

A moça não pôde esconder a surpresa. Ele nunca a tratou dessa forma, sempre se limitou a atos gentis, até quando não se permitiu deitar-se com ele. Ao invés disso, cuidou dela com toda a decência.

Após alguns segundos de silêncio, Loan arrependeu-se de ter usado o tom áspero, soltando logo o braço da mulher e se afastando em seguida.

Os sussurros de lamentos chegavam aos seus ouvidos cansados, e ele, com um olhar contrito para a jovem que chorava, disse-lhe:

Rúbia, tu és a joia mais preciosa de minha vida, e meu espírito nunca poderia viver em paz se algo terrível acontecesse contigo, por estar ao meu lado. - E acrescentou: - Não é por culpa de Elizabeth que não podemos ficar juntos, mas é o mundo e o destino que não querem que nosso amor floresça, e isso dilacera o âmago de minha alma.

Continuou a falar:

A verdade é que não tenho sido para ti o melhor homem do mundo. Minha missão era lutar contra os inimigos de Cristo e nem isso consegui fazer direito.

Rúbia apenas escutava alheia e atenta ao melodrama de Horsham.

Quando aceitei o pacto celeste, pensava que servir a Deus seria uma tarefa fácil, mas enganei-me. Por minha soberba em agir como um guerreiro templário, minha família e todos que eu amava estão mortos! - disse ainda: - Agora decidi seguir sozinho meu caminho, bem longe desta vila, e bem longe... De ti...

A revolta transpareceu na face da moça. Em outros tempos, ela pensaria ser culpada da decisão de Loan. Mas quando as palavras abrasantes penetraram fundo o íntimo de seu ser, a história mudou completamente. Ela corou. A repulsa agasalhou-se em suas entranhas, pois se sentiu usada sem nem mesmo ter sido tocada por ele, fato mais do que justo para se declarar:

Pensei que fosses diferente, mas, na verdade, tu não passas de um covarde imundo, que usa a credulidade das pessoas para depois descartá-las. Estás assemelhado ao próprio Howell!

Loan se surpreendeu com o peso do julgamento, enquanto Rúbia continuamente descarregava todo seu furor:

Disseste que havia caráter em ti, mas nem para o Deus vivente tu cumpres os teus votos! O que fizeste para que Ele achasse em ti os preceitos desta honra gloriosa?

Naquele mesmo instante, ele lembrou-se do dia em que protestou contra o prelado e os nobres naquela reunião corrupta, quando seu pai, determinado a salvar sua vida, pôs sua honra em jogo, escandalizando o nome da família com o preço do sangue. Um sangue de estirpe, profanado pela lâmina afiada, que antes era o orgulho de suas vitórias.

Para Loan, isso custou o exílio e o afastamento contínuo de sua raiz. Abominou-se e, sentindo-se envergonhado pela ofensa que fizera, tentou chegar-se carinhosamente a Rúbia.

Mas ela retrocedeu e, em intenso pranto, correu para a vila, lamentando-se pelo golpe que sofrera.

O cruzado lançou um olhar de desgosto para a mulher que tanto amava e que agora se afastava dele, e sussurrou temperando suas desculpas com lágrimas:

Lamento muito se te molestei com minhas palavras, mas não quero que nada de mal aconteça a ti... Minha bela flor... Perdoa-me...

Loan desceu a colina e foi para a pequena cocheira selar seu cavalo.

Durante aquele período em que se preparava para partir, Horsham não fizera planos para onde ir nem sobre o que fazer para sobreviver, muito menos demonstrava qualquer anseio em voltar atrás em sua decisão, pois pensava ser o mais certo a fazer, pela segurança de sua amada. Na verdade, estava disposto a seguir em frente, mesmo tendo o coração em pedaços.

Quebrando seus pensamentos, uma voz feminina pronunciou seu nome. Agindo por puro reflexo, virou-se para sua direção. Então, seus olhos contemplaram uma cena que o fez inundar-se em lágrimas. O coração bateu em disparada ao ver a linda mulher se aproximando com uma sacola de couro. Andava a passos lentos, seguidos de um grande pesar desenhado na face alva. Já próxima a ele, ela pegou aquela mão máscula, de forma carente. E o admirável efeito daquele contato físico o perturbou:

Por que fazes isso?

Porque te amo. No momento em que te vi, desejei no fundo de minha alma que fosses meu homem, meu consorte - sussurrou a jovem campônia em seu ouvido.

Ele evitou o olhar penetrante de Rúbia. Sabia que era tolice afastar-se dela, pois seu corpo e seu coração almejavam tê-la nos braços. Mas também não pôde esquecer o chicote sangrento que o fustigou de forma ominosa, transformando sua vida em ruínas. Mergulhar na liberdade de novos horizontes talvez fosse a cura para as feridas que estavam abertas em seu espírito.

Rúbia, eu..

Não fales mais nada; eu entendo o que queres fazer. Tu tens um destino a cumprir e, se assim tem de ser, que assim seja.

Eu.. Falei com Alec Henry. Disse-me que adoraria te ajudar, e ao pequeno Siegfried... - ele murmurou.

Compreendo-te mais do que imaginas - respondeu ela, com ternura.

Compreendes?

Nada neste mundo, nem mesmo nossos próprios corpos, pertencem a nós. Devemos conformar-nos com os caminhos que nosso Deus nos dá como trilhas; só assim seremos felizes.

O corpo daquele homem tremeu ante as sensações causadas pelas sinceras palavras e ele tentou esquivar-se do assunto. Mas logo percebeu que Rúbia sabia de tudo.

Não precisa de todo esse drama, sir Loan - a moça rebateu. - Já disse que entendo a tua partida.

Horsham emudeceu.

Cavaleiro meu, leva esta sacola de mantimentos para quando sentires fome, e alimenta-te bem.

Eu te agradeço por tudo, minha diva.

A moça viu a expressão de agrado no rosto de Loan, tão evidente... E, achando-se totalmente digna, fez-lhe um ousado pedido.

Loan, posso beijar-te como despedida?

Horsham quase vacilou ao ver os lábios carnudos e macios pronunciarem as doces frases mescladas ao cheiro de flores silvestres que exalava do corpo da bela mulher. Mas a teimosia do próprio orgulho o fez mudar a situação e, sem atendê-la, foi montar seu cavalo.

Ela o amou ainda mais pela atitude cavalheiresca, lembrando-se de todos os anos em que viveu rodeada de galanteios masculinos. Nunca se imaginou capaz de sentir emoções atordoantes e cheias de paixão como sentia, naquele momento, por aquele homem. Tinha de reconhecer que ele havia roubado seu coração.

Loan não teve coragem de beijá-la, ainda que sua consciência aprovasse. Então resolveu partir, pois ficar ali não ajudaria coisa alguma. Talvez fosse melhor assim, pensava consigo.

Na realidade, a jovem não queria que ele a deixasse, justo agora que finalmente havia encontrado o homem que preencheria sua metade vazia... O amor, com o qual tanto sonhou, deslizava como água por seus dedos, fugia como um pássaro escapando da gaiola do seu coração.

Desencantado, mas prevenido para a situação que teria de encarar, Loan pegou a capa vermelha que estava no dorso do animal e entregou a ela, que abraçou fortemente o tecido, tentando disfarçar a emoção:

Sentirei tua falta... Mesmo com o coração em prantos, não posso desviá-lo da estrada do destino...

Loan Horsham respirou fundo, pois as lágrimas haviam secado. Erguendo a cabeça, colocou seu novo elmo e, a galope, dirigiu-se para uma trilha que o levaria à estrada rumo ao norte, deixando para trás a única mulher que poderia ter realizado sua felicidade.

3

Andando com cuidado pelo chão escuro de pedra, auxiliada por um castiçal cujo fogo brando de uma vela alumiaava o lugar dominado pela ausência de luz, Rúbia finalmente avistou uma figura andrajosa, deitada sobre um leito arranjado. O banquinho de visitas estava virado ao contrário; a refeição, intacta e o ar, impregnado de fortes odores de urina. Mesmo assim, isso não parecia incomodar seu ocupante. Recompondo a banquetta, colocou-a em uma posição mais razoável. Pousou, então, o pequeno castiçal sobre sua superfície. Aproximou-se ainda mais daquela que ali se mostrava e falou com um tom de aversão:

Desde ontem não comeste nada. Queres morrer?

Tais palavras foram o mesmo que colocar o dedo num vespeiro. Elizabeth ergueu seu olhar penetrante e infame.

Ora, se não és tu, minha querida irmã. Desejo redimir-me pelo desapontamento, mas não tenho intenção alguma de me alimentar. Porventura já escureceu?

Sim, há duas horas.

Ficar presa neste chiqueiro me fez perder a noção do tempo.

Os olhos de Rúbia se estreitaram, embora brilhassem intensamente, fazendo-a inquirir:

Não estás passando mal aqui, nesta cela fétida e fria?

Não, por que perguntas?

A jovem Rúbia olhou para o castiçal, onde a chama da vela queimava lentamente, e, por alguns instantes, comparou a porção de luz com o caráter da meliante.

Há algo que te aflige? - indagou, na escuridão, a prisioneira, com franca ironia.

Rúbia a encarou novamente e, desta vez, manifestou o chispar do seu ódio através do olhar. E, instigada por uma profunda mágoa, lançou um diário de capa preta aos pés da cativa.

Eis aí a prova do que Loan me relatou. Esse manuscrito contém tuas assinaturas, datas, momentos do martírio e das consumações de tuas ações profanas e covardes.

Elizabeth pegou o diário enegrecido pela sujeira. Abrindo-o, vislumbrou os rabiscos, as escritas e os desenhos atrozes, firmando em seguida um sorriso em sinal de aquiescência. E, como ela quase já não se recordava mais do tal livro, olhou para Lands e disse com ar risível:

Sabes o quanto amei ter ceifado as vidas destes malditos idiotas, e que cada página que leste foi escrita com o próprio sangue deles?

Não te carece saber de sentimentos - respondeu Rúbia. - Es uma loba demoníaca que regurgitou o próprio vômito, pois o alimento que comeste te amaldiçoou. Destruíste muitas vidas inocentes e principalmente roubaste minha felicidade! O rancor profundo e duradouro das pessoas que feriste é uma congratulação para ti! Tu não és digna de misericórdia!

Ao invés de se enfurecer, a prisioneira bateu palmas em sinal de acinte.

Oh! Veio a mim a trilha da tua trajetória, emanada por tua boca. Depois disso, adentrei e explorei a mina de seu coração; e, por dar arremate, apropriei-me do diamante bruto de tua alma.

Continuou com o teatro lúgubre:

Isso deve significar alguma coisa - continuou ela, com escárnio - Pois atingi o ápice do meu objetivo. E, além do mais, na verdade te digo que o cavaleiro encantado teve bom senso e resolveu tirar para sempre sua carcaça imunda de nossas vistas! - e a vilã gargalhou com toda a crueldade de sua alienação.

Irada, Rúbia desferiu um violento tapa na face direita da nefasta mulher, com todas as forças que o ódio conseguiu associar.

Naquela hora Elizabeth sufocou o sorriso sarcástico, ao sentir no rosto o peso da mão de quem um dia foi sua melhor amiga. Todavia, retribuiu com uma frase, como se estivesse cuspidno no orgulho da agressora:

Agora vejo o porquê de lorde Howell te desejar tanto. Esse instinto de fêmea agressiva deve exalar um inebriante perfume de sedução capaz de levar até mesmo um nobre ao delírio, não é verdade?

Maldita seja! - resmungou Rúbia, furiosa. - Como o conheceste? Que relação tens com esse algoz?

A vil mulher sorriu de modo mesquinho.

Perdoa-me, irmã minha. Eu sei o que te apoquentas; não queres vê-lo novamente... Mas, sabe, nem tudo é o que queremos.

O que queres dizer?

Dois dias antes de tu chegares a este mausoléu, dois guardas do lorde percorreram a região pregando cartazes sobre ti; um deles acabou caindo em minhas mãos. Nele estavam oferecendo uma recompensa pela tua cabeça, viva e intacta. Então, fiquei refletindo em como poderia achar-te, sem levantar a suspeita dos moradores. E foi aí, Rúbia, que fizeste a sorte sorrir para mim. Mas quando te conheci pessoalmente, vi em ti a fragilidade de uma criança. Agradei-me com isso e resolvi cuidar de ti como minha verdadeira parceira, protegê-la de todo o paroxismo de martírio causado pela classe opressora masculina. Mas um dia todo o meu sacrifício caiu por terra, quando este execrado forasteiro chegou até aqui! Com suas palavras fúteis e aparência ilusória, tornou-te uma concubina dele, enquanto permaneci esquecida!

Rúbia arregalou os olhos, horrorizada com o relato da déspota criatura.

Tu me vendeste a ele? Eu confiei em ti, confidenciei as amarguras do meu sofrimento e, no entanto, tiraste proveito para obter lucros!

A vida é como um conto de fadas. Só que, nesta história, tudo é real.

Franzindo as sobrancelhas, instintivamente a camponesa lançou-se sobre os cabelos de Elizabeth e, totalmente encolerizada, perguntou novamente, aos gritos:

Quando ele virá? Diz-me! Para que dia será a chegada de minha sentença?

Amanhã... — respondeu a outra, em meio a grunhidos de dor.

Já não havia mais raiva no tom de voz da jovem mãe. O pavor já percorria suas entranhas, tomando conta de seu espírito. Loana não mais estava ali para tomar sua defesa; estava desprotegida, completamente só.

Em questão de segundos, as lembranças amargas desfilaram diante de seus olhos, nas quais a imagem de Howell surgia. O rosto sempre sombrio e ameaçador, uma retrospectiva de atos ultrajantes, tendo Rúbia como coadjuvante, sem demonstrar nenhum sinal de compaixão.

Tudo o que ela queria era apenas encontrar um homem que seu coração elegeisse e depois casar-se, estabelecer-se, ter filhos, gozar as alegrias de um lar sereno.

Mesmo tendo os cabelos puxados com grande violência, Elizabeth replicou de maneira ordinária:

E melhor me soltar, milady... Não fica bem a uma dama portar-se com tanta falta de compostura.

Então, Rúbia voltou-se para ela com uma ampla seriedade estampada no rosto.

Queres ver como me comporto? - redarguiu. - Irei mostrar-te.

Assim falando, a mulher de cabelos dourados demonstrou toda a brutalidade de que é capaz, arremessando a megera, com violência, ao chão. Ela caiu como um cervo quando golpeado pela pata de um voraz felino.

Por fim, exausta, Rúbia agarrou o castiçal e deu as costas àquela vil criatura, que a amaldiçoava por ter sido tratada como a pior das insignificantes. Baldrick continuava a atacar com o forte teor de sua expressão:

Sabia que tu irias reagir desse jeito, agora para de resmungar, pois não podes fugir do passado!

As duas ficaram se olhando em silêncio por algum tempo, Elizabeth sentada num chão fétido e desconfortável e Land's em pé, com ar de contrariedade e medo. A camponesa sentiu vários pensamentos lutando dentro de sua cabeça e implorava em poder compartilhá-los com seu amado cavaleiro, mas naquela altura ele já estava bem longe dali. Como não tinha outra alternativa, tentou achar uma rápida solução sem o apoio dele.

A pedido da moça, o carcereiro abriu a porta da cela, e o mais depressa que pôde ela se retirou da repartição carcerária onde se encontrava. Mesmo desconsolada, Rúbia precipitou-se no silêncio e apenas assoprou a vela do castiçal.

Lá fora, as palavras grotescas pareciam pairar no vento gelado da noite. Sua mente refletia. Poderia Elizabeth estar blefando? Possivelmente não, pois sabia muito a respeito de Henrique Howell. Seu coração a alertava. Sim, ela falava a verdade, nada é mais provável e certo. O malévolo verdugo estava em seu encalço.

Desequilibrando na sela da esperança, Rúbia, com ressentimento, pensou: Para onde fugir, como me esconder de um homem cujas influências são ilimitadas? Como eu poderia achar refúgio sem expor ao perigo a vida de Siegfried?

Por muito tempo, tentou reformular os planos para sua fuga. Mas, tendo em vista as duras conseqüências da realidade, todos eles foram em vão.

Rúbia chegou à casa simples, pegou o menino e saiu em plena noite, embalando-o enquanto olhava para aquela imensidão de astros, tentando decifrar o destino que os dois teriam.

De que maneira o filho, sua única família, iria sobreviver ao sol escaldante e às demais condições climáticas que uma viagem longínqua traria como desconforto? - pensava ela, entristecida, enquanto

olhava para o céu negro enfeitado de estrelas e aconchegava o filho ao colo.

- Meu Deus, onde estará meu anjo alado? Por que não aparece mais para esta alma cansada que necessita tanto de tua preciosa proteção? Acaso, Senhor, cometi alguma cruel falha a ponto de desagradar a Vossos olhos? - murmurou. E caiu de joelhos ao pó da terra, deixando explícitas as lágrimas que rolavam em abundância de seu rosto. Permaneceu ali parada, sem se mover. Contemplou as estrelas prateadas que, com toda sua calma, pareciam zombar de sua desgraça.

De qualquer maneira, Elizabeth já havia crucificado suas esperanças. Com sua língua afiada como uma espada desembainhada e empapada de perigosos indícios, é bem provável que tenha lhe reservado um árduo reencontro. Com certeza, ele logo estaria aqui e, quando a encontrasse, faria coisas horríveis consigo e com sua criança.

Sua única alternativa seria novamente fugir para bem longe deste vilarejo. Contudo, não sabia para onde ir ou como iria viver. Uma mulher sozinha com um bebê teria poucas chances de sobrevivência.

Rúbia ficou cogitando várias hipóteses, profundamente. Perguntava-se o porquê de Howell odiá-la tanto, se só o que fez foi tornar-se submissa a ele. Também não compreendia o motivo pelo qual um homem de estirpe sentia a necessidade de matar seu próprio filho, sendo ele mesmo o responsável pela sua existência.

Envolvida pelo drama de sua vida e leiga pela relativa lei da realidade, ela não percebeu a vinda de uma figura feminina, de roupas esvoaçantes, que vinha em sua direção.

Então, uma voz mansa e tranqüila se fez presente:

- Rúbia, que bom que vieste a mim.

De súbito, a moça assustou-se diante do chamado. Ao ver o vulto, encheu-se de entusiasmo, mas o mundo pareceu girar à sua volta. E, usando as poucas forças que tinha para colocar a criança delicadamente no chão, em estado febril e vencida pelo cansaço, desmaiou.

Capítulo 4

O MARTÍRIO DE RÚBIA

Densas e colossais, as enegrecidas nuvens das tempestades vomitavam chicotes de fogo, cortando ao meio algumas árvores antigas da assustadora floresta de Nottingham, divisa de onde se separa da Mata Verdejante. Aos sons de seus próprios passos, uma jovem trafegava aflita pelos corredores de um castelo mosaico, demarcado pelas chagas de uma epopeia negra.

- Por favor, o que queres de mim? - perguntou a esmo.

Em resposta, um vento fétido bateu em seu ser, paralisando-a por instantes. A princípio, veio uma náusea vertiginosa; então, fisgadas internas similares a picadas de víboras tornaram seu semblante confuso e, depois, assustado. Vagarosamente, Rúbia encostou-se à parede e, pronunciando as únicas orações que conhecia, balbuciou súplicas chorosas.

Interrompeu-se instantes depois, em meio às preces. Sua expressão era tensa e suas palavras eram substituídas por um grunhido estranho. As fisgadas ficavam mais intensas e, levando as mãos ao ventre, ela contorcia-se. A dor assemelhava-se a um cardume de piranhas lhe devorando os intestinos, fazendo com que ela mostrasse uma careta horripilante. Aos poucos, vieram as câibras dilacerantes, com o suplício e o pânico de mãos dadas, tendo as trevas e as paredes limosas como testemunhas.

De repente, ela soltou um gemido alto e profundo, arranhando com uma das mãos a parede do corredor. Nos dedos havia nós e sangue, diante do intenso esforço. Lançando-se ao chão úmido, todo o seu corpo se sacudia desgovernado, como uma cobra numa chapa quente, embora estivesse na temperatura ideal de um cadáver.

Rúbia tentou respirar e manter a calma. Mas a tormenta da agonia forçou-a a desferir um grito desesperado.

- Deus meu, dói demais! Que fizeram comigo? Já não mais podia controlar o próprio corpo. Os olhos estavam bem abertos e os lábios soltavam uma espécie de uivo, capaz de arrepiar os mortos, ecoando pelo corredor do castelo tenebroso, como se nada pudesse cessá-lo.

Então, uma grande mancha vermelha apareceu nas costas e no ventre, ensopando suas vestes, seguida de um som de panos rasgados e ossos quebrados, a roubar-lhe brutalmente a vida.

Excedida pelo flagelo sem fim, ela desfaleceu, enquanto o mal emergiu do abdômen dividido, dando forma a um tipo de árvore abominável, que crescia. Tomava ainda mais o espaço no corpo inerte da vítima, onde suas raízes ocultas cavavam caminho, devorando os órgãos internos da hospedeira.

Num brusco despertar, Rúbia conseguiu segurar o grito, mas não evitar o intenso suor que vertia de seus poros, molhando os lençóis.

E, quando o pesadelo se perdeu da vastidão da mente, ela balançou a cabeça de modo desordenado, sem entender como fora parar naquele aposento luxuoso. Em seguida, retomou a atenção para um berço aparatoso, porém um tanto estranho. Sentiu a aflição penetrar em seu íntimo e rezou para que estivesse errada. De imediato, instigada a se levantar do leito em que estava, foi até ele.

Assim que observou a criança dormindo confortavelmente como um verdadeiro anjo, retornou ao seu padrão habitual de comportamento, calma, silenciosa e aliviada. Com uma das mãos, apalpou o próprio ventre e, com a outra, acariciou a face adormecida do bebê. Então, logo concluiu que tudo aquilo não passara de um sonho ruim.

Rúbia Lands e seu rebento chegaram ao início na noite. Ali, parada, ela narrara a ele todo o martírio de uma vida sofrida e cheia de fel.

Sabia que estava defronte a um castelo próximo à floresta de Nottingham; todavia, não tinha certeza de ser o lugar que procurava. Estava tão temerosa de tudo e de todos que não teve coragem de abrir a porta

dos aposentados, nem para receber as boas-vindas de sua anfitriã. Somente atendeu ao pajem, após muito argumento, que lhe transmitiu o recado de que milady Samantha Van Drighe a aguardava lá embaixo. Após algum tempo, finalmente deixou o quarto reservado para os solteiros. Rúbia receosamente acompanhou o criado, enquanto a criancinha permanecia dormindo tranqüila no berço. Com gestos delicados e palavras serenas, o jovem servil conduziu a camponesa pelos degraus de pedra. Mas isso não seria preciso, pois ela aprendera tudo, na época em que foi prisioneira de Howell, e sua mão deslizava pelo corrimão da escada. No centro dos degraus, um longo tapete púrpuro amortecia e silenciava os passos, por mais pesados que fossem.

Mais adiante atravessaram um imenso salão cuja mobília era antiga, porém magnífica. Em várias partes dos cômodos, estátuas sinistras de animais mitológicos e quadros exuberantes contavam a história de seus antepassados. Cortinas de veludo, grossas e colossais, cobriam o amplo espaço das janelas, impedindo que os raios solares penetrassem no recinto; contudo, mesmo com todo esse isolamento, o lugar parecia estar parcialmente iluminado.

Procedendo misteriosamente de algum lugar, uma elegante mulher de cabelos negros aproximou-se deles. Rúbia Lands? - indagou a senhora, notando a aparência desgrenhada da galesa.

Os olhos da hóspede pousaram sobre a dama de vestes rubras. E o brilho cintilante dos olhos daquela misteriosa mulher a fez estremecer por instantes.

Samantha... És mesmo tu? - perguntou ela, dominada pelo espanto.

Então, a outra respondeu em forma de poesia:

Bem sabes, ó minha donzela, que as rosas são encarnadas pela beleza, e muito vivas.

Elas são cheias de pudor, mas exalam em nós seu perfume sedutor.

Suas pétalas são delicadas como ovelhas, mas são vermelhas como os carmins lábios de uma virgem.

Tornam-se dançarinas que embalam sob o canto melodioso do vento.

Então, se estás triste, ó minha donzela, que rosas tu queres ostentar?

Mas, se queres agregar-te a elas, venha ao canteiro visitar.

Ai de ti, ó minha donzela.

Pois os espinhos vestem nossa inocência, nua e pura.

Pungirá em ti a cor vermelha da vergonha desonrada.

Como roubaste de ti, ó minha donzela,

A tua pureza imaculada.

Samantha contentou-se, balançando a cabeça para o pajem. Ele, então, se retirou, saindo adiante por outra porta, deixando-as a sós.

Naquele momento, ambas se observaram imóveis. De repente, o silêncio do salão foi quebrado por uma intensa saraivada de risos. Num gesto familiar, as duas se abraçaram e bailaram feito almas gêmeas a brincar num campo de flores.

Passada a euforia, a lady cumprimentou-a, ainda admirada pelo reencontro:

Eu te saúdo em meu nome e de toda a minha família, que infelizmente não se encontra mais em nosso meio.

Agradeço-te a hospitalidade. E, ao mesmo tempo, exponho-te meus sinceros pesares, pois sei que teus entes amados devem te fazer grande falta. Mas o que aconteceu a eles?

Samantha fechou o semblante no instante em que balançava a cabeça com desgosto:

Bem-vinda sejas tu em minha morada. Estás livre para entrar e sair conforme desejares, mas sinceramente te rogo que não peças para que mencione os vestígios trágicos da minha família. Desagrada-me lembrar que uma sociedade de esplendor degradou-se totalmente por uma causa "infam".

Rúbia a encarou com certo toque de temor.

Eu te ofendi com minha indiscrição. Perdoa-me, milady.

Então, após esses comentários, a misteriosa mulher voltou a sorrir gradativamente para a convidada, pois havia emudecido.

As batalhas de minha grande raça não passam de uma epopeia cingida de fracassos - respondeu Samantha, que procurava recuperar a confiança da moça, pois sabia ela que esta sofrerá demais nas mãos do mundo, e de maneira alguma desejava, nem mais um minuto, atemorizar a pobre campônia.

Um tanto cabisbaixa, Rúbia sentiu-se envergonhada pelo deslize cometido perante a anfitriã.

Sinto muito, milady, não queria molestar-te; perdoa novamente minha rude insensatez.

Não te importes com isso. Hoje será um dia comemorativo. Alegremo-nos! Há tempos não nos víamos.

Darei ordens aos serviçais para que preparem um banquete em sua homenagem.

Não é para tanto. Além do mais, não estou trajada a caráter - comentou Rúbia, sentindo que não estava à altura do evento.

Samantha Van Drighe segurou delicadamente o queixo desenhado da amiga e, erguendo sua cabeça, fitou-a com olhar carinhoso, dizendo:

Ora, deixa de tolices... Tu bem sabes que nunca me importei com classes sociais, e muito menos em discriminar alguém que considero um ente querido. Além do mais, isso não será um problema.

Com um único bater de palmas, suas serviçais chegaram rapidamente. E a regente do castelo lhe disse:

Elas te acompanharão para que sejas cuidada com toda a decência. Tu te banharás sob aromas de ervas e flores silvestres e assim relaxarás teus nervos cansados. Eles foram muito castigados durante sua vinda até aqui.

Henria? - chamou uma de suas servas.

Sim, milady.

Providencia tudo o que minha hóspede desejar. E cuida para que receba o mais extremo conforto. Depois, encaminha lady Rúbia até seus aposentos e cuida para que suas vestes fiquem a contento.

Será feito conforme tuas ordens, milady.

Rúbia ficou admirada pela maneira com que Samantha, sua amiga, se expressara em seus requintes. Nem parecia aquela humilde garotinha que adorava brincar à beira do lago nos tempos de infância. Hoje é uma formosa mulher. Como sua convidada, estava sendo bem tratada. Então, resolveu não demonstrar nenhum tipo de desfeita.

Retirou-se do local com as serviçais. No entanto, Samantha permaneceu imóvel, observando-as atravessar o salão ornado de requintes, mas um tanto gélido em seus aparatos.

Quase sincronizado com sua saída, um dos servos abriu a porta que conduzia aos corredores internos do castelo, dando passagem a uma figura blindada, que se dirigiu ao encontro da dama de vestes vermelhas.

A lady cruzou os braços sobre o peito, com força, e pôs-se a observar o estranho visitante, que caminhava em sua direção. Seus olhos tranqüilos observavam os passos largos, porém lentos, daquele cavaleiro de armadura negra. Corpo robusto, de contornos ainda mais impressionantes, forrados por uma capa negra, tendo estampado em seu denso tecido o desenho de um leão na cor prateada.

Sem que nada interferisse, uma voz máscula antepôs-se à dela, atravessando aquele elmo sombrio que permanecia fechado na cabeça do misterioso homem.

Então, é esta a preferida de Loan? Contemplo também que tudo está se desenvolvendo conforme o planejado.

Todavia, Van Drighe o contradisse:

Lembra-te, não haverá derramamento de sangue até que eu decida qual será o momento oportuno, entendeste bem?

Sim, minha Senhora - respondeu ele.

As trevas vagarosamente caíam sobre a região, e a flora quase era tomada pela escuridão da noite. As estrelas se preparavam para exibir seu brilho, mesmo que ainda fosse profanado pelo céu esfumaçado.

Logo o tempo passou e o lençol escuro engoliu o esplendor do dia. Nesse meio tempo, Samantha relembrava as horas que havia passado com sua amiga e do sentimento que teve ao segurar o bebê, enquanto ela e a mãe trocavam-lhe as fraldas. Diante de tudo aquilo, algo a fizera retornar ao tempo em que era menina. Para si, era um paradoxo um tanto engraçado, pois queria saber que poder era esse, capaz de manter a esperança humana cada vez mais viva, de fazer uma ponte de ânimo sobre o abismo do desespero. Ainda que andassem sobre um vale de espinhos, aquelas pessoas permaneciam firmes nos seus ideais, buscando forças, não se sabe de onde, somente para atingir sua meta: a perfeita felicidade.

Foi o que testemunhou nos poucos momentos que passou com a amiga camponesa. No entanto, irou-se, e não se sentiu à vontade. Ela, um dia, foi agraciada pelo penhor de estima de seu Senhor, mas o brilho de arrogância e de inveja tirou-lhe para sempre o direito de gozar as primícias desse dom. Em seu lugar, aninharam-se o obscuro e a cólera, transformando-a num ser frio e calculista, impossibilitado de amar ou de sentir alguém ou alguma coisa.

O vestido vermelho da jovem adornada parecia ofuscar as luzes vivas dos archotes, incrustados nas paredes de granito de um corredor sinistro, tendo apenas um ambiente sepulcral, que faria até os mortos desfalecerem de seu repouso perpétuo.

Samantha caminhava vagarosamente pela passagem estreita e comprida, bem abaixo do solar senhorial. Ali se encontrava a masmorra, uma prisão subterrânea. Era um lugar úmido, fétido e macabro, com teias cinza a grudarem em algumas partes da estrutura, e em outras estavam pequenas urdiduras brancas de aranhas que engatinhavam vagarosas. Os sons de passos retumbavam adiante junto ao gotejar da água, que minava das frestas dos blocos escuros e cobertos de lodo. Lá a impressão que se tinha é de que os sussurros desalentados e contristados de seu ocupante eram mesclados aos guinchares dos ratos.

Chegando à porta do cárcere, isso se confirmou. Os gemidos desventurados de uma mocinha se arrastavam naquele pouco espaço semi-escuro. Ela chorava ofegante e murmurava bastante de dor e cansaço, porquanto a dona do local observava compassivamente a donzela que, prostrada em prantos, clamava pelo nome de seus pais.

Então, a milady perguntou-lhe:

- Por que clamas os nomes dos teus pais mortais? Onde está a fé dos justos, que outros antes de ti anunciaram como tentativa de buscar a clemência de teu Deus?

Durante alguns segundos, a pobre moça ficou sem ação diante do esgar da facínora, que sorria.

- Agora te darei a paz sempiterna. Tu não mais sentirás o labor deste mundo, que sempre sobrevinha sobre ti.

Um barulho estranho partiu da fechadura e, de repente, a porta da cela se abriu sozinha, como se ela nunca tivesse sido trancada. O coração da prisioneira bateu em disparada; os nervos de seu corpo se abalaram por inteiro, no momento em que viu o vestido daquela mulher de cabelos negros abandonarem de forma grotesca seu corpo, deixando à mostra somente sua nudez escultural, da mesma forma que um parasita se separa do hospedeiro.

Um grito de pavor ecoou por todo o local, ao testemunhar as imagens daquilo que mais parecia ser uma esquizofrenia viva.

De maneira veloz e indizível, as vestes de Samantha moldaram-se em uma espécie de criatura alada que, de abrupto, investiu ferozmente sobre a atemorizada vítima. Naquele momento, seus olhos foram esvaziados das órbitas, pelas unhas daqueles dedos recurvados como garras de pantera.

A jovem tentou defender-se em meio ao pânico, mas a luta era injusta e impiedosa, entre brados convertidos em dor e loucura, acrescentados ao esguichar do carmesim que aspergia das veias dilaceradas, banhando as paredes do calabouço, porquanto a besta horripilante e monstruosa demonstrava, de forma incessante, uma volúpia macabra pelo ato brutal de sua carnificina.

A carne humana foi arrancada dos ossos a dentadas e o crânio jazia rasgado ao meio, numa verdadeira orgia funesta, quando, em instantes, a vida se despedia do corpo. Não se ouvia mais os gritos e nem os

lamentos de uma virgem indefesa; apenas o arfar animalesco de um ser antigo e profano, que lambia constantemente o líquido vermelho e doce contido em seus dedos longos e ossudos, de falanges nodosas. Samantha sentiu todo o seu ser arder em volúpia e satisfação em testemunhar tudo aquilo, pois ela e a criatura assassina eram apenas uma. Ambas se observavam sorrindo, saciadas pela transgressão que cometeram, exibindo a visagem de suas faces arcanas. Então, a fera mefistofélica totalmente saciada passou, por algum tipo de mutação, para uma forma anevoadada, exalando por toda a cela a pestilência de sua maldade.

Fascinada por todo aquele acontecimento hediondo, Van Drighe contemplou a aberração do mal se introduzir nos restos mortais da mocinha, que jaziam ainda quentes, aumentando ainda mais a sanha da espectadora quando um grasnido partiu do cadáver estripado, que assustadoramente se levantou do chão ensangüentado.

Inexplicavelmente, vermes apareceram e começaram a cobrir os ossos da morta-viva, que, mesmo estando com os restos de suas carnes ainda frescas, expelia um líquido esparso e esverdeado das mutilações expostas. Só então surgiu uma emanção sobrenatural, algo bestial que se espalhou por toda a masmorra. Naquele momento, a criatura disforme prostrou-se ante a figura sedutora e a saudou com uma voz animalesca:

Samantha, tu és digna de meus louvores, pois cumpriste bem os teus votos!

E ela respondeu:

Tuas vontades serão satisfeitas somente se cumprires o que te foi destinado a fazer.

Feito um leão em fúria, a não-morta esbravejou perante a mestria, deixando-a mais ensoberbecida:

Permita-me espalhar a tua verdade: que foste emanada das profundezas, a fim de que possamos contaminar toda a Terra. O tempo está chegando a seu ápice, e onde está o ungido que garantirá novamente a permanência de nosso monarca?

Paciência, minha serva. Tu bem sabes com grande exatidão quais serão as conseqüências se a profecia não for consumada!

Temeroso, caso o fracasso fosse inevitável, o ser imundo falou:

Senhora, e se algo fugir ao controle?

Ela respondeu:

Hospedei uma mortal que há tempos passados foi minha amiga de infância, e durante esse tempo tive de negligenciar um pouco dos meus afazeres. Mas foi em prol de nossos objetivos.

Interrompeu-a a fera, dizendo:

Não te tornes incauta, Samantha. Por que achas que a mulher veio até aqui?

Simple: quando Horsham souber que a mantemos cativa, virá às pressas para a arena dos principados, ao princípio da infinidade.

Como virá até nós, se ele mesmo sabe que pode tornar-se alvo de uma emboscada?

Bem-aventurados os desesperados, pois eles testemunharão a vinda do inferno à Terra! A alma desse homem possui um grande poder, contudo ele está laçado pela fraqueza humana.

Mas ele não está vinculado a ninguém, pois até mesmo rejeitou os afetos desta fêmea, honrando o juramento que fizera para manter-se puro... - replicou a criatura coberta de vermes.

Receio que estejas enganada quanto a isso - declarou a danação maligna com ar de sarcasmo. Mesmo estando ciente do dom que possui, ele oculta um sentimento por esta mulher humana: o amor. E, por isso, fará tudo para salvá-la - disse Van Drighe.

Mas e as forças divinais que o rodeiam? - indagou a besta maligna.

Bah! Estamos em maior número; somos inúmeras vezes mais velhas que o tempo universal, portanto o poder da astúcia reside em cada uma de nós! Durante a jornada do tempo, observamos, induzimos e alimentamos os sentimentos simples e os mais ocultos que o homem veementemente deseja concretizar.

Vimos também que Loan blasfemou contra o "Criador", por terem assassinado seus entes, e fez isso selando sua blasfêmia com o próprio sangue, ao perfurar o símbolo sagrado em sua própria mão.

Um sorriso zombeteiro partiu da criatura disforme, como sinal de que entendera tudo que aquela mestria de alma negra lhe declarava.

Então ele não está imune às tentações? - e concordou: - Isso é magnífico, tornou-se um cão carente!

Sim, e quando o regente se manifestar, a Terra será coberta de um mal infinito, como no início dos tempos. E, finalmente, nos fartaremos dos prazeres pelos quais Ele nos condenou ao abismo eterno.

E o que tenho de fazer, minha Senhora?

Vai ao santuário negro e convoca toda a nossa irmandade e o conselho dos mestres-anciãos, para que cumpram o sacramento de Lúcifer na Terra. Para isso, temos de atrair o ungido até aqui e fazê-lo emanar todo o seu ódio em um único propósito. Será que fui bem clara?

Sem sombra de dúvidas - confirmou o espírito caído. - Na verdade, sei como poderei fazer isso...

Dado fim àquela conversa macabra, o zumbi ensangüentado se moveu numa cadência de serpente. Um som ameaçador partiu da mandíbula escancarada da monstruosidade magra e pálida. Então, as formas do cadáver se contorceram e rasgaram feito papéis, liberando a entidade das trevas da matéria que ocupara.

Ao sair, ela retornou ao corpo da bruxa na forma de vestes, ainda mais luxuosas e exuberantes do que antes. Conservara a mesma cor escarlate, embora da mais viva tonalidade, conquistada após seu "hospedeiro" ter se alimentado e revigorado suas forças diabólicas.

Liberando um gemido de satisfação, Samantha moveu-se vagarosamente, convicta de sua missão.

Loan, em breve a dor pela perda de tua raça deixará de existir, mas te tornarás portador de um sofrimento muito maior do que podes imaginar! - comentou em voz alta, em meio às gargalhadas prazerosas.

Virando-se depressa, seguiu rumo aos seus ideais, deixando para trás os restos mortais de uma jovem que não possuía mais nenhuma serventia, senão a de tornar-se comida de ratos e vermes.

Rúbia jamais voltaria ao vilarejo. Além de perder o homem que amava, teve de se proteger da perseguição de Howell. Havia fugido do suplício, do sofrimento e da humilhação pelos quais passara quando estava presa na mansão do chanceler tirânico. Agora, temendo que o outro flagelo lhe sobreviesse, o medo e a tortura a fizeram chegar ao castelo Van Drighe.

E foi ali, naquela fortaleza maciça de pedra, que Rúbia conseguiu auxílio, amparada pela amiga de infância, a qual não via há anos. Estava protegida naquele local, onde viveram gerações e gerações de uma idônea família, todas elas simbolizadas pelo brasão vaidoso chamado "boas maneiras".

Rúbia havia sido bem cuidada, tratada como uma rainha pelas servas: tomara um delicioso banho com ervas e fragrâncias de flores raras.

Depois cobriram seu corpo com um vestido deslumbrante; calçaram seus pés; ornaram seus dedos com anéis e as orelhas com brincos, deixando-a ainda mais bela. Podia-se compará-la a uma noiva que estava prestes a se unir ao noivo nos laços do matrimônio.

As serviçais conversavam, rindo umas com as outras, fazendo mexericos inocentes. Enfim, a alegria, o clima de júbilo vibrava em torno dela, algo incomparável, que há tempos não sentia.

Escortada por elas, atravessou corredores e cômodos, mantendo-se sempre sorridente e feliz enquanto caminhava. Ela, Rúbia Lands, tomava por gosto todos os tratamentos, sem nenhuma desaprovação de sua parte, pois nunca havia sido cuidada dessa forma. Uma ilustre convidada agora estava fazendo parte deste mundo, nem que fosse por um pequeno espaço de tempo.

Chegando ao salão principal, a jovem se deteve por um instante e admirou a mesa escultural. Sentando-se, observava fascinada os variados manjares a exalar aromas atrativos que despertariam até mesmo a gula dos deuses. Pajens e criadas passeavam em volta dela, servindo-a em todos os seus pedidos e desejos.

Rúbia quase não acreditou no que estava vendo. De repente, outra voz surgiu no salão, lançando sua atenção.

Espero que este modesto repasto esteja conforme teus deleites.

Samantha! Isto é demais para mim, confesso-te, e deves ser muito feliz, vivendo em todo esse luxo - respondeu a jovem, estupefata.

Não deixes teus olhos te enganarem, cara amiga. Isto que chamas luxo, para mim não passa de um amontoado de devaneios.

Não entendo o que queres dizer, mas respeito teus princípios - disse Rúbia. - E, a propósito, tu não me acompanhas?

Um olhar adusto emanou do semblante de Samantha, fazendo emudecer a hóspede que apenas a observava. Rúbia notara algo errado com ela, apesar de não saber exatamente o quê. Algo sinistro a impedia de mover os lábios. Até mesmo seus pensamentos pareciam ter sido petrificados diante de seu olhar indômito.

Aquela mulher carregava algum segredo. Aqueles olhos eram mais do que os de uma nobre senhora de terras ou de uma colecionadora de homens apaixonados. Aqueles olhos eram os de um predador furtivo, vigilante e perceptível.

Samantha percebeu que Rúbia a observava constantemente. Então, para evitar maiores transtornos, dispensou-lhe um sorriso forçado. Para a nobre, não era o momento certo de despertar qualquer suspeita na moça. Estava disposta a deixar as coisas correrem normalmente, nem que para isso tivesse que agir contra sua natureza.

Parando diante da mesa, justificou-se:

És bem-vinda em minha casa, e é de seu direito, como ilustre hóspede, sentar-te à minha mesa, mas tu irás perdoar-me por não poder acompanhar-te. Servi-me de alguns quitutes há pouco, e no momento penso somente em fazer a sesta. Mas não te preocupes comigo; come e bebe à vontade, e nos presenteia com a alegria que trouxeste contigo.

És muito gentil, milady. Agradeço-te a hospitalidade - disse, um tanto desconfiada.

Naquela mesma noite, Rúbia Lands preparava-se para dormir, após ter amamentado seu filho, uma criança calma, sua joia rara, que não lhe dava trabalho algum, pois se sentia plenamente reconfortado nos braços da mãe.

Carinhosamente, sorria para Siegfried. Não tinha toda a experiência de uma mãe exímia, mas possuía um sentimento singelo de amor em seu inocente coração. Ajeitando-o com cuidado em seus braços, embalou-o em movimentos delicados.

Como um trovão que ecoa a distância, um de seus pensamentos fora acionado. Em algum lugar de sua mente, um túnel obscuro a fazia regredir às velhas lembranças, ao tempo em que Samantha e ela eram apenas crianças. Aquela menina pura, cheia de vida e culta demonstrava às vezes, em sua inocência, surpreendentes atos de sabedoria e fraternidade. Com paciência e dedicação, passava boa parte de seu tempo ensinando as criadas a se portarem como verdadeiras damas, perante seus futuros pretendentes.

Mas agora ela está diferente, inteiramente opaca; seu sorriso não mais possui a graciosidade de outrora; suas palavras são frias, incapazes de expressar qualquer tipo de sentimento.

Sozinha com seu bebê, temeu pelo pensamento. Ela sentiu um presságio percorrendo seu corpo, na forma de calafrios. Indisposta para refletir sobre o assunto, Rúbia rumou para o berço e, com cuidado, deitou o anjinho, que já dormia sossegado em seus braços.

Porém, o brilho dos olhos daquela mulher ofuscava sua mente, aumentando o temor em seu coração. Mas não conseguiu chegar a nenhum consenso. Tudo o que sabia é que aqueles olhos eram tão frios quantos os de um cadáver.

Ela deitou-se às pressas na luxuosa cama. Assustada e desamparada, os sentimentos a rodeavam. Via-se como uma prisioneira, não sabia por que, mas sentia-se assim. Ali, não tinha coragem de se comunicar

com quem quer que fosse e não tinha para onde ir e ninguém com quem contar. Teria de ser cautelosa; caso contrário, seria descoberta por Howell. Compreendeu, então, que Samantha não havia comentado em vão sobre sua riqueza não passar de um amontoado de devaneios. Entretanto, Rúbia não sabia se estava sendo correta em seu julgamento e relutava, mas o sono a fizera perder o fio da meada, os pensamentos ficaram desordenados, já não tinha mais o que refletir. As pálpebras pesadas se fechavam, enquanto o aroma de um perfume estranho que exalava dos lençóis a fez adormecer ainda mais rápido.

Aproveitando-se disso, algo misterioso a transportou para o mundo mórbido do sobrenatural: um lugar aterrador e misterioso, onde todos que chegam tornam-se prisioneiros da insanidade.

Como se sua mente estivesse viajando para outra dimensão, Rúbia viu-se sendo arrastada por vassalos até um patíbulo, onde era aguardada pelo primaz, que declarava em alta voz sua sentença. Ao seu redor, uma multidão de pessoas que bradavam sem cessar:

- Queimai a herege! Queimai a concubina do diabo!

No desespero, tentava gritar em sua defesa, em vão. Era como se suas cordas vocais tivessem sido extraídas da garganta. Mas, aflita e amedrontada, ela arregalava imensamente os olhos e meneava a cabeça em negativa, implorando emudecida por clemência.

Presa e acorrentada a um mastro de madeira, com o coração que parecia querer sair pela boca, contemplava com angústia o carrasco que se aproximava, tendo uma tocha em uma das mãos e todo embuçado de vermelho.

Sem ter como se debater, Rúbia, num medo solitário, sentia o odor de óleo que estava sendo despejado em abundância sobre a lenha seca daquela fogueira.

Mais próximo a ela, a figura funesta elevava a chama, enquanto o povo exaltava, tomado por uma euforia macabra. E, no momento em que a inflamada tocha era dirigida para incendiar a jovem, o manto que cobria a identidade daquele verdugo deslizou-lhe às costas.

Não podia acreditar, mas era ela, sua amiga de infância, Samantha Van Drighe.

A madeira ardente desceu rápido, incendiando a lenha encharcada. Em instantes tornaram-se labaredas incandescentes e famintas, devorando tudo o que tocava. Ao ver o fogo lamber-lhe o corpo, o terror aumentava, e a desesperança pela certeza de uma morte horrível a dominou.

Neste momento um trovão rasgou os céus, expondo um potente raio que, numa fração de segundos, clareou o quarto por inteiro, despertando a mulher em um ar de assombro, que se ergueu aos gritos.

Sentada sobre a cama e abraçada às pernas, permanecia explicitamente agitada. Ofegante, com a face suada e as mãos trêmulas, gemia, sentindo ainda o medo provocado por aquele pesadelo aterrador.

Quando tudo parecia estar calmo, os lábios estremeceram e o sangue correu gelado nas veias: viu inúmeras pegadas por todo o lençol e no chão do aposento, que seguiam até a porta.

Levantando-se depressa, a mulher precipitou-se para o berço e, observando seu interior, um grito inevitável de pavor brotou de sua garganta; seu rosto empalideceu: viu que o leito estava vazio e que a criança não mais se encontrava no quarto.

O pesadelo, inexplicavelmente, havia confirmado suas dúvidas. Samantha, usando algum meio tenebroso, adentrou no aposento e raptou seu filhinho, aquele que ela pensava em deixar no castelo, como seu novo lar, e com uma pessoa de boa alma, amiga de uma antiga infância, para ser cuidado com carinho, como se fosse um membro de sua família.

Como estava enganada a esse respeito... Van Drighe não merecia mais sua confiança.

Naquela situação de extrema urgência, decidiu: jamais pensaria em abandonar seu renovo. A bela mulher de cabelos dourados franziu a testa, estava confusa, perturbada, mas disposta a tudo para recuperá-lo. E, rapidamente, pegou o vestido que se encontrava em uma cadeira.

Embora estivesse determinada, o nervosismo prevalecia. Insegura e sem saber ao certo o que fazer, vestiu-se, amarrou os cabelos, calçou os pés e tomou nas mãos um castiçal prateado. Acendendo-lhe as velas, pôs-se em direção à porta.

Uma murmuração, como o som de muitas vozes, chegou aos seus ouvidos, seguida pelo estrondo de um trovão, momentos antes de ela abrir a porta do quarto.

Com a luminária em punho, estava determinada a salvar o garotinho, nem que para isso perdesse a própria vida. E partiu em seu intuito, carregando consigo uma pitada de incerteza pelo que iria encontrar.

- Deus me ajude...

Havia agonia em sua voz; no entanto, seu coração estava tomado pela fúria, feito uma leoa na proteção de seus filhotes.

Passo após passo ia seguindo as pegadas misturadas a algum tipo de líquido espesso. Vagarosamente foi passando por um corredor longo, até chegar ao quarto da falsa anfitriã.

Rúbia apontou seu olhar para vários cantos do corredor na tênue certeza de que ninguém estava à espreita, donde, firmando com afinco os pensamentos, viu a oportunidade que precisava. Ela se aproximou ainda mais da porta, sem deixar de encará-la em todos os seus detalhes; por fim, estendeu sua mão à aldrava.

Mas tomou outra iniciativa, pois, ao tocar a porta maciça do aposento, sentiu como se fosse enfrentar um enxame de vespas assassinas: o som que provinha do interior era horripilante e poderia furtar-lhe a razão, pensou temerosa.

Por que será que aquela inglesa que se fazia afável praticara um gesto tão cruel como esse? Qual seria a fonte de todo esse mistério? Aquele quarto, as vozes assustadoras, o que seria isso tudo? Essas indagações não queriam se calar em sua mente.

Disposta a desafiar e descobrir o que havia por trás daquela peça de ferro, seguiu com convicção a aldrava até girá-la e, mesmo em alerta, deu um passo à frente.

Estranho, porém real: ao atravessar a porta do aposento, transpôs também uma cortina de névoa e não havia um espaço fino e cheio de requintes, mas sim um cenário arcano, que se revelou diante dela.

Uma expressão espavorida se formou no semblante da desolada mulher, impelindo-a de prosseguir. Rúbia respirou fundo, tentando ignorar o medo interior.

Agora, não importando o que ocorresse, seu objetivo era um só: recuperar seu filho.

Movendo-se vagarosamente, mas provida de muita cautela, embrenhou-se naquele lugar desconhecido.

Rúbia não acreditava no que seus olhos contemplavam.

Ali, a esperança terminava como numa noite que se deita nas almas dos aflitos denunciados pela agonia. A iluminação jazia em uma névoa cinza, abraçando com toda a volúpia o amante espectral todo o aspecto da visão. Mesmo assim, prosseguia resoluta pelos vãos das pedras que choram incessantemente, enchendo o ar à sua volta de lamúrias tristes e martirizantes.

Súbito, se deteve num susto e, arrebatada pelo terror, deixou cair o castiçal de prata. Observou um lugar inadmissível à razão. Novamente olhou para trás e viu ainda, com um pouco de dificuldade, a entrada da porta e fora dela alguns vestígios dos blocos de pedra que compunham o corredor, mas à sua frente havia uma pequena trilha de pedregulhos que ficava próximo a formações rochosas. As montanhas estavam veladas pelo nevoeiro cada vez mais escuro.

As pernas da camponesa bambeavam e seu corpo parecia ter sido tocado por espíritos, como se tivessem furtado todo o calor de seu sangue. Manchas negras passeavam feito flocos diante de suas órbitas. Esfregou-as, até que finalmente sumiram.

Ela ainda se ajoelhou, apalpando aquelas pedras em meio a sons aterradores. E por um tempo ali ficou avaliando a realidade das coisas, visualizando silenciosamente, até então supor que tudo aquilo era fruto de sonhos, algo que ultrapassava sua imaginação.

A resposta veio de imediato. Quase não muito distante, um dantesco castelo negro emergiu em meio ao ar nevoento, exibindo sua performance de degradação e delírio.

Estarrecida, vislumbrou aquela aparição colossal, construção idêntica a do pesadelo que tivera. Das laterais do muro, jorrava sangue apodrecido. O fétido odor da morte zanzava por todos os cantos e

invadia suas narinas. Aberrações semelhantes a aranhas depositavam larvas nos corpos fossilizados de centenas de moribundos. Uma sinfonia macabra de tormento e angústia foi apresentada como sinal de boas-vindas aos visitantes. Rúbia sentiu sua sanidade vacilar diante da manifestação de cada novo horror.

Embora o coração de mãe falasse mais alto, ela perdia a fé e a resistência. Estava prestes a optar pela desistência, pois o que poderia fazer uma mulher frágil e indefesa contra aquele inferno? Voltaria e buscaria ajuda, refletiu.

Pensativa e distraída, não percebeu a aproximação de uma criatura, uma fera alada que, apesar do corpo robusto e imenso, cortou o ar com espantosa velocidade, precipitando-se em sua direção.

Para sua infelicidade, só reparou seu ataque tarde demais. Os gritos de pânico foram seus companheiros no instante em que os braços musculosos, ornados de garras, envolveram-na pela cintura, segurando inflexivelmente seu corpo, igual a um leão ao agarrar sua ovelha.

Outro grito misturou-se ao pavor e o coração fugiu de seu compasso, fazendo-a desmaiar, enquanto o ser alado segregava pela mandíbula uma saliva espumosa, esbravejando grunhidos horripilantes, comemorando em altivez seu grande êxito.

Tomada nos braços, a moça foi carregada feito uma pluma para dentro da bizarra fortaleza. Estava agora à mercê do acaso. O que iria acontecer não poderia ser dito, somente aguardado.

Capítulo 5

A REVELAÇÃO

1

Lentamente, seus olhos se abriram e sua voz foi expelida na forma de sussurros, balbuciada e desorientada. Não compreendia o que estava se passando.

Meu Deus... Ajuda-me...

O mundo girou e, uma vez mais, Rúbia perdeu a consciência.

Deus não pode ajudar-te neste momento, minha diva de alma virgem. Ele não está aqui! - respondeu o ser de voz gutural.

A mulher fôra deixada a alguns metros de um lago. Acima dela o céu estava pintado por trevas vivas, e o marasmo do ar pesado anunciava a influência de forças sobrenaturais. De repente, as nuvens negras desceram até a terra e os relâmpagos que saíram delas ricocheteavam com furor as pedras que gritavam em clamor choroso.

Nesse momento, os ouvidos do asqueroso animal do inferno captaram cada som e, ao erguer sua disforme cabeça na direção do cenário profano, nemeou em satisfação mediante a aparição.

Fixado no meio dele, uma árvore horrenda de aspecto antigo inchou-se, pulsando e alimentando-se do líquido sangüíneo ao seu redor, extraído de uma grande quantidade de vítimas. Multidões imploravam por misericórdia, mas não eram ouvidas nem notadas; indivíduos que eram sacrificados para servir de alimento àquela criatura bestial.

Uma árvore tétrica, coadjuvante de um passado significante nas vidas de todos os seres vivos: a "árvore do fruto proibido", o mesmo vegetal lenhoso que instigara Adão e Eva ao pecado da desobediência, condenando-os, estava agora desfraldando sua presença pecaminosa. Sua existência tinha somente um propósito: libertar o fruto que geraria a extinção da raça humana.

O arbóreo arcano estava sob a proteção de um templo arcaico, construído eras atrás, com a extrema sabedoria dos anjos caídos, um conhecimento que fora usurpado dos céus.

O edifício macabro era habitado por seres demoníacos, que capturavam e preparavam donzelas e viajantes desavisados para servirem como hospedeiros e gerarem novas criaturas.

Os habitantes daquele lugar ameaçavam os humanos com intensa violência. A multidão escravizada arrastava-se numa enorme fila até a margem daquele lago, donde olhares sem esperança partiam de todos, mostrando a anatomia do suplício eterno, pois não tinham alternativas. Todos eram forçados a se prostrar e a beber dos fluidos expelidos pela árvore ao seu redor; algo que, sabiam eles, era um ato condenatório. Os que não suportavam ingeri-lo eram despedaçados pelas garras afiadas das feras malditas, servindo de alerta para aqueles que quisessem partilhar do mesmo erro e ter o mesmo destino.

Rúbia despertou repentinamente, deitada sobre uma mesa fria de cristal ônix. Suas narinas foram agredidas pelo cheiro podre do deserto escuro, que teve sua intensidade aumentada, tornando-o ainda mais desagradável.

Assustada, buscou rapidamente com os olhos encontrar seu raptor, temendo pelo ataque, que poderia vir de qualquer direção. Vencida a sonolência, a mulher pôde sentir a pressão daquela paisagem tenebrosa. A sua frente encontrava-se o próprio mal, na forma de uma árvore. Na parte interna do tronco, havia um bolsão cristalino semelhante a um útero; em seu interior, um ser misterioso estava mergulhado em líquidos gelatinosos.

Espavorida pela visão e sem ter forças para gritar, apenas pressionou a parte inferior dos lábios com os dentes. Firmemente, encarou a criatura, com as pupilas dilatadas, lembrando os pesadelos que tivera e constatando que foram avisos de uma realidade inevitável.

O coração palpitou ainda mais forte no momento em que o monstro estalou os olhos em sua direção. Em meio a sussurros de medo e a grunhidos ameaçadores, ambos se olharam por um longo momento, como se um conhecesse o outro.

Em soluços, tímida e cautelosa, tentou dialogar, no intuito de descobrir sua intenção para com ela.

Quem... Quem és... O que queres tu comigo? E meu filho, o que fizeste com ele? Por misericórdia, responde-me... - declarou em temor.

Havia algo nocivo emanando de dentro daquela coisa, um sentimento frio e implacável perdurava em seus olhos vermelhos, até que, inesperadamente, uma voz dura e áspera chegou aos ouvidos da campônia: Bem-vinda à minha casa, mulher! Senta-te confortavelmente, pois a hora do concerto final está chegando. Havia algo de muito familiar naquele ser, que, apesar de sua aparência horrífica, apresentava uma forma feminina.

Rúbia tentou acalmar-se e, na medida do possível, crer numa nova perspectiva. Julgou um tanto curioso tudo aquilo, pois tudo indicava que não pretendiam lhe fazer mal, caso contrário já o teriam feito.

Boquiaberta, permanecia imóvel, lançando um olhar de espanto para o ser que, inexplicavelmente, atravessou o bolsão de extrato mucilaginoso sem causar nenhum dano aparente. E, flutuando sobre a multidão, o monstro parou em frente à assustada moça.

É costume em sua terra lavar o rosto e as mãos antes da ceia, não é mesmo? - indagou a criatura com um riso apavorante.

No entanto, Rúbia nada respondeu, apenas observou calada, mas com o calafrio que viajava por todo o seu ser.

Ah! Quanta indelicadeza a minha! Tu ainda não fazes parte da minha lista de convidados - disse a fera. - Eles são meus perpétuos hóspedes da condenação eterna. E está na hora do desjejum deles.

Ao ouvir aquilo, Rúbia ficou de orelha em pé, embora seus olhos se recusassem a visitar a execrável e medonha paisagem de loucura e tortura sobre aquilo que aquela coisa estava mencionando.

No entanto, disse:

- Contempla a pureza de uma raça suprema! - vangloriou-se. - Permita-me que mude meus belos traços, pois sei que tua mente não comporta minha aparência.

Num simples movimento, a fera foi envolta por um brilho de tom azulado. Atenuada a intensidade do lume, surgiu no lugar uma mulher estonteante, trajando um vestido leve e esvoaçante.

Admirada, Rúbia pôs-se de pé, pois conhecia aquela mulher, que pensava ser uma simples pessoa ostentada apenas pelo título de duquesa. Jamais imaginou que ela e aquela monstruosidade fossem uma só. Ali estava a impiedosa sacerdotisa do mal, profanadora do tempo e mãe da prostituição: Samantha Van Drighe.

As curvas de seu corpo estavam mais perfeitas do que nunca, e os movimentos das vestes eram controlados pela pouca brisa. Focos luminosos eram desprendidos do tecido do vestido fino, porém belo, que delineava a escultura de sua matéria.

Quando Rúbia a encarou, notou um sorriso despudorado, revelando um ar de contentamento em sua satisfação obscura. Ao trazer Rúbia Lands para este mundo de trevas, sentia que seu momento de triunfo estava próximo. O poder da escuridão que emanava de seu próprio espírito estava chegando ao ápice, alimentado pela negritude de seu coração e fortificado pelos pecados da humanidade. O quebra-cabeça encontrava-se praticamente montado, as últimas peças já haviam sido providenciadas; finalmente a profecia seria realizada.

O bravo Loan fizera parte da luta e da consumação do vaticínio, mas Samantha via-o como um instrumento grandioso, portador de um belíssimo futuro. Surpreendera o inglês em Wandsworth, com sua

feiticeira, quando se desafiaram, prometendo, com olhares penetrantes, um novo encontro: um que jamais esqueceriam.

Samantha expressava satisfação; ela fizera jus à sua escolha. Horsham, além de ser o ungido, era um perfeito espécime para a reencarnação do senhor do sofrimento, pensava.

Rúbia não segurou a fala:

Samantha? — e avançou alguns passos. O olhar gélido da lady fez que recuasse.

Por que temes, Rúbia? O que viste aqui é um tanto assustador para ti?

Assustador? Isso é medonho, milady, ou o que quer que sejas, eu...

Também tive medo — interrompeu. — Quando encontrei o santuário, confesso que fiquei desorientada, mas os anjos que aqui habitam vieram carinhosamente até mim e me consolaram, disseram-me que não temesse mais.

Anjos? Esses monstros disformes e imundos? - comentou a moça em protestos, afastando-se devagar.

Mais respeito ao mencionar perjúrios mal-intencionados, minha cara! - refutou Samantha. - Esses monstros disformes e imundos outrora foram seres de luz, tristemente incompreendidos e banidos covardemente do céu. Para você podem parecer abomináveis, mas para mim são como meus próprios irmãos.

E prosseguiu:

Eles me batizaram com sua carne e sangue; renasci como nova criatura para o mundo terreno, como uma entidade recente, um ser perfeito, capaz de fazer coisas que seu cerebrozinho obsoleto jamais poderia imaginar. Posso ser o passado, o presente e o futuro!

Os olhos negros de Samantha brilhavam muito expressivos, fazendo a desprovida jovem indagar novamente:

Por acaso estás me dizendo que não és mais humana?

Humana? Um ser de matéria fraca, que vive à mercê das enfermidades, que pode morrer pelo golpe de uma espada, ser corrompido pela ganância e envelhecer até uma idade decrépita? Não, querida amiga, deixei de ser aquela coisinha frágil e mesquinha para me tornar uma sacerdotisa da árvore ancestral. Eu sou filha de uma raça perfeita e imaculada!

Sorriu de novo, só que desta vez havia chispas de ódio em seu sorriso.

Esperei por muito tempo que viesses a mim, e agora que tu estás aqui testemunharás comigo a ascensão dos "Filhos da Renovação"!

Dizendo isso, ergueu a mão para o vácuo e fez surgir um círculo negro, que foi invadido por imagens, forçando Rúbia a balançar a cabeça de modo débil e reprovador.

Ela contemplou, então, bilhões de vidas humanas: jovens e velhos, homens e mulheres, pregados ao chão, todos declarando numa só voz a música da agonia. Árvores bizarras arrombavam os ventres dos condenados, raízes semelhantes a tentáculos infiltravam-se em sua carne, percorrendo nervos e tendões de forma bárbara e aterrorizante, até finalmente alojar-se nos ossos de seus escolhidos. No lugar de uma nação humana surgia uma floresta maldita, irrigada por um esparso rio de sangue que mantinha todas as árvores ainda mais revigoradas.

Aquela floresta de seres amaldiçoados tornava-se dona do mundo; ninguém seria poupado; todos seriam substituídos pelos filhos de uma raça proibida.

No mundo, as pessoas eram iludidas. Muitas estavam cansadas das dificuldades que enfrentavam na vida e, deixando-se levar pelas promessas de riqueza e glória, entregavam seus templos físicos para a promiscuidade, praticando o sexo livre e aberto, sem barreiras, ninguém sendo de ninguém, por meio de uma tecnologia chamada computador. De uma maneira ainda mais profunda, a internet se transformou num ritual de encontros, não importando a distância, pois a fome da carne suplanta quaisquer artifícios.

Rúbia assistiu estupefata o maravilhoso progresso da humanidade, mas também contemplou a decadência de um povo vencido pela excessiva degradação. Todos perderam tudo: o respeito próprio e suas vidas,

na luta vã por um poder ilusório, algo que jamais lhes pertencerá.

E ela descobriu que aqueles invasores roubavam as características e a identidade das pessoas, que, ao gesto persuasivo de sua sedução, iludiam-se e acoplavam-se aos novos e leigos amantes, que lhes davam a esperança da realização de sonhos materiais.

Inúmeros maridos, que se dedicavam ao árduo dia de labuta, garantindo honrosamente o sustento de suas famílias e a segurança de seus filhos, para o bem-estar ético e moral de todos, mal sabiam que suas mulheres demarcariam a ferro quente seus corações com o símbolo da traição, cujo motivo seria a quebra da vida rotineira e sedentária em seus casamentos. E as fiéis esposas, que saíram da proteção e do aconchego de seus pais, entrando na convicção emocional de laços matrimoniais, aos quais nutrem desejosas as necessidades de galgar o perpétuo e o apto dom da maternidade, não pressentem que serão presas desavisadas das concupiscências ardilosas de seus companheiros, que, laçados por propostas indecentes e cedendo aos assédios das belíssimas predadoras, tornam-se alvos fáceis e escravos do prazer. O mesmo prazer que presentear toda a sua família com a aflição, por haverem cometido um ato tão imprudente.

Os traidores do espírito e consumidores da carne, após concretizarem seu ato lascivo, recebem do ser maligno uma semente na consistência de plasma, que é expelida para o interior da genitália do hospedeiro humano. Esta, por sua vez, infiltra-se pelos órgãos, misíurando-se ao plasma sanguíneo, alojando-se em alguma parte do corpo, no destino que for conveniente ao seu propósito.

Durante o primeiro dia de incubação, o hospedeiro sente leves agulhadas na medula, seguidas de náuseas e vômitos, e indisposição de qualquer ação física, num sinal de que a semente germinou saudavelmente. Dar-se-á então o início seqüencial do seu estágio irreversível de desenvolvimento.

No segundo dia, o enfermo já respira com muita dificuldade, tendo terríveis tosses, seguidas de secreções mescladas com sangue, manifestadas na imagem grave de uma tuberculose forte ou uma pneumonia crônica. Nos músculos, fortes câibras, acompanhadas de terríveis dores no abdômen e na cabeça, atacando todo o corpo, como uma trágica gripe. A semente, já desenvolvida num organismo carnudo e globuloso, passa despercebida pelo seu obsequiador.

Num estágio seguinte, a anomalia em seu caráter xenoparasito começa a liberar microscópicas raízes, que se desviam de todos os órgãos internos, indo fixar-se nos ossos. Esta seria a porta de entrada das características de seu anfitrião, aumentando assim seu tamanho, o que lhe provoca um mortificante mar de suplício, afogando qualquer esperança de alívio.

Ao terceiro dia, o infortúnio moribundo contempla uma violenta erupção de líquido carmesim e espasmo sem fim, causados pelo medonho nascimento de uma árvore assassina. Um parasita-simbiótico recém-nascido que desabrocha para o mundo, ramificando para o alto seus bizarros e profanos galhos. E, numa demonstração de impaciência pelo seu nascimento, perfura diversos pontos de sua morada, exalando por tais orifícios o cheiro acre de seu perfume blasfemo.

Chegando ao estágio de perfeição, os galhos rapidamente transmutam em braços e cabeça; as folhas tornam-se cabelos. Seu tronco e raízes vão se modelando em uma aparência humana, formando um ser idêntico e primoroso ao hospedeiro original, que já nasce provido da maldição, pronto para incubar novas vítimas, enquanto o restante do ser de origem torna-se pó esquecido do tempo e agregado na extinção para todo o sempre, encobrendo irrefutavelmente todas as provas de sua existência.

Pai Eterno! Como podes desejar tal suplício para os teus semelhantes? Que mal cometeram contra ti, para vires a odiá-los tanto? - bradou a jovem, indignada com tais iniquidades e querendo também entender como os céus permitiram tal abominação sem reagir.

Antes de responder à sua ousada indagação, Samantha gesticulou para o alto, pondo fim às terríveis cenas, dizendo:

Poupa-me de tuas murmurações hipócritas, menina!

E a criatura de imagem humana abaixou o braço fitando-a nos olhos:

Eu sei que queres entender. Terás as tuas respostas, pois te contarei a origem de tudo. Portanto, sua imbecil, inútil, escuta-me bem e não me interrompe!

Um debochado sorriso manifestou-se. No mesmo instante, aquele solo fúnebre expeliu inúmeros tentáculos espinhados que se juntavam aos braços e às pernas de Rúbia.

A dor da carne sendo perfurada iniciou-se com a intrigante narração de Samantha, que explicaria o princípio de todo o mal e a existência de sua geração invasora.

"Num tempo muito distante, Deus, com sua infinita misericórdia e poder, deu vida a uma de suas mais belas criações: os anjos do céu. Entre eles, um destacava-se pelo enorme esplendor de sua beleza: era chamado Luz-Bel. A ele foram concedidos grandes poderes e a responsabilidade do comando sobre os anjos do céu, na ausência do Pai. Ele seria um ser que O honraria com louvores, pois dele provinham todos os instrumentos que compunham a adoração. Ele era um sinete de perfeição pleno em sabedoria, luminosidade e formosura e Deus o amava.

"Mas a inveja e o ódio por Deus ter criado o homem à Sua imagem e semelhança enegreceram seu coração com soberbia. Extinguiu-se o brilho de seu rosto e suas vestes mancharam-se completamente pela lama do pecado.

"Em seu senso de superioridade, quis provar que o homem não seria digno do apreço e da atenção do Altíssimo; que Sua criação seria fraca e corrompível, capaz de desviar-se dos caminhos da justiça por qualquer dificuldade ou tentação. Pretendia ficar acima do poder e da autoridade de Jeová; queria usurpar seu trono de glória, sentar-se nas estrelas e tomar as rédeas do destino do universo.

"Diante de sua malevolência e persuasão, conseguiu enganar e convencer a terça parte dos anjos dos céus a segui-lo.

"Inevitavelmente, travaram uma grande e terrível batalha de conseqüências lamentáveis, como em toda guerra.

"Mas o Altíssimo, o Senhor Todo-Poderoso, pôs fim à insanidade de seu inimigo, que tombou com suas hostes satânicas. E ordenou o Justo Rei, ao Arcanjo Miguel, que jogasse o querubim de sentimentos deteriorados como um cadáver pisado, sobre a Terra, juntamente com a leva de anjos rebeldes que, despojados de sua beleza, tornaram-se demônios medonhos e imundos.

"Diante da violência de seu pecado, recebeu um novo nome, um que fazia jus ao seu coração negro: Veneno de Deus (Sammael). Seu ato foi freado e sua soberba derribada na cova. O som de sua harpa tornou-se brados enlouquecidos de ira. E, quando precipitou do céu, o fogo da vingança consumiu sua formosura, tornando-o a mais horrível das criaturas viventes.

"A Terra tremeu ao seu toque impuro; suas raízes contaminariam as nações com transgressões. Encheria as taças dos reis com os vermes da sua prostituição, devoraria as entranhas dos homens com suas mentiras, dando vida a um jardim repleto de ímpios."

Rúbia, presa a um emaranhado de espinhos, teve sua delicada pele profanada pelas pontas que penetravam sem piedade sua carne. E as grossas raízes criaram uma teia esmeralda ao seu redor, tingidas pelo sangue inocente da jovem. Ela queria desenlear-se, mas faltavam-lhe meios: só lhe restava, então, ter os ouvidos atacados pelo brasido da história. Assim, a narração projetou-se em imagens dolorosas, chocando a mente da pobre moça.

Samantha continuou:

"Vapores percorriam calmamente o espaço sobre a densa camada de terra, regando todo o globo.

"Então, formou Deus o homem, do pó da terra, e, soprando suas narinas, fez surgir o fôlego de vida. E foi feito nele a alma vivente.

"E plantou o Senhor um jardim no Éden, da banda do Oriente, ali colocando o homem que tinha formado.

"Havia um rio para regar o Éden e dali se dividia em quatro braços: o primeiro era Pison, o segundo Gion, o terceiro Hidéquel e, por fim, o quarto rio, o Eufrates. Mas havia um foco negro habitando aquele santuário, um espinho venenoso que faria tombar o mais valoroso dos leões.

"Parecia uma árvore inofensiva, porém atrativa em seus formatos, cujos frutos encorpados seduziriam qualquer um que os desejasse. Contudo, não se tratava de um vegetal comum; era a praga de toda alma pura, o câncer para a carne imaculada: era a árvore da ciência do bem e do mal".

"E Deus preveniu o homem de que poderia comer de todos os frutos produzidos pelas árvores, com exceção dessa que habitava o meio do jardim, pois ela continha o fruto maldito que lhe causaria a morte.

"E, como bom pai que é, Jeová notou que o homem, chamado Adão, sentia-se solitário. Derrubou, então, sobre ele um pesado sono; depois tomou uma de suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. Dessa costela formou o Criador, a mulher, e a levou diante de Adão. Não houve mais a solidão daquele dia em diante."

Samantha sabia muito bem o que estava dizendo, e por trás daquelas palavras bíblicas, narradas por aquele ser abjeto, havia algo enigmático.

"Eles viviam em extrema harmonia, até que um dia a mulher, que se chamava Eva, estava andando sozinha pelo jardim e deparou-se com uma serpente. De todas as alimárias, era a mais astuta das criaturas do campo.

"E a serpente disse a Eva:

Foi assim que teu Deus te disse: 'Não comereis de toda árvore do jardim'?

Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do Paraíso, não, nem nele tocamos para que não morramos - respondeu Eva.

Por que achas que morreréis? - perguntou a astuta criatura. - Ao contrário, teu Criador sabe que no dia em que comerdes do fruto vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses imortais, tendo o conhecimento do bem e do mal; por isso que vos proibiu. Ele teme que vós possais ser mais poderosos do que Ele.

"Negligenciando o aviso celeste, Eva pôs-se a ver que o fruto daquela árvore era bom para se comer; assim, ela tornava-se agradável aos olhos da mulher que, curiosa para adquirir tal conhecimento e poder, tomou do fruto e o comeu, levando-o em seguida ao seu companheiro, persuadindo-o que também comesse.

"E os olhos de ambos foram maculados pelo pecado: viram que estavam nus e reuniram folhas de figueiras, fazendo aventais. O mal os havia coberto de vergonha.

"Um dia, Jeová passeava no jardim, quando Adão e sua mulher fugiram da Sua presença para esconderem-se entre os arbustos.

Adão, onde estás? - disse o Pai benevolente.

"Oculto entre as vegetações, o primeiro homem respondeu:

Ouvi Vossa voz a me chamar pelo jardim e, como estava nu, temi e me escondi.

"E Ele perguntou:

Quem disse a ti que estás nu? Acaso comeste o fruto da árvore da qual ordenei que não comesses?

"Temendo Adão diante de Deus, usou a mulher como escudo:

A mulher que me destes por companheira me deu da árvore e eu comi.

Por que cometeste tal vitupério, mulher?

A serpente me enganou e eu comi - respondeu Eva. "Então o Senhor aproximou-se da serpente, dizendo:

Confirmada a tua culpa, maldita serás entre todos os animais do campo; sobre teu ventre andarás e comerás do pó todos os dias da tua miserável vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a tua descendência. Ela te pisará a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

"E para a mulher disse:

Multiplicarei grandemente tua dor: conceberás teus filhos com sofrimento, e o teu desejo será para teu marido que ele te governará.

"Voltou-se para Adão e falou:

Por teres dado ouvidos à imprudente voz de tua companheira e comido da árvore, da qual te ordenei que não comesses, amaldiçoarei a terra por causa dos teus pecados; tu comerás o pão com o suor de teu rosto,

até que voltes à terra donde foste retirado, pois do pó vieste e ao pó voltarás.

"E chamou o homem pelo nome de sua mulher, Eva, por ser a mãe de todos os viventes. Foram feitas, pelo Senhor, túnicas de peles, para que ambos cobrissem sua nudez. E, assim, Jeová disse a eles:

Eis que o homem que criei, pela desobediência, adquiriu para si a ciência do bem e do mal; não permitirei que nenhum de vós estenda o vosso braço ou a vossa mão para tomardes do fruto da árvore da vida, nem comer dele para viverdes eternamente."

Com frases escarnecedoras, Samantha declarou, tentando levar a frágil espectadora ao delírio.

Aquele casal indefeso estava sendo expulso de seu lindo lar ajardinado, só porque fizeram algo ruim.

Tais relatos abomináveis só poderiam vir de ti, besta malévola. Espero que mordas a língua e morras embriagada no teu próprio veneno!

replicou Rúbia.

Achas que protestos de bravura te ajudarão? - perguntou a bruxa.

Isso não importa. Tu e teu filho fazeis parte de uma geração corrompida e passageira! Imagina tu, eles trocaram as alegorias que aquele lugar poderia conceder-lhes, para conhecerem um novo Éden. Um jardim de labuta, onde, no lugar de belas árvores frutíferas, nasceram os abrolhos; no lugar do refrigerio, encontraram um árduo calor, emanado de uma terra árida, a qual tiveram que trabalhar duramente, para fazer brotar o pão que sustentaria suas vidas miseráveis!

Deus os havia abandonado, pobres infelizes... - E gargalhava: - Haviam se tornado refugos sem esperança e, pior ainda, estavam caminhando para a morte. E tudo isso só porque provaram da árvore do conhecimento.

Samantha, em todo o seu escárnio e já mais próxima a Rúbia, segurou seu queixo com gestos violentos.

Em meio às dores do corpo, ela presenciava atônita as visões finais, o trágico fim de uma raça magnífica: a humanidade.

Tudo o que mostrei a ti não é toda a verdade. Existe algo que Ele ocultou dos homens, mas no momento certo revelarei a eles toda a exatidão das coisas.

Então, sacudindo a cabeça de um lado para o outro, Samantha prosseguiu:

O Criador disse que se reconciliou com o homem enviando seu filho unigênito, mas isso não passa de promessa ilusória para ludibriar os ignorantes, pois Ele tentou destruir não só a raça humana, mas todos os seres inocentes, porque se arrependeu de tê-los feito! Eu mudarei isso, pois encontrei um meio de alterar qualquer um que deseje despir-se dessa forma mortal, para vir a tornar-se um cidadão de uma raça poderosa! No futuro, as pessoas de todos os tipos e nacionalidades transitarão para a "Renovação". E chegará o dia em que os mortais se desvincularão de suas fés vãs, para virem a ser templos do poder negro! Agora, eis tua chance, Rúbia. Declara tua vontade! Liberta-te desta matéria vulgar e torna-te também um ser poderoso como eu me tornei: uma filha da árvore, a entidade inexpugnável e eterna, que não pode ser afligida por nada. Vem, deleita-te desse privilégio e ostentarás poderes que ultrapassam o conhecimento humano.

Rúbia manteu firme o olhar em direção à sacerdotisa e, com algumas frases, feriu o orgulho daquela mulher cujo sentimento ainda parecia ser humano.

Mesmo dizendo-me o que és, para mim tu não passas de um monstro insano. Estás com os olhos mais vendados que esta gente que vive lutando por um futuro melhor. Ganhará o abismo eterno como recompensa de teus atos, pois Deus não extermina somente o homem promíscuo, mas também a geração profana como tu, provinda da cópula impura de anjos caídos com mulheres humanas!

E disse mais:

Afasta-te de mim, ser infame! Es um lacaio do demônio. Roubaste as maneiras cultas de Samantha, mas sei que não é ela. Minha amiga era cortês e possuidora de um enorme amor pela vida. Aproveitaste de seus sentimentos e adulteraste sua vida para sempre. Tu não me enganas, criatura desprezível: roubaste a salvação de Samantha, perdeste a tua, mas jamais tirarás a minha!

A sinistra figura respondeu com um tapa, decidindo rápido a questão:

Sua rameira branca! Por que achas que Deus expulsou aquele casal do Éden? Por que simplesmente não arrancou a árvore do jardim e depois, com toda sua benevolência, não perdoou o erro dos dois? Ele viu com os próprios olhos que o homem feito à sua imagem não era digno de sua existência. Se o Criador não tivesse intervindo e deixado aqueles dois por mais tempo no Paraíso, eles teriam se alimentado ainda mais dos frutos da árvore proibida e juntos gerariam a nação obscura, os filhos da desobediência.

Desfilando em volta de Rúbia, exibiu sua sensualidade sombria inclinando-se rumo ao seu ouvido e murmurando:

Para terem a certeza de que não seriam destruídos por Ele, adquiririam instintos de sobrevivência, comeriam da árvore da vida e se tornariam imortais.

Rúbia preferia abster-se dos comentários, tentando ignorar as provocações de Samantha. Na verdade, não sabia o que suportar: os escárnios de um anjo caído ou a agonia dos tentáculos de espinhos que haviam penetrado sua carne impiedosamente.

Então desejas me ignorar? Muito bem, verás que esta não foi uma boa escolha; deixarei de ser complacente contigo! Isso me lembra algo... Onde andarás aquele teu príncipe tão delicioso? - indagou a devassa com ironia, circundando lentamente a língua por entre seus lábios carmins. - Qual era mesmo seu nome? Ah, sim! Loan Horsham!

De imediato, Rúbia ficou enfurecida com a provocação da mulher, pois ela havia mexido em algo muito valioso, mais que toda a riqueza da Terra: seu coração.

Se ferires Loan, pelo Pai eterno, juro que arrancarei tua pérfida e amaldiçoada vida com minhas próprias mãos! - bradou a jovem, exacerbada.

Oh! Feri teus singelos sentimentos, que pena... Que poderei eu, uma filha perfeita, fazer por ti?

Por impulso, Rúbia respondeu:

De ti, só me servirá tua ausência; no mais, neste momento, quero que ardas no inferno!

Ao pronunciar a frase, um fato estranho e ao mesmo tempo medonho ocorreu nas formas corporais de Samantha, tornando aparente o verdadeiro terror de sua figura. O vestido havia sido sugado por sua matéria, expondo pequenos desenhos por todo o seu corpo, semelhantes a escamas de peixe; sua pele mais parecia a de um réptil.

Couçaças emergiam sobre o peito e as costas da abominável figura; em seguida, chifres enormes surgiam em sua testa e, nos punhos, garras semelhantes a dentes de tubarão. Ela berrava como uma matilha de lobos reunida e esfomeada. Era um som aterrador, capaz de embranquecer até mesmo os cabelos de uma criança.

Poupa-me de teus devaneios, frágil criatura! Contemple agora a renovação do mundo!

Meu Deus... - o nome sussurrado incrementou o espanto. Ela mergulhou em ondas repletas de sensações indescritíveis, beirando as portas da insanidade.

É, as coisas penderam um tanto para a seriedade. Posso ouvir os gritos de tua alma, lamuriando por liberdade, cantando para mim a música bela da aflição. Diz-me, Rúbia, não estás curiosa em saber por que Loan está fazendo parte deste esplendoroso futuro?

Ouvindo a voz animalesca do monstro, ela foi instigada a saber de toda a terrível trama que envolvia seu amado ao restante do mundo.

Loan não é um homem qualquer; sua alma possui uma poderosa essência e sua virtude assemelha-se à dos anjos dos céus, mas sua matéria terrena o impede de descobrir o âmbito a que realmente pertence e sua verdadeira afinidade.

Aquele demônio machucou-a profundamente com sua ardilosa história sobre Loan. Rúbia estava confusa, não sabia como Samantha o conhecia e o que era aquilo tudo. Tentou não acreditar, mas o teor fúnebre daquele relato fez com que seu coração batesse rapidamente, confirmando a veracidade daquelas palavras.

Loan estava envolvido em alguma trama diabólica, algo que somente as duas sabiam. E Rúbia só pôde chorar, sentindo-se inútil, pois nada podia fazer para ajudá-lo, a não ser orar em pensamento e entregar o destino de ambos nas mãos do Deus afável.

Vendo o medo estampado na face da prisioneira, a medonha voz da criatura foi ataviada com o serpenteio de uma língua negra que começou a lamber o sangue provindo das feridas profundas de seus braços, causando náuseas à jovem. A língua viscosa escorregava ainda mais da mandíbula escancarada da fera, envolvendo, como uma dança, todo o corpo machucado de Rúbia.

Para! Eu imploro... - gritou, suplicando que parasse a ação daquele ato humilhante.

A besta regozijou-se e, contemplando a aflição da moça, cessou sua obra lasciva. A serpente de carne visguenta voltou para a boca e a sacerdotisa retornou à forma humana.

Quero que saibas, cara amiga, que o privilégio pelo desespero que passas não será somente teu; muitos terão a mesma honra, tão logo a profecia se concretize. Loan nos trará essa alegria tão esperada, se tornará nosso rei e o mundo será seu trono!

Rúbia sabia do perigo que Loan corria, mas, antes de tudo, era mãe.

E meu filho, o que foi feito dele? Para que o querem? - perguntou, preocupada com o destino da criança.

Siegfried? Ah! Ah! Não te preocupes com meros detalhes. Ele está onde sempre esteve: seguro no teu aposento e confortado docemente sobre os lençóis macios.

Mas como pode ser isso? - espantou-se. - Verifiquei o berço e ele jazia vazio! E os passos escuros? Havia várias pegadas de sangue; elas estavam em toda parte!

Sua tolinha ingênua. Achas que eu poderia trazer um anjo de luz, a essência de meu inimigo, uma criatura pura a este mundo? Jamais faria tal bobagem. Durante tua gula desenfreada, tomei a liberdade de misturar na tua comida alguns ingredientes de magia. Isso mudou a percepção de tuas ações e te proporcionou sensações imaginárias, fazendo-te pensar que alguém entrara no teu quarto e raptara o bebê.

Além de a besta apresentar com clareza sua maldade, Rúbia também viu a astúcia habitando naquela matéria morta.

Não se dando por satisfeita e usando da mesma ousadia, declarou em alta voz:

Não acredito em ti! Vós, anjos relapsos, são os patriarcas da mentira!

Não acreditas em mim? Que assim seja... És uma néscia e morrerás como tal! Como diz o velho provérbio: se a árvore não lhe dá frutos, corte-a e queime-a; então ela, ao menos, te aquecerá!

Assim dizendo, virou de costas, permanecendo calada, enquanto a camponesa esbravejava seus lamentos. Aquela mulher, de cabelos negros e olhos penetrantes, deduziu que o longo diálogo não obtivera o êxito esperado, e que estava mais do que na hora de ingressá-la no reino dos mortos. Insatisfeita com os comentários da galesa, lançou um olhar furtivo, avaliando quão grande era a fragilidade humana.

Tu te apegas a sentimentos pequenos. És uma louca; recusaste a oportunidade de te tomares eterna! Crê numa fé de balde, que não te dá poder algum e não te livrará do sepulcro!

Com esse ultimato, a feiticeira deu-lhe as costas novamente, retornando para o interior daquela árvore maldita, rugindo feito um tigre e sumindo segundos depois. Deixou nítido um fato surpreendente e aterrorizante: o silêncio total e absoluto, como se ela nunca tivesse estado ali.

Naquele espaço vazio e tenebroso, uma mulher jazia abandonada. Gemia, devido às diversas lesões. Sem piedade alguma, os tentáculos comprimiam sua carne ainda mais, fazendo fluir o sangue em maior quantidade dos orifícios expostos.

Rúbia Lands estava imobilizada, abandonada em uma dimensão ausente, onde olhos mortais nunca transitaram. Estava tomada pela incerteza, e naquele momento encontrava-se à disposição do desconhecido, sendo ele bom ou mal.

De repente, nuvens escuras começaram a se agrupar, tornando o espaço vazio ainda mais medonho do que já era. Ela olhou para o alto e temeu. Não podia fugir; sua morte seria certa, pois os agregados de vapores malignos se precipitavam sobre ela.

Então, com uma só frase, implorou ao único que poderia ajudá-la na dificuldade mais que aparente.

- Deus, ajuda-me...

Foi a derradeira palavra que conseguiu pronunciar antes que a massa negra a envolvesse e começasse a roubar o ar de seus pulmões. Mergulhada em agonia e com lágrimas silenciosas presentes na face, a jovem não notou um lume de luz que vinha em sua direção.

Apesar de ter sido valorosa o suficiente, seu corpo sentia-se debilitado por sofrer as brutais torturas da vilania da mulher-demônio. Sua matéria humana estava desfalecendo, perdendo os sentidos, sendo tragada por um total estado de inconsciência.

A luz continuava achegando-se, atravessando com superioridade a espessa parede de trevas, indo tocar seu rosto, devolvendo-lhe novamente a lucidez perdida, transmitindo alívio ao seu coração contrito.

Aquela presença benéfica expulsou o vazio e a incerteza e, num gesto de amizade mútua, confraternizou-se com a alma de Lands, como um irmão que há tempos não via.

Os tentáculos de espinhos transformaram-se num amontoado de borboletas douradas, que voavam delicadas, bailando ao seu redor. Os ferimentos se fecharam pelo poder de um milagre manifestado, aliviando as dores e extinguindo o sofrimento do corpo. As nuvens tenebrosas sumiram, consumidas pelo calor da virtude, e o ar refrescante voltou a habitar os pulmões da frágil mulher. A amargura que residia em seu interior tornou-se contentamento, depositando na sua face um suave sorriso de satisfação.

Inspirada pelo amor e pelo agradecimento, Rúbia começou a cantar como nunca havia cantado antes, um hábito que há tempos não cultivava. A belíssima melodia seguia de forma perfeita, com proporções harmônicas, exprimindo todo o seu sentimento. Agradecia a intervenção de um Deus Vivo puro e verdadeiro, que não a abandonara na difícil prova.

Coberta de alegria, vislumbrou a figura de um pássaro alvo pairando em meio ao brilho celeste. E Rúbia estendeu seu braço vagarosamente, prevendo o que viria a seguir. A formosa ave desce ao seu encontro, mantendo as garras abertas, para não feri-la, pousando em seguida com a suavidade de uma pluma.

Rúbia não temeu. Sabia muito bem que o pássaro não pertencia ao mundo dos homens; ele era a grande exceção no peso deste mundo enganador.

Os olhos de ambos percorreram suas matérias, admirando-se. O alívio invadiu o peito, o ar encheu os pulmões e o gozo celeste penetrou na mente de Rúbia, que se emocionou.

Um toque divino incrementou seus olhares; suas mentes se interligaram, comunicando-se, não sendo mais necessária a pronúncia de nenhuma palavra. Não dariam chances para o inimigo de suas vidas. Se ele estava à espreita, rondando em busca de uma nova fraqueza, ela seria mais cuidadosa.

Uma mensagem foi lançada ao encontro de seu coração, amenizando a dor e as passagens perturbadoras recém-enfrentadas. Finalmente, estava sendo presenteada com raro bálsamo, invadindo seus pensamentos com o conforto tão esperado.

"Teu sofrimento e o de Loan breve alcançarão o fim. Tua oração foi ouvida pelo Pai. Os anjos recolheram tuas lágrimas e levaram-nas até o trono de Sua Majestade. Teus prantos Lhe são como diamantes brutos e ornarão sua inefável coroa. E tu farás parte dela, se persistires na tua fé e perseverança."

Era a voz do anjo. E Rúbia ouvia cuidadosamente o que lhe era transmitido.

"Teu filho está em segurança, sob a minha proteção, e será levado a um lugar seguro, após teu consentimento. Siegfried será, no futuro, uma peça essencial no desenrolar dos acontecimentos."

Ela creu na sabedoria e na mensagem, e não teve receio em dar seu aval àquela entidade provedora.

Sua permanência no castelo, infelizmente, ainda era necessária - explicava-lhe a entidade - pois o Mestre do Amor haveria de usá-la como um instrumento de fé, no ato de adjuntar Loan em sua terrível prova. E,

no momento apropriado, o Criador manifestaria Sua magnitude e faria uso de seu poder, para que Seu nome fosse glorificado uma vez mais.

Rúbia não hesitou em aceitar cada sílaba do que lhe foi dito e faria cegamente a vontade de Deus. A ave, pressentindo o fogo de sua virtude, bateu levemente as asas, num gesto nítido de agradecimento. A camponesa sorriu extasiada. E a brisa emanada do balançar das asas abraçou seu corpo, fazendo esvoaçar seus longos cabelos loiros.

Erguendo as asas, o pássaro se lançou para o alto, levando consigo o brilho ofuscante das penas. A luz aumentava a cada instante de sua subida, até que um crocitar ecoou por toda a vastidão daquele mundo, anunciando a felicidade e a satisfação do dever cumprido, desaparecendo em seguida.

Um forte clarão manifestou-se em sua partida, despertando Rúbia de seu transe.

Voltando a si, a moça viu-se no quarto, observando que os lençóis da cama estavam limpos e o chão impecável, confirmando que aquilo tudo não passara de uma artimanha do demônio, para destruir sua fé e surrupiar sua alma.

O fogo provindo dos céus amparou seu espírito; o perigo que correu foi real, mas mesmo assim sua fé não foi abalada.

Sentando-se à beira da cama, já mais tranqüila, voltou sua atenção para o berço. A orgulhosa mãe olhou seu interior calmamente. Seu filho estava protegido das hostes malignas, dúvidas não havia. Ponderava sobre o assunto.

Caiu de joelhos em agradecimento. Clamou também por Loan, rogando a Deus que o iluminasse e preparasse a vitória no seu caminho, para assim combater o inimigo que se aproximava.

Seus olhos, encharcados pelas lágrimas que caíam, agradeceram o socorro prestado. Um sorriso de felicidade tornou-se aparente em seu rosto, ao recolher, do interior do berço, inúmeros diamantes que, ao serem tocados, milagrosamente transformavam-se em lágrimas. Era uma constatação de que o Ser Onipresente jamais abandonaria um filho seu.

3

Horsham vagava sozinho naquele manto da natureza. Nada mais restou para ele na Inglaterra, pois seus bens e suas terras foram confiscados por aqueles a quem defendeu bravamente. Perdera brutalmente sua família em uma guerra sem procedência alguma e nem sequer pudera lavar, com o sangue dos assassinos, a honra maculada de seus entes queridos.

E os soldados? Verdadeiros varões da pátria, que lutaram ao seu lado, hoje arriscam suas vidas a fim de conquistar uma pesada recompensa pela sua captura. Esse prêmio, a cada temporada, é aumentado pelo primaz em dez vezes o seu valor, para quem lhe trazer a cabeça de Loan Horsham, um homem que o próprio ministro eclesiástico considera uma ameaça à sua autoridade e ao país.

O passado, além de não abandoná-lo, ainda açoitava de pensamentos tirânicos sua mente; a presença dele entre os vivos deve-se exclusivamente a uma única pessoa que persiste em seus pensamentos, uma criatura amável que teve o prazer de conhecer: Rúbia, uma adorável flor campestre, que cuidou de seus ferimentos de guerra com carinho e dedicação; ela salvou sua vida quando foi encontrado semi-morto.

Em todo esse tempo em que esteve peregrinando por trilhas, matas e territórios desconhecidos, refugiando-se de brigadas inglesas e deslocando-se dos trechos de saqueadores, seu coração ainda estava fortemente ligado à camponesa que deixou para trás: uma linda mulher que apresentava a silhueta de uma boneca, corpo sensual, pele suave como a seda, cheia de atrativos que fascinaram o âmago de seu coração e daria paz a um homem cansado.

Os traços delicados de seu rosto inspiravam poesias; seus olhos azuis e expressivos, seus lábios doces e delineados, sempre prontos para serem afagados, eram, sem dúvida, qualidades convidativas ao amor ardente.

Loan suspirava fundo, lamentando-se amargamente por não tê-la tomado em seus braços. Guardou-se puro, e para quê? — perguntava-se.

Alguma missão, que nem ele mesmo sabia o que era, aguardava-o. Havia se preparado todo esse tempo para enfrentar um antagonista que, até aquele momento, não conhecia.

Insatisfeito com os próprios pensamentos, questionou:

- Mas o que há contigo, homem? E certo que a esta hora ela há de ter tomado um novo rumo em sua vida. Antes que pudesse dar seqüência a seus débeis protestos, o cavaleiro foi surpreendido por uma visão, não muito distante dele.

No meio daquela espessa mata, habitada por inúmeras espécies de animais selvagens, avistou uma cabana de aspecto rústico, feita com troncos de carvalho. Apesar de humilde, era bastante atrativa para um viajante cansado.

Cuidadoso, puxou as rédeas, fazendo o equino diminuir ainda mais o trote, e aproximou-se lentamente da modesta choupana. Ele estava exausto e seu cavalo, fatigado da viagem, mas toda cautela era pouca; evitaria maiores riscos. Aquele cenário era um ótimo lugar para ser usado por mercenários numa emboscada.

Desceu da montaria, indo amarrar as rédeas em uma árvore próxima. Caminhando desperto, Horsham girava o corpo num ângulo completo, observando atentamente todo e qualquer movimento, até finalmente estar próximo à porta dos fundos. Tocando-a, notou que estava apenas encostada.

Sem perda de tempo, acautelado, desembainhou sua espada, segurando-a com firmeza no punho. Empurrou a porta com a lâmina e, passo após passo, entrou, relanceando desconfiado o olhar pela aparência do misterioso e silencioso lugar.

Sem que se desse conta, a porta fechou-se bruscamente em sua retaguarda, presenteando o destemido cavaleiro com breves calafrios de perturbação.

A lareira estava acesa. Acima do fogo, um caldeirão preto cozia um tentador guisado; porém, não havia viva alma na cabana. Se algo estava sendo preparado, supôs que havia alguém que o estivesse fazendo, mas onde estaria essa pessoa?

Todavia, não se preocupou muito com isso e aproximou-se do recipiente fervente, cujo aroma agradável e convidativo fora suficiente para despertar seu apetite. Aspirou forte o cheiro da comida, e a dura avidez que o maltratou o distraiu por alguns instantes.

Devolveu novamente a espada na bainha, indo desatar a arma junto ao cinto. Colocando-o sobre a mesa, em seguida, puxou uma das cadeiras e se sentou.

Desgastado por suas andanças, cruzou os braços e jogou a cabeça para frente, tentando relaxar.

O mantimento que tinha entrou em plena escassez, e o cantil já havia sido esvaziado pela irrefreável sede. Por outro lado, mesmo faminto, mantinha sua polidez em dia. Aguardaria tranqüilamente o dono da choupana chegar, para lhe pedir abrigo por uma noite. Certamente teria de pagar com algum artefato de guerra, já que não dispunha de dinheiro.

E esperou, e esperou. Os minutos tornaram-se horas, e Loan, apesar de prudente e atento como uma raposa velha, não foi capaz de desvencilhar-se da pesada sonolência que se abateu sobre ele.

Mesmo estando necessitado daquele alimento, aprendeu com seu saudoso pai que nunca se deve tocar no que não lhe pertence, mesmo estando próximo da morte. "A honra acima de tudo", dizia ele.

De repente, a porta da cabana abriu-se, entrando uma lufada de vento noturno. Do mesmo modo que se abriu, fechou-se, dando passagem a alguém que nem mesmo atraiu a atenção do cavaleiro, que dormia calmamente.

Aproximou-se então dele, a meio caminho, um velho eremita, que de forma sutil colocou sobre a mesa uma pequena forma de pão, próximo à espada.

Repentinamente, Loan despertou, percebendo a distração cometida, que em outras situações lhe custaria a vida.

Com gestos hábeis, rapidamente agarrou o cabo da arma, desembainhando-a. Sem refletir, e por puro reflexo, encostou a ponta mortífera da lâmina na garganta do anacoreta, que lhe abriu um amplo sorriso.

- Acalma-te, cavaleiro, guarda tua arma, que aqui não encontrarás inimigo.

Horsham fitou firme o estranho, examinando-o de cima a baixo, com olhar suspeito.

Creio que não comporto toda essa certeza. Com tantos mercenários querendo o prêmio que estão oferecendo pela minha cabeça, quem garante que tu não sejas um deles, camuflado de bom velhinho, só para me atraiçoar?

Não temas por tua vida, Loan Horsham. É do meu conhecimento que homem algum conseguirá causar-lhe temor; contudo, o que mais temes é o que carregas contigo no coração.

Loan cerrou os lábios e ponderou seriamente sobre a declaração daquele velho. Seus pensamentos ficaram distorcidos: seria ele um espião, a serviço do cardeal-patriarca ou do rei da Inglaterra? Não admirou que soubesse seu nome, pois agora estava sendo caçado. Contudo, como sabia sobre seus sentimentos? Algo de funesto estava no ar.

Quem és tu, velho? Como sabes o que tenho no coração? Por acaso és algum tipo de feiticeiro?

O eremita trocou olhares com o jovem combatente e respondeu:

O Deus vivo, no qual creio fielmente, não se agradaria de tais palavras, pois Seu reino é constituído de amor. Ele sacia em nós não só a fome carnal, mas a do espírito; Nele nos fartaremos da justiça, e a paz e a alegria nos serão acrescentadas.

A admiração tomou conta de Loan. O tom fraterno e humilde daquele senhor tocou fundo sua alma cheia de machucaduras. Lampejos explodiram em sua massa cerebral e lembrou momentaneamente fragmentos louváveis de sua vida. Passagens que o presentearam com uma paz dominante, um prazer que há tempos lhe fora tirado.

Estando ele maravilhado com palavras tão diletas, não se deu conta de que sua espada ainda estava ameaçadoramente pondo em risco a vida daquele homem simples e indefeso. Então ele, lentamente, inclinou a lâmina da arma, ficando por alguns momentos em silêncio.

Nessa conjuntura, o hábil e receoso inglês dirigiu a palavra ao anfitrião:

Perdoa este insolente que profanou tua casa e ameaçou covardemente a vida de um honrado cristão. Pudesse eu restituir o infame e insano ato de minha parte.

Tomado pela vergonha, Loan devolveu a espada à bainha, afastando-se.

Vendo aquilo, o homem perguntou:

Para onde vais?

Horsham emudeceu.

Meu caro, Loan, faço-te mais uma pergunta: acaso é um ato pecaminoso um faminto de espírito entrar na casa de Deus para alimentar-se do pão provido pelos céus?

Não... - disse ele, parando em seguida.

Então, digo-te que não há nada para perdoar, pois, se um transeunte cansado busca por abrigo e comida, não serei eu a lhe virar as costas. Nada valioso tenho a te oferecer, a não ser uma gota da sabedoria que tenho no coração e um pouco do alimento abençoado que o Senhor fez brotar da terra.

Desentendido e descrente, Loan contradisse a resposta do velho homem.

Mas aqui não é igreja. Como pode Deus habitar nesta floresta tão sombria?

Teu coração está coberto pelo manto do ódio, e ele é horrível, cega a visão de muitos homens honestos, encaminhando-os à escravidão do pecado. É certo também, meu jovem, que não é necessária uma fortaleza de pedra para se constituir um templo. Nosso espírito é grande o bastante para comportar a grandeza de Deus. Não importa onde estejamos: terra ou mar. Estando nós ligados aos céus, Ele auxiliará todos os nossos passos aqui na Terra. Onde quer que um justo clame pelo Seu nome, ali Ele se fará presente.

Loan ficou pasmo diante do conhecimento daquele pobre anacoreta e reconheceu que, na verdade, teve a oportunidade de ouvir algo raro; e mais, ver o que seus olhos estavam tentando crer.

O cavaleiro não entendia como. Estava todo emaranhado, pois contemplava a face de uma criança estampada no semblante rústico daquela figura solitária.

Naquele instante, o bom velhinho encaminhou-se na direção de Loan e, levado pela compaixão, laçou-o num virtuoso abraço, beijando seu rosto, feito um pai que há muito não via seu filho.

Loan, tu não estás sendo coerente contigo mesmo. Foste sábio ao deixar de lado o aumento de tua riqueza, para não vires a tornar-te como os gananciosos, que, enganados, dizem para si: "Tenho fortuna abastada, portanto vem minh'alma, regozija-te, farta-se de comida e bebida e folga-te". Pelas atitudes de teus dias passados, ganhaste as bênçãos divinas, ao ajudar os menos afortunados. Tais providências caridosas renderam-te um maior carinho de Deus e muito mais tesouros celestiais.

Horsham começou a entender. Era instigado a viajar pelas lembranças, induzido por aqueles ensinamentos preciosos. Lembrou nitidamente do dia em que sua própria família negou-lhe seu convívio. Partiu, levando consigo apenas a parte que lhe cabia de sua herança material. Com seus bens, ele ajudou muitos necessitados, pessoas simples, que foram agraciadas com um gesto benéfico, ato que trouxe uma farta alegria às suas vidas.

Podia ter feito mais por esse povo. Muitos não tinham onde aconchegar suas famílias; diante disso, ficavam felizes e agradecidos com um simples pedaço de pão e um pouco de leite para dar aos seus filhos. Por isso digo que poderia ter-lhes dado mais.

Louvável de tua parte, mas teu dinheiro jamais compraria uma bênção - disse o velho plebeu, com a sabedoria que possuía.

Estás a falar tanto dessas maravilhas... Contudo ainda não sei teu nome.

Chama-me de Mictã, nobre guerreiro.

Mictã?

Horsham foi apanhado de surpresa.

Por Deus, sabias que és a pessoa por quem tanto procuro? - inquiriu, olhando interrogativamente para aquele homem. - Tendes um nome um tanto estranho, diferente, se posso comentar, não achas?

Todavia, o velhinho sorriu dizendo:

Estranho é este mundo, meu jovem. Os horrores e as ilusões que aqui habitam transformam-se em vendas, cegando os homens, coibindo-os de conhecerem a verdadeira Luz da Salvação. - E acrescentou: - Eles andam em caminhos tortuosos, envoltos pelas trevas, tropeçando diversas vezes. Muitos deles caem e alguns nunca mais se levantam.

Horsham maravilhou-se com aqueles ensinamentos.

Mas aqueles que ouvem a voz de Jesus Cristo e a recebem com alegria tornam-se como a luz da candeia, alicerçando suas vidas, iluminando seus passos no caminho da verdade. Ela torna-o um homem comedido, que se esquia das tentações, pois não existe força oculta que deixe de manifestar-se, mesmo estando ele na luz. Devemos vigiar a boca e até mesmo nossos olhos, para que não caiamos em contradições com o Senhor.

Mictã comentava como um exímio pregador, demonstrando com anseio as virtudes daquelas frases e desmantelando, ao menos naquela noite, todo o rancor e ressentimento acumulados no coração e na alma daquele homem.

Loan nada protestou; pelo contrário, queria ouvir mais. Algum tempo depois, o cruzado deliciava-se sentado em uma tina de pedra antiga, porém eficiente, com o corpo robusto mergulhado em água aquecida, proveniente de um fogão a lenha. O ex-templário pôde, então, relaxar sua carne cansada, limpando-a da aspereza calosa e tisonada da jornada.

Lá fora, Mictã cuidava com carinho do pobre animal, que se fartava de alfafa misturada com feno, já alojado em uma pequena cocheira ao fundo do casebre.

Descansando com tranqüilidade, Loan recordou as palavras do anjo que um dia o visitara no mosteiro. Jamais esqueceu aquilo tudo e de como a estima pela sua pessoa fora gratificante.

Envolto por águas mornas, o pensamento percorreu sua mente, como pássaros que voam dos ciprestes aos plátanos. Mesmo abastado de tanta paz, uma dúvida formou-se lentamente como uma bola de neve em sua cabeça: seriam o anjo, que se revelou a ele, e o eremita Mictã a mesma pessoa? Ambos tinham a mesma expressão ao explicar as Sagradas Escrituras.

Perdido entre reflexões, não conseguiu obter sua resposta. Entre a dúvida e a razão, optou pela última. Isso logo arrancou um pequeno sorriso de seus lábios, admirando-se por estar pensando numa hipótese tão absurda.

Como poderia um simples ermitão, surrado pelo tempo e auxiliado por um cajado, morador único daquela floresta selvagem, ser um anjo celeste, um guerreiro e emissário de Deus?

Loan espalmou a fronte, achando que não passava de um disparate de sua parte ter criado tal comparação. Passado algum tempo, o inglês, já assentado à mesa, mal podia esperar para provar daquele delicioso guisado.

Com um permanente sorriso amistoso, Mictã oferecia uma de suas especialidades, preparada por ele mesmo e aliada a um vinho caseiro, "fermentado especialmente para seus ilustres visitantes", frisou.

Deixando a ceia à mesa, sentou-se à direita do cavaleiro e pôs-se a servi-lo com grande satisfação. A comida era simples, porém a harmonia presente os envolvia e tornava cada momento ainda mais agradável.

Horsham comia em silêncio e com temperança. Sentia-se recompensado. Para ele, cada bocado fazia parte de um tenro manjar que venerava e apreciava como se fosse a maior de todas as delícias. Saboreava o guisado com indescritível prazer, mas o deleite foi interrompido quando seus olhos se voltaram para Mictã, que apenas apreciava alguns pedaços de pão. O fato espantou seu apetite e não passou despercebido o tilintar suave de sua colher assentando no prato.

Desculpa-me - disse Mictã, hesitante. - A comida não está do teu agrado?

Cla... Claro, está perfeito... - balbuciou Loan.

Então, por que me deixas em tal consternação? - indagou o anfitrião, encarando-o serenamente.

Loan balançou a cabeça e respondeu:

Não é direito! Invadi a privacidade de tua casa. Agora me assento aqui e alimento-me da tua comida!

Abuso de tua humilde hospitalidade! - ao explicar-se dessa forma um tanto áspera, levantou-se.

O eremita elevou a cabeça e lhe disse:

Por favor, senta-te. Tenho muita necessidade de conversar com alguém, porque a vida na floresta, mesmo que aprazível, tende a ser um tanto solitária. Deixa de lado tua consumição e permite que a generosidade deste pobre homem faça parte de tuas lembranças, quando refletires sobre a vida.

- Compreendo o que estás me dizendo e agradeço-te por suportar minha falta de alento.

Loan sorriu desenhado, sentando-se novamente à mesa. Mictã reparou que o moço não se sentia à vontade e propôs-lhe, então, uma parábola:

Loan, enquanto te delicias com essa modesta refeição, não gostarias de ouvir uma de minhas histórias?

Horsham consentiu:

Ficaria honrado.

Havia um casamento, e o local estava repleto de pessoas. Todavia, restavam apenas dois lugares que ainda não estavam ocupados. De repente, chegou um dos convidados, aformoseado em vestes e elevado em soberba. E eis que ele notou um lugar na primeira fila e outro no final dos assentos. Vendo aquilo, envaideceu-se mais, achando-se muito importante para ocupar um lugar tão insignificante, lá atrás. Enfatado pela vaidade, assentou-se no primeiro lugar. Surgiu, pouco depois, o derradeiro convidado. Suas vestes eram simplórias, e ninguém dali lhe dava atenção. Contudo, seu coração cultivava as primícias da humildade, tanto que era moderado no modo de se apresentar. E, com todo o entendimento

que tinha, sentou-se no último lugar. Porém, o noivo, a peça fundamental da festa, vendo que o convidado que lhe aprazia estava sentado no último dos lugares, dirigiu-se até ele dizendo: "Amigo de minha estima, sobe mais para cima e terás a honra diante dos que estiverem comigo à mesa." E seguiu o noivo com o mais simples dos convidados, em suas vestimentas, até onde o outro estava sentado no lugar primeiro, dizendo: "Por gentileza, dá o lugar a este, pois muito me agrada". Aquele que estava engrandecido, entusiasmado pela primazia e envolto pela vaidade, teve que submeter-se calado, contemplando o estilhaçar de seu orgulho pelas pedras da vergonha. E, de forma indecorosa, teve que tomar o último lugar. Entendeste bem, meu jovem?

Ouvi atentamente, mas não compreendi...

O próprio Senhor Jesus disse: "Aquele que a si mesmo exaltar será humilhado, e qualquer um que a si mesmo humilhar será exaltado. E, quando deres um jantar, não convides teus amigos, nem teus parentes e nem os vizinhos ricos para que batam novamente à tua porta, voltando para si mesmos, se convidando, e querendo ser recompensados. Mas quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos, ou qualquer um que neste mundo for desprezado, e então serás bem-aventurado. Mesmo que não tenham o que te dar em troca ou que não tenham forças para dizer-te obrigado, teu galardão te será dado pelo Justo dos justos no dia da ressurreição dos santos".

O olhar de Loan havia se transformado; ficou admirado com a beleza da estória.

E qual é o significado disso tudo? - perguntou-lhe Mictã.

Ele, porém, nada respondeu.

Que devemos fazer o bem a todos que necessitam, pois até mesmo tu fizeste isso antes. Abdicaste de todos os teus bens, para cumprir a lei maior: a Caridade. Garanto a ti que antes mesmo de receberem qualquer apoio teu, grande parte dessas famílias ajudou, na medida do possível, um irmão ou alguém ainda mais carente que eles. Praticaram a verdadeira fraternidade. Sem a caridade, ainda que falássemos a língua dos anjos ou, carregados pela fé, ordenássemos à montanha que se desprendesse da terra e se precipitasse ao mar mais profundo, em vão seria tudo isso. Resumindo, meu caro, não basta ter fé e deixar de lado a humildade, pois uma não sobrevive sem a outra. Da mesma forma lhe digo: aquele que não abandonar as ilusões deste mundo jamais poderá ser um discípulo ou ganhar o apreço de Cristo. Loan, não sei de onde vens ou a que linhagem és pertencente, mas em verdade te digo que Deus jamais abandona seus filhos. Ele não te abandonou e, por amar-te muito, enviou-te até aqui, para que possamos nos agraciar com o conforto da Sua virtude - levantou os braços rendendo graças ao Criador.

Na sabedoria do Pai encontro forças para a vida e, uma vez mais, contemplo a benevolência de sua misericórdia. E espelhando-me Nele que te recebo de braços abertos. Além disso, simpatizei muito contigo.

Horsham sorriu, enquanto aquele senhor tão bondoso concluiu:

Será mais sábio de tua parte que desdenhes desta sombra de soberba que o cerca e que continuemos a comer. Afinal, não queremos que a comida esfrie, não é mesmo?

Estou de pleno acordo, senhor Mictã. Agora vejo com clareza o significado de tuas palavras.

Aceitou a oferta sem pestanejar. O homem havia feito uma transformação em seu ser e, de forma indescritível, recebeu de volta algo há muito perdido: a paz interior. Todo o frio do receio e do orgulho havia caído por terra, exterminado pela luz de uma voz amiga e confortadora. Uma mostra explícita tornava-se evidente em seu rosto num belo sorriso de alegria.

Aquele diálogo pareceu mexer com as emoções do cavaleiro. Outrora, sentia-se revoltado, acorrentado na masmorra da solidão e perseguido como um animal, por consequência das ações covardes de seus compatriotas. Em sua profunda amargura, por não haver alcançado o êxito em proteger seus entes, tentou negar a verdade, sua vida e sua missão. Deixou-se laçar em uma penúria espiritual, quando praguejou contra sua fé e contra tudo que acreditava.

Jurou ser um homem diferente e quase se esqueceu dos preceitos ensinados pelo Criador. O antigo Horsham deixaria de existir, para vir a renascer num simples camponês, refugiando-se em alguma parte da região da Irlanda.

Entretanto, ao adentrar nesse modesto casebre, ele encontrou algo melhor do que seus planejamentos de vida: achou um amigo.

O olhar de Loan cravou-se na lareira, enamorando-se do brilho da intensa flama. A lenha espessa parecia não queimar, como se algo mágico a conservasse intacta e mesmo assim o fogo exibia livremente sua cor ardente. Durante horas, Loan narrou a história de uma jornada cheia de seus altos e baixos, propagada pelas sementes do suplício, provindas de seus injustos acusadores.

Mictã mantinha os ouvidos atentos, sorvendo cada fato angustiante. Em cada frase, uma lágrima escorria da face do bravo guerreiro, que lutara como um leão, dizimando cada ser hostil que demonstrasse perigo ou tentasse tomar seu país.

- O que mais me assustou nestas batalhas sangrentas não foram as espadas impiedosas que atravessaram as entranhas dos inimigos, nem tampouco os golpes dos machados sanguinários que desuniam suas carnes dos ossos, mas sim quando observei muitos homens honestos perdendo a vontade pela vida - comentou Loan - diante da ensandecida visão de contemplar suas mulheres e seus filhos sendo massacrados pela inútil guerra. E por quê? Talvez tenham crido que o rei era como um deus que pode tudo, ludibriando-os com suas mentiras políticas e sem fundamento algum!

Mictã elevou a cabeça e ponderou que aquele homem não precisava de um conselho, mas de uma esperança. E relatou sua mais tocante recordação: a de quando as tropas inglesas, com as tropas francesas e irlandesas, lideradas pelos comandantes-templários, marcharam com ímpeto para a reconquista de Londres e passaram por uma pequena vila, próxima à fronteira, ou melhor dizendo, passaram pelo que restou dela. Lá, testemunharam uma breve vista do inferno. O lugar havia sido devastado pelos saxões, e o sol causticante da tarde deixava mais aparente as cores flamejantes de casas em ruínas, que ainda ardiam em chamas. Moscas zunznavam em zigue-zague, solvendo a seiva apodrecida dos corpos mutilados. O ar fedorento e quente violentava sem compaixão as narinas dos espectadores horrorizados. Abutres chegavam aos trios, beliscando e rasgando os tendões e músculos dilacerados das vítimas da carnificina.

Loan ficou preso ante aquela visão macabra. Mas um novo e aterrorizante acontecimento o surpreendeu e ele foi instigado a descer do cavalo, para contemplar com maiores detalhes a cena pavorosa: um camponês em prantos, completamente enlouquecido, que gritava intensa e constantemente o nome de sua esposa.

Helinvel! Helinvel!

Ela estava com os olhos bem abertos, porém jazia morta, com seu corpo empalidecido estatelado sobre uma poça escarlata do próprio sangue que a havia abandonado completamente, fertilizando um pouco mais o solo inglês com as chagas da batalha. Seu consorte chorava inconformado. Agarrado firme à sua esposa, gesticulava com um braço, erguendo-a, e com o outro levava a mão aos cabelos, não conseguindo se conter na própria razão. Completamente louco, o único sobrevivente da vila abraçava o corpo da companheira, implorando para que ela ao menos falasse com ele.

Não está na hora de nosso filho nascer, Helinvel! Não está! Cuide dele um pouco mais! - exclamava.

Em sua demência, dizia palavras além da compreensão, tentando introduzir novamente o feto ensangüentado de volta na barriga aberta da figura pálida, mas em vão.

Deus, tende misericórdia desta pobre alma - compadeceu-se um dos homens, com lágrimas aparentes.

Todos os presentes estavam imobilizados pela cena, inclusive Loan, que permaneceu parado, sem notar que um dos arqueiros foi ter com ele.

Milorde, achas justo que uma de minhas flechas o envie de encontro à sua família? - perguntou, causando ira ao templário.

Movido pela proposta, Loan investira ferozmente, agarrando com violência a malha escamada de metal de suas vestes e, sacando seu punhal, encostara sua lâmina na parótida do soldado.

Se desejas agir como um deus, creio que seria digno de tua parte discutir com Cristo se esse pobre homem deve ou não viver! - esbravejou, enquanto o arqueiro ficou imóvel, sabendo que, ao menor movimento, qualquer pronúncia pejorativa que escapasse de sua língua poderia custar-lhe a vida.

Desculpa-me - murmurou, tentando reparar tal infâmia. - Não tive a intenção de te ofender, juro.

O arqueiro notou, pelo olhar de Loan, que suas palavras haviam sido incoerentes por demais.

Perdoa-me... - falou novamente. - Peço-te que releves meu pecado e minha falta de entendimento...

Comandante! Por favor, acalma-te! - falou um de seus homens que, penalizado pela ação humilhante à qual seu amigo se sujeitara, resolveu intervir. - Ele está arrependido pela bobagem dita.

Loan esboçara um ar de desdém, mas, vendo que a razão ponderava naquele outro soldado, largara o tal homem.

O arqueiro aviltado encolerizou-se, mas, antes que pudesse dizer algo pela humilhação passada, Horsham fechara o punho e desferira um golpe em seu queixo, pondo-o a nocaute e emudecendo todos os demais.

Enquanto estiver no comando não permitirei que nenhum de vós rebaixe ou zombe da desgraça alheia! - E disse mais: - Este homem perdeu tudo o que era importante em sua vida, portanto deixai-o em paz para que possa se enlutar!

Declarando sua ordem, dirigiu-se à montaria, enquanto alguns prestavam auxílio ao colega caído.

4

Mictã permanecia sentado na cadeira, surpreso pela história de ódio e violência que lhe era narrada. Relances de passagens perturbadoras embaraçavam a vida daquele inglês.

E Loan continuou:

Ao menos foi concedida àquele pobre infeliz a oportunidade de abraçar uma última vez sua esposa, mesmo que naquelas circunstâncias. Ele pôde beijar seus lábios mortos. E eu? Se eu soubesse... Se tivesse sido avisado antes, teria impedido a morte de minha família... Não presenciaria aquela cena... Nem sequer pude ver suas faces... - E as lágrimas rolaram vagarosas por seu rosto. - Não tive o privilégio de acariciar seus cabelos, isso me foi negado... Suas cabeças foram arrancadas. Seus corpos acéfalos estavam completamente nus, com suas carnes demarcadas com ferro em brasa... Foram extirpados como animais no abate.

Loan chorou ainda mais:

Não pude dizer: "Mãe, eu te amo muito... Irmãos queridos, vamos caçar um belo cervo no bosque para nosso jantar? Pai, imploro-te o teu abraço... Perdoa as asneiras degradantes que o desonraram... Perdoa minha falta. Somos pessoas ligadas num forte laço familiar, o teu amado sangue corre nas minhas veias... Pai... Por quê?".

O velhinho emocionava-se com cada expressão de martírio.

Horsham se flagelava, culpando-se pelo dissabor de não ter estado lá naquele momento crucial. De alguma maneira, o mal atingiu com sucesso um ponto fraco: sua consciência.

O cavaleiro levantou-se da mesa, angustiado, tentando enxugar a face em lágrimas com as costas das mãos. Relutou naquele instante, querendo entregar-se ao desabafo, mas engoliu em seco, vencendo a constrangedora sensação.

Mictã testemunhou a tristeza de Loan, transparecida no rosto distorcido pela dor. Não importava quanto tempo passasse, ele jamais se recuperaria da visão daqueles corpos. Um pesadelo para sua mente, pois constantemente materializavam-se diante de seus olhos, acusando e condenando seu ato de abandono. Perdera a fé, sentia-se desolado, inteiramente só. Então, não podendo conter-se diante de todo aquele lamento, Mictã pronunciou-se:

Por mais que lutes, não permitirei que tu, ser diabólico, se apodere da alma deste jovem inocente. Loan, peço-te que chegues até mim!

A forte voz de autoridade manifestada pelo ancião expulsou aquela sombra de forças contrárias que estava aprisionando Loan num causticante sentimento de culpa.

Ele pasmou-se. Sentiu algo limpando seu interior, amenizando suas feridas, trazendo alívio ao seu coração. Os olhos do cavaleiro vasculharam a figura do eremita, e ele não entendia, por mais que tentasse discernir, que força virtuosa era aquela que advinha de um simples homem.

Vem até aqui - chamou novamente.

Mesmo sem entender, Loan atendeu prontamente.

Aprumando sua mão trêmula no ombro do cavaleiro, Mictã deixou transparecer a comoção ante o sofrimento, rogando-lhe que o ouvisse atentamente.

Loan, o que direi a ti neste momento não serão apenas palavras, mas o fogo da verdade que aquecerá e protegerá sua alma de todo o mal. Portanto, escuta bem e crê, pois há de chegar a hora em que elas salvarão não somente tua vida, mas também as gerações vindouras.

Então falou como um sábio a seu discípulo:

Confia no Altíssimo com todo o teu coração sincero e não te acomodes apenas na própria inteligência, pois a ciência humana sem o amparo de Deus é como o louco insensato. Farás a ti mesmo muitas perguntas, mas sozinho jamais encontrarás as respostas necessárias. Lembra-te de que o Senhor te guiará por caminhos retos e nunca irá desamparar-te. Não fiques tu pensando que és sábio. A verdadeira inteligência vem do espelhar-se no Pai; não faças nada que venha pôr tua alma em risco. Não te culpes pela extinção dos teus entes, nem tampouco manches tuas vestes com o sangue dos assassinos. Isso não amenizará teu sofrimento e tampouco apagará da tua memória tua ira; não se paga uma vida tirando outra. A vingança pertence somente a Deus. Por isso, entregue a Ele teus clamores. Sê verdadeiro perante Ele, e a justiça divina irá ao teu encontro no momento certo.

Jesus Cristo, o filho unigênito do Altíssimo, por amor e obediência ao Pai, deixou Sua glória e o trono celestial para vir sujeitar-se a um incomparável vitupério e aceitou um fardo pesado de injúrias. Por seus atos de amor inigualável, recebeu uma coroa cruel de espinhos e o desprezo de muitos. Andou na presença do açoite, carregando consigo o peso de um mundo condenado, o qual veio salvar. Os cravos atravessaram seus pulsos e pés. Na angústia da sede, profanaram sua boca virtuosa com o fel do vinagre. Isso tudo aceitou, sem protesto algum, sofrendo grandes atrocidades pelos pecadores, em paga de Suas obras, Seu Amor pela Sua Criação.

Durante séculos, a Terra tem sido assolada pela sombra do pecado, tem gemido aflita por causa da desobediência do ser humano. É certo que até mesmo os anjos sentiram a tristeza do Onipotente, ao terem seus carinhos pedidos ignorados pela transgressão pecaminosa de Adão e Eva. Se forem grandes teus pecados, Deus não está interessado em acusar-te nem condenar-te, mas sim, está interessado em teu pecado veraz de misericórdia, para que possas ser remido. Ele tem mais anseio em perdoar do que os homens em se arrepender de seus próprios erros. Maior é Seu amor entre os homens.

Jesus provou o grandioso afago pela humanidade no calvário expondo para o mundo o enorme sacrifício exigido para resgatar os pecadores da maldição. Portanto, vê, escuta e reflete sobre esta boa-nova que te chega. Não com a razão vã ou com os sentimentos da carne, e sim com a essência de teu espírito. Abraçarás com fome de sabedoria estas palavras. Não dês atenção furtiva ao teu ódio. Cada julgamento teu contra alguém ou contra ti mesmo, cada desdém às coisas do céu, cada pecado, seja em qualquer proporção, estando ele relacionado contra a graça de Cristo, cai e recai sobre ti mesmo. E, por conseqüência, enfraquece teu entendimento, rumando-o ao endurecer do teu próprio coração e ao fortalecer do depravado desejo pelas ilusões carnis deste mundo. Tudo isso faz com que venhas a te afastar do Espírito Santo da Verdade.

Entende: aquele que tem o ódio como arma e busca vingança como motivo é feito o imprudente néscio que come à mesa do inimigo, não tendo sequer o discernimento de rejeitar a boa comida que lhe é servida. "Come à vontade e te farta de bebida", diz o perverso. Mas está mentindo, pois sua alma negra arde em fúria contra o adversário. A comida dele o fará ficar enjoado, sua visão se turvará, seus pulmões desesperadamente implorarão por um pouco de ar. Ele vomitará o que comeu, mas o veneno já terá percorrido seu corpo, impregnando seu sangue. Só lhe restará tombar ao solo frio, feito uma árvore que cai ao golpe mortífero do machado. Seus elogios se dispersarão como fumaça, enquanto o inimigo zomba dele, saboreando o prazer da vitória, no instante em que urina sobre sua sepultura.

E continuou:

Portanto, o amor ao próximo é a plenitude da Lei. E quem ama verdadeiramente não pratica o mal ao seu semelhante. Em verdade, Loan, isto é um clarão iluminado que corta as cadeias da escuridão e é um bálsamo para a alma ferida, concluída e dita pelo Espírito Santo. Não adianta tu quereses começar a caminhar por caminhos diferentes. A iniciação do caminho evangélico da estrada de Jesus começa no "amor ao próximo". Vê, por exemplo, que oração fechada, pesarosa, árida e repleta de negritude de sentidos e que não obtém importância alguma é aquela em que tens o coração lacrado para qualquer tipo de compaixão pelos outros. Falo isso dessa alma que guarda ressentimento, rancor, um coração que nunca perdoa, que é cheio de vingança, indelicado no seu modo de agir, que permite que palavras torpes escapem de sua boca para afligir os sentimentos de seu irmão; enfim, um coração cujas lápides são um cemitério fúnebre de sinistras imoralidades.

Naquele instante, Loan olhou firme para Mictã, pois sabia que ele estava mencionando sua desdita vida. Agora, pergunto-te: que encontro com Deus pode ter uma alma que maquina a vingança contra os outros? O Senhor é o Imperador do Amor. Ora, como poderia uma alma que odeia se relacionar bem com o Pai? Nenhuma frase se atreveu a sair da boca do cruzado.

Essa pessoa vive num deserto de tormento, perdida na sequidez de suas próprias transgressões, e seu espírito não sente o refrigério de paz para alçar ao Senhor sua súplica. Mas assim que se sentir encurralado irá desesperadamente buscar Seu auxílio, e o espírito da contradição se achegará a ele dizendo: "Após ter-lhe virado as costas por tanto tempo, achas mesmo ser merecedor de implorar-lhe socorro?". Essa é a mais nítida e intragável verdade que perdura no mundo. Somente quando seu ser estiver sentindo a virtude do Espírito Santo e o amor do Altíssimo entre os homens é que estarás desperto e feliz para praticar Sua divina vontade. Eis o aspecto da questão: o amor é a única estrada do Cristianismo. Quem não ama e não perdoa não pode ser considerado um cristão; isso é a Luz do Evangelho.

Se alguém afirmar que ama a Deus e, contudo, maltratar seu irmão, é um grande mentiroso, pois, se não amas teu irmão, a quem vês, muito mais serás incapaz de amar Aquele a quem não vês. E, na verdade, digo-te que todo aquele que honrosamente ama o Pai também sente apreço pelo próximo. Tu me compreendeste, Loan?

Acho que sim... - respondeu Horsham, que apenas o observava, escutando atentamente, sorvendo a verbosidade de luz daquelas narrações.

Quem ama é porque está cheio da Presença de Luz; é uma benção para aqueles que convivem com ele. A pessoa está sempre alegre, cantarolante, vive em pleno humor, não tem sua vida interrogada por complexos de culpa; em sua consciência habita a pura paz. O semblante fica formoso, seus olhos estão sempre brilhantes e constantemente agraciados de serenidade e felicidade. Quem ama tem seus músculos e nervos sempre relaxados. Seus órgãos internos funcionam perfeitamente bem, as artérias se dilatam, fazendo as correntes sangüíneas circularem cheias de vida. E é esta a circulação viva do amor. Um sangue bom e puro, sem quaisquer tipos de toxinas. Ele circula num ritmo calmo e sereno. Aquele que cultiva o amor com que Jesus nos presenteou gera em si uma saudável fonte de saúde, pois estará cuidando de si próprio.

Quando Cristo nos disse: "Amai e perdoai", ensinou-nos que precisamos ser felizes e saudáveis. Darei a ti um exemplo: a origem fundamental de nossos sentimentos e nossas emoções não está no coração.

Eles nascem no entendimento, que é formado pela mente, mas ainda assim refletem nas funções do coração, que se emociona com aquilo que a consciência admira. Nesse ponto, o sentimento se instala, fazendo que a pessoa goste daquilo com que se encantou, sendo ela boa ou má. Daí é que vem a urgência desse importante valor. Bom é se nos apegarmos às primícias agradáveis, santas e benéficas aos olhos do Criador. E, acima de tudo, examinarmos toda a luz da razão e da fé e cogitarmos sobre o que vem depois. Agora, quem vive abrigando a maldade dentro de si, o ódio e o desejo de vingança, esse irá sofrer as duras consequências do próprio orgulho. Automaticamente estará desencadeando um furacão sistemático de enfermidades em seu corpo físico e, ao mesmo tempo, afetando seriamente também sua saúde espiritual.

Mictã relatou-lhe parábolas, expressando sabedoria e dando conforto aos ouvidos de seu espectador. Instruções compenetrantes, que lentamente o invadiam a fundo, negligenciando até mesmo o tempo para seu descanso, que passava despercebido. Assim, o ancião continuou:

—Jesus é sábio nos seus ensinamentos, nos mostrando claramente os dons do amor e as virtudes do perdão. Implicitamente Ele disse: "Quero que tenhas saúde e que aparentes um semblante sempre jovem e de alma luminosa na minha presença".

- Sabes o que te digo, Loan? Assim como existe uma relação direta entre o mal e a enfermidade, também existe uma relação mais ampla entre o bem e uma vida saudável. E posso afirmar-te. O amor não é só um preventivo para uma vida próspera e feliz, e não me resta a menor dúvida de que esta força divina é o melhor remédio na cura de todas as nossas doenças. Quando começamos a militar na imensa felicidade de amar como Cristo nos amou e ama, toda a nossa natureza nos corresponde bem. Parece que rejuvenescemos, mas de modo especial. Nosso coração se abrilhanta diante dos olhos do Onipotente. - E o bondoso velhinho riu alegremente.

-Tudo isso é belo e maravilhoso, nobre amigo. Mas, como podes ver, estou totalmente mergulhado na ira e completamente fraco para suportar tamanha opressão - disse Loan, tentando apagar do eremita o brilho de seus ensinamentos.

Todavia, a resposta veio de imediato:

"Fraco" é aquele que em si mesmo projeta a fraqueza. Portanto, não temas teus adversários, principalmente aqueles que os olhos humanos não podem ver. O verdadeiro poder não provém de um braço volumoso que atira distante sua lança, tampouco das pernas firmes que correm apressadas por uma estrada longínqua, buscando de todo jeito uma maneira rápida de chegar ao final, pois o esforço excessivo acarretar-lhe-á o fim de suas forças e o fracasso como recompensa. Porém, aos que caminham pela estrada reta e estreita com passos inocentes como os de uma criança cheia de luz, e confiantes no seu espírito, proclamando que a vitória já está lá, ainda que agora não a vejam, saberão que tudo é possível acontecer na vida dos que creem. Então finalmente chegarão ao porto da vitória perfeita e da satisfação solene nos braços de Jesus; mas aos que querem fazer-se um vencedor mediante arrogância, descrendo dos ensinamentos e do amor que o eterno Rei oferece, mais rápido e certo cairão ao chão.

Milhares já têm errado e milhões ainda errarão com o passar dos séculos. Eles dão as costas a Deus e adiam sua oração de louvor e agradecimento, dizendo: "Amanhã orarei, pois Deus me guarda no hoje". E outros dirão: "O Senhor Jesus perdoou meu pecado hoje; todavia, cometerei outro erro ainda maior, para que Ele torne a me perdoar amanhã". Nesse ponto predomina a incerteza dos leigos e a ignorância dos loucos. Um terrível perigo, ao qual não é dado o devido valor, traz a presença de um inesperado visitante, que não é compreendido, mas que conhece a alma e a fraqueza humana muitíssimo bem. O leão, que é o "diabo", um enganador e destruidor de galardões, rugem em fúria, rodeando nossa tenda, procurando uma pequena fresta para nos abocanhar. E adiando para o dia seguinte o convite do Espírito Santo que nos transformaremos em suicidas espirituais. Bem-aventurados o varão e a varoa que não

andam segundo os preceitos do mal e nem se espelham nos conselhos dos ímpios. Porque estes andam conforme a devassidão da carne, não respeitam a si mesmos nem aos outros, pois não possuem a virtude de Cristo em seus corações. Porém indago a ti: se estas pessoas não têm a certeza da própria salvação, que proveito terá o conselho delas para garantir a tua? O prudente está revestido da armadura do céu, pois quando sobrevier a ele a tentação, o diabo verá a luz divina resplandecer sobre essa pessoa e fugirá como um animal em desespero, pois ela medita na lei divina, tanto no dia como na noite. Também não te detenhas nos caminhos dos pecadores, em que muitos dizem: "Tenho muitos anos de vida e gozo de uma saúde completa, então para que me preocupar agora? Ainda é cedo para me impressionar com as coisas espirituais". Mas ele não sabe que o amanhã não lhe pertence e, quando vier o tombar na sepultura retido em seu próprio pecado, qual será o abraço que receberá quando o Senhor Jesus voltar?

Portanto, o homem que não se preocupa com as ilusões deste mundo e faz de tudo para agradar ao Salvador é considerado uma árvore plantada junto ao ribeiro. Sabes que uma planta introduzida próxima a um riacho não murcha e nem as folhas caem, pois continuam sempre verdes e viçosas; ela dá seus frutos na estação própria, e tudo quanto fizer prosperará. Sabes por quê?

Não sei dizer... - respondeu Loan.

Porque suas profundas raízes alcançam a umidade proveniente das águas, mesmo com a chegada do árduo calor. É o que ocorre na vida do homem que teme a Deus: mesmo vindo o duro calor, que é sua prova, suas raízes ser-lhe-ão sua fé, pois estão ligadas às águas, que no caso são Jesus Cristo. E, por pior que seja sua situação, ele jamais perecerá.

Loan olhou-o como se enxergasse longe, enquanto ele dizia:

E muito menos tomes parte da roda dos escarnecedores, pois essas pessoas falam mal e riem com esgar de um e de outro. Para eles nada está bom, tudo lhes falta e nada lhes presta. Afasta-te deles, pois será bom para ti. Se acaso errares, peça ao Senhor que não afaste de ti a Sua presença, dizendo: "Ó, Pai Eterno, bem sabes que sou a argila da tua mão; portanto, faz de mim um vaso novo para a tua honra e louvor". Não sejas como esses que zombam do pobre, principalmente do pobre de espírito e de conhecimento, pois também estará zombando Daquele que o criou. E ai de ti se a mão do Altíssimo alcançá-lo em sua ira.

E os ímpios que se moldam na essência maligna de sua maldade tornam-se como a moinha que, à chegada do vento, se espalha. É que o trigo, quando tem os grãos retirados das espigas, deixam pequenos fragmentos, formando uma espécie de pó, que fica pela eira, onde se debulham os cereais. Eles, então, são soprados pelo vento e desaparecem por completo. Mesmo que tentes encontrar algum vestígio, não conseguirás. Assim também acontecerá aos ímpios que, mediante a ignorância e a falta de fé, certamente serão esmagados pela enfermidade de suas almas. Suas riquezas materiais murcharão feito a erva, e sua glória ali terminará quando vier a eles a Segunda Morte, pois serão consumidos por completo pelo fogo eterno. Mas o Salvador Jesus Cristo, que é a excelência piedosa da caridade, que por amor de nossas almas derramou seu Santo sangue na cruz, virá revestido de glória e, com a nuvem de anjos, dará ordem ao exército celestial para que recolha cada alma que amou e guardou as Suas leis. E lhe dirá naquele dia de júbilo: "Vinde benditos de meu Pai, eis para vós o reino como herança que foi preparado desde a fundação do mundo". Loan, se tu guardares os mandamentos do Justo no teu coração e os puseres em prática, tua vida será próspera e feliz.

E acrescentou:

O que Deus te oferece vale mais do que o ouro puro e é melhor do que um diamante bruto. Consegues entender?

Em parte sim, mas uma dúvida persiste: onde estas palavras encaixam-se em minha vida, e o que elas têm a ver comigo? - perguntou, franzindo o cenho.

Tomando um pouco de fôlego, Mictã animadamente prosseguiu:

Irei te contar outra história. Havia um rico fazendeiro, e suas extensas terras estavam cobertas por um vasto milharal. Esse homem tinha dois filhos. Um dia chegou a um deles e disse: "Filho, vá granjear no milharal." E ele disse: "Não vou, pois não estou interessado neste serviço sem importância". Vendo seu pai saindo cabisbaixo, algum tempo depois refletiu um pouco melhor e foi. E chegou o pai, ao segundo filho, dizendo-lhe a mesma coisa, e ele respondeu: "Sim, meu pai, irei com todo agrado". Mas ele não foi. Agora, diz tu a mim: qual dos dois filhos atendeu ao pedido do pai?

Horsham o observou com espanto e lhe respondeu:

Ora, Mictã, que história mais sem importância! Mas é claro que foi o primeiro.

Congratulações, amigo Loan. Já que foste tão sábio em responder corretamente, poderias tu explicar-me o fundamento dessa "história tão sem importância"?

O semblante de Loan se modificou. Sentiu-se encurralado como aquele garoto da história, por não ter uma explicação plausível para a nova pergunta que lhe fora formulada. Encalistrado, piscou variadas vezes, na tentativa de desviar a atenção. Por outro lado, Mictã não perdeu tempo e esclareceu a razão daquela parábola:

É porque existem muitos que se consideram bons e sempre dizem sim a Deus. - E adicionou: - Mas infelizmente não fazem Sua vontade. Enganam-se e, mesmo convictos de seus erros, abarrotam-se de soberba, e seus corações enegrecidos não permitem que se convertam. E faltando os cuidados e a prudência necessários para zelarem por suas vestes espirituais, eles mesmos se excluem da glória de Deus.

Os olhos do eremita brilhavam com virtude, enquanto continuava a observar o jovem cavaleiro que se mantinha calado à sua frente.

Digamos que Deus permitisse que os pecadores adentrassem no Reino dos Céus. Assim dizendo, a melodia celeste seria, para eles, uma dissonância e encher-se-iam de tristeza, envergonhados dos pecados cometidos. Veriam que não eram dignos e até mesmo admitiriam que ali não seria um lugar apropriado para morarem. Mas eu te digo que ali é o centro das alegrias, da luz verdadeira, que é Deus. Satanás, porém, procura desviar a atenção da humanidade, a fim de impedir que faça um concerto com o Pai. Enche os corações de cólera, orgulho e muito rancor, contaminando-os espiritualmente, tornando-os doentes e debilitados, não tendo outra alternativa a não ser procurarem a verdadeira doutrina para suas vidas decaídas. Mas eles procuram distorcer as situações, levantando falso testemunho sobre a vida daqueles que buscam andar em retidão. Muitos dizem: "Sou tão caridoso quanto vós, que não sois mais dignos ou merecedores e nem mais retos em sua maneira de viver. Que fique no vosso saber, e no de todos os irmãos que se intitulam justos, que em seu julgamento precoce são laçados por sua vaidade, sujeitando-se a pecarem tanto quanto eu".

Em suma - disse Mictã -, usam as falhas dos que estão buscando um sério convívio com Cristo como desculpas para adiar seu dever cristão. Portanto, Loan, os defeitos e pecados próprios não devem fazer moradas em ninguém e muito menos em ti.

O bom velhinho cruzou as mãos e sentou-se na cadeira, já que sentia o peso do corpo maltratando suas pernas, enquanto falava:

Peço-te que não te ofendas. Sentar-me-ei um pouco, pois sinto-me cansado.

O eremita sugeriu que Loan fizesse o mesmo, enquanto este, sem notar seu ato, refletia, tentando juntar as peças do quebra-cabeça.

Embora um tanto maravilhado pelas palavras de vida ditas pela boca de um humilde homem, o cruzado encontrava-se perdido em seus significados e resolveu ir a fundo neste importante diálogo.

Por que tu me disseste todas essas coisas? - indagou. - Vejo que não se trata apenas de uma conversa, pois me lembro de já ter ouvido algo semelhante.

Os lábios de Mictã se entreabriram, e Loan, tal como uma alma famélica pela verdade, seguiu atrasado o conselho e se sentou também.

Resolveu, então, ouvir atentamente, pois é de sua lembrança que semelhantes palavras foram ditas por um anjo: para que se cingisse das armas e armaduras do céu, a fim de enfrentar um inimigo difícilimo, que existe um ser muito voraz e astuto, e que qualquer arma deste mundo jamais poderia matá-lo.

Crê, meu jovem, tu não estás aqui por acaso. Zélothy foi sábio em ter-te enviado.

Aquelas palavras soaram graves no coração de Horsham.

Mictã soltou o ar que prendia nos pulmões e o costumeiro sorriso desapareceu de seus lábios enrugados.

Conheceste Zélothy? - perguntou Loan.

Sim, eu o conheci. Mas infelizmente ele não deu o devido merecimento aos meus conselhos e deixou-se seduzir pelo lado obscuro de Sammael.

E quem é este? - perguntou Loan com curiosidade.

Nunca ouviste falar do anjo Sammael?

Não - respondeu surpreso.

"Tu eras querubim ungido para proteger, e te estabeleci: no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogeadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti.

"Na multiplicação do teu comércio se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim protetor, entre pedras afogeadas.

"Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompiste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti.

"Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários: eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que consumiu a ti, e te tornei cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem.

"Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti: em grande espanto te tornaste, e nunca mais serás para sempre."

O cavaleiro estava confuso diante daquele assunto. Teria sido mais fácil mudar o diálogo e se recolher para algum canto da cabana, para que pudesse dormir. Mas havia algo forte que mexia com seu simples entendimento. Podia sentir suas veias pulsando numa pressa incontável, o que o deixava completamente tenso.

Mictã prosseguiu:

- Nas escrituras sagradas deixadas por Deus na Terra e as inspiradas pelo Espírito Santo encontram-se trechos não comprovados da citação de seu verdadeiro nome. Porém, relatam verdadeiramente a origem de Sammael e de sua história. Lá se encontram palavras de luz, que elevarão a alma humana ao seu conforto e descanso, durante toda a sua geração. Ouve o que vou contar-te. Houve uma terrível e grandiosa guerra no céu. Miguel, auxiliado por anjos, arcanjos e serafins, pelejou em nome do Rei dos reis contra o dragão maligno. Por um espaço de tempo, lutaram contra o dragão e seus anjos, mas o lado maligno não obteve êxito. Vendo que não havia lugar no céu para os anjos rebelados, precipitou-se a grande fera, a antiga serpente, chamada de Diabo ou Satanás, com suas hostes sobre a Terra. Foram despojados de suas belezas e passaram a ser chamados demônios.

- Tendo sofrido uma derrota ultrajante, Satanás irou-se ainda mais, pois seus objetivos ambiciosos de tomar o céu e de destruir a Terra não haviam sido concretizados: fora expulso e rejeitado por Deus por toda a eternidade. De forma astuta e hedionda, habitou o corpo de um réptil, que induziu Adão e Eva a abdicarem de sua santidade, colocando a criação do Pai na lama do pecado. E, mesmo em sua temporária vitória em corromper o homem, Deus novamente castigou a vil serpente, pondo-a a rastejar para sempre sobre o pó da terra. E chegará o dia em que o Príncipe da paz pisará a cabeça do voraz devorador, e sua luz fulgurante anunciará uma vitória gloriosa sobre todo o mal.

Mas as hostes nocivas são perseverantes e ainda mais ardilosas. Em sua nova tentativa de destruir a humanidade, o tétrico líder dos demônios levou à decadência um grupo de anjos celestes, ludibriando-os

com a formosura das filhas dos homens. Eles deram as costas ao esplendor celestial do céu e desceram à Terra. Fizeram para si corpos humanos; em seguida, tomaram as mulheres que mais lhes agradavam e, unindo-se a elas, copularam. Quando os filhos dos anjos com as mulheres terrenas nasceram, veio ao mundo uma raça de gigantes chamados Nephelins, tão cruéis quanto enormes. Praticavam iniquidades sem igual, atos intolerantes, que provocaram a ira do Criador.

Um dia, o Senhor falou a um de seus obedientes servos, que atendia pelo nome de Noé, que construísse uma arca, grande o bastante para que abrigasse toda a sua família e um casal de cada animal vivente. Era chegado o tempo de aniquilar a geração maldita, com todos os viventes da terra, pois estava totalmente pervertida pelas trevas do pecado. Assim, o Criador fez abrirem-se as janelas do céu, enviando a chuva por toda a terra, suplantando as gargalhadas daqueles que menosprezaram as palavras verdadeiras do Senhor, ditas pela boca de Noé. E choveu por quarenta dias e quarenta noites. As águas subiram pelos montes e logo as montanhas mais altas foram inteiramente cobertas, cumprindo a divina promessa de que toda criatura viva que estivesse fora da arca pereceria. Homens-colosso, como eram chamados, foram exterminados da face do planeta, com suas geratrizes e com os outros povos de gerações transgressoras. Os anjos, pais dos Nephelins, vendo que o dilúvio sobrevinha sobre a terra, despiram-se de seus corpos terrenos e regressaram ao Paraíso. Mas o Juiz dos juizes os impediu de transpor os portões divinais, negando-lhes o direito de fazer parte da família divina, expulsando-os para o inferno, onde se tornaram asseclas do demônio.

O Pai, ao longo dos tempos, não mediu esforços para manter a terra limpa de toda a sujeira. Demonstrou sua imensa Misericórdia e Poder, arrasando e destruindo os planos do Diabo, que em tudo tem posto sua atrevida mão, no propósito de dominar a raça humana. E vendo Ele todas essas coisas, enviou seu único filho, Jesus Cristo. Andou Cristo por longas terras, levando sua palavra de amor, fé, perseverança e conforto a multidões e multidões. Intitulou doze de seus fiéis seguidores como apóstolos e derramou sobre eles o Espírito Santo. Ordenou-lhes que pregassem sua mensagem de amor a todas as Nações, e que todo aquele que se tornasse crente e fiel na sua promessa e que fosse batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo seria salvo da danação eterna.

Prometeu a todos que não os deixaria órfãos e que estaria com eles até a consumação dos tempos. Seu destino na Terra era morrer na dura cruz e tomar para si os pecados do mundo. Desceu à mansão dos mortos, o Hades. Pregou para as almas perdidas desde a geração de Adão até o momento em que expirou em vida no flageloso madeiro da cruz, pisou a cabeça da serpente mundana, tomou-lhe as chaves da morte e do inferno; em tudo foi vencedor. Ao terceiro dia suplantou a morte e ressuscitou. Hoje vive à direita de Deus Todo-Poderoso, intercedendo pelos seus.

Chegará a hora grandiosa em que as trombetas soarão uníssonas. E surgirá em nuvens de glória, Jesus, que, revestido de poder, separará as ovelhas dos bodes. Todos os mortos ressuscitarão, os bons e os maus, e os vivos serão transformados. Aos que choraram e sofreram por amor e pela palavra de Deus ficarão à direita, ovelhas apascentadas, resgatadas pelo Pastor. São eles os fiéis remidos do mundo, os escolhidos, que irão como estrelas resplandecer. E subirão aos céus, abraçarão Jesus, para gozarem em júbilo a eternidade. Lá verão a face de Deus realmente como ela é; lá, todos juntos farão parte do coro divino e entoarão louvores ao Salvador de suas almas, e Lhe serão gratos eternamente.

Mas, aos que viveram na concupiscência do mundo, fartando-se nos prazeres da prostituição, fazendo-se valer no poder do dinheiro, contribuindo para a desgraça e a ruína de muitos coitados, mesmo sendo maus, Deus usou de misericórdia e lhes enviou seus santos, para que propagassem a "semente da salvação", na tentativa de que se arrependessem.

Ainda assim, eles desprezaram os bons ensinamentos que lhes foram ofertados. Cuspiram e bateram nas faces dos servos do Redentor, depositando apenas o prazer de uma vida cheia de devaneios. Estes ficarão à esquerda, e serão chamados bodes, que, na impiedade, moldaram-se na figura de Satanás. Deles virão gritos e clamores de desespero, mas não serão ouvidos nem atendidos, pois a piedade jazerá

extinta. Deles partirão ofertas de tesouros terrenos por uma centelha de misericórdia, mas não a terão; desejarão que a morte venha para confortá-los, mas ela fugirá deles.

Haverá prantos e ranger de dentes, e todo tipo de tormento que a ciência humana jamais poderia imaginar. Receberá de graça todo este flagelo, como outrora de graça veio a eles a "Palavra de Vida Eterna", mas a rejeitaram. A eles será dado o sofrimento infinito do inferno. Terão os pés e as mãos amarrados, e depois serão lançados no lago incandescente de fogo e enxofre, que antes fora preparado para o diabo e seus anjos, e no qual queimarão e arderão por toda a eternidade.

Mictã observava atento a expressão séria de Loan, cuja face suave como uma fonte inesgotável. Ele refletia, sentindo que as parábolas do velho mexiam com sua consciência. O nervosismo envolvia seu coração. Reconhecia, naquele momento, que não estava preparado para encarar o futuro que fora reservado a todos os não fiéis.

Inclinando a cabeça, o cavaleiro cruzou os braços, enquanto o olhar de Mictã o percorreu, ao mesmo tempo em que continuou sua narração:

Quando Sammael foi banido do céu, ele jurou ao Arcanjo Miguel que nenhum homem contemplaria a face de Deus no Paraíso. E, aproveitando-se da fraqueza humana, contemplou a inveja de Caim, e o odor daquele ódio chegou de maneira agradável às suas narinas. Dessa forma, reconheceu a oferenda que o Onisciente havia rejeitado, diante da maldade que jazia no coração de Caim. Depois, estimulou-o para que matasse Abel, seu irmão, e a arma que foi usada para tirar-lhe a vida também foi recolhida pelo algoz.

Desceu então para as profundezas e, usando os objetos que pegara, fundiu-os com os elementos que ardiam no magma da Terra. Então criou o *Demoryan*, um livro blasfemo, feito do fogo e dos pecados de Caim.

Com o sangue maldito de suas veias, o demônio escreveu nas páginas flamejantes escrituras que somente ele e os filhos das árvores poderiam tocar. O sangue borbulhava junto ao seu ódio pela raça humana, por ela ter sido criada à imagem e semelhança do Pai, seu inimigo. Sem traçar nenhum risco de piedade, levaria adiante seu propósito: exterminar até o último dos mortais.

Espera um momento... Queres dizer que o inimigo que hei de enfrentar é o diabo? - Loan exaltou a voz.

Ainda não acabei de dizer-te tudo o que deves saber.

E rogou-lhe o velhinho que tivesse calma.

Loan nada respondeu, apenas sacudiu a cabeça numa negativa, não querendo acreditar numa história tão absurda.

Mesmo notando a falta de interesse que começava a desabrochar nas atitudes do cruzado, com toda a boa-fé, Mictã continuou a explicar, mas sempre encarando a face fechada daquele homem que aparentemente se demonstrava cético.

A profecia dizia: "O anjo caído, desprezado pela misericórdia divina, será banido do mundo celeste pelas mãos do Arcanjo Guerreiro, que o sepultará no lugar mais infundo das sepulturas". Acreditarão os anjos dos céus que haverá êxito sobre o terrível dragão, ocultando-se para sempre a face hedionda de Asmodeus. Mas o Espírito expressamente dizia que muitos apostatariam, dando ouvidos às entidades persuasivas e às doutrinas dos caídos. Pela hipocrisia de suas vaidades e propagando ao mundo suas mentiras, farão com que Sammael passe por uma fase transitória, banhando-o de energias arcanas, feito uma lagarta que se transmuta em mariposa. Ele persuadirá os pecadores para as trevas, apropriando-se de seus sentimentos contrários e revestindo-os de devassidão e cólera. E emergirá o anjo negro da Terra, do lugar que antes era sua sepultura. Então, por ter sentido o paladar do poder, o adquirirá para si, como um novo ninho. A Terra sofrerá ao sentir sua presença maligna; o esbaforir de suas narinas esparramar-se-á ao vento, com a peste da desesperança, produzindo um efeito narcotizante, tornando os homens mais aflitos, quebrando-lhes ainda mais a fé, tirando-lhes, cada vez mais, o prazer pela oração. Causará raiva e descrença pela demora da solução de seus problemas materiais, e eles chegarão até a blasfemar pelo

simples fato de não terem suas causas resolvidas num curto prazo de tempo. E o homem dirá: "Deus esqueceu-se de mim; Ele não escutou minhas orações, pois só vivo sobre tendas de provações e lutas". Sentar-se-á, então, sobre o trono do desespero humano e o príncipe da mentira esperará pacientemente pelos tempos, pelos clamores das almas dos impacientes que se achegarem a ele, até que um grito aflito de uma alma louca far-se-á ouvir e ver como luz brilhante diante dos olhos do enganador, grito de um tolo senil que suplicará à serpente que restitua a vida de seu unigênito. E o néscio se maravilhará com seu poder, pois verá a chaga mortal de seu filho sendo curada, aquela ferida que fora introduzida pelo próprio demônio. E ele o adorará e pagará à besta com o preço do sangue de sua família, que será perseguida por toda a eternidade.

Desta geração surgirá uma mulher que, encantada com a formosura do unigênito, unir-se-á a ele, numa só carne, pelo matrimônio. Ela terá os cabelos do sol e o vestido da ternura e conservará a noite e a Lua debaixo de seus pés. Sobre ela estará uma coroa com doze estrelas. Depois, grávida, terá fortes dores de parto, sofrendo intensos tormentos ao dar à luz. E nascerá um filho, um menino, um varão, escolhido com o único propósito de louvar ao Criador. Nele se manifestará a virtude, pois sua essência crerá no amor que se tornará seu companheiro, e não o medo. Ser-lhe-ão concedidos dons celestiais, tornando-se um vaso de valor. Aos que andarem a seu lado, o mal não temerão, pois bastará uma palavra dita por sua boca para que o mal se aparte deles.

Lúcifer, vendo todas essas coisas, invejará o rapaz, pois grande será a força de seu ser. Mas, para que o filho da mulher perca sua inocência e sua humanidade para o príncipe do terror, este usufruirá de sua ingenuidade, para que espontaneamente ele cumpra três fatores que corrompam seu espírito. Primeiro, o varão terá de lutar e sobreviver a um mar de sangue. E, dada sua vitória, despirá o manto da humildade, adquirindo o orgulho próprio, confiando somente em sua capacidade. Depois, diante de um grande martírio, terá de pelejar pela boca, blasfemando contra Aquele que o ama, rejeitando com o aço o presente que lhe fora enviado. E, finalmente, enfrentará e matará seu passado, descarregando sobre ele toda a ira do coração; só assim, sua matéria humana ficará vulnerável, totalmente à mercê da reencarnação da besta. Então, esta reinará sobre os dias e as noites, condenando todos os povos da Terra ao sofrimento eterno. Nesse dia, o anjo caído, ostentando a imagem do homem guerreiro, desencadeará no mundo as sementes do prazer e do suplício para todos os seres viventes de livre arbítrio. Fará multidões caírem no erro, e estes fornecerão seus tabernáculos de carne para o habitar de outros anjos caídos. E os que se recusarem a aceitar este dilema terão suas peles arrancadas e os corpos temperados com fogo e ferro; depois serão lançados à prisão por certo tempo. Após isso, se persistirem em negar-se a ir voluntariamente para a "Renovação", serão decapitados.

Loan ficou em silêncio por alguns segundos; depois se levantou, sorrindo constantemente, reprovando e fazendo pouco das palavras do eremita.

Reencarnação da besta? Mictã, acaso tu não pensaste em ser um poeta? Ganharias muito dinheiro ao declamar teus contos à corte do rei.

Tu realmente não sabes o que dizes! - desabafou o pobre velho. - Será melhor te protegeres em espírito, antes que te percas para sempre. Tu tens o bom-senso e reveste-te com as armas celestiais. Sê como aquele homem em Betesda, a quem a enfermidade afligiu durante 38 anos, mas que não perdeu a esperança de ficar são, até o dia em que Jesus achegou-se a ele e o libertou.

Tu que deverias ter bom-senso. Queres que acredite que o próprio demônio escreveu essa heresia? Que ele irá encarnar num guerreiro? Em toda a minha vida, jamais ouvi uma credence tão absurda. Uma mulher que gerará um filho, um menino que governará o mundo...

Esse menino é você, Loan Horsham! - disse o eremita, com o olhar entristecido.

O cavaleiro inclinou-se para trás e, estreitando os olhos, deixou escapar um suspiro audível.

O que estás me dizendo?!

A profecia é clara: uma mulher nobre, profundamente religiosa, se apaixonará e se casará com o filho da impiedade; dessa união, ela gerará o filho da renovação que, após cometer três males, contra si, contra Deus e contra alguém de sua própria linhagem, deixará que o diabo tenha livre acesso sobre seu corpo e destrua para sempre sua alma.

Loan se enfureceu.

Velho, estás demente ou tens o corpo possuído? Tu bem sabes que sou o último dos Horsham, portanto será difícil matar alguém de minha estirpe; e, mesmo que houvesse alguém, jamais levantaria a espada para combater um parente meu! Tu falas essas coisas tão somente para escarnir do meu sofrimento.

Vigia as palavras: a condenação vem do abrir e fechar da boca. Pensa por um momento: por que achas que Deus enviou um de seus anjos até ti e o selou com este símbolo na palma de tua mão, e levou Zélothy a buscar a redenção e informar-te sobre mim? E, além do mais, o mal finge ser um amigo e te promete inúmeras mentiras, dizendo que irá te garantir a plena felicidade. Ele bem sabe ludibriar, confundir a mente humana com suas astúcias, pois se veste da verdade só para realizar seus mórbidos desejos.

Tolice...

Ouve, Loan. A Majestade do Universo é grande em misericórdia, e a tua alma é de Seu agrado. Dessa maneira, presenteou-te com esse dom para que ponhas fim à besta-fera, e não para que sejas escravo dela. Além do mais, tu não és um homem comum; Sammael teme isso, ele escreveu sobre ti e sabia que irias nascer da semente de um pecado do teu antepassado.

Tu és louco, não me dizes nada que faça algum sentido! - protestou Loan, enfurecido, tomado de surpresa pela audaciosa revelação. E continuou:

Zélothy enganou-se a teu respeito. Deixei-me levar por tuas palavras, achei que verdadeiramente pudesses dar-me as respostas que procuro. Que grande tolo fui...

Mictã disse-lhe:

Chegará o dia em que tu enfrentarás teu destino. O diabo é astuto e não o deixará em paz. Com muita facilidade burla as mentes dos fracos. Mentirá eximamente, para que creias em sua falsidade e venhas a cair no abismo profundo.

Estás mesmo endemoninhado... - disse o cavaleiro.

Tu não tens escolha, é o teu destino! Nada podes fazer para mudar essa situação. Caberá somente a ti escolher com discernimento a porta correta pela qual deves entrar.

E eu te digo por qual porta hei de sair! - replicou Loan, que, assim dizendo, devolveu a cadeira junto à mesa e, pegando seus pertences, se dirigiu rumo à saída.

Humilde como sempre, o bom velhinho respirou fundo e, erguendo a cabeça de cabelos brancos como a neve, fitou com um olhar cansado aquele homem que lhe dava as costas. Desapontado, Mictã se expressou com palavras trêmulas nos lábios, carregadas de grande tristeza, fazendo então sua última petição:

Cavaleiro soberbo, dá ouvidos a Deus e apegate à orla Dele. Grande é a Sua benevolência; no entanto, porventura poderá o pó pedir-lhe auxílio? Lembra-te: tua espada nada pode fazer contra o maligno, se não for Cristo a guiá-lo...

Ao ouvir tais palavras, Loan parou por um segundo. Mantendo-se de costas, suspirou levemente, até que disse:

Estás correto quanto a isso, velho. Mas não me entregarei sem lutar.

Sem mais nada a enunciar, retirou-se, fechando a porta atrás de si.

Instintivamente, o eremita pegou seu cajado de maneira desajeitada. As mãos calosas seguraram firmes no bastão de madeira, na tentativa de caminhar mais rápido no encalço de Loan, mas em vão: ele abriu a porta e nada mais avistou, apenas o vazio e o breu de uma floresta silenciosa, que agora entristeciam seu coração. Sentiu-se magoado, chocado pelas palavras ditas por seu convidado. Concluiu que tudo estava perdido, porque seus conselhos tão bem elaborados não conseguiram quebrantar o orgulho e o ódio pela

sede de vingança daquele homem. Ambos se perderam em meio aos ensinamentos, parábolas iluminantes e demonstrações fraternas de amizade, chegando quase ao ponto de transpor a noite. Em sua tristeza, Mictã refletia que a vida daquele varão inglês estava beirando à destruição. Pôde ver a obstinação em seus olhos e pouco pôde fazer. Em seus pensamentos, via Loan tomado pela rebeldia, tendo em suas mãos dois caminhos a seguir: um deles seria o da disciplina, e o outro, a ruína absoluta.

5

A noite findou, despontando em seu lugar os primeiros raios da manhã. A passos vagarosos, Mictã seguia às margens de um riacho, levando consigo um balde de madeira em uma das mãos. Com a outra, era auxiliado pelo seu inseparável báculo.

Árdua foi sua trajetória e, em seus muitos passos, notou estar um tanto distante da segurança da choupana. O fardo da idade, unido à enfermidade que morava em sua perna, mostrou uma vida precária. Contudo, sua virtude espiritual rejuvenescia ainda mais a fé. Estava completamente conectado com a Palavra divina, entalhada em seu coração; tendo o verdadeiro comportamento de um sábio. Isso o fazia desprezar as aflições físicas e a solidão, transformando-as em cânticos suaves ao Ser Onipresente. Deixava de lado todo tipo de dificuldade, por mais dura que fosse, exceto o teimoso cavaleiro, cujos pensamentos o laçavam.

- Se dizer a verdade for uma infração de preceitos, então os ímpios se jubilarão no inferno. Revelei com exatidão seu futuro, e isso resultou em sua partida. Ele julgou tudo como prosa alienada de um velho solitário. A verdade é possível contornar, mas nunca esconder-se dela para sempre... Deus há de prover por todos...

Os espinhos deste mundo eram retratados por ele como páginas de um livro que são viradas após serem lidas. Mas o que fazer, senão prosseguir adiante, pela vagarosa caminhada da vida?

Mictã gostava de admirar os pequenos raios solares estreitando-se entre os galhos das árvores, sempre acompanhados da fria e suave brisa da manhã. Muitos dizem que a floresta possui um mistério, outros comentam que é amaldiçoada, dizeres esses que quebrantam a coragem de muitos que tentam desbravar a mata. Insistem em comentar que o lugar é assombrado por monstros medonhos, e os mais insanos juram ter visto tais criaturas devorando viajantes desavisados. Mas não para aquele homem, cujas lendas se tornaram infundáveis.

Essa mata espessa, de grande extensão, é para Mictã um santuário ecológico que não exige adoradores nem oferendas de sangue, mas clama por respeito, com o qual ele muito contribuiu para a preservação de toda a natureza.

Os animais são dóceis com ele. A cada um chama por um nome e até mesmo as feras mais selvagens alimentam-se na palma de sua mão.

As árvores são como crianças carentes de atenção. Mictã as entende e elas correspondem a esse entendimento, comunicando-se com ele, relatando suas histórias, ora alegres, ora tristes, sempre com medo, sobre alguém muito ruim que possa vir a extinguir suas existências.

Condolente com elas, o velhinho de boa alma expressou em alta voz:

- Não temais, minhas amiguinhas; se preciso for, digladiarei e não permitirei que nenhum ser vil venha a vos causar danos!

Após alguns passos mais, cessou sua caminhada à beira do riacho da floresta, sentando-se de modo desajeitado, pondo-se a observar calmamente as águas cristalinas, enquanto descansava.

De repente, o bosque inteiro silenciou feito uma criança que teme, ao abrir o armário, pouco antes de se preparar para dormir.

Mictã teve seu nariz visitado por um cheiro forte que lhe chegou junto ao silêncio; não era um odor terreno, mas sim de um espírito imundo, totalmente infectado pela maldade. Diante disso, não lhe restava

a menor dúvida sobre quem ou o que era responsável por aquele cheiro que ele conhecia muito bem: enxofre. Ele se esparramava como uma maldição no ar, estuprando sem piedade a inocência daquele âmbito florestal.

A morte se esgueirava, e mesmo a claridade crescente do sol não ajudou a expulsar o mal presente. Em vez disso, tornou-o ainda mais manifesto.

Apreensivo, Mictã deslizou a mão pelo peito, parando-a sobre o coração. Deixou escapar um leve suspiro, enquanto se punha atento para não ser surpreendido.

Uma névoa espessa e intensa circundou as árvores, envolvendo-as de cor vermelho-sangue.

Seu pressentimento aumentou, pois podia até ouvir o barulho do ranger de dentes de algo ou, quem sabe, de um predador impiedoso.

Poderia ser qualquer coisa. Mictã percorreu os olhos por todos os lados e nada avistou. Mas sabia que algo o espreitava, pois o cheiro era cada vez mais incontestável.

Acima dele, assentado sobre um dos grossos galhos de uma das árvores, tornaram-se presentes dois olhos escarlates brilhando intensamente e uma boca pavorosa escancarada, que salivava uma substância viscosa e negra, como se estivesse na expectativa do desenrolar dos acontecimentos. Já não mais se ouvia o mórbido ruído, apenas o som apavorante e profundo de sua própria respiração.

Mictã franziu a testa, pondo-se em estado de alerta, até que um fato inesperado atiçou seus sentidos: a vários metros à sua frente, observou um vulto vermelhusco ricocheteando pelos troncos das árvores.

Como um raio, a criatura aparentemente alada investiu ferozmente sobre o velhinho, atacando-o por trás, não lhe dando tempo para desviar-se. Seu dorso, a parte posterior do tronco, foi envolto por braços inumanos.

De abrupto, olhou para trás, e a aflição o emudeceu quando seus olhos, violados pelo terror, contemplaram a figura de uma fera que expõe visagens.

O ser espectral, impiedosamente, agitou o corpo de sua presa de forma brutal, na nítida intenção de lhe partir a espinha. Sua força era incomum, e seus braços horrendos pressionaram-no como uma tenaz. Mesmo assim, com seus frágeis braços, Mictã resistiu bravamente como pôde, tentando impedir que as mandíbulas do monstro tocassem a pele fina e enrugada de seu pescoço.

O animal demoníaco pareceu perceber as intenções do velho e, de imediato, alçou voo, levando-o consigo.

Já a uma boa distância do solo, a criatura tentou imobilizá-lo em pleno ar, mas Mictã lutou para desvencilhar-se de seu fortíssimo abraço. Gritou constantemente, com sensações agonizantes que lhe percorriam todo o corpo. E, ao sentir o estalar de costelas sendo partidas, bradou palavras incompreensíveis, mas que expressaram fundo a força daquele aperto mortal. Sua respiração se esvaiu lentamente, tornando-se uma série de arquejos ofegantes.

Aproveitando-se da fraqueza do infeliz, o satânico ser de órgãos oculares injetados de sangue usou sua bocarra para desferir o mortífero bote.

Uma vez mais, a habilidade do eremita não decepcionou: ele esquivou-se da melhor maneira possível, para não ser destruído pelas medonhas mandíbulas de seu oponente.

Mesmo assim, Mictã continuou se retorcendo nos vorazes braços do demônio, tendo as narinas violentadas pelo cheiro repelente exalado pelo disforme corpo da abominação.

Por um instante, ele percebeu que o monstro poderia subjugá-lo a qualquer momento. Então o caçador, já convicto de sua vitória, escarneceu da exausta vítima, soltando uma risada zombeteira.

Tu me decepcionaste, velho! Achei que foste um troféu digno de ser capturado, e agora tua alma deverá servir como um apetitoso repasto aos meus famintos irmãos!

Ao ouvir aquelas palavras desaforadas, um arrepio de ira subiu por sua espinha até a cabeça, deixando-o num estado que nunca havia ficado antes.

Ora, seu súcubo bestial, nunca te disseram que a condenação vem do abrir e fechar da boca?

E, num gesto inesperado, segurou com ambas as mãos a face da fera, deixando-a surpresa, mediante a inesperada ação. O agressor nem sequer pôde expressar qualquer reação, apenas presenciou o desfecho de seu ataque. E Mictã, na brava luta pela sobrevivência, invocou as forças restantes que ainda habitavam seu corpo pequeno e introduziu violentamente os dedos polegares nas órbitas da coisa. Um grito pavoroso e agonizante ecoou pela floresta, assustando inúmeros animais. Nesse mesmo tempo, a caça foi atirada ao chão, igual a uma pedra, sofrendo um violento impacto. Parecia ser um milagre, pois, mesmo estando tomado pela constante dor de seu corpo ferido, o pobre homem suportou bravamente a dura queda.

A fera, pungida pela cegueira, refugiou-se por enquanto entre as brumas das árvores. O mal ultrapassava seus limites, queria a qualquer custo a cabeça daquele que tentou converter o coração frio do guerreiro templário aos caminhos de Cristo. Sua eliminação era um objetivo mais que almejado.

Pouco a pouco, o eremita foi se recuperando da perturbação dos sentidos que sofrerá por efeito da queda, enquanto lentamente se levantava com cuidado. Com a mão esquerda, friccionou o flanco direito, na intenção de sentir a profundidade do ferimento, que doía muito. Seguiu então, cambaleante, até alcançar a sombra de uma árvore próxima.

Estranhamente, como num passe de mágica, a névoa sinistra desapareceu por completo, devolvendo o cenário vivo e místico da flora.

Mesmo naquele estado, Mictã notou que o silêncio era absoluto à sua volta, ouvindo-se apenas seus fortes gemidos. Ofegante e recostado a uma das árvores, observou que as demais estavam com seus troncos retorcidos e cheios de nós. A tonalidade ficou mais nefanda que o normal, tornando-se apática em contraste com a claridade do dia.

Ele permaneceu atento, levando seu olhar de um lado ao outro, pois sabia que seu predador ainda estava lá, oculto em meio ao verde, aguardando, esperando o momento certo para um novo ataque.

Mictã se consumia pela ansiedade, e os momentos pareciam infundáveis. Na mente, a certeza de que não suportaria um novo confronto. Sabia também que, como ele, o monstro estava se recobrando dos ferimentos.

Mostrou grande agilidade em sua defesa, embora admitisse a falta de um pouco mais de habilidade para essas situações inesperadas. Na verdade, não tinha muito no que pensar, queria mesmo era descobrir o que era aquilo que o atacou, embora tivesse quase certeza.

De repente, um grito grotesco de mulher atravessou a mata silenciosa num sibilar agudo, que fez arder os ouvidos daquele homem que, agindo por puro reflexo, tentou indistintamente compreender a origem do assustador som. Ao mesmo tempo, sua face empalideceu e todo o seu corpo foi tomado pelo medo, no segundo em que contemplou o ser hediondo sendo vomitado pela terra. Emerso por inteiro à superfície, pôs-se à sua frente a personificação do mal, a ferramenta do maligno. A uns cinco metros dele, uma figura profana o farejava, pois já sabia que o homem estava próximo.

De sua boca aberta, sanguessugas escorriam como saliva, deixando à vista suas presas afiadas, semelhantes a dentes de tubarão.

Por vários segundos, Mictã limitou-se a olhar para a abominação, que permanecia imóvel, talvez preparando um bote certo e mortal.

Os dois pareciam estar se estudando, mas o ermitão, na desvantagem por conta dos ferimentos, foi tomado pela apreensão, que tolheu seus movimentos; sem muito o que fazer, apenas esperou.

E um rugido de estraçalhar a coragem de muitos bravos aflorou da boca imunda, dando ao eremita apenas alguns segundos para refletir.

Pai, dá-me forças... - clamou.

Mas o imenso demônio, ao ouvir o clamor, ficou totalmente convencido de que era a hora certa para o ataque. Então, espumando em uma cólera insana por ter sido ferido, precipitou-se, por instinto, contra o indefeso homem. Este, por sua vez, na mesma fração de tempo e surpreso com a ação selvagem, agarrou o

báculo com toda a força, como se fosse sua última esperança. E, naquela situação desesperadora, instintivamente ergueu o cajado, deixando-o numa posição de ataque. Havia intuído o momento certo, usando astúcia somada à investida voraz e impensada do inimigo, para apanhá-lo de inesperado, desguarnecido de qualquer reação: seu tórax inumano fora empalado.

A agonia agora era mais intensa, e os urros de sofrimento ainda mais tenebrosos, porquanto o bater de suas asas vorazes mostravam isso.

Mictã fingira estar vulnerável, e, mesmo em seu estado delicado, creu na força e na presença de um Deus vivo, que habita intensamente no seu coração. Subjugou o assecla do mal em seu ataque, porém não se vangloriou, mesmo com a criatura afligida pelas perturbadoras sensações.

A fera arcana, possuída por uma fúria descomunal e sequiosa por sangue, tentou a todo custo sepultar suas garras no corpo do vencedor.

Com a velocidade de um gato, o velho esquivou-se do oponente, rolando a uma distância considerável, impedindo que sua cabeça viesse a ser arrancada do pescoço.

Frustrado em sua intenção, o monstro balançou a cabeça denotando intolerância. E assim se pronunciou: Tu não ages como um simples mortal; sabes com precisão como e onde atingir o inimigo. Afinal, quem és tu?

Alguém que ama a verdade - retrucou de forma brilhante.

A resposta foi imprevisível:

- Tens uma língua rápida... - riu a criatura. - Contudo, isso não significa nada! Tua verdade não pode me destruir; eu sou eterno!

E Mictã o contradisse:

- Todavia, posso enviar-te de volta ao érebo, criatura errante.

As palavras daquele ancião da mata fizeram que o sangue da criatura, vertendo pelos três ferimentos mortais, se inflamasse em chamas. Astutamente, fez do fogo diabólico que ardia em suas feridas o levante resolutivo, renovando-lhe as forças para um novo ataque. O animal satânico se sentiu atizado e atraído; fora provocado pela veracidade daquelas declarações.

Aos grunhidos, caminhou, mesmo cego, na direção do anacoreta e, certo de si, saltou inesperadamente sobre ele, quando estava a uma distância de quatro metros, ao mesmo tempo em que soltou um berro aterrador, e suas unhas afiadas surgiram das mãos e dos pés.

Contemplando de olhos arregalados aquele vagalhão que parecia ter surgido do inferno, o velho combatente novamente se desviou no momento do assalto. E, erguendo rapidamente sua mão direita, agarrou a extremidade usada como apoio no cajado, cuja maior parte estava sepultada no peito da besta. Valendo-se do impulso, Mictã desembainhou, da matéria disforme e umedecida, uma lâmina longa e reta que se inflamou de uma chama dourada, acabando com os grunhidos da criatura, que não moveu um músculo sequer, silenciando-se abruptamente, reprimido pelo terror de escutar o desembainhar de uma espada. E os rugidos de vitória, expressos perante as vítimas, foram substituídos por arquejos atemorizados.

À medida que o sol subia no céu, mais Astaroth sentia o sabor amargo de uma derrota inesperada. E, temendo o que poderia lhe acontecer, tentou fugir, mas em vão. Mictã, por sua vez, levantou o magnífico artefato de metal, fazendo que os raios solares unidos com o brilho reluzente refletissem intensamente sobre a ímpia anomalia, que, aos gritos grotescos, teve suas forças exauridas. Para sua maior calamidade, não tinha como fugir daquele ataque: o brilho solar o prendera. Outrora, a luz do dia não lhe surtiria nenhum efeito, mas agora, gerando um reflexo da miraculosa arma, a batalha tomou um rumo diferente. De algum modo, o artefato prateado, cortante e perfurante, composto de uma lâmina comprida, continha algum tipo de poder, multiplicando por cem vezes o poder dos raios do astro-rei, incinerando com efeito fatal toda a sua horrífica matéria.

Cambaleante, o demônio gritou, com inúmeros vozeirões mesclados a sons de animais e humanos, como se todo o poder da divindade celeste estivesse ali ao seu redor. Envolto por chamas azuis e não podendo mais se sustentar de pé, ajoelhou-se, pronto para tombar ao chão.

Vendo Mictã o acontecimento que se seguia, cortou o ar com sua espada, rapidamente, desferindo o golpe final, sendo o bastante para decepar a cabeça da pavorosa criatura, que se desintegrou, antes mesmo de cair totalmente no chão, dando fim ao reinado de terror.

Ultimando a dantesca luta, o eremita cravou a lâmina na terra e o fogo dela instantaneamente se apagou, tornando-a uma arma normal. E, tomado pela emoção de sua árdua vitória, o corajoso gladiador caiu de joelhos, rendendo agradecimentos a Deus.

Ao terminar a oração, abriu vagarosamente os olhos, e, em seus lábios trêmulos devido ao grande esforço, surgiu um sorriso leve e sutil, que expressava todos os sentidos que afloravam.

Como é bom estar vivo... Sentir a brisa fria invadindo as narinas, saborear a vida que percorre toda a sua matéria física; partilhar consigo uma alegria serena e profunda de ter sido vencedor. Se todos os homens "lutassem" com fé, certamente o mal não acharia lugar neste mundo.

Ele se levantou em silêncio, notando que, à sua frente, a bainha na forma de báculo estava junto às cinzas de seu agressor. Então, na distração repentina, dirigiu-se até o objeto para apanhá-lo, quando, de repente, outra figura oculta surgiu e, como um relâmpago voraz, atingiu violentamente a cabeça de Mictã, lançando-o contra as árvores. Dolorido, atônito e ao mesmo tempo atordoado pelo brutal impacto, tentou de forma desesperada limpar o líquido vermelho que vertia da cabeça ferida. O sangue escorria intenso em seus olhos e, misturado ao suor, queimava-os, ofuscando sua visão.

- Quem és tu? Por que me atacas? - resmungou com indagação.

Respondendo à sua pergunta, uma voz feminina e sedutora chegou aos seus ouvidos machucados:

Tiveste grande habilidade para derrotar meu assecla; todavia, te abates ao toque frágil de uma mulher?

Vagarosamente, e com um pouco de dificuldade, Mictã conseguiu enxergar sua agressora, que, com um belo sorriso no rosto, estava sentada sobre um tronco de árvore, completamente nua, como uma Eva a enfeitar o Paraíso.

Então és tu... - disse, tomado pelo espanto, no instante em que ambos se fitaram.

Ela sorriu para o homem caído, exibindo com grande vaidade seus cabelos lisos e enegrecidos, passeando os dedos por entre eles, sem muita pressa. Seus olhos refletiam a noite, expondo um brilho sinistro e tentador. Os lábios carnudos e sedutores ostentavam a cor do sangue.

O rosto enrugado daquele homem exibia uma tonalidade pálida. Suas mãos tremiam ainda mais ao contemplar a beleza satânica da ninfa das trevas.

Sabes que estou totalmente impressionada, pois derrotaste minha melhor guerreira. Tu mereces todos os aplausos, pois muitos sucumbiram ao simples ato de encarar sua linda face; todavia, a venceste de forma brilhante. Pede o que quiseres e eu, por dever, realizarei teu desejo.

Nada tens para me dar, enganadora de inocentes! Não tenho e jamais terei parte contigo!

Por favor, chama-me de Samantha. Não estou aqui para fazer-te mal, a menos que me negues tua total atenção.

Criatura repugnante! Como vês, uma de tuas ameaças inofensivas foi vencida aqui; portanto, enxerga que não desejo nada de ti!

Samantha olhou-o de cima a baixo e reparou com desdém os trajes velhos do eremita, os quais eram feitos de sacos, e rebateu de maneira profunda, no intuito de causar-lhe desapontamento.

Tolo insignificante, olha para ti: um mendigo sujo e sem educação, que tem como vestes os trapos imundos que os ratos usaram para aninhar suas crias após nascerem.

Orgulho-me da vida que levo, sou feliz, mesmo sendo humilde.

Humilde? - perguntou de maneira artilosa. - Para ti, isto é uma qualidade rasa, para medir as profundezas de tua miséria, velho! Mas, se fores passivo e prudente, posso fazer de ti um homem muito rico, desejado

por inúmeras mulheres. Estou certa de que tu, em toda a tua vida exclusiva, algum dia sentiu o teu íntimo queimar de desejo por um corpo feminino...

Mictã permaneceu calado, deixando que Samantha desse seqüência a seu zombar insultante. Entrou em consenso com seus pensamentos e concluiu: Astaroth era apenas um pequeno treino, pois o combate maior e ainda mais perigoso estava por vir.

Diz-me o que achas de minha beleza, do meu corpo atraente; ele te agrada?

Com a mão deslizando por entre suas coxas num ritmo provocante e sensual, Samantha buscou incitar seu lado masculino. Porém, ele nada respondeu.

Por que relutas? Sei que desejas tocá-lo, possuí-lo como um animal sedento. Queres sentir o cheiro de nossos corpos suados e aspirar ao aroma do prazer de uma orgia profunda a florada por nossos poros?

Mesmo com as precárias dores perturbando-o, redarguiu com tom de aspereza:

Não há lugar em meu corpo para tua imundície, demônio! Tu podes roubar-me a vida e afligir minha carne, mas ainda assim minha alma continuará sendo um templo para a morada do meu Deus!

A demagogia sem fundamento é uma arma muito usada pelos ignorantes, velho. O "prazer é da carne", é a moeda corrente que nunca perderá seu valor, que circula neste século e circulará nas eras futuras. Há muito tempo, antes de tu vires a este mundo humano, corrompi um terço dos anjos do céu com minha sensualidade; sujei com os prazeres da carne as vestes espirituais dos mais virtuosos cristãos, e fiz que os mais honrados monges templários negassem seu Deus, tudo para terem o prazer da minha companhia em seus leitos.

Mictã não revidou as palavras, contorcendo-se vagarosamente, sentindo que as forças de suas pernas e mãos estavam deixando-o. O ferimento na fronte agiu como um paralisante retardatário, dificultando-lhe os movimentos, tornando-os mais lentos, negando ainda mais a possibilidade de resguardar-se do provável ataque de seu novo oponente. Podia somente repelir as declarações insultosas e abusivas que lhe eram dirigidas, combatendo-as com censura, verberando palavras de luz que aos poucos instigava a bela mulher de alma negra à ira.

Os anjos... Têm prazer em prostrar-se perante o Criador, pois eles recebem o amor eterno do Pai, sentem-se felizes em estar na Sua Presença, privilégio glorioso, que tu e tua leva perdestes. Achas que és um vitoriosa, não é mesmo? Creio, Sammael, que o lago de fogo e enxofre era tudo o que mais desejavas, pois foi isto que ganhaste com tua rebeldia e malevolência!

"Samantha Van Drighe" encarou o homem com grande furor e, piscando diversas vezes, investiu contra ele na velocidade de um relâmpago, indo diretamente agarrá-lo pela jugular.

Por todas as almas dos muitos leigos que negligenciaram a oração, deixando-se pungir com o câncer das minhas tentações sutis, desde os mais altos dos empíreos à mais infinda das profundezas, jamais permiti que algum verme insignificante tivesse o conhecimento e a audácia de soletrar com seus lábios decadentes meu primeiro nome!

Houve, então, um daqueles silêncios enervantes, enquanto ambos se observavam. Samantha demonstrava um olhar sisudo e opaco, e Mictã, por um breve momento, arrependeu-se de haver mencionado o nome proibido, mas era um pouco tarde para isso... Estava perplexo, totalmente à mercê da reação inconseqüente daquela mulher. Uma única dedução fluía naquele momento: a qualquer instante morreria.

Contrário a seus pensamentos, ela largou o pescoço do eremita, que, mantendo a boca fechada, apenas observava. Por outro lado, Samantha, ainda mais ousada, bailava feito uma menina apaixonada, libertando risos, sentindo-se rejubilada com a forte intensidade de seus conhecimentos, sabendo, porém, que isso se dava pelos muitos fatos negativos ocorridos na Terra, inspirados por sua existência negra. Em voz alta, num tom frio, comentou:

-Todo aquele que me conhece bebe do vinho da minha essência e se embriaga! Adquirem o vício de uma enlouquecida paixão e gastam tudo o que possuem, e muitos, espontaneamente, entregam suas almas, só para beberem mais e mais do delicioso e inebriante líquido da perdição que eu lhes proporciono!

A voz venenosa de Van Drighe pareceu despertar uma estranha sensação em Mictã. Não seria uma luta física que iriam travar agora, pensou ele, mas uma guerra de pressão e astúcia de pronúncias. A única coisa que ainda estava em dúvida era saber qual dos dois não suportaria essa batalha.

Ela continuou:

E assim a vida dos mortais. Todos os miseráveis dias, muitos deles blasfemam, murmuram e reclamam contra seu Criador, e isso é algo que me agrada muito, quando seus sonhos materiais não são realizados, muitas vezes por teu Deus não achar neles o merecimento. Abandonam sua crença e sua fé, indo ao outro lado da cerca, entrando livremente para o meu aprisco sombrio, sem ao menos se darem conta disso. Muitos deles suplicam pela obtenção de riqueza e poder; outros, com os olhos encharcados pelo ódio e pelo desgosto na contemplação da prosperidade e alegria de outrem, vêm aos milhares até mim, requerendo meus serviços, implorando para que eu os desgrace.

Estão se vendendo por migalhas - disse Mictã, ironizando com certo ar de decepção.

É verdade - concordou -, mas aí é que está a questão, meu caro Verme. Por maior ou menor que seja esse desejo, todos eles nem se importam em refletir e se achegam até mim. - E bateu no peito, satisfeita em suas palavras.

Lembra-te de que nem todos são hipócritas e covardes como tu pensas.

Mas são fracos e displicentes. Erram muito e se arrependem, até o dia em que não mais terão tempo para isso.

Não aos que são ovelhas do Pastor Verdadeiro; elas não imitam os violentos e nem cobiçam as pastagens das outras; ao contrário, dividem até o pouco que têm para a glória de Deus.

Tu estás sendo um imbecil, apegando-te a sonhos mortos e sem esperança. Você acha que a glória de Salomão irá se repetir? Sansão não levantará do pó para defendê-los, nem Davi comandará exércitos novamente. Olha para a realidade, velho! Não sejas um louco amante de Mitos! - declarou num tom mais elevado.

Para ti, Sammael, a maldade e a violência são como comida e bebida, pois te alimentas delas. Na estrada em que caminham, os retos de coração se tornam a luz da aurora a cada passo, brilhando e anunciando cada vez mais o florescer de um novo dia. O Senhor Eterno abomina os que praticam o mal, mas é fiel amigo dos que andam com cuidado, segundo seus preceitos. Tanto impreca e põe cadeias na prosperidade dos ímpios que tentam desmoralizar o mais humilde, como também abençoa aquele que respeita seus servos que buscam somente o sustento de suas famílias. Multiplica em primícias a casa do justo, aumenta como uma bola de neve as maravilhas em sua vida, pois ele O teme e ama Sua Lei. Os prudentes ganharão prestígio, mas, quanto àqueles que julgam em juízo sua sabedoria, passarão vergonha nunca sonhada. Portanto - declarou o sábio ancião com chave de ouro -, jamais digas que és mestre, pois um grande fardo será teu castigo.

Creio não ter a mesma perspectiva quanto a isso! - respondeu Samantha, encolerizada. Ela se enfureceu e sacudiu diversas vezes a cabeça, até sentir a face avermelhar. Seu interior se transformou em uma noite sem estrelas; nuvens de raiva e inveja surgiram em sua mente vazia, aumentando ainda mais sua vontade de exterminar aquele homem, que não faria mal a uma pequenina mosca, pois tem um coração virtuoso. - Queres mesmo saber por que ainda não pus fim à tua vida sem sentido? Não quero que morras até que saibas o engano que teu Salvador representa.

A ira fez o sangue de Samantha Van Drighe ferver como lava. Então, a criatura maligna fez cair do céu azul um inesperado raio sobre as grandes árvores que jaziam tombadas no solo. Ao serem fortemente atingidos, os volumosos troncos incendiaram-se feito gravetos ressecados, queimando intensamente.

Vendo que o resultado da obra estava a contento, a vilã dirigiu-se até o oponente e, ignorando seus protestos, assentou-se ao seu lado.

Olha para as chamas que bailam junto à brisa; contempla sua beleza, fixando nelas seu olhar pobre. Elas te revelarão a importância e todo o mistério do meu trabalho.

Sem poder se mover e totalmente acuado, Mictã foi forçado a observar a intensa labareda. Na seqüência, algo extraordinário, e ao mesmo tempo assustador, aconteceu, muito embora isso fugisse dos preceitos naturais: o fogo perdeu sua tonalidade, tornando-se negro. Em meio aos elementos flamejantes, cenas materializaram-se diante deles, ganhando formas e contornos.

O velho ficou atônito, incapaz de pronunciar uma única palavra. Mas Samantha ficou feliz, satisfeita em notar o terror expresso na pulsação acelerada do anacoreta.

Irrupendo as leis da natureza, as imagens de acontecimentos não presenciados pelo homem manifestaram-se ali.

Uma pergunta pairava no ar: que profecia diabólica era essa que Van Drighe desesperadamente desejava concretizar? O que teria Loan Horsham a ver com a dinastia e com o destino de toda a humanidade?

6

Eu, Sammael, uma entidade formosa, esculpida na beleza das águas que brotam do trono do Eterno, um diamante puro, raro e precioso, de valor incontável, irradiava meu brilho virtuoso no Reino Celeste, entoava melodias que encantavam os anjos e embalavam as estrelas. Até mesmo o Criador atentava ao meu canto universal. Como sofri quando sua ira caiu sobre mim, um ser perfeito, a primeira angélica.

Naquele momento, o fogo negro parecia estar vivo, narrando com imagens todo tipo de enunciação contrária à verdade, para desfalecer Mictã psicologicamente.

Até que um dia Deus ordenou que eu cuidasse e me sujeitasse aos caprichos do homem, pois queria compartilhar meus únicos dons, dividindo-os com um ser fraco e degradante. Queria, de toda maneira, tornar esses seres instrumentos de Seu louvor, sendo que eu era a única entidade que poderia preencher Seu vazio. Com toda audácia, Ele deu minha forma à mulher, revestindo-a com a pureza e a beleza jovial que pertenciam a mim. Ao homem, encheu-o de santidade, deu-lhe o dom de entoar louvores repletos de poesias. Isso me foi uma afronta, pois extorquiram minha essência, dividindo em pedaços primícias que outrora eram minhas. Não pude me calar e aceitar tudo aquilo; então, transgredi a vontade do meu Criador e corrompi uma parte dos anjos para me seguirem.

Criei uma rebelião para impedir que essa loucura atingisse seu ápice, mas falhei duramente e paguei um alto preço por essa oposição. E o Onipotente, que dizem ser infinito em misericórdia, descarregou sobre mim toda a sua fúria: fui banida do meu belo lar angelical. E, mesmo assim, não satisfeito com a sentença que Me decretara, despojou-me da juventude e do dom da melodia, deixando-me numa forma decadente, para se assegurar de que eu não pudesse mais seduzir ou macular Sua criação.

Caí como um raio na Terra e, ainda em chamas, soltei um grito de loucura, quando senti em agonia o magma ardente. Através dos séculos, não pude mais reconhecer minha matéria; minhas pernas e meus pés enraizaram-se neste lugar, contra minha vontade. O corpo sensual e divino, que dantes inspirava elogios, agora se transformara em algo desfigurado, numa espécie de árvore, na qual minha forma física deu lugar a um tronco sinistro. Meus braços tornaram-se galhos e meus cabelos, folhas e frutos. Porém, ainda insatisfeito, criou um jardim de grande encanto à minha volta, depois colocou aquele casal infame para habitá-lo. Ordenou-lhes que me ignorassem, permitindo-os comer de qualquer fruto existente, com exceção daqueles que provinham de meus galhos.

Minha odiosidade foi intensa, grande o bastante para arquitetar minha vingança contra Aquele que me derrotou. Assim o fiz: concentrei toda a energia que restava em meu coração ímpio, para que pudesse livrar meu espírito daquela árvore horripilante. Na seqüência, tomei para mim o corpo de uma serpente. Como uma lagarta que se transmuta em borboleta, fui restaurada em algo muito melhor: tornei-me uma liberticida, uma força poderosa capaz de levar todos os seres vivos ao suicídio do pecado. Então, para que criar um vaso novo, se o oleiro pode remodelar aquele que está defeituoso? Foi o que aconteceu com a criação Dele. Uma fêmea seduzindo a outra. Dessa maneira, convenci Eva a desobedecer seu

Criador, e ela, usando seu charme já corrompido, destruiu a inocência de seu companheiro. Dei a eles o direito de enxergar a verdade, de gozar os prazeres da carne, algo que antes lhes fora negado. Por isso, eles foram banidos do Paraíso, pois Jeová jamais aceitaria que eles fossem perfeitos; que a semente de uma nova e grandiosa nação fosse perfeita. Eles seriam os pais de todos os filhos da árvore e eu, sua nova "Senhora".

No decorrer dos fatos, Ele enviou Seu único Filho para que continuassem no engano, pois ainda teriam que se ajoelhar e crer numa fábula, só para obter o mísero pão que saciasse sua fome e alimentasse suas almas. E, ainda por Sua vontade tirânica, escolheu apenas um povo para ser Seus "filhos da promessa", dando-lhes o direito de entrar nos céus, enquanto os outros povos seriam excluídos e rejeitados por Sua Presença Santa, já que eram considerados gentios impuros. Por isso, instiguei em Judas a cobiça, para que traísse o Nazareno e para que fosse conduzido à cruz pelas mãos daqueles que Deus considerava o "povo sagrado".

Mictã permanecia calado, incitando Samantha a cessar temporariamente as imagens dissolutas e devassas.

Estás nervoso? - perguntou a mulher.

Ele apenas dispensou-lhe um sorriso de pena e nada mais.

Se desejas entrar em "voto de silêncio", que assim seja! - esbravejou Samantha, sem entrar muito em detalhes.

O comportamento de simples espectador era de total inércia, totalmente imparcial e indiferente aos interesses dela, mas sempre aguardando o que estava por vir.

Ela sentiu seu diabólico orgulho sendo maculado pelo desprezo. Os lábios charmosos, que deviam mostrar sensualidade, distorceram-se, misturados aos rugidos de um leão enfurecido, em resposta à indiferença educada de Mictã, que tampouco se preocupou com a estória de sua origem.

Tentas, sem sucesso, depreciar o luxo de meu divertimento e estilhaçar o orgulho de minha ênfase, idiota.

Enquanto estiveres aqui, entre os humanos, minha sede de vingança aumenta ainda mais o desejo de modificar este mundo a meu bel-prazer. Agrada-me contemplar esses frágeis mortais nascerem, crescerem e morrerem, pois eu os presenteio com minha peste, e eles contaminam a terra com suas impurezas.

Samantha fitou os olhos nos dele e prosseguiu:

Tu nem mesmo calculas a desonra que é ser rejeitada pela irmandade celestial e toda a glória de um reino rico e divino, para simplesmente ser jogada aqui, no esgoto do universo!

E a rainha da devassidão continuou sua narrativa:

Após a última e decisiva batalha em seu reino de trevas com o próprio Filho de Deus, Lúcifer foi suplantado, quando o Senhor gloriosamente pisou a cabeça da áspide amaldiçoada e tomou de suas mãos as chaves da morte e do inferno. Na bem-aventurança de garantir a segurança de seus "pequeninos", e para que a animália do mal, o diabo, não mais viesse oprimir a humanidade, deu ordem para que o aprisionassem em correntes de diamantes, artefato confeccionado pelas mãos dos anjos e abençoado pelo próprio Deus Todo-Poderoso. Após cumprirem o propósito divino, o principado ímpio foi encerrado num vaso de gargalo estreito, com duas asas simétricas, chamado Ânfora das Lamentações, para que o príncipe da maldade não ficasse apenas confinado, mas também sofresse os tormentos das ações de seus próprios males, misto ao destino de sentir a vergonha de ter sido derrotado.

Mesmo em estado de clausura, o artefato que o mantinha cativo não poderia ser deixado em dimensões longínquas, pois sua presença maligna causaria distúrbios catastróficos que ultrapassariam as galáxias, podendo trazer danos irreversíveis a todo o cosmo. O Altíssimo, o Espírito Universal da Vida, o Portador da Onipotência, Onipresença e Onisciência, usou Sua sabedoria perfeita. E ordenou, então, ao mais forte de Seus anjos guerreiros, que ocultasse a ânfora nas profundezas da Terra. E assim foi feito. O anjo de luz cortou os céus como um raio, atravessando o manto dos mares e penetrando o dorso da terra,

onde o sepultou no magma, a massa em fusão, fluida em incandescência, existente no interior do planeta. Ali nenhuma criatura vivente poderia colocar os olhos sobre ele.

Mas a mãe-terra, que ele corrompeu com suas enganações, logo reconheceu seu violador. O planeta sofria, o magma incandescente queria fugir de sua presença, não querendo nem ao menos tocar o lado de fora do vaso. A Terra se contorcia em tremores, os mares esbofeteavam-se com o choque de ondas monstruosas umas contra as outras, os ventos esbravejavam com tornados e furacões, avisando, por conseqüência, todos os seres vivos, de que o planeta estava agonizando, desfalecendo diante de um câncer impiedoso que corroía seu interior, esmagando a vida com seu veneno negro. Mesmo trancafiado em sua arcaica prisão, o anjo mau propagava a desesperança; sentia-se extasiado, embora estivesse enclausurado, deliciando-se com os conflitos pelos quais o mundo passava por causa da sua existência demoníaca. Um conflito dantesco, que mais parecia uma batata quente passada de mão em mão, formando um conceito curioso, como se ninguém quisesse deixá-la assar em sua palma.

- Dessa forma, o núcleo de lava entregou a ânfora para a terra, e esta, não podendo mais tolerar tamanha agonia, passou-a ao mar. Porém, o mar se acendeu em ira ao sentir que o artefato trafegava livre sobre suas águas. A destruição tornava-se presente por onde passava; o fedor da sua perdição revolucionava toda a vida marítima que encontrava pela frente. As águas, antes tranqüilas e suaves, tornaram-se ondas incontroláveis, que, auxiliadas por forças e uivos enfurecidos dos ventos, chicoteavam impiedosamente o perigoso artefato para as margens de uma terra próxima.

Sammael (ou Samantha Van Drighe) continuava a narrar e a mostrar, por meio de seus poderes macabros, a epopeia que o trouxera para aquele país. Sem piedade, começou a apalpar com certa violência as costelas fraturadas do eremita, que mal se mexia, devido às intensas lacerações; apenas resmungava. A maldade e o ódio faiscavam na mente dele, ao rever as imagens de quando foi desaprovada e banida também pela mãe-natureza.

A partir dessa derrota, achou uma maneira renovadora para colocar seu plano em prática. A Inglaterra, solo honrado e abençoado, testemunhou a chegada de uma criatura nociva. O príncipe do mal vomitou pestes que dizimaram um terço dos camponeses; os que sobreviveram às doenças foram transpassados pelas lâminas impiedosas dos exércitos dos condenados. Um mundo aterrorizado, vivendo uma era sanguinária, reduzido a cinzas, fato simultâneo à Idade das Trevas.

O demônio estava o tempo todo na Terra, observando, esperando o momento certo para mostrar sua cartada final, que seria o cumprimento da profecia.

Antes de tudo isso começar, a chegada desse terror foi anunciada nos sonhos do sumo sacerdote. Eram visões terríveis e profundas em espanto, que muitas vezes eram desacreditadas, por se achar impossível que todos aqueles fatos pudessem acontecer.

Completadas duas semanas de pesadelos ininterruptos, o sacerdote-mor, na noite subsequente, teve um sonho ainda mais complexo: viu-se um salão de pedra onde existiam doze piras de fogo, as quais queimavam, com chamas vigorosas, seu conteúdo. Uma delas era maior e mais ativa que as demais e encontrava-se no centro, e ao seu redor foi formado um círculo.

Eis que, acima disso, apareceu uma jovem vestida de sombras; tinha os olhos de sangue e na frente havia uma marca denominada "mistério". Então, de repente, a figura começou a cuspir sobre cada chama, apagando uma a uma, poupando apenas duas. E, tocando a menor com o dedo indicador, o fogo enegreceu, e dele saíram clamores de arrependimento, com o transbordar de fluidos pútridos, que escorriam com abundância nas extremidades.

Maculada a décima primeira pira, voltou a atenção à chama maior. Tocando no fogo, feriu o sumo sacerdote mortalmente, com o gesto semelhante do ferrear de um escorpião. Mortificado, teve sua

essência sugada pela mulher que trajava a noite.

Assustado, pasmado e tendo o rosto encharcado pelo suor que gotejava, ele despertou bruscamente no meio da noite do sono atribulado. Pela manhã, seu espírito havia perdido a serenidade da razão. Sem demora, convocou os onze sacerdotes asseclas para confabularem entre si a esse respeito.

Eles, os grandiosos druidas, magos, mestres e juizes, grandes vasos de sabedoria celta e influentes em poder, tinham como fonte de força a natureza. Também eram grandes bardos, poetas e conhecedores da música, uma das bases das leis do universo, que imortalizavam a história e suas tradições. Havia também os auguristas, que realizavam rituais de sacrifício e previam o futuro; uma classe excepcional, eximida de impostos ou de qualquer obrigação militar, considerada a balança do equilíbrio, responsável pela ordem terrena e espiritual, sendo de grande importância para a total estabilidade entre as forças do bem e do mal.

Em Carnac, santuário das pedras sagradas, de forma ordenada, cada um assumiu a posição de um menir, pedra monumental megalítica, constituída de uma grande rocha, fincada verticalmente na terra. Em cada uma dessas rochas, estava estampado um tipo de símbolo, que possivelmente seria para identificar o nome ou o grau de conhecimento de cada discípulo.

Rodeando em volta de um dólmen, o sumo-mestre pousou o olhar sobre os presentes, observando-os com seriedade. Declarou, então, que um de seus irmãos havia traído a aliança universal e, tomado pela cobiça, liberou uma força maligna, e que eles não podiam controlar a vil serpente da ânfora, que propagava o mal maior, algo que a Inglaterra teve a infelicidade de conhecer primeiro.

De acordo com os pesadelos do altíssimo sábio, o dia seria encoberto pela escuridão rubra e as piras a serem apagadas pelo ser das trevas, na verdade, eram os integrantes do conselho ali presentes. O fogo que queimava intenso sobre as piras representava suas almas, que seriam tragadas por um destino incerto, para sempre.

Expondo seu drama aos irmãos druidas, Homã-biel, como era conhecido, contou-lhes que isso iria acontecer por intermédio do traidor que estava em seu meio. Em estado visionário, disse-lhes que todas as chamas seriam extintas, com exceção de uma, ou seja, o traidor. Esta seria poupada, todavia seria tocada pela mulher, que lhe introduziria um efeito mortal, transmutando-a em uma tonalidade completamente negra. E, por conseqüência, feridas semelhantes a tumores malignos explodiriam feito um chafariz, esparramando por todo o salão os fluidos de sua alma traidora, deixando clara a recompensa pelo grande ato de insubordinação.

Esse druida teria revelado os segredos da irmandade ao demônio, quebrando seu voto sagrado de silêncio. Ofertou espontaneamente seu sangue e sua alma ao "devorador", para pô-lo em liberdade, atraído pela vã promessa de poder absoluto. Foi infiel aos seus, enganando a todos. Agora, ele estava ao lado deles, feito um Judas, observando, debatendo, maquinando um método de reação, caso fosse descoberto.

Mesmo com esse contratempo, começaram a recitar pronúncias há muito esquecidas, num estribilho uníssono, transcendendo cada vez mais, em um ritmo incessante. Estavam tornando o santuário místico uma arena incorpórea, reunindo a energia proveniente da natureza e revestindo-se de força espiritual. Em vista disso, criam que, aplicando todo o seu poder num único propósito, fariam frente ao adversário que estava no interior de um deles.

Na difusão de energia que se tornou ainda mais constante, não tardou muito para que o traidor se pronunciasse. Esse atrito entre forças fez que o sexto monge, um dos sacerdotes de médio escalão da aliança sagrada, se prostrasse ao chão, enfraquecido pela alucinante inconsciência.

Mesmo com essa baixa já esperada, eles não deixaram estampar o medo e a revolta em seus semblantes por terem sido usados na realização de sua cobiça: aquele era o proditor. Ele gritou, expeliu brados de aflição, misto aos clamores de misericórdia; todavia, seus irmãos não expressavam nem sequer uma única gota de compaixão. Fecharam a porta de seus corações, em virtude de seus orgulhos terem sido

seriamente profanados; além disso, rogaram-lhe pragas e maldições, para que morresse com sua transgressão. O caído sofria sensações dilacerantes. Sentia os órgãos sendo eviscerados, à medida que implorava inúmeras vezes por perdão. Vendo ele que o silêncio de seus companheiros era uma confirmação à sua condenação, deitou sua face ao pó; por suas palavras não surtirem nenhum efeito, foram substituídas por grunhidos de agonia sem fim. De poderoso mago, portador de conhecimentos elevados e de poderes místicos, agora fora reduzido a um reles moribundo. Ele almejou o posto mais alto de toda a irmandade ao fazer sua aliança com o demônio, mas o tiro saiu pela culatra. Seus serviços não eram mais necessários; tornou-se descartável, tendo somente a utilidade de anunciar a chegada da semente do mal, um pagamento não esperado, pela sua total devoção.

Os olhos dos juizes celtas observavam estupefatos aquele homem contorcer-se numa violência extrema. E, então, num misto de sofrimento e ódio, por ter sido reprovado pelos irmãos, começou a declamar, num idioma estranho, cânticos pagãos, para o espanto dos sacerdotes presentes, que indagaram-se, pois nem mesmo o mais antigo dos patriarcas druidas teria acesso a esse conhecimento tão arcaico. Nada entendiam; cada um tentava buscar interiormente uma explicação para o que estava ocorrendo.

Homã-biel, num relance de memória, o comparou ao seu sonho, e só então se deu conta da gravidade dos fatos; mas era tarde demais. Um rosnado macabro partiu da boca do desventurado, que a manteve aberta. Uma grande teia de raízes escarlates e finas era expelida de seu interior, colorida pela boa quantidade de sangue que escorria dos inúmeros ferimentos em sua matéria. Parecia algum tipo de planta desconhecida cuja semente havia sido incubada nele, não se sabe como. Tudo o que se sabe é que ela agia como um simbiote, um grão que se alojou em seu corpo. E tudo indicava que havia se adaptado e encontrado um bom lugar para germinar e crescer, com bastante vigor.

De certa forma, a parte inferior da raiz uniu-se a todo o sistema ósseo humano, dando firmeza para manter o caule ereto. Com gritos violentos e animais, ele comprimia fortemente a barriga, mas não o suficiente para impedir que um grande pivô implodisse com violência. Num instinto de voracidade, o ser arbóreo investiu rumo ao chão, indo ao encalço do precioso líquido que tinha sido esparsos e absorvido pela terra.

Homã-biel horrorizou-se, pois o membro traidor, mesmo sentindo tormentos inimagináveis e com a morte já próxima, expunha-lhe a boca empapada de sangue, forçando um sorriso prazeroso para o sumo sacerdote. Aterrorizado, o sábio-mor sentiu um grande frio percorrer seu corpo, prevendo algo muito desagradável que estava por vir. Então, começou a correr de um lado para o outro e a gritar aos seus irmãos que fugissem e salvassem suas vidas.

Acatando seu pedido, eles tentaram fugir, mas foram imobilizados por algum tipo de energia sobrenatural, que lhes mirravam as pernas, tornando seus esforços vãos.

Enquanto isso, na figura já sem vida, ramificações secundárias nasciam dos antebraços e das mãos, dos joelhos e dos pés. Eram raízes em forma de feixes, compostas de aspectos grossos e compridos e que se introduziam incontrolavelmente no subsolo, prendendo brutalmente aquela matéria inerte ao chão tinto.

O equilíbrio natural estava desestruturado; nem mesmo a forte magia concentrada por aqueles onze era capaz de reter o poder negro que se desenrolara em manifestação bestial.

E assim aconteceu: diante de olhares espantados, fez-se presente a erupção de um novo nascimento, quando o invasor de corpos sorveu a pele e os órgãos de seu próprio hospedeiro, e a figura tétrica da imagem de uma pequena árvore surgiu explodindo carne e músculos, deixando expostas a espinha e parte das omoplatas. Nessa seqüência, não deixou nem os ossos, privando aquele ser de sua total existência e deixando em seu lugar um vegetal negro e sombrio, que pouco a pouco aumentava extraordinariamente de tamanho.

Os espectadores presentes, em temor por suas vidas, suplicavam incessantemente aos seus deuses que restituíssem suas pernas ressequidas, mas suas vãs orações não surtiram resultado algum.

De repente, um forte cheiro de enxofre invadiu o ar, levando seus corações a saltos constantes, e a adrenalina disparou em alta velocidade nas veias. Observaram que ao redor daquele ser formou-se uma aura violeta, que bailava como o fogo após ser tocado por uma leve brisa. Era um brilho que ofuscava a visão atônita de todos, e, para se sentirem mais seguros, cobriram a cabeça com o capuz de suas túnicas. Junto ao lume, espirais de fumaça começaram a se erguer do tronco úmido e sinistro, circundando-o de baixo para cima, mescladas a uma névoa rasteira que também era expelida pelas raízes. Então, impulsionadas por esse agrupamento de vapores, começaram a girar em torno da árvore.

A espessa massa gasosa circulava com grande velocidade, criando um redemoinho de opostos, que convergiam similares ao ar quente que sobe e se choca com o ar frio que desce, semelhante aos tornados naturais. Mas tudo indicava que esse era totalmente diferente, pois a energia pura da mãe-natureza agregada aos druidas se encontrou com a força maligna do érebo, acontecendo então que os gases naturais se colidiram com as infernais.

Umãs flatulências bravias de ventos avermelhados e roxos elevavam-se, porém o lenhoso vegetal permanecia imóvel e intacto no centro do agigantado tornado.

A atmosfera terrestre e todo o sistema criado pelas mãos amorosas de Deus sofriam. O santuário verde teve seu esplendor profanado por uma manifestação ímpia e, por esse acontecimento, queria vingança.

Aqueles homens gemiam por causa das câibras de suas pernas e, mesmo assim, observavam atentamente, não deixando escapar nenhum detalhe de todo aquele poder místico, pois jamais haviam presenciado tamanha concentração de forças.

Homã-biel foi imprudente: havia sido advertido em sonhos sobre todo aquele flagelo, porém não se acautelou, e muito menos avisou alguém sobre o perigo que corriam. Tudo o que fez foi apenas confiar em si mesmo, julgando-se poderoso por causa de sua autoridade e do apogeu dos conhecimentos em dominar a magia. Acreditou que pudesse fazer frente à saliência do mal sobre a Terra, mas estava enganado. Na soberba de conservar a posição e o poder absoluto somente para si, tornou-se desatento e não percebeu que a semente da inveja e da cobiça havia abrechado no coração de um dos seus.

Numa histeria geral, os druidas, que tiveram sua fuga cancelada, gritavam enlouquecidos, implorando pela misericórdia da morte rápida, pois sofriam grandes aflições. No entanto, todos foram subvertidos pela ventania.

De repente, o lume da árvore desapareceu no interior do tornado, que, mesmo sem tomar rota, criou um rastro de pavor e pânico.

Homã sabia quem era o causador de todo aquele fenômeno, e também tinha certeza de que havia subestimado seu oponente. Tentou conter-se, em meio ao pânico dos demais. Contudo, sentia uma horrenda premonição chicoteando seus neurônios.

O momento se tornou infortúnio para ele quando seus olhos vislumbraram o céu tingir-se de vermelho-sangue, revolvendo o horizonte de nuvens gigantescas e grotescas, crescendo além da compreensão, cobrindo o Sol com sua massa vermelhusca. Avançava tragando e ocultando o azul-anil do céu da visão daqueles homens que ansiavam pelo fim de seus martírios. Então, nuvens carregadas cuspiam diversos raios, que atingiam com fúria um a um, incinerando-os, tornando seus corpos verdadeiras tochas humanas, poupando apenas Homã-biel.

Ele agora estava sozinho; pior, tornara-se um angustiado espectador, forçado a contemplar a morte de seus irmãos druidas.

Cada pira teria sua chama extinta pelo toque da saliva que seria expelida pela criatura envolta em trevas, *refletia o sacerdote num relance de memória.*

Ainda assim se recusava a acreditar no que estava acontecendo. Sentiu o coração apertar ao ver os corpos em chamas levitarem e em seguida serem atraídos para dentro do redemoinho. A tromba eólica envolveu os dez cadáveres, contudo as flamas não se apagaram no contato com o forte vento.

Homã, indistintamente, olhou seus irmãos brilhando e queimando como sóis, sendo engolfados pela tormenta viva.

O único sobrevivente suspirou, tentou antever o que viria, mas tudo o que seus olhos observavam era uma seqüência de fenômenos sobrenaturais que ocorriam de modo indescritível.

A natureza gritava com dantescas tormentas. Relâmpagos rasgavam o vácuo, trovões ressoavam fortemente, abalando a Terra com vibrações. O temporal esparramava-se na noite vermelha, após ter banido o dia impiedosamente. Embora estivesse em transição de destruição, apenas o santuário de pedra continuava intacto, como se nada tocasse naquelas rochas. De alguma forma, o mal o queria em seu estado original.

Daquele momento em diante, as forças das trevas desafiariam as frágeis forças do sacerdote druida, convicto e certo de que aquilo iria degustar sua alma.

- Que pensas tu, espírito obscuro, para vires tirar a vida dos homens? Acaso ordenaram-te que o fizesses? - perguntou, olhando o céu em seu estado tenebroso.

Cada palavra ousada dita pela boca de Homã correspondia a um raio que caía, fustigando impiedosamente a terra, aproximando-se cada vez mais dele. Então, uma voz gutural ecoou na vastidão:

Não preciso da autoridade de nenhum ser inferior para acorrentar a esperança dos viventes, nem tampouco submeter-me à vontade Daquele que me criou!

Tu não és um deus, vejo nos teus atos. Não te assemelhas à divindade que adoramos e servimos. Afinal, quem és tu?

Tu não te julgas sábio? Descubra-o por ti só! - zombou.

Um momento de silêncio ocorreu, até que...

Humano hipócrita! Sou o teu deus! Há muito me adoras com o sangue dos inocentes, ou pensas que Ele se apraz com teus cultos pagãos? - disse, apontando para cima.

Homã calou-se por alguns segundos, sabendo que a criatura estava coberta de razão. Mas logo prosseguiu, na tentativa de confundir a entidade:

Não era preciso ter matado meus irmãos; somos somente uma sociedade pacífica e nos reuníamos para buscar um objetivo comum entre os povos: a paz.

Paz? Essa palavra é inexistente, até mesmo no Paraíso! Se esse sentimento efêmero realmente fizesse parte de vossas vidas miseráveis, não teríeis vos corrompido em moralidades e não existiria distinção entre classes sociais. Observa bem que, se esse preconceito tão belo não existisse, eu não seria criado, e mais: esse é um sentimento que eu aprendi a apreciar.

O sarcasmo da criatura enfureceu o homem, que tornou a perguntar:

Criatura torpe, desprezível, com que propósito ficas dando voltas? Diz-me logo o que quero saber! O que queres comigo?

O tom de voz do druida pareceu uma ofensa, por causa da aspereza.

Um relâmpago, seguido de um estrondo, cortou o espaço.

Já que desejas tanto conhecer-me, curva tua cabeça e fecha teus olhos. Só assim satisfarei teu capricho.

Consciente de que não haveria outro modo de saber o porquê daquilo tudo, o druida obedeceu.

Nesse momento, algo assustador e surpreendente aconteceu. Ao levantar as pálpebras, Homã-biel se viu em outro lugar. Já não mais estava na proteção do santuário de poder, era como se alguma coisa tivesse modificado a Terra e tudo o que existia nela. Se deu conta, então, de que estava sobre uma trilha de folhas secas. Um pouco desorientado, olhava para todos os lados, sem entender o que havia acontecido para chegar naquele lugar. Todo o temporal, os raios, o traidor, enfim, será que todo aquele suplício não passava de uma desagradável ilusão? Mas seu espírito afirmava que sentiu e testemunhou tudo...

Mesmo se perguntando se tudo aquilo era uma criação de seu subconsciente, seu coração palpitava forte no peito. Nada de vivo pôde ver. Apenas um imenso vazio em volta de uma trilha de folhas, que se apresentava a cada passo concluído.

Após um pequeno espaço de tempo, Homã-biel, para uma infeliz surpresa, paralisou-se de abrupto com a visão à sua frente. Permaneceu parado, levando as mãos até a face encharcada pelo suor, num estado aparente de pavor. Voltou à realidade, perguntando-se o que teria feito para merecer esses trágicos acontecimentos. E, num gesto de pura demência, girava a trezentos e sessenta graus, gritando palavras agourentas, amaldiçoando a criatura que havia ceifado a vida dos outros sacerdotes e que até agora só havia atormentado seu espírito e sua mente.

Mas, antes que estendesse aquele palavreado, a árvore se transformou em uma tromba gigante de vento, só que dessa vez seguiu em direção a ele. Vendo que aquilo avançava ameaçadoramente, tentou correr. Porém, suas pernas estavam pesadas demais sequer para dar um único passo; estavam sob o efeito da magia daquele mundo.

Sem ter a quem recorrer, o desventurado homem entregou-se, optando então por suplicar ao "estranho" que poupasse ao menos sua desvalida alma. Levou suas mãos ao solo, como se prestasse reverência, abaixando também sua cabeça, deitando sua face covarde naquela terra desconhecida, feito um mendigo inconformado com a própria sorte.

O tornado ficou ainda mais ameaçador, fazendo esvoaçar as vestes sacerdotais do monge. E, sem um prévio aviso, o rugido inumano e forte do vento cessou.

Para aumentar um pouco mais o pismo, seus ouvidos captaram sons alterados; faltava saber para quê. O som ensurdecedor da ventania agora era substituído por um silvo que repercutia aos ecos naquele vazio.

Homã-biel ficou apreensivo e desguarnecido de toda ação; murmurava em voz baixa, permanecendo entre a sanidade e a loucura. Mesmo assim, enfrentou o medo e lentamente pousou o olhar sobre a criatura que estava à sua frente. Seus olhos se recusavam a fechar; todavia, se encolheu, pressentindo que o pior poderia acontecer a qualquer momento.

O ciclone transmutara-se em uma gigantesca naja negra, figura indizível que, ao notar que estava sendo observada, atentou seu olhar injetado de ódio para o pobre coitado, ameaçando-o com um sibilar agudo.

Visitado pelo horror atroz, o homem levou as duas mãos até a frente e começou a chorar como uma criança que sente a falta da mãe.

O réptil bestial escancarou gradativamente a bocarra, mostrando as presas brilhantes e mortais. Da garganta, que mais parecia um poço escuro, emergiu um órgão muscular viscoso, oblongo e móvel, que deslizou para a frente, pela mandíbula.

O infeliz druida, por sua vez, começou a rastejar para trás, tentando se afastar da criatura, que não parava com o som aterrador de sua respiração. Em instantes, chegavam aos seus ouvidos novos sons que o fizeram buscar coragem para elevar o olhar. Conteve os soluços, enxugou as lágrimas e contemplou uma mulher de cabelos negros e de beleza radiante, trajando um vestido longo e vermelho, que permanecia sentada sobre a língua do perigoso monstro.

Ela o olhou com extremo desprezo até que o tom de uma horrível voz partiu de seus lábios sedutores.

Desejavas me conhecer? Pois bem, mostrarei a ti a divindade à qual tu serves!

Das sombras à luz, surgiram formas emanando do corpo da estranha mulher.

Para ti, eu sou isto. O promíscuo das mulheres adúlteras, o bocejo das lamúrias dos enfermos condenados. Sou o vazio negro que cobre teu coração histérico de desesperança, o âmago do golfo ilimitado da fome de almas... Eu sou o mal desmedido!

O silvo da grande serpente se elevava cada vez mais, até arrancar alucinantes suspiros do desventurado homem, que não parava de tremer.

Admitindo seu destino trágico, Homã-biel rasgou suas vestes, expondo o peito para a criatura, num gesto de loucura e conformação.

- Faz! Mata-me logo! Fiquei à tua mercê, ser miserável, mas minha alma não será posta em cadeias!

Com os olhos lacrimejando pelas extremidades, ele pôde contemplar a bela e misteriosa figura se precipitar da boca da serpente, caindo em sua direção.

Os lábios do druida desferiram um grito que ecoou na vastidão obscura, no momento em que contemplou a mutação da jovem, portadora de um perfil belo e sedutor. Ao se lançar sobre ele, inúmeras cabeças surgiram em várias partes de seu corpo, balançando-se desordenadamente e emitindo sons incompreensíveis.

Nada pôde fazer, apenas acompanhou. Então, dedos com garras mortíferas estenderam-se e sepultaram-se na garganta e nas entranhas do pobre infeliz, numa estocada fria e rápida.

Homã não podia mais gritar, muito menos ver com clareza, pois as córneas haviam sido tingidas pelo sangue que esguichou em grande quantidade dos ferimentos, banhando seu rosto. Então, levou as duas mãos ao pescoço, num reflexo desesperado, tentando inutilmente conter o chafariz que jorrava. Mas elas, porém, permaneceram por pouco tempo nos antebraços: as diversas faces monstruosas bailavam diante dele com dentes afiadíssimos e cortantes e, num ato impiedoso, mastigaram seus punhos até as pontas dos dedos, impedindo-o de estancar o sangue.

Caindo quase sem consciência, expelindo fluidos pelo nariz e pela boca, a flagelação já era constante no corpo. Em seu íntimo, implorava pela morte, mas, opondo-se ao seu querer, a sombra insana e avantajada torturava-o devagar, deliciando-se com um prazer macabro e sem limites, algumas das cabeças arfando e salivando, enquanto as demais se alimentavam da presa, restando apenas o tétrico barulho do destroçar de carne e ossos.

Do mesmo modo que chegaram, as cenas, assim com as chamas, desapareceram, deixando a Mictã a preocupação estampada no rosto macilento e molhado. Fugia à sua compreensão que tamanhas atrocidades pudessem existir. Em sua mente, um ponto forte gravado: o derradeiro grito do sacerdote. Jamais poderia esquecer o olhar de pavor com a medonha aparição. Vagarosamente abriu os olhos, levando alguns instantes para focar a face cínica de Samantha. Assim que a viu, virou o rosto de lado. Ela fingiu não prestar atenção, porém não deixou de rir.

Agora, tudo é do teu conhecimento, não concordas?

Então foi por teu intermédio que os druidas fizeram os celtas se reunirem com os saxões em guerra... Queres massacrar os cristãos?

Samantha replicou:

Não só os cristãos, mas também todo tipo de religião que prolifere o nome do meu algoz!

Tu os enganaste com tuas mentiras, fazendo-os pensar que suas almas não pereceriam, mas que passariam de um corpo para outro, alimentando a valentia deles na hora da batalha, dizendo que eram os seres mais poderosos dentre as nações de todo o mundo. Fizeste-os crer que tu eras a deusa deles e, após isso, usou Astaroth para se fazer passar pelo sumo sacerdote, que, como líder nato, uniu esse povo, levando-os a uma guerra sangrenta e sem princípios, e para quê? - disse Mictã com espanto.

Para que eu concretize minha vingança contra teu "Criador". E não descansarei enquanto não tiver sugado a última alma existente da Terra, para meus domínios de suplício eterno! - respondeu Samantha com altivismo. - Acaso pensas que irei cumprir à risca as escrituras que Ele determinou? - e apontou o dedo para o céu. - Engana-te, velho. Não serei eu a atriz dessa peça teatral, para que Ele venha a conquistar toda a fama principal. Farei o inverso; não serei jogada no lago de fogo e enxofre, com esses insignificantes, e muito menos instituirei minha marca entre os povos. Não agirei dessa forma! O próprio "Salvador" predisse, em uma parábola, o que estou prestes a fazer. Ouviste falar do trigo e do joio?

Mictã não deixou por menos e lhe respondeu à altura:

Aos que amam Vossa palavra de amor, guardam-nas como pérolas no coração... Sim, conheço essa parábola...

Pois bem, farei como manda o evangelho, só que dessa vez sementeirei a melhor e a mais nociva semente, que irá substituir o próprio joio. Essa fantástica semente liberará seu poder; o trigo se converterá em uma planta perfeita, que não precisará de nenhum recurso natural para viver, pois será eterno. E eu, como uma

cuidadosa "lavradora", exercerei o mister sobre essa nova seara da qual serei a regente suprema, a mãe de todos os filhos da árvore!

Mictã até que tentou segurar sua revolta, mas não conseguiu. Mesmo indefeso e machucado, expressou sua ira sem pensar nas conseqüências que o ato geraria.

Criatura voraz... O que pretendes com isso?

Samantha esboçou um sorriso simples e artiloso:

- Jeová cometeu um grande erro, achando que poderia criar-me e, após certo tempo, despojar-me do céu; era de Sua confiança que eu aceitaria esse vitupério sem protestos, mas isso jamais! Meu momento está próximo. Não sou uma simples rameira que se expulsa de um antro: sou a rainha delas.

Mais vale um ladrão arrependido do que o mundo inteiro perdido... - Mictã buscou ar e continuou: - E digo-te mais, o arrependimento é uma virtude apreciada entre a Santíssima Trindade.

Tu achas mesmo? - disse Samantha com escárnio, não dando importância àquelas palavras. - És mesmo um néscio, como teu Deus, achando que tudo estava acabado. Ele enganou-se; eu venci a clausura; não serei destruída num simples estalar de dedos. - E adicionou: - Mas Ele, o formador de todas as coisas, não tem conhecimento das forças que estão por vir, como também não tem o controle dessa raça deplorável que se intitula humana.

O eremita se surpreendeu com aquelas palavras e disse:

Perdeste para sempre a santidade e o amor do Pai Todo-Poderoso e agora completas a perda com teu juízo?

Com os olhos inflamados pela ira, e num gesto de intolerância, disse-lhe como resposta pela sua audácia: Eu sou Lúcifer, regente do reino profano! Corrompi as almas dos mortais, muito antes que essas mendazes escrituras me citassem por meio daqueles doze discípulos ignorantes! - E continuou com toda a sua petulância: —Já que gostas tanto de revelações, te darei de presente uma e assim quebrarei o tédio, e o porei a par de todos os fatos magníficos desta jornada.

Samantha deu alguns passos para trás, mas sem tirar os olhos daquele homem caído, que pouco a pouco definhava, completamente apoiado no tronco de uma árvore grande.

Há um tempo atrás, conheci um cavaleiro muito charmoso, porém muito enérgico em suas ações. Ele foi escolhido, pelo Reino Unido e pela aliança formada por outros países, para dar fim ao terror que assolava toda a Europa. Estava ele em Wandsworth, quando pelejou contra mim pela primeira vez, e devo ser-te franca, esse guerreiro deixou-me muito orgulhosa.

As dores castigavam-no sem misericórdia; contudo, procurava ignorá-las, sentindo que surgira um dilema ainda mais terrível que os suplícios da carne.

Com gestos faceiros, Samantha levou por um instante um dos dedos aos lábios púrpuros, para, em seguida, continuar:

Tu pensavas que teus contos e tuas fábulas converteriam o coração do meu paladino? O primeiro homem criado à minha forma e perfeição? Não, ele jamais lhe daria ouvidos!

Não... A profecia... Não deve ser realizada...

Sim. Ela será concluída. E, quando tudo for consumado, meu querido Loan e eu seremos um só; e desta feita escreveremos com ferro e fogo, nas costas da raça humana, a biografia de nossa cólera!

Enfurecido, Mictã indagou:

Que ligações tens com ele? E para que é necessário que ele passe por todo esse inferno?

Samantha se pronunciou com orgulho, levando aos seus ouvidos não uma resposta direta, mas sim uma história impiedosa e ao mesmo tempo intrigante.

Sabes qual seria o sentimento mais apavorante que existe no íntimo humano? O nada. Foi o que pude ver no coração e na mente de um descendente próximo da família de Loan Horsham. Uma pessoa sem consciência, nenhuma piedade e muito menos humanidade em sua moral: somente o vazio negro que, poderoso em sua força agourenta, absorvia brilhantemente a fé daqueles que estavam consigo.

Durante a sucessão de horas que se prolongavam, Mictã lutava para não se entregar à inconsciência, mas o discurso terrível da criatura parecia sugar, em etapas, cada centelha de suas forças.

Por outro lado, Samantha dava seguimento à história com um sorriso vulgar que, sem pudor algum, escapava de seus lábios.

Quando fui atraída por essa energia nova e embriagante, fiquei ali, sentada, vislumbrando, extasiada, essa pessoa dizimar tudo, não por um motivo aparente, como defender suas terras ou uma natureza maligna, matava por razão nenhuma. A mente humana desse homem foi o inferno mais sombrio e belo que já conheci.

Por um breve momento, Samantha emudeceu, deliciando-se com a narração. Com as mãos sobre o rosto, vivia a forte sensação de que seu trabalho chegava a uma conclusão.

O eremita, por sua vez, com gestos fugidos da visão da criatura, observava com reprovação aquilo que para ele não passava de um absurdo, vindo de uma grande demência.

Por outro lado, loucura ou não, pensava em uma maneira de avisar Loan o mais depressa possível. Mas se perguntava: como poder ajudá-lo, se ele estava em péssimas condições?

Seus pensamentos foram interrompidos:

Neste dia glorioso, resolvi dar os meus préstimos...

O que fizeste?

Ora, apenas dei um empurrãozinho para o desenrolar dos acontecimentos. Possuí o corpo de um javali selvagem e ataquei meu escolhido, cravando as presas no seu peito jovem. Provoquei na sua matéria estrago suficiente para dares continuidade ao meu plano. A família bem que buscou ajuda na medicina, mas foram desenganados quanto à sua sobrevivência. Restou ao meu preferido, então, permanecer agonizando em seu leito de morte. O doce som da histeria pairava no ar e, numa comunhão fraterna, abraçava a todos, inclusive o senhor William Mancalister Horsham, seu pai. Um cristão inveterado, que se tornou o escudo do filho, protegendo-o de toda e qualquer represália inconstante. Um pai que nunca deixou de repreender e de ensinar os mandamentos sacros para o jovem rapaz, apesar de todas as atrocidades cometidas por ele; uma perda de tempo, se me permites dizer. Sonhava que o filho um dia viesse a constituir família, ser um homem de bem, e levasse adiante a tradição dos Horsham.

Capítulo 6

ENTRE O BEM E O MAL

1

De certa forma, a verdade estava bem ali: a revelação havia sido consumada, Samantha Van Drighe conseguira alcançar seu objetivo, desobstruindo a última pedra que a separava do ápice da vitória.

O velho ficou desconsolado diante de tantas declarações e acontecimentos que se passaram, não só ali, como também em sua vida. Sentia-se impotente, pois exaustivamente tentou tirar os espinhos inflamados do coração do valente cavaleiro, todavia os esforços haviam se tornado inúteis.

Estava vulnerável diante dos fatos. Até mesmo seus pensamentos o traíam, dando crédito ao demônio e praticamente admitindo que estivesse coberto de razão.

É o fim para todos... - murmurou.

Observava seu corpo. Os tendões das pernas rompidos, alguns ossos quebrados, para onde iria fugir?

A descrença imperava, o coração titubeava e a esperança virtuosa prosseguia cambaleante.

Com o semblante misto em suor e sangue, numa angústia marcante, o fiel servo de Cristo deplorava-se em lamúrias, desapontado consigo mesmo.

Senhor, meu Deus! Falhei na missão que me concedeste. Permite que Vosso inimigo zombasse da Vossa Santidade; recolhei minha vida e meu espírito em Vossas santas mãos...

De olhos semicerrados, ele disse suas preces, expondo de forma cruel seu desespero.

Estás embriagado de vãs esperanças; Ele é ocupadíssimo e não se importa contigo nem com ninguém deste mundo; crê em mim - criticou Samantha. - Se Deus ama tanto os homens, explica-me então por que destruiu toda a sua preciosa criação, no dilúvio?

Mictã nada respondeu e ela prosseguiu.

Dei a vida a um dos Horsham e minha essência foi passada para outra pessoa: Loan. Agora ele, por direito, me pertence para sempre.

Mictã quebrou o silêncio aos berros:

-Jamais poderás possuí-lo! Isso nunca!

Quem se atreverá a me impedir, Deus?

Sim...

Não sejas louco... Ao teu Criador faltou capacidade para manter-me presa naquela ânfora; tampouco agora poderás me deter porque já não me restam mais empecilhos! Esse guerreiro já concluiu duas das três passagens da profecia, provando que está cada vez mais ligado a mim. Logo o colocarei frente ao carrasco de seus entes, e sua reação será a minha glória. Ele se encherá de ira, sua sede de vingança virá como uma onda de sangue e não mais se lembrará dos teus conselhos, muito menos de Deus. Ele o matará, e quando o fizer... - desferiu uma risada zombeteira - desfará a ordem de todas as coisas; com isso, fundirei meu corpo ao dele. Na seqüência, abrirei os portões do inferno e todos os meus filhos substituirão eternamente essa prole defeituosa.

Desejas tanto vingar-te de Deus? Cometerás tamanha crueldade só porque foste expulso do céu?

Minha vingança é uma pequena ferida comparada à gangrena que provocarei!

Confirmando para si sua eloqüência, dirigiu a atenção e os perjúrios para o céu, mantendo sempre o dedo indicador estendido para o alto, com toda a altivez:

"E disse o Cristo ao cego em Betsaida: O que vedes? E o cego, levantando os olhos, respondeu: Vejo os homens como árvores que andam."

E ainda glosou com escárnio:

Tu, Deus, me transformaste numa árvore horrífica; agora, transmutarei Tua criação na minha selva perfeita. E meus filhos, a nação adorada, se deliciarão dos prazeres dos quais os afastaste!

Satisfeita com as declarações atrozes, de repente se calou, percebendo que era chegada a hora de exterminar o espectador.

As chamas engoliam tudo ao seu redor e, num estado fascinante e devorador, tinha seu ardor aumentado, acompanhando o orgulho elevado de Samantha, o demônio na imagem de uma mulher nua que provou ser tão perigosa quanto bonita.

Ouve... O fogo te chama, ele deseja agregar-se a ti... Envolver tua pele com seu toque ardente...

Mictã apenas acompanhou, enraizado àquele lugar, sem mover um músculo, esperando o inevitável, que vinha na forma feminil, a passos lentos, rumo a ele que sequer protestou. Apenas observou a figura agarrar rapidamente sua parótida feito uma tenaz, aumentando sua aflição e machucando ainda mais seus ferimentos.

O coração dele fatigou, quando os olhos da agressora mudaram, numa cena fixa e aterrorizante. As córneas escureceram, como se tivessem sido sugadas para um poço negro. Roncos animais partiam da garganta da mulher, enquanto decidia o futuro da sua presa.

Mictã, quase vencido pelas agravantes lesões, relutava também contra a asfixia provocada pela mão inflexível que apertava incessantemente seu pescoço, dificultando a busca pelo ar.

Vamos... Acaba logo... Com isso...

Ela sorriu. E olhando para o inconsumível fogo respondeu:

Contempla teu fim. Vês estas chamas? Elas lembram-me a fornalha que o rei Nabucodonosor preparou para os três insignificantes: Mesaque, Sadraque e Abdnego, que se recusaram a se curvar diante da imagem feita para todos. Eles tiveram sorte, pois o Intercessor deles enviou um de seus subordinados, impedindo que fossem queimados vivos e suas almas caíssem em minhas garras.

Mesmo não oferecendo resistência, ela ergueu o velhinho ainda mais.

Mas aqui, neste lugar, não haverá anjo algum que possa te socorrer!

Mictã olhou para o céu e sorriu. Mesmo com o corpo flagelado, açoitado pelo tempo e pela violência, transmitia no olhar a paz e a alegria, deixando a mulher ainda mais irascível.

Tenho... Pena... De ti... - falou ele. - Diante... De tua própria leviandade e irreflexão em vences os céus, tu esqueceste... Um detalhe importante...

E o que é? - indagou Samantha em tom sarcástico.

Creio que irás... Assustar-te com essa revelação, estou certo disso. Podes tu... Destruir minha carne, todavia... A minha alma... Rumará para junto de Deus.

Samantha cerrou os dentes e, efetuando um movimento abrupto, atirou violentamente o homem de boa alma ao flamejante incêndio. Num êxtase maligno, a fêmea atroz gargalhou prazenteira, vendo o fogo lavrando e devorando a matéria viva do pobre servo da Luz, enquanto ela celebrava a morte de seu inimigo.

Naquele momento, em outra parte da região florestal, um destacável cavaleiro se descompunha com palavras injuriosas ao descer de seu cavalo, pois sentia o símbolo da palma da mão direita queimando.

Ele não esperou pelo resultado da dor e instintivamente se afastou às pressas da sela de sua montaria assim que avistou um rio pequeno, mais volumoso que um regato e menos que uma ribeira.

Loan Horsham caminhou depressa rumo ao riacho. Segurava trêmulo, mas com força, o pulso direito com a mão esquerda, apoiando-a. Vagarosamente, mergulhou-a com rapidez na água; em seguida, estirou-a para olhá-la. Ela latejava constantemente, devido à queimadura abrasiva. E, para seu espanto, o símbolo gravado na pele cintilava com extremo fulgor.

Simultaneamente, chegou aos seus ouvidos um som longínquo, mas perceptível, de uma risada arcana. Pensou que poderia ser obra do cansaço ou fruto de sua imaginação, mas como explicar o estranho brilho e a sensação desagradável que se originou de sua palma?

Ligou as coisas e logo concluiu:

Mictã? Meu Deus... Não pode ser...

Num estalar ligeiro, a memória devolveu-lhe os conselhos que recebera de um amigo, e que erroneamente ignorou: "Chegará o dia em que enfrentarás teu destino, pois o diabo é astuto em ludibriar os homens e mentirá, para que creias em sua palavra e caias no profundo abismo".

Novamente, um som chegou-se até ele, mas, dessa vez, na forma de um grito lancinante de agonia. Loan emudeceu assim que a voz invadiu a vastidão de sua mente. Conhecia aquela voz.

Uma onda de culpa percorreu seu ser, pois o eremita o havia honrado em seu humilde casebre. Em troca, recusou-se a aceitar seus conselhos, que iriam mudar a vida de toda a raça humana.

Ele se consumiu pelo remorso, e não importava quanto tempo isso levaria, mas decidiu voltar e reparar seu erro e ao mesmo tempo auxiliar seu amigo do perigo que corria.

Usando de puro instinto, abandonou todos os planos de vida e, montando apressado na sela de seu cavalo, pôs-se a galopar o mais rápido possível. Percorreu ligeiro a mesma trilha por onde viera, seguindo rumo à choupana do bondoso velhinho.

- Resiste amigo... Estou indo. Nunca me perdoarei... Se algo te acontecer... - balbuciou para autojustificar-se, mas a tensão roubou sua voz.

E o que o fez silenciar? Sua consciência, que o torturava com pesadas retrospectivas, cobrando e exigindo uma posição por seus atos e suas falhas. O bravo cavaleiro rumava para mais uma verdade inesperada. Sua intenção? Redimir-se, salvando seu amigo, uma façanha que não podia mais ser concretizada.

Parecia que o bosque estava cheio de revolta. Todas as pequenas criaturas por ele avistadas, os passarinhos piando e os corvos crocitando, os insetos zumbido ruidosamente perto dele, e a disparada correria e os ruídos de esquilos e camundongos silvestres pelos troncos e galhos das árvores, a flora, tudo tomava um aspecto ainda mais assustador. Era como se toda aquela vida natural o chamasse de covarde.

Loan sabia disso, e o desconforto de alma aumentava à medida que penetrava ainda mais fundo no coração do santuário da mãe-natureza.

2

Os trovões anunciaram sua chegada à floresta verdejante, com a água chorada pela atmosfera, que desabava em abundância. A natureza estava em murmúrios, pranteando a perda de um irmão solidário que outrora enchia a mata com a magia contagiante de suas estórias.

Já mais calma, na flora restava somente uma chuva fria e fina, atada a uma leve brisa, provocando um rumor brando similar à aragem e produzindo movimentos tênues nos galhos e ramos das árvores.

E lá estava ele, Loan. Atordoado pelo trágico acontecimento, reprimia-se energicamente, recusando-se a se perdoar. Com reprovação, notou que o fogo havia consumido não só a casa de seu amigo, mas também um bom número de árvores que embelezavam com o verde aquela pequena cabana. Algumas estavam tombadas e outras ainda permaneciam de pé, mas deixavam claro ao espectador presente que sua pele arbórea havia sido gravemente chamuscada. Mesmo com as cinzas encharcadas pela chuva, podia-se aspirar o cheiro da madeira queimada.

Contristado, andou em seu cavalo ao redor dela, estendendo o olhar por onde passava. Mas o que encontrou eram os restos calcinados daquilo que um dia foi o lar de um homem solitário.

A tarde estava sombria, a vastidão nebulosa cobria o Sol, que vagarosamente abandonava o céu, para logo mais dar lugar à noite. Fugia com seu brilho para o horizonte, para não ver a barbaridade que fizeram ao filho da mata.

Num trote lento e suave, o guerreiro do leão inclinava para um lado, depois para o outro, procurando, diligenciando cada centímetro do lugar, na esperança de ao menos encontrar o cadáver carbonizado de Mictã, mas nada foi achado ali.

Então, um breve silêncio tomou conta do coração do inglês, aumentando ainda mais seu remorso. Assim, pulou da montaria e começou a andar sobre as cinzas molhadas. Em cada pisada, o estalar de galhos e paus queimados traziam ao seu coração o peso da responsabilidade e a acusação de sua parcela de culpa por aquele infortúnio.

Toda a beleza existente ali, naquele pacato lugar, extinguiu-se completamente, deixando somente o vazio na alma de Loan, que, num estado reflexivo, parecia poder sentir a flora e a fauna julgando-o, chamando-o novamente de covarde, por sua falta de bom-senso pela morte do eremita. Começou a ficar mais difícil respirar, pois a aflição causou um buraco de transtorno em seu peito; o ritmo dos passos começou a titubear e a mente foi entorpecida pelo pecado enquanto avançava.

Mictã... Devia ter acreditado em ti... - murmurou em tom amuado de voz. Seus pensamentos o levaram a relembrar momentos, relatos e conversas que teve com pessoas que quiseram seu bem:

Onde estou? Que faz uma mulher grávida aqui neste lugar?

Estás seguro em minha cabana, eu te encontrei...

Rúbia... - os lábios dele estremeceram, quando o nome da amada saiu quase sufocado da boca.

Terás que nascer de novo; por meio do renascimento de espírito ostentarás a força em Cristo para poderes vencer o demônio!

Frei Zélothy, como poderia esquecer... - Loan meneou a cabeça. Finalmente, surgiu a amarga visão de Mictã:

Só tu poder ás escolher a porta por onde debes entrar... a porta por onde debes entrar...por onde debes entrar...

Por vezes incontáveis, o eco daquela voz circundou sua mente, torturando-o, sufocando-o, até não poder mais suportar.

Puxando fundo a respiração, Loan libertou de sua garganta gritos incontidos, que repercutiram por toda a vasta mata.

Deus! Por que me castigas tanto? Que ato terrível pratiquei contra Ti para que venha merecer tudo isso?

E exclamou:

Demônio miserável! Tiraste as pessoas a quem me afeiçoei do meu convívio, porém não terás minha alma!

E caiu em prantos, prostrando-se de joelhos. Colou as mãos às cinzas e lamentou muito não ter estado presente quando seu amigo precisou, como também por não haver colhido as pérolas da sabedoria que aquelas pessoas lhe ofertaram. E ele chorou, com uma mágoa profunda que se aninhou no íntimo unida a uma lástima infundável, que foi a perda de sua família.

Sentiu que todo aquele martírio era uma cruz pesada demais para um só homem carregar. E seu coração, que ostentava a dureza provinda do aço do orgulho, agora simplesmente se dissolvia.

Loan sentiu-se impotente, pois, embora tivesse lutado em inúmeras guerras e testemunhado tantas mortes, até o momento não pôde impedir quem ou o que fez tudo isso, esparramando esse terror de caos e medo.

A solidão tornou-se sua companhia e a noite adentrou, engolindo o dia. Ficou horas intermináveis nas trevas da consciência, sentado sobre as cinzas, derramando em lágrimas de sangue o pesar pela culpa que sentia.

O som retumbante da pesada porta de carvalho ressoou por todo o mosteiro, deixando inúmeros monges e frades preocupados. O pároco, avisado às pressas, seguiu de imediato à entrada, para atender um visitante inesperado.

Alguns deles murmuravam temerosos, outros se acomodavam junto ao prelado, curiosos, querendo receber de braços abertos aquele que poderia ser um novo integrante de sua família paroquial. Ao abrirem a porta, todos embasbacaram menos o abade, que demonstrou um olhar de contentamento. Mas quase todos deram graças a Deus por verem novamente seu irmão na fé, vivo e de volta ao lar, exceto um que, revoltado, não concordava com o que estava acontecendo.

Ora, ora! O filho pródigo à antiga casa retorna! Vede irmãos, se não é o desertor dos caminhos sacros, *Loan Horsham*, que nos deixou, preferindo abandonar a santidade com Deus para lutar numa guerra fria e sem propósitos religiosos.

A perplexidade estampou-se na face de todos, admirados com a audácia do monge.

Em nossas orações, pedimos ao Senhor a presença de uma ovelha desgarrada, para se juntar conosco no aprisco de Cristo e, no entanto, vens tu? - completou o irônico servo da Abadia.

Loan olhou-o em silêncio.

Antes que pudesse dar prosseguimento às palavras desadoradas, aquele, que é o mais velho frade, foi preendido pelo primeiro prelado:

Cala-te!

O frade, acatando a ordem de seu superior, emudeceu de imediato, enquanto o abade, parando frente a ele, o olhou firmemente nos olhos.

Irmão Simon, por que te mostras inoportuno, atacando este servo de Deus? E totalmente incontestável a maneira indecorosa do teu testemunho! Temos em nós o espírito da caridade, uma obrigação cristã! Abrigaremos, recolhemos e aceitaremos qualquer um que venha até nós, clamando ajuda; e até mesmo uma "ovelha desgarrada" que pertenceu a esta ordem. Faça-nos saber de um motivo justo e deferido para que possamos deixar de atender este homem... Ele existe?

O frade, envergonhado frente aos seus irmãos, apenas concordou:

Não... É claro que não, reverendo.

Ouvindo sua resposta, *Horaldy*, como era conhecido, colocou a mão sobre seu ombro:

Então, sê indulgente e retira-te ao teu aposento, ajoelha-te e busca o perdão, como também o fim da tua indômita soberba.

Envergonhado, o monge se retirou sem olhar para trás. Então, sem mais nada a declarar, o abade pousou seu olhar de contentamento sobre o cavaleiro.

És bem-vindo a esta humilde abadia, sir *Loan* - disse, estendendo-lhe a mão.

Loan sentiu-se pouco confortável com a situação, mas não se desviou do propósito com que viera.

Reverendo *Horaldy*, vim até aqui porque preciso muito partilhar o peso que carrego comigo. No entanto, creio que causei problemas nesta casa santa com minha presença; assim, acho que devo ir embora.

Meu caro *Loan*, vejo que estás abalado, como da primeira vez em que nos visitou. Achei que jamais nos veríamos de novo. És, como todos, um filho amado e integrante desta família que o recebe de braços abertos.

Horaldy surpreendeu *Loan* com um forte e amigável abraço, e mesmo sem entender quase nada não reprimiu os outros monges, que se achegaram até ele e o receberam calorosamente.

Deves estar cansado e com fome. Vamos, vem comigo; oferece-nos tua agradável companhia.

Mesmo um tanto sem jeito pelo acontecido, a maneira e a atitude carinhosa do abade arrancaram-lhe um pequeno sorriso e convenceram *Horsham* a aceitar o convite, embora seu coração estivesse sufocado pela angústia.

Antes que prosseguissem, o prelado dirigiu uma ordem aos outros monges, para que cuidassem do cavalo do recém-chegado hóspede. E assim foi feito.

Sentado à mesa, os minutos passados pareciam horas. *Loan* pouco se interessou pelo tenro pernil, contudo deliciou-se ao beber do sumo da uva feito pelos próprios membros da abadia. Ele mal tocou na comida, porém deu-se por satisfeito em sorver aquele bom e suave vinho.

Um dos frades comentou espantado, em voz baixa, com seu companheiro, no instante em que retiravam os pratos da mesa.

- Viste isto, irmão Cloud? Esse homem, pela quantidade que bebeu, deveria estar desmaiado; no entanto, nem pestanejou.

O comentário foi feito enquanto passava um pano úmido sobre a mesa respingada de vinho.

Nesse meio-tempo, o visitante de rosto viril, mostrando sua pele morena, dirigia-se ao salão, onde era pacientemente aguardado pelo reverendo Horaldy.

Loan sempre teve muita confiança nele. Um verdadeiro mentor, um segundo pai que o auxiliou no momento mais crucial de sua vida. Esse homem o ajudou e o instruiu religiosamente, a partir do momento em que ingressou pela primeira vez no mosteiro.

Chegando ao local almejado, o cavaleiro se deteve por um instante, enquanto um dos servos abriu-lhe a porta. Loan sentiu um estranho arrepio assim que adentrou o recinto de reuniões, surpreendido pelo fechar da porta e resgatando os sons do passado. Um pensamento lhe veio à lembrança: recordou o dia em que foi ter uma árdua audiência com sua eminência no castelo, pois havia estado com ele em uma sala semelhante àquela.

Deixado a sós com Horaldy, ocorreu-lhe que, por uma coincidência ou ironia do destino, o homem que o aguardava também era um ministro eclesiástico. A única e grandiosa diferença estava na índole, e na mão, que sempre esteve estendida a qualquer um que precisasse.

Então, o atendente religioso sinalizou, pedindo a aproximação. Próximo a ele, o dignitário estendeu a mão apontando-lhe uma cadeira, para que viesse tomar um lugar à mesa, onde se sentou.

Ansioso, o reverendo se pronunciou:

Não sejas acanhado, meu rapaz. Sei que existem motivos fortes que te trouxeram a este monastério, pois vejo nos teus olhos a aflição.

Dessa forma, Loan iniciou a narração da trágica história que o levou a vir pedir-lhe conselhos. Ficaram ambos ali, sentados por horas, enquanto Loan exprimia suas preocupações. O sacerdote, o tempo todo, não disse uma só palavra; apenas dedicou plena e total atenção ao moço.

Loan comentou sobre seus dias após a guerra, quando conheceu o velho ermitão que morava no coração da floresta. Falou que havia também, agora, reconhecido a veracidade das palavras e do perigo que corria por ser a peça-chave de um audacioso e perigoso vaticínio.

Na sua juventude, havia recebido cedo as instruções e os mandamentos principais da Igreja, sendo preparado o melhor possível para viver e conviver com as pessoas. O que não sabia, e até temeu, foi ter conhecido o sobrenatural, não que isso o tenha impedido de ser um defensor das causas nobres e justas.

Sua grande vulnerabilidade, explicou, era a solidão. Não tinha um rumo a seguir e muito menos pelo que lutar, já que as pessoas que o amavam estavam mortas.

Nesse instante, o cavaleiro percebeu a expressão risonha na face enrugada do abade. Perguntou-se se havia dito algo que provocasse aquela reação.

Horaldy, por sua vez, via-o como um homem inexperiente, que estaria passando por seus primeiros problemas e decepções. Então, quebrando as correntes do silêncio, começou a falar:

Loan, meu rapaz, estamos numa era difícil, quando inúmeros homens que almejam o poder reúnem exércitos e mercenários impiedosos... Eles matam nosso povo, saqueiam e queimam os lares dos pobres aldeões. Sei também que existem esses assassinos, verdadeiros animais que sacrificam donzelas para algum tipo de ritual pagão, no intuito de conseguirem a realização de seus desejos mundanos. Contudo, devo dizer-te que este velho eremita mentiu. É correto que deves ter o conhecimento de Deus, todavia não tens a autoridade divina para prever uma profecia tão medonha como essa.

Loan silenciou.

Teu amigo, que atende pelo nome de Mictã, perverteu as leis cristãs, como também não possui mérito algum para exercer um ministério e evangelizar quem quer que queira. Para tal, existe o conselho

eclesiástico, cujos membros são nomeados por sua Santidade, o Papa, que designa um responsável para zelar pelos assuntos da Igreja e da comunidade católica.

Loan tentou falar, mas foi interrompido por gestos.

Compreendo o que queres dizer, meu rapaz, mas responde-me: como podes dar crédito a este homem que não provém de nenhum título do clero, como também não possui nenhuma paróquia para abastar os corações aflitos?

Sei disso reverendo, é que ele...

É um profeta? Irias dizer-me isto?

Não saberia dizer-te ao certo. Tudo que sei é que senti a paz e a virtude emanando daquele homem. Suas palavras mexeram profundamente com meu coração.

Horaldy irritou-se:

Ouve bem! Nos tempos remotos, em que Cristo andou sobre a Terra, ou até antes dele, existiram profetas que realizaram verdadeiros prodígios mediante a fé em Deus. Mas agora os emissários estão mortos, cobertos pelo manto da terra. E os milagres? Consumidos pelo esquecimento e perdidos pela vastidão do tempo. Após isso, vieram somente os falsos atalaias, que se tornaram uma praga por todo o mundo. Por causa desses acontecimentos instituíram a Inquisição, para darem um basta a essa alcateia devoradora que tenta perverter a nação.

Apoiado sobre um de seus cotovelos na mesa, Loan permanecia intrigado, até que disse:

Diz-me, reverendo, se os milagres não existem, qual é a importância das Escrituras Sagradas nos dias de hoje? Como iremos nos salvar se não existir um caminho, um meio de acendermos a fé num futuro melhor?

O tom de voz daquele homem causou certa indignação ao abade, que retrucou:

Digo-te que as palavras escritas nesse livro são puras e verdadeiras, as quais, nós do sacerdócio composto, temos o dever de ensinar às pessoas, alimentar as almas aflitas por misericórdia, levá-las ao caminho da retidão perante Deus. Todavia, elas não nos dão a garantia de herdarmos ou não o céu.

E por quê?

Há nas escrituras uma passagem em que Jesus falou ao povo: Nem todos que dizem "Senhor, Senhor" entrarão no reino dos céus. Tu a conheces?

Sim.

Ele prosseguiu dizendo:

E muitos se achegarão ao Pai, falando: "Senhor, em teu nome curamos os enfermos, expulsamos os demônios e pregamos o evangelho conforme tua vontade". E claramente Ele lhes dirá: "Apartai-vos de mim todos vós, pois eis que não vos conheço". E, por causa desses falsos profetas, muitos se perderão por falta de fé. Temos apenas que acreditar, mas nunca teremos a certeza se vamos ou não morar na "Nova Sião".

Horsham protestou:

É do teu saber o grande respeito e admiração que tenho por tua pessoa. Por isso, insisto em dizer-te que Mictã deu a vida para me ajudar. Portanto, não creio ser justo que o julgues como um falso mensageiro, pois ele não está aqui para se defender.

Horaldy o contradisse:

Loan, qual é a lei primordial da Inquisição? Não seria a de julgar e condenar um herege, assim que se comportasse mal ou demonstrasse coisas que não fossem determinadas por Deus? Pois bem. Esse Mictã encaixa-se nesse quadro. Se não fosse um blasfemador e corruptor da moralidade cristã, não teria sido queimado pelas mãos do "Criador", mas sim salvo pelos anjos, para que muitos conhecessem sua pregação de fé.

Sentindo-se insultado, Loan experimentou um sentimento contrário ao que queria. A aversão daquelas palavras queimou como brasa seu interior, fazendo-o explodir em ira.

Reverendo Horaldy, o que aconteceu contigo? Vim até aqui achando que poderias confortar-me com as palavras de um verdadeiro amigo, no entanto me açoitas com declarações infames e vis! Não te reconheço mais. Esqueceste a pessoa amável que foste? Lembro-me do meu convívio com todos nesta irmandade, e sei que jamais dirias a alguém tamanhas monstruosidades. Como disse, não te reconheço mais!

Horaldy simplesmente sorriu para ele, talvez por saber que se encontrava sobre uma forte pressão.

Meu jovem, não era minha intenção magoar-te. Diz-me o que pode este velho frade fazer por ti?

É com grande tristeza, reverendo, que percebo que o tempo te tornou um homem amargo e arrogante. Já que desacreditas das palavras de Mictã, então não há mais nada o que fazer aqui, senão acatar os conselhos de meu finado amigo e sair o mais rápido possível desta terra condenada. Agradece aos frades pelo bom vinho que me serviram e passa bem.

Com um aparente olhar de decepção, engoliu em seco e, em seguida, deu-lhe as costas, encaminhando-se à porta de saída. Decidido, e correto quanto à decisão, levou a mão direita até a aldrava, quando de repente teve sua atitude freada por uma voz animalesca que profanou aquela sala, fazendo-o, por instinto, voltar-se. Um rugido estridente e grave veio logo em seguida, ameaçando sua partida daquele recinto.

Tomado de sobressalto, Loan ficou boquiaberto quando vislumbrou a figura de uma mulher sentada onde antes estava Horaldy.

Não te vás ainda. Lembra-te: não disseste que iria provar de tua bravata? - indagou com ironia.

O que fazes aqui, criatura do demônio?

Ela o olhou firme, como se fosse um leão espreitando sua presa.

Tu és inteligente? Por que não descobres o motivo por ti mesmo?

Onde está o reverendo Horaldy, que fizeste com ele?

No poço. Mas eu não beberia daquela água se fosses tu; creio que ela ficou um tanto poluída. Ah! E, por questão de preceitos, tive de usar a pele dele para falar contigo.

Tu o mataste? - perguntou Loan, encolerizado com a mulher que se expressava de maneiras sarcásticas.

Queria ver a quantas andava a fé dele, então te revelei meu "eu" verdadeiro. A reação dele foi uma surpresa. Só depois de ouvir seus incontáveis gritos concluí que todos esses eclessias não passam de uma grande e adorável fraude.

Convencida e debochada, Samantha falou das pessoas que cruzaram o caminho de Loan.

Tu és digno de elogios, ao contrário da escória que conheceste. O tolo Zélothy, que teve a audácia de te dirigir a palavra; o infame Mictã, que te pregou uma rede de mentiras, e a patética camponesa, que tentou roubar-te o coração.

E deu seqüência:

Devo dizer-te, com grande satisfação, que és digno de mim, não me decepcionaste ao não dares créditos a essas artimanhas dos mortais, cavaleiro do leão.

Loan avaliou a situação com ampla cautela, ainda que sentisse o ódio invadindo seu coração.

Numa reflexão rápida, concluiu que, apesar de seu oponente ser uma mulher, também era bastante voraz. E já estava mais do que na hora de pôr um fim a esse desfecho.

Num impulso desenfreado, Horsham travou os dentes e, veloz, liberou a espada da bainha, investindo um mortífero ataque contra a feiticeira, que apenas observou sua reação, sem mover um músculo sequer. A lâmina prateada esfuziou o ar, decepando e separando o crânio da mandíbula, desfigurando de forma brutal sua matéria. Porém, a atingida não tombou, apenas gesticulou com o dedo, num sinal de negação, informando por sinais ao seu agressor que seu ato havia sido em vão, enquanto sobre uma cratera vermelha engolfada por um chafariz escarlata a língua ensangüentada, e ainda intacta, serpenteava por entre músculos e maxilares mutilados.

De repente, numa manifestação pavorosa, as bicas de sangue pararam em pleno ar, sendo em seguida sugadas para o interior da abominável figura. O líquido que jazia esparramado pelo chão e pelas paredes

retornou rastejante em sua direção, escalando, até atingir o local de origem, começando a unir-se e a moldar-se no formato de uma nova caixa óssea, cobrindo cérebro já restituído, restaurando a parte superior e posterior da cabeça.

Na seqüência, uma chama emanou da traqueia exposta da criatura, envolvendo todo o molde. Contrariando todas as leis da natureza, o crânio e os cabelos foram restaurados, reconstituídos novamente por aquela chama infernal.

Loan manteve-se quieto, horrorizado pelo que via. Logo, o cavaleiro compreendeu que as palavras do anjo eram de fato verídicas, ao poder então contemplar a vivacidade da situação em que se encontrava: um beco sem saída. Era esse o inimigo que a espada não podia matar, e o que era pior: mesmo sendo eterno, teria que combatê-lo. Mas como faria isso?

Terminada aquela sessão de horror, a massa de cérebro e sangue também desapareceu totalmente do chão, no momento em que a flama ardente terminou de esculpir novamente a face de Samantha.

Perplexo, Loan retrocedeu alguns passos, vendo que o rosto da mulher ostentava uma beleza ainda maior que a de antes. Seu corpo faria exércitos inteiros se prostrarem e beijarem os seus pés; porém, por detrás daquela escultura feminina de contornos perfeitos, escondia-se um animal sanguinário que devoraria uma alma num simples abrir e fechar de boca.

Caminhei por eras, através das imensidões de outros mundos, viajando nas vastidões de outras galáxias, à procura de uma alma pura nascida das trevas. Não de alguém convertido para viver no mal, mas gerado pelas entranhas do próprio mal.

O quê? Estás variando? O que queres dizer com isso? - perguntou Loan, sem compreender coisa alguma. Estou ligada a ti, como tu estás ligado a mim. Somos o útero e o feto, unidos num só preceito: renascer - declarou a mulher, estendendo os braços em direção a ele, na nítida impressão de querer abraçá-lo.

Loan, por sua vez, retomou às pressas a guarda, segurando firme o cabo de sua espada.

A única coisa a que me ligarei, espírito imundo, é à minha espada, para decepar novamente sua cabeça! Não tens escolha, filho meu; terás de cumprir teu destino, pois ele está traçado. Contudo, ainda não estás pronto, há um mero detalhe. Vem até mim, deixa-me libertar-te deste insignificante tabernáculo de carne; sente em teu ser minha essência, o poder absoluto; permite que eu te faça imortal.

Prefiro ser servido como comida aos porcos, miserável!

Tomada essa resolução, o jovem moço agarrou a aldrava e começou a sacudi-la com violência. Entretanto, a porta não se abria, ao mesmo tempo em que a perigosa mulher se aproximava ameaçadoramente.

Percebendo o despertar do pânico no coração daquele homem, ela parou por instantes e disse:

Num ponto, há uma certeza. O verme que matei na floresta tinha razão. Há somente duas portas e só por uma delas debes entrar. É chegada a hora de escolher, cavaleiro do leão!

Loan se deteve ante aquelas declarações.

Escolhe! Fica comigo e eu te levarei para o esplendor da eternidade suprema. Rejeita-me e entrarás pela porta obscura da verdade nua e crua. Reflete bem; os efeitos podem ser catastróficos na tua vida, e para sempre. Tua alma sofrerá; as feridas serão enormes e nunca poderão ser cicatrizadas!

Aquelas palavras mortificantes penetraram no íntimo do inglês. Loan inspirou fortemente o ar à sua volta e o expirou em seguida, abaixando a cabeça, num momento solitário de reflexão. Num gesto único, tomou a decisão definitiva. Agindo rápido, na velocidade de uma raposa, conseguiu com muito esforço abrir a porta e transpô-la. Samantha, por sua vez, somente observou, e, antes que pudesse tomar qualquer iniciativa, a pesada porta se fechou, separando ambos.

Loan, assustado e ofegante, se viu sozinho na entrada da sala. E, como se não bastasse, seus sentidos ficaram ainda mais confusos, pois todo o mosteiro havia sumido. Deu alguns passos e notou que a única visão que tinha naquele momento, num ângulo completo, era de um pasto verdejante e nada mais.

Tomado pelo espanto, levou as mãos ao rosto. Não acreditava no que estava acontecendo; a consciência oscilava entre a razão e a fantasia, sentia-se numa prisão sem muros, achando que a mente poderia estar enganando-o com um delírio causado pelas imagens atrozes que presenciou. E ainda assim murmurou baixinho.

Passado o espanto, deixou de lado seus pensamentos, que pareciam infundados diante daquela visão toda. Correu seus olhos pelo céu e contemplou o estampar do véu anil. As montanhas serenamente expunham suas formas vislumbrantes. Até pôde sentir a brisa fria alisando docemente sua face cansada.

Sua atenção tomou um novo rumo. Seus ouvidos agora captavam sons indistintos, vindo de longe. Pensou, no início, que fossem tilintares em sua cabeça, mas o som vinha de algum lugar adiante. Enleado, ele se dirigiu à beira de uma ladeira, na certeza de que o barulho partia dali, pois a cada passo seguido naquela direção os sons tornavam-se mais audíveis e repetitivos.

Na beirada da encosta, suas mãos se comprimiram ao vislumbrar a fonte da emissão sonora. Surpreso pela ampla vista, Horsham se assentou sobre as gramíneas. Depois, apalpou-as com força, para calcular a vivacidade daquele gramado. Arrancou, então, um punhado de grama para avaliá-la mais de perto. Sentiu a terra úmida escorregar por entre os dedos e o cheiro do gramado impregnar suas narinas, provando o que queria saber: elas eram bem reais.

Levou sua atenção para o campo, que estava salpicado pelo branco de um grande rebanho de ovelhas, admirado pelo avantajado número de ovinos pastando tranqüilos, passeando e badalando as sinetas em seus pescoços. Andavam umas com as outras, protegendo e acompanhando seus rebentos.

A manhã prenunciava-se fria, mas não nevoenta.

Loan, embaralhado pela situação em que se encontrava, inclinou-se para frente, buscando uma melhor visão e, mais adiante do rebanho, viu um suntuoso casarão com tonalidade esmeralda, talvez pertencente a algum senhor feudal.

Horsham pensou que, se fosse até lá, poderia encontrar alguém que lhe explicasse um pouco suas alucinantes dúvidas. Queria respostas, dar um término a esse pesadelo que o mantinha aprisionado. Seu coração dizia para que não fosse, mas a visão formosa daquele lugar convidava-o a ir.

Ele refletiu sobre as parábolas e os conselhos edificantes e consoladores do velho eremita, impulsionando novamente sua fé, que estava adormecida, embora as tivesse ignorado anteriormente. Havia sido atormentado por profecias cruéis e desumanas, fecundando em sua mente e alma a semente do ódio. Estava num impasse: mantinha-se entre o bem e o mal, numa batalha na qual não se podia prever o vencedor, pois a decisão estava nas mãos de um humano que possuía o livre arbítrio.

Mas Loan era persistente em não se deixar abater por forças contrárias. E, decidido sobre o que fazer, pôs-se de pé. Colocou as mãos nos quadris e novamente encarou a mansão com ampla firmeza. Tomou o caminho e, descendo vagorosamente aquele cimo verdejante, passou pelo rebanho de ovelhas, que pareciam nem se incomodar com sua presença. Ele, porém, não notou essa particularidade, sentindo-se perturbado com a amargura que residia feito uma broca nos pensamentos, perfurando dolorosamente seu espírito, passo após passo, manifestando-se na lembrança fútil de sua vida amarga.

À medida que o cruzado aproximava-se das imediações da mansão, sem que percebesse, as ovelhas cessavam a pastagem para o observar. E, num ritmo simultâneo, começaram a berrar como se quisessem avisá-lo de algo. Mas o cavaleiro, hipnotizado em desvendar todo aquele mistério, não lhes deu um fio de atenção. O que estava em jogo era sua honra, uma questão de opinião, refletiu. Fugir do que o esperava era apenas adiar o inevitável, presumia, por razões próprias.

- Se é assim que deve ser, assim o será. O que lá existir, eu descobrirei e enfrentarei. Em nome de Cristo, não mais fugirei desta monstruosidade. Por meu desvelo tardio, pessoas inocentes morreram tentando ajudar-me! - afirmou, imputando a si a responsabilidade total da situação.

Ele saltou a cerca que rodeava a mansão, pois a porteira estava lacrada com correntes. Prosseguiu apressadamente pela calçada de pedra, até chegar à frente de uma porta escura.

Por inúmeras vezes bateu, em vão. Nem os criados nem os proprietários atenderam à porta. Não havia nenhuma alma viva para recepcioná-lo.

Espantado, arriscou um palpite:

- Há algo muito estranho acontecendo aqui. As ovelhas não estavam sendo pastoreadas neste campo por ninguém. E como se as pessoas tivessem sumido todas de uma só vez.

Já irritado, tomou rapidamente a aldrava e a sacudiu com força. De repente, num ruído súbito, a grande porta abriu-se suavemente. Ele observou emudecido aquele estranho fato, contudo, não se apavorou.

Sentindo a valentia possuir seu corpo, reuniu toda a prudência possível a uma velha serpente e adentrou vagarosamente aquela casa. Assim que o combatente penetrou na casa, ao contrário de antes, a porta bateu violentamente.

Espantado, arregalou seus olhos castanhos. Nesse ínterim, algo surpreendente aconteceu: não havia cômodos nem mobílias, muito menos janelas; apenas um corredor estreito e comprido, iluminado por archotes inflamados. E lá estava ele, o único homem que teve a ousadia de desafiar esse desconhecido.

Sem dizer uma palavra sequer, percorreu o corredor espelhado a passos lentos e cautelosos. Quanto mais à frente seguia, maior era a fulgurância das chamas. Mesmo assim, prosseguiu certo de sua preparação para enfrentar qualquer coisa que atravessasse seu caminho. O único contratempo que não queria sentir era o abraço daquela mulher horrenda.

Andou muito por aquela longa passagem, até que finalmente se deteve, admirado ao deparar com uma luz ofuscante mais adiante.

Loan ficou parado. Após um breve instante, o brilho se atenuou e seu olhar trafegou por um salão gigantesco, sombrio e gélido, onde as paredes entravam em plena convulsão, como se milhões de criaturas serpenteassem dentro delas.

Fixou seu olhar num altar branco de mármore, delineado por um feixe incerto de luz, de tonalidade branca, que pousava sobre ele. Adquiriu novos contornos assim que o brilho se avantajou, expondo a cabeça enorme de uma cobra acima dele, cujos dentes inferiores sustentavam o altar de pedra, uma obra arquitetônica impressionante, que ultrapassava o conhecimento humano.

Então, quando a luz se tornou ainda mais branda aos olhos, a curiosidade do inglês foi atiçada, tornando-se ainda mais ávida que o fogo dos archotes. Sobre a mesa do altar, um livro repousava intocável, e visivelmente se podia constatar que sua capa era constituída de pele animal.

Mesmo receoso, a certa distância, ele retomou sua marcha, seguindo na direção daquele artefato estranho. Em meio aos passos, uma vaga lembrança passou-lhe pela mente: as advertências ditas por Zélothy, num segundo encontro que tiveram.

... submeter-te-ás a uma difícil escolha. Andarás sobre o corpo da serpente do desconhecido, encontrarás em sua boca a verdade na forma de páginas, revelações de vidas passadas, que lhe envenenarão a alma.

Algo o trouxe àquele templo macabro. Ele pôde sentir que a verdade estava próxima, fato que iria mudar totalmente sua vida.

Se o que estava acontecendo era ou não favorável, disso não tinha conhecimento. A única coisa que competia a ele era saber qual era o conteúdo do livro e a verdadeira reação que lhe causaria desvendá-lo.

De frente para o livro, soltou um suspiro de pasmo que lhe arrebatou a calma e enrijeceu todos os músculos do corpo, quando leu um nome escrito em uma pequena placa de metal fixa na capa.

- O diário de W. M. Horsham? - exclamou. - Seja qual for tua artimanha, não obterás êxito algum, monstro!

Fixou-se ali mesmo, sem se mover, observando duas letrinhas abreviadas, mas com o nome incrivelmente nítido gravando-se feito ferro em brasa nos sentimentos desse homem.

Seu coração batia fatidicamente, deixando um nó preso na garganta. A claridade tomou um aspecto sinistro, quando as mãos do guerreiro, ainda que trêmulas, tocaram a superfície do diário.

O corpo sofria num estado de aflição, a boca balbuciava, enquanto a face minava gotas frígidas de suor. Sentia dificuldade de seguir em frente; por outro lado, a curiosidade soou de forma inquietante, forçando-o a invadir a privacidade daquele manuscrito. Instigando-o a descobrir quais eram os segredos que envolviam um dos membros de sua linhagem.

Ele não pôde se conter. Decididamente, abriu a capa dura e sinistra, e o que viu foi apavorante: das linhas escritas em suas páginas amareladas, subiu uma lufada forte, trazendo consigo o fedor do sangue daquela caligrafia perfeita de cor vermelha escura. Ele resistiu com coragem ao cheiro apodrecido e começou a lê-las. E o que elas diziam agia como impressão sensível na mente deturpada daquele leitor.

E assim estava escrito:

"Antes que meu espírito parta deste mundo de enganações, deixo a qualquer um que possa interessar estas minhas últimas revelações, transcrições ímpias, porém verdadeiras, escritas com meu próprio sangue, condenado e abarrotado pela culpa.

"O crime que pratiquei foi imperdoável. Abdiquei da joia que meu Deus pôs em meu coração para trazer um mal voraz em nossas vidas. Feito um cão que retorna ao próprio vômito, vendi a alma ao demônio, só para sustentar o prazer ilusório de manter a felicidade viva em minha esposa.

"Rosalyn e todos que amei estão mortos. E tudo o que me resta agora é atravessar as portas do suicídio, que me receberá calorosamente, transcendendo todas as categorias de loucura e de desespero. Depois, sem hesitar sequer, esse lugar de pavor sentirá o cheiro da minha alma recém-chegada, onde os que gritam nas sombras, os seres arcanos, os filhos da danação se precipitarão feito vespas sobre mim. E de dentes afiados, cujas bocas, outrora em vida, proferiram blasfêmias, se banquetearão profusamente do meu eu impuro'. E o inferno que foi formado e temperado pelos pecados dos mais antigos e profanos seres fará jus ao nome que tem, pois não permitirá que meu sofrimento termine.

"A força negra que emana deste lugar fará repor nos ossos a carne que havia sido devorada, permitindo aos caídos que ali habitam degustar-me para todo o sempre.

"Mesmo sabendo que para tudo existia um preço, nem sequer me deixaram perceber a cruel maneira pela qual tudo foi procedido. Esse valor foi cobrado por aquele que mais amei e pago com o sangue e as almas de minha própria estirpe."

O escrito prosseguiu e a terrível história dos Horsham se apresentou a Loan.

Ligeiramente inconformada, Rosalyn mordia os lábios angustiada, abraçando com toda força sua irmã Mary, que também pranteava lágrimas de sangue.

O médico havia desenganado os presentes quanto ao quadro clínico do rapaz, informando-lhes com pesar que seu filho de apenas catorze anos iria descer à sepultura.

O ataque voraz e mortal de um grande javali foi motivo suficiente para trazer-lhe graves danos no tórax e no abdômen. Porém, o que o médico não conseguiu compreender foi por que o animal não o matou no local. E como as presas do porco, após uma agressão tão brutal como essa, apenas riscaram de leve a pele de seu coração, sem atingir a aorta e as artérias?

Contudo, perdera muito sangue. Ao ouvir as palavras negativas quanto à salvação do mancebo, a primeira reação de Rosalyn foi de histeria e incredulidade. Ela despira-se do manto da fé, blasfemando perante os céus, dizendo que jamais aceitaria a morte do filho como vontade divina.

Aquilo foi uma bofetada na face de William Mancalester, seu esposo, que muito contribuiu para manter essa família unida. William ainda se lembrava das lágrimas choradas por sua esposa, que suplicava a Deus que concedesse em suas vidas a graça da presença de uma linda criancinha.

Agora, uma onda de tribulação em um só momento fez derribar anos de uma vida cristã, quando, por muito tempo, lutaram e conquistaram seus bens conforme os preceitos religiosos.

Mas, naquela noite, a falta de virtude espiritual mista ao conflito que se alojou em sua casa liberou uma força germinada pelo dissabor. Ele fraquejou, tornou-se descrente na sua própria religião, ficando à mercê dos abutres de almas.

Aproveitando esse ensejo, Zélothy, amigo íntimo da família, e também um frei omissos em seus preceitos religiosos, vindo a se afastar de seus deveres ao entregar-se aos prazeres ilusórios do embriagante vinho, ofereceu-lhe outra alternativa. Disse a William que conhecia uma mulher, uma arauta, que facilmente traria conforto a todos, em troca de um alto preço a ser requerido pelos seus serviços.

Completamente desorientado, o chefe de família acatou o conselho do falso amigo e, montando seu cavalo, partiu às pressas em busca dessa tal curandeira, rumando ligeiro para a sombria floresta de Nottingham, lar da misteriosa mulher.

Permitiu-se ser engolido pela mata escura e, quando notou que havia chegado ao centro do santuário arbóreo, imediatamente desceu da montaria. Em seguida, tomado pelas lágrimas, prostrou-se ao duro chão, depositando a face junto à terra, pois não sabia exatamente como achar aquela que era a única esperança de vida para seu filho.

Ficou por um longo tempo clamando e implorando para a escuridão da flora, invocando os espíritos ocultos que habitam nas trevas, para que viessem em socorro.

Com a alma combalida e cheia de revolta, William despreendeu um grito apenas, o único convite necessário para atrair a atenção de uma figura que o espreitava e que se aproximou de modo silencioso e sorridente. Tentou conter-se no instante em que seus olhos fitaram uma velha maltrapilha que sorria para ele.

Nesse meio tempo, uma brisa fria e sinistra passou por ambos, fazendo os ossos daquele homem congelarem de assombro.

Já mais próxima a ele, a estranha se pronunciou:

Não é necessário que me procures mais, eis-me aqui!

Perplexo, William indagou:

Uma velha decrépita, porventura serás tu a responsável pela cura de meu filho?

Louco! Demagogias não te levarão a nada! Se clamas por mim com tanta avidez é porque resolveste negar tua fé, já que teu próprio Deus virou-te as costas.

William permaneceu em silêncio.

Pergunto-te: como te sentes sendo escorraçado, tornando-te como palha que é levada pelo vento, desprezado por alguém a quem dedicaste tua devoção?

Apesar daqueles desadornados insultos que causaram uma forte impertinência em seu coração, preferiu ficar calado. Já era duro suportar o olhar da velha, que distribuía males, quanto mais essas declarações tão cheias de veneno.

Não vim ao teu apelo para zombar de ti, William Mancalister, mas para aplacar teu sofrimento. Diz-me, concordas com meu preço?

Ouvindo tais palavras, ele a encarou sem entender muito, pois não sabia a que se referia.

A mulher, porém, não lhe deu tempo para que refletisse ou tentasse entender o que havia dito e continuou a falar:

-Teu destino está oposto ao que almejas, pois tua vontade nada significa para aquele que serviste!

O que dizes mulher? - indagou, sem ainda compreender.

Posso mudar o destino! Posso poder para isso. Não só curarei a ferida mortal do teu renovo, como também restituirei a alegria furtada da tua casa! Aceitas ou negas esse pacto?

Ele pensou vagarosamente, trazendo à tona a ira que se estampava na face sinistra da velha.

Homem contrito! Hesitas, mesmo estando na situação em que te apresentas? Corres o risco de perder para sempre o amor de tua cônjuge, caso teu filho venha a perecer... E para quê? A demora pode custar-te a felicidade...

Eu... Não sei...

A ciência dos homens falhou desastrosamente. Tua fé já se apagou e bem sabes que não encontrarás nenhum meio para salvá-lo!

Minha esposa chora e teme perdê-lo... Ele é nosso primogênito...

Ela redarguiu:

A decisão não cabe somente a mim! Decide-te carnal, o que farás?

Sentindo-se encurralado e sem mais a quem recorrer, William Mancalester prestou-se a um papel humilhante, suplicando a ajuda daquela áspide, que se aprazeirava jubilosa.

William Mancalester Horsham, um servo de Deus, um homem que defendeu os preceitos da fé e a doutrina cristã, prestes a ser sujo pela lama da traição e da covardia, não vê outra saída para conservar, não somente a vida de seu menino, mas também o contentamento da própria estirpe: sujeitar-se aos termos da feiticeira.

Nada mais me importa além de poder contemplar novamente o sorriso no rosto de Rosalyn.

Que assim seja! Levanta tua mão esquerda!

Ele estende a mão, mostrando-lhe a palma, conforme o ordenado.

De repente, a velhinha de aparência assustadora retirou um fio de seu cabelo e, num passe de mágica, transmutou-o numa haste prateada de aço.

William estremeceu ao ver aquilo e refletiu consigo, tentando entender: como pôde um simples fio de cabelo transformar-se numa agulha de metal?

Mas, mesmo em impasse, ele assentiu os caprichos da mulher. Então, aquela mão magra e enrugada agarrou firme o braço do lorde. Os olhos do fidalgo se arregalaram ao sentir na pele o decreto daquela convenção macabra. Experimentou a sensação de estar sendo tragado pelas mãos da desconhecida, preso por correntes invisíveis, e de constatar que sua alma estava ao caminho do abismo sem fim e sem volta.

E a dor? A dor era insuportável.

Os olhares se cruzaram petrificados. Enquanto ela sorria prazerosa pela vitória, William rangia os dentes para não gritar. Os olhos castanhos do homem observavam, enquanto sentia uma ardência que parecia ferver por dentro, instantes depois que a pontiaguda haste transpassou totalmente para o outro lado, rasgando carne e nervos, dilacerando brutalmente os ossos da mão.

O resultado desse ritual era mortificante; o clima tinha a aflição no ar. Foi aí que ele percebeu a profundidade mais terrível desse desfecho. Embora sangrasse muito, nenhuma gota do líquido rubor chegava a respingar no pó da terra. O sangue de algum modo estava sendo sugado pelo objeto metálico.

Em pouco tempo, a agulha prateada adquiriu uma cor avermelhada.

Na seqüência, a vil transeunte declarou em voz alta seu ato impiedoso:

Está consumado.

Dito isso, arrancou violentamente o metal da mão de William. Ele lançou um brado agonizante, que ecoou pelos inúmeros cantos da floresta. Depois balbuciou em choro e podia até sentir o cheiro do próprio sangue, pois, apesar do orifício ser bem pequeno, o elixir espesso vertia em abundância.

Minha mão... Que fizeste com minha mão? Oh, Deus. Tende misericórdia de mim...

Lastimando-se feito uma criança, o fidalgo se contorcia para os lados e o suor deslizava constante pela testa, encharcando toda sua luxuosa roupa.

William, porém, notou que os olhos da mendiga faiscaram assim que seus ouvidos foram invadidos por tais palavras.

Tu és mesmo um covarde, carnal! Achas mesmo que Ele o ouvirá depois do que acabas de fazer?

Trêmulo, o lorde tomou um lenço de seda e envolveu com ele a mão ferida.

Que disseste, bruxa? - perguntou ele.

Ela, por sua vez, não lhe prestou contas do que havia dito, mas deixou-lhe de lembrança uma frase que iria marcá-lo por toda a vida:

Consumado foi o acordo. Agora vá para casa abraçar os teus. Mas lembra-te de uma coisa! Na hora chegada, alguém virá lhe cobrar o preço requerido.

Por fim, a velha decretou, num linguajar estranho e amedrontador:

De leone serpentem. habitabi! (Sobre o Leão habitará a Serpente!)

Dando-lhe um sorriso pernicioso, a mulher desapareceu diante de seus olhos.

Desbravou quilômetros de mata. Desconsolado, gemia em aflição, sentindo o membro latejar dolorosamente. Ele não parecia notar o festim que acontecia, assim que seu cavalo, a galopes lentos, chegou às imediações de sua propriedade. Estava como cego e surdo, cansado demais para reparar a algazarra que as criadas e os servos faziam. Sua senhora, ao vê-lo chegar, correu até ele, gritando seu nome diversas vezes. Assim que a viu, despertou do abobado transe e, descendo da montaria, foi ao seu encontro.

Rosalyn, sem demora, agarrou-o, num abraço forte. No calor do momento, aplicou um molhado beijo nos lábios trêmulos e secos do marido, que se surpreendeu. Passara-se muito tempo sem que ela o tocasse dessa forma, pois a vida íntima com sua mulher já não era mais a mesma de antes.

Horas atrás, toda a família preparava-se para enlutar; estavam todos entristecidos pela visita atrevida da morte. Agora, mal retornou e deparou-se com uma situação completamente oposta à anterior, acontecimento intrigante que o fez questionar-se sobre o que estaria acontecendo naquele instante.

Notou que a criadagem havia erguido uma fogueira, em torno da qual, alegres e saltitantes, cantarolavam e dançavam, junto de seus cônjuges.

O coração de William bateu ainda mais forte quando a face alva da esposa, banhada pelas frígidas gotas de lágrimas que vertiam dos olhos, molharam seu peito. A voz doce de sua amada era liberada por seus lábios carmins num sussurro trêmulo:

Aconteceu um milagre... Nosso filho está curado...

Um olhar de espanto se revelou ao ouvir aquilo.

Mas como pôde ser? Como foi isso? - murmurou.

Ela apenas respondeu novamente o que já havia dito.

Por alguns segundos, ele olhou o vazio e duvidou.

Acompanhado desse olhar de incredulidade, pôs-se a correr para o interior da casa, para tentar ao menos acreditar no que acabara de ouvir.

Era difícil demais para crer. Estava com a mente deturpada por uma nuvem de promessas, e a principal personagem que lhe garantira todas essas maravilhas era uma andarilha suja e malcheirosa. Apesar disso, seu coração relutava para que tudo fosse verdade. E, sem que se desse conta, já estava próximo à porta do aposento do herdeiro.

A chave estava na fechadura, mas a porta estava destrancada. Levou a mão rapidamente até a aldrava, porém algo em seu íntimo o deteve. Um medo súbito se apropriou do coração do lorde, ao lembrar-se do acordo que fizera com aquela mulher estranha. Ele queria esquecer o acontecido, convencer-se de que aquele diálogo macabro não passava de uma reação alucinante da imaginação. No entanto, a verdade, em sua forma explícita, ou talvez até mesmo o mal, chicoteava sem misericórdia sua consciência.

Como pode haver tal poder? Como o pacto com o desconhecido trouxe soluções tão eficazes e inesperadas? De que maneira pessoas poderiam ser resgatadas do vale da morte? Como seria possível, se estes seres respiram e andam na terra como nós? - *ficava ele se perguntando, enquanto a mão segurava com firmeza a argola de ferro.*

Então, outra mão tocou-lhe suavemente o ombro, fazendo-o abandonar as recordações num sobressalto. Sua mulher, estranhando a reação de apavoramento, perguntou-lhe o porquê daquele comportamento

inesperado, ao contrário de todos, que estavam felizes.

Ele se manteve calado e isso a intrigou, pois seu marido raramente agia dessa forma.

Rápido e em silêncio, o fidalgo abriu a porta e reprimiu um gemido, ignorando o cansaço, mas, encostando-se na parede, disse:

Filho... - e não conteve as lágrimas.

Atoleimado, repetiu várias vezes o nome do jovem, que se mantinha em um sono tranqüilo e profundo. Aproximou-se mais. Recostou a capa na cadeira, levou-a próxima ao leito e sentou-se à beira. Meneando a cabeça para os lados, alisou os cabelos escuros do mancebo adormecido. Os olhos do pai choravam como uma fonte inesgotável, e seus lábios balbuciavam, revelando sinais de pena e preocupação.

A face rosada do rapaz lhe restituiu as esperanças; sua respiração era profunda e seguia no ritmo normal. Já não havia mais aquele respiro ofegante, aflito pela busca do ar.

Finalmente, para dar um basta à sua última e angustiante dúvida, seu genitor puxou carinhosamente o cobertor, para visualizar a quantas andava a gravidade do ferimento. Boquiaberto, contemplava a cura: era mesmo verdade, e sentiu isso ao tocar de leve o tórax do garoto: não havia nenhum vestígio de escoriações ou de ferimento mais grave. A carne, os nervos e os músculos do peito estavam como se nada tivesse acontecido. Aliviado, ergueu o rosto para o alto e pronunciou:

Deus seja louvado, pela sua infinita misericórdia, meu filho foi salvo!

E, em pouco tempo, a fúnebre tristeza se transformou em inexplicável alegria. Não havia mais motivo para luto, nem de William nem dos presentes em sua morada. Ao invés disso, comemoraram durante dias o retorno do filho pródigo, citação feita pelo pai, que, com sua indômita soberbia, comparou-o com as Escrituras, nas quais consta a narração sobre um rapaz que retornou são e salvo à sua casa.

Sem nenhuma reflexão de seus atos, William pregou as palavras do evangelho. E, como pérolas, elas foram atiradas aos porcos, pois os servos, leigos em seu entendimento, apenas se animaram diante do júbilo de seu senhor.

Não se dando por satisfeito, o lorde ordenou aos melhores serviçais que convidassem, em seu nome, ricos e pobres, nobres e servos, para que viessem sentar à sua mesa e banquetear com ele.

E assim foi feito. Coadunado um número de pessoas, providenciou barris de vinho da melhor adega e mandou matar inúmeros novilhos, pois queria immortalizar aquele momento, e ao mesmo tempo ter o prazer de que todos daquela região tivessem conhecimento de seu gozo.

Tudo indicava que a paz havia sido reavivada, com o jovem herdeiro que retornava ao convívio de sua linhagem, após ter passado pelo vale das sombras e da morte. Contagiado pela euforia de muitos, o lorde creu no anseio de seu coração, de que verdadeiramente acontecera um milagre, um presente que lhe fora dado pelos céus. Mas, como a verdade jamais se esconde, ele próprio foi instigado a ver o contrato assinado na palma da mão.

Lembranças assustadoras percorreram sua mente; cenas daquele encontro sinistro vieram com clareza à tona. O corpo tremeu; sua boca proferiu blasfêmias, recusando-se a acreditar e a aceitar a sinistra barganha, crendo irrevogavelmente que aquilo não passara de uma infeliz alucinação, e que ninguém viria lhe cobrar o preço requerido.

Em resposta à ousada descrença, a mão voltou a ser flagelada por sensações abrasantes, obrigando-o a reconsiderar e a aceitar que seu destino não mais lhe pertencia. Procurando agüentar o tormento da carne, apenas sussurrou em tom plangente, abaixando um pouco o braço, abrindo bem a mão esquerda para averiguar se a chaga estava sangrando novamente. E seus olhos observaram aterrorizados que, no lugar da machucadura, uma boca horrenda se manifestou, admoestando declarações ameaçadoras com ampla perversidade.

Ele se segurou para não gritar e, saindo às pressas em meio à multidão em festim, correu lastimoso até a capela particular da família. Empurrou as portas com violência, ajoelhando-se em seguida diante do altar.

Olhando fixo para as imagens, rogou a Deus, implorando pela misericórdia de sua alma, já que concordou por si só estar imundo. Encostou a face no piso áspero de pedra, tentando suplantar o pânico que parecia tê-lo dominado.

William Mancalester Horsham sofria com a marca em seu ser. Uma conseqüência de seu ato impensado, para impedir que sua amada Rosalyn sofresse o martírio da perda de seu renovo.

O que ele ainda não havia percebido era como o rapaz recebera a cura, se seus servos vigiavam a porta dos aposentos e somente Rosalyn, sua irmã e o médico entraram no quarto.

Tudo repentinamente parecia ter embaralhado sua cabeça, deixando-o sem ação, vulnerável em espírito. Somente uma única coisa lhe era permitido saber com clareza: alguém ou alguma coisa viria sequiosa, das profundezas, para cobrar, sem o mínimo de piedade, o preço tão "requerido".

4

Nove anos depois...

Já desperto de uma noite boêmia, andando aos tropeços, levando na cabeça e no corpo o fardo de uma ressaca proveniente da bebedeira, um homem de aparência jovial, ainda meio zozzo, encostou-se ao batente de uma das portas de sua residência, que tinha saída para o lado de fora.

Logo ele inclinou a cabeça para frente, e a visão turva voltou à normalidade. Sem pudor algum, lançou um olhar de lobo esfaimado sobre uma jovem encantadora que acabara de tirar água da cisterna.

O corpo bem torneado da linda criada e os cabelos cor de fogo despertaram naquele fidalgo de vida ociosa um desejo devasso.

A visão desse predador masculino foi mais além: mergulhou o olhar no decote do vestido branco que cobria pela metade os seios provocantes e fartos, já que estava numa posição privilegiada no alto da pequena escada da porta.

Percebendo seu olhar, sentiu-se constrangida ao notar que estava sendo assediada por aquele insolente. E, procurando fugir daquela situação embaraçosa, ela dirigiu-se até ele, buscando, de maneira diplomática, resolver tudo:

- Meu senhor, estás bem? Desejas que eu prepare algo para ti?

Ele sorriu ironicamente. Depois, tomando uma posição superior e indigna de sua parte, respondeu às perguntas da moça:

Sim, minha flor campestre. - E continuou: - Desejo banquetear-me em teu corpo, quero enfiar-me nas delícias dos teus seios e embriagar-me do vinho de tua boca. E, depois de fartar-me nos prazeres dessa deliciosa carne, quero sugar o néctar que escorre pelos poros de tua pele perfumada.

Perplexa e sentindo-se envergonhada, a pobre criada retrocedeu vagarosamente. Amedrontada, sentia que sua nobre honra havia sido profanada.

Milorde? Como podes dizer-me essas coisas horríveis? Fica sabendo que sou uma moça pura e honrada. Tu não és mais o mesmo. Aquele rapaz dócil e gentil, que outrora admirávamos, já não mais existe!

Irritado, ele respondeu:

Poupa-me do teu dramalhão, cadela! Para mim, tu não passas de um objeto de deleite!

Ela se retraiu, dando passos lentos para trás, sentindo o forte efeito daquelas palavras venenosas. Completamente enlaçada pelo opróbrio e pelo medo, não conseguiu esconder as lágrimas que desciam por sua face rosada.

No entanto, desceu ele vagarosamente as escadas, indo em sua direção. Na seqüência, num rápido exame, observou o perfil da indefesa, que abraçava o próprio corpo no intuito de reter a tremedeira.

Por favor, milorde. Não faças isso...

Maravilhoso! - E sussurrou-lhe ao pé do ouvido: - Implora, minha coelhinha, deixa que teu medo exale o doce perfume de tua sedução e que teu desespero aflore ainda mais minha masculinidade.

- Tende piedade... - murmurou ela.

Em resposta ao seu clamor, seu rosto foi esbofeteado brutalmente pelo seu senhor, e a violência de seu ato a fez virar a face. A seguir, agarrou-a por ambos os braços e arremessou-a ao solo sem prezar sua posição.

Irás conhecer melhor teu senhor e dono! - declarou ele, num tom irascível.

Mas, antes que pudesse dar continuidade ao ato covarde, uma figura surgiu por trás e deu-lhe uma violenta puxada, jogando-o desordenadamente sobre a relva.

Então, o autor da ação se pronunciou:

Não é preciso que ela te conheça, cão imundo, pois a mim já basta o farto conhecimento que tenho de ti!

Deitado com o rosto e o ventre junto à erva rasteira, o algoz recuperou-se do impacto sofrido, buscando vagorosamente o fôlego. Embora a ira o rodeasse e amaldiçoasse em pensamentos seu repressor, seus lábios se trancaram ao virar-se e identificá-lo.

Era seu pai, que, ereto à sua frente, lançava-lhe uma expressão seríssima. Ele, por sua vez, mostrava-lhe um sorriso cínico, sem dar o mínimo valor aquilo tudo.

Num misto de alívio e lágrimas, a mulher foi ajudada a se levantar pelo senhor William Mancalester. Num profundo agradecimento pela sua intervenção, ela o abraçou.

Fica tranqüila, o que aconteceu aqui não será comentado com teu pai. Agora vai, filha minha, deixa-nos a sós, pois tenho algo a tratar com esse verme.

Sim. E obrigada, meu lorde - disse a serva, retirando-se às pressas do local.

Então, aproveitando-se daquele momento oportuno, o jovem vilão indagou ao pai, com algumas frases carregadas de escárnio:

Filha minha? - E, levantando-se, disse: - Ora, ora, desde quando tens filhas, e ainda mais servas? Acaso tu, meu pai, também te deitas com vadias?

Seu comentário foi recebido com uma nova e fortíssima bofetada na face, provocando nele uma expressão raivosa por tais palavras. E, aproximando-se mais do filho, explodiu todo o furor preso na garganta:

Prefiro tê-la como filha a ter um ladrão pervertido e tinoso como tu, que tens como costume destruir os bens de anos de sacrifício conseguidos por esta geração, em suas bebedeiras, noite após noite nos bordéis, enchendo os seios das meretrizes com meu dinheiro! - E acrescentou: - Vejo as lepras do pecado por todo o teu ser!

Recusando-se a sucumbir na presença da verdade, o rapaz soltou uma risada zombeteira, provocando ainda mais seu pai, o que não era muito difícil, devido às circunstâncias. Parado diante dele, o rapaz fitou bem os olhos de William e replicou:

Sou um garanhão, meu pai. E, já que sou o único herdeiro, a criadagem terá que conhecer-me bem, para que se submetam em obediência plena ao seu novo senhor, no futuro!

William, todavia, retrucou:

És uma desgraça para nossa linhagem! Jamais se sujeitarão aos caprichos de um canalha!

- Já que pensas assim...

Seu imprestável! És a vergonha em pessoa. Não basta a ti aprazer-te na devassidão de tuas noites de vadiagem? Queres também trazer a desonra para meu lar, atacando as criadas como um animal no cio?

Mantendo um leve sorriso nos lábios, o filho respondeu:

Elas não têm o sangue azul como nós, pai, são inferiores. O nome desta gente é "escória"! Nada mais são que um rebanho que se leva ao matadouro para o abate.

Como? - indagou o pai, totalmente indignado.

Diz-me, qual o prazer que tens? Reflete comigo: pelas condições miseráveis em que vivem, essa é a única satisfação que poderão adquirir de nós, os nobres. De qualquer modo, elas adoram ser corrompidas.

E concluiu:

- Já que jamais poderão se considerar pessoas de estirpe.

Outro tapa cortou o ar, acertando novamente em cheio o rosto do jovem, pela sua ousadia.

Arrependo-me do fundo da alma do dia em que supliquei por tua vida! Carrego um grande pesar comigo. Não és digno de ser chamado de meu filho, um bêbado imundo e pervertido. Teu destino neste mundo é tornar-te podridão! Um mero resíduo de latrina!

O contágio das fortes revelações estava despertando em Loan um sentimento de revolta, porém a curiosidade e o destino fizeram-no virar a página seguinte.

A medida que seus olhos percorriam as palavras daquelas folhas, mais se afundava no mar negro do passado de uma família que nem sequer pôde conhecer. Apesar disso, o sobrenome falava mais alto: "Horsham", criando ao seu redor uma situação embaraçosa e de difícil solução, levando-o a uma transição de tristeza e ódio, sentimentos que poderiam acarretar-lhe sérias conseqüências num futuro próximo.

O combatente, mesmo envolto por uma aparência abatida e quase entregue ao cansaço, lutava bravamente contra as fraquezas do corpo, na esperança anelante de acabar definitivamente com sua aflição. E aquele relato tornava-se mais atrativo e misterioso a cada parágrafo lido. Assim, Loan Horsham reassumiu a leitura, atento à menor letra ali contida.

"A morte não teve nenhum poder sobre ele; na verdade, ele a trouxe para nós.

"Agora estou convicto do cruel destino que herdei. Por isso, deixo-vos aqui o relato do meu sofrimento, para que aquele que tomar conhecimento dessas verazes declarações se previna do mal que está por vir.

"Achei que pudesse enganar o diabo, como muitos contaram em suas histórias. Pensei que poderia fugir da obrigatoriedade daquele pacto, mas estava errado.

"Naquela noite, eu e dois de meus melhores servos, que também clamavam por justiça, destruimos o mal encarnado... Meu próprio filho. Mas fracassamos, pois a mulher, que outrora o curou ainda menino, novamente levantou-o da sepultura, e com ele sua sanha veemente de vingança.

"Com brutas ações de animalismo, ele exterminou toda a nossa família e todos que o amavam, poupando apenas a mim. Com o tempo, ele, aos poucos, furtou a razão da minha sanidade, fazendo-me optar por esse caminho que dentro em pouco irei trilhar.

"Que Deus se apiede dos Horsham. Estupidamente permiti que uma grande maldição se aninhasse nas gerações futuras. Deixei escapar do covil um predador perigoso que irá criar uma alcateia voraz, para, nos tempos remotos, aniquilar povos e nações inteiras. Só agora consigo compreender a gravidade de meu pecado.

"Rogo ao Pai Altíssimo que encha o coração do varão que estiver lendo estas páginas de alerta, e que encha sua alma da luz poderosa do Espírito Santo, para que quebre o círculo maligno criado e destrua o último dos Horsham; quem sabe assim minha alma poderá ser salva."

Loan rangeu os dentes, e a frustração se revelou nítida no olhar.

Vim até aqui na esperança de descobrir o assassino que dizimou minha linhagem; no entanto, encontro um maldito livro com um amontoado de heresias!

Com palavras afrontosas, amaldiçoou a própria sorte, gritando ao extremo até o ponto de seus pulmões sentirem a falta do ar. Ainda ofegante e tomado pela fúria, o cavaleiro apanhou o livro do altar e, usando toda a sua força, lançou-o a esmo.

Súbito, uma mão metálica tomou o manuscrito em pleno ar, impedindo que ele prosseguisse a trajetória incerta. Ao mesmo tempo, o ser soltou um brado terrível, surpreendendo o cavaleiro, que se encontrava a certa distância.

Como tu te atreves a profanar este livro com tuas mãos impuras, cavaleiro do leão?

Loan parou de questionar; todavia não hesitou em desembainhar a espada e empunhá-la firmemente de forma ameaçadora, enquanto buscava vencer o cansaço dos olhos, para identificar o provável oponente à frente; e, não se deixando levar pelo ultimato, com uma séria expressão no rosto, respondeu-lhe no mesmo tom:

E quem és tu, estranho, que com tua coragem suicida dirige-me tais palavras? Acaso não prezas tua vida ou te pronunciaste para tão somente ter tuas entranhas espalhadas no aço de minha espada?

A sinistra figura não se intimidou e deu um passo adiante, deixando-se ver.

Era um cavaleiro encoberto por uma armadura e uma capa negra. Ao seu redor, uma aura, também de cor escura, emanava de seu corpo. Essa aura espectral, esfaimada, profanava o lugar, sugando toda a claridade, substituindo-a por uma paisagem de tonalidade grafite.

Enquanto os acontecimentos se desenrolavam, o guerreiro de vestes metálicas observava em silêncio o diário, que estava seguro em seu guante esquerdo.

Loan, por sua vez, permaneceu em estado de alerta, tentando adivinhar o que aquele cavaleiro misterioso estava maquinando; porém, não houve tempo para isso, pois, da mesma maneira que surgiu, desapareceu.

Vacilante, Loan se dividiu entre a realidade e a fantasia. Começou a questionar se por acaso não estaria morto, e se sua alma já não estaria vagando no Hades; por causa dos acontecimentos inexplicáveis pelos quais havia passado.

Por não conseguir entender o sobrenatural, não percebeu o altar se transmutar, atrás dele, em figuras humanas. Inesperadamente, ao mesmo tempo, uma voz conhecida retesou todos os músculos do corpo do inglês, quebrantando seu forte coração guerreiro. Por instinto, vagorosamente, girou o corpo para trás, já com os olhos inundados de lágrimas, pois, mesmo não vendo, ele sabia muito bem a quem pertencia àquela voz.

Loan... Loan... Vê, somos nós... Não nos reconheces mais? Sou eu, tua mãe...

Um grande espanto tomou conta de seus olhos; os lábios balbuciam palavras desconexas, e da sua garganta aflorou um grito de amargura. A espada escapou de seus dedos trêmulos e a língua esfriou em sua boca seca, enquanto as batidas de seu coração se aceleraram cada vez mais.

Não sentiste nossa falta, Loan? Éramos tão unidos... Por que nos deixaste morrer nas mãos dos bárbaros? Acaso nos odeias, por teu pai ter- -te exilado do nosso convívio?

Com grande esforço, o rapaz tentava manter a razão, enquanto cinco figuras carbonizadas e nuas arrastavam-se vagorosamente em sua direção. Uma delas, com os olhos rutilantes, dirigiam-lhe tons agonizantes; a mesma que lhe dizia ser sua mãe. Havia algo fúnebre na voz daquela figura, fazendo-o ter sensações jamais provadas. De imediato, pareceu ser sua mãe, mas seus olhos denunciaram algo de diferente; sua expressão era apavorante, como se quisesse, a todo custo, devorá-lo.

Pela imprudência de tua falta, tivemos nossas vidas brutalmente arrancadas de nossos corpos e estamos condenados a vagar neste tormento eterno.

Não... Por que me acusas desta forma? Jamais lhes causaria algum mal. Não faças cair sobre mim esta desgraça... - balbuciou ele.

És acusado de nos abandonar, por te deixares ser um fraco e seguides uma fé opaca.

Loan rebateu as palavras:

Mãe? Tu não sabes o que falas! Busquei incessantemente pelo responsável, viajei por vales e montanhas desconhecidas, tentando concluir minha missão: lavar a honra dos que amei com o sangue dos chacais que arrancaram vossas vidas! Mas, por onde passei, não impedi que a morte visitasse os que me quiseram bem, e, ainda sem querer, plantei a semente da discórdia no coração dos que ainda sobraram.

Vês como tenho razão? Tu mesmo o disseste...

Houve um breve silêncio.

És uma desonra para a linhagem dos Horsham... Que seja do teu conhecimento meu remorso por ti...

Levando as mãos à cabeça, Loan prostrou-se ao chão, ao mesmo tempo em que um grito retumbante ecoou de sua garganta.

NAÃAOOOOOü! Pensas que meu coração não arde em culpa? Como pode um homem solitário, quebrantado pelo flagelo de sua perda, pôr fim ao seu tormento e trazer ao menos a ti, mãe, a tão esperada paz?

E ela, sem demora, enunciou:

Mata teu passado, para que venha a te tornar o próprio futuro...

Eu... Não entendo!

De repente, as cabeças dos corpos caíram, sumindo em vapores, deixando pasmo o cavaleiro, que se levantou vagarosamente.

Contudo, os corpos, mesmo acéfalos, começaram a andar, seguindo até ele e trazendo aos ouvidos sons aterrorizantes, pungindo ainda mais seu íntimo.

Então, abruptamente, as cinco figuras foram instantaneamente acortinadas por chamas malcheirosas, provindas do nada, como por encanto. Numa cena inexplicável e apavorante, o fogo chegou rápido ao seu voraz auge, fazendo desaparecer quase de imediato os mortos-vivos, que se dissiparam como fumaça no ar, deixando apenas um odor nauseante.

Enojado, Loan baixou o nível de seu linguajar, e sua auto-confiança se precipitou num colossal abismo. Fora um grande erro ter entrado naquele lugar, questionou-se, percebendo seu engano.

O mais sensato a fazer seria reconquistar novamente a calma e controlar o arfar de sua respiração, para que o antagonista sobrenatural não viesse concluir o seu intento, ou seja, roubar-lhe a paz interior.

Sentiu um ligeiro arrepio quando elevou seu olhar para o altar da serpente e constatou que aquele cenário bizarro também havia sumido. Antes que pudesse dar as costas ao acontecido, numa fração de segundos, um pesado punho de metal atingiu com extrema brutalidade seu rosto, não lhe dando nem ao menos oportunidade de se defender. Mediante a agressão, foi arremessado ao local onde estiveram os zumbis. Mesmo aturdido, ele não tardou a se recuperar e, levando uma das mãos ao queixo, admirou-se da potência do golpe do adversário.

Envaidecido por sua força, o agressor ergueu a cabeça coberta por um elmo tétrico e encarou com firmeza o inglês.

Horsham não conseguiu abafar a reação ao ver que aquele cavaleiro estava novamente ali, parado, só que desta vez bem mais perto. Com uma expressão séria, tateou o chão em busca da espada caída.

Devo cumprimentar-te por tua ação covarde ou arrancar de ti a tua carne imunda para jogá-la aos chacais?

O guerreiro negro fez um gesto negativo com a cabeça, e então finalmente se pronunciou:

Tu não farás nada, como também não irás a parte alguma, cavaleiro do leão. É chegada a hora de o entendimento oculto ser revelado a ti, e de saberes qual o motivo que me permitiu deixar-te viver!

Atento a tudo, Loan, mesmo sabendo que poderia ser uma artimanha daquele estranho, foi invadido por uma grande curiosidade, freando seus movimentos.

Creio que tu jamais conseguiste compreender o porquê de passares tua vida em uma estrada torrenta e afligível, como também não notaste a importância que representas.

Quem és tu? - indagou Loan.

Quem sou eu? Sou a origem do teu existir, sangue do mesmo sangue. Nenhum humano, nem mesmo a morte pode separar os laços que nos unem.

O que dizes? Não te conheço. És um contador, não de histórias, mas sim de asneiras; um completo louco vestido de uma ridícula armadura negra.

Contemplo que ainda não mudaste tua natureza e continuas orgulhoso como sempre, e isso é bom... - comentou o estranho antagonista, enquanto, com andar lento, aproximava-se do cruzado, ficando frente a ele.

Também tive uma família como tu, e como muitos; um pai extremamente severo, um fidalgo religioso muito respeitado em seu meio, chamado William Mancalester Horsham.

E continuou:

Certo dia, minha vida tomou novo rumo, ficando marcada para sempre. Isso aconteceu após eu ter sofrido um infeliz acidente. Estava à beira da morte, mas pude ter um pequeno estado de consciência, o suficiente para entender que eles não eram dignos do meu amor! Eles acreditavam num Deus impotente. Enganaram-se dizendo que iriam me salvar, sendo, que na verdade, estavam me deixando morrer. E o senhor William, um grande covarde, traiu sua própria devoção, ofertando-me às trevas. Com o passar dos anos, tornei-me uma ferramenta do mal e fiz tudo aquilo que um mortal não teria coragem de fazer. Meidante os fatos que iam se consumando, ele ficou convencido e arrependido do poder que herdei. Por isso, relatou minha vida nessas páginas, para que um dos Horsham as lesse, ficando assim, ciente de toda a importância da minha missão.

O ser de negro falava ininterruptamente sobre si e sua "missão":

Dois dias antes que eu viajasse para a Irlanda, durante a noite, saciei meus mais profundos desejos no corpo ardente daquela jovem campônia, a mesma que meu genitor havia me impedido de oferecer-lhe um verdadeiro e único momento de prazer! Digo-te que ela lutou muito, e não aceitou ser minha amante por uma simples e mísera noite. E esse ato de rebeldia foi mais um motivo para dar imaginação à minha ira! Em vez de beijos, teve apenas meus punhos; em vez de carícias sensuais, um machado retalhou grande parte de seu corpo, num estupro animalesco. O único afago que obtive dela foram suas unhas rasgando a pele do meu rosto, despertando mais ainda meus desejos profanos. Então, pulei sobre seu corpo coberto de sangue e acabei de rasgar o restante de suas roupas encharcadas. Em seguida, deflorei toda a sua deliciosa inocência, atingindo a recompensa de um clímax jamais imaginado por mim. Após minha satisfação ter sido concretizada, joguei seu corpo a três léguas da propriedade, pois, se alguém a encontrasse naquele estado, alegaria ter sido atacada por chacais selvagens, por estar completamente desfigurada.

Aquele cavaleiro hediondo continuava sua narrativa cheia de alegria profana:

Não tardou muito para que a dor e a ira se manifestassem nos corações de três homens! - e mostrou o número com os dedos. - Meu próprio tutor, o noivo sequioso por vingança e um pai inconformado pela brutal morte da filha. Todos os três queriam esparramar meu sangue por todo o solo inglês, após descobrirem ter sido eu o autor e consumador do crime e da morte daquela cadela. Existem certas façanhas difíceis de se ocultar, e essa é uma delas, já que as marcas que aquela puritana deixou sobre a minha face eram evidentes demais. Para eles, isso foi o insuportável do suportável, algo que lacrou permanentemente a porta de seus corações humanos! Todos julgaram meu ato inadmissível. Até mesmo os nobres deixaram-me só, negando por unanimidade o perdão!

Sua voz expressava, de maneira horripilante, o desprezo pelos que considerava seus inimigos:

E aqueles plebeus idiotas... Eles conspiraram pelas minhas costas. Fui expulso do meu lar pela minha família e exilado de seu convívio, como também privado dos direitos que tinha como herdeiro. Mas isso não foi tudo. Existiu um problema ainda maior, uma grande punhalada viria a me atrair ao saber que meu pai, meu genitor, tramou e encomendou, com os outros, a morte de seu próprio filho...

Próximo do término de seu relato, o cavaleiro negro retirou bruscamente o elmo. A violência daquela revelação fez fraquejar as pernas de Loan, que bambearam, quase ao ponto de perder o equilíbrio, no instante em que observou quem era o personagem de toda aquela trama.

Tomado por uma voz austera e imponente, a funesta figura terminou sua frase:

Charlie Mancalester Horsham... Seu pai.

Loan tremeu por dentro e, ainda que tomado por aquele forte impacto, refletiu durante algum tempo. As lembranças brotaram de sua mente com nitidez: tempos atrás, ouviu de seus homens a história da existência de um hábil e perigoso inimigo de armadura tétrica, mas ele, em decorridas batalhas, não teve

a oportunidade de confrontar. Muitos soldados temiam só pelo fato de lembrar que poderiam enfrentá-lo. E agora pôde ver e constatar que o cavaleiro negro que liderava o grande exército ímpio era seu próprio pai.

Charlie Horsham jogou o elmo ao chão, vendo que não precisava mais esconder sua identidade. Seus lábios venenosos não se retiveram e prosseguiram, deixando transparecer toda a horripilante trama que o levou a ingressar na obscuridade:

Seu avô cometeu um erro grave ao permitir que eu nascesse, se bem que ele não poderia saber sobre os acontecimentos que iriam se desenrolar no futuro. Mas já estava escrito, e ser assim passou a ser meu destino, desde o momento em que me tornei uma vida dentro do ventre de minha mãe. Com o passar dos anos, o maldito cometeu o segundo erro! Ele vendeu a alma de toda a sua raça ao demônio. E para quê? Seria este um ato de bravura, só para me salvar dos braços da morte?

Loan nada respondeu, apenas continuou pasmado com o que ouvia.

Não! O cão medroso temia perder o amor de Rosalyn, somente por ter sido eu o unigênito deles! Ele perdeu sua fé e fez pouco das escrituras, que dizia serem sagradas. No dia em que estava agonizando em meu leito de morte, ela veio até mim... Calma e bela, como a luz de um sonho bom.

Quem, pai? Quem estava contigo naquela noite? - indagou o cavaleiro aflito, derramando lágrimas de revolta.

Minha salvadora... Samantha...

Não! Por que tu? O que fez contigo foi tão somente transformá-lo num assassino! — gritou Loan, inconformado.

Não filho, simplesmente me foi mostrado o que realmente era. Ela apenas remodelou em mim o que estava imperfeito.

E o que não estava perfeito em ti?

Naquela noite, minha salvadora trocou meu coração corruptível pelo seu eterno órgão pulsante. Restituiu com sua saliva abrasiva meu ferimento exposto, cauterizou a terrível chaga, repondo a carne e a pele do meu peito... Presenteando-me com uma nova chance de vida. Através dos tempos, ensinou-me tudo o que sei, como também que a força pertence aos bravos. Tornei-me seu fiel pupilo, um valoroso varão de sua causa, e ela, minha mestra tão amada.

Por que te deixaste enganar? Poderias ter sido...

Uma pessoa boa? - terminou Charlie a pergunta de Loan. - E para quê? Muitos, inundados de caridade, doam tudo o que têm aos necessitados, na intenção de alcançar o prazer ilusório de estar agradando a Deus. Mas como inúteis que são, após terem sido beneficiados pela bondade de outros, zombarão em suas costas dizendo: "Sempre existirão imbecis que nos apoiarão em tudo o que precisarmos. Basta tão somente trajarmos a pele das ovelhas." Reflitas como quiseres: achas que tais ações poéticas de amor ao próximo vão servir de chave para abrir para ti as portas do céu? Engana-te, filho. O único jeito que tive para viver no meu paraíso, e ter na carne os desejos e os prazeres que este coração novo me incitava a fazer, foi simplesmente praticar meu ódio. Nestes miseráveis anos terrestres, batalhei pelo aperfeiçoamento e purifiquei minha alma contra a fraqueza moral. Com o novo poder adquirido, executei inúmeras façanhas, uma mais ousada que a outra. Era meu momento de glória. E certo também que provoquei a ira de muitos, todavia não ousavam expor sua coragem ou manifestar suas objeções.

Teu avô, meu pai, ao ficar ciente da gravidade dos crimes por mim cometidos, enviou dois homens indignados ao meu encalço, sedentos por vingança: um, pela morte da filha, e o outro, pela perda da futura esposa. Eles haviam recebido liberação, como também ordens expressas, para que definitivamente pusessem um fim à minha existência. E eles, em seus pensamentos de justiça, loucos impenitentes, se julgaram sábios.

Vês? - Charlie levou as mãos ao peito. - Eles não puderam... Tentaram extinguir meu eu, queriam findar minhas ações, mas a chama sombria do meu ego pela vida era maior que suas vontades inóspitas.

Logo sorriu, dizendo:

Estavam enganados! Não seria uma lápide nem um simples punhado de terra fria e úmida acima de mim que silenciariam todos os meus feitos. Tenho que confessar-te: no início, não imaginei que chegariam a tanto, mas, ao contrário disso, fizeram-me provar a dura e impiedosa sentença que haviam me preparado. Abaixo da copa de uma árvore, deixaram suas consciências de lado. Sem ao menos pestanejar, envolveram uma corda em meu pescoço e, como um animal no abate, me puxaram para cima. Não prenderam minhas mãos, na clara intenção de contemplarem a busca ensandecida pelo ar e minha luta desenfreada pela sobrevivência.

À medida que a forte corda apertava meu pescoço, estreitava cada vez mais minha traqueia. Ao mesmo tempo, banhavam minhas vestes com algum tipo de óleo, como se me ungissem para um sacrifício macabro! E, numa sanha incontrollável, vi o desgraçado manuseando e acendendo uma tocha. Uma dantesca aflição me era proporcionada por aquela chama que passeava próxima ao meu rosto. Isso estava divertindo quem a segurava.

E seu aspecto mostrava sua revolta pelo acontecido:

Como era de se esperar, ele tocou meu corpo, inflamando-o instantaneamente. Desci às profundezas do tormento e da agonia sem fim. O fogo era como uma amante insaciável, envolvendo-me e lambendo minha pele num processo atroz. Mesmo assim, não se dando por satisfeitos, começaram a me espancar, visto que ainda ardia em chamas!

Charlie Horsham colhia na carne os frutos de seus grandes pecados. As atrocidades ali cometidas afloravam um gigantesco furor e desprezo por todos que cruzavam seu caminho. Era um sentimento negro, manifestado por um coração que antes não lhe pertencia.

As pesadas barras de ferro que o atingiram brutalmente foram as últimas sensações por ele provadas antes de morrer, já que o fogo não havia cumprido por inteiro o dever de cremá-lo.

A primeira pancada dividiu a omoplata e as costelas ao meio, deixando expostas suas pontas afoitas, que dilaceraram os pulmões e retalharam outros órgãos. Os poucos grunhidos eram emitidos da figura em flamas. No golpe seguinte, a bacia se quebrou em duas partes, e a coluna espinhal foi desconjuntada. Então, a corda, já quase consumida, se arrebentou, deixando tombar no chão uma massa de carne carbonizada que minutos atrás era um homem cruel e impiedoso. Inerte na terra, seus dois carrascos se aproximaram e, após rogar-lhe inúmeras pragas, um esguichar de sangue misto ao fogo se ergueu, quando desferiram algumas pancadas decisivas sobre o crânio do condenado.

Aqueles homens foram pessoas simples, porém, naquele momento, encontravam-se brutalizados por um ato desumano que roubou de seus corações a humildade de suas vidas pacatas. Não só queriam matá-lo com crueldade, mas também expulsar o sofrimento que ambos sentiam por suas perdas irreparáveis.

Fizeram tudo direito! Contudo, te digo: teriam êxito, se tivessem arrancado o coração de minha senhora de meu peito!

Novamente ele riu, só que desta vez com deboche e satisfação:

Estavam todos convictos de minha morte. E, aquele que se dizia meu pai, com os outros, que presenciaram meu funeral, não derramaram uma lágrima sequer por mim, nem mesmo no instante em que desceram o caixão na cova.

E a pobre Rosalyn... Ela não teve coragem de ir ao enterro de seu unigênito. Em vez disso, trancafiou-se numa capela ridícula e pôs-se a rezar em vão por minha alma... Tão sofrida... - respondeu com descaso.

A mente de Loan entrou em conflito, sendo poluída por sucessivos fatos mortificantes, deixando-o cada vez mais indignado e horrorizado. Porém, mesmo não aceitando crer em tais relatos, permitiu-lhe, por uma curiosidade mórbida e intrigante, prosseguir com a tétrica história. Naquele momento, em hipótese alguma, pensava ter resgatado uma oportunidade considerada já perdida, que seria a descoberta de toda a verdade que o envolvia nessa trama lúgubre.

Os dias se passavam, e o medo se tornava mais presente no semblante de lorde William. Suas preocupações não o rondavam pelo sepultamento forçado de seu filho Charlie, mas por hediondas visões noturnas que o conduziam a uma só verdade. Estava chegando a hora de pagar o prometido acordo. Não se alimentava mais como deveria. A insônia o visitava todas as noites, deixando no esquecimento a última noite tranqüila de sono que havia tido. Sentia-se numa prisão sem muros, confinado a grilhões imaginários. William rolava de um lado a outro de seu leito, sendo perseguido pela falta de tino nos atos passados.

Lançado na vastidão dos terríveis e profanos pesadelos, tinha por companhia a presença de horríveis seres que o convidavam a viver com eles na eternidade. Do meio deles, viu uma fera ascender de um lago de excrementos purulentos. Ao redor daquele imundo charco, acorrentadas às suas margens, estavam as almas que rejeitaram os amorosos apelos e conselhos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ali os escravistas obrigavam esses atormentados do infinito a comerem da podridão de seus próprios males.

A criatura emergida, que já permanecia na forma de uma grande árvore arcana, em meio a urros inumanos de lástimas extremas, vomitava das próprias entranhas uma mulher de inigualável beleza. Um ser que, com sua formosura, arrastaria uma grande multidão de homens à promiscuidade absoluta.

E, levantando-se, a mulher do lago foi ao encontro do homem.

Ela sorriu, mostrando os belos contornos de seus lábios vermelhos, que proferiam palavras pavorosas, como se fossem uma úlcera nociva corroendo todo um corpo coberto pela esperança.

William, tu vendeste tua alma e a de teus entes; contudo, foi de minha total satisfação teu feito. Por isso, não permitirei que morras rápido. Sentirás o mesmo pavor que sentiste ao sair do ventre de tua mãe e chorarás como então. Serás marcado com a coroa do remorso, implorarás para que finde teu sofrimento, mas não, ele jamais terminará...

Após uma breve pausa continuou:

Alegra-te... Este será para ti meu presente... Será teu galardão eterno!

Terminando aquela aberração em forma de pronúncias, a mulher transmutou-se em alguém que ele esperava nunca mais rever: seu filho Charlie.

Com um olhar assustador e dominante em sua postura, Charlie, pleno de satisfação, complementou o que a mulher havia falado:

A hora do acerto está próxima... Pai. Não percas tempo escondendo-te. Nenhum lugar te servirá de refúgio ou o redimirá de teu compromisso. Tu te tornaste propriedade das trevas, a partir do momento em que selaste o pacto com minha Senhora!

Num despertar afoito, levantou-se da cama, ofegante, em meio ao suor que escorria em abundância por todo o rosto. Assustado e olhando por todos os lados, constatou que aquela terrível noite estava terminada. Preocupado e impulsionado pelo medo, mandou que chamassem aqueles que haviam dado um destino trágico ao seu voraz rebento. Contou-lhes de seus pesadelos, das visões, e avisou-os de que algo monstruoso e inexplicável estava prestes a acontecer. Também lhes relatou sobre o contrato que contraíra com uma estranha mulher; daí toda sua preocupação, pois nada sabia do desígnio a ele reservado.

Inundado pela revolta, Loan manifestou seu duro protesto:

Aos teus dizeres, tu os afirmas com tanta certeza que não há como não serem verdade! Diante desse fato inusitado, que seja do teu conhecimento a pesarosa vergonha que será para mim carregar teu nome até o fim de meus dias, e desde já te exponho o asco que sinto pelo nosso parentesco ao saber de toda essa demência!

Charlie o encarou com seriedade.

Louco! - replicou ele. - Tu não sabes o que dizes. Muitos renunciariam a tudo o que são para obter ao menos uma gota de todo o fabuloso poder que estás prestes a herdar!

Prefiro morrer como um mendigo sujo e leproso a tornar-me um traidor como tu!

Cala-te!

Loan silenciou.

Ouve primeiro o que tenho a dizer e depois decreta para ti teu juízo.

Parou por um momento. "Estaria ele enlouquecendo?", pensou

o jovem combatente. Como seria possível seu pai estar vivo, após ter entrado pelas portas da morte por duas vezes? O que o levava a dizer coisas tão monstruosas? E mais, manter-se inabalável, como se nada tivesse ocorrido tempos atrás? E sua mãe e seus irmãos, o que fez ele em defesa de suas vidas? E ele estando vivo, quem seria aquele outro homem ao lado de seus familiares?

Apesar de as questões nunca poderem se encontrar com a verdade, Loan era todo receio. Ele emudeceu. Gesticulou para que prosseguisse, dando a Charlie o direito de narrar sua aventura.

-Teu avô enviou meus assassinos até minha cova... E assim aconteceu.

Caminhando no meio da noite, dois campônios, carregando consigo algumas ferramentas, invadiram sorrateiramente o cemitério, perturbando a paz do local com passos pesados. Em suas mentes, somente a lembrança das ordens dadas por seu senhor: *Se necessário for, recorram a medidas extremas, e o que for preciso fazer, façam... e com urgência. Certificai-vos de que meu filho ou aquilo que lá estiver enterrado permaneça e repouse eternamente em seu ataúde. E que Deus vos proteja...*

Não havia nuvens no céu negro; os raios da formosa Lua percorriam o meio das árvores, delineando-as com fisionomias apavorantes. Algo assustador, mas não tanto quanto o som do vento gélido uivando entre os túmulos de pedra e lápides antigas.

Mesmo com um cenário sinistro à mostra, aqueles dois obstinados tinham um duro trabalho pela frente. Desistir estava fora de questão; restava-lhes, então, reunir um pouco de coragem para prosseguir, a mesma que tiveram quando o mataram. Querendo ou não, teriam que cumprir sua missão. Teriam de levar uma prova definitiva a seu contratante de que Charlie Horsham estava mesmo morto, pois já haviam sido bem pagos.

Com certo receio, mas convictos do que iriam encontrar, ou seja, um cadáver numa sepultura, aproximaram-se do ponto almejado. Porém, a certa distância, contemplaram algo inesperado: uma mulher linda e jovial se levantava à frente deles, e antes permanecera ajoelhada sobre o túmulo do Horsham filho.

Mesmo confusos e sem nada compreender, não hesitaram em questionar sobre o que estaria se passando. Admirados, não conseguiram deixar de notar que se tratava de uma belíssima mulher, trajando um vestido esvoaçante e transparente, expondo aos seus olhos as curvas e os detalhes perfeitos de seu corpo sedutor. Misteriosamente, ela se manteve imóvel, após se levantar, observando a lápide do vilão, como se estivesse velando por ela.

Então, o mais experiente, calculando o risco que seria se aproximar do inexplicável, apesar da aparência tão convidativa, tentou avisar o jovem companheiro, mas já era tarde. Parecendo estar enfeitiçado, não lhe deu atenção e seguiu abobalhado em direção a ela, instigado a saciar os desejos provocados pela tentação excitante daquela ninfa estranha. E, insatisfeito por ela lhe passar apenas olhares penetrantes, ele se pronunciou:

Diz-me, o que faz uma beldade tão encantadora num lugar horrível como esse? Acaso estarias à procura de alguém que pudesse aquecer-te nesta noite fria?

E prosseguiu com palavras ainda mais ousadas:

Sinto dizer-te, minha doce puritana, que nenhum desses cadáveres te dará um centelho da satisfação que este mancebo ardente poderá te proporcionar. E continuou a falar palavras cada vez mais atrevidas, até estar bem próximo a ela.

Mediante tantas expressões indecorosas, ele conseguiu atrair a atenção daquela mulher misteriosa. Entretanto, o outro, que se manteve afastado, sentiu um mau presságio e pôs-se a gritar desesperadamente para que o moço se afastasse dela o mais depressa possível. O amigo, todavia, ignorou o apelo. Algo havia furtado seu raciocínio, pois estava hipnotizado diante de tamanha perfeição e beleza.

Ela, semicerrando os olhos, alisava com a mão esquerda seus cabelos longos e negros, enquanto a direita repousava sobre seu quadril. Com voz melodiosa, lançou a seu admirador uma pergunta direta e excitante, fazendo disparar seu coração:

Fala para mim: de que forma poderias me excitar? Violentando todo o meu corpo, como se fosse eu uma meretriz, até atingirmos um orgasmo profundo e alucinante? Ou pretendes simplesmente me adular como os leigos? - Ela agia de forma insinuante, passando as mãos por entre as coxas, e ele, pasmado diante daquelas ações estimulantes, mal conseguiu abrir a boca.

Pois bem. Já que tu não tens nada a declarar, mostrar-te-ei de que maneira atinjo o clímax.

O rosto charmoso da bela mulher foi burlado por uma face bizarra. Seus olhos rutilantes se encheram de tinto, enquanto caninos enormes laceraram a própria gengiva.

Incapaz de qualquer movimento, os nervos e os músculos do rapaz se retesaram, pressionados pela hostil circunstância.

De uma linda flor da noite em beleza ela se transformou numa besta horrenda, que, rápida feito um gato selvagem, atirou-se enlouquecida sobre o desprotegido camponês.

O outro, ao testemunhar cenas bizarras daquele massacre, ficou perplexo de terror, enquanto assistia ao pretendido genro ter seus gritos sufocados em meio a tamanha carnificina. Os braços da criatura transmutaram-se em tentáculos que o envolviam fortemente. A força daquele abraço foi lhe espremendo a carne, quebrando-lhe os braços e as costelas, mergulhando a vítima num profundo mar de dores lacerantes.

Sentindo que o sofrimento do homem a excitava, num átimo, a nefanda predadora aplicou-lhe um animalesco beijo, sufocando a boca do infortúnio galanteador, num gesto mortal e aterrador, que circulou por seu corpo em forma de uma intensa volúpia.

O sangue, que esguichava em abundância, encharcou a grama fria com sua espessa consistência. Quase simultaneamente a isso, a fera retornou à bela imagem anterior, deixando ocultar suas feições e ações de animal sanguinário.

Num veemente frenesi, ela estremeceu, desprendendo um grito pela satisfação alcançada, em um orgasmo macabro que aterrorizou o espectador restante, um homem que nada podia fazer, senão fugir, para continuar lutando pela sobrevivência.

Quanto ao companheiro curioso, ele nada pôde fazer em sua defesa. Sucumbiu ante os desejos da carne, para se tornar uma oferenda nas mãos de uma corruptora de almas. Inerte no chão, os tecidos musculares da face e dos lábios ficaram completamente estraçalhados, e a língua foi arrancada da boca, feito uma rolha que é extirpada da garrafa. Seu pretenso genro estava morto; infeliz momento para ele que, invadido pela perplexidade, assistia a tudo.

Instintivamente, o monstro direcionou seu olhar maligno até a próxima caça, rangendo os dentes de maneira ameaçadora, preparando-se para investir em novo avanço.

Para o velho, que se mantinha apavorado, não havia alternativas, notando também que correr poderia estar fora de cogitação.

Clemência! Poupa a vida deste pecador arrependido que suplica por tua misericórdia!

Irias profanar a sepultura de Charlie só para satisfazer a vontade de teu senhor? Vendeste por algumas míseras moedas tua dignidade! Com tantos atenuantes contra ti, achas que és merecedor de meu perdão? Digo-te que não é à toa que Judas chora eternamente na forca do inferno, esperando por um indulto que jamais será conquistado.

Ele balbuciou palavras desconexas, mas em vão; ela, por sua vez, regurgitou frases que quebrantariam a fé de qualquer um.

Mortais... Como sois patéticos. Tornai-vos subservientes com os vossos pecados, porém, ao notardes que ireis colher os frutos de vosso plantio, vos acovardais como cães acuados e caís de joelhos implorando ao vosso "Deus" por uma remissão!

Ele apenas choramingava, olhando para todos os lados sem saber o que fazer e buscando achar uma saída para sua situação. Mas, como um promotor de acusação, a criatura apontou-lhe o dedo e expôs-lhe mais um amontoado de suas declarações macabras:

Aquieta-te, homem biltre, pois a ti foi negado tal pedido. Imploraste perdão a um deus errado e este sentimento jamais habitará em mim. Prepara-te para receber a recompensa que para ti tenho guardado.

Acobertado pelo pavor, o camponês notou um olhar sério e perigoso que pousava sobre ele, trazendo de imediato ao seu íntimo o arrependimento por haver feito tal pedido. Seria melhor fugir, pensou rápido. Tentou bater em retirada aos tropeços, em meio a várias cruzes e lápides, numa corrida desesperada pela vida. Queria gritar, mas não podia, pois os gritos pereceram em sua garganta. Corria feito um desvairado, deixando escapar de sua percepção as moedas ganhas do seu crime, as quais iam caindo pelo caminho. Os olhos esbugalhados pelo terror percorriam tudo à sua frente, procurando pelos portões de saída, mas não havia sinal deles; era como se as trevas os tivessem engolido.

A resistência já não era mais a mesma, e o motivo era a idade. Por isso, suas forças o abandonaram, forçando-o a parar. Como o trabalho que lhe foi incumbido, as ferramentas que seriam usadas na escavação do túmulo de Charlie ficaram abandonadas.

— Será que consegui... Despistar aquela coisa? - murmurou, mesmo em arquejos, preocupado em saber se havia de fato tido êxito.

A resposta, ainda que não quisesse, veio logo em seguida, na espécie de uma apavorante voz que chegou junto a uma lufada de vento frio por detrás dele.

Virou-se às pressas e nada viu. Orações em palavras desordenadas começaram a escapar de seus lábios aflitos.

De repente, vagarosamente, uma massa nevoenta começou a avultar em cada espaço do cemitério, envolvendo até mesmo o apavorado e trêmulo homem, que assistia a tudo. Então, um lume morrediço clareou o nevoeiro esparramado e espesso.

Ao avistar os vultos cruciformes dos túmulos que emergiam na noite, sentiu seus nervos petrificados e a calma extinguida. Logo após houve um breve silêncio, levando-o a um mundo nunca imaginado. Não sabia de que lado viria sobre ele os acontecimentos que já estavam sendo aguardados; e aguardar era tudo que podia fazer.

Como previsto, a quietude, sem prévio aviso, foi violada por um som, em tom mais suave, que chegou aos seus ouvidos.

Em meio à bruma, um corpo foi arremessado em sua direção, violentamente. Ainda que munido de um bom reflexo, provocado pelo susto, não conseguiu se desviar do corpo, que o atingiu. Seus brados pareciam lhe furtar a sanidade. O espanto tornou-se ainda mais presente, ao reconhecer o corpo. Era ele, o pretendido de sua falecida filha, que de maneira horrenda e brutal perdera toda a massa encefálica, permanecendo somente um enorme buraco vazio em sua cabeça. Caído, e em pânico por aquela constatação terrível, o enojado camponês empurrou o cadáver para o lado, encobertando-o novamente na espessa névoa.

Com o corpo quase petrificado de medo e desligado da lucidez, passou-lhe despercebido o responsável por aquele ato desumano, que se levantava por detrás dele: uma bizarra figura se moldava lentamente no nevoeiro, esboçando nos lábios um sorriso satânico de farta satisfação.

O pobre homem, acorrentado à expectativa, a teve quebrada ao escutar e esvoaçar de asas que trouxeram uma sombra avantajada, cobrindo-o em meio à densa nevoa. Ele virou-se às pressas, e o terror abraçou-o

uma vez mais. A alma desse plebeu foi esbofeteada pelo gelar mortificante da escuridão, ao ter os olhos invadidos pela visão de uma criatura abissal na imagem de um pesadelo indescritível.

Respirava com dificuldade, pois percebia que a esperança por que tanto lutara havia se findado naquele instante: era chegado o fim.

À sua frente, um grande animal de asas vermelhas emergiu dentre a bruma e, com pisadas lentas, aproximou-se ameaçadoramente.

A expressão de loucura no rosto daquele homem evoluiu muitas vezes ao vislumbrar que havia um amontoado de faces humanas enclausuradas no interior daquelas asas medonhas, gritando enlouquecidas, trombando umas nas outras, na busca incessante pela liberdade de suas almas daquele inferno mais do que vivo.

Apresentava-se a ele um ser macabro, munido de sete cabeças em seus pescoços longos, todas acopladas à sua matéria, semelhantes a cabeças de homens em seu tamanho, porém horríveis e aberrantes em seus aspectos faciais.

Num tom gutural, todas esbravejavam, enquanto a cabeça-mestre exibia toda a sua afiadíssima arcada dentária pintada com o sangue de sua primeira caça.

Sua pele era escura e revestida de escamas, com algumas partes de pelo mescladas a um verde-catarro. Os braços eram semelhantes aos de urso, contudo devidamente protegidos por uma couraça, como as peles de crocodilos. Suas pernas eram similares às de aranha e seus pés, iguais aos de bode. Seus muitos olhos cintilavam com tonalidades de cor rubi, deixando claro seu descontentamento com aquela pobre alma.

- Ah, humanos, como eu vos odeio! - disse a fera, investindo furiosamente sobre ele.

Um tímido queixume escapou da boca do desguarnecido, que, com gestos psicóticos, apertou fortemente as pálpebras sobre os olhos, como se recusasse a testemunhar seu triste rumo.

Numa voracidade espantosa, a fera mergulhou suas mandíbulas escancaradas nos músculos do único homem presente e o levantou, sacudindo-o de um lado ao outro, salpicando seu rosto e encharcando parte de seu corpo com o vinho vital que jorrava farto pelos orifícios do braço.

Um grito lancinante ecoou por toda a vastidão daquele cemitério sombrio, no momento do ataque. Logo em seguida, houve um silêncio apreensivo. Não havia mais gritos nem sussurros, nem uma luta pela vida, pois ela já o havia abandonado.

Capítulo 7

ENTRE A FÉ E O ÓDIO

1

Loan encarou seu pai com um olhar penetrante e iracundo. Ele deveria ouvir melhor seu interior e buscar entender o que a palavra espirituosa de Deus representava em sua vida. Mas, ao invés disso, permitiu que a história degradante de Charlie corrompesse seu coração, expulsando os bons ensinamentos que lhe foram entregues com estima, dando lugar ao lençol negro do rancor que envolvia muitos sentimentos, sufocando a alma com a força das trevas.

Charlie, entusiasmado pela atenção plena prestada por seu filho, não desperdiçou o tempo precioso que lhe foi concedido e prosseguiu com a pavorosa série de acontecimentos.

Lá estava ela, o demônio na forma de uma mulher, um animal ostentando a face da bela, sorrindo satisfeita por seus feitos hediondos, sentindo a escuridão abraçá-la deliciosamente, ao ajoelhar-se à beira da terra úmida que cobria a sepultura de Charlie. Seus olhos contemplavam dois órgãos sanguinolentos ainda quentes em suas mãos.

Num segundo ato, seus lábios profanos recitaram uma língua antiga, incompreendida até mesmo pelo mais sábio dos semitas, ao mesmo tempo em que voltava sua atenção para a lápide que continha o nome de seu assecla. Então prosseguiu:

- Pupilo meu, abastado de qualidades que te adornam, ofereço-te os corações de teus assassinos, os quais em vida encheram-se de ódio para poder sepultar-te! Estes órgãos oferto-te e ordeno-te que regresse para que cumpras a missão que a ti foi destinada!

Com ambas as mãos, introduziu os corações para dentro da terra, num gesto rápido e violento, empurrando-os o mais próximo possível do ataúde de Charlie.

Concluído o ato, ela ergueu os braços rumo ao céu, desferindo uma risada de escárnio.

E, na seqüência dos acontecimentos macabros, todo o cemitério começou, em agonia, a protestar com fortes tremores, como se a mãe-terra a acusasse da profanação que cometera. Lápides, estátuas e outros artefatos que compunham o lugar racharam e caíram.

O céu foi o segundo a reprimir aquele ato execrável, que malferia as ordens do composto natural e as leis divinas.

Cada vez mais a terra sofria em suplício com seus terremotos, levando-a ao seu ponto extremo, que, não tendo outra alternativa, viu-se obrigada a regurgitar um de seus ocupantes.

Assim, vagorosamente, o caixão de Charlie retornou à superfície, enquanto a frágil tampa foi arrancada por uma força invisível, revelando em seu interior uma figura de aparência decrépita e completamente carbonizada, que um dia fora considerado um homem de beleza jovial.

Satisfeita e rejubilada com a visão do corpo à sua frente, a sacerdotisa-bruxa, com um gesto de seus dedos, fez levantar o corpo disforme e sem vida do escolhido que, separado do caixão, instantaneamente entrou em combustão.

O céu, em toda a sua ira, chicoteava a noite com seus raios e trovões.

À medida que o cadáver de Charlie flutuava calmamente sobre a cova, ela observava pacientemente aquele corpo decumbente, reatando vagorosamente cada centímetro dos elementos de sua matéria morta. Minuciosamente, todos os ossos se reorganizaram: as costelas e a coluna espinhal retornaram lentamente à sua posição de origem; o crânio religou-se à mandíbula, e a parte atingida da cabeça fora calcificada; os órgãos internos também foram inteiramente restituídos. A seguir, uma nova camada de pele encobriu e

envolveu o corpo, tornando-o jovem e esbelto novamente, com a mesma aparência humana que tinha em vida.

Terminada aquela funesta transformação, a terra e os céus se aquietaram, dando um basta ao sofrimento. A pessoa de Charlie Horsham inclinou-se para frente e foi posta cuidadosamente em pé no solo. De maneira lenta, seus olhos se abriram, tendo como primeira visão aquela que o resgatou das fossas da morte. Ele voltara à vida, uma vez mais.

Charlie mantinha-se quieto, totalmente imóvel, e até mesmo suas narinas não sugavam o ar para seus pulmões, nem ao menos o vento gélido que passeava sobre seu corpo desnudo o incomodava.

De repente, como num estalo de consciência, seus lábios recém- formados balbuciaram as primeiras palavras:

Quem és tu? Acaso és um anjo? Como pode ser? Se tudo de que me recordo... E que aqueles dois idiotas atearam fogo em mim... Espancaram-me e após isso perdi os sentidos. O que aconteceu comigo? Estive sob teus cuidados... Ou acaso estive... Morto?

Sob o olhar da tirânica diva, ele obteve resposta à sua pergunta:

Não te incomodes com pequenos detalhes. Sê bem-vindo ao mundo dos fortes. Serás tu o responsável pela extinção destes fracos mortais.

Ao dar os primeiros passos para frente, Charlie sentiu uma fisgada lancinante por todos os músculos do corpo, algo sobre o qual já havia sido alertado por Samantha. Tais sensações desagradáveis seriam temporárias. Suas funções vitais, como respiração e circulação sanguínea, brevemente seriam devolvidas à normalidade.

Todavia seus conceitos, seus sentimentos, suas fraquezas e até mesmo sua moralidade humana, deixariam de ser como a dos mortais. O humano Charlie Horsham estava morto para o mundo e para os céus, e renascera naquele momento uma nova criatura. Um homem nobre por fora, porém obscuro e opaco por dentro, privado de qualquer sentimento de compaixão ou de amor. Um ser vazio, abastado de novas habilidades e de força física. O servo perfeito, que dará continuidade aos planos maléficos de Samantha Van Drighe e irá servi-la sem o mínimo de hesitação, tudo pelo sucesso de sua mestra tão adorada.

2

O sono, de abrupto, havia sido furtado. Um pequeno ruído no corredor o despertara. Por um longo momento, a noite pareceu-lhe ser eterna. William Mancalester Horsham estava esperando por uma importante notícia, que parecia não vir nunca. O rosto encharcado pelo suor, afogado no travesseiro de seda, era a certeza mais evidente. Algo estava errado, pois seus servos estavam demorando demasiadamente.

Novamente o ruído se manifestou, só que num tom mais audível, porém suave em sua tonalidade.

Ele balançou a cabeça para deixar límpidos os sentidos, porquanto seus olhos tentavam visualizar, pela fresta da porta, uma sombra que pairava no chão. William ficou tão surpreso quanto apreensivo e pediu àquele que estava à porta de seus aposentos que se identificasse. Ninguém respondeu.

Seu coração teve os batimentos cardíacos acelerados. Os lábios ressecados e trêmulos e a boca desprovida de saliva faziam-no engolir em seco. O fidalgo assentou-se à beira da cama, enquanto a misteriosa sombra abandonava o lugar, num perfeito sincronismo com sua ação, deixando-o ainda mais cismado.

Veio-lhe à mente que talvez a sombra e o ruído pudessem ser de seus serviçais, que chegavam trazendo notícias sobre o trabalho que havia ordenado. E que isso nada mais era que um sinal usado para não despertar os que dormiam e nem chamar a atenção dos curiosos, mesmo sendo ele tão estranho.

Levantou-se. Compenetrado com a amargura de Rosalyn, pousou sobre ela um olhar de afeto. A esposa dormia serenamente ao seu lado, como se nada tivesse ocorrido.

Por inúmeros dias, chorara muito pela perda do filho. Abalada em seu momento de angústia, recusava até as refeições que as criadas, condolentes com seu estado, traziam. Implorou várias vezes para que a morte viesse resgatar seu espírito para junto dele. Mas as forças físicas foram aos poucos se exaurindo, dando lugar à fraqueza.

O médico da família dissera ao fidalgo que o tempo a faria absorver esse duro impacto sofrido, mas que era de grande importância que ela pudesse reagir psicologicamente o quanto antes, caso contrário desfaleceria rapidamente e ficaria à mercê de alguma enfermidade.

Essas palavras atacaram-no como uma chaga mortal, consumindo com crueldade seu coração pesaroso. Como não podia fazer mais nada, encontrou forças para suportar o suplício da esposa, e naquele instante precisava resgatar uma nova e definitiva certeza, que seria o agradável e maravilhoso recomeço para a vida de sua família.

Vestindo seus trajes, o nobre pensou em caminhar até a porta para abri-la.

Antes de sair, em mais um momento de reflexão, observou sua amada, que dormia como a mais doce das mulheres. Estufou o peito e soltou o ar nele preso; em seguida, beijou-lhe as pontas dos dedos da mão. Num gesto de carinho, da porta, voltou-se para ela, como se quisesse em silêncio tocar seus lábios. Só então abriu a porta e fechou-a atrás de si.

Seguindo vagaroso pelo corredor, William olhava para o piso que, mesmo estando iluminado pelo brilho tênue dos archotes, mostrava manchas escuras que exalavam um cheiro desagradável. A princípio, resmungou, achando que se tratava de um desleixo de uma das criadas da casa, mas logo deixou de dar tanta importância ao fato, pois considerou que todos têm suas falhas, por menores que sejam.

Dirigiu-se, então, para as escadas que o levariam à sala principal do casarão, que ficava no andar de baixo. Descido o último degrau, vasculhou toda a sala, numa sanha frenética de encontrar as pessoas que tanto esperava. Em meio à procura, um ruído irrompeu o recinto, fazendo eriçar seus cabelos e gelar os músculos de seu corpo.

E lá estava o autor de tal façanha, sentado em uma poltrona, suntuosamente confortável, próximo a um quadro da família. Era um homem com uma voz austera, de posição firme em sua atitude. Seus olhos eram vítreos e penetrantes e expeliam a desonra ao proprietário da mansão. Como se não bastasse, num ato de deboche, trajava sua roupa mais luxuosa. Mas isso não era importante, e sim sua inesperada presença, que, de forma brutal, causou pânico a William.

- Charlie?

Fitando o olhar de horror e desespero daquele homem, o invasor indagou:

Ficaste surpreso em me ver, não é mesmo... Pai?

Levantando-se da poltrona, começou a caminhar lentamente, circundando o apavorado lorde, de cuja face porejava um suor frio. Ele, a todo custo, tentava proteger-se daquele que tão somente poderia ser um espírito em tormento, ou apenas um tolo fruto de sua imaginação conturbada.

Notando o olhar estarecedor brotando da face do pai, Charlie atacou-o com duras provocações:

O que há contigo, pai? Não estarias tu vivendo como um coelhinho assustado após ser caçado por um lobo? És mesmo um covarde brincando de nobre. Por onde andará agora tua autoridade tão fútil?

Do senhor daquela casa não se via um único movimento ou um gesto qualquer; ele apenas olhava a figura sinistra sem dizer nenhuma palavra.

Vamos, velho escroto! - rosnou Charlie. - Diz-me algo! Ou porventura não estarias tu aguardando reforços... Vejamos, talvez de dois ratos desclassificados?

E prosseguiu:

Sinto afogar tua esperança, meu caro, mas os cães que mandaste para farejar minha cova, a partir de agora, tornaram-se parte dela... E para sempre.

Enfurecido, William esbravejou:

Toma o mesmo rumo que usaste para entrar, aberração das trevas, retira-te de minha casa! Um demônio não pode adentrar a morada cristã de um homem religioso! Não pode! - disse, estufando o peito e mantendo uma pose autoritária.

Porém, não tardou para que sua arrogância caísse por terra.

Concordo plenamente com tuas palavras, mas esta não é mais a casa de um cristão religioso. Pois tu, meu pai, maculaste este recinto. Foste covarde e cruel o bastante para entregar o próprio filho como alimento aos abutres. E, se não me falha a memória, cometeste um pecado ainda maior: negaste de coração aberto teu Deus; vendeste tua miserável alma e, como se não bastasse, arrastaste contigo as almas de todos que aqui se encontram! Não me venhas com divagações.

Torcendo o lábio e confuso com os acontecimentos, William não se conteve e indagou:

Por que me dizes coisas tão funestas e absurdas?

Digo-te porque devias ter aceitado minha morte quando era ainda jovem, e não te predispor a invocar o poder negro da escuridão para trazer-me de volta para este mundo maldito. Pois agora te digo a verdade: demônios não ressuscitam pessoas; a menos que alguém faça um encantamento de necromancia, o inferno tem uma burocracia de matar, mas graças a ti, pai, eu fui revivido.

Um feito único e exclusivo... Por amor a ti... - disse William com voz branda.

Mentiroso! - exclamou Charlie, com grande furor. - Fizeste isso temendo ser abandonado por aquela cadela, pois, com a idade que carregas contigo, jamais arrumarias outra mulher encantadora e fiel como ela, não é mesmo verdade, pai?

Num movimento espontâneo, as mãos de William se apertaram com fúria e receio.

Reconheça, velho! Colocaste a serpente no teu convívio familiar, deixando todos à mercê da picada dessa víbora ímpia em suas próprias almas. A gravidade desse teu erro fará que seus espíritos o acusem e o prendam nas correntes de um dilema perpétuo.

Tenho conhecimento desse fato - respondeu William cabisbaixo. - Dei minha alma, em holocausto, a um ser desconhecido, para que viesse imolá-la, e para quê?

Estranhamente, em seu pavor, William tentava ganhar tempo, enquanto pensava num modo de se salvar. Embora parecesse que a conversa alcançava seu auge, ambos levantavam uma trama repugnante que se escondia detrás daquelas palavras nocivas.

As horas pareciam parar nos aposentos do lorde, porém, Rosalyn, sua esposa, despertou em sobressalto. Com o corpo trêmulo, a bela mulher perscrutou a escuridão, enquanto sua boca murmurava frases sem sentido, perguntando a si mesmo o que estaria havendo. O silêncio era a única resposta. Só então ela se deu conta de que o lado esquerdo de sua cama estava vazio: seu consorte não estava ali.

Delicadamente, ela apalpou os lençóis já frios ao seu lado. De repente, sua cabeça foi atingida por imagens rápidas, fazendo suas têmporas doerem. Também, repentinamente, as mesmas cenas desapareceram e as fisgadas cessaram do mesmo modo que chegaram. Aquilo tudo havia lhe causado um grande desconforto. Foi assustador e medonho testemunhar aquelas passagens bizarras surgirem do nada e serem tragadas por um redemoinho negro e voraz.

Sem entender nada e cheia de assombro, ela tocou os lençóis macios da cama e, num repentino movimento, descobriu-se e pôs-se de pé. Rosalyn D. M. Horsham caminhou sobre um tapete azul, rumo ao armário de carvalho.

As luzes tênues das velas amareladas derramavam lentamente suas lágrimas ardentes. Seu brilho abrandado desenhava com perfeição a figura escultural da mulher na parede, enquanto ela, com gestos leves e curtos, punha sobre si suas vestes. Nos minutos que se seguiram, ela deixou os aposentos.

Em outro canto do casarão, William deliberadamente lutava por uma absolvição que nunca viria. De sua face, gotas escorriam e pingavam como provindas de uma fonte inesgotável, mostrando sua fraqueza de modo deprimente. Um ato falho, que deixava transparecer para Charlie todo o seu pavor mediante aquela situação.

O que aconteceu a ti, meu pai? Falei-te algo transtornante?

Houve um breve silêncio.

Vamos... Expressa agora todo o autoritarismo que carregas contigo.

E acrescentou com cinismo:

Ou acaso pretendes tu negar-me o prazer desta última conversa em família? Não serias tu tão descortês, não é mesmo?

Podes tentar, infiel, mas eu repelirei todo tipo de maledicência que possa vir a enfraquecer meu espírito!

A mesma "verdade" que liberta, para ti, serão os grilhões que o privarão da esperança - disse o filho, ignorando o blefe do pai e seguindo direto ao ponto.

Relembrares teus feitos. Talvez assim consigas refrescar tua fraca memória.

Das tuas mentiras, nada quero ouvir! - exclamou William, mas em vão. Charlie encarou-o com um sorriso e falou:

Era uma vez, um fidalgo abastado de propriedades e bens, porém muito severo com suas crenças religiosas. Aos menos afortunados, não negava auxílio; a qualquer um que lhe estendesse a mão, não eram de sua parte poupados esforços para dar ajuda. O povo de toda a região aprendeu a querê-lo bem e a respeitá-lo. Essa fama trouxe até ele a presença de uma linda jovem de família renomada. Sua beleza acorrentou seu coração e lhe deixou os olhos abarrotados de tanta formosura. Apesar de ser ele uns 25 anos mais velho que ela, isso não foi um empecilho para que a paixão brotasse em seu coração. Por fim, diante das justas leis de Deus e dos homens, casaram-se e se entregaram a uma ardente cópula de amor...

William emudeceu ao ouvir sua história.

Devo dizer-te, com palavras mais específicas, que ambos viviam em perfeita felicidade. Esse casal romântico prosseguiu com o curso da natureza e teve um lindo filho, um herdeiro unigênito, aquele que assumiria o legado de uma poderosa família. O tempo passou, e a criança deu lugar a um mancebo. Um dia, porém, o destino veio dilacerar, por meio das presas de um animal, para sempre, o orgulho e a alegria dessa estirpe. Em lugar de costumeiros risos e juras de afeição, vieram prantos e palavras de acusação. Essa linda calipso, essa mãe desesperada não aceitaria a idéia de perder seu único rebento. E, no calor de sua insanidade, declarou em alta voz que abandonaria Deus e seu consorte que tanto amava, caso o fato se consumasse. Sem sombra de dúvidas, o temor invadiu o coração de seu esposo, que implorou a Deus que restituísse novamente a paz luminosa em sua casa. No entanto, o Patriarca do Universo fechou-lhe as portas da misericórdia, deixando aquele néscio rezando à toa por várias horas.

Ao compreender que suas preces não eram atendidas, o que este servo vacilante pensou? "Se meu filho morrer, minha esposa irá me abandonar." E o que fez ele? Pediu ajuda às forças obscuras e aceitou, sem pestanejar, um preço requerido, sem ao menos procurar saber o que era ou quanto era, como pagamento pela restituição de seu debilitado casamento. Pensaste somente em ti e não na vida de teu filho.

És desprezível! - replicou William.

Não te indignes ainda. Não enquanto essa formidável odisséia não chegar ao fim.

E continuou:

Então, o pacto consumou-se e seu pedido foi atendido. Onde havia lágrimas, retornou o júbilo. Houve festa por vários dias, uma farta comemoração, pela ressurreição de sua cria. Mas os anos e os fatos ocorridos trouxeram um profundo arrependimento ao coração daquele lorde. Uma notícia, ainda mais monstruosa, levou-o a tomar uma decisão dura e imediata. Pergunto-te! Qual seria o motivo para tal? Seu único herdeiro havia cometido um crime cruel e bárbaro com uma de suas criadas. Agora, esse mesmo fidalgo procurava fugir do contrato macabro e expiar suas faltas com sangue, com o meu sangue!

Chocado com a revelação, William tinha seus nervos e músculos retesados. Charlie, porém, continuava a molestá-lo.

Incentivaste os parentes daquela vadia a consumir sua vingança. Desse modo, pensaste que corrigirias teu erro, encomendando minha morte! Hipócrita!

É verdade! - concordou William, enquanto o observava com furor.

Fazendo face ao seu acusador, o lorde tomou coragem para confessar em brados a veracidade de seus atos.

Sim! Ordenei que dessem fim à tua miserável vida. Foi uma desonra para nossa nobreza. Somente um animal irracional agiria como tu agiste! Deste dia em diante, percebi que o fruto verdadeiro de meu casamento já havia sido morto. Isso no momento em que aceitei aquela aliança amaldiçoada. E, se preciso for, matar-te-ei novamente!

Charlie contestou-o:

Engana-te, pois agora te garanto que estou muito vivo. Não com uma vida fraca como a dos mortais, tolhida por sentimentos arcaicos e insignificantes; nem para ser apanhado pelo passar dos anos e ter a matéria degenerada pela corrupção da carne. Isso jamais!

E continuou:

Impossível seria não admirar a simetria que apresento: imortal, capaz de desvencilhar-me dos limites do espaço e do tempo; ser completamente livre, despudorado em meus atos, sem receio de nada. Nunca mais ser escravizado pelo grilhão que este "fraco Criador" introduziu em suas mentes: a fútil consciência!

Tu não sabes nada. Julgar e avaliar os próprios atos cabe somente a homens com valores. E, sabendo dessa importância, reunirei forças e tempo para corrigir meu erro - disse-lhe William.

Correção, pai... Tempo é algo que não possuis mais - interveio Charlie, mantendo os olhos arregalados e fixos no lorde. - É chegada a hora de meu ser crescer, e tu, criaturinha insignificante, desaparecer.

Naquele momento, o fidalgo instintivamente se apossou de um artefato pontiagudo que se encontrava fixo na parede, com a nítida intenção de atacá-lo, mas sua reação foi convertida em silêncio, no instante em que Charlie apontou para o fundo do recinto, onde, boquiaberta, permanecia Rosalyn, que ouvira tudo o que William havia dito.

Coberta de horror e ódio, chorava inconformada com o que acabara de descobrir.

Não... Por que tudo isso? Maldito sejas tu, que fizeste toda aquela monstruosidade com meu filho!

O lorde tremia os lábios e as palavras pareciam ter sido acorrentadas à sua garganta.

Diz-me de uma vez: o mataste, não foi?

Rosalyn... Querida... Escuta-me...

Não negues, William, eu ouvi tudo. Meu desejo era não ter escutado uma só palavra dessa sórdida confissão...

Rosalyn...

Fingiste ser um pai dedicado para tão somente ter-me ao teu lado?

Eu te amo tanto...

Não, tu não me amas, és apenas um louco... Doente... Um monstro! Sempre te respeitei com grande consideração, e foi dessa maneira, destruindo o fruto de nossa união, que demonstraste teu amor por mim?

Ele tirou a vida de uma pessoa inocente e...

-... Merecia morrer. Ias dizer isso? - indagou a mulher. E defendeu o filho:

Ele era um homem; era justo que ele se encantasse com a beleza jovial de uma mulher. O que aconteceu àquela plebéia nada mais foi que um infeliz acidente. E, como não quiseram aceitar o triste fato, acusaram meu Charlie de violar e matar essa moça. Com esses pensamentos errôneos, praticaram uma ação ainda mais falha: tiraram, com requintes de crueldade, a vida de meu menino. O que fere dolorosamente meu coração é saber que tu, meu esposo, foste o responsável por tudo isso!

- Tenho consciência desse meu ato falho e imprudente; recapitulá-lo somente trará mais aborrecimentos - interrompeu o esposo.

Rosalyn, porém, não se abateu e lançou sobre ele toda a sua cólera.

Descrevi apenas a imagem que deixaste transparecer; algo que meus olhos não haviam enxergado. Feriste mortalmente meu coração. Não és mais para mim um homem, e sim um cão leproso e enojante, um animal imundo que precisa de um adjutório para sobreviver em seu estado degradante.

Aquelas palavras impiedosas agiram como ferroadas de escorpiões distribuindo seu veneno letal de forma avassaladora, queimando-o como o voraz magma de um vulcão. Seria suportável ouvir essas asserções de qualquer outra pessoa, e seu espírito não se abateria tanto. Mas provindo de sua doce amada, tudo mudava de significado.

Usaste a religião para impor respeito e ordem. Puseste muitos debaixo desses teus fúteis calcanhares como forma de demonstrar tua autoridade. Falaste muito em Deus... E, no entanto, tens as trevas dominando teu ser!

Querida... Pare... Por favor...

Torno a te dizer: meu filho não cometeu essas injúrias. A única coisa boa que obtive deste lar ilusório que me é sabido foi que Charlie não herdou os traços vergonhosos e criminosos do pai!

Exatamente neste ponto, William baixou momentaneamente a cabeça, mas não esperou muito e logo partiu em sua defesa.

Compreendo que estás descontrolada. Mas o que me dirás se souberes a verdade pela boca de teu próprio filho? Vamos, pergunta a ele sobre o que ouviste! - falou o nobre, com um tom arrogante, mas os músculos de seu corpo demonstravam o contrário, pois tremiam no instante em que apontou para a poltrona que estava a alguns passos adiante.

Sua face gotejava o tempo todo; além disso, seu coração fora transpassado de um lado a outro pela lâmina imaginária que afligia toda uma nação: o desespero. Agora esse mesmo pânico invadira sua casa, como um ladrão ímpio de alta periculosidade, furtando-lhe a paz do lar e o amor de sua mulher, para consumi-lo cada vez mais rápido.

Por sua vez, Rosalyn levantou os olhos para a poltrona e o que viu a tornou ainda mais possessa de ira.

Além de assassino, agora és louco? Como ousas zombar de meus sentimentos e expor-me aos teus ridículos devaneios?

Ele espantou-se. Voltou a olhar para o lugar indicado por ele e o que viu foi a figura de Charlie assentado na cadeira estofada, acenando e escarnecendo de sua pessoa.

William surpreendeu-se. Mesmo em meio a tanto dilema, não era possível que ela não percebesse a presença do tirânico ser que chegara ali vindo das profundezas para perseguir e castigar o responsável pela sua morte. Sem remorso algum, contemplava sumariamente a destruição de um casamento, rindo e se divertindo das lágrimas que escorriam da face de ambos. Contemplava o imensurável desejo que se inseria profundamente no coração daquela mãe aflita, que tanto queria revê-lo.

Mas os habitantes das trevas são ardilosos e se aprazem da desgraça alheia. Nesse contexto, Charlie impediu que sua presença fosse notada por ela.

Não o viste, mulher? Eis aqui o monstro que tu chamas de filho! Ele ri do teu sofrimento. SER IMUNDO!!! - bradou.

Havia sido um ato impensado de William. Suas palavras desadoradas esbofetearam os ouvidos daquela mãe, de tal modo que lhe acarretaram ondas de cólera ainda maiores, varrendo a consciência de seu ego. A razão fora roubada, deixando-a completamente enlouquecida. A palma delicada que antes o acariciava, agora se converteu feito um chicote afoito, marcando brutalmente a face molhada do cônjuge.

No lugar do amor, a raiva prevaleceu absoluta, crescendo como uma floresta sinistra, arborizada no campo vazio da esperança. Seus olhos contemplaram entristecidos a própria mulher cobrindo-o com unhas e tapas, e seus lábios doces e delicados chamando-o incessantemente de assassino.

Ele só queria reunir e montar os cacos de um vaso chamado "família".

Na ânsia de sua insanidade, apelou às forças ocultas. Naquele momento, a areia da ampulheta acabara, e o tempo concedido havia se findado: teria de pagar o grande preço por serviços a ele prestados.

Rosalyn, ensandecida, tirava camadas de pele da face do marido, acumulando-as sob as suas unhas ensangüentadas.

Com o rosto todo dolorido e não suportando mais a ação desatinada da mulher, sua paciência chegou ao ponto da escassez. E, tomado pela fúria insana, não hesitou e lhe aplicou um violento soco com a mão esquerda, jogando-a metros adiante, indo bater com um forte impacto na parede da sala, tombando sobre o piso envernizado de madeira e ficando inconsciente.

Monstro... Assassino... - disse para si mesmo. Em seguida, ficou paralisado. O rosto encharcado pelo sangue emanado das feridas e a mente aturdida pelas exprobrações fortes e condenatórias levaram-no àquela atitude covarde.

Os segundos se passaram, e ele logo caiu em si. Inundado pelo desgosto, o fidalgo correu às pressas na direção da companheira caída, na tentativa aflita de corrigir o grave erro. Com lágrimas nitidamente à mostra, William tentou abraçá-la e ao mesmo tempo prestar-lhe socorro. Porém, ela recobrou os sentidos. Estonteada pelo impacto que sofrerá, ainda assim encontrava forças para repelir seus toques.

Mantendo uma expressão de repulsa, Rosalyn clamava para que a deixasse em paz, pois todo o sentimento que outrora sentira por ele se esvaíra com as lágrimas que escorreram pelo seu rosto.

Então, o inesperado aconteceu:

Por que usas de tal atrevimento para molestar tua senhora, lorde William? Entendo... Queres que ela se sinta desonrada - disse Charlie, colocando a mão sobre seu ombro.

No entanto, ao sentir a mão gelada apertando sua espádua, não hesitou em levantar ameaçadoramente a faca mais próximo dele. Ao tentar golpeá-lo, teve sua ação imediatamente frustrada, pois, numa reação simultânea de Charlie, o mortífero objeto foi detido a poucos centímetros do peito do facínora, e, como um castigo pela sua rebeldia, a mão do lorde entrou em combustão.

Ele gritava como nunca havia gritado antes. A lâmina lhe escapou dos dedos, com o evaporar do espectro de Charlie, que sumiu diante de seus olhos.

Aliado ao um rio de blasfêmias, longa e dolorosa foi a flama provinda do inferno que se casou com um grito medonho de sua esposa, que procurava mover-se o mais rápido que podia. Porém Horsham, vendo a reação assustada e repulsiva dela, encheu-se de fúria.

Maldita mulher, dantes tu comeste e bebeste em minha mesa, deitaste em minha cama, agora te apartas de mim como se eu fosse o mais imundo dos vermículos!

Houve um momento de choro, mas logo veio o ranger dos dentes. E, num gesto veloz, o lorde investiu ferozmente sobre a desprovida mulher, que não parava de bradar, agarrando, com a mão em chamas, seu frágil pescoço. Em desespero, Rosalyn tentava constantemente se defender dos enlouquecidos ataques do consorte. Mas o elemento ardente do golfo ilimitado do érebo lhe havia queimado a pele e a carne da garganta.

O fidalgo estava possuído pelo ódio de ter sido rejeitado por aquela a quem tanto confiou sua vida. E isso aumentava o poder destruidor da flama. Ele não conseguia desfrutar o olhar da esposa, que morria por sua ação assassina.

A cegueira da cólera havia dominado sua razão, pois não lhe permitiu notar que o fogo lambia e cobria o corpo da infortunada companheira.

Quando então finalmente compreendeu o que fizera, um choque mental apropriou-se dele, fazendo-o largar o cadáver envolto em labaredas. Horrorizado, vislumbrou que a própria cômica tornara-se sua primeira presa. Ela, a doce princesa dos campos ingleses, a diva encantada que mais temia perder, agora se afastava para sempre por entre seus dedos, restando apenas tortuosas lembranças emanadas de suas cinzas fumegantes.

DEUS MEU, O QUE FOI QUE EU FIZ? - lamentou-se em prantos.

De súbito, uma voz cheia de cinismo se fez presente, desequilibrando ainda mais o espírito daquele conturbado homem.

Lembro-me claramente e com riqueza de detalhes teu comportamento eufórico, ao encontrar curado meu ferimento, para agora te lastimar e ser reduzido a um insignificante cachorrinho choroso.

E Charlie adicionou:

Patético...

A reflexão frenética tornou-se presente. Um tanto desequilibrado, ainda teve forças para fazer voltar seus sentimentos. Suportando o duro suplício, engoliu a saliva para poder respirar; e, com sua calma, William reparou o fogacho molestando desaparecendo por inteiro de sua palma ferida.

Pensou, então, estar no controle da situação, e falou:

Em nome de Deus Todo-Poderoso, como foi que não percebi isso antes? Isso tudo não passa de um truque daquela maldita feiticeira. Charlie Horsham está realmente morto, apodrecendo naquela cova fétida, servindo de banquete aos vermes.

Todavia, Charlie não se conteve em silêncio diante do raciocínio sem fundamento do amedrontado fidalgo, derribando-o, em seguida, com frases venenosas.

Tu ceifaste a vida desta concubina a quem chamas de esposa! E ainda diz que tudo isso é apenas fruto de tua imaginação? Tu não te lembras do dia em que declararam para ti que tu pagarias um alto preço de sangue, em troca de um momentâneo e perecível prazer de ser feliz outra vez?

E disse-lhe:

Pois bem, é chegada a hora de pagares o que deves!

Aquelas falas desmantelaram o ânimo de William, que já não mais possuía resistência aparente: o pulso elevou-se em disparos, enquanto o antagonista assumia uma pose prepotente.

Até então, impossibilitado de suportar a pressão acusadora do servo das trevas, o lorde desviou plenamente a atenção e passou a correr desordenadamente de um cômodo para o outro, tentando dar as costas à realidade e ocultar sua imensa covardia. Em gemidos inexprimíveis de medo, o homem correu até alcançar um corredor longo e largo que dava acesso à porta de saída.

Mas a maneira desgovernada de prosseguir dava-lhe a impressão de que as paredes vinham ao seu encontro. Então tropeçou e caiu, derrubando um vaso cinzento ao lado. Quando tocou os estilhaços, assustou-se. Ao recuar, observou os fragmentos se transformarem em aranhas negras e peludas. Levantou-se subitamente em meio a berros incessantes, recomeçando sua corrida como nunca, sem dar atenção para uma sombra negra que vinha em seu encalço.

Tudo parecia ter se convertido em uma câmara de horrores. Na bela e grandiosa mansão onde outrora eram predominantes o moral e os princípios cristãos. Tudo o que há nela, móveis, quadros, tapetes de exuberante beleza, todo tipo de objeto pessoal e de valor, incendiava-se diante de seus olhos.

Com certeza William reuniu um pouco da razão que restava, concluindo que o mesmo aconteceria consigo caso não pensasse em algo. Jamais esperaria uma resposta do destino, pois estava certo de que ela lhe seria desfavorável.

Já eram sem importância seus bens materiais porque algo mais valioso ausentou-se para sempre do mundo, do seu mundo: sua esposa Rosalyn.

Voltou rapidamente para a realidade e caminhou ligeiro até a porta. Mesmo assim, ouviu o roçar de algo medonho provindo das paredes. E o som tornou-se intenso, quando os dedos tocaram levemente a madeira da porta, aproximando-se cada vez mais dos ouvidos cansados.

Tinha ele o conhecimento de que, mesmo o incêndio consumindo cada centímetro daquela belíssima casa, algo monstruoso o espreitava, se achegando cada vez mais, acabando com a fútil esperança humana. Querendo solver essa preciosa aura de vida, que, em incontáveis eras, milhões sucumbiram mediante seus pecados, sujeitando as jugulares espirituais ao vampiro de almas. Agora o mal chegou e estava perto dele, preparando-se para seqüestrar suas memórias, degustar sua carne, embriagar-se em seu sangue e, acima de tudo, apropriar-se de sua alma.

Porém, William não se deixou hesitar pela pavorosa cena de um corredor em chamas e, no esforço contido, conseguiu, apressadamente, abrir e passar a única barreira que o impedia de sair ileso.

Uma vez lá fora, em relance, seus olhos buscavam novas surpresas e sua mente tentava adivinhar o que viria a seguir.

Naquele momento, suas narinas captaram um estranho cheiro, misturado à brisa fria. E, olhando para cima, a luz tênue do luar revelou algo que a imaginação mais sórdida e cruel não poderia criar. O mundo vivo de William foi invadido pela visita atrevida do inferno. Seu cérebro foi bombardeado pelos relâmpagos de pensamentos inadmissíveis e o mundo real, repellido pela impiedade.

Arrepiou-se por inteiro, quando o brilho da noite foi mostrando uma turba de pessoas nuas e sem nenhum revestimento de pele sobre as carnes. Amarrados pelos pés, tendo as tripas como cordas, estirados de cabeça para baixo, tinham as bocas escancaradas, por onde sangravam em abundância em cima da superfície do casarão.

Eram os corpos de todos que compunham o extinto conjunto de servos e criadas que outrora serviram cegamente o senhor feudal, sendo por eles considerado um pai. Agora, pela negligência de sua atitude, e por causa de sua própria insolência, esses pobres plebeus haviam sido gratificados com o salário da morte.

Seus olhos se arregalaram numa tensão de horror incontável, sussurrando palavras desconexas, ao contemplar o pesadelo manifesto daquele telhado sanguinário.

Lutando para poder respirar, o único sobrevivente recuou, mas tropeçou e caiu metros adiante. Estava nervoso demais para manter o controle do corpo, impossibilitado até de prosseguir. Lastimava-se, pois era tarde demais para reparar seu imperdoável delito.

De súbito, uma implosão aconteceu, revelando as primeiras línguas incandescentes saindo pelas frestas de algumas partes da cobertura escarlate.

Ali, o único espectador que ainda vivia estava vulnerável e indefeso, sendo obrigado a ver sua casa e tudo o que construiu se tornar uma massa irradiante de chamas.

Sentiu o odor nauseante de seus servos e suas criadas sendo cremados, até o instante em que o telhado desabou por inteiro, com os corpos. A fumaça o envolveu, fazendo-o tossir incontáveis vezes. Seu estômago embrulhava-se de nojo e os olhos ardiam. E, por mais que caminhasse, era impossível desviar o olhar daquela visão assustadora.

Tomado pelo cansaço, William hesitou um instante, vindo a se ajoelhar em seguida, enquanto descontentou-se com os céus por terem lhe negado auxílio, e com o inferno por haver zombado de sua desventura.

Toda aquela carnificina começou com o ato impensado de compactuar-se com o mal, para tão somente satisfazer o desejo de sua mulher. Agora, nem Rosalyn nem mais ninguém estava em seu convívio, restando-lhe apenas lembranças amargas e tortuosas.

Enquanto se arrastava vagarosamente pelo chão para pôr-se um pouco mais longe daquele ergástulo, repentinamente sentia suas forças físicas sendo sugadas.

Mas outro clarão alumiaava mais expressivo atrás dele, e logo percebeu que não estava sozinho. Alguma coisa se aproximava cada vez mais. Então, já mais próximo, gemidos e grunhidos de fúria, acompanhados de passos ásperos e rápidos, violaram seus tímpanos. Curvou-se para trás para averiguar. Quis gritar, mas o grito falecera em sua garganta seca. Tudo o que havia a fazer era deixar as pupilas se dilatarem, ajustando a visão, deixando os olhos engordados para as aberrações que declaravam em ulos o desejo ensandecido de vingança, devolvendo-lhe o lancinante desespero.

- Alma contrita! Tu farás parte de nosso tormento, sofrerás os mesmos suplícios que nós sofremos! - disse o ser em acusações, antes de desferir um mortífero ataque.

William reagiu pelo terror, tentando desvencilhar-se do estranho espectro. Todavia, dos escombros em incandescência, um grupo de esqueletos em combustão emergiu, deixando a fonte infernal para envolvê-

lo com seus abraços mortais e abrasantes.

O fidalgo recuou, segurando com uma das mãos o queixo da caveira flamejante e com a outra tateava apressadamente à procura de um pedaço de madeira, para que pudesse usá-la em sua defesa. Mas as criaturas que o assombavam o sobrepujavam, impedindo qualquer chance de esboçar alguma reação. As brasas e o cheiro de ossos queimados lhe feriam o corpo, chegando até a incendiar suas roupas.

Na luta afligida pela sobrevivência, pôde sentir o queimor maligno e intenso que as pilhas abandonadas de ossos lhe transmitiam. A carne de sua viva matéria estava sendo tostada e a pele, destruída pela ação do fogo, desguarnecendo-o aos poucos.

Conformando-se vagarosamente com a impiedosa morte, sabia que era uma questão de minutos para isso se consumir.

Quando tudo parecia findar, a mão de William voltou a doer de modo dilacerante, e isso fez com que desprendesse um grito descomunal, trazendo agonia ao seu espírito e surpresa aos seres escaldantes. Ele olhou para a palma da mão esquerda e observou o orifício se escancarar gradativamente. De dentro dele, uma fumaça vermelha e repulsiva foi expulsa da ferida latejante, indo elevar-se ao manto negro do céu.

O homem desmaiou de dor. Enquanto o mal é totalmente ambicioso e egoísta, também é um ótimo caçador, e em hipótese alguma dividiria sua caça com alguém.

De imediato, a bruma assassina, espessa e pegajosa, envolveu a horda de esqueletos inflamados, afastando-os da inconsciente vítima, enquanto se destroçavam uns contra os outros, impulsionados por vórtices ferozes criados pelo intercessor satânico. O fogo foi extinto pela força do vento carmesim e os ossos foram convertidos em pó, sendo em seguida absorvidos pela densa névoa, transformada em um redemoinho medonho.

Os espectros haviam voltado para se vingar de seu senhor. Todavia, a criatura na forma de fumaça lhes negara esse direito. Esse homem não pertencia àquelas almas atormentadas, mas a um outro destino, que estava reservado somente a ele.

Logo, um repentino rugido do enorme tornado atestava a precisão de sua vitória. E o prêmio quedava-se estirado e desfalecido no chão, enquanto outra figura se apresentava: Charlie, que não parava de aplaudir, enfadado pelo contentamento.

Folhas e galhos, misturados em poeira, dançavam intensos pelo ar, e o algoz pôde vislumbrar a tromba eólica se transmutar em algo mais bizarro e profano, deixando que os fragmentos da natureza caíssem no instante em que cessaram os ventos.

Vagarosamente, o ufano assecla da contrariedade foi de encontro à fera alada, porquanto o Mefisto voador pousou suavemente o corpanzil sobre a terra e, depois, recolheu as assombrosas asas por detrás de suas costas imensas. Seus olhos luziam como rubis e sua boca espumava feito um cão enlouquecido. Elevando o braço e apontando o dedo para o homem caído, anteveio uma pergunta:

- É este o mortal que assinou o decreto?

Sim, ele mesmo - respondeu Charlie.

O monstro encarou firme a face de Charlie, enquanto frases medonhas escorregaram de sua execrável garganta:

O que devo fazer com este moribundo? - indagou o pecado, na imagem de um hediondo ser.

Enquanto contemplava a ação do fogo e da fumaça consumindo o que restava da propriedade, Charlie Horsham respondeu no mesmo tom de voz do arcano, decretando uma ordem para o demônio, a qual jamais seria desobedecida.

Quero que o leves para a câmara proibida e lá o aterrorize, mas não o mate. Obriga-o a escrever um diário com seu próprio sangue, narrando tudo o que ocorreu durante todos esses anos; depois tu o trazes a mim.

E que faço em seguida com este pedaço de carne? - falou a besta.

A resposta surgiu como um raio:

Enlouquece-o! Tu bem sabes como fazer isso. Quando o imbecil estiver afogado em sua demência, privar-se-á de sua inútil vida. Somente então tu poderás devorá-lo - disse friamente o facínora, decretando a sentença de um pai amoroso que tem como recompensa do filho um sorriso cínico, feito o rosar de um animal.

Longos braços de massa escarlate, ásperos em desconforto, agarraram a matéria inconsciente de William. Então, no decorrer de um simples minuto, o devorador de homens alçou voo, levando consigo a desprovida vítima, poluindo o céu escuro com sua presença ímpia. Naquele lúgubre momento, surgiu uma matilha de lobos que uivava medonhamente.

Concluindo que sua missão havia terminado, Charlie fechou levemente os olhos. Então, um brilho grafite e intenso envolveu a figura do único presente. E, uma vez mais, o homem que um dia fora humano desapareceu por inteiro.

De súbito, veio o silêncio. A história contada por seu pai, Charlie, fez com que Loan cerrasse os dentes, afogasse seu coração em um pântano sombrio e ausentasse seu espírito de qualquer luz. Tudo o que mais almejava naquele instante era transpassar sua espada no corpo daquele animal. Era sua enorme vontade naquele momento.

Estavam ali, ambos de pé, observando-se, estudando-se, presentes em uma câmara hedionda que mais parecia uma arena de gladiadores romanos.

Loan pregou o olhar sobre o homem de armadura negra, sentindo que seu ódio estava prestes a atingir uma fase extrema. Em pequenos relâmpagos mentais, ele podia ver as almas aflitas gritando e implorando pelo descanso que nunca encontrariam, papel esse desempenhado e concluído pelo monstruoso maníaco que se regozijou em ter vivido sua juventude repleta de atrocidades. O que mais pesava era saber que o ceifador da vida de todos aqueles que amava era seu próprio pai.

Perdurava no rosto de Loan um ar de fúria e de revolta, porém continuava a perguntar:

Como tu adquiriste esse título e todos esses bens, se tudo o que pertencia ao meu avô foi reduzido a cinzas?

Sem desperdiçar tempo, Charlie sorriu e, olhando para ele, explicou:

"Tudo vos darei, se prostrado me adorares."

Loan se surpreendeu.

O cavaleiro negro respondeu à surpresa de Horsham:

Em vão não veio essa boa-nova, a não ser para preencher nossas vidas vazias, meu adorável rebento. Como a "luz" diz ser tão perfeita, se castiga seus filhos duramente por suas falhas? Enquanto isso as trevas amorosamente nos aceitam como realmente somos e disfarça nossas falhas com muita precisão. - E adicionou: - Ora, enquanto tiver o verdadeiro poder de minha precursora manifestado em meu novo coração, sempre serei fiel a ela, do mesmo modo que fui aos tempos passados.

Franzindo as sobrancelhas, Loan disse novamente:

- Tu ainda não disseste como adquiriu toda essa riqueza suja!

Isso não seria difícil dizer, pensou Charlie, presenteando-o com um ar de empáfia. Talvez fosse o caminho mais rápido para a conversão do filho, se ele soubesse o fundamento de toda a verdade.

E arriscou:

Em verdade, digo que não foi preciso tanto esforço para obter tais recompensas, pois tudo o que fiz foi cumprir os mandamentos que ela me decretou. Em troca, fui agraciado com as terras que faziam divisas com as minhas.

E prosseguiu:

Quantos suseranos e fazendeiros ricos enlouqueceram com a misteriosa improdutividade de seus vastos terrenos e a assolação de pragas degradando as lavouras... Isto sem falar nos trabalhadores feudais que morriam aos montes, atacados por moléstias estranhas. Por isso todos eles me imploravam para que, com qualquer oferta, ficasse com suas propriedades desoladas. Os demais fidalgos, que mantinham a compostura de sua teimosia, se recusavam a vender o que tinham, mesmo com a crise que enfrentavam. Mas as esposas estremeciam ao terem o conhecimento de que a vitalidade de seus consortes não era tão resistente quanto seu orgulho. Ao se tornarem viúvas e cientes de sua inexperiência em administrar as fazendas, elas entregavam tudo a preços módicos, engordando de maneira colossal meu império financeiro.

Loan passou a mão na face em sinal de desprezo, mas manteve a curiosidade estampada em seu semblante.

O outro continuou:

Foi exatamente nessa época que conheci tua mãe, uma moça exuberante, filha de um influente visconde e grande amigo do rei. Uma donzela única, que se apaixonou perdidamente, desde o dia em que seus reluzentes e inocentes olhos pousaram sobre mim. Uma verdadeira lady, elegante, de cabelos longos e dourados, pura e revestida de graça perante os olhos de muitos lordes. Mas também não fui leigo em corresponder aos seus sentimentos, dando-lhe presentes como a aliança e os enfeites mágicos de núpcias. Dessa maneira, os inimigos de meu sogro se tornaram os meus. E, com a ajuda da escuridão eterna e da fortuna acumulada, recrutei um vasto exército. Depois, saímos e destruimos todos os responsáveis que conspiraram contra ele e contra o rei. Transformamos suas terras num caos completo, e muitos deles, antes de serem mortos, foram forçados a assistir suas mulheres e filhas servindo prazerosamente aos meus soldados, numa provação sem limites de animalidade e satisfação incontida. E, tendo visto o rei minha inevitável vitória sobre os conspiradores, ao dizimar assustadoramente a resistência que se opôs às leis do seu próprio soberano, reuniu todos os nobres, homens de posição e até o próprio regente da Inglaterra, que me condecorou com uma comenda e duplicou meus bens. Diante do próprio mandado, deixei de ser um simples lorde e recebi o título de "conde", enquanto ele decretou também que seria o portador de uma insígnia, um brasão, que significava soberania em coragem e a dureza do muro incorruptível da Bretanha: a insígnia da "Sagrada Ordem do Leão".

Sua Majestade dedicou-me total apoio, para que espalhasse o terror nas almas daqueles que ousassem impor-se ao seu querer. Mas o que aquele idiota não imaginava é que eu já estava preparando um trono de sangue para a chegada da verdadeira Regente.

As violentas e turbulentas revelações se desenrolavam. Profecias eram cuspidas de uma língua inflamada de tragédias na linhagem dos Horsham, sendo declaradas em confissões ainda mais surpreendentes, manietando quaisquer reações por parte do ouvinte.

Assim que espousei Andriély, sua mãe, ela insistia ardentemente ao puro desejo de me dar filhos e gerar herdeiros. Mas ela não sabia do meu grande segredo e, além do mais, minha salvadora havia me proibido de tocá-la. O mal havia exigido o útero daquela doce mulher e isso ocorreria assim que as doze estrelas estivessem alinhadas, para que, nesse dia, não o meu sangue, mas a semente de Sammael, gerasse o ungido no ventre de uma nobre cristã.

E Charlie continuou com imensa frieza:

- Foi então que tive uma esplendorosa idéia. Para que ela não levantasse qualquer suspeita sobre minha pessoa, coloquei uma poção alucinógena em seu vinho naquela mesma noite. Depois ordenei a um vassalo de minha confiança que fosse deitar-se com ela. Por noites, contemplei o desenrolar ardente dos amantes e a maneira como meu soldado urrava de desejo, experimentando todo tipo de prazer que o corpo de Andriély podia lhe proporcionar. Ele chegou até a comentar: "Aquela meretriz o ama, pensando que é a ti que dedica toda a sua paixão."

E desta linda união amorosa, que durou quatro anos, nasceram três varões, os filhos bastardos de meu lacão, a quem chamas de irmãos.

A fúria que Loan sentia era intensa. Aquilo o queimava por dentro, os olhos luziam em sanha de vingança e os dentes rangiam. Gritos de almas penadas se instalavam em sua mente perturbada. O clima era de tortura sem fim.

Não compreendo... - interrompeu Loan, balançando a cabeça de um lado para o outro, com os pensamentos enegrecidos pelo embaraço. - Tu queres me dizer que eles não eram meus verdadeiros irmãos? - indagou.

És mesmo um ingênuo. Ainda não sabes o que tenho para ti! Tua mãe foi a eleita para gerar o monarca da devastação, o escolhido, um ser perfeitamente organizado, ímpio em espírito, soberbamente ágil em inteligência, rancoroso e violento nos seus combates. É mais do que certo que não queria criar um clima de indiferença entre nós, para que não se sentisse rejeitada por mim, vindo em seguida a me abandonar.

Por isso, contribuí em seu júbilo, deixando-a acreditar que aqueles ratos eram frutos consumados do nosso casamento.

Meu Senhor Jesus! - Loan levou as mãos à cabeça, encarando seu pai com uma raiva descomunal. A pele do corpo arrepiava e o suor gotejava da face castigada. Não sabia se agüentaria ouvir ainda mais a mortificante história por muito tempo.

Capítulo 8

O PODER SUPREMO

1

Disse Sammael a Charlie:

- Eis que em teu renovado corpo habita minha semente, e por meio de ti ela gerará o filho imaculado de minha carne, e ele será meu herdeiro!

Era chegada a hora do ritual da paixão profana. As estrelas estavam alinhadas corretamente, o momento favorável, e o conde se preparava para tomar sua esposa em uma ardente cópula. O ungido seria posto em seu útero, e o templo de cerimônia seria nada mais nada menos do que o próprio leito do casal, donde outrora outro homem desfrutara do corpo sedutor da escolhida.

A doce Andriély preparava-se para uma nova noite de amor. Ficou ela deitada em silêncio, esperando que seu consorte a pegasse e consumasse o ato de amor. Esperou pacientemente, até que as luzes do luar adentrassem no aposento.

Os lábios da lady agitaram-se num sorriso reluzente, depois que viu Charlie entrar no quarto com trajes de linho vírde, de faixas douradas nas mangas, trazendo consigo uma harpa.

Sentando-se na cama com o instrumento de cor marfim, colocou-o sobre o joelho. Então, sem pronunciar nenhuma palavra, começou a dedilhar suavemente as cordas, liberando uma música melodiosa e ao mesmo tempo cheia de mistério, fazendo com que a mulher se sentisse diferente, como nunca havia se sentido antes. Os sons daquelas melodias haviam penetrado profundamente o âmago de sua alma, atando suas ações morais e liberando substâncias por todo o seu corpo, despertando nela o ardente desejo de realizar coisas que o juízo de antes desaprovava.

Perguntou então:

Por que tocaste esta música encantadora e tão cheia de conquista, meu senhor?

Porque a amo e nunca desejei outra mulher como desejo a ti - respondeu Charlie com fineza. Porém, confessou algo que a deixou intrigada: - Mas o instante em que dedilho estas cordas é o anúncio do momento em que tu definitivamente irás juntar-te comigo. E desta união, tu, minha amada, gerarás o filho que governará os outros que nasceram antes dele, pois seu sangue não será igual ao de seus irmãos.

O que queres...

Relaxa - interrompeu-a, colocando de leve o dedo indicador sobre os lábios de Andriély.

Naquele momento, ela ficou hipnotizada com a maneira pela qual seu esposo a tratou. Então, ela contemplou, em silêncio, seu homem despir-se de suas vestes.

O homem e a mulher foram atraídos por uma paixão compulsiva. Ela estendeu os braços para ele, exigindo, ordenando que a possuísse logo. Por outro lado, a carne de Charlie ardia como brasa incandescente: algo profanava intensamente seu ser de voluptuosidade, como se a semente arcana que jazia dentro dele quisesse desesperadamente transportar-se para o ventre dela.

O lorde, que levava consigo um impressionante vigor, aproximou-se nu do leito perfumado, onde Andriély o esperava, sussurrando palavras ávidas, excitando ainda mais o consorte.

Agarrando-o pelas mãos, puxou-o com rapidez na cama, envolvendo-se ambos em um fogo torrenste. Em suspiros, ela, de maneira lasciva, se ajeitava sob o corpo robusto de seu homem, e com as pernas suavemente abertas recebia seu conviva, enlaçando-o com grande prazer. As línguas pareciam querer decifrar os enigmas do louco amor, porém ele melindrava sua boca. Admirada, e ao mesmo tempo confusa, apenas cessou o beijo, virando de abrupto o rosto para o lado. Todavia, isso não o incomodou,

pois o que mais almejava estava sendo concretizado. No quarto, os ouvidos dela coletavam os urros enlouquecidos do lorde, movendo-se não tão lentamente.

Andriély, naquele momento, reparou algo de anormal em Charlie. Seu modo de agir contrariava os habituais. Ele não a possuía com carícias tenras e delicadas. Em seu lugar estava um homem grosseiro, querendo simplesmente satisfazer seu prazer. Guiado por um instinto selvagem, penetrava-a, agarrado em seus cabelos. Em seguida, segurou bruscamente uma de suas pernas, elevando-a. Os movimentos se aceleravam a cada instante e, não se dando por satisfeito, sua fantasia bestial desferia estocadas ainda mais fortes.

Ela gemeu, mas não de volúpia. Sentiu a vergonha e a dantesca tristeza de estar sendo estuprada pelo próprio marido. Chorou em silêncio.

Ele começou a gritar, sentindo que se aproximava do ápice de sua satisfação lascívia. Naquele momento, as velas amarelas dos castiçais tremularam e se apagaram, cobrindo todo o aposento de escuridão, simultaneamente ao orgasmo feroz e arrebatador que explodiu, jorrando no útero da mulher todo o líquido de sua masculinidade.

Charlie apenas sussurrou. Depois, ainda arfando, caiu sobre o corpo suado da esposa, silenciando em seguida. O torpor foi tanto que o fidalgo quase a esmagou com seu peso.

Irada com a situação a que foi exposta, afastou-se devagar virando-se para o lado, mas não ousou levantar-se da cama. Ele parecia petrificado, mas ela podia ouvir com nitidez a respiração fatigada que foi se normalizando aos poucos.

Depois de certo tempo, a condessa, um tanto incomodada, resolveu conversar com ele, porém logo notou que o lorde dormia pesadamente.

Estava revoltada e espantada com a maneira que fora tratada, chegando até a se perguntar quem seria o homem que a havia amado anteriormente, pois hoje estava completamente mudado. Onde estaria o cavalheiro que a amara docemente em suas intensas noites e a recompensara com três lindas crianças? E esse pai ausente que não lhes presta um mínimo de atenção? O que Charlie quis dizer com "esse filho que iria nascer seria diferente dos demais"?

Essas questões estavam sendo seqüestradas pelo silêncio, mas de algo ela teve certeza: o homem que a tomara naquela noite não era o mesmo de antes. Então, vencida pelo cansaço mental de tanto refletir, também adormeceu.

Oito meses e vinte e sete dias depois...

Faltavam poucos dias para que a condessa concebesse a quarta criança. A barriga castigava tanto no peso quanto no tamanho.

Durante o período de gestação, ela expressava estranhos desejos. Quase todas as manhãs, comia avelãs cobertas de mel. À tarde, saboreava tenros pernis com molhos apimentados, e finalmente, à noite, gostava de ouvir a coruja piar enquanto se deliciava com variados manjares.

Mas, em uma noite, na tranqüila fortaleza do conde Horsham, a mulher estava inquieta na cama, preocupada com o regresso de seu marido, que há quinze dias viajara para Gloucester, a fim de tratar de assuntos políticos.

De repente, uma voz masculina e misteriosa como a de um trovão invadiu a janela de seu quarto, clamando pelo seu nome, chamando-a por três vezes. Depois se fez um penoso silêncio, até que ela ouvisse novamente:

"É tempo de o menino amado nascer... Ah, o sangue do verdadeiro guerreiro corre serpenteado nas tuas veias."

De novo a quietude, e Andriély, amedrontada, levantou-se do leito. Arregalou os olhos, vasculhando cada centímetro do vasto aposento. Tentou manter a calma, achando que a voz fora fruto de sua imaginação, pois o único som que ouvia era o do silêncio profundo.

Num repentino momento, entrou um pássaro branco, uma águia, pousando em cima da cabeceira. Então, olhando para a assustada mulher, começou a comunicar-se por meio de pensamentos:

"Salve, filha da sinceridade, não temas, porque uma grande fé habita em vosso coração. Sei que sofreis pelas atitudes de vosso marido, como também vos afligis pelas palavras duras que ele vos disse."

E, vendo ela tudo aquilo, seu coração não se turbou. Pelo contrário, ele foi encoberto de uma virtude plena, pois entendeu que a ave dizia a verdade.

Disse-lhe o ser, com clareza:

"Eis que vosso ventre conceberá e dará à luz um filho, um varão. Ele será amoroso e zeloso para com todos que sua vista alcançar, e terá a bênção do Altíssimo, pois herdará de vós a vossa bondade. Porém, será perseguido pelo mal e terá também a debilidade de um néscio. Assim, por meio de um ponto de sua própria fraqueza, tentarão plantar a semente ímpia do ódio em seu coração, para que caia no abismo eterno."

Um tanto confusa, ela indagou:

Mas como poderei protegê-lo desse destino?

"Vós não o podeis. Mas o Espírito de Luz do Rei o cobrirá com o manto da Sua palavra e o revestirá com as armas do céu para que possa derrotar as hostes da perdição."

E disse Andriély ao pássaro:

Como se fará isto se ele ainda nem nasceu?

O pássaro respondeu, em pensamento, sem muito demorar:

"Quando o menino completar doze anos, levai-o ao rio Tâmis. Lá, às margens das águas, encontrarão um servo valoroso do Senhor. E, pelas mãos dele, permiti que o menino seja batizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus, para que, selado com os dons da promessa, torne-se um prodígio das maravilhas do céu."

Para grande surpresa, Andriély considerou a visita do emissário alado um presente divino, uma verdadeira bênção vinda dos céus. Chegava a um momento oportuno, substituindo a raiz da inquietude por uma paz plena. E isso a fez mergulhar em seu entendimento humano, no dia em que conheceu melhor seu marido. Outrora, revelava-se um veraz cavalheiro de muita cortesia, um homem amoroso e romântico, sem hesitar na sua forma de tratá-la, pois temia magoá-la sob qualquer aspecto. Mas, agora, Charlie estava completamente mudado, revelando uma personalidade sinistra, que, embora oculta, esteve sempre lá, residindo dentro de um misterioso coração, esperando ser despertada a qualquer momento.

Então, o mensageiro continuou com inigualável sabedoria:

"Sei o que estais pensando, mulher. Todas as vossas perguntas vos serão respondidas no tempo certo; até lá vos acautelai, pois o tempo do sofrimento breve findará."

Por horas, o pássaro branco buscou convencer a mulher de que suas preocupações e receios baseavam-se nos fatos que haviam de ocorrer, pois tudo isso era permissão de Deus. Um grande perigo viria com flamas de um ódio eterno, ostentado pela beleza e delicadeza de uma mulher.

Por fim, confirmados a confiança e o alerta transmitido pelo emissário, o ser alado se apartou dela.

Sentinelas patrulhavam com tochas os limites das terras do conde, enquanto guardas trafegavam com lanças em punho sobre os baluartes em sua ronda noturna, sendo que alguns deles permaneciam imóveis na direção do horizonte, encostados na ameia do parapeito da muralha, enquanto outros, nas torres de vigia, se postavam de olhos abertos.

Sob pestanas e bigodes negros, um homem de armadura enegrecida foi escoltado por quatro soldados, para onde Charlie se dirigia ansiosamente. Mas foi momentaneamente interrompido pelas parteiras que, alegres, anunciaram a chegada de mais um varão, despertando imenso contentamento no lorde.

No suntuoso aposento do conde, Andriély se encontrava inconsciente. Ele dirigiu-se vagarosamente ao santuário do casal, donde contemplou o rosto adormecido mostrando sua alvura, revelando fragilidade, similar a um semblante de boneca.

A condessa dormia. Sob as pestanas loiras havia manchas avermelhadas, e as bordas das pálpebras apresentavam a mesma tonalidade, como se tivesse chorado muito durante o parto. Mas os sonhos recapitulavam o intenso amor que sentiu ao ser mãe mais uma vez e o gosto do cálice amargo da dor que provou neste árduo caminho, pelo quarto filho que dera à luz no fim do último dia do ano. Ela nem pôde ver o rosto do garotinho e tampouco segurá-lo em seus braços maternos. Sofrerá muito, chegando a passar por uma tempestade da carne, em constante martírio, mas seu interior demonstrou contentamento, estando feliz por dar ao seu senhor e esposo mais um rebento todo especial.

Nem mesmo a vinda dos outros filhos marcara tão profundamente o coração do fidalgo quanto essa concepção. Até as serviçais e as parteiras admiraram a reação de seu senhor, quando este recolheu o bebê em seus braços. A emoção de olhá-lo com tanto afinco destroçou a barragem de sua própria empáfia, fazendo transbordar um rio comovente de lágrimas que surpreendeu a todos os presentes.

Havia momentos em que ele até balbuciava baixinho. A declaração daquele pranto era um sinal de vitória alcançada, e não apenas uma demonstração de felicidade paterna.

Andriély despertou, abrindo levemente os olhos. A visão abacinada pouco a pouco retornou à normalidade. E, quando pousou o olhar no lorde, ela declarou algo ao marido, fazendo com que ele sacudisse a cabeça, na tentativa de disfarçar as lágrimas.

Aí está, meu esposo, o filho que tanto querias...

Charlie a interrompeu:

Não digas mais nada, descansa agora; tu estás fraca demais para falar.

Andriély virou a face por um momento, mas logo seus olhos retornaram ao homem em cujos vigorosos braços a criança dormia tranqüilamente.

Então, seus lábios formosos novamente se moveram:

Tu sabes como vai chamá-lo? Ainda não achei um nome que fosse apropriado para ele, por isso deixei essa decisão para ti, assim que chegaste da viagem,

Charlie esboçou um sorriso de aceitação:

Excelente - disse -, vejo que cultivas o bom-senso de honrar minha autoridade; é isso que te faz tão importante para mim.

O nobre conservou o riso até os olhos retornarem para a face da criancinha, quando demonstrou seu ar de orgulho e se pronunciou diante dos presentes:

Irá chamar-te Loan Horsham, o filho inexpugnável da Bretanha! A ti será dado todo o poder necessário, para que governes com mão de ferro e surpreendas todos com sua sabedoria.

As criadas admiraram aquilo e Andriély sentiu um calafrio ruim percorrer-lhe a espinha, algo que ela jamais testemunhara em seus anos de vida, ao ver um homem e pai declarando frases tão medonhas e estranhas para uma criança que acabara de nascer.

Mesmo fraca, ela falou:

Charlie, não te esqueças de que ele veio de dentro de mim e desejo que ele cresça dentro da doutrina cristã.

O conde considerou aquela observação um tanto atrevida. Se fosse outra pessoa que tivesse tamanha audácia, certamente agora estaria pendurado na muralha, enforcado nas próprias entranhas.

Acaso tu não me achas complacente? Mas, sem evidência de dúvidas, Loan será instruído nos protocolos religiosos cristãos - disse, com ironia.

Não gosto do tom de tuas palavras, meu senhor - redarguiu, com toda a naturalidade. Queria que ele correspondesse ao protesto, no entanto adorou o que acabara de ouvir.

O fidalgo disse:

Assuntos democráticos me aguardam.

Em seguida, ordenou que a dama de companhia da condessa agregasse o bebê nos conformes, já que a mãe se encontrava acamada. Olhou sorridente para a emudecida mulher e, depois, sem mais nada dizer, retirou-se do quarto.

O sorriso de Charlie foi transmitido com um ordinário esgar.

Entendes agora o quanto és importante para mim, meu filho? Hoje tu completas 33 anos de idade, e daqui a alguns instantes tu serás revestido da doutrina negra e iniciarás um ministério. E teu trabalho será desfazer todas as coisas existentes nesta terra falha, para em seguida dar origem a um novo reino, um mundo onde Sammael reinará contigo para todo o sempre.

NUNCA! - exclamou Loan, subitamente.

Tu não tens escolha, já estava escrito desde os primórdios, desde que o homem começou a exercer seu domínio sobre este mundo! É teu destino; portanto, prepara-te - contestou o pai, com ira nos olhos. - Tu não serás inconstante e imprevisível como aqueles insignificantes que conviveram conosco nesses míseros anos, e muito menos rejeitarás tão bela sorte prescrita para ti!

O que queres me dizer com tudo isso?

Como te disse anteriormente, a mulher com quem me casei não passava de um mero instrumento, escolhida para o cumprimento do vaticínio. Ela se expressava em felicidade, achando que aqueles três bastardos fossem frutos de nossa união. Mas um dia tua provisória mãe descobriu meu segredinho e os planos de minha Senhora. Tudo na mesma noite em que foste banido do teu lar. Isto foi inadmissível para ela, tanto que enlouqueceu quando soube a verdade: que tu, Loan, o rebento que ela tanto zelou com seus afetos maternos, era filho da "Angélia Negra".

Loan segurou a língua por instantes, respirou fundo e, apertando forte o cabo de sua espada, murmurou:

Queres me dizer... que... minha verdadeira mãe é...

Samantha Van Drighe, a reencarnação da Renovação, a entidade que Deus rejeitou no Paraíso: Sammael! - respondeu o homem, cujas pronúncias tornaram-se um braseiro.

Não... Isso não pode ser verdade... Não pode ser verdade! Isso é impossível!

Fecha teus olhos por um instante e busca no fundo do teu espírito. Olha. Como tu pensas que escapaste da emboscada que o cardeal preparou para ti?

Os olhos do guerreiro se fecharam vagarosamente e, no princípio, tudo era um breu natural. De repente, uma visão emergiu do vácuo escuro da mente, algo intrigante, que transpareceu nos traços de sua face. As imagens que se formavam nas sombras da memória iam se revelando rapidamente, e então ele viu:

Loan Horsham, o capitão templário, o primeiro reconhecido pelo Papa. Defendeu com unhas e dentes a igreja e sua pátria contra os guerreiros das trevas. Os mesmos que trouxeram o terror e demarcaram com mão de ferro a terra abençoada.

Agora, ele briga por um bem ainda mais precioso, que é sua própria vida. Mas quaisquer que sejam suas habilidades de guerrilha, elas se tornaram quase ineficazes pelo número maior de adversários. A fraqueza do corpo por causa dos antigos combates e de viagens longínquas era visível. Ele hesitou por instantes, oprimindo-se pelo suplício de sentir uma flecha transpassar sua carne. Uma lamentação tardia, quando a lâmina fria de Mordred lhe temperou o flanco direito.

A bruma da morte pouco a pouco encobriu sua consciência, à medida que o líquido carmesim se esvaía. Os emboscadores zombavam, dirigindo-lhe pragas insultosas relativas aos seus entes amados, convencidos de sua fácil vitória sobre o cruzado. Mas instantes antes de desferirem os últimos golpes na vítima, algo de inexplicável aconteceu no corpo inerte de Horsham, chegando a assombrar os presentes.

Uma aura vermelha como uma grande chama se manifestou, envolvendo-o por inteiro, afastando aqueles que estavam próximos de si. Mordred protestou em blasfêmias, pois qualquer que fosse o ser que respirasse neste mundo, nenhum homem ou criatura seria capaz de sobreviver estando sob golpes de espadas afoitas.

Atemorizados, os risos de escárnio foram convertidos em espanto, fazendo que alguns deles retrocedessem devagar.

O brilho espectral se agigantou ainda mais quando Loan se levantou, tomando uma posição ereta, mesmo com os olhos fechados.

De repente, as pálpebras se abriram e seus olhos se fixaram nos guerreiros aterrorizados, porém, no lugar dos olhos, suas órbitas estavam revestidas de fogo. Ele nada disse, apenas observou os homens em pânico, que corriam tentando salvar suas vidas.

Loan estava dominado pelo ódio, e uma força maligna possuía plenamente seu ser. Então, vagorosamente, ergueu a palma esquerda na direção dos soldados. Instantaneamente, tentáculos inflamados foram liberados de seus dedos, sobrevindo sobre os desprovidos vassallos, cujas matérias entraram em combustão em milésimos de segundos. Um a um foram incinerados, e a flama ardente degustava rapidamente as carnes e os ossos deles até nem restarem as cinzas.

Por fim, Horsham soltou um bramido medonho e a orgia da chacina crematória estava completa. Ainda não satisfeito, o terrível ser, na forma de um homem, vasculhou ao redor da mata à procura de mais alguém, mas não restava ninguém para matar. Novamente, desprendeu um grito de dor em direção ao céu. Então, a força da dimensão obscura foi escorraçada pela razão humana e pelo tormento das graves lesões. Então, absolutamente desmaiou.

Outra vez o espírito de Loan foi retido por uma nova visão, encerrando-o no iago obscuro dos pensamentos. E ao mesmo tempo em que observava sua vítrea placidez dando forma, o cavaleiro encontrou o que tanto procurava.

Matei minha infiel esposa, com seu amante e sua prole. Em seguida, coloquei meu anel em seu dedo, após ter decapitado a todos. E, como o mal cobra caro por seus serviços, permiti que os saxões exterminassem os prisioneiros e destruíssem meu castelo. Isso os faria pensar que a linhagem inteira fora massacrada pela falta de apoio dos aliados, forçando-os a cumprir o segundo item da profecia! - confirmou Charlie, que impiamente esmagou a cabeça do franciscano Zélothy, como se esmaga uma maçã.

Lentamente, Loan abriu os olhos, indignado pelo que acabara de ver. Porém nada disse; apenas retrocedeu alguns passos, chegando a comprimir a mão sobre a face suada. Isso parecia ser demais para suportar, pois não sabia mais distinguir que tipo de sentimento habitava seu coração; sentia-se vazio como seu pai.

Então, foste tu que mataste meus entes e o pobre frei! Por quê?

Loan estava enfurecido, e Charlie lhe respondeu:

Sou um predador, assim como tu! - e continuou: - Além disso, Zélothy sabia demais. Não poderia permitir que aquele idiota estragasse todos os meus planos. Fiz isso pelo teu próprio bem, meu filho.

Tu não és meu pai, nunca houve tal sentimento em ti. Apenas constituíste família para realizar a vontade sórdida de um ser sujo e miserável!!

Ora, não sejas tolo... Todos eles eram apenas uma oferenda para abrandar a ira de minha Senhora, mas tu és o preço requerido por Sammael. "Loan, o cavaleiro do leão", e tua verdadeira genitora é a serpente que habitará para sempre em ti.

Do que estás falando, assassino maldito?

Quando todos forem unificados, nada será impossível. Observa com toda a atenção.

Diante dos olhos de seu filho, Charlie instantaneamente manifestou uma aura grafite, tão intensa e apavorante que foi capaz de arrepiar os poros do cavaleiro, que também sentiu o grau da força emanada por aquela irradiação. Isso o perturbou, deixando-o calado. E a energia originada do corpo de Charlie fez sumir a escuridão daquela arena circular, assim que os braços metálicos elevaram-se para o alto e desceram logo depois, arrastando as trevas com o ondular da sinistra luz.

Só então Loan percebeu que não estavam sozinhos. Ele vislumbrou uma multidão inteira vestida de túnicas negras e de faces encobertas, todos acomodados em uma série de assentos de pedra, formados em

certa ordem.

E, deles, vozes furtivas pronunciavam línguas há muito esquecidas; outros grasnavam, deixando claro que em nada lembravam pessoas normais. Risos e cochichos pairavam em volta dos Horsham. Loan se sentia acuado, e seus únicos aliados eram apenas um punhal e uma espada desembainhada.

Movendo-se vagarosamente, o cruzado se surpreendeu com a quantidade de seguidores e os amaldiçoou por isso.

Eis tua nação amada, "Filho do Leão"! - gritou Charlie, com os braços eretos.

De abrupto, olhos reluzentes cravejavam o escuro dos capuzes, semelhantes a constelações num espaço negro. E, embora ele não os conhecesse, o combatente valente percebeu certa semelhança entre eles e o asco que deles provinha.

Todos que aqui estão participaram da tua preparação, desde tua meninice: os homens que o serviram, as mulheres que cruzaram teu caminho e os velhos serviçais que dedicaram suas vidas protegendo-te das burlações astutas do nosso Adversário - falou o pai, com extremo orgulho.

O quê?

Sim, eles sabem quem tu és. Cada um deles, cada membro aqui presente contribuiu com tuas centelhas de vida, privando-o de qualquer sentimento contrário. Impedimos que os dons daquele batismo subversor aflorassem em ti, contaminando tua estrutural perfeição. Portanto, fala com eles e demonstra tua eterna gratidão.

Lá em cima, algumas figuras se levantaram dos assentos, despojando-se de seus capuzes, revelando-lhe a verdadeira identidade, tomando o combatente de sobressalto.

Então, a primeira figura se apresentou em alta voz:

É uma grande honra para mim ter te conhecido, ainda que fosse por um pequeno espaço de tempo, meu Senhor. - falou Elizabeth, a mesma que num vilarejo distante o tratara como um cão sarnento.

Tu és digno de majestade! - disse um grande grupo de homens, os próprios que lutaram com ele na guerra, mas também os responsáveis por atraí-lo pelas costas, acusando-o de estar protegendo uma agente do mal.

E, finalmente, para a surpresa de Loan, pronunciou-se a pessoa que, dentre eles, jamais imaginaria estar fazendo parte de uma platéia de chacais.

Salve o filho que trará a paz para este mundo! Peço-te perdão pela calorosa recepção de meus templários, meu príncipe. Mas a mim foi incumbida a tarefa de despertar teu poder adormecido.

Loan o olhou com ódio.

Despertar? Maldito, tu querias minha cabeça!

Mesmo assim, meu trabalho foi concluído, meu lorde. - respondeu o ministro eclesiástico.

Isso não me surpreende - replicou Loan.

Valendo-se do momento oportuno, o sacerdote discursou com um firme linguajar:

Divulgar os fundamentos do protocolo arcano era contra meus princípios, mas agora tu tens a idade exata para obter tal conhecimento. O mundo é corruptível, cheio de fraquezas sentimentais e de obrigações rígidas, pois tu bem sabes que, ao ficarmos velhos, a porta da sepultura vai se abrindo vagarosamente para nós, deixando apenas uma questão: para onde iremos?

Nas escrituras da Bíblia, Deus nos revela que nos remiu da perdição eterna, por meio do sacrifício feito por seu filho na cruz do Calvário. Mas também nos relata que o salário do pecado é a morte. Portanto, se somos pecadores, como herdaremos a terra que Cristo nos prometeu? Sendo que Ele mesmo disse: "Entrarão no reino dos céus somente os puros de coração". Estou há muitos anos na carreira clerical, nunca obtive nada pela fé, não vislumbrei nenhum milagre, e acredito que condenei muitos fiéis à fogueira, acusados de heresias e de operarem obras consideradas por mim como atos de bruxaria. Os anos nos fustigam cruelmente. Por conseqüência, a carne vai definhando, e a perspectiva da morte me assustou. Portanto, resolvi barganhar com o mal.

E adicionou à pesada declaração:

Para que sofrer a segunda morte pelas mãos de Deus, se eu posso obter a vida eterna, aqui mesmo, com a ajuda das trevas? Neste exato momento em que falamos, a semente da árvore infinita cresce dentro de mim e em todos nós. Brevemente, iremos prescindir dessa matéria imperfeita e seremos transformados em seres eternos, quando toda a sujeira deste mundo, como a carne, as doenças, a velhice, for expurgada, nos tornaremos a nação eleita.

As mãos de Loan se apertaram de raiva.

Nem Judas foi tão imundo em traição quanto tu foste, cardeal!

Naturalmente - ironizou. - Mas tu, meu príncipe, verás a importância dessa obra e logo irás nomear-me um de teus sumo sacerdotes.

Que sonho mais confortador... - expressiu com desdém o cavaleiro. Depois voltou a atenção para o conde e perguntou: - Se dizes tu que Samantha é minha mãe, pois bem, onde ela está agora? Por que não está aqui?

Não indagues mais! Eis-me aqui, meu filho.

Uma voz feminina refreou a ansiedade de Horsham que, virando a cabeça para trás, surpreendeu-se ao ver Samantha Van Drighe em pé e ao seu lado. Em hipótese alguma havia notado sua aproximação, até que ela, trajando um vestido de seda branco e usando uma tiara de ouro na cabeça, suavemente tocou-lhe o ombro com a mão.

Sinto a amargura em ti. Disse-te que por esta porta encontrarias as verdades que marcariam a fundo tua alma, mas isto estava escrito nas páginas do destino, senão tu não terias vindo até mim.

Loan temeu seu olhar. Ele não tinha forças para confrontá-la nem muita coragem para fitá-la. Na verdade, preferia suportar uma alcateia de lobos degustando sua carne a aceitar o fato de que "ela" era sua verdadeira mãe.

Sei que me rejeitas, embora deva dizer-te que és um pedaço de mim, mesmo que gerado de uma mulher humana. Portanto, se desejas desabafar comigo, estou disposta a te ouvir e a te ajudar, caso queiras pronunciar-te.

Ele olhou para ela:

Como pode ser isto, de que maneira posso ser teu filho, se cresci e nasci do ventre de outra mulher?

Tu não fazes idéia de como é horrível ter poderes ilimitados e não poder criar um ser da própria espécie...

Ele respirou fundo, deu um sorriso amargo, depois sacudiu a cabeça, dizendo:

Isso é impossível!

Não para seres como nós — refutou ela.

Loan Horsham emudeceu.

Escuta-me agora, neste momento explicar-te-ei tudo o que deves saber. - Samantha fez uma leve pausa, então finalmente começou a falar.

Na verdade, tu sempre exististe. Apesar de não portares matéria orgânica, tu consistias em uma energia oculta provinda de meu próprio espírito. Quando começaste a te originar e a ocupar lugar no espaço, tu não havias sido formado pela junção física de um homem e de uma mulher, como fazem os mortais. Tu eras uma pequena partícula tirada do meu ser original, depois reimplantado no corpo de um homem, que tinha a obrigatoriedade de colocá-lo no útero de uma mulher de estirpe.

Loan, em espanto, indagou:

Uma coisa hei de perguntar: Se sou parte de ti, então por que os manipulou para que eu viesse a subsistir? Por que simplesmente tu não me formaste de outra maneira?

Firmando sua visão nele, ela respondeu:

Mesmo que houvesse um meio, de modo algum iria fazê-lo. Tu precisavas alcançar a imagem dos mortais, pois se horrorizariam em contemplar teu "ser verdadeiro". E, além disso, a matéria carnal que

ocupo não me pertence e logo ela passará por um processo de degenerescência. Dessa maneira, tua face demonstrará repulsa em minha aparência grotesca. - E deu prosseguimento: - E mesmo que aparentes a forma dos seres humanos, tornar-te-ás um de nós. Agora vem cá e aceita o reino que te foi proposto.

Ele a interrompeu momentaneamente e, virando a face para o lado, viu a figura fulgurosa de Charlie, que, em silêncio, aguardava pacientemente aquele desfecho.

Desceu as pálpebras sobre os globos oculares e desejou ardentemente estar em outro lugar, menos ali. Enojado, inquiriu novamente:

E o que me dizes sobre os crimes cometidos por este animal? Se tu tens tantos poderes assim, por que permitiste que minha genetriz fosse atormentada e depois morta, com seus verdadeiros filhos, que foram por mim considerados legítimos irmãos?

Samantha o abraçou fortemente e, aconchegando o delicado rosto em seu ouvido direito, pronunciou-se com uma voz de entristecimento:

Agora foste tu que me molestaste com teu desprezo. Porventura achas tu que apoiei essa apologia macabra e tão cheia de maldade? É verdade que arquitetei e pratiquei a ação de uni-los para que tu pudesses nascer, mas garanto que nada tenho em relação à morte dela, ao contrário: eu admirei Andriély tanto quanto tu, porque ela deu o melhor de si. Passou dias e noites amamentando-te, cuidando de ti e amando-te de tal maneira que a considerei como minha apóstola, apesar disso não ter chegado ao teu conhecimento.

Samantha procurava a todo custo atingir o coração daquele homem aflito, mas suas palavras de nada valeram diante de seu forte orgulho. E, manifestando sua constante náusea, Loan a rejeitou, empurrando-a para o lado.

Tu mentes! Sei que isso é uma de tuas burlações astutas para me convencer do contrário, pois bem me precaveram de ti!

Samantha se enfureceu:

Por que te afliges tanto? Por que simplesmente não aceitas a verdade?

Ele cerrou os lábios. Van Drighe, todavia, prosseguiu:

O que vês em mim, hein? Não és tu a única vítima. Eu, Sammael, a entidade celeste em perfeição, fui brutalmente assolada pelo Ser a quem tu chamas Deus. Ele, que fez da angélica aformoseada um túmulo de monstruosidade degradante! Com toda a Sua ira, Ele reduziu minha pele virtuosa a lepra miserável. Da Sua boca saíram espadas flamejantes que me despedaçaram inteira, e mesmo assim continuou a me perseguir. Rangeu Seus faiscantes dentes contra mim, quando me transformou numa árvore horrível, depois aguçou o casal do Éden para que viessem desdenhar de mim. Mas fui perseverante, lutei contra todos os artifícios do meu Adversário, para tão somente trazer-te a este mundo.

As lágrimas escorriam intensas pela face alva da diva. Samantha chorava inconformada:

Eu te suplico, Loan Horsham, só tu podes restituir a essência bela que um dia foi tirada de mim, e ainda consertar este mundo que está aprisionado pelos grilhões do engano!

Ao dizer isso, a grande líder daquele povo se prostrou aos pés do cavaleiro. Todos os presentes testemunharam perplexos aquela cena. E, para grande surpresa, Charlie também se chocou com o que via. O guerreiro de armadura negra percebeu que algo estava errado, e o diálogo mantido pelos dois foi visto como um mau presságio. O comportamento de sua mestra havia mudado completamente, como se uma serva implorasse misericórdia ao seu senhor pelo ato que cometera.

De joelhos, a sacerdotisa falou:

Em outros tempos, chamaram-me de confortadora e embaladora de estrelas, líder de todas as falanges celestiais e mãe de toda a juventude e formosura. Mas, agora, sou chamada de "o pai das mentiras, o leão devorador e o ladrão destruidor". Verdadeiramente, os cristãos não sabem nada sobre minha origem e muito menos conhecem o grandioso futuro que tenho para eles. Se Deus os ama tanto, por que lhes deu corpos deficientes e corruptíveis em vez dos eternos? Se diz que as crianças fazem parte do Seu reino

glorioso, por que as deixa morrerem de fome e de pestes, entregues predominantemente ao abandono e ao esquecimento? Nada tenho contra o Cristo, apenas contra Seus ignorantes discípulos, que manipularam as escrituras, declarando perjúrios contra meu ser, chamando-me de demônio e dizendo que vim para tragar as almas dos homens... Isso é inadmissível! - declarou, indignada.

E como podem eles me explicar o fato de que até mesmo o Senhor disse que veio trazer a espada a este mundo, ao contrário da paz, alegando trazer a divisão entre o homem e seu pai, entre a filha e sua mãe, entre a nora e sua sogra, confirmando, com toda a franca certeza, que os inimigos do homem serão os próprios familiares?

Os cabelos de Loan se eriçaram ante a face da mulher misteriosa.

Portanto, digo-te para negares esse engano. Os tempos de hoje só tendem a piorar, a menos que tu me ajudes a recuperar a beleza roubada e minha essência divina.

Deus é o Senhor da misericórdia... - disse ele.

Verdade? - ironizou Samantha. - Onde estava Sua piedade quando estive presente em Ramá, e uma voz de desespero de grande lamentação se apresentou por meio daquele povo, quando Herodes ordenou que todos os inocentes fossem mortos? Eu vi as lanças atravessarem seus corpos feito gamos ceifados por setas. Até Jeová virou as costas para seu próprio filho, visto que clamava em agonia na cruz. E agora os freis veneram isso? Acreditam que Ele está intercedendo por todos, sendo que, na verdade, não intercedeu nem pelo Seu filho. Os portões da Paz Universal foram lacrados definitivamente para todos.

E prosseguiu:

Tu és a chave, meu filho; és o único que poderá definitivamente escancarar as portas de um reino sábio e justo. E só existe um caminho que leva para isso.

Diz-me, qual? - indagou o rapaz.

Então, levantando-se do chão, Samantha fixou a visão no cavaleiro de armadura negra, que também os observava com um tético olhar. E, apontando para ele, a grã-sacerdotisa exprimiu palavras abrasivas, declarando seu desfecho:

"Disse Deus a Abraão: Tomai teu único filho, teu unigênito, a quem tu tanto amas, e vai para a terra de Moriá, e uma vez lá ofereça-o ali em holocausto sobre um dos montes que te mostrarei." Abraão, o pai amoroso, teve a coragem de ofertar seu filho de sangue inocente por amor ao seu Deus. Agora, vede ali. - firmou ela, com o dedo apontado para Charlie. - Abraão foi exposto ao ridículo, pois não tinha motivo para cometer tal atrocidade. Mas tu, cavaleiro do leão, tu tens mais do que provas concretas para cumprires o que mais almejas; não era isso que querias?

Tentou refletir, mas foi astutamente interrompido pelo cinismo de Van Drighe.

Loan, clamo-te que faças valer a justiça por meio de tua espada. E que o filho ofereça em holocausto o próprio pai, cujo sangue está apodrecido com a sujeira de incontáveis crimes cometidos contra muitos inocentes, principalmente com os de sua família!

O rosto dele corou, afundado no mais profundo ódio. Agora ninguém mais poderia detê-lo.

A expressão dela iniciou um festim diabólico na ensandecida multidão, que bradava pelo ensejo do combate.

Numa cólera devastadora por ter sido manipulado e traído por aquela que considerava ser sua divindade, Charlie protestou:

Maldita sejas! Não me dediquei décadas e décadas para sujeitar-me a um ser que rasteja diante daquele que criei, e agora tu te portas feito uma cadela no cio! Separarei tua cabeça dos ombros!

Isso ele disse no instante em que desembainhou sua espada, simultaneamente a uma luz cinza que se manifestou, envolvendo-o. Seu coração maligno era alimentado pelo desejo insano de matá-la, fazendo com que a força interna concentrada em seu corpo alcançasse a intensidade extrema. E, valendo-se da ocasião, o algoz cavaleiro saltou feito uma pantera sobre a desguarnecida mulher, na posição exata de atravessar a lâmina em seu peito.

Contudo, o aço ameaçador de Charlie foi detido em pleno ar por outra espada, que intercedeu em favor de Samantha, evitando a estocada final.

Ao notar a interferência de Loan, o conde esbravejou:

Fedelho miserável, tu ainda não percebeste que isto tudo é um truque para nos digladiarmos, e ainda assim tu queres me enfrentar?

Agora é tarde para te arrependeres, maldito! Truque ou não, pagarás pelas vidas que ceifaste na tua impiedade! — exclamou Loan, desferindo um fortíssimo soco na face de Charlie, que se afastou lentamente.

Vagarosamente, Horsham tocou a superfície da face afligida pela agressão de seu próprio filho. Então, tomando aquilo como um convite decisivo, ele acenou em sinal de aquiescência. Um vento quente roçou na armadura negra, mesmo sendo escudado pela irradiação obscura. O lamento lhe escapou da boca, na ocasião em que seus olhos contemplaram uma fornalha vermelha manifestando-se na matéria de Loan, sobrevivendo na ação de um lampejo.

O conde ficou paralisado pela surpresa ao vislumbrar uma flama carmesim brotar dos olhos do rival. E a tempestade de energias grafite e escarlate se colidiram num novo e estrondoso rufar de suas espadas.

Os dois guerreiros, pai e filho, agora se investiam numa batalha animalesca, onde somente um dos Horsham triunfará.

O próprio lorde não se intimidou ante a apresentação de poderes de seu rebento, e foi o primeiro a desferir um mortífero ataque. Completamente enlouquecido, Loan foi ao seu encontro, num reluzente rodopio de lâminas.

Enquanto isso, frases ditas das bocas profanas de muitos se misturavam no ar, e as energias das auras dos dois guerreiros reluziam com o decorrer da batalha, emitindo vibrações energéticas que chegavam a golpear alguns dos adoradores.

— De leone serpentem habitabit!

Loan tentou de qualquer jeito golpeá-lo num frenesi feroz, mas as habilidades do conde eram incomparáveis. E, reagindo à altura da ferocidade e do descuido do filho, o cavaleiro ímpio concluiu o primeiro corte, rasgando a malha e riscando de raspão o tórax do cruzado, que soltou um resmungo agudo de dor. Então retrocedeu e segurou com uma das mãos o peito que sangrava. Vendo a chance que lhe era proposta, o conde renegou qualquer tipo de honra ao seu adversário e o atacou abruptamente. E, antes que Charlie consumasse sua fácil vitória, Loan concentrou toda sua força. Estendendo sua mão esquerda para o agressor, eis que uma bola de luz ardente saiu da palma do valente guerreiro, indo atingir como um tiro o flanco direito do atacante. Com o violento impacto, Charlie Horsham foi arremessado longe, indo cair no chão num grotesco baque.

Tomando certa distância dos dois gladiadores, Samantha não conseguia conter a admiração por aquela luta que se tornava ainda mais violenta.

Loan ficou parado, observando, a alguns metros, um homem que vagarosamente se levantava aturdido, levando uma das mãos de ferro ao flanco atingido da armadura, proferindo maldições contra aquele que o ferira. Durante a momentânea fraqueza, aquele homem observou seu filho imóvel, envolto numa aura rubra, e lhe disse:

Achas que com esta bobagem tu podes me destruir, idiota?

Isso é o que logo veremos, miserável! - respondeu Loan.

Erigindo imponentemente, Charlie ergueu os braços para o alto, vindo a desviar alguns fluidos do lume acinzentado. E, de algum modo misterioso, penetraram nos entalhes de figuras de sua própria armadura. Então, as gravuras se desprenderam da vestidura metálica e, assim que tocaram o chão, as sete figuras transmutaram em tamanho de homens, mas de feições bizarras, com trombas alongadas semelhantes a caudas de escorpiões.

Loan não se assombrou com o artifício do pai. Ficou inalterado e em silêncio, aguardando a aproximação das criaturas que vinham rápidas e sequiosas, loucas para provarem pela primeira vez a apetitosa refeição.

Os olhos vítreos e esbugalhados de seus rostos eram idênticos aos de gatos, e as garras afiadas eram como de aves de rapina; as orelhas estavam incrustadas de espinhos.

De rosnados retumbantes, as criaturas ávidas por sangue rosnavam incessantemente, emitindo sons medonhos e ecoantes.

Loan poupou os esforços. Sabia, pela experiência, que armas terrenas não iriam causar nenhum dano a esses horrores, já que eram de metal, e muito menos possuíam vida, refletiu, indo às pressas devolver a lâmina à bainha.

Em se tratando de magia, sua filosofia era bem simples: se as feras foram criadas por intermédio de encantamentos, conclusivamente poderiam ser destruídas pela mesma força que as originou.

E, pensando assim, ele estendeu os braços com as mãos abertas para baixo. De repente, uma vibração estranha, porém poderosa, percorreu toda a sua matéria, tomando os antebraços numa tonalidade dourada. Retornou a atenção para as abominações, que avançavam feito lobos. Ele esperou, olhou-as fixamente, quando compreendeu, por cálculos, que já estavam próximas demais. A raiva invocada de seu ego rompeu o torpor. E, em frações de segundos, elevou os braços para o alto, batendo uma palma na outra com grande violência.

O resultado do impacto foi uma explosão ensurdecadora de fumaça e chamas dos corpos monstruosos das bestas, que se estilhaçaram feito vidro, surpreendendo os olhos de seu invocador com uma luz ofuscante que parecia irromper por toda a arena.

Então, de alguma forma, Charlie entendeu que o único modo de vencê-lo seria com a própria espada. O silêncio de sua reflexão foi profanado pelos gritos dos seguidores, que exigiam a seqüência do combate. Por fim, Charlie respirou profundamente, vindo a falar em seguida:

Deste modo nunca chegaremos a resolver nossas divergências, tu não concordas?

E o que sugeres? - indagou o cruzado de aura escarlate.

Sugiro que deixemos que nossas espadas decidam qual de nós será o vitorioso: se serás tu ou se serei eu.

Dizendo isso, a energia que envolvia o cavaleiro negro desapareceu.

Loan ouviu as vozes ressoando no seu entendimento, concordando:

Está certo, farei o que me pedes.

Mas Charlie era desleal e traiçoeiro, e, mesmo usando uma pesada armadura, alçou um impressionante salto, ao mesmo tempo em que arremessou uma mortífera faca.

Mais rápido, porém, foi Loan, que, ao desembainhar a espada na velocidade de um raio, cujo aço reluziu à luz prateada e desviou o objeto assassino na direção de um dos adeptos na multidão, que, despreendendo seu último grunhido, tombou sem vida sobre os outros.

Loan bradou:

Abutre desgraçado, chamas isso de resolver as divergências? Irei mandar tua alma apodrecida ao inferno!

Irás mesmo? - escarneou Charlie. - Achas que truques idiotas de alguns golpes vão me derrotar? Achas que tua força insignificante representa alguma ameaça para mim? De agora em diante, não serei manipulado por ninguém, muito menos por um imbecil tolo e mimado que acredita ter o poder absoluto!

As palavras do conde chicotearam a fundo seu orgulho, causando mais indignação, implodindo a cólera há muito tempo oculta. Loan voltou a gritar, reagindo como uma fera faminta, louco para saciar sua fome de vingança.

Dois homens, dois guerreiros brilhantes, sem nenhum remorso e esfaimados pela vida um do outro.

Charlie cobiçava o poder, não se importando de onde ele vinha e nem quantas vidas custassem para sua realização; sua única vontade era governar nações com primazia tirânica.

Já Loan acreditou na fé e no amor da doutrina religiosa, até descobrir que é inimigo dela. Agora, cego pela escuridão daquelas revelações, ele desejava a todo custo presentear Samantha com a cabeça do homem que extinguiu a existência de sua genitora e de seus irmãos adotivos. Em seguida, despojaria o resto do corpo aos chacais. Um castigo apropriado, ainda que pouco, pensava ele.

A cada golpe, os metais desabafavam o desejo ansioso de matar. Os choques das lâminas ressoavam altos e fagulhas espectrais davam um ritmo frenético ao incansável ritual de luta.

Naquela noite, os filhos do érebo se alegravam e se agitavam como vermes num cadáver. Vindos de todas as partes dos continentes conhecidos, eles lotaram os assentos de mármore da dantesca arena, um lugar de sangue, criado pelo poder maligno de Sammael. Agora, a platéia contemplava surpresa uma decisão que não parecia ter fim e sentiam a necessidade disso. Mas qualquer um que fosse o vencedor desejaria ter abraçado a derrota e a morte como um prêmio veraz.

Ai deste que vencer... A recompensa está reservada pelas mãos do próprio mal que assola a humanidade. É assim que o inferno deseja, e é assim que ele o fará, pensou Van Drighe, sentada num trono de pedra, rejubilando-se com a animalidade dos dois.

A enfurecida batalha entre os leões desenrolava-se, renunciando a qualquer sentimento de piedade ou de pausas para o raciocínio. Porém, aos poucos, a supremacia de força do cavaleiro negro começava a se difundir e a tornar-se mais sensível. O mesmo acontecia com os vigorosos braços do cruzado, enfraquecendo-se, mediante a sucessiva seqüência implacável e contínua de golpes.

Embora Charlie acreditasse ser superior nas habilidades de espadachim e lançasse esforços de manejos astutos, viu-se subjugado pelas investidas do inglês, vislumbrando surpreso o forte metal de sua arma se partindo ao meio, ante a violência de uma malograda tentativa. Desesperado e motivado pelo ardiloso instinto, a luta passou por uma nova estratégia.

Loan, logo compreendendo que seu pai iria usar um novo ardil, afastou-se de imediato. Enquanto isso, Charlie se prostrou ao chão, deixando-se envolver numa massa gasosa, originada da irradiação cinza. Ele ficou ali quieto, de joelhos, absorvendo o mal da própria aura repulsiva. De repente, seu corpo começou a inchar e a transmutar. Pouco a pouco, a armadura foi rachando em várias partes e fragmentos de metal foram lançados longe de sua matéria, que se tornou enorme.

Em lugar da respiração humana, surgiu o som de um arfar horrendo e animalesco. A aura foi consumida pelo corpanzil, e no local emergiu uma criatura macabra, que lançou um rugido ameaçador e uma vibração negativa passou ligeira por Loan, como um aviso de que a morte viera para resgatar. A imagem agigantada revelou a figura nítida e abominável de sua aparência, o poder verdadeiro de Charlie, a autêntica face de seu ser, a identidade de alma do conde Horsham. O aspecto humano era apenas uma casca de ovo, um disfarce que ocultava um monstro antigo e perigoso, mas que agora se tornava presente diante dos olhos de todos.

Finalmente Loan conheceu a face negra do terror. Dentes tintos rangiam, enquanto o brilho de olhos rosados secavam quase por completo a coragem do oponente. Depois de um tênue momento, o jovem guerreiro descobriu que o ser à sua frente transcendia a natureza terrena.

Apenas um rosar selvagem foi disperso, segundos antes de a criatura se arremeter sobre o cavaleiro com uma ferocidade inigualável.

Seu primeiro reflexo foi a espada em punho. E, aplicando toda a força física de seus músculos, a lâmina afiada atingiu em cheio o monstro, vibrando contra o crânio, que deveria ser dividido ao meio.

Loan temeu quando viu o aço de sua arma ser reduzido a fragmentos, e tudo o que pôde fazer foi esperar, de olhos esbugalhados, que a aberração lhe devolvesse o ataque.

Os braços do combatente tentaram, em pânico, repelir a investida voraz da fera. Mas seu inimigo tinha seis braços, e cada um deles procurava ligeiro o lugar exato onde sepultar as garras na carne fresca de sua vítima, feito mortíferas tenazes, apertando-o implacavelmente.

Por puro desespero, Loan se esforçou ainda mais, tentando suplantar a força maior da criatura. Mas o demônio entendia sua intenção e, usando suas mãos volumosas, agarrou impiedosamente seu pescoço, enquanto maxilares úmidos e fétidos se abriam gradativamente, num propósito de mastigar a face da infeliz presa. Os rugidos animais chegaram a seus ouvidos feridos, e o ar se esvaiu vagarosamente dos pulmões. Agarrados como estavam, os dois se fundiram numa escultura de caçador e caça. A carne foi temperada com suor e mesclada com o líquido rubor proveniente dos cortes.

Ambos se debatiam, e Loan lutava enlouquecido por sua vida, movido pelas aguçadas habilidades que desenvolveu quando participou de vários combates. Mas o monstro era forte e não esboçava nenhum princípio de piedade. Um ser que já fora um homem, um fidalgo e um pai, agora necessitava extremamente eliminar seu próprio filho, para tão somente dar seqüência à sua trama macabra.

Entretanto, o cavaleiro do leão refletiu na missão que lhe fora confiada e, resgatando as únicas forças que lhe restavam, conseguiu invocar a aura escarlata, na tentativa de intimidar o agressor. A fera nem se importou e o olhou com escárnio nos olhos.

O cavaleiro ficou observando nervosamente, até que a asfixia começou a se tornar presente e a turvar sua mente, de onde um vago breu foi repentinamente aparecendo. Aos poucos o destemido combatente foi sentindo a vida sendo roubada de seu corpo, profanada pelas garras de um animal arcano e medonho, que recusava qualquer formalidade para matar.

Sob seu supremo domínio, a figura diabólica usou o tom de voz de Charlie e lhe declarou frases cruéis:

- Foi deste modo que arranquei a cabeça daquela vadia e dos teus irmãos bastardos. Devias ver os semblantes deles quando contemplaram minha verdadeira imagem!

Loan o fitou com um olhar aterrorizado. O horror que dizimou sua família despertou no guerreiro uma ira intensa e frenética. E, com uma força sobre-humana, estendeu uma das mãos, ainda que imobilizado por garras afiadas. Tateando uma bainha pequena junto à cintura, agarrou o cabo de alguma coisa. O ódio lhe restabeleceu as energias perdidas, e a mente aturdida reconheceu como sendo o cabo de seu punhal, a mesma arma que usara para destruir o símbolo de sua mão meses atrás.

Agora, Loan a usava com todo o poder acumulado de sua aura mística e das forças de músculos retesos, para cravá-la bem fundo na parótida robusta do monstro, cuja boca se abriu em concentrada agonia.

Um caldo esmeralda espirrou na face do guerreiro, causando-lhe asco. E uma fita esverdeada correu pelo braço da criatura, pingando e manchando os trajes do oponente.

E um segundo golpe plantou na face hedionda do demônio, fazendo-o dobrar um joelho. Aproveitando a ocasião desejada, Loan posicionou os pés sobre o ventre do ser e, de joelhos dobrados, conseguiu dar um forte impulso, repelindo a fera, que o largara, e se projetando em pleno ar. E, assim que a medonha mutação caiu brutalmente no solo, se contorceu, rolando em convulsões.

Com os olhos ainda embaçados, e alguns dos braços impossibilitados de contra-atacar o adversário, Loan, com lentidão, pôs-se a postos e percebeu que este era um momento de ouro para aniquilar o assassino. O valente guerreiro estava de pé, porém ferido, com a pele arranhada e molhada do ardente suor, as roupas de batalha rasgadas, besuntadas do sangue de ambos.

Estavam separados por uns quinze passos, enquanto seus pulmões se restabeleciam da ofegância. O coração, cheio de uma mácula venenosa, estava louco para desferir o golpe que iria decidir o fim daquela luta descomunal.

A anomalia, vendo que o cavaleiro lentamente se aproximava, percebeu que as forças a abandonavam, e logo começou a rastejar feito uma cobra. Usando os outros braços, balançou as garras ameaçadoramente em pleno ar, na tentativa de manter o inimigo a distância. Na realidade, ele não se moveu; ao contrário, sentiu-se feliz por conquistar uma grandiosa vitória sobre um admirável guerreiro, ainda que desleal nos seus métodos de luta.

De repente, a criatura soltou um berro lancinante, e algo extraordinário ocorreu a ela.

Loan ficou atônito ao ver aquele gigantesco corpanzil regressar à forma humana. A matéria inexpugnável do animal macabro deixou para sempre de existir e deu lugar a uma forma frágil e indefesa, a qual uma espada facilmente poderia dilacerar. Charlie Horsham estava liquidado, a garganta e o rosto lacerados pela arma branca do filho, o corpo nu banhado com o próprio sangue, as pernas quebradas mediante o impacto da queda, e a vida esvaindo-se feito uma vela devorada pela própria chama.

Loan, em posição de luta, observou o sofrimento do pai, que balbuciava palavras desconexas. E, para ele, o estado de desgraça daquele homem não bastava. Ele almejava ainda mais; tudo o que mais queria naquele momento era realizar seu maior sonho: vingança.

A multidão de túnicas pretas despertou do transe do espetáculo e as vozes estridentes, abrasivas e penetrantes exigiam o final, bradando para Loan:

Mate-o! Mate-o!

O corajoso rapaz retribuiu com um olhar. E novamente ouviu:

Mate-o! Mate-o!

Numa vivenda ilustre, que era um pequeno camarote formado por uma tenda, com vista para a arena, Samantha Van Drighe, sentada em um trono de ônix, aplaudiu feliz o gladiador, dizendo-lhe:

Tens meus elogios, Loan Horsham! És realmente meu herdeiro, unigênito de minha graça.

Finalmente levantando-se do sôlio, a mulher de vestes alvas quebrou com autoridade a algazarra de seus súditos, proferindo:

Hoje, o leão de Judá será subjugado pela serpente!

E continuou, perguntando com empáfia:

Cumpra teu destino, e que se inicie um novo legado. Afinal, em quem tu acreditas? No poder que se fez vivo diante de ti ou num Ser ausente, que somente exige obediência e que nada faz para ajudar sua própria criação?

Ele nada respondeu.

Samantha persistia em obter a resposta:

Já que te recusas a me responder com palavras, talvez tuas ações expressem o que desejo saber!

No erguer de um de seus braços, uma trombeta soou repentinamente, dando ordem a dois súditos para que abrissem os portais que davam acesso ao pátio onde se encontravam os dois gladiadores. Então, uma figura encapuzada transpôs a entrada, seguindo direto para o cavaleiro, que a olhava atentamente. Em seus braços jazia uma manta violeta e sobre ela repousava uma espada de aspecto aterrador. Depois, parando abruptamente, ajoelhou-se diante de Loan, ofertando-lhe o artefato.

O cruzado aproximou-se do assecla e ergueu a cabeça em direção à rainha dos ímpios, que o presenteou com um sorriso afetado. E, compreendendo que teria de cumprir cegamente os preceitos de seus próprios desígnios, e que ela foi a única que contribuiu com a realização de suas aspirações e com a concretização do que mais almejava, voltou a contemplar a arma negra oferecida pelo servo de Samantha. Enxugando o suor gotejante de sua face, agarrou o cabo da espada, erguendo-a em seguida.

A voz suave de Samantha ressoou nos seus pensamentos profundos. Ela veio como uma maldição, incitando-o a matar.

A espada que empunhas é a mesma que usei no combate contra o arcanjo Miguel, e hoje passo-a a ti, para que com ela concluas tuas mais árduas ambições. Faz do teu orgulho o mesmo que sinto de ti, e, no borbulhar da minha alegria, tomaras teu lugar ao meu lado.

Sem exprimir nenhuma frase, o leão da Bretanha se sentiu tomado por uma energia desconhecida, e, num simples gesto, os olhos entraram em combustão, com o lume vermelho que o envolvia. Uma ação maligna de uma declaração confirmada, de que ele mesmo poria em prática a conclusão da terceira e última profecia.

Loan caminhava rumo a seu inimigo caído, deixando exposto um lume carmesim. O grito de Charlie ecoou pelo pátio. Em pânico, com o coração aos pulos, o conde bem que tentou levantar-se, mas os ossos das pernas foram partidos ao meio, e a perda excessiva do plasma sanguíneo o deixara completamente debilitado. Seus incríveis poderes mágicos desapareceram por inteiro e mal conseguia recobrar o equilíbrio do resto do corpo, apenas implorava clemência ao algoz e executor, seu único rebento. Ao mesmo tempo, estava surpreso com os poderes que Loan havia conseguido. Jamais pensou, em sua insana consciência, que pudesse existir outro ainda mais forte do que ele.

Ausente de qualquer vestimenta, e no estado mórbido em que se encontrava, Charlie se escondeu completamente em sua covardia peculiar, mostrando expressão de pranto, clamando em lástimas:

Não, filho! Não há necessidade de tu agires desta forma! Poupe a centelha de vida deste moribundo que se rasteja pelo teu perdão...

Embora as súplicas fossem comoventes, o condenado reparou que Loan não tinha intenção alguma de poupá-lo, e, reconhecendo que os recursos haviam se esgotado, curvou-se, esperando em silêncio a execução de sua sentença.

Loan sentia-se poderoso, livre para agir conforme sua vontade. Estava dominado pela soberba, convicto de que não haveria impedimento algum, de que as regras são apenas um conto de fadas.

Todavia, a dramaticidade do bem e do mal ainda não havia findado. Ele estava de pé, bem perto daquele que um dia se considerara "o forte". O condenado não esboçava nenhuma reação e Horsham cumpriria a oportunidade que tinha em mãos. Mas ele não se moveu, e, apesar de estar ferido, mediante os ataques anteriores de seu pai, tinha forças de sobra para matar o oponente.

Os adoradores começaram a manifestar seu protesto e Samantha, olhando-o indignada, berrou:

O que há contigo? Por que desperdiças tanto teu tempo? Faz logo!

Aquilo soou como o próprio látego em suas costas. Isso foi o suficiente para que erguesse a lâmina satânica. E, nos décimos de segundo em que ia decepar a cabeça de Charlie, o ato de Horsham foi interrompido de imediato pela voz mansa, e acima de tudo, conhecida:

Loan, refreia teu ato! Não faças isto!

A voz veio daquela figura de túnica negra, que ainda permanecia no pátio.

Como assim? Explica-te!

Ouve o que te digo. Sábio é o homem que não anda conforme a cega razão. A vingança esconde-se em sua mente, encoberta pelas trevas.

Quem és tu, e com que direito me pedes tal coisa? Eis aqui o assassino que tanto procurei, e agora farei valer minha justiça!

Naquele delicado momento, o assecla retirou o capuz, para o assombro de Loan.

Rúbia?! - disse, despojando-se de seu olhar venenoso.

Sim, meu amado, sou eu - respondeu a mulher de cabelos dourados.

Como me pedes tal coisa? - indagou surpreso.

Achas que isso está certo? Tudo para ti não é incompreensível e impossível. Até quando irás deixar que o ódio te destrua?

É difícil demais, até mesmo para mim...

Lembra-te da tua fé, da mesma fé que disseste ter quando nos conhecemos. Reflete um pouco mais. A dor não é tudo; atrás dela existe a realidade. Ela nos fere, mas não é nela que devemos apoiar o restante de nossas vidas. As aflições e os conflitos persistem ao redor do mundo. Cabe a nós, Loan, participarmos do erro ou aprendermos com ele, e darmos um novo sentido à nossa vida. As potestades malignas estão à solta, esperando a mínima brecha para tragar e consumir nossas virtudes; Deus, porém, espera uma fresta ainda menor para chegar-Se mais próximo e arrancar de nós todas as assolações, para então nos chamar

de Seus filhos. Ele quer dar-te Sua bênção. Abre teu coração, deixa-o despedaçar-se na presença do Espírito Santo de Deus... Ele quer tocar-Te, sentir a pureza escondida em tua alma.

Elizabeth, assim como todos os outros, emudeceram. Entretanto, Samantha, estupefata por ver aquela a quem pensava ter dado fim, bradou em fúria:

Como podes tu ainda estar viva, como escapaste da minha dimensão de dor?

Mas Rúbia a ignorou, permanecendo impassível, sempre com um firme olhar no cavaleiro.

Como entraste aqui? - indagou a ela.

Quando soube dos planos desta "coisa", fui guiada pela minha amiga alada; depois tive que me disfarçar como um deles. E, por intermédio do guardião, permitiram-me que trouxesse essa espada amaldiçoada para ti. Foi a única maneira que encontrei para tentar impedir que este mundo pereça. Olhe para esta multidão que te idolatra: todos eles abandonaram o amor de seus lares, desdenharam do carinho de seus filhos e muitos que aqui estão cometeram crimes hediondos contra aqueles que os queriam bem, e para quê?

Ele nada respondeu.

Tu não vês as ilusões destes pobres coitados? Desprezaram a fé e a graça de Deus, pensando que serão eternos, sendo que na verdade serão substituídos pelos anjos imundos desta criatura maligna! - e apontou o dedo em direção a Samantha.

- Tens um coração puro... Iluminado. Sinto, com as forças da minha alma, que ele somente está abafado pelo sofrimento causado por esta fúria, que parece para vós nunca ter fim.

Tuas palavras não poderão trazer minha família de volta!

Loan, olha para Deus... Seu amor é eterno aos Seus filhos. Está sempre de prontidão aos Seus, cujas corações estiverem aflitos e quebrantados. Esses receberão o bálsamo santo, pelo toque de Suas próprias mãos; serão os verdadeiros privilegiados do amor do Senhor do universo. Mas, do sequioso instante em que concretizares teu ataque, vingará tua gente, tenho certeza disso. Mas... A que preço? Tu irás trazê-los de volta?

O silêncio invadiu o local.

Deixarás de ser o valoroso cavaleiro que salvei e que aprendi a amar e farás pouco de todas as lágrimas choradas pelo meu coração. Jogarás na lama da podridão teus princípios... Tomarás para ti o dissabor de seres, comparado aos mesmos nobres que tanto reprovaste; tornar-te-ás um assassino cruel e desumano, como foi o homem que a tua mercê está!

Rúbia, tu não me entendes! Queres que eu perdoe esse animal que tirou, impiedosamente, vidas inocentes?

O sangue que é derramado para cobrir a mácula de outro não é um preço justo a ser pago; ele mancha as mãos e enegrece nossa alma. O lago do esquecimento será, para ti, um ótimo amigo para te despojares de todos os pesadelos do passado. A vingança é como uma linha imaginária de morte infinita, pois quem hoje mata continuará a tirar vidas, e, quando o abismo tragá-lo, a morte não mais se findará. Se tu não podes perdoá-lo, ao menos o deixa viver... Olha para ele agora.

Ali! - apontou Rúbia em direção à vulnerável figura de um homem ferido e humilhado. Loan pousou seu olhar nele e ponderou por instantes. Pouco a pouco começava a entender a realidade nua e crua de sua vingança.

Olha para este homem... Que mal pode fazer? Ele jaz no ridículo, e tu já vingaste a honra daqueles que amavas. Charlie Horsham não representa mais ameaça alguma ao nosso meio; seus poderes e sua soberbia fluíram para sempre; já não é mais nada, e isto lhe é pior que a própria morte. Matá-lo agora não te trará o alívio por tuas perdas, mas somente um peso extra para tua consciência - comentou Rúbia, enquanto segurava carinhosamente o braço esquerdo de seu amado.

Por duas vezes, ela olhou para a espada macabra que Loan empunhava, enquanto estava abraçada ao seu lado. O cavaleiro estava imóvel, olhando o vazio. Uma sensação estranha percorria seu corpo.

Levemente ergueu a cabeça e fixou seu olhar no alto, passando-o de um lado ao outro como se procurasse uma resposta ou algo parecido. Não suportando toda aquela pressão em sua mente, levou uma das mãos à cabeça e despreendeu um brado, instantaneamente seguido por lágrimas, que escorriam por seu semblante caído. Então suspirou profundamente, enquanto se prostrava ao chão, mas sem soltar a ameaçadora lâmina.

Isto é verdade... - disse baixinho.

As palavras de Rúbia atingiram a represa de sua mente, de onde as águas da razão transbordaram, lavando toda a imundície de seu coração.

Com os olhos fechados, Loan lembrou cada momento pelo qual passara, e também imagens de pessoas com quem se encontrara e falara. Colocava, naquele instante, tudo o que lhe fora explicado em uma balança imaginária de valores.

Loan Horsham sabe que Deus Pai é misericordioso e perdoa todo aquele que se arrepende, por mais profano que seja seu ato. Ele te conhece desde o ventre de tua mãe e nunca errou em Sua escolha; portanto, prepara-te para o que está para ocorrer. Caberá somente a ti impedir que a humanidade passe por este suplício. *Em seus pensamentos, viu o emissário de luz que, com zelo, lhe dera aquelas revelações.*

Rapidamente a cena se modificou, dando lugar a outra imagem.

Não manches tuas vestes espirituais com o sangue dos responsáveis; isto não amenizará teu sofrimento. A vingança pertence somente ao Criador. Entrega a Ele teus clamores, sê sincero e Sua justiça virá ao seu encontro no momento certo. *Era Mictã, com grande sabedoria.*

Quebrando novamente os portais do subconsciente, uma nova visão se apresentou:

Será na forma de uma mulher que ele se manifestará, e o tempo que tem se esgota. O corpo que ocupas não é o apropriado para sua permanência aqui. O mal escolherá um guerreiro que possua os mesmos laços familiares, o qual será incitado a cumprir três trabalhos hediondos. E, findando-os, a besta subjugará seu espírito e usará sua carne como vestes. *Era a voz de Zélothy, que, na seqüência, evaporou-se de suas lembranças.*

Tudo agora fazia sentido e, mesmo que ainda cultivasse a raiva por seu genitor, lembrou claramente das pessoas que ajudou. Sentiu um tremor de satisfação ao ver novamente a alegria das crianças que sorriam ao receber de suas mãos algo para comer. Ao lembrar-se das palavras carinhosas que ouviu dos camponeses e idosos, que o ajudaram com o pouco que haviam herdado; do momento quase mágico em que o abraçaram e o receberam como o mais novo irmão de toda a comunidade, pois ele trouxera regozijo e alento a todos os moradores daquele pequeno e simplório povoado.

Mas contemplou também a estupidez das guerras insensatas e a sede do poder que muitos sádicos cobiçam. Pôs-se a pensar no que teria acontecido se tivesse concluído seu crime. Sem sombra de dúvida, o que Samantha mais queria impor era sua vontade. Porém, o que não lhe ocorreu, não sabia ou sequer esperava era o fato de que ele tinha em seu poder uma arma muito poderosa para ser usada em situações difíceis: o livre arbítrio.

Depois de muito refletir, o inglês abriu vagarosamente os olhos e logo compreendeu a certeza daquelas mensagens, tomando uma firme decisão.

- Samantha, eu renuncio a ti e a todo este reino maldito que me ofereces! - disse isso largando a espada negra ao chão.

Preenchida de felicidade, ao contemplar seu ato, Rúbia teve seus olhos invadidos por lágrimas. Notando a face de sua amada, inclinou-se até ela e lhe deu um leve beijo nos lábios delicados.

Não temas mais; compreendi meu verdadeiro destino.

E qual seria ele, podes me contar? - indagou a campônia.

Ele sorriu, segurando uma de suas mãos.

Rúbia, agora compreendo que a felicidade só será completa se acordares ao meu lado pelo resto de nossos dias.

O coração da jovem bateu ainda mais forte, ao sentir os dedos de seu amado tocarem-lhe a face carinhosamente, um desejo que perdurava em sua alma há muito tempo.

Os olhos de Samantha flamejaram de ira, como se o fogo do inferno brotasse em seu interior. Comprimindo as mãos e entrelaçando os dedos com firmeza, expressou com palavras toda a sua fúria:

Traidor desgraçado! Como podes deixar-te levar pelas astúcias desta vadia?

Meu destino pertence somente a mim! - respondeu o gladiador decidido.

Miserável! Ofereci a ti um reino, dei-lhe sucesso com essa incumbência e me apunhalas dessa forma?

Achas que poderás fugir de meu lado tão facilmente?

Meu pai e tu não sois mais assuntos meus. Além do mais, agora vejo com clareza que, sem mim, não poderás concretizar teu lúgubre juízo.

Poupa-me desses argumentos. O que te faz pensar que tens alguma escolha?

Meu Deus e Senhor deu-me a oportunidade de optar, neste e nos demais dilemas da vida - respondeu ele.

Samantha, por sua vez, replicou:

Idiota! Foi por meu intermédio que adquiriste todos os conhecimentos que possuis em teu insignificante cérebro; ele foi formado pela minha essência maligna. Tu achas que podes ser algo além do que eu permito?

Nada que disseres mudará o que penso - respondeu ele, com um olhar atento.

De repente, a grã-sacerdotisa de vestidos alvos começou a levitar e a encarar o casal com olhar injetado.

Rúbia, aos poucos, foi entendendo tudo.

Todo o exército presente estava concentrando uma massa de energia negativa, dando vigor e agigantando os poderes de sua mestra. E Samantha jamais permitiria que aqueles dois saíssem de lá com vida. De repente, a rainha ímpia precipitou na direção do cansado cavaleiro, desprendendo um sorriso encolerizado e, com as palmas em flamas, tentando aconchegá-las ao pescoço de Loan.

Mas, antes mesmo que as inflamadas garras avançassem estendidas, um pensamento momentâneo esclareceu Rúbia da intenção daquela mulher. Num súbito momento de tensão, a moça adiantou-se e agarrou o homem com toda a força de seu abraço. E um som hediondo de ossos sendo quebrados, misto ao suspiro ferido de alguém que está morrendo, foi ouvido naquele momento.

Samantha vislumbrou aquilo com ódio nos olhos, sibilando pragas raivosas, enquanto retirava sua mão banhada de tinto das costas da bela heroína, que tremia nos braços de Loan.

Ordinária, mandei que ficasses longe dele! Agora recebes o prêmio por tua audácia!

Em desespero, Loan abraçou a amada, levando as mãos sobre seus ferimentos.

Rúbia... o que... fizeste?...

Com o semblante desfalecido, ela ainda reuniu forças para sorrir, mesmo com o sangue a escorrer pelos cantos da boca:

Tu... sempre serás... meu eterno amor. Agora, tenho certeza... de que tu... és o escolhido de Deus...

Não digas mais nenhuma palavra, procura descansar; tudo acabará bem... - falou ele, transbordando em aflição.

Prometa que irás... cuidar de Siegfried... como se fosse teu próprio... Filho...

Não digas isso, tu não vais morrer - disse, sacudindo negativamente a cabeça.

Imploro-te, se tu me amas... Cuidarás dele... Por mim... - falou-lhe, com a voz em arquejos.

Eu prometo... - Loan correspondeu em tom arrastado, misturado a uma fonte inesgotável que lhe descia dos olhos.

Não deixes... Que meu sacrifício seja em vão... Usa este amor que sentes por mim... E destrói o "mal"...

As palavras de Rúbia calaram forte o coração machucado daquele homem. O sangue escorria quente, trançando por entre os dedos dele, marcando a túnica e ruborizando a pele branca. Entregando-se ao

convite da morte, Rúbia Lands fechou as pálpebras devagar, na mesma proporção em que seus braços escorregaram dos ombros virtuosos do combatente, e seu corpo deslizava pelo dele.

Horsham pranteou. Sentia novamente a mesma dor que corroeu seu peito quando foi obrigado a cremar sua família. Beijou pela última vez os lábios da mulher que preencheu sua vida, e depois de alguns segundos estendeu delicadamente o corpo de sua preciosidade ao chão.

Uma forte vibração emanou em sua voz, incandescendo em tensão seu íntimo. Um sentimento nefasto o percorreu por inteiro, enquanto fitou o olhar em todos que ali estavam, inclusive no semblante da assassina. O cavaleiro liberou um grito que ecoou, fazendo tremer todo o lugar. Foi nesse instante que Van Drighe foi surpreendida num segundo.

Estava ela em tão alta confiança que não conservou o milésimo de tempo da própria atenção. E esse tempo de descuido foi mais do que o bastante para que o ataque de seu adversário fosse consumado com êxito.

Seus reflexos eram melhores que os de Samantha e, num simples piscar de olhos, agarrou rápido a espada negra do chão, sem que a grã-sacerdotisa refletisse a ação daquele gesto. Só percebeu o perigo tarde demais.

Num célere movimento de selvageria, Loan rodopiou com violência a mortífera lâmina, atingindo-a num golpe voraz e certeiro. O aço maligno separou o braço direito do ombro, e o ar recebeu o borrfio de um sangue escuro e cheio de vermes.

Ao mesmo tempo em que o membro sanguinolento tocou o piso profano, um espanto estarrecedor apanhava desprevenido todo o exército de proscritos, que bradava.

A substância imunda fluiu da grande ferida, e os lábios da afligida emitiam rosnados animais, amaldiçoando aquele que se atreveu a atacá-la.

Isso foi uma chocante surpresa para o audacioso cruzado, pois a destemida investida teria decidido uma luta entre guerreiros. Porém aquilo não era normal; sabia que apenas a faria recuar alguns passos. E, reagindo com intensa morbidez, a respiração ofegante da mulher transformou-se em gargalhadas de cinismo.

Loan, paralisado, respirou fundo e vislumbrou outro braço tomar o lugar do primeiro, motivando os excluídos da luz a cantarem em uníssono, por presenciarem o ocorrido.

A mulher diabólica cravou um caliginoso olhar em Horsham e, sacudindo a cabeça ao constatar o quanto o combatente estava perplexo, ela respondeu com desprezo à sua atitude, voltando-se para a decadente pessoa de Charlie:

- Isso, Loan, deixa que as trevas te envolvam, permite que o ódio vivo transborde de ti como um vinho em uma taça, mas tu me envergonhaste e fracassaste em teu trabalho humilde! Agora, eu reivindico o que me pertence!

Os olhos do ameaçado se arregalaram gradativamente e os urros agonizantes declamaram poesias lamentáveis mediante seu mau êxito. Então, Charlie fora conduzido por um esgoto de dor e martírio, que convulsionavam a carne, furtando qualquer chance de resgatar o precioso ar.

Ciente do mísero tempo que lhe restava, o moribundo rogou murmurante ao seu único herdeiro, para que lutasse e resistisse contra qualquer meio ou artifício da besta, apesar das adversidades que tivera ao combatê-lo.

E, com a mente afogada e febril na negritude perpétua, Charlie Horsham choramingou e gemeu por entre a boca empapada do próprio sangue. Então, um som horripilante se manifestou, unido ao forte estalar de costelas que desabrochavam do tórax feito uma rosa satânica. Em seu peito aberto, os asseclas das trevas assistiam atentos a ação de um órgão vermelho escuro e pulsante pulando para fora, indo flutuar lentamente na palma da tenebrosa sacerdotisa.

O que está havendo aqui? - indagou Loan, meneando a cabeça.

O conde jazia, esparsado em escarlate, com seus olhos medonhos vidrados no último da linhagem. O cavaleiro ficou espavorido, piscando vezes seguidas, tentando entender o que sua mente incrédula não compreendia.

Aproximando-se com passos de um sonâmbulo, observou o corpo inerte de um Horsham se derretendo e se desintegrando numa aparência deformada e pustulenta. Depois, a massa orgânica e pegajosa transmutou-se num borrão escuro, em desenhos de um homem traçados pelos fragmentos do simples pó que restara.

Loan se irou e outro berro foi desprendido de seus lábios ressecados. O anjo o havia alertado, ele estava certo. Ele sabia muito bem disso, mas não queria admitir que pudessem existir seres sobrenaturais como Samantha ou seu pai.

O preço por essa incredulidade ia ser alto: agora ele teria de enfrentar a besta de qualquer jeito. Tentou manter a calma, pois não dispunha de outra saída. Porém, tinha a plena certeza de que, se não se acautelasse, sua vida e sua alma correriam o risco de terminar como o conde.

Samantha, por sua vez, sentia o cheiro de seu temor e deixava transparecer um leve sorriso no rosto. Usando de sarcasmo, tentava impiedosamente atingi-lo em algum ponto vulnerável de sua consciência: Surpreso? Muito bem, irei elucidar-te sobre toda a importância deste intento. O que acabaste de testemunhar foi um mal necessário que esclareceu todas as minhas dúvidas - falou ela, em tom seco.

Sobre a palma de minha mão repousa um membro musculoso, este órgão pulsante, ou melhor dizendo, meu próprio coração maligno. Há séculos, quando criei o "Demoryan", precisei encontrar um humano certo e fiel para que o guardasse para mim, até que finalmente chegasse a hora em que ele me fosse necessário de novo. E teu pai foi o escolhido para ser a sentinela-mor. Na verdade, este coração não só salvou sua infame vida, como também prolongou muito sua estada nesta terra decrépita.

Agora sei quanto poder carrego dentro de mim, embora admita que nunca pensei que chegaria a romper esses limites. Presentemente, entendo por que o Criador baniu-me do Seu reino de glória. De alguma maneira, sabia que minha presença era nociva até mesmo para Ele.

De repente, as lembranças de Samantha vieram à tona, com o furor de seu pronunciamento:

"Algum dia, a criação que tanto amas pagará caro por esta insolência, e será aí que provarei a Ti que os seres que criaste são tão corruptos e atrozés quanto eu o sou!". Estas foram minhas últimas palavras momentos antes de ser rejeitado pelo céu, para ser despojado como lixo neste mundo miserável. Moldado pelas mãos do meu terrível Inimigo, consegui cumprir minha promessa. Corrompi o homem com os frutos da árvore proibida. Entretanto, minha grande vitória foi desaprovada por Ele, sendo, por seguinte, atingido pela Sua ira.

E novamente fui combatido, subjugado e preso pelo arcanjo-guardião na ânfora das lamentações. Mas os pecados e a devassidão da humanidade cresciam a cada século, aumentando ainda mais meu poder negro. E, aproveitando essa oportunidade, pude enfraquecer um pouco a energia celeste que provinha do artefato. Isso forçou a natureza a sofrer com minha existência impura.

Passados seis anos, fui regurgitado para a superfície. E, graças à cobiça de um sacerdote druida, escapei de minha clausura. Mas minha verdadeira imagem sugava dos seres viventes toda a sua vitalidade onde quer que se encontrasse. Eu também não suportava o toque de luz do astro central. Então, durante o dia, comecei a me refugiar no interior das árvores para me proteger. E, à noite, tomava os corpos de alguns animais selvagens, com o objetivo de encontrar alguém apropriado para que pudesse fazer morada nele. Até que, finalmente, encontrei um corpo perfeito para dar seguimento aos meus planos.

Havia um castelo próximo à floresta de Nottingham, cujos ocupantes eram um casal de nobres, verdadeiros amantes da natureza, pois eram adeptos do druidismo.

O duque Ernest Van Drighe, um homem íntegro, senhor de muitas terras e servos e também um amoroso consorte e valoroso na arte do amor. Sua verdadeira esposa, lady Samantha Van Drighe, o tinha mais que

um varão ardente nas noites frias: seu coração transbordava melodias toda vez que seus olhos pairavam sobre ele, pois ela verdadeiramente o amava.

Mesmo com todas as suas qualidades, o duque tinha muitos adversários, sendo que a maioria deles era regida por fidalgos. De início teriam sido grandes aliados, se não estivessem enlaçados em uma grande contenda em nome da religião, pois queriam obrigá-lo a converter-se ao Cristianismo. Devo dizer-te que os mortais são como gafanhotos esfaimados, afoitos para devorar a plantação perecível, a qual chamam de riqueza. Eles não respeitam mais seu semelhante. Imagine só, o fidalgo amigo, de coração humanitário, foi traído pelos seus próprios servos, aqueles por ele considerados de sua alta estima.

Por alguns sacos de ouro, eles deram a localização exata em que seu senhor e outros sacerdotes druidas se reuniam. Na verdade, testemunhei este espetáculo de sangue, no qual todos eles, inclusive o duque, não conseguiram se livrar do fogo abrasador da Inquisição. E, por culpa destes plebeus, a sociedade sagrada e oculta dos druidas quase se extinguiu completamente. Não demorou muito para que o mensageiro do bispo levasse um pergaminho ao castelo Van Drighe, contendo a trágica notícia sobre a morte de Ernest, e a chacina de toda a irmandade. Sua reação não foi das melhores, e ela, acreditando que seu marido estivesse realmente morto, enlouqueceu, indo blasfemar contra o Deus de seus inimigos. Seu ódio foi uma fonte perpétua de poder, que matou minha sede, e a fome dela por vingança atraiu-me feito uma amante no cio à procura de prazer.

Inspirada em ludibriar Loan, a fêmea de alma podre relatou sua tétrica proeza. A medida que as palavras lhe escapavam dos lábios, de sua garganta um sibilar misturava-se ao vento, ato provocado pela forte energia negativa que emanava de seu ego.

De repente, o chão e a arena pareciam estremecer sob os pés de todos. Samantha se ergueu triunfante em meio aos abalos sísmicos, e, à medida que seu corpo começou a levitar sem que nada visível a sustentasse no ar, sua boca iniciou um encantamento profano. Mesclado a esse acontecimento, uma fumaça carmesim envolveu o coração em sua mão, alterando consideravelmente seu tamanho. A fumaça uniu-se ao órgão vivo, transmudando-o num globo tenebroso e negro, assustador demais até de se olhar.

Então, a grã-sacerdotisa elevou os braços para o alto, enquanto a enorme matéria redonda, rugindo como um furacão enfurecido, flutuava três metros acima dela, pondo-se em prontidão, aguardando imóvel a ordem de sua mestria.

Loan precisava pensar em algo, *mas no quê?*, perguntava-se. Samantha novamente deu início a revelações ainda mais surpreendentes, relatos que fechariam todo esse círculo de horrores. Os ouvidos dele, por sua vez, foram obrigatoriamente instigados a ouvir seus testemunhos sombrios, mesmo que pensasse numa solução para aquele dilema.

No terceiro dia do sétimo mês, a duquesa, auxiliada por uma de suas monjas escravas, contratou um grupo de mercenários para que perseguissem e matassem os responsáveis pela tortura e morte de seu consorte. Ela deixou-se envolver pela vontade da desforra em grandes proporções, que nem ao menos se preocupou que poderia haver, em seus próprios domínios, espíões disfarçados. A febre pelo poder e a não comedida fome de atrocidades têm muitas faces, e, com elas, inúmeras maneiras de morrer.

Enquanto a senhora dormia em sua cama solitária, aprisionada no mais atroz dos pesadelos, duas facções de soldados ingleses penetravam com facilidade na fortaleza que outrora era bem vigiada. Um a um, os guardas e soldados da duquesa eram atraídos impiedosamente por lâminas afiadas. Alguns puderam ver de relance os semblantes de seus assassinos, segundos antes de suas vidas fluírem de seus tabernáculos. No pátio, outros, que notavam a presença dos invasores, tentavam resistir como podiam à horda enfurecida que advinham sobre eles como leões famintos, mas não eram páreos para seu grande número, de modo que a resistência fracassou.

Em meio ao caos imperante, os inimigos facilmente foram abrindo caminho para o interior do edifício, deixando, por onde passavam, os gritos de terror dos serviçais e o rumor de metais em atrito. Assim, a porta do almejado aposento foi posta abaixo, despertando de abrupto sua ocupante. Em desespero,

Samantha apanhou uma arma às pressas. Gritando, virou-se para atingir um soldado invasor. A lâmina reluziu no ar, mas infelizmente havia outros, e uma mão forte agarrou seu frágil braço, enquanto a outra a segurou violentamente pela cintura. Uma terceira pessoa apresentou-se, arrancando bruscamente a arma branca de sua mão. Em pânico, tentava arranhar o corpo daquele que a imobilizou, mas de nada adiantou, pois ele estava protegido por uma resistente armadura. Mesmo assim, ela esmurrou sua cabeça, distribuindo brados e esperneando enlouquecida de raiva, para apenas provocar ainda mais cólera nos presentes que assistiam à lastimável cena.

Seu coração contrito estava coberto pela aflição que passava naquele instante, porém sua surpresa suplantou todos os demais sentimentos. Ela parou de se debater e olhou estupefata seus dois servos de confiança, que escarneciam de sua luta desesperada pela vida. Revelou-se ali, a ela, toda a cumplicidade e a trama dos nobres para matarem seu marido. Um deles agarrou de maneira violenta o queixo delicado da mulher, profanando sua pele sedosa com o toque áspero de seus dedos. Numa ação seguinte, a face alva e bela de Samantha recebeu dolorosos murros que eram dados por pessoas que ela e seu falecido marido tinham como sendo da família. Um último soco atingiu com tanta força seu rosto que quase a levou ao desmaio. Uma atitude desumana, que despertou outra ainda pior.

Um furacão de êxtase apropriou-se daquele grupo de homens, que proposital e impetuosamente atirou a duquesa sobre a cama. Na maciez de seus lençóis de seda, os homens, enlouquecidos, impiedosamente iam rasgando suas vestes, numa baixeza descomunal, seguida por uma desenfreada maldade. E, assim, como uma cobra faminta sobre um camundongo, num rompante de desejo, começaram a violar seu corpo sensual. Inúmeras eram as mãos tateando suas coxas grossas e voluptuosas, e as línguas profanadoras, cujas salivas fediam a álcool, revezavam-se, chegando até a morder os delicados lábios da lady, cujo sangue minado da boca ferida embriagava ainda mais os violadores. A volúpia de seus corpos desprezíveis transbordava num prazer descomunal e irrefreável. Seus seios fartos e provocantes foram visitados pelas bocas atrevidas daqueles militantes, que invadiam suas intimidades com tentáculos sôfregos. E, de maneira brutal e desumana, maculavam cada vez mais seus sentidos, lançando sua alma na lama de uma violência inexpugnável.

O tempo passou, e assim que todos se deram por satisfeitos, felizes por usufruírem do corpo inebriante de uma duquesa, os homens cruéis, com os prodores, saíram do aposento levando a mulher carregada por um dos subordinados, envolta por um lençol. Seguiram na direção do corredor que os levaria à escadaria, a qual dava acesso ao primeiro andar. A cada sacolejada de passos, Samantha sentia o estômago ameaçando rebelar-se. Mesmo aturdida, ela sentia sua carne e pele profanadas, cobertas pelas imundícies daqueles porcos, pois as carregava não só dentro de si, mas em várias outras partes do corpo. Tentava relutar, mas sempre acabava sobrepujada por músculos vigorosos e hostis. Após ser arrastada de forma brutal por uma grande distância, chegaram ao pátio, onde mais grupos de soldados armados os aguardavam. Eles abriam caminho para sua passagem, pois sabiam que levavam-na em direção a um homem que ostentava trajes sacerdotais.

Chegando a ele, um dos vassalos retirou o lençol que cobria seu corpo, expondo à visão dos presentes toda a sua nudez, fazendo com que todas as mentes presentes mergulhassem num devasso pensamento de lascividade. Não se importava mais com isso, sua única esperança era que talvez alguém pudesse vir ao seu socorro contra aqueles animais, embora isso fosse impossível, já que todos os seus combatentes e subordinados jaziam mortos. Dispensando um gesto do sacerdote, dois de seus guardas puseram a cativa de joelhos e a acorrentaram na frente de seu senhor.

Mulher, tu sabes quem és? - indagou aquele homem, com forte autoridade.

Samantha vagorosamente respirou fundo e, devolvendo um desaprovado olhar para o cruel interrogador, respondeu num tom de medo e ódio:

Sou uma injustiçada. E tu, sabes quem és?

Essa resposta nada o agradou.

- Tu és uma cadela de satanás. Vives em meio às tuas magias nocivas, pregando falsas ideologias para confundires o rebanho do Senhor! Mas como sei que te recusarás a aceitar o que és, permita-me apresentar a pessoa correta, e com a autoridade divina para purificar-te.

Uma nova pessoa se apresentou, parando frente a ela.

Sou o bispo Ronunff York, um dos membros que compõem a Santa Madre Igreja de Cristo. Militamos de dia e de noite, a fim de livrarmos a Terra de corjas como tu.

Samantha protestou:

Que igreja é essa, que manda seus servos invadirem lares para matar inocentes, estuprar e humilhar mulheres indefesas? É esta a doutrina que tua santa igreja lhes ensina?

Ofendido, o eclesiástico desferiu um mortificante tapa em sua face machucada.

Fêmea áspide, tu ousas questionar as ações desses varões que trabalham a mando de Deus? Isto não te aconteceria se teu marido tivesse se unido a nós. Ele se recusou a prestar reverência e obediência ao verdadeiro caminho sacro, deixando de beber da água de vida eterna, para enlamear-se no charco imundo do demônio. Agora não somente ele, mas todos que recusarem Cristo como o Salvador de suas almas, terão a mesma sina dos caídos que vivem no Hades. No entanto, o Criador é misericordioso, e imputou a mim a responsabilidade de dar-te a chance da remissão, se tu desejares aceitá-la.

Inclinando-se para um sacristão ao seu lado, o sacerdote pegou de uma caixa dourada, uma cruz de ouro cravejada de pedras cintilantes. Depois a dirigiu para o rosto da mulher, ordenando-lhe que a beijasse como prova de arrependimento.

Samantha, porém, cerrou os lábios e uma carranca medonha se fez presente no semblante feminino, deixando o sacerdote ainda mais irritado, compreendendo inteiramente a decisão da ré.

Então, tu escolheste o caminho da escuridão eterna? Muito bem, que assim seja! Fazendo um gesto para aqueles que a seguravam, eles apressadamente a levantaram.

E, puxando a corrente, com os grilhões que lhe prendiam os pulsos, arrastaram-na até um balaústre.

Esperava que fosses mais sensata contigo mesma - disse-lhe o sacerdote olhando-a de cima a baixo. - É realmente uma pena, mas terei que expurgar-te deste mundo para que tua presença danosa não incomode mais ninguém!

Então os tendões próximos aos pés foram tolhidos por novos grilhões de ferro, envoltos em um pilar de madeira. O pânico ameaçava dominá-la ainda mais, porém uma estranha voz sussurrava em sua mente, para que não se afliesse, pois um anjo viria em sua defesa.

Mesmo sendo frases de consolo, que percorriam vagas na conturbada cabeça da pobre mulher, ela, ao contrário de tudo, alimentava cada vez mais seu ódio por aqueles homens animais. Em meio a isso, projetava-se em seus pensamentos a imagem de Ernest, seu companheiro amado. Ela desejava que aquela aparição fosse real, queria poder tocá-lo por um momento mais, queria ser agregada e protegida em seus braços e sentir ao menos mais uma gota do seu carinho. Mas ele simplesmente repetia as mesmas palavras: que um anjo viria em sua defesa.

Com os olhos bem fechados, ela pôs-se a sorrir. Isso não mudou nada o comportamento dos agressores, que não paravam de zombar de sua prisioneira.

De repente, a aparição mudou sua aparência para uma luz branca que piscava suavemente, seguida pelo som eloqüente de uma voz desconhecida, porém branda e amorosa, convertendo a faculdade da razão numa percepção de sentimentos perigosos.

Então, sem um prévio aviso, o lume desapareceu.

Samantha contorceu-se enlouquecida, ferindo ainda mais as mãos e os pés enclausurados pelo forte ferro, que tremiam sem controle, pois se aproximava o carrasco que, num gesto rápido e frio, executou a sentença. A faca pequena e afiada cortou o curto espaço, riscando profundamente e sem piedade a pele alva e fina de sua desprotegida garganta, isso sem ao menos dar-lhe tempo de dizer algo em sua defesa. O sangue lançava-se em jorro, escorrendo e ensangüentando seu corpo, banhando toda sua carne nua.

Aproximando-se um pouco mais da mulher, que assistia a própria vida se esvaindo lentamente, o bispo pôde constatar o queimor de cólera nos olhos arregalados de Samantha. Ele pôde sentir um pavoroso arrepio percorrendo seu corpo, ao fixar seu olhar fundo nos dela. Todavia, tentou combater o mau agouro com orações ditas em latim, terminando-as com o sinal da cruz.

Aquela expressão medonha quase o fez cambalear. Mas manteve-se ereto em sua autoridade, não deixando qualquer brecha para que pudesse surgir um comentário sequer, oriundo de seus fiéis combatentes. Em seguida, o bispo deu as costas para a ré, que parecia dolorosamente. Por fim, falou, com ar de superioridade, ordenando a todos os soldados para não conservarem nem a carne dos prisioneiros, dando então o ultimato para que incendiassem o castelo imediatamente.

Os cruéis militantes da Inglaterra saquearam tudo o que havia de valor, enquanto tochas ardentes reluziam de um lado ao outro, lambendo cada cômodo da enorme fortaleza de pedra.

Van Drighe sentiu o frio se avantajando em sua frágil matéria, causando-lhe calafrios mais fortes. A respiração ia sendo sufocada pelo plasma vermelho e quente. A cabeça parecia tontear e a visão lentamente se turvava. Ela era resistente, pois mesmo no estado em que se encontrava, com os globos oculares um tanto abacinados, ainda conseguia observar lençóis inflamados se levantando por todos os lados sob o sufocante cheiro de óleo queimado.

Seus ouvidos também podiam captar, ainda que distantes, os cavalos assustados relinchando, o escárnio, a algazarra e as palavras de baixo calão dos assassinos, que se retiravam às pressas pelos portais da muralha em chamas, orgulhosos de sua vitória. Restaram aos seus comandantes vislumbrar com satisfação sua atitude perniciososa, que levaria aquele castelo inteiro a ser reduzido às mais completas cinzas.

4

A falsa Samantha suspirou por um segundo e retornou ao clímax eloqüente de sua trama.

Mesmo com a ardente flama que se assentou sobre sua carne, ela podia sentir o frio da morte agregando-se a ela cada vez mais; contudo, seu espírito era forte e sua fé ainda mais teimosa. Acreditava fielmente que o anjo pronunciado estava a caminho, invisível aos olhos do homem e ao mesmo tempo presente para aqueles que o invocam.

Na verdade, a duquesa estava coberta de razão: mesmo depois de sua morte ter sido consumada, um anjo veio até ela. Mas nem tudo foi como esperava, pois o anjo era uma entidade cruel, astuta e perigosa. Uma criatura a quem o fogo terreno jamais ousaria tocar; um predador furtivo que já se acostumou a enganar e a pisar as almas dos pobres de espírito; um ser que ostenta muitos nomes e que agia como um animal sanguinário, cochichando nos ouvidos e nos pensamentos dos homens leigos, induzindo-os a ações perversas e perniciosas, muito de seu agrado, manipulando-os com ampla facilidade, fazendo-os cometerem os mais terríveis e violentos pecados de suas vidas.

Vês? Não foi preciso empenho algum de minha parte, para concretizar o primeiro passo de meu plano: o de me apropriar do que restou do cadáver ardoso de uma mulher magnífica. Vós, humanos manipuláveis, fizestes isso por mim. E esplendoroso, não achais? - disse Samantha eufórica. - Então, naquela mesma noite, rastejei em meio ao fogo, indo de encontro àquela matéria carbonizada. E como não podia possuir um corpo sem vida, comecei a devorar cada centímetro de sua carne e ossos esturrados.

Tomado em susto pela bizarra confissão, o estômago do cavaleiro parecia querer sair pela boca afora. Ela, porém, viu sua reação e prosseguiu com mais vontade, no terrível ardil.

À medida que degustava os tecidos musculares, mais minha aparência mudava. Minha imagem monstruosa e distorcida moldava-se numa unidade orgânica perfeita, charmosa, e acima de tudo sedutora. Sua composição celular me deu sua identidade. Foi assim que me tornei a nova Van Drighe, substituindo aquela que havia partido. Não absorvi somente sua aparência humana, mas também suguei suas

lembranças, seus conhecimentos e seu precioso ódio pelos seus flageladores. Mas o corpo que conquistei tinha suas imperfeições. A cada três dias, sua pele apresentava sinais de deterioração. Foi então que requisitei a presença imediata de minha súdita Astaroth na Terra, para que pudesse trazer a mim as almas daqueles que se negavam ao apelo dos cristãos, vítimas fáceis, que seriam absorvidas por mim, servindo-me para a conservação da beleza de meu disfarce. Como disse, precisava alcançar o ápice do meu objetivo principal e, para isso, precisava que meu corpo fosse perfeito. E, por culpa do cristianismo, a seita do druidismo estava se apagando; assim, tive que exterminar o último mestre da hierarquia druida; Homã-biel. Temporariamente, minha assecla tomou seu lugar e finalmente pude, em segredo, apresentar-me perante a sociedade secreta dos mestres druidas por toda a Europa, provando a eles que eu era a própria personificação viva da Deusa da vida, englobando em todas as suas nuances a infinita certeza de cumprir a missão de trazer ao mundo o terror de minha divindade aos seus inimigos. Eles aceitaram com euforia a grande boa-nova, pois sabiam dos últimos acontecimentos, como também que nossos inimigos, que defendiam com tanto afincamento a igreja, seriam desintegrados por minhas mãos. Mas o que esses tolos cristãos e magos celtas não sabiam é que o diabo estava em seu meio e que os poria em guerra por causa da insignificante ciência a que chamam religião. Minha verdade única seria a não existência da paz entre os homens. O poder do forte se constituiria em espada e nos mortos que iriam deixando por onde quer que passassem. Esse é o evangelho que conduziria os homens desprovidos da fé ao paraíso do inferno. Quanto aos fracos, restava-lhes tão somente lambe-las botas de seus soberanos e murmurar eternamente seus infelizes fracassos na vida.

E continuou:

- Minha astúcia é ilimitada e minhas mentiras têm muitas faces. Por meio destas belas qualidades, conduzi este imenso povo a uma guerra sangrenta, pois precisava concretizar minha vingança de qualquer jeito. O objetivo seria gerar o ungido no ventre de uma devota inglesa. Chegando à sua fase adulta, ele teria que cometer três atos cruéis, que o levariam à nossa junção corpórea e espiritual. Dessa forma, eu libertaria meus anjos malignos neste mundo, de onde extinguiríamos completamente a raça humana. Queria buscar a força suprema de todo o universo, não importando os meios para consegui-la. Mas quando tu me atacaste pela primeira vez, foi exatamente ali, naquele ponto, que meus olhos se abriram e minhas expectativas se agigantaram. Isso mesmo. Não preciso mais de ti para fundir minha matéria. Posso restituir meu lindo corpo de qualquer tipo de ferimento, sem a necessidade de absorver as almas desses infelizes. E o principal ponto disso é que as energias celestiais existentes e agregadas dentro do meu ser eram para tão somente aumentar meus poderes, todas as vezes que alguém rejeitasse minhas ofertas astutas. Como isso ocorria? Veja bem: esse poder não me foi tirado quando fui expulso de meu lar natal; portanto, eu poderia usá-lo contra os mortais. Como? Pondo-lhes enfermidades, deixando-os desacreditados de seu Deus, pois não sabem esperar pelo tempo da cura.

Cresceu, então, o número de meus adoradores, de forma magnífica. Eles abastecem meu espírito com a virtude do ódio, acrescentando mais força a meu crescimento em poder. Tenho as habilidades dos anjos e a energia virtuosa dos arcanjos. Todas as vezes que me desprezam, torno a intensificar dez vezes mais minha energia sombria, como também adquirei ainda mais conhecimento na ardente missão de quebrantar a fé do homem.

Tentas imaginar o que quero dizer-te com tudo isso? Simples, estou me igualando a Ele. Em vez de Jeová me destruir, Ele deu-me meios inefáveis para pôr um fim a toda sua criação!

Loan respondeu com um semblante desacreditado a toda a narração eloqüente daquele ser diabólico.

Por que me desdenhas, verme? - falou o desprezível ser, com expressão indagativa.

Desculpe decepcioná-la, mas já sabia de sua trama doentia.

Como sabias?! - indagou surpresa, dando lugar a um breve silêncio. Mentos! - completou enfurecida.

Um anjo revelou-me todas as tuas artimanhas, exceto a de que meu pai seria o assassino da própria estirpe. Agora que está tudo concluído, só me resta uma coisa, ou seja, vingar a morte de todos que por

minha causa sacrificaram suas vidas!

E tu te consideras apto para isso? Garanto-te que mesmo Ele desejando, tu jamais alcançarias tal feito. Mal terminou a ameaçadora frase e um relâmpago foi vomitado de sua boca profana, vindo atingir em cheio o ombro e o braço esquerdo de Horsham, fazendo que a tempestade da desesperança se apresentasse em sua face cansada.

Loan arranhou em vão o ar, urrando freneticamente, enlouquecido pela dor, ao ter o flanco esquerdo transformado em uma mancha imensa de sangue.

Na aflição, tombou de joelhos. O ataque lacerou seu ombro e seu braço. Os feixes de fibras onde terminam os músculos, e que se inserem nos ossos, foram rompidos e várias partes foram trituradas, mergulhando-o numa provação terrível, ao ser preso no tormento da carne. Ele gemia, sentindo as fortes sensações daquele martírio nocivo.

Sentindo-se desguarnecido, o pavor lhe tomou a alma. Não sabia o que fazer para safar-se do perigo que estava correndo. A coragem, por sua vez, ameaçou sucumbir a qualquer momento, diante da situação.

A sua volta, vozes atrozes começavam a enaltecer sua líder, rogando para que ela dizimasse o cavaleiro. Não mais o queriam como seu novo regente, pois achavam que Loan não passava de um fraco e insignificante para ostentar tal poder.

Ele percebeu a movimentação inquieta da multidão. Todos o observavam com olhares sequiosos e dementes, almejando sua morte o mais rápido possível. Outros salivavam, grasnando feito feras, ansiosos para que a divindade que seguiam despedaçasse aquele renegado e dividisse com eles seus pedaços.

Estás ferido, filho meu? - perguntou ela ironicamente.

Mesmo que venhas a me matar, Deus se compadecerá da Terra e enviará varões de honra que certamente... Sepultarão este teu sorriso cínico... Junto à lama dos porcos...

Ela respondeu:

Tens minha consideração; és um combatente admirável, pois vejo que ainda não perdeste a esperança.

Loan sentia-se perplexo. Tinha a mão direita pousada sobre o braço pungido, e os pensamentos invadidos pela pergunta que não queria calar: o que fazer agora?

A opressão o apertava, deixando-o até mesmo sem fala, pois não sabia mais o que dizer em sua defesa e nem para simplesmente ganhar tempo. Deixou-se abater. Inclinou a cabeça, e seus olhos contemplaram a face do desânimo.

Os olhos fitos da perversa estavam fulgurosos, pois ela extasiava-se pela grande vitória alcançada. Contudo, ela queria mais, muito mais. Não se daria por satisfeita, enquanto não conseguisse abarcar o desatinado desejo de destruir todo o planeta, e com ele toda a criação de seu Arqui-inimigo.

Pensando dessa maneira, a imperatriz da obscuridade, num gesto firme de seus lábios delineados, começou a proferir uma língua desconhecida, ao mesmo tempo em que pendeu a cabeça para trás e abriu os braços rumo à grande esfera acima de si.

Os minutos passavam, e as palavras deram lugar a um cântico sinistro. Abaixo, a enorme arena de pedra, que testemunhou o flagelo de muitos inocentes, apresentava-se agora lotada, repleta de centenas de seguidores. Silenciosos, todos olhavam boquiabertos sua mestra realizando aquele trabalho oculto e profano, no globo negro que flutuava sobre todos os presentes.

A canção, aos poucos, atingiu um tom uníssono, aproximando-se de modo irreversível do auge de seu ritual.

A turba inteira de fanáticos estava presa a um alucinante estado de hipnotismo. Loan, por sua vez, não sofreu os efeitos daquele encantamento, e seus ouvidos estavam bem ligados. Ao contrário da multidão silenciosa, ele podia escutar vozes provindas dos quatro cantos da dimensão terrestre. Com elas, chegavam também sombras, que vorazmente envolviam e selavam o corpo de cada adepto.

Os cabelos da vilã esvoaçavam, e as órbitas dos olhos encheram-se de uma tonalidade vermelha. Seus lábios se abriram, e uma voz horrenda e gutural partiu de sua boca feminina, pronunciando frases de

angústia:

E o Sol perdeu seu brilho, vestindo a túnica da escuridão; os mares se encheram de sangue e fustigaram com suas ondas as carnes dos pecadores, afogando-os, sepultando-os em suas profundezas. E vi nações clamando em vão por salvação, mas tiveram como pagamento o tormento e o ranger de dentes. E eis que do mar escarlate me levanto, trazendo exércitos nas costas, convertendo milagres de fé em milagres de desespero, privando as almas do alívio sereno, para o érebo eterno!

Houve um breve momento de silêncio. Então, a arauta declarou seu desfecho:

Despertem, meus filhos! Levantai-vos de vossos leitos de carne, para que juntos concluamos a desforra contra nosso carrasco. Arrebanhai-vos! Arrebanhai-vos, minha casta de legiões contrárias, e vinde fundir-vos ao meu ódio vivo, para que juntos possamos macular a Terra com nosso terror eterno!

Então, sem prévio aviso, algo pavoroso começou a ocorrer naquela gente, algo que nenhum trovador ou poeta teria a compreensão para descrever.

Do alto, Samantha conseguiu sentir a pulsação emaranhada no íntimo de suas almas, como também o fedor da contrição emanando deles e subindo até suas narinas.

Para eles, o oportuno fracasso da humanidade havia sido sua maior conquista. Seus tabernáculos fugiram da perfeição de Deus, passando a ser não mais que um vaso opaco, abarrotado pelo líquido da avareza e da maldade, mas que agora transbordava repleto de dor e de desesperança, uma torpe recompensa por seus vários serviços prestados. Cada um deles trocou a dádiva de possuir a aparência divina do Criador, para tão somente nutrir o ambicioso desejo pela vida eterna.

Atendendo ao pedido, Sammael batizou-os no rio infeliz da mentira, após assimilar a aparência de uma bela mulher, que se pronunciou como sendo a escolhida e precursora que os encaminharia à perfeição universal. Persuadiu-os a entregar seus próprios corpos, vindo a ser nichos, com o objetivo único de proliferar uma raça proibida e fortificada.

As crias arcanas, alojadas nos órgãos de cada súdito, além de se alimentarem de certa quantidade de fluidos internos, também absorviam seus sentimentos negativos, seus pecados, atributos essenciais para o bom desenvolvimento.

A diabólica sacerdotisa, que permanecia sustentada no ar, contemplou ansiosa todo o desenrolar daquele processo, até que sua satisfação intensificou-se na mesma proporção da agonia de todo o "povo", e a realização de seu sonho ganhou uma nova seqüência de acontecimentos.

Ela tinha o olhar arregalado, impaciente, os dentes cerrados, junto a um sorriso prazeroso, mesclado a delírios de felicidade. Samantha observou toda a multidão de fiéis seguidores, sendo grotescamente agraciada. O caos imperava sob o olhar estarecido de Loan, que, sozinho e acuado, nada podia fazer por aqueles pobres miseráveis, a não ser testemunhar o dilacerar lancinante dos corpos que estavam impossibilitados de se mover.

Confuso e imobilizado pelo terror, seus olhos gravavam a imagem da boca de um homem conhecido, cuja língua determinara impietosamente a condenação de inúmeros inocentes, mas que agora jazia entupida de galhos negros, que se estendiam para fora, estourando totalmente a mandíbula já ensopada pelo sangue. Era o cardeal, com os punhos cerrados, grunhindo feito um animal ensandecido. E, para o aumento de seu suplício, visualizava seus órgãos internos sendo despejados por um poço negro de sua barriga aberta, segundos antes de seus globos oculares serem expulsos de suas órbitas, por novos ramos. A aparência humana foi perdendo a existência, para dar lugar à imagem sombria de uma árvore sanguinolenta.

Nem sequer os gritos de Elizabeth aliviaram, por um instante ao menos, a cruz de seu martírio. De maneira gradativa, era forçada a abrir a boca e, de forma pungente, vomitava todos os seus intestinos, cheios de substâncias inúteis, misturados à implosão de sangue e órgãos, que banhavam seu vestuário comprido. Todos à sua volta também passavam pelo mesmo tormento, diferindo pelo ponto por onde essas abominações emergiam.

Os sons de panos sendo rasgados, ossos partidos, mais os ulos dos que ainda resistiam, compunham todo o desfecho da monstruosa sinfonia de dor. Era medonho o grande tapete vermelho que se estendia, alargando-se de forma bestial, enfeitando com o tinto daquela turba condenada toda a arquitetura do cenário da arena.

Enquanto os homens tinham seus componentes vitais eviscerados, as mulheres testemunhavam, em seus últimos segundos, seus seios explodirem, devido à força imponente de raízes grossas e espinhudas, fazendo que o fôlego de vida expiasse de seus corpos.

As túnicas que os cobriam rasgavam de cima para baixo e, numa orgia caótica e animalesca, a matéria orgânica de todos era dividida ao meio, como se fosse apenas uma melancia madura. Abrindo completamente para as laterais, feito os lábios de uma virgem quando deflorada. Assim, as árvores profanas brotavam das pessoas, fechando então todo aquele ciclo de tormentos. Nenhum deles podia fugir ou ser poupado de seu destino.

Os gritos de sofrimento finalmente cessaram, e as plantas bestiais, originárias de um mal arcaico, arvoravam seus troncos de aparência repugnante e elevavam a folhagem e os galhos salpicados de carmim, em devoção à sua senhora acima deles.

Antes que Loan se recuperasse do impacto do choque, a floresta negra, enraizada nos ossos e na massa sangrenta de todos aqueles corpos sem vida, começou a expelir um gás quase inalável de odor acre, preenchido por um eco ressonante de risos doentes e chasqueadores, provindos de todas as direções.

Como explicar para si mesmo os fatos e a ocorrência daquela visão torrente e agitada? E seu cheiro, que se misturava ao vento, sem freio ou remorso, espalhava toda a pestilência do acontecido, espreitando em toda a escuridão. Como explicar a origem dessas árvores mefistofélicas, tenebrosamente irrigadas pelo vinho dos mortais?

Ao mergulhar no golfo inexplicável e infinito do terror, Loan trancafiou sua boca para não gritar, buscando o total controle, apesar da fraqueza emotiva. Contudo, seus pensamentos estavam desordenados.

Ele ouviu a voz do oponente; seus olhos contemplaram uma imagem clara e pecaminosa, zombando de sua desfavorável posição, fazendo-o chegar a uma conclusão muito transparente. A batalha estava próxima do fim, e, mesmo depois de pleitear com tanto afincamento, milhões e milhões de inocentes seriam afogados em um mar de lágrimas.

Não havia mais nada a fazer, pensou. Seu braço ferido e caído segregava vagarosamente um líquido espesso que parecia inesgotável, manchando um pouco mais aquela arena amaldiçoada. Tudo se resumia na angustiante espera do que estava por vir.

Enquanto olhava fixo para o alto, comprimia a grave lesão, mas a dor não o abandonava. Não suportando mais, prostrou-se de joelhos sobre a pedra fria do pátio, já que o ânimo o abandonara. Ele abaixou a cabeça e olhou para o lado. Observou tristemente o corpo inerte de sua amada, que se sacrificou para salvá-lo das garras da morte eterna. Seus pensamentos foram invadidos pela insegurança; seu olhar ardeu com o pranto fumegante que deslizava pela face. As palavras agonizantes da delicada e corajosa moça trovejavam em sua mente, acelerando-lhe o coração de forma desenfreada.

Horsham debateu-se numa luta descomunal entre a fé e o pessimismo. Seu íntimo tentava, a todo custo, fugir do poço do derrotismo, mas sem perceber era tragado bruscamente para mais fundo.

De abrupto, uma presença desagradável tocou-lhe delicadamente os lábios, enchendo de horror o cavaleiro assim que seus olhos tomaram ciência dos fatos.

A figura imponente da nefasta Van Drighe o abordara, fazendo-o, por instinto, retroceder rápido alguns passos.

Não temas, pois este é o "Reduto da Renovação". Aqui a noite é eterna, os espíritos negros plainam com suas asas feitas com as peles dos que chegam e tombam neste chão, nas guerras travadas. Expõem seu bramido de festa para tomarem para si os ossos dos fracos, cujo aroma de podridão embriaga os coxos,

com suas feridas cancerígenas. Os suicidas espirituais tornam-se belos para mim, pois a feiúra de seus atos providenciam alegria ao meu coração, como também os fazem subir em meu apreço. Este é um pedacinho do que o mundo está para se tornar.

E o que queres de mim, monstro?! - indagou Loan, em brados.

Ela respondeu:

Desde os primórdios da hierarquia celestial, desenrola-se uma luta universal e avassaladora entre o bem e o mal, que se tornou manifesta diante dos olhos dos mortais, e isto não te faz exceção dela. Tu me pertences, como também sabes em teu astuto juízo, que és parte de mim. No entanto, insistes de forma transgressora em rejeitar-me.

Tu mesmo não disseste, em alto e bom som, que ficas mais forte a cada desdém? Pois bem, tome isto como sendo mais uma pequena parcela de minha contribuição - zombou ele.

Não provoques o que te é impossível conter! Estes infames que vês - e apontou para o amontoado de cadáveres e suas árvores - murmuraram seu sofrimento, da mesma forma que tua alma afligida sussurrou ensandecida para mim. Aqui, neste lugar, tudo eu sei: aspiro tuas intenções e respiro teus desejos, muito antes que os formules. Sou o cântico lastimoso da viúva, posso tornar este mundo um paraíso para nossa raça se acaso desejares; se convencer-me do contrário, com tua insistência em alimentares tua recusa, transformarei este planeta numa prisão de torturas perpétuas das quais jamais sairás.

Não me compares a ti, pois nunca serei o monstro que tu és! - disse Loan, apontando-lhe o dedo.

Bravas palavras, minha criança. Mas tu ocupas esta aparência porque foste gerado no útero de uma mulher humana. Porém, como todos os inocentes que vivem aconchegados, protegidos de tudo aqui fora, há de chegar a hora de teu nascimento, e de teres a descoberta de tua vida neste globo que sempre te cercou. Teus olhos contemplaram a formosura abastada neste mundo e as ilusões que te despertaram.

E continuou:

Meu caro Loan, direi a ti e a todos quanto for preciso: de que te adiantas servir a um Rei, se Ele não se lembra do sacrifício de seus súditos? Tudo teria sido diferente, o oposto do que encontras aqui. A luz de meu Inimigo jamais poderá confortar teu espírito profano. Nenhuma luz será forte o bastante para nos tocar, a não ser o brilho resplandecente do fogo vivo do Hades. Ele é teu destino e está preparado para ti desde tua meninice.

Apesar de o braço esquerdo estar se esvaindo em sangue e o sofrimento aumentando a cada minuto passado, Loan continuou firme no combate com as únicas armas que possuía no momento: as palavras.

Estive cego pela ignorância e amargo por um ódio intruso. Mas felizmente fui desperto ainda a tempo, pela bondade de duas pessoas que não tiveram a menor preocupação em saber de minha origem ou quem eu era. Simplesmente despejaram sobre minha mente aflita toda a sua fulgurante compaixão e a suavidade de seu amor, presenteando-me com seus corações abençoados. Mesmo não lhes dando, no início, o valor que ambos mereciam, suas mensagens ficaram gravadas num pedacinho todo especial do meu espírito.

Samantha sorriu.

Ah, sim! Creio que te referes ao insignificante e velho Mictã e a essa camponesa estúpida que tu tanto amas. Que grandioso valor tiveram eles para ti? Acharam que meras mentiras poderiam remodelar o vaso que criei com tanta perfeição e poder? Por esse motivo, cuidei desses dois pessoalmente, e tudo que fiz foi ditado ao benevolente futuro que reservo para este mundo. Eu insisto, não rejeites tão bela oportunidade! Vem e reina ao meu lado.

Mas Loan exclamou:

Que futuro eles terão? Olha ao teu redor ou busca na tua mente as incontáveis desgraças que despejaste sobre esta Terra fragilizada. Tu - e apontou-lhe o dedo mais uma vez - regurgitaste teu pecado imundo sobre os homens, fazendo que perdessem suas almas; alimentaste a ganância de muitas nações, e logo depois as entregaste às mesquinhas de tuas guerras! Prefiro a morte a servir-te como um lacaios! E digo-te mais! Deus nos observa neste exato minuto, e te asseguro: não obterás o êxito que almejas. Ele

não está de braços cruzados, pois no instante em que fores destruir este planeta, a Sua ira cairá de Seu trono de glória sobre ti e te consumirá junto a teu feito.

Não te atrevas a pronunciar o nome do ser que nem teu Deus é! - gritou Samantha Van Drighe, explodindo em raiva. Ela chegava ao consenso de que havia perdido Loan para sempre, como também que ele jamais seria corrompido.

Um brilho de poucos segundos se apresentou nos olhos do cruzado, que permaneceu na defensiva. As palavras dele instigaram a fera a dar prosseguimento à sua vingança.

Ela novamente levitou até onde o globo negro se encontrava. Concentrou-se e convocou para si uma linguagem sinistra. Com os olhos que mais pareciam dois braseiros vivos, ameaçou o solitário cavaleiro:

- Judas! Hipócrita maldito! Testemunha agora tua ruína!

Mesmo um pouco tonto e enlaçado pelo padecimento, o espírito nobre de um guerreiro valente não se deixa abater. Ele passou um olhar ao seu redor. Era certo que alguns fatos abalaram um pouco sua confiança e sua coragem, sem contar que muitos deles eram inexplicáveis, porém surtiram pesados efeitos colaterais emocionais, e até mesmo sobrenaturais. Nada foi descartável. Mas estes, com plena certeza, eram fatores que ultrapassavam sua sanidade.

Sua atividade mental era balbuciada em seus lábios trêmulos, à medida que o suor frio rolava por sua face. Ele tentava descrever para si o que via, mas a razão se encolhia esmagada pela tétrica sensação do silêncio. Não era capaz nem de discernir qual das imagens testemunhadas era a pior. E Loan divagava, procurando compreender toda aquela violação e desrespeito às leis naturais: o sangue esparramado, todos aqueles corpos dilacerados, e o principal de tudo: toda a sinistra e medonha floresta havia sumido de seus olhos mortais. Em seu lugar, centenas de silhuetas humanas, porém misteriosas, autocontidas nos restos carnais dos miseráveis, levantavam-se, acompanhadas pela visão do perplexo espectador. Progênies de uma árvore proibida, que rugiam feito leões famintos, seres originados pela semente inóspita de uma criatura abominável.

Os "renovos", como eram chamados por Van Drighe, foram talhados pelos desejos da carne e pela cobiça humana, recebendo como prioridade um único e desesperado propósito: substituir cada ser racional deste planeta.

A horda profana e ameaçadora, mesmo mantendo-se a distância, parecia captar as vibrações negativas emanadas de sua presente testemunha, que permanecia petrificado pelo espanto. Seus corpos de ônix deixavam à mostra e em destaque apenas o brilho atroz de centenas de olhares esmeralda.

Então, eles, os soldados cingidos pela escuridão, ouviam a ordem procedente de sua mestra e, pouco a pouco, iam abandonando seus lugares, subindo e silvando através do vácuo, como ectoplasmas fantasmagóricos.

Ao visualizar o corpo redondo e flutuante, aglomeraram-se uns aos outros, formando a imagem de uma estranha aparição de calda grossa e comprida, e, numa diligente obediência à sua senhora, penetraram brutalmente no equidistante do centro esférico, como se fosse um espermatozoide transpondo as barreiras de um óvulo.

Em conseqüência do recebimento de toda aquela massa corpórea, a esfera expandiu-se dez vezes mais seu tamanho de origem, indo desintegrar a cobertura da arena num som retumbante e estremecedor.

Horsham, por sua vez, recuou, para evitar que fragmentos do teto o atingissem.

Samantha, vendo que estava próxima de consumir seu crime, segurou com uma das mãos a gigantesca bola escura e com sua peculiar falta de modéstia, pronunciou-se:

- Com a energia que vês, posso reduzir este planeta a simples grãos de areia. O tempo ser-te-á tão escasso que não conseguirás nem ao menos refletir sobre teus pecados. - E lançou a ele uma pergunta embaraçosa. - Será que tu, com o pequenino dom que tens, serias capaz de detê-lo?

Ele nada respondeu.

Pois bem, respeito tua quietude. E, já que não pretendes fazer absolutamente nada, deverás apenas contemplar minha vitória e teu fracasso. Embora, devo dizer-te, que se tentares tocar na esfera, ou permitires seu choque com a superfície da Terra, tudo deixará de existir. Bastarão alguns meros segundos, para que reste somente um vazio predominante. E agora, o que estás inclinado a fazer?

Loan manteve-se calado. Estava ferido, cansado e perdido num lugar que mais parecia ser o próprio inferno. O retrato infinito de todo aquele sobrenatural, furtara-lhe as idéias. Bem que tentou resgatar alguma orientação de sua abalada razão, mas o rugido assustador do globo sobrepujava tudo e limpava-lhe a mente.

Então, Horsham fixou com firmeza seus olhos naquele cenário tétrico de escuridão intransponível, e mais uma vez a voz blasfema da bruxa oprimiu suas esperanças.

Onde está o Deus que diz amar Sua criação? Por que não se prontifica a salvar seu povo? Eu te digo: a verdade é que Ele nunca se importou com esse mundo falho e defeituoso! Prova disso foi o momento de total liberdade que tive ao levar Rúbia para meu mundo e lhe oferecer a eternidade como um de meus filhos perfeitos. Diante de sua recusa, fui obrigado a mudar meus planos, revestindo-me de anjo de luz, para poder apossar-me de seu filho Siegfried, com sua plena aprovação, pois somente assim poderia tê-lo em minhas mãos. - E declarou, de modo claro e terminante: - Mas, como ela, tu também recusaste este poder divino e agora receberás a mesma sorte: a morte!

Ao ouvir as torturantes palavras, o combatente da Bretanha ficou ciente da inevitável derrota.

Que o negror desta sina se cumpra... - pronunciou em aflição. - Senhor, posso não ter nascido como um de teus filhos, mas imploro-te que ao menos se apiede de minha alma... - disse Loan, junto ao deslizar das lágrimas por seu rosto.

Não gostando nada daquelas frases, Samantha determinou a sentença:

Medíocre foi tua decisão! Que tu e toda a humanidade pereçam completamente!

E, desprendendo um grito animalesco, mesclado ao seu desatinado ódio de profundidade extrema, a sacerdotisa do mal arremessou o monstruoso globo em direção ao cavaleiro.

Desprovido de qualquer reação, o combatente do leão apenas observou, enquanto o terror esférico aproximava-se cada vez mais, de modo lento e grotesco.

A energia maligna, em meio ao seu movimento, desprendia de sua matéria redonda raios azulados e mortíferos, indo acertar vários blocos de pedra em volta da arena, fazendo muitos deles derreterem feito gelo. Todo o lugar agitava-se e estremecia, devido às fortes vibrações sonoras emitidas pela corpulência negra. Sua imponente sombra envenenava as águas, fazia fenecer as plantas e muitos seres viventes, que misteriosamente iam perdendo suas vidas. O planeta demonstrava sofrimento pela segunda vez. A natureza, sentindo-se violentada, correspondeu com furiosos tornados e tempestades; a atmosfera tornou-se escarlate e invadiu com essa tonalidade o horizonte de norte a sul.

Era inacreditável para Loan que, consternado, testemunhava o findar de toda a vida, das esperanças e da fé. Via tudo o que Deus havia criado e nos dado com tanto afeto ser consumido pela força do mal: a beleza das formosas planícies, o vasto território de arquipélagos, montanhas, mares, enfim, tudo que aprendeu a amar se curvaria perante a iminente e impiedosa destruição.

Samantha mantinha-se na expectativa dos próximos acontecimentos, porém seria demais para ela não fustigá-lo um pouquinho mais.

Queres saber a verdade dos fatos? Tu és meu filho, temos a mesma carne, contudo, seu insolente, eu não cultivo nenhuma afeição por minhas crias! E digo-te mais. Foste tu que me levaste a isso, assim que mostraste fidelidade em teus sentimentos por meu Inimigo e te tornaste inacessível para me servir. Tu, Loan, somente aumentaste o intenso e profundo desejo que tenho de destruí-lo! - Uma risada sarcástica lhe escapou dos lábios. - Irás implorar-me por uma morte rápida, mas excluirei de ti esse direito, pois quero que vejas e sintas os elementos ardentes te abraçarem!

A repelente energia ainda não havia tocado o solo, mas a força de sua influência danosa percorria as entranhas da Terra, causando imensas fissuras na crosta terrestre, conseqüentes de repentinos abalos sísmicos.

Milhões de pessoas entraram em um pandemônio geral, mas nenhum deles poderia imaginar o que estaria ocorrendo em todo o planeta. Horsham sabia o que o futuro reservava para eles, pois era a única testemunha que presenciara o árduo julgamento de Sammael para com os homens, cujo veredicto atingiria as almas de grandes multidões.

A voz gutural da diabólica criatura tornou a se manifestar, querendo não dar à mente de Loan um minuto sequer de trégua, em meio àqueles momentos decisivos.

- Farei a raça humana perecer, em retribuição ao que o teu Deus me fez sofrer!

Sob o brilho macabro da sinistra iluminação, ele observava tudo estupefato, e, como se não bastasse, as palavras perniciosas de Samantha esmagavam os últimos vestígios de esperança do coração daquele valente cavaleiro.

Em todo o seu pavoroso espanto, firmava para cima um olhar vítreo, de lábios entreabertos. Tomado pela loucura, somente esperava, com o terror que lhe percorria o corpo, a extinção de tudo que havia de bom e belo em todo esse vasto universo.

5

Aquele circo fúnebre de horrores estava sendo ocupado por um homem que testemunhou fatos longos e contundentes, que abalaram seus sentimentos morais e íntimos.

Samantha Van Drighe, ou a coisa que se fazia passar por ela, declamou um amontoado de poesias devastadoras, refletindo seus diversos efeitos colaterais catastróficos. Revelações pesadas e cheias de acusações que se prendiam num único propósito: atormentar a razão de um homem.

Em meio às sinistras luzes, cabisbaixo, e já mais próximo de perder a consciência, Loan repelia qualquer possibilidade de evitar a consumação daquela voraz energia.

Então, quando tudo parecia certo, várias bolhas reluzentes surgiram do nada e começaram a rodopiar em torno do deprimido cavaleiro. Depois, rapidamente, os glóbulos se fundiram uns aos outros, até formarem os detalhes de uma pessoa.

Apesar do rugido ensurdecido da ameaça esférica, Loan ouviu uma voz serena chamá-lo, fato este que lhe aguçara a curiosidade, por se tratar de ela ser-lhe conhecida.

Loan... Loan? - dizia a mansa e misteriosa voz - por que deixaste ir por terra tua fé, quando deverias fortificá-la ainda mais?

Espantado e confuso, ele procurava encontrar a origem daquele chamado, pois tudo o que via era a imagem de uma figura brilhante à sua frente.

Quem és tu, que falas comigo como se fosses conhecedor de minha pessoa? Porventura compactuas com este ser hediondo?

Sê mais prudente com tuas palavras, cavaleiro do leão, ou porventura não sabes que tua própria língua pode condenar-te? - foi a resposta de imediato.

Não pertence à minha natureza a rispidez, porém há de convir que isso não aconteceria se pudesse ver a quem dirijo a palavra. É impossível falar com exatidão sobre as qualidades do que os olhos não conseguem alcançar.

Vejo que tua memória anda debilitada. Tu passaste algumas horas ceando comigo, e mesmo assim não te recordas de mim?

Um lampejo invadiu sua mente fustigada, na mesma proporção em que a silhueta luzente foi adquirindo uma configuração humana. O homem não pôde se conter. A boca se movimentava, mas as palavras pareciam não querer sair. Os olhos, já embebidos pelas abundantes lágrimas, expressavam tudo o que

seus sentimentos queriam dizer. Então ele sorriu. Um nome lhe escapou dos lábios, e a face consternada foi transformada pela rejuvenescedora alegria; segundos antes do singelo afago, propiciado pelo braço ainda intacto.

Mictã... Meu amigo... - E abraçou-o, levando a mão direita por cima de seu ombro.

O cavaleiro não mais se sentia sozinho e nem abandonado em toda aquela escuridão. Deus contemplou e resgatou cada gota de seu martírio, e, ainda que tardio, enviara-lhe o socorro no momento preciso.

Mictã se pronunciou, contemplando a face da mulher, que quase mordeu os lábios em sua pura insatisfação.

O Senhor Todo-Poderoso ouviu tuas preces, e de Sua glória celeste enviou-me para que o revista com o manto santo da fé.

Ele argumentou:

Não sou tão resistente como deveria; estou abarrotado de fraquezas humanas. O mundo está prestes a ser destruído, e, como se não bastasse a dor de meu ferimento, o pavor invadiu-me a alma...

Mictã se achegou mais perto da grave lesão do estimado companheiro. Amoroso e atencioso, calmamente o bom velhinho examinou o membro dilacerado. Aproximou um pouco mais seu rosto e assoprou levemente o local maculado, de onde, milagrosamente, o sangue e os danosos cortes foram expulsos. Era como se fossem apenas poeira, e a intensa ferida foi sanada instantaneamente, restaurando a pele, desaparecendo a quebraçura, trazendo de volta todo o vigor e a perfeição ao braço danificado.

Os olhos da sacerdotisa, nada satisfeitos, incendearam-se de furor ao presenciar tal feito. De sua boca profana, as palavras puseram-se a saltar garganta afora, em protesto:

Tu?! Levantaste de teu leito de morte para importunar-me, maldito?! Como é possível?! Quem és tu, afinal?

Olhando firme para ela, ele, de forma branda, se expressou:

Tudo é possível àquele que crê. E este realmente será o verdadeiro merecedor da glória de Deus. E, felizmente para ti, cria desgarrada, não te foi dada permissão para enxergares os pensamentos do homem, como também é grande tua incapacidade de compreender os planos do Deus Onisciente.

E prosseguiu:

Porém, verdade seja dita, os homens são falhos, e, nesse contexto, acabam praticando atos que desagradam os olhos do Criador. Mas o amor do Pai se renova a cada dia. Prova disso é que aqui estou, intercedendo por este soldado valente e promissor.

Mal terminou de falar, Mictã e Loan sentiram um abalo sísmico, mesclado a ondas de um som penetrante como um bramido, que vinham da esfera satânica e que incendiava tudo à sua volta com chamas avermelhadas, tornando a magnífica arquitetura de pedra uma massa crematória do inferno.

Achas mesmo que podes me intimidar? O vasto ódio que habita em mim será o combustível que incinerará as nações e os povos. Não descansarei enquanto não arrebanhar a alma de todos que vivem neste mundo, para a danação sem fim! - e concluiu: - Veremos então, emissário de "Emanuel", se tua fé e força são capazes de suplantar o "mal concentrado" que vem sobre vós! - e apontou-lhe o dedo.

O ancião não ignorou o perigo que se arremetia sobre eles. O globo vivo ficava cada vez mais colérico, e estava a menos de cinquenta metros de devorar o mundo dos homens, aproximando-se. Ele respirou fundo e virou-se para Horsham dizendo:

Há um tempo certo para tudo, e seu momento chegou ao ápice! Teus valores mais sinceros deverão fluir, nobre guerreiro! Caberá a ti reunir as forças necessárias de teu espírito, para que o Altíssimo possa fazer morada nele. Agora!

Mas de que maneira? Como conseguirei a façanha de deter essa gigantesca abominação, se nem ao menos posso tocá-la?

Limpa tua mente de todas as dúvidas, expulsa o medo do fracasso, pois perdeste a batalha, e não a guerra. Depois, abra verdadeiramente teu coração a Jesus Cristo. Ele é a salvação para os perdidos. - E disse,

com firmeza em suas palavras: - Não te deixes derribar pela penúria que se abate sobre a humanidade: a falta de fé. Lembra-te dos ensinamentos que te foram entregues com afeto, permitindo que o Espírito Santo de Deus abarrote teu coração com a pureza de seus sentimentos. Ele é o Alfa e o Omega, e, somente assim, tu também estarás Nele. A carne jaz perecida no pecado, mas tua alma ainda pode fazer subsistir a justiça correta, trazer este benefício. Não te preocupes com as tragédias que atingirem esta Terra; tem apenas a ciência de que, se o Espírito Daquela que ressuscitou dos mortos tornar a habitar em vós, Ele não só vivificará teu corpo carnal, como também te transformará em uma nova criatura perante Seus olhos. Deus procura em ti o que deseja alcançar em todos os homens: um abrigo, uma morada eterna.

Samantha, por sua vez, interferiu:

Velho idiota, esqueceste que Loan é parte de minha natureza perfeita?

Mictã, vendo que havia assuntos mais urgentes para dar a devida atenção, não respondeu ao insulto e prosseguiu na preparação do coração e da alma daquele homem descrente.

Encarecidamente te peço que não te arrependas de haver sido escolhido pelo Pai para ser um de seus atalhias na Terra. Toda a humanidade ganhou o privilégio de entrar no céu, porém houve um preço grandioso a ser pago. Breve chegará o dia em que o Senhor da Glória aparecerá nas nuvens trajando a luz ornada pelas estrelas, resgatará os remidos e os levará para a Mansão Celestial, a fim de que recebam o merecido galardão e o carinho de sua Majestade, o Rei dos Reis. E, sem cessar, as mãos dos salvos distribuirão palmas em louvor Àquele que os salvou da danação eterna; e haverá no céu uma festa jamais sonhada ou imaginada, que o mundo inteiro testemunhará. Eles serão os privilegiados, pois também se assentarão à mesa do Consolador, e cearão fartamente uns com os outros, e Ele com todos.

Vê, Ele é tudo. E o abstraiu deste mundo enlameado pela discórdia, porque sabia que a maior luta que travarias não seria contra a carne e o sangue, mas, sim, contra o principado hostil e sua intrusa tropa espiritual da maldade que queria privá-lo deste tesouro espiritual. Toma para ti a armadura de Deus, para que possas resistir a esse dia do mal, e fica firme. O mundo inteiro clama por salvação neste momento. Ergue a cabeça e sai de teu estado de contrição. Luta por eles e por ti, clama pelo sangue do Cordeiro Imaculado! Exprime o erudito com toda a eloquência de teu coração.

Loan era dono de uma personalidade forte e decisiva, mas as palavras do amigo haviam quebrantado seu espírito e tocado fundo seu âmago. E, numa visão arrebatadora, uma força poderosa se propagou pela sua mente, invadindo-o de maneira irrefreável e abatendo com vigor cada vestígio de sentimento contrário que o molestava, presenteando-o com a vida revigorante do fogo celeste.

Logo, o resultado se manifestou de surpresa, e nem mesmo a sacerdotisa pôde antever a mirabolante reação.

Erguendo-se lentamente, Loan estendeu o braço direito para frente, indo depois levantar a palma da mão na posição vertical, expondo o símbolo de uma pomba que brilhou rapidamente todos os seus detalhes. Sem esboçar qualquer gesto, um feixe de luz lançou-se de sua mão e em pleno ar se converteu na forma de um pássaro reluzente, pondo-se entre ele e seu inimigo.

Sua presença iluminada expulsava e purificava o ar pútrido com suas asas miraculosas, sobrepujando totalmente a tenebrosa escuridão, na qual o ser alado tomou uma posição ereta, abrindo gradativamente as asas, e um círculo dourado envolveu-o por inteiro, transformando o pássaro num enorme e majestoso escudo resplandecente, que se expandiu atingindo quase a metade do tamanho da ameaça de ébano.

Bastaria mais um minuto para que tudo chegasse ao fim, mas, felizmente, toda a fúria de destruição do globo sombrio foi contida ao ser escudado violentamente, impedindo-o de tocar o solo. Todavia, o contato daquelas duas forças titânicas foi o bastante para provocar uma grande descarga de energia.

Samantha acendeu-se em cólera, esbravejando aos gritos, não aceitando o fato de seu desejo ser interrompido de tal forma. Sua manifestação, porém, foi ignorada por Mictã e Loan, que observavam a cena emudecidos.

Mas ela não se daria por vencida facilmente e expôs seu irado protesto:

- Loan, prevaricador imundo! Achas mesmo que pronúncias recheadas de vãs esperanças poderão mudar o inevitável? Tenta resistir a isto!

Conferida a resistência que brotava do corpo do gladiador, a áspide do terror lançou um novo encantamento sobre o corpo circular, reforçando um pouco mais sua arcana robustez, empurrando o escudo iluminado lentamente para baixo, surpreendendo o hábil paladino.

Horsham compreendeu então que aquela luta não iria durar por muito mais tempo. Era do seu entendimento que um simples descuido de pensamento, ou o enfado da carne que estava o tempo todo presente, poderia deixar o planeta inteiro à mercê da extinção.

A luz e as trevas, dois gladiadores impressionantes, realizavam neste meio tempo a mais temível e acirrada luta que ameaçava tragar e consumir a vida, os sonhos e as preciosas almas de toda a humanidade.

Diante desta peleja infinita entre o céu e o inferno, Loan pôde ver com nitidez o verdadeiro valor da vida, uma graça mais valiosa que o ouro e a prata juntos; o refulgir de toda a obra divina. Mas também sentiu o cheiro apodrecido da abusiva ganância humana, dos vampirizados pela sequiosa sanha de poder, que permitem que suas almas sejam sujeitadas a segas pecaminosas e irreversíveis, tudo em troca de um punhado de riqueza precíval.

Aquele destemido homem não podia permitir que a opulência de toda a fauna e flora, a abundância das águas cristalinas, nações e povos, línguas e culturas tradicionais desaparecessem dessa forma. Enfim, que todo o firmamento perfeito que Deus moldara com tanto amor e cuidado fosse transformado em elemento candente, até não restar uma molécula sequer.

Horsham tomou para si a responsabilidade. Empenharia o fôlego de vida que lhe restava na defesa dessas pérolas espirituais, que o Pai havia criado.

Respirando fundo, o leão da Bretanha emanou novamente sua aura, só que, desta vez, manifestou-se num tom azulado. Em seguida, focalizou-a em direção ao escudo. E, uma vez canalizados, o poder e a resistência da arma defensiva aumentavam consideravelmente, obrigando o corpo globular a se afastar para cima.

No entanto, olhando desafiadoramente, o ser hediondo exclamou:

- A quem queres enganar? Sem mim, tu não és nada! - e declarou ainda, com toda a empáfia de sua pessoa: - Eu sou Sammael, o rei das legiões proibidas, o assassino dos fiéis que almejam ilusoriamente o céu e devorador da fé humana. Então, achas mesmo que podia ser derrotado por essa influência vermícula?

Sua voz iracunda percorreu acima das demais, ecoando pelo maior espaço da obscuridade. Perigosa como o agulhão de um escorpião e tão furiosa quanto a erupção de um vulcão, Samantha Van Drighe usava o máximo de suas forças, e alterava seu corpo para uma forma gasosa. A seguir, arremeteu-se para o ser esférico, penetrando-o e fundindo-se a ele. Ambos, agora, se tornaram um só, e toda aquela massa tomou proporções de tonalidades entre luzes negras e vermelhas.

Loan logo notou que a matéria monstruosa pressionava com mais agressividade o escudo de luz. Usando a calma que ainda tinha, tentou manter o equilíbrio e a esperança, mas a força malévola da danação começava a afligir o oponente, castigando intensamente sua carne. Agora, ela chegava ao ápice de sua crueldade. O cavaleiro gritava, sentindo fortes dores nos braços e dilacerantes câibras em suas pernas. Os pés, devido à grande força, eram empurrados para baixo, afundando sobre a rocha maciça.

O escudo potente estremecia sem parar, e seu brilho ia sufocando com a doentia escuridão da dantesca esfera, que também tentava irromper a superfície celeste e impor sua supremacia.

Devido ao atrito das duas forças, o frágil planeta flagelava-se cada vez mais, abarrotado por uma maior infinidade de moléstias catastróficas. O globo terrestre sofria com torrentes tremores, sucumbindo vagarosamente para a aniquilação completa. Os mares esbravejavam, rugindo e chicoteando o solo com

ondas colossais. Elementos vegetais e minerais começavam a entrar em combustão, nuvens entupiam os céus, vomitando línguas incandescentes. Todo o astro planetário se desesperava, prevendo a qualquer momento a destruição de toda a majestosa vida.

Mictã olhava com admiração para o bravo combatente, que resistia na defesa de seu país, de sua Terra e de seu Deus. Apesar de toda aquela situação, sentia-se encher de tranqüilidade. Então pronunciou-se com uma mansa voz:

- Demonstraste que és um precioso soldado do Rei que tudo pode. Orgulhei-me de ti, caro amigo, quando rejeitaste a idéia de destruir teu Pai. Agora, unido às armas do céu, insere ainda mais tua fé na peleja que diante de ti está. Eu sei que podes... Basta tão somente queres.

Com um tom sôfrego, Loan indagou em aflição ao eremita:

Como... hei... de fazer... isso?

Tudo te está proposto. Resta-te somente abrandar tua mente nesta trilha sombria e deixar que um novo panorama aprazível se manifeste uma vez mais, ainda que seja algo do passado. Deixa que as boas recordações fluam em teus pensamentos. Vamos, esforça-te cavaleiro.

Ao ouvir aquilo, fechou fortemente os olhos, tentando resgatar das trevas do subconsciente algo que o estimulasse a despertar seu poder interior. E viajou muito, até chegar fundo em sua alma, deparando-se com uma imagem que refulgiu como Sol diante dele.

Não pôde conter o choro, e as lágrimas desceram lentas e dolorosas. Em sua mente, a doce imagem de Andriély, sua mãe, uma figura renovadora para suas esperanças, que o arrebatava do fosso profundo. O combatente se lembrava das palavras de fé ditas pelos lábios suaves, com muito carinho e paciência, nos tempos de infância.

Não quero que sejas dominado pelos preceitos da cobiça. Os homens se vestem com os trajes da soberbia e, dizendo estar em combate contra o mal, levam aqueles que não conhecem o amor de Cristo para a fogueira, achando que isso lhes trará conforto junto a Deus. Ao invés disso, estão selando legalidade aos espíritos caídos, que até nos dias de hoje não honram o sacrifício feito por Nosso Senhor e tampouco temem Suas leis. Vê, meu filho, este vasto campo, um lugar imenso, rodeado de árvores verdejantes e belíssimas flores. Apesar deste mundo estar em constante guerra entre seus semelhantes, ainda existem muitas pessoas de almas luzentes e de corações abertos que desejam com ardor ajudar o próximo. Esta nação ainda louvará o nome Daquele que os amou.

A terra produz e dá os frutos que, por sua vez, alimentam os animais e as aves do céu. Os peixes sobrevivem das plantas marinhas, e o mar é seu imenso berçário. Enfim, não existe balança no universo que possa pesar as maravilhas das riquezas que Deus criou.

Por que me dizes isso, mamãe? - perguntou o pequenino.

A luz do sol refletia em seus cabelos claros, enquanto se ajoelhava frente ao seu filho, tranqüilamente.

Vem querido, ajoelha-te comigo - pediu Andriély.

Os lábios do garotinho entreabriram-se, deixando um leve sorriso aparecer, enquanto poucas lágrimas escorriam dos olhos da mãe. A lady, porém, não permitiu que ele as notasse. Pegou suas mãozinhas delicadas, beijou-as, e logo a seguir, respirando profundamente, passou a acariciar suavemente seu belo rosto com ambas as mãos.

- Meu filho amado, não tardarás a crescer. Tornar-te-ás um homem formoso e valente, sinto no fundo de meu coração. E aonde fores com tua espada, toma para ti o abraço da prudência, reflete antes de qualquer decisão, humilha-te diante do Pai dos céus, para que Ele o revista de sabedoria e o ensine a manuseá-la com justiça.

Com os olhos rasos d'água, a condessa expressava-lhe todo o seu apreço. E continuou: - Combate a iniquidade com toda a fé que provir Dele. - apontava para cima. - O Senhor sempre estará contigo, meu príncipezinho, mesmo que ainda estejamos aprisionados na solidão ou nos consideremos indignos de seu afeto, não se esqueça: Jesus sempre ficará ao teu lado.

Relembrar essas passagens cheias de alento foi muito revigorante, principalmente na situação conturbada em que se encontrava.

Loan Horsham era um homem que sofrerá demasiadamente diante desta jornada do impiedoso tempo. Mas tudo pelo que passara lhe servira como um magnífico aprimoramento de suas melhores qualidades, além de torná-lo ainda mais forte e perseverante.

De volta ao presente, o ofegante cavaleiro sofria com o enfado da carne, que martirizava os músculos de todo o seu corpo, com violentas sensações. A luta pela sobrevivência por enquanto se sobressaía contra o incrível poder que o atacava.

Mas, agora, algo totalmente diferente inovaria sua vida de combatente. A venda obscura finalmente caíra por terra, e seus olhos carnis passaram a enxergar a gloriosa luz que provinha dos céus e sempre aqueceu os corações aflitos por um novo amanhã: a esperança.

Os lampejos sobre o passado explodiam em sua mente.

A impiedosa perseguição que custara a vida de todos que amou, principalmente da mulher que abrilhantou seu coração apagado. Os ensinamentos bíblicos do grande amigo, Mictã, que neste exato momento compartilhava desta guerra ao seu lado.

Loan creu novamente. Confiaria num poder superior reinante acima das estrelas, presente entre os homens de fé, um verdadeiro fogo eterno que consome todas as hostes da maldade, e lutaria por isso.

- Eu vi a luz... - disse ele. - Uma voz linda me chamou, ofereceu-me uma nova chance. Provavelmente, não sobreviverei após o que estou prestes a fazer... Mas isso não é importante; ao menos, quando tudo isso terminar, terei a grande certeza... De que ficarei em paz nos braços de meu "Rei"...

Olhando fixamente aquele cenário aterrador, Horsham franziu um pouco a testa, depois despreendeu da garganta um brado altíssimo, que parecia estar enclausurado e sufocado há muito tempo. Então, toda a sua matéria física liberou uma energia alva, que rapidamente penetrou no escudo em sua mão, indo envolver a matéria negra com uma enorme e majestosa capa reluzente.

Por um breve instante, o cavaleiro sentiu as colunatas do universo se abalarem, mas logo todo o planeta foi sendo apascentado lentamente, numa suavidade de paz contínua. Uma paz que certamente subia aos céus e chegaria como um agradável aroma às narinas do Criador; um momento sublime, partilhado por toda a Terra, um precioso tesouro em meio a toda aquela monstruosidade, ainda que fosse por um pequeno espaço de tempo.

Os arautos do contrário, por sua vez, discordavam desses acontecimentos, pois blasfemavam em alto e bom tom no interior da esfera arcana. A presença santa da glória celeste queimava com ímpeto os corpos moribundos das criaturas; suas matérias impuras ardião ao leve toque da Justiça Divina; desorientados e ensandecidos, trombavam uns contra os outros, desesperados por encontrar uma brecha de escuridão para seu refúgio, uma façanha já impossível, pois as trevas haviam se extinguido daquele corpo esférico. Dava-se, então, o início de uma luta desenfreada pela sobrevivência, pois a legião inteira de demônios mergulhava em um rio profundo de tortura e agonia, ao serem incinerados vivos.

O brilho espesso do gigantesco lençol fulgurante invadia o globo pernicioso com precisão cirúrgica, movendo-se como afiadíssimos bumerangues e pontiagudas lanças, transpassando e fatiando suas presas, feito poderosos anticorpos a consumirem um pequeno e intruso vírus.

Os gritos animais e aterrorizantes dos asseclas da sacerdotisa malévola, clamando e implorando por misericórdia, atravessavam as paredes que agora os aprisionava, num total e completo prenúncio agourento. Acuada e amedrontada, buscava a todo custo proteção contra os feixes irradiantes que advinham com intenso queimor e usava, sem o mínimo de compaixão, seus próprios soldados como escudo, numa atitude covarde e desonrosa, qualidades que sempre fizeram parte de seu caráter deplorável.

A cólera era sua maior aliada, no momento em que observava estupefata as criações obscuras explodindo uma a uma, desintegrando até mesmo seus espíritos caídos.

O transgressor amaldiçoado estava à mercê das energias universais; sua figura bela e jovial aos poucos se desfazia; as moléculas de seu corpo se esfarelavam igual a simples poeira.

Ela lutava incessantemente para se libertar, entretanto, não suportando mais o poder tremendo do campo rutilante, soltou um grito medonho, ao mesmo tempo em que seu dorso começava a se distorcer de forma terrível, como se fosse uma borracha exposta ao fogo. Então, imensas asas vermelhas emergiram de suas costas, e a sensação perturbadora e inquietante que a assolou fez que alçasse voo de forma violenta, finalmente chegando a romper o campo energético que a mantinha cativa e próxima da destruição.

O monstro, no corpo de uma mulher, encharcado num fluxo amargo de ódio, começava a ponderar a hipótese de que o cruzado, de alguma forma, poderia derrotá-lo. Um mísero combatente, pensava, o privaria de realizar seu propósito mais sombrio: o de alterar as páginas que regem a história da humanidade. Esse fato foi notado ao ter seu poder maléfico concentrado em um globo de ira e capaz de aniquilar todo o Sistema Solar, barrado e consumido de forma irreversível pela força poderosa do astro celestial e reduzido ao mais absoluto nada.

Vagarosa, porém uniforme, a variação aglomerada do campo elétrico positivo se transformou em micropartículas, até desaparecerem por completo.

Graves convulsões começaram a se difundir na carne inexpugnável e eterna da sacerdotisa. Seu espírito negro havia sido gravemente afetado, estava convicta disto. E, não podendo mais sustentar-se no ar, o corpo da vampira de almas precipitou em direção ao chão, petrificado, atingindo brutalmente seu mármore, num baque estrondoso e assustador.

A atenção de Loan agora voltou-se a seu único e restante oponente tombado ao solo, que não lhe apresentava mais nenhum perigo. O jovem cavaleiro pensou em esboçar uma reação; no entanto, incerto sobre o que fazer, virou para o sábio Mictã. Suas prudentes palavras seriam a diretriz mais apropriada para dar o próximo passo. Mas, assim que o observou, seus olhos foram presenteados por outra visão, ainda mais gloriosa do que a primeira.

O eremita solitário, guardião da fauna e da flora, o sábio erudito das passagens cristãs, e também o grande amigo de confiança do cavaleiro do leão, estava transfigurado, envolto por uma luz ofuscante. O velho Mictã havia sumido. Em seu lugar estava um menino de cabelos longos e brancos, cujas vestes assemelhavam-se ao mais puro ouro branco, ornadas por pequeninas e incontáveis pedras preciosas; na cintura, uma espada dourada, cravejada de diamantes, e atrás de si, grandes e luzentes asas.

Loan respirou profundamente e, apesar de sentir uma alegria que parecia querer explodir seu peito, temeu tanta formosura, pois não se sentia digno de contemplá-la. Sem saber o que fazer, apenas olhou para o céu, infestado de astros iluminados, e agradeceu a Deus por aquela honra recebida. Todavia, seu coração palpitante o forçou a olhar para o emissário angelical à sua frente e, ainda que dominado pela emoção, seus lábios trêmulos conseguiram formular um pensamento:

Perdoa este pobre incrédulo. Agora vejo com clareza, foste tu, todo esse tempo, que me acompanhaste, guardando-me dos perigos...

O anjo sorriu para ele, dizendo:

Foi necessário meu disfarce, pois se aparecesse dessa forma jamais me ouvirias, da mesma maneira que não o fizeste antes. - E prosseguiu: - Nosso Pai é um bom Pastor e jamais permitiu que uma ovelha Sua se perdesse de seu aprisco. Essa era a missão a mim incumbida, como também a de plantar e regar as sementes do Todo-Poderoso em teu coração, e, com essa finalidade, assumi a identidade do humilde Mictã. Teus ouvidos se abriram e encontraram graça na fiéis palavras do Senhor, e elas fizeram morada eterna no teu coração. Agora, valoroso amigo, recebe a paz, pois foste agraciado com o direito de chegar-te mais próximo do Criador, e sempre que pedires a Ele com fé serás atendido, porque está escrito que deves buscar primeiro o Reino do Céus, e as demais coisas te serão acrescentadas.

Mas como, se sou parte dessa aberração profana? - murmurou ele.

O emissário o contradisse:

Não mais, porque o Verbo de Deus habita dentro de ti, e a Sua glória flui como uma fonte inesgotável de vida dentro do teu peito. Tua carne foi transformada, Loan, pois o oleiro Onipotente te moldou numa nova criatura; não tens mais vínculos com essa serpente; tua alma está limpa e purificada de toda a transgressão cometida.

Agradeço-te do fundo de minha alma - disse Loan, com tom de júbilo.

És agora um vaso de honra na mesa do Altíssimo, que levará a água límpida da vida a tantos quantos quiserem e tiverem sede da verdade. E, se fores fiel até o fim, entrarás na cidade santa a fim de desfrutar para sempre das doces regalias que o Cordeiro te tem preparado.

Cumprida as obrigações do momento, o anjo e Loan se voltaram para a figura da meretriz, cujo corpo nu estava tismado de imundícies. Suas asas balançavam constantemente, mas não o suficiente para tirá-la do chão.

A falsa Samantha rosnavia furiosamente, como um leão que acabara de ser ferido, porém sempre ávido para dar sua investida mortal. Seus dedos semi-humanos tateavam os blocos esmigalhados, até sair da cratera, buscando um meio de se arrastar até seus inimigos. Mas havia algo de anormal acontecendo na figura daquela bruxa, algo que nem mesmo ela poderia ter previsto: seus cílios se desprendiam de suas pálpebras, os cabelos longos e escuros escapavam de sua cabeça.

O desespero a tomou firmemente, quando se pôs a olhar para a pele de seus braços. Ela começava a trincar, levando consigo não só a membrana que cobria exteriormente o corpo, como também as partes internas dos tecidos musculares.

Mesmo destemido, Loan tinha consciência de que algo grande e cruel, por muito tempo, sempre esteve escondido naquele tabernáculo mortal. E, devido aos acontecimentos que se seguiram, esse mistério macabro estava prestes a ser revelado.

Seus olhos ainda humanos vislumbravam toda a decadência de um ser que se julgava soberano. Uma fumaça acinzentada e fétida foi expelida pelas inúmeras rachaduras de seu corpo, cobrindo-a com uma bruma fria e pegajosa. Pedacos de carne foram expulsos pelos ferimentos, com órgãos e ossos.

Em pânico, o inominável tentava absorver de volta tudo que havia perdido em sua decomposição. O poder para tal feito não o tinha mais, não podia mais restituir os membros afetados, nem trazer de volta as almas que havia tomado à força. Naquele instante, a massa hedionda e purulenta proferiu palavras que arrepiariam até mesmo o mais bravo dos guerreiros:

Não pode ser! Minha beleza jovial! Minha essência sedutora!

E, por fim, decretou:

Minhas almas!!!

A forma física da mulher, sua forma escultural, a carne e os ossos e tudo o que vestia o híbrido das trevas eram as almas das vítimas cujas vidas extirpou e que agora estavam libertas daquele cativo de dor.

Então, o céu estrelado explodiu em um fulgor vivo, e, no mesmo segundo, sobreveio das estrelas um coro harmonioso que invadiu deliciosamente os ouvidos de todos os presentes. Sem dizer nenhuma palavra, Loan Horsham assistiu a verdade manifestar-se em uma coluna rutilante e dourada.

Quebrantado e comovido, seu frágil coração prostrou-se diante do clarão em forma de cone, que trouxe, em sua trilha infinita, uma falange de anjos semelhantes a crianças, os quais se dirigiam às almas desprendidas de seu anfitrião inquisidor.

Como jóias de grandioso valor, foram colhidas pelo exército divino. Acalentadas em seus braços, receberam o conforto do Espírito, ao leve toque de suas mãos. Seus corpos de luz brilhavam com vivacidade, pois recebiam dos soldados de Cristo a boa-nova. Iriam repousar eternamente num Reino de amor e paz. O tempo do infortúnio havia se esgotado.

Aos poucos, subiram como sóis, até restar somente uma esporádica nuvem nociva, que guardava em seu interior algo demoníaco e monstruoso, rugindo com muitos tons desconhecidos. Algo nefando, medonho e

perigoso, que precisara sugar todas as imperfeições daqueles espíritos para poder continuar existindo na Terra.

Agora, o que mais queria e desejava era afundar suas garras nas entranhas daquele que frustrou todos os seus planos e banquetear-se com suas vísceras.

O solo abaixo dele recebia uma tonalidade vermelha, à medida que o pulsante útero de gases se aproximava para expelir o príncipe da destruição.

O guardião divino, mantendo-se quieto, acenou para Loan com a cabeça e, com seu olhar, enviou mensagens telepáticas para a mente do inglês.

Escuta, cavaleiro, falo no interior de tua alma, pois o diabo pode ouvir as palavras de tua boca e usá-las em seu favor, contra ti. Somente o Pai Todo-Poderoso sabe de tudo que se passa em teu coração e te alerta; por isso, colhe com muita atenção o que vou te reportar.

Loan estava confiante e mais atento ao que ainda permanecia naquela nuvem espectral, desprendendo bramidos de ódio.

Bem-aventurado aquele que o Rei faz soldado de Seu exército, pois ele será cingido da verdade e ostentará o escudo e o broquel da fé para poder pelejar contra as hostes malignas. Está prestes a transpor teu último desafio, cavaleiro do leão. Embora não a vejas, tu possuis a espada da virtude. Manifeste-a agora usando tão somente a simplicidade e a sinceridade de teu coração. Esse é o momento.

Num descuido imperdoável, Loan indagou ao anjo sobre o que acabara de ouvir.

Que espada virtuosa é essa? Onde ela está?

Para muitos, esta seria apenas uma mera distração, desde que não fosse ouvida pelo devorador da fé. Um convite único e apetitoso, tentador demais para que ele não deixasse de se apresentar.

Então, erguendo-se da névoa espessa e acinzentada de putrefações, o terror blasfemo se manifestou com esgar:

Para ti, será difícil derrotar-me, sem antes saberes como se deves fazê-lo.

Não o escute, Loan! - exclamou o anjo.

Es mesmo um covarde, cavaleiro. Escondendo-se atrás de anjinhos, só para poderes me superar? Não sabes nada sobre mim... Eu estive presente no Reino Dele, eu fui o brilho nos olhos de Deus, enquanto tu não eras nada, um completo e grande nada!

Horsham nada respondeu, apenas enviou um olhar vítreo à besta, que escarnecia dele sem piedade.

Não aceites o que ele diz, não enchas teu coração com ódio - pedia o anjo ao guerreiro, para que ele não se deixasse corromper pelas artimanhas do demônio.

Este guardião ignorante mente, ao dizer que estás purificado. Revira as páginas do passado e lembra-te de quanto sangue derramaste com tua espada e das pessoas que ajudaste a entregar à Inquisição. Reflete: com tantas divergências pesando em teu favor, serás tu, cavaleiro do leão candente, digno da afeição Dele?

Cala-te! - murmurou Horsham.

Entendo, não queres deixar-te abater, não é mesmo? - ironizou Sammael. - Loan, não finjas que serás um homem bom e de princípios, que te sujeitarás às humilhações e privações deste mundo para semear a boa-nova. Tu és um artigo genuíno de um assassino cruel e impiedoso. És feito um vampiro, que mata tua vítima, e como recompensa se delicia do tônico encorpado da fonte vital humana.

Cala-te!

Por que tu ainda negas Loan, insistes até não poderes mais? Eu posso ver seus nervos tremerem de fúria. Veremos por quanto tempo ficarás aí, prostrado feito um cão morto. Aceita o poder que irá aproximar-te de todos os teus sonhos, libera a força do matador oculto em teu cerne!

Loan olhou para o animal diabólico, estendeu os braços para frente, abriu as mãos e levantou-os devagar até a altura do tórax, quando pronunciou:

As palavras do sábio, além de edificantes, tornam o conhecimento atraente; o tolo, porém, inutiliza seus lábios ao dizer apenas bobagens.

Poucas palavras foram ditas, mas que estilhaçaram como um martelo de ouro o orgulho maledicente do inimigo à sua frente.

Encolerizado, a força viva do medo expandiu sua forma e exibiu sete cabeças tétricas e dez chifres profanos, cabendo a maior quantidade ao mestre de todas elas. Suas mandíbulas famintas pela destruição bailavam sobre seus pescoços compridos; sua pele escamosa e negra era revestida por desenhos delineados e pelos espinhudos, misturados a um verde nojento. Os braços do demônio eram iguais aos de um urso, todavia encobertos por couraças de um grande réptil. As duas caudas eram como agulhões de escorpiões, cujos ferrões carregavam as moléstias letais referentes a cada cabeça. As pernas peludas e dantescas assemelhavam-se às de uma tarântula; e seus pés tinham a forma de cabritos monteses, cujos cascos afoitos agiam como uma perfeita navalha.

Idiota! - esbravejava com tons sombrios. - Tu não avalias com quem lidas. Sou um ser soberbamente astuto, perfeitamente estruturado, portador de poderes ilimitados; sou o soberano monarca do inferno, não tens chance alguma contra mim! - disse a criatura, com os olhos injetados de sangue, enquanto as outras cabeças repletas de chifres sibilavam exibindo as mandíbulas pontiagudas, que escumavam intensamente nas suas laterais.

Os portais do inferno se escancararam por intermédio da névoa sinistra, e os mais imundos dos caídos e potestades se uniram a Lúcifer, para sobrevir e triunfar frente ao único guerreiro presente.

Mais do que uma batalha, era o destino de Loan deter aquela coisa. O mal jamais poderia impor sua vontade, teria de ser erradicado a todo custo, nem que para isso custasse sua chama de vida. A névoa escura se reuniu em volta da fera, enquanto se aproximava lentamente do homem que, ainda ajoelhado, clamava pelo socorro de Deus.

Sammael assumiu uma forma espectral e invocou suas novas legiões para uma junção insubstancial. Com isso, o rei do terror cresceu de modo espetacular, transformando-se num colosso diáfano da destruição, com a escuridão que teimava em engolir tudo ao seu redor. E, numa gargalhada zombeteira, a besta exprimiu com esgar:

Meu nome é "Legião", pois somos muiiiitooooossssss!

Loan sabia que o tempo, naquele instante, era uma peça escassa. Então, não o desperdiçou observando aquela heresia. Pensou mais um pouco e finalmente entendeu qual era o fundamento das palavras do anjo. Rapidamente, levou as mãos rumo ao céu.

Numa fração de segundos, um novo acontecimento: seu corpo todo estremeceu, como se fora impregnado por uma força invisível, até que uma forte energia metafísica, e nitidamente ainda mais poderosa, se desprende da palma de sua mão, indo em direção à besta gigante na forma de uma tempestade diluviana, incinerando toda a legião com raios brilhantes e cremendo a matéria das cabeças de Sammael bem lentamente.

O céu acendeu, com toda sua ira, e na mão do combatente da fé apareceram o símbolo celeste banhado na luz da justiça e a chave, que lacriam as portas dessa interminável batalha.

A luz da figura atingiu o peito do monstro num golpe rápido e certo, dividindo o tórax ao meio, e o ar foi imbuído por um sangue negro e macabro. Além de feri-lo gravemente, também alterou sua forma espectral para a matéria carnal; sendo assim, a luta poderia ser decidida nas mesmas proporções.

Revivendo seu momento de covardia, a aflição de Sammael aumentava, e ele guinchava agonizante. Seus berros tinham o estrondoso timbre de explosões nucleares.

E, no momento mais intenso e tétrico que a devastadora escuridão atingia, um brilho esplendoroso irrompeu o espaço vazio, sobrecaindo no dragão; e toda a sua casta de asseclas foi enclausurada ali mesmo, não tendo brecha para esboçar qualquer reação. A fulgurância do gigantesco pilar brilhava como o sol do meio-dia, mas era fria como a brisa da manhã.

Então, o anjo, nitidamente tocado pela suavidade do amor do Salvador; pronunciou-se com poderosas e sábias palavras:

- O Sol elevou-se mais uma vez, escorraçando as trevas do diabo, que gritam, estimulando a corrida. E Sua sublime presença fez reaparecer a vida, girando a grande roda do firmamento. A terra fez brotar seus campos esmeralda, e os fluxos da natureza encantam as almas dos homens, iluminados pelo mesmo Sol que diante de ti está. Mas, no meio daquele formoso pilar, está aprisionado alguém que respira a morte, que ondula os caminhos retos e reúne forças para criar guerras. Ele imita os passos dos pequenos, para tragar os homens em sua escuridão, enfeitiçando-os com suas inúmeras mentiras, ludibriando-os de que conseguirão o que mais almejam, mas, no final, é "ele" que conquista o que quer. Loan, presta muita atenção no que te digo agora. Fecha teus olhos e pede ao Criador que manifeste o "Livro dos Arcanjos". O guerreiro obedeceu de imediato.

Não o abra até que o brilho se abrande; caso contrário, serás desintegrado pelo artefato.

Que seja feita somente a vontade de Deus - concordou Horsham, levantando o rosto para o alto.

A besta, confinada na luz, gritava, ao ver uma imagem cheia de esplendor e de glória, sentada num trono branco que cobria completamente toda a vastidão daquele lugar.

Es tu, Emanuel, que vieste até aqui com o desejo veemente de me atormentar?

A figura fulgurosa, que trajava uma comprida vestimenta branca, cingida com um cinto de estrelas poderosas, tinha sobre sua cabeça uma deslumbrante coroa de ouro cravejada de diamantes e pedras raras, que não existiam em lugar algum deste mundo. Levantou-se imponente de seu trono de honra e, abrindo a boca, convocou as energias da terra e de todo o universo a se unirem num poderoso desfecho.

Misto a bilhões de cores que calcinavam e cremavam, com a força do cosmo e da Presença Onipotente do Criador, as legiões diabólicas foram reduzidas ao vazio extremo, e, ao golpe potente da rajada, o rei deles tombou com sua empáfia.

Sammael esbravejou aos quatro cantos da terra, inconformado. Jamais concordaria com o fato de haver sofrido uma nova derrota, e ainda tão vergonhosa e humilhante quanto a primeira. Algo teria de ser feito, maquinava. Mas, recuperado do ataque apocalíptico, sua razão era entregue ao abismo do tormento total, ao constatar, em loucura, que suas cabeças e braços estavam imobilizados na trave de uma berlinda de puríssimo diamante.

Havia também correntes de rubis, esmeraldas e cristais finos, ligadas a suas partes posteriores, que prendiam com grilhões as pernas, as caudas e o tronco do demônio, deixando-o totalmente desconfortável e forçando-o a permanecer de joelhos.

Todo o firmamento louvava repleto de felicidade o nome do Redentor, diante da suprema graça de Seu poder.

O mundo voltava a se harmonizar, mas ainda havia pendências que deveriam passar por um processo de reversão. Ficava claro a Loan que esse impasse estava em suas mãos, e caberia a ele o encerramento desse terrível pesadelo.

Loan Horsham, um homem sincero e valente, que pôs sua fé em total concordância com seu amor a Cristo, fará na Terra a abertura de uma passagem que definitivamente levará todo mal à solta pela ganância excessiva de um druida de volta às profundezas de onde veio. E não tardaria esse fato, pois de repente algo inexplicável e maravilhoso aconteceu.

O emblema de uma pomba tatuado em sua mão desprende da carne e se transformou em figura viva. E, posicionando-se acima do cavaleiro, suavemente bateu suas asas. Sentindo a deliciosa brisa que percorria o lugar, Loan aguardava ansioso pelos acontecimentos seguintes.

De repente, o pássaro parou em pleno ar, flutuando, e mantinha bem visível toda a envergadura de suas asas. Logo a seguir, começou a se transmutar na forma de um livro dourado e resplandecente, um brilho de ofuscante potência, que facilmente exterminaria todo um exército de homens fortemente armados.

A carne humana é fraca e alimentada por sensações estranhas e subversivas, e, junto a elas, a curiosidade que o instigava a abrir os olhos; mas ele sabia das conseqüências, e, portanto, obedeceu aos avisos do mensageiro, mantendo-se firme e perseverante contra a tentação, e se atreveu a olhar. Nem mesmo a criatura monstruosa, com toda a força que dizia possuir, arriscou contemplá-lo. Contudo, sua boca novamente foi aberta, na ânsia desatinada de atingi-lo com uma de suas "setas envenenadas":

- O desejo insaciável pelo saber está estampado em teu semblante. Admito que teus adornos são impressionantes e que qualquer um ficaria fascinado ao contemplar toda a tua beleza e divindade. Então, por que não te extasias com teu poder? Se for um presente dos céus dado a ti, mal nenhum irá acarretar-te.

A mentira e a astúcia sempre foram grandes artimanhas do inimigo da humanidade. Ele age de forma acintosa, como um bom estrategista, e facilmente persuade alguém ao erro. Horsham, porém, era um homem obstinado, militante de Cristo, motivo satisfatório que o levou a não dar crédito às burlas de seu adversário.

Ele resistia firme e, embora aparentemente estivesse mantendo a calma, o coração do valente cavaleiro disparou; suas mãos e braços começaram a tremer, ao sentir o toque do livro tão esperado, que pousava aberto e suavemente em suas palmas suadas.

A plenitude áurea se expandiu, lançando do interior relâmpagos de fogo para diversas direções, como uma comemoração pela sua chegada, até que, finalmente, todo o esplendor desapareceu por completo. Também todo o pilar de luz e a Presença Universal de Nosso Senhor haviam sumido, provavelmente retornados ao Seu reino eterno de glória. Restaram apenas três personagens presentes: Loan Horsham, o guerreiro de muitos combates; o anjo, intermediário entre Deus e os homens, mensageiro que trouxe esperança à vida do inglês, ambos os instrumentos nas mãos do Altíssimo e verdadeiros titãs no campo de batalha; e, por fim, o diabo, o gênio do mal e da luxúria, conhecido verdadeiramente como o "pai das mentiras" e que se encontrava agora prostrado e encerrado por cadeias astro-divinais.

O fim daquela peleja estava cada vez mais próximo; só restava a Loan cumprir o trabalho que expiaria todos os erros cometidos, uma oportunidade de ouro que estava ali, em suas próprias mãos.

Por breves segundos, o guardião olhou para o cruzado com um leve sorriso nos lábios e chegou mais perto dele, dizendo:

Podes abrir teus olhos agora.

Obedecendo, ele abriu lentamente as pálpebras, e a surpresa prendeu de inesperado sua respiração.

É magnífico... - balbuciou, já se recuperando.

Enquanto o guerreiro mergulhou o olhar nas feições agradáveis e perfeitas do livrório, o menino anjo lhe explicou:

Este é o valoroso "Livro dos Arcanjos". Basta limpar tua mente e deixar que teu coração o leia e tudo isto irá findar.

Olhando novamente para o hediondo dragão, que mesmo na estólida derrota em que se encontrava, assim mesmo, apedrejava-o com pesadas blasfêmias e injúrias, feito um atizador em brasa.

Respirou fundo, passeou sua mão sobre as suaves páginas e sentiu um calor intenso e confortável percorrendo todo o seu corpo; então, com firmeza e determinação, começou a lê-las, ainda que não houvesse nenhuma letra escrita nelas. Seus olhos haviam sido transformados para que enxergassem o espírito das palavras. Ele não fazia idéia do que estava acontecendo, ou como era possível, mas certamente iria até o fim.

E assim disse, diante da fera boquejante:

"Naquela época remota, houve homens íntegros, sacerdotes que por gerações inteiras cuidaram integralmente da "Lei de Moisés", entregues a eles pelo nosso Deus. Eram denominados escribas, fariseus e príncipes, membros de comunidade judaica que ostentavam de imensa santidade interior. Também eram magnânimos doutores das letras, além de possuírem grande conhecimento, tinham, pois, a

função de escrever e traduzir pergaminhos. Mas o coração humano é uma casa desguarnecida, de portas e janelas abertas para a fácil entrada de estranhos. Pouco a pouco, a tirania e o pecado devoraram a sagração que possuíam, fazendo com que o Espírito Santo da Verdade se apartasse deles. Então, ao tempo que se passava, esses sacerdotes tornaram-se rígidos e cruéis; queriam disciplinar o povo com mão de ferro, e sob seus calcanhares. E qualquer um que não aceitasse, ou se opusesse a eles, seria apedrejado ou entregue aos leões pelas mãos dos romanos. Mas se os ministros da lei cometessem qualquer tipo de ato pecaminoso, e isso fosse levado ao conhecimento do Ministério da qual fizesse parte, o castigo seria aplicado da forma mais branda que lhes convinha, ou, muitas vezes, simplesmente deixavam passar impunes os seus erros. Em suma, o povo escolhido sofreu demasiadamente mais dos que ainda sofrem hoje; muitos viveram por essa dinastia trágica de dor. Até que um dia um menino nasceu e trouxe com ele a verdadeira esperança para a humanidade. Ele cresceu, vendo de perto o sofrimento de sua gente. Completados seus trinta anos, foi-lhe dada uma longa e dura tarefa: livrar a nação da morte eterna. Porém, antes, foi levado ao martírio e à solidão do deserto, onde foi fustigado pela fome e pela sede, durante quarenta dias e quarenta noites, e assolado pelo tentador opressivo. Mesmo assim, foi vencedor. "Começou aí, então, a pôr em prática a dinâmica transparência de seu ministério, e por onde quer que passasse um sol brilhava sobre sua cabeça. Com suas mãos, Ele salvou muitos de incontáveis moléstias. Com suas mãos, Ele banuiu os demônios da vida dos que eram escravizados. Com suas mãos, Ele os libertou das garras da fria sepultura. Com suas mãos, Ele multiplicou os pães e os peixes e saciou a fome de um povo que contemplou Nele a esperança de um futuro melhor. Com seu amor meigo e contagiante, protegeu o povo de seus acusadores e abençoou as criancinhas a Ele levadas. Demonstrou sua divina força vindo a andar sobre as águas dos mares, aplacando a tempestade e fazendo cessar o vento. Repreendeu os grandes e ensinou aos pequenos sua Palavra de Vida Eterna. Instituiu doze homens como seus discípulos e deu-lhes a autoridade de levar as boas-novas e todos os povos e nações, para que fossem batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo de Deus.

"Mas um dia aconteceu algo: o ódio e o ciúme aninharam-se nos corações dos sacerdotes, e, mediante a ganância de um de seus apóstolos, o Santo de Deus foi capturado, acusado e incriminado injustamente. Zombaram Dele, açoitaram-no, até moerem sua carne com a impiedade do látigo; cuspiram em sua doce face e a esbofetaram. Bateram-no com paus; em seguida, coroaram-no com uma coroa de espinhos pontiagudos e depois depositaram um pesado madeiro em seus ombros. Em um longo percurso de agonia, fez-se presente o açoitado, acrescido de uma torrente chuva de pedras pelas mãos daqueles que outrora o receberam com um vasto tapete de ramos. E, no monte da dor, crucificaram-no com todas as maneiras vexatórias de crueldade, deixando dois criminosos ao seu lado: um à sua direita e outro à sua esquerda. Pressentindo seu fim, clamou ao seu Pai e expiou seu espírito para junto de Seus braços. Ainda que afligidos e martirizados, aqueles que realmente o amaram resgataram da cruz carmesim seu corpo Santo e Imaculado. Eles o levaram a uma catacumba, untaram-no com perfumes e o envolveram num pano. Em seguida, lacraram sua entrada com uma grande pedra.

"No entanto, os doutores da lei, os mesmos que condenaram o inocente, preocupados com a profanação da tumba pelos discípulos - que poderiam roubar seu corpo, antevendo a circulação de boatos sobre sua ressurreição -, intentaram litúgio ao governador da Judeia para que cedesse fortes soldados a fim de vigiar a tumba; e assim foi feito. Verdadeiramente, os homens são fracos e imprudentes, e, ao fim do sábado, quando despontava o início do primeiro dia da semana, Maria Madalena e Maria, mãe de Jesus, foram ver o sepulcro. Então, aconteceu um grande terremoto, porque o anjo do Altíssimo, que desceu dos céus, chegou retirando a pedra de seu lugar, em seguida, sentando-se sobre ela. E os guardas, vendo e sentindo o Poder das Alturas, se encheram de assombro e caíram como mortos. O anjo dirigiu-se às mulheres, com palavras que confortaram o coração de ambas, dizendo que o Messias havia ressuscitado. E, assim como estava escrito, apareceu aos seus discípulos e alegrou seus corações quebrantados. E foi-lhes dito que, em seu nome, pregariam o arrependimento e a remissão dos pecados a todas as nações

existentes. Neste momento, ordenou a eles que ficassem um pouco mais na cidade de Jerusalém, até que fossem revestidos do poder provindo do alto. E, levando-os até Betânia, levantou suas mãos e os abençoou. Finalmente, Ele subiu aos céus, e assentou-se à direita de Deus Todo-Poderoso, para interceder por todos que vivem na Terra."

Loan ergueu sua face em direção à fera e contemplou todo seu desenfreado pânico. Ele viu os olhos do cavaleiro brilharem, e, na sua loucura incontida pela liberdade, grunhia, mantendo seus olhos esbugalhados, prevendo que seu suplício ainda não havia terminado, porém era uma questão de tempo. O cavaleiro desviou sua atenção e pousou o olhar uma vez mais no livro. Então, sua voz escorreu boca a fora suavemente e uma pergunta sumária, cheia de virtude, desmantelou todas as forças contrárias que ali perduravam.

"Tudo isso que passei foi por amor a ti; agora, filho meu, o que tens feito por amor a Mim?"

Em milésimos de segundos, potentes relâmpagos fluíram do livro dourado e atingiram um pequeno espaço de ar terreno, esculpindo um portal, a única entrada que levaria Sammael ao caminho que tanto temia: a Clausura.

Todo aquele orifício resplandecente se alargou em grande tamanho, para tragá-lo. O inimigo de toda a criação gritou e implorou choroso feito uma criança de colo, e ao mesmo tempo questionou tudo.

- Como isto pode estar acontecendo?! É impossível! eu não posso ser derrotado; nãããoooo! - esbravejou. A luz da justiça, delicada e serena como uma rosa, porém fortificada com a ira de Deus, irrompeu da abertura, e a essência diabólica do rei da escuridão foi se transformando em figuras espectrais, com as cadeias que o mantinham enclausurado, enquanto Horsham delicadamente segurava o livro.

Um zênite apocalíptico foi demonstrado pelo monstro, que guinchava ao sentir o toque de toda aquela fulgurância, que envolvia completamente seu espírito negro, oprimindo-o com a mão avassaladora do julgamento divino e arrastando todo o seu horror sem nenhuma clemência para a dantesca entrada ofuscante.

Sammael convulsionava fumegante, inclinando o corpo para trás, na tentativa de fugir daquele destino. Uma ação vã, pois ele rodopiava vagarosamente, emitindo berros de terror indescritíveis para o interior de seu juízo. Pedacos do próprio espírito se desprendiam, devido ao esforço sobrenatural. Em seguida, eram absorvidos pelo portal à sua frente. A passagem, por sua vez, converteu-se em um olho ciclônico, dobrando a força de sucção, e só então Sammael, o senhor da escuridão absoluta, foi devorado, sucumbindo aos preceitos do poder majestoso de Cristo, a legítima Autoridade dos céus e da Terra.

O potente portal, concretizando seu feito, mudou para a forma de uma pequenina estrela, devolvendo-se novamente ao magnífico livro. O mal havia sido convertido em um espectro e preso, mas Loan, mesmo sendo vitorioso, não mostrava contentamento em seu semblante. Havia um aperto profundo em seu coração e vincos eternos em sua memória: a batalha tétrica entre o bem e o mal, que custara a vida e a alma de milhões de vítimas desde os primórdios, quando o homem conheceu a doença insana chamada "guerra". Isso jamais sairia de seus pensamentos.

Ele respirou fundo e distraiu-se por um momento, envolto em seu estado pensativo. Por pouco tempo, pois foi desperto por um amargo choque, por um semblante hostil, que surgiu repentinamente, preenchendo todo o espaço quadrilateral da página.

Achas que venceste a guerra, tolo ignorante? Esqueceste que sou o precursor da astúcia? Pagarás por ter imposto resistência contra mim. Vou fazer-te vomitar tua fé e mostrar-te-ei quão insignificante tu és!

A fisionomia de Loan se sombreou de espanto e seus lábios ficaram lacrados pelo silêncio cruel ao vislumbrar a face de uma pessoa conhecida proferindo palavras já esquecidas, mas que resgatavam do passado a aguçada e terrível verdade de uma revelação:

Ei, cão! Acaso achas tu que o sangue vertido deste lorde foi mesmo o suficiente para restituir as máculas de injúrias às quais nos expusestes?

O queimor daquelas pronúncias fizeram o pesadelo se repetir. Loan sentiu o livro pesar como o aço de várias espadas juntas em volta dos pulsos. Atento a tudo, o anjo notou que um sentimento contrário parecia querer renascer no íntimo daquele destemido e cansado homem, e interveio:

Loan, luta! Não permitas que o ódio tome de ti tua vitória! - disse em alto tom.

As lágrimas deslizaram dos olhos do guerreiro, e uma visão visitou sua mente entristecida. Recordações um tempo atrás, no encontro que teve com sua amada Rúbia, que o salvou da morte certa, cuidando carinhosamente de seus ferimentos de batalha, compartilhando com ele as alegrias e as dores sofridas ao lado de Howell, o tirano. A lembrança linda e feliz, que estava presente no dia em que nasceu seu primeiro filho, o pequenino Siegfried, e que trouxe de volta a alegria e a esperança de uma jovem sem perspectivas de vida. E a terrível e dolorosa lembrança de seu pedido, ao implorar-lhe que cuidasse de seu rebento, segundos antes de sua morte.

Horsham sentia sua alma cortada ao meio, aprisionado por uma promessa vazia; o chão petrificado e gelado pareceu esquentar sob as rótulas de seus joelhos.

O guardião divino buscava animá-lo, enquanto a criatura, confinada em sua nova prisão, zombava com longas gargalhadas. Seus risos sarcásticos e macabros penetravam minuciosamente e sem piedade os tímpanos de Horsham, atravessando os órgãos auditivos e causando-lhe sensações extremamente desagradáveis.

Os olhos arregalados e castanhos do cavaleiro fitavam a página, enquanto a criatura rangia os dentes para ele.

Testemunhando toda aquela bizarria, a voz de Rúbia invadiu seu subconsciente como um vento forte e ligeiro. Relembrou do pedido que a ele foi feito por ela, na ânsia de sua morte, implorando-lhe que fosse um amigo, um protetor e o pai que seu primogênito não teve.

As palavras dela cessaram em murmúrios inaudíveis, distanciando-se cada vez mais de seu entendimento. O sangue nobre de sua amada lhe manchou as mãos e salpicaram seu coração com a dor da perda de quem tanto amou, mesmo que ainda não o tivesse demonstrado.

O que fazer? Não sabia. Ficou parado por alguns segundos que, para ele, pareceram horas. E finalmente chorou: um lamento inconformado, uma lástima incompreendida que brotava de sua alma, e caía com as gotas que pingavam sobre a face da desfalecida jovem.

Isso o queimou por dentro, até pode sentir o cheiro do sangue dela se espalhando no ar quando, impotente, contemplou o fôlego de vida se extinguir de seu corpo, e com ele a esperança de serem felizes um ao lado do outro.

O jovem cavaleiro agora se fragilizava, mas então seus olhos fais- caram de abrupto; e, numa ação repentina, fechou o livro bruscamente, dando fim a toda aquela algazarra medonha. Em seguida, sentou-se no chão, largando-o logo depois. Serenamente, seus lábios tremiam, dando passagem a apenas duas palavras em latim:

- *Consummatum est.* (Está consumado.)

Analisando cuidadosamente seu feito, Loan olhou para cima, e tudo que viu foi apenas a noite suave, vestida com seu imenso manto negro, cravejada de inúmeras estrelas.

Gotas de suor escorriam da testa para a superfície dos globos oculares, causando-lhe um desconfortável ardor. Misturadas a prantos, desciam pela face do rosto, até chegar ao queixo, pingando, por fim, no peito. O mesmo peito onde habitava um coração magoado e triste, por não ter conseguido salvar a mulher que tanto amou.

O menino de trajes brancos reparou que Loan estava muito debilitado devido à terrível batalha travada. Embora fosse um soldado forte e bem treinado, ele agora sentia a fragilidade humana.

Suas feridas de guerra eram curáveis, mas os ferimentos em seu coração eram irreversíveis, e ele não se recuperaria com tanta facilidade daquele acontecimento traumático.

Chegando até ele e abaixando-se ao seu lado, o guardião de Deus o tocou no ombro esquerdo e o chamou:

Loan...

Mas ele continuou preso em seu silêncio.

Então, virando a cabeça para trás, o homem olhou para o corpo sem vida de Rúbia e o avaliou, reparando o enorme tapete vermelho esticado em volta dela e o trágico ferimento feito em suas costas.

De algum jeito, o anjo havia elaborado um meio de tirar as enormes correntes de aflição que aprisionavam completamente o valente companheiro. Chamou sua atenção e sugeriu que o acompanhasse.

Vem, meu amigo, tenho algo para mostrar-te.

Horsham ergueu a face, sem entender o que ele pretendia.

- Acompanha-me, vou ajudar-te - falou em baixo tom, levantando-se.

Sinto muito, mas isso é algo impossível no momento - falou Loan.

O menino não o contradisse, apenas tomou-o pela mão e o encaminhou para onde estava o corpo da campônia. Já mais próximo a ela, se dispôs a falar:

Concordo, pois certíssimo tu estás. Tudo para ti é impossível, mas será que não te lembras mais dos ensinamentos que te repassei?

Loan, notando qual seria a intenção do anjo amigo, vacilante, exclamou:

Amigo, entende, minha mente agoniza em confusão, não sei nem como chamar-te, se de Mictã ou o quê? Tudo que me ensinaste foi para aprender a amar meu próximo e chegar mais perto de Deus. Agora, ressuscitar mortos não compete a mim, isto é algo mais grandioso, e somente o filho de Deus, poderá fazê-lo; e Ele não está aqui no momento.

O jovem de vestes alvas, ouvindo aquelas palavras de imensa blasfêmia, e ainda mais proferida pela boca de um homem que acabara de triunfar sobre o mal, protestou indignado:

Tu és um tolo descrente, que come dos restos da comida dos ociosos! Escuta o que te digo! Em verdade, Jesus já te disse: se tiveres fé e não duvidares poderá ordenar à montanha: erga-te e precipita-te no mar, e assim será feito. Também, tudo o que pedires ao Pai da Providência em oração, crendo Nele, até mesmo a morte, tu a repreenderás.

O cavaleiro, ouvindo aquilo, envergonhou-se, dizendo:

Então, mostra-me: o que tenho de fazer?

Ajoelha-te e humilha-te. Abre teu coração e entrega tua sincera petição a Ele.

Silenciosamente, Loan prostrou-se ao lado de Rúbia e, elevando as mãos para o alto, fechou os olhos e clamou aos céus em baixo tom de oração:

Oh, Deus Santo e Altíssimo, de joelhos perante os Teus olhos, imploro a ti. Devolvas a vida à minha preciosidade que ainda tenho na Terra. Tu, meu Rei Jesus, podes segurar os ventos com as mãos e ainda amarrar as águas em Tuas vestes; portanto Te peço humildemente que traga de volta o fôlego e o espírito de Rúbia Lands. Não olhes para minhas imperfeições, Senhor, porque são muitas. Perdoa este pobre incrédulo. Eu suplico, pelo imenso amor que tens pela minha alma. Jesus, ouça-me, eu erre. Desde já agradeço-Te por dispensar Tua paciência e esperança comigo, que sou indigno de qualquer mérito... Uma vez mais Te suplico, meu Senhor, não retires de mim a mulher a quem tanto amo...

No momento de sua total comunhão, uma força virtuosa visitou todo o seu ser. De olhos ainda fechados, uma visão se manifestou nitidamente em sua mente, como se acabasse de acontecer.

Ele vislumbrou a figura de um leão de fogo, que, ao lado da águia caída, cuidadosamente lhe tocou a asa machucada. E, numa manifestação gloriosa, uma chama surgiu da pata do felino, que, ao invés de cauterizar a parte ferida, consumiu a terrível chaga e restituiu as forças e a saúde da formosa ave.

Comovido, ele abriu os olhos e, sabendo então o que fazer, tocou o ombro da bela jovem. De súbito, um fogo azulado surgiu na velocidade de um relâmpago, envolvendo-a por inteiro, em todos os seus contornos.

Loan se espantou, mas logo assimilou tudo com tranqüilidade, pois sentiu algo lhe dizendo que Deus havia ouvido suas súplicas.

A chama brilhava como uma estrela em volta dela, prontamente curando a danosa ferida causada por Van Drighe. A oração de Horsham fora ouvida e seu pedido, carinhosamente atendido.

O sangue desapareceu e a jovem dispensou seus primeiros movimentos. Logo, a camponesa começou a bocejar, como se despertasse de um longo sono, concomitante ao abrandar do lume, que sumia gradualmente.

Loan a olhou com grande admiração e, não podendo mais conter a emoção, abriu os braços na nítida intenção de abraçá-la. Mas uma barreira brilhante foi imposta entre ele e a mulher, impedindo-o de tocá-la, causando-lhe frustração e indignação.

Com olhar vítreo, reparou a mão do anjo, estendida para ambos. O guardião notou o quanto aquela moça significava para o guerreiro. Por isso, num gesto rápido, criou temporariamente uma parede divisória, evitando assim que ele a abraçasse.

Por que fizeste isso? - indagou surpreso, o cavaleiro.

Loan, presta teu voto de obediência a Deus agora - disse.

Voto, que voto? Do que falas? - perguntou, sem entender.

Deus, o verdadeiro Rei, teve misericórdia de ti e devolveu vida à mulher que tanto amas. Ele viu amor nas ações dela e sinceridade na tua oração, todavia não te será permitido que a molestes com uma dura revelação.

Olhou de relance para a pálida luz da barreira, e rapidamente voltou a atenção para o anjo, franzindo um pouco a testa.

Não te preocupes, ela não pode nos ouvir.

Que revelação é essa? - perguntou.

Quando o Senhor a presenteou com uma nova vida, Ele não somente curou seus ferimentos, como também restaurou sua virgindade e apagou de sua memória o conhecimento de que teve um filho.

Isso é totalmente arbitrário, uma verdadeira loucura! - retrucou Loan.

É pena - lamentou o pequeno guardião. - Tu precisas compreender, cavaleiro orgulhoso. Como achas que Rúbia reagiria, se chegasse ao seu conhecimento que o fidalgo Howell e o ser dentro do livro faziam parte da mesma criatura, e que Siegfried, a criança que ela tanto ama, é "filho do demônio"? - explicou ele.

Por um momento, os traços de seu rosto tornaram-se opacos.

Deus sabia que, se acaso Sammael tomasse teu corpo, ele facilmente modificaria o curso de toda a história da raça humana, como também era conhecedor de que ele havia elaborado outro plano ainda mais pérfido, caso o primeiro falhasse. A criatura tomou a forma de um homem, que durante muitos anos influenciou os nobres na forma de governar e foi afamado pela dureza de seu tratamento junto a seus inimigos. Ele caiu na graças de seu rei, que o nomeou ministro para cuidar dos interesses externos. Depois, ele procurou uma jovem pura e cristã, cujos cabelos eram áureos como os de sua mãe e, assim como você, Rúbia foi um fantoche usado simplesmente para conceber um novo unguento de sua causa. Agora, no futuro, Siegfried procurará acabar com toda a sabedoria cristã para impregnar sua lei ímpia, a fim de produzir mais destruição. As palavras "dele" roerão como gangrena a fé de muitos, e eles se desviarão do caminho da verdade. Todavia, o fundamento do Senhor ficará sempre firme e, no tempo certo, Sua grandiosa Majestade enviará uma estrela a esta Terra, um vaso de ouro, santificado e cheio de honra, que trará água pura, que limpará as almas das revés mentiras do adversário. Portanto, presta reverência e faz, sem tardar, teu pacto com o Pai.

Loan refletiu por um instante, mas logo sentiu que aquelas palavras cheias de fel trariam uma recompensa doce, pois, aceitando ou não, ele condenaria sua amada ao tormento caso soubesse dessa verdade tão cruel.

Então, ajoelhando-se e engolindo em seco, perguntou:

Diz-me. Sobre o que será minha promessa?

Olhando para o cavaleiro, o anjo disse-lhe:

Chama-me Aniel, sou emissário do Senhor, o mesmo que me deu autoridade para distribuir ânimo e garantia de vitória sobre todas as hostes contrárias.

Aniel... Então este é teu nome... - falou, admirado.

Fecha de novo teus olhos - disse o anjo, com sua suave e profunda voz, que ressoou por todo o espaço da arena vazia.

E assim foi feito.

O menino estendeu o braço para o lado, e eis que uma espada de fogo apareceu na palma de sua pequenina mão. Era uma lâmina comprida e flamejante, e o brilho de sua chama assemelhava-se às cores do arco-íris; pedras sagradas de insígnias celestiais cintilavam em seu punho.

Na seqüência, achegou-se para perto do oficial combatente e vagorosamente pôs a lâmina em flamas no seu ombro direito. E isto foi admirável.

Se, no fundo de sua alma, Loan não estivesse vestido pelo manto da humildade, certamente seria desintegrado, ao toque da arma sagrada. No entanto, não esboçou nenhum movimento, continuou firme no lugar, pois as chamas da espada não lhe causavam dano algum, criando um clima de contentamento, dispensado por Aniel, que disse:

Loan Horsham, com esta espada santa que repousa sobre teu ombro firmarás tua promessa: jamais revelar às a mortal por quem tanto cultivas amor e carinho, e nem a ninguém, esse terrível segredo. Embora ainda não possas frutificá-la com filhos, cuidarás e respeitarás Rúbia Lands; e ambos serão como uma só carne, até que a morte a separe de ti. E tu, cavaleiro do leão candente, viverás por vários séculos. De ti fugirá a morte, a enfermidade e a velhice, até que encontres a varoa escolhida, à qual será concedida tua semente. E, até que este dia não chegue, com esta arma enviada dos céus, tu lutarás contra todos os espíritos imundos e falsos profetas que cruzarem teu caminho. E, quando sobrevierem as trevas profundas nesta nova época, deverás repassar esta mesma arma para um guerreiro honrado, de coração valoroso, que protegerá com fé e plenitude a ungida abençoada, gerada da tua semente. Aceitas a clareza desses fatos, Loan?

Loan, sentindo-se chocado, indagou:

Outra mulher? Por que não foi concedida tal graça àquela que amo?

Porque esta mortal já sofreu demais, e nem ela agüentaria os horrores que ainda virão.

Mas... - murmurou.

Limpa tua mente de perguntas, pois a vitória verdadeira só é dada para aquele que crê. Não deixes que as sombras da dúvida poluam teus pensamentos. Então, cavaleiro, diz-me agora. Concordas com o que foi proposto a ti ou não? - a voz do anjo penetrou seus sentidos, abalando-o feito uma montanha que treme ante ao terremoto.

Aniel estava certo, e Loan, ciente das duras batalhas que estavam por vir, também concordou que Rúbia deveria ser poupada. Mesmo que isso lhe causasse um grande sofrimento, o cavaleiro se viu obrigado a aceitar que ela jamais absorveria com facilidade toda a verdade repentina de situações extremas como esta.

Não tendo outra saída, tomou a afligida decisão e falou calmamente:

Pela glória do Rei Jesus que habita nos céus, eu prometo fidelidade, respeito e obediência a esse decreto.

O anjo, vendo a sinceridade manifestada em seu coração, respondeu:

Abre tua mão, varão amigo.

Horsham estirou firme seu braço. Aniel, por sua vez, segurou seu pulso, colocou o cabo da espada em sua mão, cobrindo-a em seguida com as suas, apertando-a com toda a seriedade de um guerreiro.

Soldado do Deus Vivo, ao usá-la, trará a verdade tanto ao teu povo quanto a outras nações. E assim que orares serás guiado pela prudência sublime dos justos e pelos conselhos que virão do alto em forma de providência. Estás ciente do que te digo?

Sim, serei fiel a essa aliança.

Podes abrir teus olhos agora.

Ao abrir suas pálpebras, seus olhos se arregalaram, vendo que mantinha em sua mão uma arma de inconcebível perfeição e formosura, sentindo-se satisfeituíssimo pelo belo presente. Aniel lhe entregou também uma bainha toda em ouro, ricamente trabalhada e incrustada de pedras preciosas, aumentando ainda mais a admiração daquele homem.

Esta bainha ocultará as chamas sagradas, até que te seja conveniente manuseá-la. Também te será útil, no desabrochar dos seus poderes, algo que no tempo certo te será revelado. Lembra-te sempre do que irei te falar: esta espada e bainha foram forjadas pelos elementos que formam as estrelas e pelas cores do arco-íris, além de terem sido feitas pelas próprias mãos de Sua Majestade Eterna. Portanto, toma cuidado com a "Deleon- Iris", sê sábio e use-a apenas contra o mal.

Não esquecerei, amigo - respondeu Loan, que, respirando fundo, se levantou, segurando com carinho e firmeza o presente recebido do Alto.

Tudo acertado, as atenções voltaram-se para Rúbia.

O cavaleiro foi informado pelo anjo de que, assim que ela acordasse completamente da suspensão normal e periódica de consciência, ele deveria tomá-la em seus braços, para que ambos pudessem ser conduzidos a um lugar longínquo e seguro. Deus havia de destruir o templo maldito e o castelo Van Drighe e não deixaria pedra sobre pedra, nenhum resíduo sequer, pois esses lugares exalavam o odor da discórdia até suas narinas.

E, assim, o anjo lhe pediu:

Vai, meu amigo leal, sê feliz com a mulher que amas e não te esqueças nunca: "Deus sempre estará contigo em qualquer uma de suas adversidades".

Loan admirou-o. A plenitude de toda a sua sabedoria trouxera conforto e alegria a seu coração mais uma vez. A espada, ele levava à bainha, e, no momento em que sua lâmina foi introduzida até o final, a parede que separava o casal se desfez.

Não existia mais nenhum motivo forte para que continuassem permanecendo ali naquele lugar. Sendo assim, o destemido herói correu em direção à adormecida camponesa. Seu semblante demonstrava preocupação. Ajoelhando-se por detrás dela, delicadamente confortou sua cabeça em suas pernas. Suas mãos deslizavam sobre os cabelos da mulher, segundos antes de ela notar que retornava do mundo fantástico dos sonhos. A performance jovial da escultura feminina, de maneira lenta e espreguiçada, abriu os olhos; piscando vezes seguidas, a fim de ajustar melhor sua visão. Observava Horsham a charmosa calipso despertando, ainda que meio sonolenta. Para ele era confortante ouvir os resmungos ininteligíveis de seus lábios carnudos e cheios de mel.

Rúbia fixou seu olhar na figura que a observava diretamente nos olhos, até ser-lhe revelada por inteiro sua imagem. Tomou um susto ao ver as feições másculas acentuadas, a boca desenhada de um gladiador, o nariz perfeito e sem marcas, e aqueles olhos castanhos, que, de tão brilhantes, lhe transmitiam segurança, ali, ao seu lado.

Loan? És mesmo tu? - indagou, acreditando estar sendo traída por seus próprios sentidos.

Ela sentia um enorme desejo se manifestando em seu corpo; a loucura de estar perto dele novamente a deixava extasiada.

Loan não se limitou apenas a sorrir. Sem dizer-lhe uma palavra sequer, suavemente foi lhe roubando um beijo.

Rúbia sentiu o fogo da paixão apossar-se dela e, não podendo mais se segurar, envolveu o pescoço de seu amado com seus frágeis braços, presenteando aquele momento sublime com um pouco mais de calor

humano.

Como a noite sempre dá lugar ao dia, chegou ao fim o apaixonado e prolongado beijo. Loan, num tom de sensualidade, expressou-se baixinho sobre uma questão pendente:

Isso porventura esclarece tua dúvida?

Rúbia lhe tocou a face e, em suspiros, pela falta do ar, encarou-o com ar de felicidade, dizendo:

Sim, és mesmo tu. Mas que lugar é este? Como viemos parar aqui? - e olhava ao seu redor.

Com expressão compenetrada, Loan tentou apaziguar o espanto da amada.

Engraçado, nem parei para pensar sobre isso... Agora que me disseste, percebo - respondeu sorrindo.

Pensei que havia te perdido para sempre; contigo ao meu lado, me sentirei segura novamente - confessou

Rúbia, entre novos e doces beijos.

Precisamos ir, meu amor - disse Loan, ajudando-a cuidadosamente a se levantar, firmando seus passos com o braço esquerdo envolto em sua cintura.

Tudo estava próximo de terminar e corria como havia de ser.

Loan caminhava lentamente junto à sua amada, mas não deixou de pousar seu olhar em direção ao varão de vestidos brancos, que serenamente os olhava, aguardando sua ausência daquele lugar funesto. Então, rindo para ele, Loan acenou-lhe em sinal de agradecimento.

Rúbia, olhando para tal direção, estranhou: por que ele fazia gestos para o centro da arena, se lá não havia ninguém?

Para quem está acenando, meu amor? - perguntou, sem conter a curiosidade.

Em seu conhecimento, Loan presumiu que ela talvez não pudesse vê-lo, provavelmente para poupá-la do perigo de resgatar a razão sobre a existência real de Siegfried.

Acalma-te, querida minha - sussurrou ele. - Tudo o que posso dizer-te neste momento é que nunca mais desejo me separar de ti; tu acreditas nisso? - indagou num tom o mais afável possível.

Rúbia deu um alegre sorriso.

A partir desse dia, serei a mulher mais realizada e a mais feliz desse mundo. - E finalizou melodiosa: - Então, meu príncipe, toma-me em teus braços e leva-me para um campo verdejante, cheio de árvores frutíferas, para que possamos iniciar nosso belo "paraíso".

Com um leve olhar, ele balançou a cabeça, em sinal de concordância. E, com presteza, mostrou seu desempenho, quando suas mãos hábeis e fortes elevaram a camponesa, chegando-a até próximo de seu nariz. E, como se ela fosse a rara pétala de uma rosa perfumada, tomou para si o doce cheiro de sua essência aromática. Os lábios entreabertos cobriram os dela, num novo e longo beijo, recheado por uma paixão arrebatadora.

Aproveitando aquela ação, uma misteriosa claridade surgiu, vindo numa reação imediata, envolvendo ambos simultaneamente e levando-os daquele cenário tétrico de morte e escuridão, encaminhando-os a outro lugar no qual suas mentes imaginavam encontrar a tão rica e sonhada felicidade.

Permanecia ali apenas um jovem, um ser de coração iluminado, ostentando vestimentas que brilham feito uma senda incrustada de diamantes.

Quanto a Loan, mesmo feliz, seu coração também ardia de aflição ao se lembrar de seu mais novo inimigo. Embora Rúbia tente recordar-se do local onde estiveram, apenas despertará no leito de sua nova cama e verá, deitado ao seu lado, o homem que ama. E tudo sempre ser-lhe-á como um sonho atribulado. Loan, por sua vez, sabia de tudo, pois em sua batalha avassaladora contra Sammael lhe fora exposto o cálice amargo da verdade.

O tempo se encaminhará rumo ao futuro, e mais do que nunca seria imprescindível que, no momento oportuno, a reunião das forças necessárias, junto à arma a ele confiada, fossem utilizadas corretamente na garantia de sua vitória. Loan militaria um bom combate contra cada mago assecla, cada criatura sobrenatural e cada satanista, até encontrar e defrontar-se com o mais cruel dos generais das trevas, Siegfried, o filho legítimo de sua amada Rúbia Lands e o príncipe da escuridão.

Quais poderes esse novo gladiador da obscuridade ostentará? E quais serão seus planos futuros, que podem comprometer a existência vital da raça humana? As respostas a essas perguntas não fazem parte do conhecimento nem mesmo do jovem anjo Aniel, que carrega em suas mãos, com zelo e cautela, o poderoso "Livro dos Arcanjos". Então ele cessou seu caminhar a duzentos metros da fortaleza de pedra e deu início a uma oração, cuja linguagem foge ao entendimento dos homens. Numa ação conjunta à primeira, estendeu sua mão sobre a capa do livro, revestindo-a com um lacre de chamas celestiais, cerrando-o definitivamente, numa esperança firme e consciente de que nunca mais seja aberto novamente. O jovem atalaia fechou os olhos e, num ato de sapiência, elevou a voz.

- Ó, Rei de terna Majestade, teu obediente varão lhe suplica que extermines para sempre este lugar desaprovado aos Teus santos olhos. Não permitas, Senhor, que nem mesmo o pó disperso nesse recinto imundo continue a zombar de Ti.

Seu clamor foi aceito pelo Criador e uma série de fenômenos surgiram, tomando o céu em uma tonalidade rosada acompanhada por uma sucessão de cores admiráveis. Acontecimentos repentinos, mas que deram passagem a uma bola de fogo que atravessava as nuvens, vindo a atingir toda a fortaleza numa explosão arrebatadora, que formidavelmente crescia na imagem de um círculo incandescente, lambendo e consumindo, por menor que fosse, toda pedra ou grão de areia daquele templo macabro. Nem mesmo suas cinzas amaldiçoadas seriam poupadas. Quanto à floresta e aos animais que habitavam os arredores, nada sofreram, e o elemento crematório nem ao menos tocou a tranqüilidade daquele santuário verde.

Então, no ninho em que habitava a serpente, um lindo jardim floresceu, preenchendo o campo com diversos tipos de flores aromáticas. E, anunciando a consumação de tudo, do meio delas, um pássaro fulguroso de luz voou, sendo carinhosamente afagado pelo espaço ilimitado em que se movem os astros, rumando direto para a morada de esplendor e santa de Deus e de seus guerreiros divinos.

Já estava rompendo o alvorecer, e os focos dos primeiros raios solares se tornavam visíveis, escorraçando os vestígios da noite que haviam passado, período em que a maioria dos cidadãos novaiorquinos se preparavam para enfrentar mais um dia rotineiro de trabalho, enquanto outros voltavam para suas casas em busca de repouso, após o término de seu labor noturno.

Em alguns becos degradantes, mendigos esperavam pelo momento propício para esmolar, com um único objetivo: o de se embriagarem novamente até o próximo entardecer.

E as mulheres, algumas delas satisfeitas por mais uma lucrativa noite, retornavam aos seus cubículos, enquanto outras menos afortunadas permaneciam em seus "pontos de trabalho", em busca de mais um cliente, para que sua estada ali não fosse de total fracasso.

Naquele cômodo de hotel, onde estavam dois homens, o silêncio não persistia. Jason ficara tão surpreso e envolvido pela fabulosa e formidável história que nem se deu conta de que a fita de seu minigravador já havia terminado há muito tempo.

- Nem todas as guerras da história foram tão terríveis quanto a batalha que esse homem enfrentou. Enquanto homens que se dizem importantes lutam de forma opróbria, destruindo milhares de pessoas inocentes em busca de poder, este cruzado evitou que a humanidade deixasse de existir.

E adicionou à sua explicação:

Se todos se unissem, este planeta jamais seria importunado pelo flagelo ou pela dor. Porém, há uma nova ameaça solta nas ruas, e Siegfried está cada vez mais próximo do que deseja: libertar Sammael novamente na Terra, e eu não posso permitir que isso aconteça - As lágrimas inundaram abruptamente os olhos, estimulando uma pergunta preocupante por parte do detetive.

Está tudo bem com o senhor? Precisa de ajuda?

Não é necessário, obrigado. Emociono-me com facilidade. Todas essas passagens trouxeram a lembrança da mulher que amei. Minha doce... Rúbia - disse ele, rapidamente, enxugando as lágrimas com um lenço.

Jason ficou confuso ao escutar aquelas palavras tão reveladoras. Ficou matutando nervosamente, à medida que apertava firmemente suas mãos.

Desculpe, a quem mesmo o senhor se referiu? Eu o ouvi dizer, Rúbia, não estou certo?

Redobrando o lenço, o nobre homem ficou olhando para o investigador que particularmente estava fisgado pelo espanto. Então, deixando transparecer um leve sorriso nos lábios, respondeu:

Sua perspicácia é impressionante, Jason; vejo que não cometi nenhum erro ao contratá-lo; faz jus ao montante que irá receber.

Seja direto, por favor - replicou Miller.

Houve um brevíssimo silêncio, e então veio a mais chocante de todas as revelações que Jason já havia escutado naquela noite.

Sim, detetive, as iniciais "L. H" que estão na carta que você recebeu são minhas, e é isso mesmo que está pensando neste momento: "Loan Horsham". Tudo que acabou de escutar sobre essa odisséia impressionante nada mais é do que o relato de minha vida. Nesta semana, detetive, eu completei 724 anos de existência.

O detetive empalideceu assustadoramente.

Isto... é... impossível.

Não para Deus. Ele prolonga a vida, afasta a morte e a velhice de quem Ele assim estabelecer. E eu fui o escolhido. Fui o cavaleiro que enfrentou o diabo na Terra, testemunhei coisas que o fariam correr até a orla de Cristo, e, se não fosse com a ajuda de um enviado do próprio Deus, sua geração estaria agora ardendo no lago de fogo e enxofre.

Jason quase vomitou.

Está se sentindo mal, senhor Miller? Há algo que posso fazer por você?

Só uma coisa: passei horas a fio ouvindo uma estória absurda, que quase me convenceu. Quer saber, o senhor é um demente! Pegue este maldito dinheiro, extorquido com essas piranhas, e procure o melhor psiquiatra que encontrar; tenho certeza de que desse delírio eles vão salvá-lo! - disse Jason, com palavras hostis. Depois pegou o pequeno aparelho e, sem pensar um minuto mais, se levantou da poltrona completamente nervoso e rumou para a saída.

Loan aceitaria sofrer qualquer tipo de retaliação, se estivesse numa luta sangrenta, menos aquele tipo de menosprezo condizente com sua moralidade, fato este que foi correspondido por uma ação imediata.

Aborrecido, levantou-se como um tigre e investiu rápido sobre o detetive, que nem sequer pôde esboçar qualquer reação em sua defesa. Agarrando bruscamente a garganta do homem, Horsham fazia de tudo para não sufocá-lo, porém não podia permitir que ele continuasse com aquele escândalo afrontoso.

Seu idiota imprudente, estou lhe oferecendo um milhão de dólares para ajudar-me a impedir que a humanidade, com sua sociedade corrupta, maldizente, onde o digno paga pelo indigno na busca gananciosa e inescrupulosa pelo poder, entre em total extinção, e você ainda me chama de louco? - exclamou com decepção. - Vejo que ainda não compreendeu com clareza as coisas. Por favor, queira se sentar novamente.

Ainda ofendido, Loan arremessou o detetive sobre o velho sofá de onde havia levantado. Este, por um triz, não caiu para trás, devido à violência do forte impacto.

Jason não ousou se opor; pelo contrário, tratou de imobilizar o corpo no lugar, juntamente com sua língua afiada, enquanto o empresário despiu a luva de sua mão direita.

Olhe bem para isso, tolo insensato. Depois me responda se minhas faculdades mentais estão fora de seu quadro normal - falou rispidamente.

Diante do fato, eis que um vento estranho apareceu do nada, rodopiando em volta do inglês; na seqüência, uma aura azul-marinho se originou em volta de sua silhueta, com um clarão dourado de um símbolo que reluzia em sua palma.

Ninguém do seu tempo ou de outro sabe do acontecido; nenhum livro de história relata essa época sangrenta e cheia de escuridão. Qual ser humano ousaria pensar que o mesmo mal que enfrentei há séculos atrás está desabrochando bem debaixo de seus narizes? Quando a vida se apartou de Rúbia, eu a enterrei em terras irlandesas. Naquele dia, meu pior pesadelo foi tomando forma: foi quando puseram a cruz de novos combates em meus ombros cansados. Fui como uma luz em meio às trevas, uma ovelha aos olhares vorazes de lobos, procurando, investigando e enviando cada Zalthum maldito de volta às profundezas do inferno. Muitos deles utilizavam vestimentas humanas, alguns na aparência de árduas e sedutoras mulheres, outros em forma de anciãos que pregavam mentiras, levando muitos ao engodo. Como um estrategista, minha mente se dedicava minuciosamente em eliminar os trinta e dois líderes do "Flagelo Vermelho". Até que, quando chegaram meus quatrocentos e trinta e oito anos, regressei a Jerusalém e, uma vez lá, Aniel apareceu novamente para mim, e me selou com a estampa do leão. Disse que, enquanto Siegfried perambulasse sobre a Terra, o selo celeste que mantinha o "Livro dos Arcanjos" fechado enfraqueceria a cada dez anos que se passasse, sendo possível, num tempo determinado, libertar o demônio que havia sido enclausurado; outra vez.

Jason olhou confuso para Loan e não se conteve:

E o que foi feito... Para que essa coisa fosse retida, amarrada? Diga, homem!

Deus, em sua infinita sabedoria, dividiu o livro sagrado em quatro partes e as transformou em quatro símbolos representados pelos quatro animais do Todo-Poderoso, citados no livro das Revelações, parte integrante da Bíblia. O primeiro desenho seria na forma de um leão levando o brilho do ouro; o segundo na forma da águia, e levou a luz da prata; o terceiro, de um bezerro, incrustado no bronze; e, por último, na do homem que mostraria o clarão e a potência do ferro, os quais seriam postos em quatro valentes sentinelas, verdadeiros "gigantes" na presença do Oleiro da vida.

Mas Siegfried não é como nós que, apesar de sermos incrivelmente fortes, não somos páreos para ele em relação à força bruta; somente nossa fé nos protege. Ele foi gerado por uma mulher, mas sua semente proveio do maligno, e isto criou um elo psíquico com seu pai. Totalmente mau e infestado pela morte, este arauto negro vagou através dos séculos em busca deles. Perseguiu, corrompeu e matou três das quatro sentinelas, restando apenas um.

Jason olhou o vazio e bastou-lhe um centelha de silêncio para que compreendesse o sentido daquilo tudo. Você é o último sentinela, e agora ele está à sua procura?

Vejo que agora consegue entender meu martírio - falou, num tom triste e cheio de amargura.

Com tanto dinheiro, por que você não reforça melhor sua segurança? - perguntou Miller.

Loan apenas riu dele.

Não imagina o tipo de atrocidades que este ser é capaz de fazer - redarguiu, abanando a cabeça de um lado para o outro. - Todo o exército armado deste mundo seria como velinhas de aniversário para ele.

E o que vai fazer?

É neste ponto que você vai entrar. Buscará para mim Elida, minha filha.

Novamente Jason emudeceu.

Apesar de não aparentar, estou velho e cansado demais para lutar. E chegou ao meu conhecimento os muitos prodígios e milagres que Deus tem feito através da fé de minha filha. Ela é um verdadeiro instrumento em Suas mãos. O povo daquela região a chama de o "Sol da Esperança". Creio que a arma mais importante na derrota de Siegfried não venha na espada ou de qualquer outro tipo de armamento, mas sim da fonte de paz que emana dela. E o único modo de descobrir a verdade é trazendo-a até mim.

Mas e se eu não conseguir trazê-la até você? Que argumento usarei para convencê-la?

Puxando seu casaco, Loan lhe entregou um envelope áureo, com um lacre de cera em sua abertura.

Quando você chegar lá, entregue este envelope a uma velha amiga chamada Aydale; ela lhe dirá o que deve fazer. E, então, irá me ajudar? - perguntou, demonstrando a ele seu estado de desespero.

O detetive pensou por um momento, e assim respondeu:

Sim, vou ajudá-lo. Mesmo que possa parecer loucura o que vou dizer, darei o melhor de mim para libertar a Terra desta praga terrível.

Ótimo, sua ajuda será essencial. E, por favor, queira perdoar-me pela agressão, mas foi o único jeito que encontrei para que pudesse me ouvir.

Jason abaixou-se junto à mesinha de centro e recolheu o material necessário, pondo-o dentro da maleta com o dinheiro. Depois sorriu com toda a naturalidade possível.

Ora, em vista das surras que já levei na vida, isso não foi nada. Ficamos entendidos, então. Certo, patrão?

E o detetive o cumprimentou, apertando firme sua mão.

Agora vá, e nunca retroceda em seus ideais. Sábio é o homem que luta mesmo diante das adversidades mais duras - falou-lhe com desânimo, segundos antes de vê-lo fechar a porta de saída.

Loan dirigiu-se à janela, passo após passo, e pôde ver com mais nitidez o Sol brilhar e tocar em sua face cansada e contrita. Depois, olhou para baixo, e reparou em Jason, que adentrava em seu carro um tanto nervoso.

Virou-se novamente, dando as costas à janela, e ficou olhando para a simples e mal ajambrada sala, onde dantes narrou detalhadamente sua triste história. Uma avalanche fria de tristeza o invadiu, sua barriga se contraiu, apenas as lágrimas foram expulsas de suas órbitas. Não havia ódio em seu âmago, apenas uma solidão incrivelmente agonizante, corroendo, feito um câncer, seu coração. Apesar de em todos estes séculos ter realizado incríveis feitos de bravura, este homem estava com muito medo, incapaz de aceitar a morte da mulher que amou, de acolher sua própria realidade.

Olhando para o desenho dourado em sua mão, Loan refletia que talvez fosse realmente seu veraz destino, um caminho do qual ele não pudesse jamais fugir, mas sim enfrentá-lo.

Em suas amargas recordações, ele se prostrou sobre o piso de madeira suja, deixando aflorar e derramar todos os seus sentimentos mais íntimos.

- Perdoa-me, Rúbia, por não poder te contar a verdade... Élide, espero que um dia possas me perdoar, por ter-te abandonado, mas foi preciso...

As martirizantes palavras do antigo cavaleiro devoravam sua alma vagarosamente. Ele até tentou segurar, mas não foi possível, e o pranto rolou com mais intensidade pela sua face abaixo. Revivera os mesmos momentos, a mesma dor e angústia, ao ter que se separar de sua amada e de sua única filha.

Loan desabafava sozinho, num choro triste e incompreendido, totalmente solitário e à mercê de suas feridas mais profundas.

Algo haveria de ser feito. Apenas aquele ato não impediria que forças estranhas se aninhassem no meio dos homens; a luta continuaria, pois Loan Horsham, o portador do leão dourado, estava totalmente ciente de que isto não era o...

Texto fonte Doc: Lúcia Garcia

Formatação/conversão ePub:



Reliquia

Sobre o leão habitará a serpente (N.A.).